

**NILZA TATIANA VIDEIRA MACEDO**

**A RELAÇÃO ENTRE AS FAMÍLIAS E OS  
ADULTOS INSTITUCIONALIZADOS:  
UM PROJETO NO CENTRO DE DIA “O PONTÃO”**

Mestrado em Educação Social

Trabalho efetuado sob orientação de:  
Doutor António Carlos Pestana Fragoso de Almeida



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

Escola Superior de Educação e Comunicação

2015

# **A RELAÇÃO ENTRE AS FAMÍLIAS E OS ADULTOS INSTITUCIONALIZADOS: UM PROJETO NO CENTRO DE DIA “O PONTÃO”**

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

---

Copyright © Nilza Tatiana Videira Macedo

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## Dedicatória

A todos os idosos com quem me cruzei.

Porque sempre acreditei que  
“somos responsáveis por todos aqueles que cativamos...  
e cativar... significa criar laços”

(O Príncipezinho, Antoine de Saint-Exupéry).

## Agradecimentos

Ao Presidente da Direção da Associação de Solidariedade Social da Conceição de Tavira – O Pontão, José Mateus Gonçalves Pereira Januário, por ter aceitado a realização da investigação na instituição e, acima de tudo, pelo apoio incondicional.

A todos os idosos e a todos os familiares que permitiram que este trabalho existisse e tivesse um propósito, sem eles não fazia sentido. Talvez um dia acreditem que me dão muito mais do que eu a vós.

Aos colegas com quem trabalho diariamente, em especial aos que apoiaram de perto a investigação.

Ao meu orientador, professor Doutor António Carlos Pestana Fragoso de Almeida, pelos momentos de aprendizagem, pela grandiosa paciência, pela motivação que sempre me transmitiu, por ter acreditado sempre na credibilidade deste trabalho e em mim (mesmo quando eu quase deixei de acreditar). Obrigado professor por ser um exemplo a seguir.

À professora Maria Esteves Ferreira Lourenço, com quem me cruzei em contexto de licenciatura e, mais tarde, em contexto profissional, pelas palavras sábias nas horas acertadas e por nunca me deixar esquecer a minha essência.

A todos os professores com quem me cruzei na Universidade do Algarve, por terem contribuído para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus colegas de turma, em especial à Joana Viegas, minha companheira de todos os momentos nestes dois últimos anos. Obrigada por cada pedacinho que viveste comigo.

À Luísa Gomes, por me dar a conhecer o mundo da Gerontologia como mais ninguém o faria e por me ter apresentado, com o seu jeito doce, O Príncipezinho.

À Cláudia Louvado, por ter partilhado comigo, com a sua paciência e meiguice tão características, o real significado de saber-ser, saber-estar, saber-sentir, saber-fazer e saber-saber.

À Ana Cordas, por me ter ensinado e por me lembrar (sempre que vacilo) a verdadeira essência da Educação Social – as pessoas. Não fosses tu “a minha pessoa”.

À Catarina Farrobinha, minha eterna amiga, por me acompanhar sempre seja qual for o propósito.

À Sofia Sota, por continuar a acreditar em mim e naquilo que faço diariamente.

À Bruna Vicente, por me ter recebido de braços abertos na universidade em 2006, e por os manter assim até aos dias de hoje.

À Ana Carina, pelos sorrisos e pelas lágrimas. Por me encorajares a seguir sempre em frente.

À minha Avó, pelo olhar que me lança diariamente tão repleto de orgulho.

Ao meu Irmão, por me fazer querer ser uma pessoa melhor todos os dias.

Ao Luís, por acreditar em mim como filha e por me fazer acreditar.

À minha Mãe, por me orientar desde sempre a percorrer o caminho, por ser o meu alicerce, o meu porto de abrigo, a minha companheira.

Ao meu “quase Marido” por partilhar comigo esta bela coisa a que lhe chamam vida.

## Resumo

A presente investigação desenvolveu-se no concelho de Tavira na Associação de Solidariedade Social da Conceição de Tavira - “O Pontão”, mais concretamente no Centro de Dia. Tendo em conta que um dos malefícios da institucionalização das pessoas mais velhas é a quebra das redes sociais e, por conseguinte, a desresponsabilização familiar, pretendeu-se levar a cabo um projeto de intervenção que pudesse incidir sobre a problemática da desresponsabilização familiar.

Neste sentido, esta investigação teve como objetivo principal promover uma melhor relação entre os idosos, as suas famílias e a instituição. Para tal, foi necessário compreender as dinâmicas familiares e, por conseguinte, os fatores que estão envolvidos na forma como a família apoia, ou não, os seus idosos em contexto familiar e institucional.

Assim sendo, considerou-se a Investigação-Ação como a opção metodológica mais viável, uma vez que permitiu investigar e agir sobre o contexto em estudo. Esta investigação resulta num 1º ciclo de investigação-ação, no qual através do recurso a várias técnicas de recolha de informação foi possível: conhecer o contexto em análise; compreender a forma como os idosos e as suas famílias se relacionam; testar e aplicar práticas e políticas institucionais, com a finalidade de melhorar a ação da instituição junto dos idosos de forma a potenciar um relacionamento saudável e harmonioso entre Idosos-Família - Instituição.

**Palavras - Chave:** Envelhecimento; estruturas familiares; institucionalização; desresponsabilização familiar.

## **Abstract**

The present research was developed in Tavira in the Social Solidarity Association of Conceição de Tavira - "O Pontão", specifically in the day care center. One of the evils of institutionalization of old people is the breaking of social networks, and consequently the familiar disclaimer, it was intended to carry out an intervention project that would focus on the issue of family disclaimer.

This research aimed to promote a better relationship between the elderly, their families and the institution. To do this it was necessary to understand the family dynamics and therefore the factors that are involved in how family support, or not, their elderly not only in the family context, as in the institution.

It was considered a Research-Action as the most viable methodological option, as allowed investigate and act on the context under study. This research results in a 1st action-research cycle, in which through the use of multiple data collection techniques was possible: to know the context in question; understand how the elderly and their families relate; testing and applying practices and institutional policies, with the purpose of improve the action of the institution with the elderly in order to maximize a healthy and harmonious relationship between the Seniors - Family - Institution.

**Keywords:** Aging; family disclaimer; family structures; institutionalization.

# Índice

<b>1. Introdução</b> .....	10
<b>2. Enquadramento teórico</b> .....	14
2.1 Traços do envelhecimento demográfico .....	14
2.2 Processos de envelhecimento .....	15
2.3 Envelhecimento bem-sucedido .....	19
2.4 Estruturas familiares .....	21
2.5 Processos de institucionalização .....	27
2.6 Problemáticas institucionais .....	31
<b>3. Metodologia de investigação</b> .....	36
3.1 Paradigma de investigação .....	36
3.2 Método de investigação .....	37
3.3 Técnicas de recolha de informação .....	40
3.4 Análise de conteúdo .....	45
3.5 Breve descrição do processo da investigação .....	46
<b>4. Enquadramento Institucional</b> .....	50
4.1 A história do Pontão .....	50
4.2 Espaço físico .....	51
4.3 Serviços e funcionamento .....	51
<b>5. Interpretação dos resultados</b> .....	53
5.1 Políticas e práticas institucionais na relação dos idosos com as suas famílias .....	53
5.2 As histórias de vida dos idosos .....	55
5.3 Compreender as dinâmicas familiares dos idosos do Centro de Dia do Pontão .....	80
<b>6. Conclusões</b> .....	87
Referências Bibliográficas .....	94

## Índice de anexos

Política de funcionamento institucional do Centro de Dia “O Pontão” .....	99
Registo do panorama familiar dos idosos.....	100
Registo das dinâmicas familiares .....	102
Sr. Francisco .....	102
Sr. António e D. Lúcia .....	106
D. Alice e Sr. Simão .....	111
D. Luísa.....	116
D. Arminda .....	125
Sr. Miguel .....	128
D. Constança.....	132
D. Aurora .....	136
Sr. Jaime.....	137
Sr. João e D. Natacha.....	138
Guião de entrevista .....	139
Planificação das entrevistas .....	140
Transcrições das Entrevistas.....	141
Entrevista 1 .....	141
Entrevista 2 .....	158
Entrevista 3 .....	175
Entrevista 4 .....	203
Entrevista 5 .....	218
Entrevista 6 .....	237
Entrevista 7 .....	245
Entrevista 8 .....	255
Entrevista 9 .....	281
Grelha de codificação geral das entrevistas.....	293
Mini histórias de vida .....	302
Sr. Francisco .....	302
Sr. António e D. Lúcia .....	306
D. Alice e Sr. Simão .....	309
D. Luísa.....	312
D. Arminda .....	315
Sr. Miguel .....	317

D. Constança.....	319
D. Aurora .....	321
Sr. Jaime.....	323
D. Natacha e Sr. João.....	325
Notas de campo .....	327
Nota de campo 1 .....	327
Nota de campo 2 .....	330
Nota de campo 3 .....	331
Nota de campo 4 .....	332
Nota de campo 5 .....	333
Nota de campo 6 .....	334
Nota de campo 7 .....	335
Nota de campo 8 .....	337
Nota de campo 9 .....	338
Nota de campo 10 .....	340
Nota de campo 11 .....	343
Nota de campo 12 .....	344
Nota de campo 13 .....	346
Nota de campo 14 .....	347
Nota de campo 15 .....	349
Nota de campo 16 .....	351
Nota de campo 17 .....	352
Nota de campo 18 .....	354
Nota de campo 19 .....	356
Nota de campo 20 .....	359
Nota de campo 21 .....	360
Nota de campo 22 .....	361
Nota de campo 23 .....	362
Nota de campo 24 .....	366
Nota de campo 25 .....	368
Nota de campo 26 .....	370
Nota de campo 27 .....	371
Nota de campo 28 .....	373
Nota de campo 29 .....	374

## 1. Introdução

Há muito que se fala do alcance da longevidade dos seres humanos, há muito que se diz, sobre a dita velhice, que muitos a temem mas todos querem lá chegar. O que, provavelmente, todos temos em comum é o facto de querermos viver uma velhice digna, com relações familiares saudáveis, condições habitacionais e financeiras adequadas, saúde e, certamente com felicidade.

O panorama contrário, de isolamento, solidão, escassez de recursos, ausência de afeto, surgimento de patologias e infelicidade, poucos o desejam. A velhice é temida por serem enaltecidos os seus aspetos negativos em detrimento dos positivos. Se outrora ser velho significava ser sábio e respeitado, atualmente ser velho é entendido como estar reformado de todas as áreas da vida.

Desde o século passado que se fala no aumento da população idosa e, desde então, o envelhecimento populacional tornou-se um fenómeno social que, diariamente, desafia a atual sociedade contemporânea a dar uma resposta adequada ao que são os direitos e as necessidades dos idosos. Este desafio surge pois o envelhecimento é um processo heterogéneo e multidimensional, visto que todos envelhecemos de forma desigual, com necessidades e interesses distintos.

Todavia, a resposta mais comum a este desafio é a institucionalização: cada vez mais é evidente a procura de serviços formais de apoio aos idosos, visto que as famílias se revelam incapazes de assumir os cuidados que os idosos necessitam.

A palavra “institucionalização” está geralmente associada à desresponsabilização familiar, pelo menos nos discursos de senso-comum e nas perceções de um conjunto alargado de atores sociais. Provavelmente representará uma realidade dolorosa, vivida por muitos idosos. A desresponsabilização familiar coloca em causa o envelhecimento bem-sucedido na medida em que causa um desequilíbrio psicológico, emocional e mental nos idosos, impossibilitando-os de viver esta fase da vida em plenitude (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

Diariamente somos confrontados com sinais desta realidade. Os meios de comunicação fazem-nos chegar notícias de inúmeros casos de idosos abandonados em instituições hospitalares (principalmente em épocas festivas ou de férias); muitos casos de idosos que não recebem a visita dos seus familiares nas instituições onde se encontram; muitas histórias que mostram idosos que são vítimas de diversos tipos de violência; e, ainda, histórias de pessoas a viverem e a morrerem sós.

A minha preocupação com esta realidade tornou-se mais aguda em 2010, com o início da minha prática profissional em contextos institucionais na área da Gerontologia. Tomamos consciência de uma realidade quando lidamos de perto com ela e o facto de trabalhar em instituições com idosos levou-me a perceber o quão real é a desresponsabilização familiar, e o quanto afeta o bem-estar dos idosos.

Porém, a oportunidade de participar num projeto criado de raiz (a abertura de um Centro de Dia pelo qual seria responsável técnica), cujo *timing* de abertura à comunidade (1 de setembro de 2014) coincidiu com o início do ano letivo 2014/2015, impulsionou a possibilidade de intervir em prol da alteração do atual panorama de desresponsabilização familiar nos contextos institucionais.

Neste sentido, com o intuito de obter o grau de mestre em Educação Social, surgiu a presente investigação que representa um “trabalho de projeto” por ter sido desenvolvido no contexto profissional da investigadora, no Centro de Dia da Associação de Solidariedade Social da Conceição de Tavira, “O Pontão”.

Desde setembro de 2014 que foi levada a cabo uma investigação-ação de forma a compreender as dinâmicas familiares e, por conseguinte, os fatores que estão envolvidos na forma como a família apoia, ou não, os seus idosos em contexto familiar e institucional. De facto, não é sensato separar analiticamente estes dois contextos da vida dos adultos mais velhos, que naturalmente se influenciam mutuamente. Neste sentido, uma investigação completa sobre este tema teria que abordá-los de forma integrada, de forma a melhorar a nossa compreensão do fenómeno.

Desde o início da investigação que foi traçado um objetivo geral a alcançar: promover uma melhor relação entre os idosos, as suas famílias e a instituição. Para tal, foi necessário recorrer a cinco objetivos específicos:

1. Implementar uma política de funcionamento aberta à comunidade;
2. Compreender as famílias e as dinâmicas familiares dos idosos;
3. Aproximar e envolver as famílias na vida institucional;
4. Tornar a instituição numa extensão das dinâmicas comunitárias;
5. Diminuir a desresponsabilização familiar.

Assumindo a perspetiva de Zimmerman (2000) que entende as instituições como um mal necessário ao panorama social atual, então que esse “mal” seja atenuado com a tentativa de colmatar os malefícios da institucionalização, nomeadamente a desresponsabilização familiar. Assim, pretendia-se que o Centro de Dia (daqui adiante designado de CD) do Pontão desenvolvesse a sua intervenção, desde o início do seu

funcionamento, de forma a evitar a quebra das redes de sociabilidade. A rede de suporte familiar e social é um dos alicerces do envelhecimento bem-sucedido, pois enquanto seres humanos, independentemente da fase da vida em que nos encontremos, precisamos de estabelecer e manter relações quer sejam familiares, sociais, profissionais ou outras. Isto significa que para envelhecer bem é preciso estar ligado à vida e às pessoas, mesmo fazendo parte de uma instituição.

O trabalho de projeto desenvolvido no último ano culminou na redação deste relatório que tem a seguinte estrutura: enquadramento teórico, metodologia da investigação, enquadramento institucional, interpretação dos resultados, conclusões e recomendações.

O capítulo do enquadramento teórico suporta toda a investigação, visto que espelha a revisão do estado da arte das temáticas em análise, nomeadamente Envelhecimento, Famílias e Institucionalização. No que se refere ao Envelhecimento, serão abordados alguns traços gerais sobre o envelhecimento demográfico para, posteriormente, se analisar o envelhecimento como um processo individual que se pretende que seja bem-sucedido. Quanto à temática da Família, será enquadrada com o propósito de perceber o significado do conceito, as mudanças ocorridas nas estruturas familiares e, ainda, as atuais dinâmicas familiares. Em relação à temática da Institucionalização, será feita alusão aos diferentes processos de institucionalização, aos fatores que influenciam este processo e às problemáticas institucionais.

No capítulo da metodologia será apresentado o paradigma da investigação, o método e as técnicas de recolha de informação utilizados. Como forma de explicar as opções metodológicas da investigação, optou-se por elaborar o desenho metodológico da investigação por se considerar que permite evidenciar a coerência das opções.

O enquadramento institucional surge da necessidade de dar a conhecer a instituição onde a investigação se desenvolveu. Será abordada a história da associação, e a atual vida institucional, mais concretamente: infraestrutura; serviços; forma como o CD trabalha; constituição da equipa de colaboradores, entre outros aspetos pertinentes.

O capítulo da interpretação dos resultados estará subdividido em três partes: políticas e práticas institucionais na relação dos idosos com as suas famílias; as histórias de vida dos idosos; compreender as dinâmicas familiares dos idosos do Centro de Dia do Pontão. Desta forma, será contada toda a história da investigação dando a conhecer as diferentes histórias de vida das pessoas que participaram no estudo, assim como a análise geral das relações entre os idosos e as suas famílias.

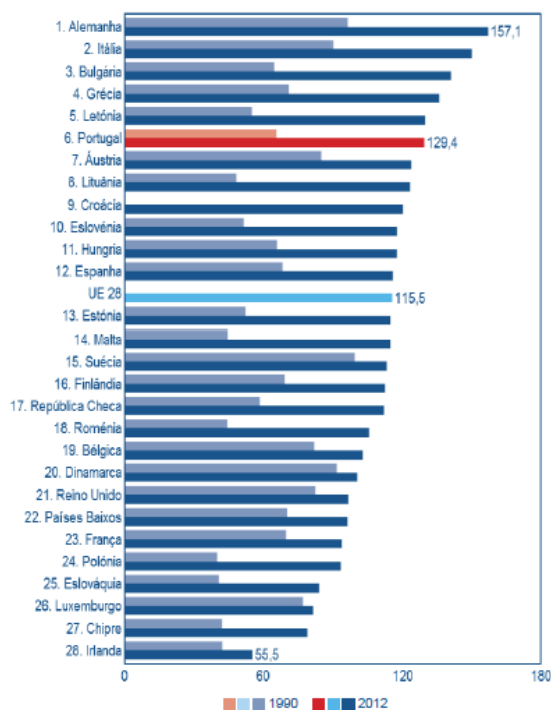
Posteriormente, serão apresentadas as conclusões alcançadas com a investigação e, ainda, as recomendações a apresentar à instituição. Estas resultam num conjunto de pistas futuras sobre a possibilidade de manter a preocupação com a desresponsabilização familiar e continuar a trabalhar para promover a relação harmoniosa entre Família – Idoso – Instituição. No final deste capítulo serão também referidas as limitações do estudo e outras linhas de investigação possíveis de abordar para melhorar a realidade social do Pontão. Finalmente, serão evidenciadas as referências bibliográficas que suportam todo o trabalho projeto.

## 2. Enquadramento teórico

### 2.1 Traços do envelhecimento demográfico

Um dos traços mais salientes das sociedades a nível mundial, desde meados do século XX até aos dias de hoje, é a tendência para o crescimento da população idosa. Esta tendência está espelhada quer na comunidade europeia quer na sociedade portuguesa. Portugal ocupa a 6ª posição na tabela dos países com maior índice de envelhecimento da União Europeia, segundo os dados estatísticos da Pordata, (2014).

**Figura 1 - Índice de envelhecimento na Europa**



**Fonte:** Pordata, 2014, p. 8

Os últimos censos efetuados em 2011 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) evidenciam o crescimento da população idosa. Em 2001 os idosos representavam 16,35% da população nacional e em 2012 denota-se o aumento para 19,03%. Contrariamente a esta realidade, a percentagem de jovens recuou de 16% em 2001 para 15% em 2011. O

aumento de idosos em par da diminuição dos jovens agravou o índice de envelhecimento<sup>1</sup> da população: em 2001 era de 102% passando em 2011 para 128%.

Uma outra característica que se tem evidenciado, nas sociedades envelhecidas, é o aumento do índice de longevidade<sup>2</sup>, que tem vindo a aumentar bruscamente desde 1991 até 2011: em 1991 era de 30%, em 2001 era de 41%, e nos últimos censos registou-se um índice de 48%. Fatores como o aumento da esperança média de vida, baixas taxas de natalidade e baixas taxas de mortalidade, encontram-se geralmente associados à evolução da medicina e à melhoria dos cuidados de saúde, o que justifica o presente cenário de uma população envelhecida.

Na região do Algarve, à semelhança do país, também se verificou nos últimos censos (INE, 2011) um desequilíbrio demográfico entre a percentagem de jovens (14,9%) e de idosos (19,5%).

Se se mantiverem as presentes condições, o fenómeno do envelhecimento demográfico tenderá sempre a aumentar, segundo as estimativas existentes – mesmo no cenário mais otimista. Estima-se assim que, entre 2008 e 2060, a população idosa irá duplicar chegando a representar 32,3% da população nacional (INE, 2011).

Face a este panorama, os estudos sobre os processos de envelhecimento têm ganho grande relevo desde o início do século XXI. Segundo Fonseca (2004), dada a evolução demográfica nos últimos anos, o foco de incidência sobre as temáticas relacionadas com a idade adulta, velhice e envelhecimento têm sido uma prioridade inquestionável, motivo pelo qual urge estudar e compreender aquela que é a segunda metade da vida humana.

## **2.2 Processos de envelhecimento**

Sendo o envelhecimento um fenómeno que começou a ganhar relevo no século XX, é expectável que as teorias sobre o envelhecimento tenham começado a surgir nesta altura, mais concretamente na segunda metade do século XX. Schroots (1996), numa abordagem histórica sobre as teorias do envelhecimento distingue três períodos: período

---

<sup>1</sup> O índice de envelhecimento representa um quociente, ou seja, a relação entre os adultos com mais de 65 anos e os jovens até aos 14 anos de idade. Dessa forma, um índice de envelhecimento de, por exemplo, 400%, quer dizer que num determinado local há 4 vezes mais idosos do que jovens.

<sup>2</sup> O índice de longevidade representa a relação entre dois grupos de população idosa: um com idade igual ou superior a 65 anos e outro com idade igual ou superior a 75 anos. É definido como o quociente entre o número de pessoas com idade igual ou superior a 75 anos e o número de pessoas com idade igual ou superior a 65 anos. Geralmente é expresso em percentagem (por 100 pessoas com idade igual ou superior a 65 anos).

clássico, dos anos 40 aos 70; período moderno, dos anos 70 aos 90; e período recente, iniciado nos anos 80.

É possível identificar, em cada um destes períodos históricos, teorias de diversos âmbitos, nomeadamente o biológico e biomédico (teorias de *stress*, neuropsicológicas, entre outras), o psicológico (teorias cognitivas, psicossociais, emotivas, entre outras) e o social (teorias antropológicas, construtivistas e político-económicas).

Segundo Fonseca (2004), a evolução sobre este rol de teorias evidencia a alteração na abordagem que é feita ao processo de envelhecimento. Antes dos anos 90 os estudos tinham uma abordagem patológica, na qual a Geriatria era tida como uma ciência que estudava o envelhecimento numa perspetiva assistencial, associando o envelhecimento a um declínio do ser humano realçando, assim, as perdas inerentes a este. A partir dos anos 90, surgem estudos de carácter inovador e multidisciplinar (biomédico, comportamental e social) que defendem a abordagem salutogénica, enfatizando as condições inerentes a um envelhecimento bem-sucedido e ao bem-estar na velhice.

No âmbito desta abordagem multidisciplinar e multidimensional ao processo de envelhecimento, a Gerontologia foi sendo entendida como a ciência que estuda a velhice e o envelhecimento nas suas dimensões biológica, psicológica e social. A Gerontologia, proposta por Elie Metchnikoff em 1903 sofreu um longo período de implementação, uma vez que a sua consolidação só começou a ser evidente depois da Segunda Guerra Mundial, e somente a partir da década de 80 é que se denota o seu desenvolvimento, que de certa forma culminou com a organização, em 1999, do Ano Internacional dos Idosos, pelas Nações Unidas (Paúl, 2005).

Numa perspetiva gerontológica o envelhecimento é uma etapa da vida humana que não pode ser analisada numa única dimensão, ou como uma fase da vida isolada. Entender o envelhecimento implica “compreender de forma holística os aspectos individuais e coletivos da vida e, por sua vez, uma consciencialização de que as pessoas não envelhecem todas da mesma maneira” (Imaginário, 2008, p. 38).

Neste seguimento, Fonseca (2004) aborda o envelhecimento como um processo individual e biopsicossocial que está sujeito a uma abordagem multidisciplinar. Ou seja, analisar o envelhecimento como um processo individual, implica conhecer o contexto individual da pessoa nas suas dimensões biológica, psicológica e social. Assim, entende-se que existem processos de envelhecimento e não um processo de envelhecimento uniforme e/ou homogéneo. Assume-se o envelhecimento na sua pluralidade e heterogeneidade, visto que cada pessoa envelhece de maneira diferente sendo perceptível

que “a complexidade do processo de envelhecimento e a heterogeneidade dos resultados emergem tanto em termos da qualidade de vida, como de outros indicadores psicossociais” (Paúl, Fonseca, Martín & Amado, 2005, p. 75).

Verifica-se que analisar o envelhecimento é complexo pois este diverge de pessoa para pessoa, pois é fruto dos comportamentos tidos ao longo da vida, ou seja, o envelhecimento não começa com a entrada na velhice até porque envelhecemos desde que nascemos. Neste sentido, Fonseca (2004) relaciona o modo de envelhecer com a forma de como se viveu até então, pois “a ocorrência de um envelhecimento normal ou patológico reflete o comportamento dos indivíduos ao longo da vida, ou seja, a forma como envelhecemos tem a ver com a forma como nos desenvolvemos” (p. 62).

De realçar que envelhecer pressupõe mudanças naturais e graduais ao nível físico, psicológico e social e que as características do envelhecimento estão relacionadas com a hereditariedade, com a história de vida e com a atitude de cada pessoa, reforçando, deste modo, a individualidade nos processos de envelhecimento. A ideia errada de que o envelhecimento se inicia aos 65 anos de idade, é fruto do modelo capitalista vigente nas sociedades contemporâneas em que o envelhecimento e, mais propriamente, a entrada na velhice está associada à entrada na reforma, ou seja, à quebra com o vínculo profissional.

Neste sentido, Veloso (2009) considera que para entender o envelhecimento é necessário entender como é que a sociedade concetualiza esta fase do ciclo de vida, pois a forma como entendemos o envelhecimento resulta de uma construção social. Por um lado, queremos viver muitos anos e chegar à dita velhice, por outro lado, receamos os aspetos negativos associados ao envelhecimento (doença, fragilidade, solidão, abandono).

Existe ainda mais um critério a ter em conta, quando se analisam os processos de envelhecimento, que diz respeito à contextualização temporal da velhice – por exemplo, envelhecer nos anos 60 é diferente de envelhecer nos anos 90: “a classificação da velhice como categoria independente e como problema social, para além de ser uma construção social, é relativamente recente, pois a velhice, até meados do séc. XX, é uma *velhice invisível*” (Veloso, 2009, p. 14).

O surgimento dos estudos sobre o envelhecimento remonta ao século passado e têm vindo a desenvolver-se até aos dias de hoje. Assim, neste largo período histórico, é evidente a mudança e conseqüente evolução sobre o significado de envelhecer.

Veloso (2009) distingue as perceções da sociedade sobre a velhice, desde o século XIX aos dias de hoje, em dois conceitos distintos: velhice invisível e velhice identificada. Para a autora, desde a revolução industrial no século XIX até meados do século XX, a

velhice era invisível na medida em que não existia como categoria social nem requeria intervenção pública. Os idosos das classes sociais favorecidas tinham suporte familiar, ao passo que os idosos pertencentes a classes mais desfavorecidas eram incluídos na categoria dos pobres e excluídos da sociedade. A alteração da percepção da velhice invisível verificou-se aquando da constituição e generalização dos sistemas de reforma: “a protecção social na velhice, quer seja ao nível das pensões por velhice, quer seja ao nível da acção social, foi evoluindo ao longo dos tempos e a velhice tornou-se uma velhice identificada” (p. 13).

O direito à reforma, como forma de assegurar a subsistência dos idosos depois da vida laboral, foi uma conquista na época. Este tema não deixou de ser debatido, uma vez que a entrada na reforma é ditada pela idade cronológica e não pela capacidade da pessoa para o trabalho. Apesar da dificuldade em delimitar uma idade específica, para um grupo composto por milhões de pessoas, a realidade é que os 65 anos são a idade definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) para os países desenvolvidos.

A reforma rompe com a vida ativa, laboral e útil, pois as pessoas passam a estar libertas de horários, afastadas das relações socioprofissionais e com imenso tempo livre. Desde a idade em que se reformam espera-se que vivam, em média, mais 20 anos. Na opinião de Imaginário (2008), em Portugal, não existe uma preparação adequada para a entrada da velhice, nem o posterior planeamento da mesma, o que prejudica o bem-estar das pessoas na vivência desta fase da vida. A autora menciona a importância do papel da sociedade neste processo ao afirmar que:

Nós, sociedade, devemos compreender que a integração social do idoso é o caminho para lhes minimizar a dependência, preservar a auto-confiança e contribuir de forma positiva para uma velhice bem sucedida. Caso contrário, muitos idosos desenvolvem uma visão negativa acerca da velhice e assumem o papel de dependentes. Apoderam-se de um sentimento de inutilidade, de abandono e de solidão. (p. 42)

O contributo da sociedade na promoção dos fatores positivos em detrimento dos fatores negativos associados ao envelhecimento é extremamente importante, quer na desmistificação dos estereótipos associados à velhice, que na percepção do lugar do idoso na família e na comunidade. Segundo Lopes e Gonçalves (2012), é extensa a literatura

que defende o papel dos idosos enquanto agentes ativos na rede familiar. Nas transferências intergeracionais, por exemplo, os autores destacam a importância do papel dos mais velhos no apoio à família, nomeadamente: a nível dos cuidados para com os mais novos (cuidar das crianças, participar no quotidiano escolar e lúdico); a nível da gestão habitacional (apoio na realização de tarefas domésticas); e, por último, a nível financeiro, através do apoio económico prestado aos filhos e aos netos.

Obviamente que envelhecer pressupõe perdas de várias dimensões. Berger (citado em Imaginário, 2008) aponta como fatores negativos no envelhecimento a atitude passiva e o declínio físico, associado ao aumento de doenças, que comprometem o equilíbrio físico e emocional dos idosos e, por conseguinte, levam à inatividade profissional.

Na perspetiva de Zimmerman (2000), as sociedades privilegiam outras faixas etárias e não investem na velhice, o que culmina no predomínio e aceitação de uma imagem errada das pessoas mais velhas, por parte de todas as pessoas no geral e dos próprios idosos, que acabam por internalizar a imagem que a sociedade faz deles. Como tal, a autora defende que “é preciso acabar com essa mentalidade. Ser velho não é o contrário de ser jovem. Envelhecer é simplesmente passar para uma nova etapa da vida” (p. 28).

### **2.3 Envelhecimento bem-sucedido**

Segundo Fonseca (2005), o conceito de envelhecimento bem-sucedido foi introduzido e definido por Fries nos anos 60, como na forma de privilegiar e potenciar os acontecimentos positivos e desejáveis (a longevidade ou a satisfação de vida) em detrimento de acontecimentos negativos e indesejáveis (por exemplo, doenças crónicas e declínio cognitivo).

Na década de 60, o conceito de envelhecimento bem-sucedido era entendido como um mecanismo de adaptação às características da velhice e como um equilíbrio entre as capacidades do indivíduo e as exigências do ambiente. Nas décadas seguintes, o conceito foi desenvolvido e a abordagem ao mesmo ultrapassou o domínio da psicologia integrando várias dimensões, nomeadamente, saúde, funcionamento mental, alimentação, exercício físico, relações sociais, hábitos do quotidiano, entre outros, que desempenham um papel fulcral na tarefa de envelhecer bem. Fonseca (2005) defende que a emergência do conceito de envelhecimento bem-sucedido prende-se com:

A necessidade de ultrapassar uma visão sobre o envelhecimento centrada em aspectos relacionados com doenças, incapacidades de vária ordem e declínio em geral, substituindo-a por uma abordagem que encara o envelhecimento numa perspectiva global, valorizando os seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais. (p. 281)

No início dos anos 90, Baltes e Baltes partiram da contextualização do que já havia sido estudado sobre o conceito de envelhecimento bem-sucedido, defenderam que o seu uso está sujeito a um novo olhar sobre a natureza da velhice e sobre a imagem negativa que dela habitualmente fazemos (associada a perdas e a declínio). Baltes, Staudinger e Lindenberger (1999) reforçam que a abordagem desenvolvida por Margret Baltes e Paul Baltes assenta numa perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida em que:

O desenvolvimento bem-sucedido é definido nesta abordagem teórica como a maximização conjunta de ganhos (objetivos desejáveis ou resultados) e a minimização de perdas (objetivos indesejáveis ou resultados). A natureza do que constitui os ganhos e as perdas, e da dinâmica entre ganhos e perdas, é condicionada por fatores culturais e pessoais, bem como pela posição de um indivíduo na vida. (p. 482)

O casal Baltes complementou o conceito de envelhecimento bem-sucedido com a integração de aspetos que lhe são intrínsecos, principalmente no que se refere ao balanço entre ganhos e perdas. Neste sentido, alertaram para o facto de que com o avançar da idade cronológica é inevitável um aumento da frequência e intensidade de perdas (por exemplo a capacidade funcional).

Na ótica de Fonseca (2005), Margret Baltes e Paul Baltes, com a introdução do modelo SOC (Seleção, Otimização e Compensação) propõem que os indivíduos são agentes ativos do seu próprio desenvolvimento através da seleção de objetivos pessoais; da otimização do seu funcionamento individual; e da compensação de perdas recorrendo a mecanismos compensatórios internos (de natureza comportamental, psicológica) ou externos (de natureza cultural).

Wiese, Freund e Baltes (2000) sistematizam o modelo SOC abordando as três componentes que o integram. Explicam que não obstante o envelhecimento implicar um declínio das capacidades do indivíduo (por exemplo a nível físico), o indivíduo é capaz

de *selecionar* objetivos nos quais deseja continuar a envolver-se. Os objetivos a selecionar podem ser de caráter físico, cultural, intelectual, relacional, entre outros, desde que correspondam às motivações e aspirações pessoais de cada indivíduo. Nestes objetivos selecionados o indivíduo deve procurar *otimizar* as suas capacidades. Por último, a fase da *compensação* ocorre quando o indivíduo procede a compensações, de caráter técnico ou comportamental, de forma a compensar as perdas inerentes à velhice: por exemplo, utilizar um aparelho auditivo para melhorar o sentido da audição.

Em suma, o conceito de envelhecimento bem-sucedido integra a perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida, ou seja, envelhecemos desde que nascemos e os comportamentos adquiridos ao longo da vida vão influenciar a forma de envelhecer, com sucesso ou não. Não se pretende camuflar as perdas inerentes ao envelhecimento, mas pelo contrário, pretende-se uma adaptação às perdas através de mecanismos compensatórios.

Entende-se, assim, que o consenso entre os teóricos, na caracterização de envelhecimento bem-sucedido, assenta em três eixos: desempenho físico e cognitivo; ausência de patologias, controlo primário e envolvimento com a vida. De um modo geral, perspectiva-se que seja possível uma adaptação às mudanças características do avançar da idade; e, ainda, manter e/ou adquirir objetivos de vida em várias dimensões (saúde, autonomia, estabilidade emocional, autoestima, casamento, vida familiar e relações de amizade), de maneira a preservar o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos.

Na perspectiva de Fernández-Ballesteros, Caprara e García (2004) trata-se de envelhecer satisfatoriamente de forma a manter e/ou melhorar a qualidade de vida através do desenvolvimento físico, psicológico e social. Na conhecida expressão de Fernández-Ballesteros o envelhecimento bem-sucedido trata de «dar mais vida aos anos».

## **2.4 Estruturas familiares**

Na definição do sociólogo Giddens (2007) a família é um grupo de pessoas unidas por laços de parentesco. O autor entende por parentesco “relações entre indivíduos estabelecidas através do casamento ou por meio de linhas de descendência que ligam familiares consanguíneos (mães, pais, filhos e filhas, avós, etc.)” (p. 175). Porém, analisar a família é muito mais complexo do que analisar laços de parentesco. Como refere Imaginário (2008), é necessário ter em conta que vivemos numa sociedade em constante

mudança e que a família, como entidade integrada no sistema social, é reprodutora de todas as mudanças sociais.

Neste sentido, atualmente parece redutor falar de “família”, quando o panorama evidenciado é de uma pluralidade de modelos familiares, pelo que “ao usarmos o termo “famílias”, sublinhamos a diversidade das formas familiares” (Giddens, 2007, p. 176).

Em Portugal, à semelhança de outras sociedades ocidentais, a evolução e transformação do conceito de família é bastante manifesto. Até à segunda metade do século XX predominavam as famílias de cariz patriarcal ligadas maioritariamente à atividade agrícola, prevalecendo as tipologias familiares tradicionais (Leandro, 2001). Após a década de 70, mais propriamente depois da revolução política de 1974, a família como modelo tradicional nuclear com funções específicas (reprodutiva, educativa e económica), composta por um casal com filhos, em que a mulher assumia o papel de cuidadora, sofre intensas transformações. A autora salienta que a família, como uma construção social, assume a sua realidade polissémica após a década de 70, passando a assumir a sua diversidade de estruturas, formas de organização e representações.

Os investigadores (Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres & Wall, 1998; Amaro, 2006; Giddens, 2007; Leandro, 2001) estão de acordo no que se refere aos fatores que estão na base das transformações familiares apontando, primeiramente, o processo de industrialização, pois implicou grandes mudanças na forma de viver das famílias, visto que o sistema económico passou a girar em torno do capitalismo. Neste sistema económico existe, no mundo do trabalho, lugar para a mulher que deixa de estar apenas confinada ao seu papel de esposa e mãe, passando a participar no mercado de trabalho e, por conseguinte, a valorizar a sua escolarização. Isto levou ao segundo fator apontado como promotor das transformações familiares: a emancipação feminina.

Na perspetiva de Giddens (2007), não obstante a industrialização e a emancipação feminina, existem ainda outros fatores que contribuíram para o surgimento das novas estruturas familiares, nomeadamente o processo de urbanização, a redução da extensão da família e os elevados níveis culturais. Também Almeida et al. (1998) consideram necessário levar em conta a análise demográfica desde os anos 70, pois esta reflete grandes alterações na forma de viver em família, tais como: a diminuição das taxas de nupcialidade; o aumento do número de divórcios; o surgimento de novas formas de viver a conjugalidade; as baixas taxas de natalidade; e a queda da fecundidade.

Atualmente, segundo o INE (2011), acentuaram-se as transformações ao nível da família e do lugar que esta ocupa na sociedade, visto que: as famílias são hoje mais

pequenas; aumentou o número de pessoas que vivem sós; a estrutura familiar predominante é a de “casal com filhos” (apesar de vir a perder importância); aumentou significativamente o número de famílias monoparentais; e, ainda, de registrar o elevadíssimo aumento das famílias recompostas.

Desta forma, assistimos a uma transição do modelo tradicional nuclear, em que a mulher assumia o papel de cuidadora e o panorama nacional de envelhecimento populacional não era tão acentuado, para novas estruturas familiares. As mudanças nos padrões familiares (estrutura, funções e relações) originam uma pluralidade de formas familiares que existem atualmente.

Segundo Amaro (2006), a pluralidade das formas familiares é uma das características da sociedade contemporânea, que mantém as tendências enunciadas no século XIX por Durkheim: “maior dependência da família face ao Estado; maior independência face à rede de parentes; maior importância do indivíduo nas relações familiares” (p. 20). Para Amaro, a família afirma-se cada vez mais como um espaço privado que privilegia os seus membros e a forma como se relacionam. Todavia, existe uma crescente interferência do Estado a nível jurídico, económico e institucional, o que leva a concluir que “ao mesmo tempo que a família se torna mais dependente do Estado, torna-se menos dependente da rede de parentes, sobretudo no que respeita ao suporte social e apoio na velhice” (p. 20).

Seguindo esta linha de raciocínio, é possível constatar que houve uma alteração nas funções desempenhadas pelas famílias na sociedade contemporânea. Muitas das funções que outrora eram responsabilidade da família tradicional passaram, durante a década de ouro do estado-providência, a ser assumidas pelo Estado, mais concretamente a educação das crianças e o suporte aos idosos: “quase todos os serviços que actualmente são assumidos pelo Estado, os serviços educativos, sanitários, de segurança social e assistência, no passado foram executados pela família” (Imaginário, 2008, p. 68). Porém, atualmente estes serviços foram transferidos do estado para o terceiro setor contratualizado pelo Estado, numa nova forma de regulação à distância – mais eficaz e menos custosa, em termos de despesas.

Tais alterações têm grandes influências nos processos de envelhecimento, pois se outrora envelhecer em família era um clássico, atualmente o cenário diverge. Quando predominava o modelo tradicional nuclear, o envelhecimento populacional não era tão acentuado. A esperança média de vida era menor, existiam menos idosos e estes envelheciam nas suas famílias e, caso necessitassem, contavam com o apoio/cuidado dos

elementos femininos. Entende-se, assim, a fraca rede institucional que existia pois não era necessário o apoio de entidades formais, uma vez que a família assumia o apoio aos seus idosos.

Com as transformações familiares e o surgimento de novas formas de viver em família, o lugar do idoso na família começa a estar comprometido pois, se por um lado, a família não consegue prestar o devido apoio, por outro lado, a importância da família para o bem-estar do idoso é inquestionável. Lopes e Gonçalves (2012) identificam vários estudos (Drew & Silverstein; Grundy), que mostram a importância da rede familiar na percepção da felicidade do idoso, no que se refere à presença e à participação da família no processo de envelhecimento.

Neste sentido, Marques e Sousa (2012) levaram a cabo um estudo sobre a integridade familiar, demonstrando-a como um ideal de vida para qualquer idoso, pois é descrita como “a sensação de paz e satisfação com as relações familiares, baseada em: aceitação e/ou satisfação com o passado, presente e futuro das relações familiares; proximidade emocional com os elementos da família multigeracional” (p. 208). No entanto, as autoras defendem que a integridade familiar é um processo que se constrói ao longo da vida e que está sujeito a influências que caracterizam o sistema familiar, tais como: a transformação das relações familiares ao longo do ciclo da vida; a resolução e aceitação de perdas e/ou conflitos; e ainda a criação de um sentido familiar através da partilha de rituais familiares.

Torna-se evidente que a família é o principal suporte de apoio aos seus membros, neste caso concreto aos idosos. A contribuição da família é tão relevante que nunca poderá ser substituída por nenhuma outra entidade, principalmente a nível psicobiológico, sociocultural, educativo e económico (Salgueiro & Lopes, 2010).

Embora as famílias tenham vindo a perder funções, continuam a manter outras, mais concretamente a função afetiva que as famílias desenvolveram na sociedade contemporânea. É na família que o indivíduo é visto como um todo e não apenas como alguém que desempenha determinados papéis sociais. Na família a interação é baseada na intimidade, no compromisso e na aceitação incondicional.

Pese embora a importância da família para um envelhecimento saudável e harmonioso seja indispensável, o ideal de envelhecimento bem-sucedido pode ser comprometido caso não exista uma integração familiar saudável, pois como salientam Sousa et al. (2004):

Sabe-se que um envelhecimento bem-sucedido se relaciona com o estilo de vida adoptado anteriormente; assim, a velhice terá mais qualidade para pessoas que promoveram relações positivas com familiares e amigos, têm uma rede social pessoal mais funcional e alargada, fizeram exercício físico... (p. 10)

Cada vez mais é notável a incapacidade das famílias assumirem os cuidados aos seus idosos sem recorrerem a apoios formais. As atuais dinâmicas de organização da vida diária, são compostas por uma série de fatores que impossibilitam as famílias de cuidar dos seus elementos mais velhos, nomeadamente: excessiva carga horária laboral, horários cada vez mais alargados, quer para homens quer para mulheres; pouco tempo livre (preferencialmente dedicado à educação dos mais jovens); falta de competências técnicas/financeiras/habitacionais para lidar com quadros demenciais e com idosos dependentes, entre outros (Martín & Brandão, 2012).

Na visão de Oliveira (2005) a procura por cuidados formais revela, não só, a incapacidade das famílias se organizarem de forma a prestarem apoio aos mais velhos, como ainda, a carência de políticas sociais e económicas que permitam aos idosos continuar a envelhecer no seio das suas famílias.

As políticas que existem atualmente estão centradas na Segurança Social sendo esta a única entidade estatal, no sistema nacional, responsável por reger as respostas sociais dirigidas aos idosos. As Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) prestam um serviço no âmbito da Segurança Social, sendo esta a principal fonte de receitas financeiras das IPSS através dos acordos de cooperação. O crescimento das valências e dos custos têm aumentado de forma gradualmente e homogénea (ISS, 2011), o que traduz o aumento da institucionalização.

Como se verifica apenas existem políticas no âmbito dos equipamentos sociais, não existindo nenhuma política social e/ou económica que permita à família ser a cuidadora. Mouro (2013), defende que o aumento da institucionalização traduz a atual política de raiz reparadora na qual se verifica que a falência da família, como entidade protetora dos idosos, abre portas a que sejam as instituições a assumir esse papel.

Esta realidade leva a que as instituições sejam a resposta mais ou menos viável que idosos e famílias procuram, pois tal como refere Mouro (2013):

Apesar de, socialmente, não se querer apresentar como entidade substitutiva da família, a instituição, como resposta social dirigida ao idoso, legitima-se

como socialmente importante pela função cuidadora que assumiu num contexto onde a esperança de vida foi aumentando e, conseqüentemente, os riscos inerentes à perda de capacidades físicas ou cognitivas por parte dos idosos. (p. 20)

Desta forma, as instituições tornam-se fundamentais para as famílias, na medida em que assumem os cuidados aos idosos e atuam como um suporte social. Assim, entende-se que as políticas sociais atuam segundo uma política institucionalizadora, na qual se investe na institucionalização como forma de dar resposta à incapacidade das famílias.

Segundo Mouro (2013), o foco de ação do estado não foi a criação de medidas de apoio aos idosos e às suas famílias, mas sim a criação de respostas sociais. As respostas sociais são equipamentos sociais que visam a institucionalização, tais como: as instituições sociais como as misericórdias, as IPSS e ainda as instituições com fins sociais mas de natureza lucrativa. Como tal, a autora menciona que “a figura instituição tornou-se, assim, no elemento referencial de uma política de intervenção social que se alavancava no paradigma assistencial” (p. 26).

Verifica-se que embora a institucionalização seja a última opção, a realidade é que tem vindo a aumentar a procura de serviços formais de apoio a idosos, dada a incapacidade das famílias assumirem a prestação dos cuidados. Porém, embora esta realidade seja preocupante, há muito que se referem possíveis soluções que contribuiriam para o retardamento da institucionalização, permitindo às famílias ter condições de apoiar os seus idosos. Por exemplo, Vallespir e Morey (2007) defendem que é urgente reestruturar os serviços para os idosos e criar medidas legislativas que permitam às famílias assumirem os cuidados aos seus idosos. Os autores vão mais longe ao defenderem a necessidade de “criação ou ampliação de serviços específicos de apoio às famílias (p. 233).

Um outro exemplo é o facto de a OCDE, em 2011, ter alertado para a necessidade de criar políticas de cuidados de longa duração; para a importância de existir uma estratégia de apoio aos cuidadores, quer ao nível de prestações financeiras quer ao nível da flexibilidade na conciliação entre a vida familiar e laboral; e, tal como Vallespir e Morey (2007), para a promoção de serviços à família, mais especificamente cuidados temporários de substituição, formação e aconselhamento.

Com este trabalho pretendemos, no entanto, trabalhar numa perspetiva particular: sendo a institucionalização a resposta que as famílias procuram, então que o CD do Pontão seja uma entidade promotora da relação idoso-família.

## **2.5 Processos de institucionalização**

As respostas sociais para idosos constituem, como já foi referido, todas as instituições sociais que, neste caso específico, prestam apoio aos idosos. Estas surgiram antes dos anos 90 quando a abordagem ao envelhecimento era feita numa perspetiva patológica, associada ao declínio físico e psicológico e, por conseguinte, num contexto de desvalorização da velhice por oposição à juventude. Foi neste contexto que, a partir do século XIX, surgiram as primeiras respostas sociais para idosos, designadas por Paúl (2005) de biomedicalização do envelhecimento e definidas como:

Fenómeno que corresponde, justamente, ao acto de encarar a velhice como uma espécie de doença, olhando para o envelhecimento como um processo básico, um fenómeno biológico inevitável e relativamente imutável, ao qual a sociedade responde através de actos médicos e de atitudes proteccionistas (ou mesmo segregacionistas), determinando em grande medida o aumento da institucionalização. (p. 60)

Numa tentativa de contextualizar o surgimento das respostas sociais, a Carta Social (2009) espelha a realidade compreendida entre a década de 50 até à atualidade. As primeiras respostas sociais surgiram na década de 50, tinham por base a institucionalização e denominavam-se asilos. Na década seguinte, a sociedade reconheceu a necessidade de melhorar as condições de acolhimento dos asilos passando a designá-los de Lares. Nos finais dos anos 60 surgem os Centros de Dia e também os Centros de Convívio, com uma intervenção muito mais direccionada para a área da animação e lazer. Nos finais da década de 70 e até aos dias de hoje, as políticas que emergem têm como objetivo manter o idoso no seu domicílio pelo maior tempo possível, pois é no domicílio que “o idoso encontra as representações de toda uma existência, as memórias, os objectos, os lugares de pertença” (Carta Social, 2009, p. 14). Na década de 80 surge então o Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), sendo mais tarde alargado à área da Saúde, originando o Apoio Domiciliário Integrado (ADI).

Neste sentido, compreende-se que as respostas sociais têm vindo a tornar-se cada vez mais diversificadas, inovadoras e a prestar serviços que visam uma maior qualidade de vida às pessoas que delas usufruem (Fonseca, 2004). Atualmente, segundo o Instituto da Segurança Social (ISS, 2015) existem sete respostas sociais para idosos: Serviço de Apoio Domiciliário (SAD); Centro de Convívio; Centro de Dia (CD); Centro de Noite; Acolhimento Familiar; Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) e, por último, Centro de Férias e Lazer.

Num levantamento feito em 2006 sobre a existência, capacidade e utilização de equipamentos sociais para idosos, Martín e Brandão (2012) referem o aumento na utilização do SAD, seguido da ERPI e, por último, do Centro de Dia. Importa referir que neste levantamento verificou-se que a utilização da ERPI estava relacionada com a necessidade de cuidados a pessoas mais dependentes, ou seja, a procura pela institucionalização contínua verificava-se quando os cuidadores informais (família) não detinham capacidades técnicas para efetuar o apoio.

Como tal, Martín e Brandão (2012) apontam que a crescente procura pelo SAD e pela ERPI se deve ao facto de as famílias assegurarem, em primeira instância, os cuidados aos mais velhos e apenas recorreram às instituições quando já não conseguem efetuar o apoio.

Dados mais recentes, como os da Carta Social (2013), apontam que entre o ano 2000 e o ano 2013 surgiram mais 2300 equipamentos para idosos, sendo que os aumentos mais notáveis destacam-se ao nível do SAD (66%), seguido da ERPI (55%) e, por último do Centro de Dia (32%).

Como se verifica, o SAD é o mais utilizado pois os cuidados são prestados em meio habitacional, o que permite aos idosos continuarem a viver nas suas casas. Quanto à utilização da ERPI, como vimos anteriormente, é uma solução quando a família não dispõe de tempo e/ou de competências técnicas para prestar os devidos cuidados aos idosos. Os Centros de Dia continuam em crescimento, pois prestam uma série de cuidados diurnos e possibilitam aos idosos o regresso às suas casas no final do dia.

No que se refere à taxa de utilização destes equipamentos, segundo a Carta Social (2013) a ERPI apresenta uma taxa de utilização de 90,1%, seguindo-se os Centros de Dia e os Centros de Convívio com uma taxa de 82,9% e, por último, o SAD com uma taxa de utilização de 75%.

Posto isto, é possível verificar que embora as famílias assumam os cuidados em primeira instância, as instituições são um grande suporte na prestação dos cuidados aos

idosos. Sousa et al. (2004) defendem que a procura por cuidados formais denota-se quando os cuidados informais se revelam insuficientes, ou seja, quando a família (na maioria das vezes a cuidadora informal) não consegue assegurar os cuidados ao idoso recorre ao apoio de serviços formais.

Na perspetiva de Paúl (1997), ressaltam dois fatores que conduzem ao aumento da institucionalização: a falta de suporte familiar e a falta de redes sociais de apoio (próximas do meio envolvente do idoso). A restrição das redes sociais é um facto vivido na velhice, visto que a quebra de relacionamento com colegas no momento da reforma e a frequente de perda de amigos leva a que as redes sociais diminuam e, por conseguinte, que se restrinjam aos familiares.

Analisar estes fatores, isolados ou em conjunto, traduz a exposição ao isolamento e solidão a que muitos idosos estão sujeitos, o que aumenta a procura pelo apoio formal institucional. O facto de estarem cada vez mais sós e isolados, leva muitos idosos a procurarem o apoio de uma instituição.

Porém, Oliveira (2005) alerta para a necessidade de analisar a decisão pela institucionalização como algo que carece de uma profunda compreensão e contextualização “dependendo das condições e motivações em que isso é feito, da aceitação ou não por parte do idoso, do modo como funciona o lar, do apoio e visitas que recebe, etc.” (p. 98). De facto, são inúmeros os fatores que levam à institucionalização. Se por um lado, dependem claramente da incapacidade dos cuidadores informais assumirem os cuidados aos idosos, por outro lado, não pode ser descurada a análise integral de todo o contexto anterior que impulsionou a institucionalização.

É importante perceber porque optam as famílias e/ou os idosos pelos diferentes equipamentos. Por um lado, a opção por equipamentos que permitam manter o idoso no seu meio habitual de vida é sempre mais fácil, pois a casa tem uma representação simbólica carregada de memórias e emoções e está inserida numa comunidade, à qual o idoso também tem um sentimento de pertença (Sousa et al. 2004). Por outro lado, a opção por equipamentos de carácter permanente, como a ERPI, requerem uma outra análise pois a entrada na ERPI rompe com o quotidiano do idoso (casa, vizinhos, rotinas, hábitos alimentares, etc.).

Como forma de entender a participação do idoso na tomada de decisão pela institucionalização, Reed, Cook, Sullivan e Burrige (2003) sugerem quatro tipos de participação na decisão: preferencial, estratégica, relutante e passiva. Na preferencial o idoso exerce o direito de decisão; na estratégica o idoso planeou antecipadamente esta

opção (mais frequente em pessoas sem suporte familiar, nomeadamente conjuge e/ou filhos); na resistente o idoso discorda da institucionalização. Na perspectiva de Sousa et al. (2004):

O idoso é forçado, pela família ou por técnicos, a adoptar uma posição que não é a sua. A imposição por familiares tem duas origens comuns: a falta de condições para cuidar do idoso e a ausência do desejo de assumir essa função. (p. 131).

Por último, na participação passiva o idoso não interfere na decisão pela institucionalização, uma vez que, a institucionalização resulta do encaminhamento por terceiros, dado o nível e tipo de cuidado necessitado pelo idoso, o que ocorre quando existe, por exemplo, um quadro demencial.

Entende-se, assim, que os processos de institucionalização não são homogéneos e dependem de vários aspetos, na sua maioria relacionados com a própria dinâmica familiar do idoso. Porém, importa lembrar que a própria institucionalização, por si só, tem uma conotação negativa dada a sua contextualização histórica. Não se pode esquecer que os antigos asilos eram autênticos depósitos de idosos, pois o único eixo de intervenção era a geriatria. Este aspeto interfere na tomada de decisão, quer por parte dos idosos como das suas famílias, que provavelmente ainda têm a imagem da institucionalização antiga.

Os estereótipos institucionais, por exemplo, na perspectiva de Arca (2007) são um aspeto pejorativo na perceção que idosos e famílias têm da institucionalização. Para cuidadores familiares e idosos, a institucionalização traduz-se no abandono familiar e, para os idosos, existe ainda a associação aos antigos asilos. Contudo, na opinião do autor, a dinâmica social já reproduz algumas mudanças na perceção da institucionalização, que para cuidadores é socialmente aceite e para os idosos em determinadas situações, uma exigência face às suas necessidades e/ou direitos.

Em suma, as razões que levam à institucionalização e a forma como esta é entendida têm uma influência direta na vivência dos processos de institucionalização por parte dos idosos. É muito importante analisar estes processos como individuais e heterogéneos, pois ocorrem de forma diferente de pessoa para pessoa.

As instituições, como é o caso do Pontão, devem trabalhar não apenas para desmistificar estereótipos institucionais, mas também como promotoras da relação família-idosos. Isso permitirá que os idosos mantenham laços familiares e sociais, que na

sua essência representam um suporte para as famílias na prestação dos cuidados aos mais velhos.

## **2.6. Problemáticas institucionais**

É uma realidade que as instituições trabalham com vista a melhorar e/ou manter a qualidade de vida dos idosos e que, atualmente, existe uma melhoria dos cuidados prestados e um esforço em criar ofertas atrativas, do ponto de vista da animação sociocultural como ferramenta de estimulação biopsicossocial.

Porém, chegar a uma instituição pressupõe uma alteração ao quotidiano dos idosos, pois independentemente do tipo de institucionalização (parcial ou total) vão surgir alterações significativas na vida dos idosos.

Independentemente do tipo de instituição não se pode descurar o facto de que quando os idosos estão institucionalizados deparam-se com uma quebra da rede de suporte familiar. Importa lembrar que anteriormente constatou-se que os idosos vivem melhor se estiverem no seu meio familiar e no seu ambiente natural de vida e, ainda, que a desresponsabilização familiar provoca um desequilíbrio físico e emocional nos idosos.

A quebra da rede de suporte familiar é ainda mais evidente quando se fala da institucionalização na ERPI. Estar numa instituição a tempo total pressupõe não só a alteração do contexto de residência, como a quebra com o ambiente familiar. As rotinas diárias do idoso e as suas dinâmicas relacionais passam a ser estipuladas pelo funcionamento da instituição e vividas no meio institucional com outros idosos e com os profissionais da instituição (Sousa et al. 2004). Porém, todos os processos de institucionalização estão sujeitos ao isolamento social, uma vez que se assiste à diminuição da rede de suporte familiar e social. O idoso passa a estar isolado daquele que sempre foi o seu mundo, passando a estar reduzido às relações estabelecidas na instituição, maioritariamente com adultos.

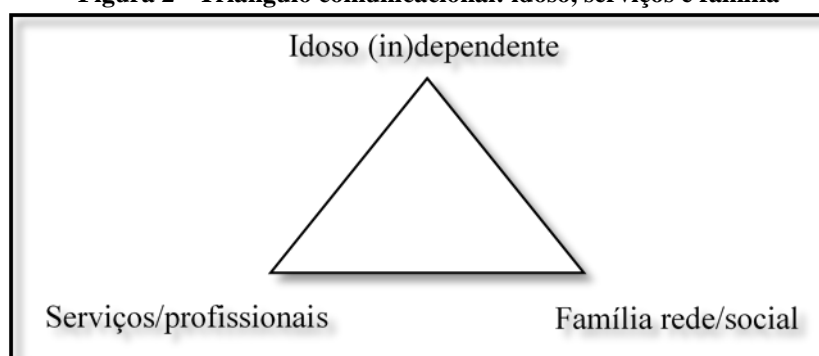
Neste cenário, mais facilmente ocorrerá o que se entende como a antítese do envelhecimento bem-sucedido, isto é, o surgimento de quadros depressivos e demenciais. Quebrar com o quotidiano de vida dos idosos, é meio caminho para uma velhice triste e solitária. Romper com os laços sociais, com as rotinas, com a possibilidade de controlar a própria vida leva ao desânimo e, por conseguinte, poderá levar ao fim da vida (Paúl, 2005).

Em síntese, podemos salientar que existem várias problemáticas institucionais que comprometem do bem-estar das pessoas, nomeadamente:

1. Limitação do poder dos idosos decidirem sobre o que lhes diz respeito;
2. Perda da casa (no caso da ERPI) e alteração das rotinas diárias;
3. Quebra das redes de sociabilidade do idoso (familiares, amigos, vizinhos...);
4. Desresponsabilização familiar;
5. Fraco convívio intergeracional;
6. Maior probabilidade de surgimento de quadros depressivos e demenciais;
7. Pouca flexibilidade das instituições na alteração dos pressupostos por que se regem.

Contudo, é possível diminuir o impacto que as problemáticas anteriormente identificadas têm na vida dos idosos. As instituições para proporcionarem o bem-estar dos idosos, necessitam de promover a inclusão da família na vida institucional do idoso. Sousa et al. (2004) consideram que é importante fazer a distinção entre o apoio instrumental (prestado pelos serviços) e o apoio físico e emocional (prestado pela família). Desta forma, esclarece-se o papel de cada cuidador (informal e formal) na vida do idoso e objetiva-se a complementaridade de apoios e não a sua sobreposição. Neste sentido, as autoras propõem uma intervenção triangular, isto é, um modelo primordial de comunicação e de intervenção entre o idoso, a sua família e os serviços.

**Figura 2 - Triângulo comunicacional: idoso, serviços e família**



**Fonte:** Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004, p. 99

Com base na intervenção triangular, pretende-se a complementaridade dos cuidados entre a família e as instituições, priorizando o idoso como um ser no seu todo. Contudo, envolver a família na vida institucional como uma mais-valia quer para os

idosos quer para as instituições, requer uma cuidada análise e contextualização das próprias famílias.

É necessário conhecer as famílias para compreender a forma como se relacionam e as suas histórias, pois só assim será possível entender dois pressupostos: porque prestam, ou não, apoio aos seus idosos; e qual a melhor forma de integrar a família na vida institucional, uma vez que cada família tem as suas especificidades. Segundo Born (2002), é frequente as instituições terem uma imagem negativa da família, pois esperam que os relacionamentos sejam todos saudáveis e dotados de sentido de responsabilidade. Estereotipar as famílias não vai ajudar na tarefa de envolvê-las no meio institucional, pelo que Born alerta para a desmistificação da imagem da família:

É preciso fugir da tendência de transformar o idoso em vítima e a família em vilã, e procurar compreender a dinâmica da situação, avaliando as forças e as debilidades da família, a duração dos problemas e de que maneira as atuais necessidades do idoso estão afetando o relacionamento entre os membros da família. (p. 407)

Desta forma, cabe às instituições fazer uma análise cuidada de cada família de forma a otimizar o seu envolvimento na vida institucional. Não esqueçamos que “chegar a uma instituição” pressupõe iniciar novas relações com serviços cuja cultura organizacional definem normas, regras, valores, crenças e requerimentos legais, com os quais as famílias não estão familiarizadas.

Para integrar as famílias na vida institucional e facilitar o relacionamento entre famílias e profissionais de uma instituição, Elizur (1996) propõe o modelo ECC que se desenvolve em três fases: envolvimento (E), colaboração (C) e capacitação (C), apresentando-o da seguinte forma:

**Figura 3 – Modelo ECC (envolvimento, colaboração e capacitação)**

Fases	Padrões de relação		
	Afetivo	Cognitivo	Instrumental
Envolvimento	Criar laços	Compreensão mútua	Organizar padrões relacionais
Colaboração	Sentimento de equipa	Negociação	Trabalhar em conjunto
Capacitação	Confiança mútua	Diálogo democrático	Partilha de tarefas e decisões

**Fonte:** Elizur, 1996, p. 193

Promover o relacionamento saudável entre os profissionais das instituições e os familiares implica estabelecer padrões de relacionamento. Na fase do envolvimento dos familiares na vida institucional estabelecem-se laços, canais de comunicação e formas de relacionamento assentes no respeito mútuo. Para tal, ao nível instrumental é necessário construir padrões relacionais, ou seja, práticas e rotinas de relação. Na fase da colaboração prepara-se o sentido do “nós” como equipa de intervenção, na qual a instituição e a família trabalham em reciprocidade, ao nível da confiança, compromisso, divisão de tarefas, resolução de problemas e partilha de informação. Na fase da capacitação existe uma partilha da responsabilidade, manifesta no plano afetivo com confiança mútua. Tanto os profissionais das instituições como as famílias confiam que a outra parte agirá com sentido de responsabilidade, pois através do recurso ao diálogo democrático partilham tarefas e decisões que dizem respeito ao idoso.

Uma relação de colaboração é extremamente benéfica para todas as pessoas envolvidas no processo da institucionalização, pois envolver os familiares não só lhes permitirá fazer parte do processo, como participar nos cuidados prestados aos idosos. Todavia, Sousa et al. (2004) chamam a atenção para o facto de estas questões dependerem de vários fatores institucionais, tais como: as próprias características da instituição; estrutura; ideologia organizacional; e o contexto social em que está inserida.

Born (2002) propõe algumas medidas para colmatar a problemática da desresponsabilização familiar e melhorar o relacionamento entre famílias e instituições, nomeadamente:

- ✓ Abertura das instituições para o diálogo não punitivo;
- ✓ Discutir os regulamentos com os idosos e familiares aquando o processo de admissão, possibilitando que estes levantem questões e dúvidas;
- ✓ Encorajar o estabelecimento de uma comissão (de familiares e/ou idosos) de representantes para apresentarem reivindicações e sugestões;
- ✓ Envolver os idosos e/ou familiares na planificação das ementas, das atividades de animação sociocultural e de outros aspetos que digam respeito às suas próprias vidas no seio institucional;
- ✓ Permitir aos grupos locais visitarem a instituição e, eventualmente, organizarem atividades conjuntas;
- ✓ Abrir os serviços da instituição à comunidade, através por exemplo, da organização de ações/cursos sobre técnicas de cuidados ao idoso;
- ✓ Abrir um possível jardim à comunidade;

✓ Convidar voluntários a prestarem serviços na instituição.

Estas medidas são entendidas como “um meio para criar um clima de maior confiança mútua, responsabilidade e participação, minimizando os riscos do autoritarismo, sempre presente na vida da instituição” (Born, 2002, p. 408). Mas mais ainda, estas medidas permitem manter os idosos ligados à vida em comunidade, pois possibilitam que estejam em contacto com várias pessoas de outras gerações. O contacto apenas com a geração mais velha a idade, por si só, já o faz. Evitar o confinamento das redes sociais é importantíssimo pois é nas redes sociais que existe o real apoio social, emocional, psicológico necessário para um envelhecimento bem-sucedido.

Quanto mais as instituições se aproximarem do quotidiano das pessoas, melhor. É importante que idosos e familiares sintam que fazem parte da instituição e que as suas opiniões não só são ouvidas como tidas em conta. Assim, as instituições conseguirão ser perpetuadoras das dinâmicas comunitárias dando continuidade ao que são as rotinas diárias das pessoas.

Desta forma, trabalha-se a aproximação dos familiares à vida institucional e diminui-se o impacto da institucionalização para todos (idosos e famílias). Como defende Born (2002) “uma instituição deve ser o mais próxima possível de uma moradia, oferecer segurança e condições higiénicas, respeitar a privacidade e individualidade, promover a autonomia, possibilitar o encontro de pessoas, ser ensolarada, clara e agradável” (p. 410).

### **3. Metodologia de investigação**

#### **3.1 Paradigma de investigação**

Toda a investigação tem uma orientação teórica, sendo que “quando nos referimos a orientação teórica ... estamos a falar de um modo de entendimento do mundo, das asserções que as pessoas têm sobre o que é importante e o que é que faz o mundo funcionar” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 52).

Na perspetiva de Silva e Pinto (1990) o paradigma de uma investigação traduz um conjunto de afirmações, conceitos ou proposições que logicamente conduzem um pensamento e uma investigação. Serrano (1994), acrescenta que o paradigma reflete as crenças e atitudes, partilhadas pela comunidade científica, num determinado momento e contexto, sobre a perceção do mundo.

Entende-se, assim, que definir o paradigma da investigação é afirmar a posição do investigador sobre a realidade social em estudo. Percecionamos esta realidade com base nas referências teóricas que temos.

Dado que a presente proposta de investigação incidiu na compreensão das relações entre Idosos – Famílias – Centro de Dia, visto que após a institucionalização existe uma quebra com o suporte familiar, pretendeu-se compreender a forma como se relacionam com vista a potenciar a relação Idosos – Famílias – Centro de Dia.

Como tal, considerou-se o Interacionismo Simbólico como corrente do paradigma interpretativo, o paradigma que mais se adequa à investigação, na medida em que se debruça diretamente sobre a análise das características do comportamento das pessoas, umas com as outras, ou seja, em contexto de interação social (Foody, 1996).

O interacionismo simbólico teve as suas origens na abordagem à investigação da Escola de Chicago no início do século XX. A expressão “interacionismo simbólico” foi designada pelo sociólogo Herbert Blumer e, posteriormente, defendida e apadrinhada por George Herbert Mead (Bogdan & Biklen, 1994; Foddy, 1996).

Woods (citado em Cohen & Manion, 1990) identifica três princípios básicos do interacionismo simbólico: a) os seres humanos interagem com base em significados e em representações que as pessoas e/ou situações têm para si; b) a atribuição de significados representativos é feita através da simbologia e num processo contínuo; c) este processo existe num contexto social.

Para compreender as bases do interacionismo simbólico é necessário conhecer os princípios identificados pelo seu “criador” Herbert Blumer. Para tal, Foody (1996) apresenta uma listagem dos seis princípios identificados por Blumer:

1. Os seres humanos definem e interpretam as ações de cada um, reagindo uns aos outros através de uma relação de interpretação, na qual prevalece o significado que atribuem aos atos de cada um;
2. Os seres humanos podem reagir a si próprios como reagem em relação aos outros, a este fenómeno Herbert Med intitulou de *self*. Este resulta de uma construção social que os atores sociais, através da interação com os outros, vão construindo a definição sobre quem são. Nesta construção as pessoas tendem a ver-se como os outros as veem;
3. Existe uma intencionalidade consciente no comportamento social, pois os seres humanos decidem como agir em determinada situação;
4. A interação social é um processo contínuo que implica interpretação, planeamento e ação. Este processo nasce a cada nova interação social que os seres humanos têm uns com os outros, em que consideram não só a sua perspetiva das coisas como também a dos outros;
5. No processo de interação social os seres humanos assumem o papel uns dos outros na medida em que procuram perceber e descobrir as intenções e os sentidos das ações dos outros;
6. Este processo existe em todas as situações sociais.

Em suma, o interacionismo simbólico entende que os seres humanos “estão constantemente a negociar uma definição partilhada da situação, tendo reciprocamente em conta os pontos de vista de cada um e interpretando os comportamentos uns dos outros” (Foddy, 1996, p. 22).

Foi nesta ótica que se trabalhou a relação Idosos – Famílias – Centro de Dia na presente investigação, através da compreensão da interação entre todas as pessoas envolvidas, ou seja, da forma como se veem uns aos outros e de como interagem uns com os outros.

### **3.2 Método de investigação**

Tendo em conta que o Interacionismo Simbólico é a corrente do paradigma interpretativo que suporta a investigação, isto significa, que estamos a falar de uma

investigação, necessariamente, qualitativa. Bogdan e Biklen (1994), no que se refere aos fundamentos da investigação qualitativa, destacam: o papel do investigador como o instrumento-chave da recolha de informação; o cuidado com a descrição da realidade e só depois com a análise; a importância do investigador estar mais focado no processo, do que no produto e no resultado final; a análise indutiva dos dados; e, por último, a constante busca pelo significado das coisas.

Na perspectiva de Taylor e Bogdan (1998), a investigação qualitativa caracteriza-se pela tentativa de compreender as pessoas no seu contexto. O objetivo é conhecer e interpretar o significado da realidade em análise. Assim sendo, consideramos que a investigação qualitativa possibilita uma análise mais rica do contexto em estudo, uma vez que: “os investigadores qualitativos estudam as coisas nos seus meios naturais, tentando atingir o sentido, ou interpretar os fenómenos mantendo-se fiéis aos significados que as pessoas lhes atribuem” (Denzin & Lincoln, 1998, p. 3).

A investigação qualitativa permite fazer investigação de diferentes formas, ou seja, é muito abrangente quanto aos métodos de investigação. Entende-se por método de investigação o caminho que se percorre para levar a cabo uma investigação, ou seja, “uma estratégia integrada na pesquisa que organiza criticamente as práticas de investigação” (Costa, 1986, p. 129).

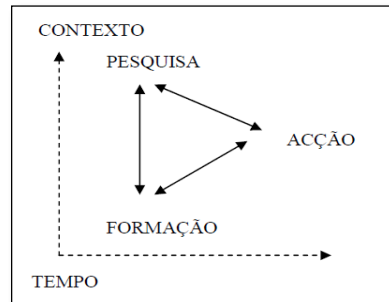
Esta investigação teve como objetivo principal promover uma melhor relação entre os idosos, as suas famílias e a instituição. Para tal, foi necessário compreender a relação direta entre famílias, idosos e instituição, de forma a potenciar um relacionamento saudável e harmonioso. Ou seja, queremos investigar sobre as práticas e políticas da instituição, com a finalidade explícita de melhorar a sua ação junto aos adultos mais velhos. Por este motivo central, escolhemos a Investigação-Ação (daqui adiante designada de IA) como método.

A IA teve a sua origem nos anos 20 e 30 depois da Segunda Guerra Mundial. Foi inspirada por J. Dewey e pelo movimento da escola moderna que surgiu, no campo da educação. A IA surgiu, assim, “fundamentada no ideal democrático e na crítica ao papel da escola, defendendo-se que esta instituição tinha um papel fundamental na democracia social” (Guerra, 2000, p. 55). A autora identifica esta primeira fase da IA, por um lado, como um fracasso enquanto método de investigação mas, por outro lado, como promotora do seu objetivo democrático até aos dias de hoje.

Mas foi Kurt Lewin quem, realmente, pela primeira vez conduziu investigação intencionalmente apelidada de investigação-ação, no final da segunda guerra mundial.

Lewin é considerado como o pioneiro da IA, pela contínua e sistemática articulação entre a teoria e a ação (Guerra, 2000). De forma a explicar o modelo metodológico de Lewin, Guerra apresenta, na sua obra, a tradicional forma de evidenciar o pensamento de Kurt Lewin - o triângulo lewiniano.

**Figura 4 - Triângulo Lewiniano**



**Fonte:** Guerra, 2008, p. 57

A análise do triângulo lewiniano permite perceber que a IA desenvolve-se com base em três polos: o da ação, que objetiva a mudança social; o da investigação, que destaca a pesquisa contínua por dinâmicas sociais; e o da formação, que decorre no processo de aprendizagem social. Embora seja o polo da ação que impulsiona os restantes, é visível a interação entre os três.

Na perspectiva de Serrano (1994) as principais características lewinianas presentes na IA são: “o carácter participativo, o impulso democrático e a contribuição para a alteração da realidade social” (p. 139). A autora defende que a transformação e a mudança da realidade social são a finalidade máxima da IA, o seu verdadeiro propósito.

Assim, é possível constatar que a IA pretende estudar determinada causa/situação/contexto/problema social, com vista à compreensão da realidade vivida pelos atores sociais para posterior melhoria da realidade.

Cohen e Manion (1990) identificam três pressupostos da IA como um método de investigação: envolve um contexto específico de ação; permite a interação entre investigadores e participantes e a participação na investigação por parte dos participantes; e, ainda, evidencia um carácter contínuo no que se refere à forma como é feita a avaliação do processo de IA.

Desta forma, é possível entender que existem vários procedimentos que o investigador tem de levar a cabo na IA, para alcançar a modificação de práticas existentes. Inicialmente a recolha sistemática de informação é fulcral, pois ajuda o investigador a identificar todo o contexto em análise. A IA permite recolher informação mas também

pretende a compreensão do contexto, para que o investigador possa negociar com as pessoas envolvidas as estratégias de melhoria. Um outro aspeto é o facto de a IA permitir aos participantes da investigação o seu próprio autoconhecimento, aumentando a consciência que têm de si próprios e do contexto em que estão inseridos (Bogdan & Biklen, 1994).

Nesta linha de raciocínio, pode-se considerar que a própria investigação em si já constitui uma forma de ação, pois não só permite a conscientização dos participantes sobre o seu meio envolvente, como pode ainda ser utilizada como uma estratégia para os mobilizar ativamente no processo de melhoria social.

Em síntese, a IA tem três grandes dimensões: investigação, ação e formação. É um processo participativo, coletivo e democrático que tem como finalidade máxima a transformação da realidade. Este processo desenvolve-se segundo três ciclos. O primeiro ciclo corresponde à fase da planificação da investigação (definição do problema/projeto), passando para a fase da ação (implementação e observação), e, por último, a fase da reflexão (avaliação). O segundo ciclo acontecerá, caso na avaliação do primeiro ciclo se verifique a necessidade de continuar a intervir para resolver o problema inicialmente encontrado. No segundo ciclo é necessário voltar a planificar, agir e refletir. É possível que no final de cada ciclo seja necessário recomeçar um outro, até que a melhoria social seja atingida (Kuhne & Quigley, 1997).

A presente investigação representa um primeiro ciclo de IA, visto que durante o último ano foram testadas medidas para promover a relação idoso-família-instituição. As recomendações que resultam deste primeiro ciclo destinam-se a planificar o futuro da vida institucional, deixando, assim, pistas de melhoria fundamentais para que o Centro de Dia do Pontão continue a trabalhar de forma a atenuar as problemáticas institucionais.

### **3.3 Técnicas de recolha de informação**

A escolha do método de investigação condiciona, à partida, a seleção das técnicas de recolha de informação a utilizar. Entende-se por técnicas de recolha de informação os procedimentos definidos que servem para recolher e tratar informação (Almeida & Pinto, 1995). Sendo o nosso método de investigação – Investigação-Ação - Bogdan e Biklen (1994) salientam que pode basear-se em métodos quantitativos e qualitativos.

Porém, nesta investigação pretendem-se utilizar métodos qualitativos pelo que os autores fazem referência às técnicas da observação, entrevista aberta e recurso a

documentos. As técnicas de recolha de informação utilizadas na investigação foram as seguintes: conversas informais, observação, entrevista e histórias de vida.

### **Conversas Informais**

As conversas, como técnica de recolha de informação numa investigação, resultam do diálogo não intencional entre o investigador e as pessoas que fazem parte da investigação. Esta técnica de recolha de informação é fulcral e complementar na pesquisa de terreno (Silva & Pinto, 1986).

As conversas informais foram a primeira técnica de recolha de informação colocada em prática. No início da investigação, foi através das conversas informais que se conseguiu estabelecer uma relação informal com os idosos e com os familiares. Com o decorrer da investigação, recorreu-se às conversas informais sempre que necessário para complementar a compreensão da realidade em estudo.

### **Observação**

Segundo Almeida e Pinto (1995), quando se opta por utilizar a observação como técnica de recolha de informação, é necessário fazer a distinção entre a observação direta participante e direta não participante. Para os autores, na observação direta participante o investigador participa ativamente na ação, por contrário, na observação direta não participante o investigador tem um papel passivo e não integra a ação.

Sob outra perspetiva, Bogdan e Biklen (1994) entendem a observação como uma técnica que interfere no contexto e, como tal, consideram-na observação participante, pois o simples ato de observar o contexto vai influenciar a postura dos participantes - logo o investigador exerce sempre alguma influência no contexto.

Neste caso em concreto e, porque se entende que a uniformidade das teorias referidas anteriormente assenta na lógica da presença do investigador no contexto, utilizou-se a observação participante, por se considerar a participação do investigador no contexto da instituição.

### **Entrevistas**

As entrevistas são uma técnica de recolha de informação que Ghiglione e Matalon (1992) entendem como um encontro interpessoal no qual o investigador tem como propósito recolher informação.

Existe uma grande diversidade de tipologias de entrevistas que alguns autores defendem, não muito distintas entre si. Por exemplo, Cohen e Manion (1990) apresentam-nos três modelos distintos de entrevistas: formal, menos formal e informal. Olabuénaga (1999), por sua vez, defende que as entrevistas assumem dois graus distintos de estruturação: estruturada e, por oposição, não-estruturada. Um outro exemplo é o de Ghiglione e Matalon (1992) que defendem a tipologia de entrevista diretiva, semi diretiva e não diretivas (ou livres).

Em todos os casos acima mencionados a diferença assenta no grau de estruturação que, por sua vez, conduz a um certo tipo de respostas. Na entrevista formal/estruturada/diretiva existe um elevado grau de rigidez na formulação e colocação das questões, o que origina respostas pouco subjetivas, rígidas e factuais. Por oposição, a entrevista informal/não estruturada/não diretiva não detém nenhum grau de estruturação, a entrevista decorre num contexto informal no qual o entrevistador conduz o diálogo livremente com base em tópicos a abordar, porém a entrevista é quase sempre conduzida pelo entrevistado. Num intermédio surge o grau de estruturação menos-formal/semi diretiva, em que o entrevistador tem liberdade de ir adaptando as questões no decorrer da entrevista.

A definição sobre a tipologia das entrevistas a utilizar suporta-se na perspetiva de Olabuénaga (1999). As entrevistas aplicadas foram de baixo grau de estruturação (não estruturadas), por se acreditar que através destas se consegue estabelecer uma relação empática entre entrevistador e entrevistado e, por conseguinte, recolher a informação que se pretende.

Monteagudo (2010) refere que as entrevistas de baixo grau de estruturação podem assumir diversos formatos, nomeadamente: biográfica, biográfico-narrativa, histórias de vida e relatos de vida. Foi neste sentido que se recorreu à técnica da entrevista na investigação. Por um lado, visto que surgiu da necessidade de ouvir os familiares contar a história dos seus idosos e forma como se relacionam. Por outro lado, por se considerar que só assim poderíamos compreender as dinâmicas familiares e complementar a informação até então recolhida.

### **Histórias de Vida**

No século XIX as histórias de vidas começaram a ganhar expressão no contexto da antropologia, que através do método etnográfico utilizava as histórias de vida como uma “ferramenta” para aumentar o conhecimento sobre os povos que estudava. Segundo

Ramos (2002), foi ainda no século XIX que se começou a utilizar o método biográfico com o objetivo de conhecer mais sobre a cultura, as práticas e os costumes das comunidades de índias.

Porém, foi nas décadas de 20 e 30 do século XX, no âmbito da sociologia americana, que as histórias de vida, entendidas como método biográfico, começaram a ganhar cientificidade. Mais concretamente, junto das escolas que tinham como finalidade a compreensão dos fenómenos sociais. Na Escola de Chicago, por exemplo, que tinha como propósito a compreensão dos fenómenos sociais, mais concretamente as dinâmicas urbanas e as comunidades minoritárias.

William Thomas e Florian Znaniecki - dois investigadores importantes da Escola de Chicago, escreveram *The Polish Peasant in Europe and America* (1920). Esta obra centra-se num estudo acerca dos processos de mudança social, levado a cabo, na década de 20, com os imigrantes polacos, que representavam a maior comunidade de imigrantes de Chicago. Foram utilizados, pela primeira vez, métodos de investigação como as autobiografias, fontes documentais, entre outros.

Segundo Brandão (2007), é neste sentido que a história de vida procura demonstrar as influências socioculturais do indivíduo, inserindo-se, assim, no campo das metodologias qualitativas de investigação social.

A utilização da abordagem biográfica declina nas décadas de 40 e 50, sendo retomada na década de 60. Óscar Lewis foi o antropólogo que contribuiu para a divulgação do método biográfico. Na sua obra “Os filhos de Sánchez”, Lewis demonstra a dinâmica cultural da classe pobre mexicana e de outras classes pobres do mundo. O antropólogo põe em evidência a importância da utilização dos relatos cruzados, como forma de analisar a realidade social da cultura da pobreza.

Com o objetivo de melhor compreender os fenómenos culturais, Óscar Lewis utilizou as histórias de vida, pois este método permitiu adquirir um conhecimento aprofundado sobre as pessoas que fazem parte de uma comunidade. A partir das décadas de 70 e 80, graças ao impulso de Lewis, as histórias de vida começaram a ganhar corpo no campo científico (Bertaux, 1997).

O reconhecimento do caráter científico do método biográfico foi moroso. Ferrarotti (1988) refere que esta dificuldade se deve ao facto do método quebrar com a objetividade enraizada, pois mais do que estudar teorias sociais importa perceber a interpretação social dos que vivem em sociedade. A maioria dos que vivem em sociedade não pertencem a grupos elitistas pelo que “uma geração de historiadores, nomeadamente

socialistas, viram na prática da história oral a possibilidade de salvarem do silêncio a história e a cultura dos grupos subordinados” (Connerton, 1993, p. 23).

Segundo Couceiro (1997), as abordagens biográficas têm ganho relevância pela possibilidade de recolha de dados biográficos, através da realização de diversas entrevistas. Guimarães (2005) distingue dois tipos de materiais que podem ser utilizados na abordagem biográfica: materiais biográficos primários e secundários. Os materiais biográficos primários dizem respeito aos dados narrativos ou relatos autobiográficos. Os materiais biográficos secundários englobam todos os materiais que complementem a informação, mas que não foram criados com esse fim, por exemplo: fotografias, diários, cartas, entre outros.

Na presente investigação foram utilizados materiais biográficos primários: dados narrativos, recolhidos através das entrevistas, e relatos autobiográficos, recolhidos através do *atelier* de Histórias de Vida.

Podemos, agora, afirmar que as entrevistas desenvolveram-se segundo os pressupostos da abordagem biográfica, visto que possibilitaram a recolha de dados biográficos sobre os idosos e sobre os seus familiares. As entrevistas aplicadas aos familiares foram entrevistas biográficas de baixo grau de estruturação, embora em menor número de entrevistas, menos detalhadas e exaustivas do que é comum nas entrevistas biográficas.

De salientar que as entrevistas biográficas servem para reconstruir a história de vida da pessoa e, como tal, as histórias de vida constroem-se com episódios, estórias e passagens (Monteagudo, 2010). Esta informação não se consegue recolher com um par ou dois de entrevistas. Contudo, uma vez que através das outras técnicas já havia sido recolhida diversa informação, foi possível complementar a informação que faltava com a aplicação de apenas uma entrevista por familiar. Importa reforçar que o objetivo da investigação não é escrever as histórias de vida dos idosos, mas sim conhecê-las para compreender as dinâmicas familiares.

Através do *atelier* de Histórias de Vida, os idosos partilharam muitas estórias, episódios e factos das suas vidas, que foram sendo registados como relatos de vida. Segundo Atkinson (2002), os relatos de vida reportam-se a um determinado contexto social, a um episódio de vida, em que a pessoa relata um episódio de vida marcante, que, de uma forma direta ou indireta, traduz valores, sentimentos ou práticas de uma determinada cultura.

A aplicação de todas as técnicas de recolha de informação, anteriormente enunciadas, permitiu recolher informação diversa e pertinente sobre as histórias de vida dos idosos e, por conseguinte, sobre a forma como se relacionam idosos-famílias. Toda esta informação deu origem à redação de uma mini história de cada idoso.

### **3.4 Análise de conteúdo**

Após a recolha da informação, através das diferentes técnicas já mencionadas, procedeu-se à fase seguinte do processo de investigação: a análise e interpretação dos dados.

A análise tem como objetivo estudar o conteúdo da informação recolhida, de forma a dar resposta ao problema da investigação. Por sua vez, a interpretação pretende dar significado à informação (Gil, 1994). Os dados recolhidos através das diferentes técnicas de recolha de informação, utilizadas na investigação, foram submetidos a um processo de tratamento qualitativo – análise de conteúdo.

Olabuénaga (1999) caracteriza a análise de conteúdo como uma técnica de leitura e interpretação do conteúdo de todos os documentos. Podemos, assim, considerar a análise de conteúdo como um processo empírico baseado na leitura metódica da informação recolhida durante a investigação.

Na perspetiva de Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma forma de analisar a informação que se desenvolve sobre várias fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e a interpretação.

Nesta investigação, como forma de iniciar a pré-análise da informação recolhida através das entrevistas, começou-se pela fase da transcrição. Posteriormente, por feita uma leitura despreocupada de todas as transcrições, como forma de nos familiarizarmos com o conteúdo das entrevistas. Da leitura despreocupada, passou-se para as leituras exaustivas com o propósito de se encontrar aspetos similares e estabelecerem-se as categorias de análise. De seguida, foi elaborada uma grelha de codificação na qual constam: categorias; subcategorias; unidades de contexto; inferências. Desta forma, foi possível encontrar denominadores comuns entre todas as entrevistas e proceder à interpretação dos dados.

Porém, a exploração da informação, obtida através das entrevistas e das outras técnicas de recolha, remeteu para a necessidade de separar o material referente ao processo de institucionalização dos idosos e o material biográfico sobre as histórias dos

idosos. Assim, foram elaboradas mini histórias de vida para registar toda a informação acerca da vida dos idosos.

Com base na codificação das entrevistas, na elaboração das mini histórias de vida e na análise de todos os registos do trabalho de campo, foi possível proceder à interpretação dos dados de forma mais completa e fidedigna.

### **3.5 Breve descrição do processo da investigação**

Elaborar o desenho da investigação revelou-se fundamental por permitir dar a conhecer as opções metodológicas utilizadas na pesquisa de terreno. O trabalho de campo foi realizado com 16 idosos do Centro de Dia do Pontão, desde 1 de setembro de 2014 a 30 de abril de 2015.

O primeiro contacto com os idosos e com os seus familiares aconteceu durante o processo de admissão dos idosos no CD. Nesta primeira fase foi possível conhecer, ainda que de forma breve, o contexto familiar em que os idosos estão inseridos. Aquando das entrevistas de admissão foram surgindo as primeiras informações sobre os idosos, os seus familiares, as dinâmicas familiares em que estão inseridos, as expectativas face à institucionalização, entre outros aspetos pertinentes para a integração dos idosos na instituição e, por conseguinte, para a investigação.

Concluído o processo de admissão, foi através das conversas informais que se conseguiu estabelecer uma relação empática, quer com os idosos quer com os seus familiares. Desde logo, foi necessário recorrer às notas de campo como forma de registar toda a informação recolhida no trabalho de campo. Porém, para registar as interações entre idosos e famílias no contexto institucional, de forma mais sistemática, foi criado um elemento de registo fulcral na investigação: o registo de dinâmicas familiares (anexo 3).

Posteriormente, foi introduzida a técnica da observação participante que, por um lado, permitiu conhecer as interações entre idosos e familiares e, por outro lado, permitiu conhecer elementos importantes sobre as dinâmicas familiares (notas de campo 13, 15, 16, 17, 19, 21 e 27). O *Atelier* de Histórias de Vida (atividade de animação sociocultural que integra o plano de animação do CD) representou uma atividade fundamental neste sentido. O *atelier* de Histórias de Vida realiza-se sempre na parte da tarde e é dinamizado pela responsável do CD. Tem uma periodicidade semanal ou quinzenal, depende da disponibilidade do grupo e do surgimento dos temas. Existe uma grande flexibilidade nos temas a abordar, sendo sempre escolhidos pelos idosos e muitas vezes os temas

simplesmente surgem e como tal a oportunidade é aproveitada. As únicas “regras”, definidas pelos idosos, são: desligar a TV, fechar a porta da sala e sentarem-se à volta da mesa, para que todos se conseguirem ver. O objetivo do *atelier* é a partilha de estórias entre o grupo. Porém, através do *atelier* são trabalhados outros aspetos fundamentais para o bem-estar dos idosos, nomeadamente: respeito pelo outro; coesão do grupo; diminuição de conflitos; espírito de solidariedade; entre outros. Durante a investigação o grupo partilhou, no *atelier*, vários relatos sobre a forma como vive até então (são exemplo destas sessões as notas de campo 10, 18 e 23).

A observação foi ainda utilizada para compreender o processo de integração dos idosos no CD, para conhecer a interação entre o grupo de idosos e, ainda, entre os idosos e a equipa do Centro de Dia (são exemplos destes registos as notas de campo 3, 6, 11, 12, 15, 19, 26 e 28).

No decorrer da investigação, todos os momentos de observação e de conversas informais, foram registados com recurso às notas de campo. Estas foram úteis como forma de registar, mas também de esquematizar toda a informação recolhida no trabalho de campo.

O entrelaçar das conversas informais, da observação participante, dos registos das interação entre os idosos e os familiares e, ainda, das notas de campo, permitiu encontrar a opção metodológica que faltava. Embora conhecesse a história dos idosos, contada pelos próprios (quer no *atelier*, quer nas entrevistas de admissão, quer noutros momentos institucionais), e conhecesse as famílias que os acompanham no contexto familiar e institucional, não conhecia a história contada pelos familiares. Foi necessário ouvir os familiares para perceber o fundamento por detrás da forma como interagem com os seus idosos.

Primeiramente, foi construído um guião de entrevista não estruturada (anexo 4). Como forma de testar a aplicabilidade do guião e de treinar a postura da entrevistadora, foi realizado um pré-teste da entrevista. A entrevista foi realizada a uma colaboradora da instituição que tem uma familiar idosa institucionalizada (nota de campo 24).

Posteriormente, foram feitas reuniões individuais com todos os familiares com o objetivo de os convidar a participar na investigação, através da colaboração nas entrevistas (nota de campo 25).

Para um total de 16 idosos, existem 12 familiares de referência. Isto acontece porque existem 3 casais (6 idosos) cuja familiar de referência é a mesma pessoa por cada casal. Existe ainda uma situação atípica, em que uma das familiares referenciadas para

um casal de idosos é ainda a familiar de referência do seu sogro. Dos 12 familiares, apenas 3 não participaram no estudo: uma familiar referiu não estar interessada em participar; os dois restantes não puderam participar por incompatibilidades de horários em relação à atividade laboral que desenvolvem. Num total foram realizadas 9 entrevistas não estruturadas sobre episódios de vida de 13 idosos.

Com a aplicação das entrevistas foi possível conhecer elementos biográficos sobre os idosos, isto é, perceber quem foram estas pessoas antes de chegar ao CD, como viviam, com quem se relacionavam, em que contextos viveram, entre outros aspetos. Além disso, foi possível conhecer o processo de institucionalização que viveram aquando a integração no CD, mais concretamente, os fatores que levaram a admissão, a quem pertenceu a tomada de decisão pela institucionalização, como foi a adaptação quer dos idosos quer dos familiares, o que mudou desde a institucionalização na vida das pessoas, entre outros aspetos importantes.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas (anexo 6) e codificadas (anexo 7) de forma a ser possível identificar indicadores comuns entre todas as entrevistas. Como tal, foi criado um sistema de codificação baseado nas seguintes categorias temáticas:

1. Fatores que levaram à admissão
2. Tomada de decisão relativamente à institucionalização
3. Adaptação ao CD
  - 3.1 Idosos
  - 3.2 Família
4. Alterações na vida dos idosos pós CD
  - 4.1 Saúde
  - 4.2 Alimentação
  - 4.3 Psicossocial
5. Alterações nas relações familiares pós CD
6. Ligação família – CD
7. Sugestões de melhoria

Porém, neste sistema de codificação não havia forma de registar os elementos biográficos da vida dos idosos, tornando-se necessário registar as suas histórias de outra forma. Dado que num sistema de codificação se pretende encontrar denominadores comuns, não se considerou coerente inserir no sistema de codificação a informação relativa às histórias de vida dos idosos pois cada história é única. O objetivo em relação às histórias de vida não é compará-las mas sim conhecê-las. Como tal, foram redigidas

13 mini histórias de vida (anexo 8) com o objetivo de registar a informação sobre a história de cada idoso.

No final, com base em toda a informação recolhida desde o início ao término do trabalho de campo, através dos diversos elementos de registo e das diferentes técnicas de recolha de informação aplicadas, foi possível compreender a relação entre os idosos e as suas famílias, e, por conseguinte, as razões que levam estas famílias às suas atuais dinâmicas familiares.

De referir, ainda, que foram tidos em conta os aspetos éticos da investigação, nomeadamente a prevalência do Código da Ética (Fortin, 2000):

- ✓ Direito à autodeterminação: a pessoa tem o direito de decidir por si se participa ou não e, ainda, de sair da investigação quando entender.
- ✓ Direito à intimidade: o estudo deve ser o menos invasivo possível, para proteger a intimidade dos participantes.
- ✓ Direito ao anonimato e confidencialidade: a identidade da pessoa não pode nunca ser reconhecida.
- ✓ Direito a um tratamento justo: a pessoa deve ser informada da natureza, o fim e a duração da investigação.

Neste sentido, todos os participantes foram convidados a participar na investigação de livre vontade. Quando convidados a participar, foi-lhes transmitido que seria sempre tido em conta o anonimato e a confidencialidade (através do uso de nomes e lugares fictícios). Tiveram conhecimento do objetivo da investigação, da forma como seria conduzida e quais as técnicas de recolha de informação a utilizar.

## **4. Enquadramento Institucional**

Tendo em conta que a presente investigação se desenvolve num contexto institucional, torna-se necessário apresentar a instituição desde o seu surgimento até aos dias de hoje, de forma a ser perceptível a realidade social em análise. Para tal, será apresentada a história da instituição, o espaço físico, os serviços que presta e a forma de funcionamento, mais concretamente no âmbito do Centro de Dia.

### **4.1 A história do Pontão**

A Associação de Solidariedade Social da Conceição de Tavira “O Pontão”, como o próprio nome indica, situa-se na freguesia da Conceição de Tavira, concelho de Tavira, distrito de Faro.

A associação foi fundada a 27 de outubro de 2000 e, curiosamente, o nome “Pontão” surgiu porque outrora havia um local assim designado que servia de ponto de encontro entre a comunidade, quando o comércio e os cafés estavam encerrados na freguesia da Conceição de Tavira. As pessoas juntavam-se no pontão e conversavam durante longas horas, algumas até levavam petiscos para promover a duração do convívio. O nome Pontão é portanto fruto de uma memória local da comunidade da freguesia, e pretende-se que a associação volte a ser o local de encontro da comunidade.

Como IPSS, sem fins lucrativos, tem como propósito a promoção social dos diferentes grupos etários da população de carácter cívico, beneficente e filantrópico. O seu âmbito de ação abrange a freguesia da Conceição de Tavira e todo o concelho de Tavira.

O primeiro objetivo da associação foi a construção de um edifício com duas valências, uma Creche para 66 crianças e um Centro de Dia para 30 idosos. Através de uma candidatura ao Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais [PARES] e, depois de uma longa caminhada percorrida pela Direção desde a sua tomada de posse em 2006, a concretização do primeiro objetivo foi possível.

A 1 de setembro de 2014 o Pontão abriu as suas portas à comunidade. A instituição iniciou o funcionamento com a Creche e o Centro de Dia. Por mais turbulento que o caminho tenha sido, atualmente a instituição está de portas abertas, contando com uma massa associativa de quase 400 sócios. Quer a Creche quer o Centro de Dia já têm mais de 50% da capacidade ocupada.

## **4.2 Espaço físico**

Visto ser um espaço recente, a instituição dispõe de excelentes condições ao nível das infraestruturas e equipamentos. A instituição tem vários espaços internos comuns à Creche e ao Centro de Dia: área de atendimento; zona administrativa; cozinha; refeitório; lavandaria; zona de pessoal; wc's. No exterior existe uma horta, com uma dimensão considerável; várias zonas com assentos e espaços de convívio; zona de estacionamento da frota da instituição.

A Creche tem capacidade para 66 crianças e funciona num espaço que compreende as seguintes áreas: 2 berçários, equipados com copa e fraldário; 2 salas de 1 ano; 2 salas de 2 anos; wc; jardim interior; parque lúdico exterior.

O Centro de Dia tem capacidade para 30 idosos e conta com vários espaços: sala de convívio; zona de cuidados de beleza; sala de tratamentos e descanso; gabinete técnico; várias wc's, devidamente equipadas para apoiar todos os cuidados de higiene e imagem independentemente do grau de mobilidade dos idosos; jardim exterior.

## **4.3 Serviços e funcionamento**

Embora o Pontão disponha do serviço de Creche, este não será analisado dada a natureza da investigação incidir no Centro de Dia. Segundo a definição da Carta Social (2009) o Centro de Dia consiste:

Num equipamento aberto, meio caminho entre o domicílio e o internamento, assegurando a prestação de um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no meio sócio-familiar. Esta resposta social intervém ao nível da satisfação das necessidades básicas dos idosos, presta apoio psicossocial e fomenta as relações interpessoais a fim de evitar o isolamento.  
(p. 14)

O CD do Pontão funciona no período semanal, em horário diurno, das 9:00h às 18:00h. Atualmente conta com 17 idosos aos quais presta diversos serviços, nomeadamente: alimentação; apoio nos cuidados de higiene e imagem; tratamento de roupas; apoio na toma da medicação; transporte de casa para o CD e vice-versa; atividades de animação sociocultural, entre outros.

Para tal, existe uma equipa de profissionais que asseguram os diferentes serviços, nomeadamente: diretora técnica; auxiliares de geriatria; motorista; cozinheira; auxiliar de cozinha; auxiliar de serviços gerais (limpeza e lavandaria); rececionista; administrativa.

No que se refere à animação sociocultural, esta é entendida como um dos pontos fortes do Centro de Dia, pois é através das atividades de animação sociocultural que se promove a estimulação biopsicossocial dos idosos. O plano de atividades foi inspirado em Luís Jacob (2007), que recomenda sete facetas da animação a desenvolver num contexto institucional: animação física ou motora; animação cognitiva; animação através da expressão plástica; animação através da comunicação; animação associada ao desenvolvimento pessoal e social; animação comunitária; e, por último, animação lúdica.

A missão do Centro de Dia vai muito além da prestação dos serviços comuns, pois pretende-se que o CD seja promotor de uma maior qualidade de vida possibilitando, assim, a passagem pelo “outono da vida” da forma mais serena e feliz possível.

Para que tal missão seja possível, o CD do Pontão trabalha numa tentativa de minimizar os malefícios da institucionalização, nomeadamente a quebra das redes de sociabilidade. Desta forma, o CD intervém no âmbito da promoção das redes de sociabilidade dos idosos, pois é sabido que nenhuma instituição substitui a família, os amigos, os vizinhos, as relações de uma vida inteira.

É neste sentido que se pretende que o CD seja um espaço aberto à comunidade: por um lado, tornar-se-á uma extensão da própria comunidade e, por outro lado, ao promovermos a relação família – idosos estamos a promover a complementaridade de apoio entre família e instituição, no que se refere aos cuidados prestados ao idoso.

## **5. Interpretação dos resultados**

O presente capítulo será dividido em 3 seções principais para um melhor entendimento dos resultados alcançados nesta investigação. Inicialmente serão abordadas as políticas e práticas institucionais na relação dos idosos com as suas famílias, pois foi através da criação de uma política institucional que se tornou possível envolver os familiares e a comunidade na vida do Pontão. Seguidamente, será feita uma análise às histórias de vida dos idosos, uma vez que só conhecendo as suas estórias foi possível perceber a forma como se relacionam com as suas famílias. Por último, de forma a compreender as dinâmicas familiares dos idosos, serão apresentados os dados recolhidos através das outras técnicas de recolha de informação.

### **5.1. Políticas e práticas institucionais na relação dos idosos com as suas famílias**

Logo no início da investigação foi criada uma política institucional (anexo 1), que por conseguinte resultou em práticas institucionais, para promover o envolvimento dos familiares na vida institucional.

Desde o 1º dia de funcionamento do Pontão que foram testadas medidas para aproximar as famílias e a comunidade em geral da instituição, numa tentativa de minimizar as problemáticas institucionais, mais concretamente a desresponsabilização familiar e a quebra das redes sociais dos idosos.

O facto de termos posto em prática uma política de funcionamento desde o começo da investigação, influenciou a forma como as famílias e a comunidade em geral interagiram com a instituição. Os principais componentes desta filosofia institucional foram os seguintes:

#### **1. Abertura à comunidade**

Os objetivos centrais desta dimensão foram: evidenciar o princípio de gestão transparente; facilitar o acesso da comunidade à instituição; manter a comunidade em contacto com a instituição; dar a conhecer à comunidade os serviços da instituição; aproximar os familiares dos idosos.

Esta política foi o principal foco de toda a investigação, revelando desde logo a intenção de criar uma instituição aberta à comunidade. Acreditou-se que, através desta metodologia de intervenção, seria possível aproximar a comunidade da instituição, em

especial os familiares dos idosos. O princípio de gestão transparente ficou patente para todos pelo facto de não existir horário de visitas e de toda a equipa do Pontão estar disponível para receber a comunidade dentro da instituição, a qualquer hora, a qualquer momento. É preciso não esquecer que os familiares dos adultos mais velhos têm horários e vidas pessoais e profissionais muito diferentes. A existência de um horário fixo de visitas, prática comum em muitas instituições, embora facilite a organização do trabalho da equipa, obriga os familiares a adaptarem-se à instituição e aos seus horários. No Pontão, pudemos pensar ao contrário: a política de porta sempre aberta poderia permitir um acesso mais fácil aos familiares e um contacto mais assíduo com a instituição.

Foi com base nesta política que toda a investigação se desenvolveu. Para testá-la, numa dinâmica permanente de investigação-ação, foi necessário trabalhar um conjunto de medidas e procedimentos concretos (seguidamente apresentados) com vista a aproximar os familiares da instituição.

## 2. Aproximação comunitária

Esta dimensão tem como objetivos: manter as dinâmicas comunitárias no seio institucional; envolver a comunidade na vida institucional; evitar a diminuição das redes de sociabilidade; fomentar o sentimento de pertença à instituição; aproximar os familiares na vida institucional.

Pretendeu-se com a política de aproximação comunitária dar seguimento à política anterior. Quando as pessoas conhecem a instituição percebem que têm a possibilidade de se envolverem em variadas dinâmicas institucionais, o que as levará, em princípio, a sentirem a instituição como sua. De alguma forma, equivale a construir, ao longo do tempo, um maior e melhor sentimento de pertença dos familiares em relação ao Centro de Dia. Assim, foi possível promover a participação dos familiares em momentos importantes para os idosos (aniversários, dia do pai, dia da família) e nas atividades de animação sociocultural (festas temáticas, bailes, sessões de informação, passeios fora da instituição).

Através do envolvimento dos familiares, dos sócios e da comunidade em geral tentámos que as dinâmicas comunitárias não se perdessem com a institucionalização. Ao contrário, queríamos que os idosos e as suas famílias encontrassem na instituição uma extensão natural da comunidade, contribuindo-se, ao mesmo tempo, para a preservação das redes de sociabilidade dos idosos.

### 3. Voz ativa na instituição

Os objetivos principais a atingir com esta dimensão foram: permitir que os idosos decidam sobre os assuntos que lhes dizem respeito; fomentar o sentimento de pertença à instituição e ao grupo; aproximar a vida institucional da vida comunitária; diminuir conflitos; construir a identidade do grupo; fomentar o sentimento de pertença ao grupo; ter um plano de animação sociocultural com base nos interesses do grupo.

Esta política tinha como intenção a integração dos idosos na vida institucional, dando-lhes poder de decisão sobre os assuntos que dizem respeito à sua vida quotidiana. De referir que embora existam reuniões de caráter mensal predefinidas, a periodicidade das reuniões depende sempre das necessidades dos idosos. Caso não exponham os assuntos na reunião de grupo, têm sempre a possibilidade de reunir individualmente com a responsável, sem necessitar de marcação prévia. A nossa intenção é fazer com que os adultos sintam que a sua opinião é tida em conta e que fazem parte da vida da instituição.

Assim, entende-se que através da filosofia institucional focada na diminuição das problemáticas institucionais, o Pontão tentou fazer a diferença na sua metodologia de intervenção, desde que abriu portas à comunidade.

## 5.2 As histórias de vida dos idosos

Cada idoso trouxe consigo uma história de vida, da qual fazem parte os seus familiares, momentos de transições entre a juventude, a vida adulta e a vida depois da reforma. Todas as histórias são únicas, mas têm todas algo em comum que suscitou esta investigação: a institucionalização no Centro de Dia do Pontão.

Para compreender a relação entre as famílias e os idosos do CD foi necessário conhecer os idosos e as suas famílias; conhecer a forma como se relacionam; conhecer as suas histórias para compreender a forma como se relacionam; e ainda conhecer a transição entre a vida depois da reforma e a institucionalização.

Este subcapítulo poderia ser escrito homogeneizando a informação, falando de grupos e não de pessoas, através do uso da possível terminologia: homens e mulheres; gente do campo e da gente da cidade; solteiros, casados e viúvos; e assim sucessivamente. Porém, o que se pretende é falar das pessoas e do significado subjetivo das suas histórias, para melhor compreender as dinâmicas familiares e, por conseguinte, a forma como as famílias apoiam, ou não, os seus idosos dentro da própria família e da instituição. Assim

sendo, todas as estórias serão analisadas individualmente (ainda que de forma breve) para, posteriormente, ser exequível uma análise geral das relações entre os idosos e as suas famílias.

Estas estórias que se seguem foram obtidas através de duas fontes de dados diferentes: dados das entrevistas feitas aos familiares; e dados, vindos dos próprios idosos, maioritariamente narrações que produziram durante o *atelier* de Histórias de Vida.

Sr. Francisco

O Sr. Francisco integrou o CD do Pontão por este se localizar na sua área de residência, permitindo-lhe manter a autonomia sobre a sua vida. Frequentava um CD noutra freguesia do concelho e tinha horários a cumprir quanto ao transporte. Agora é o Sr. Francisco quem gere os seus horários, tem a possibilidade de entrar e sair no CD quando assim o entende, e ainda de fazer a sua caminhada (que tanto gosta) de ida e volta para a instituição.

A decisão pela institucionalização no CD do Pontão foi tomada pelo Sr. Francisco, sem qualquer interferência da família. Porém, a institucionalização no CD anterior foi a solução mais rápida encontrada pela família para que o Sr. Francisco não passasse o dia sozinho em casa. Morava com a filha mais nova no concelho de Almada e também lá frequentou um CD para não estar sozinho durante o dia, mas a relação com esta filha era bastante conflituosa e o Sr. Francisco chegou a acusar a filha de maus-tratos. Pediu várias vezes a esta filha que o trouxesse para a casa da filha Ilda, e assim foi. Sem aviso prévio a filha mais nova trouxe o Sr. Francisco para a casa da Ilda. Por sua vez, a Ilda, que também trabalha durante o dia, surpreendida com a chegada do pai, rapidamente procurou um CD (nota de campo 1).

A história do Sr. Francisco foi contada por ele (durante o atelier de Histórias de Vida) e pela filha Ilda (em entrevista e conversas informais), mas cada um conta-a de acordo com as suas próprias vivências e perspetivas subjetivas. Por um lado temos o Sr. Francisco, pai de 6 filhos, orgulhoso de os ter batizado e casado a todos com muito sacrifício. Embora a vida do campo fosse muito dura conseguiu, juntamente com a mãe dos seus filhos, criá-los a todos. Depois do falecimento da mulher, refez a sua vida com outra senhora até ter tido um AVC, e terem seguido vidas diferentes (nota de campo 10).

Por outro lado, temos a Ilda que relembra um pai violento para os filhos, e acima de tudo para com a pessoa mais importante na sua vida, a mãe. A Ilda não perdoa o

tratamento agressivo do pai, a violência que exercia sobre a sua mãe e a forma tão distinta como tratava a segunda mulher:

A primeira é a vassoura e a segunda é a grande senhora...o que ele fez aquela nunca fez há minha (mãe) ...ele refez a vida dele, porque não podia estar sozinho, tinha que ter uma companheira, mas quem fazia a lida da casa era ele, quando nunca tinha ajudado a nada, ele é que lavava uma loiça, ele é que punha a máquina a lavar, ele é que fazia as compras, ele é que tudo, onde nunca fez isso pela minha mãe. É a nossa revolta...foi ele nunca ter tratado a minha mãe como tratava aquela. (E5)

Esta mágoa resultou num relacionamento conflituoso e pouco afetivo entre a Ilda e o pai. Contudo, relacionamentos com ausência de afeto e carinho parecem ter sido adotados na forma como se relacionaram quer o pai com os filhos, quer os filhos com o pai. O facto do Sr. Francisco ter uma relação distante com a maioria dos filhos, leva a que estes, por sua vez, pouco apoio prestem à Ilda e pouca preocupação demonstrem no que se refere aos cuidados com o Sr. Francisco.

A falta de suporte por parte dos seus irmãos é um facto que causa grandes aborrecimentos à Ilda, pois o pai foi o mesmo para todos os filhos, mas os filhos não se relacionam de igual forma com o pai (nota de campo 27). Obviamente que a irmã mais nova que vive no concelho de Almada, depois da rutura na relação com o pai, em nada apoia a Ilda. A irmã Maria (que criou a Ilda desde pequenina) ajuda-a sempre que possível, apesar de residir no concelho de Faro. A irmã mais velha assume os cuidados ao Sr. Francisco quando a Ilda tem algum compromisso ao fim-de-semana, mas porque a Ilda assim o impôs à irmã “quando faz-me falta ir para algum lado... eu não o deixo com o meu marido, o meu marido não tem obrigação de cuidar dele, eu pego nele e vou pô-lo na casa da filha mais velha” (E5). A irmã Isa vive noutra concelho num 3º andar sem elevador, sendo impossível para o Sr. Francisco deslocar-se até lá. O irmão Manuel é viúvo e por uma questão de género não assume os cuidados.

As relações familiares mais próximas que o Sr. Francisco tem são com a filha Maria, com o Manuel e com a Ilda. O relacionamento da Ilda com o pai não se rege pelo carinho, mas pela obrigação de prestar cuidados:

Faço por obrigação... porque... não tenho possibilidades de pôr num Lar, se um dia chegar à altura a Segurança Social ajuda. Eu um dia mais tarde tenho que o pôr num Lar, um dia que ele me caia eu tenho que o pôr num Lar... enquanto ele se movimentar tá, quando ele não tiver mobilidade tenho que procurar um Lar. (E5)

Todavia, quando fala da postura agressiva do pai, em relação aos filhos, a Ilda também o desculpa dizendo que a forma de lidar com os filhos naquela altura era diferente dos dias de hoje. Mas o facto do Sr. Francisco não admitir este seu comportamento violento e agressivo do passado causa uma irritação extrema na Ilda (nota de campo 9).

A forma revoltada como a Ilda fala do pai é bem diferente do tom carinhoso que usa quando fala da mãe, mas ainda assim a Ilda assumiu os cuidados ao pai respeitando a vontade deste em ficar consigo. Para que fosse possível ficar com o pai a Ilda teve que reestruturar a sua vida e a sua casa. Mobilou um quarto para o pai, procurou um centro de dia, cuida-lhe da roupa, assume as despesas da alimentação e dos produtos de higiene e gere-lhe a reforma de maneira a pagar o CD, a medicação e dar algum dinheiro ao Sr. Francisco para que ele o possa gerir durante o mês.

A Ilda está presente no quotidiano da vida do pai e na sua vida institucional também. Desde setembro de 2014 (data em que foi admitido no CD) até abril de 2015 (data de término do trabalho de campo da presente investigação) o Sr. Francisco teve um total de 17 visitas, sendo estas na sua grande maioria todas feitas pela Ilda. É necessário perceber que a Ilda está com o pai quando este não está no CD e que moram na mesma rua da instituição, pelo que a Ilda não visita o pai pelo simples ato de o visitar e passar algum tempo em família. A Ilda frequenta o CD por outras razões, nomeadamente para fazer o pagamento da mensalidade, para reunir com a diretora técnica, para atualizar as dosagens da medicação ou quando lhe é solicitado que o faça. Nunca participou em nenhuma atividade de caráter familiar, mas no aniversário do pai trouxe um bolo para o CD e cantou-lhe os parabéns juntamente com todo o grupo de idosos e equipa do Pontão (procedimento efetuado para todos os idosos quando festejam o aniversário).

A relação entre o Sr. Francisco e os seus familiares é fruto de um passado que fala por si. As relações são baseadas na preocupação para com o essencial e não com as emoções e sentimentos. Foi assim que os filhos do Sr. Francisco cresceram, foi assim que o Sr. Francisco se relacionou com os filhos desde sempre. É muito difícil que um contexto institucional altere esta dinâmica familiar, pois há uma história por detrás dela. O CD do

Pontão pode proporcionar momentos de convívio entre os familiares, mas dificilmente alguém estará presente, para além da Ilda. Esta, por sua vez, deixa claro que envolve-se na vida institucional por gostar de participar nalgumas iniciativas promovidas pela instituição, caso contrário não o faria, preferindo dedicar o tempo livre aos filhos e às netas.

A Ilda dá ao pai aquilo que consegue, porém o Sr. Francisco nada lhe exige. Como é evidente o Sr. Francisco diz ser feliz no seu atual contexto familiar e institucional, sendo assim que quer viver a sua vida, ou seja, de dia no centro de dia e depois com a família da sua filha Ilda.

Apesar de não admitir a postura no passado, a verdade é que o Sr. Francisco respeita na íntegra a vontade da filha Ilda e a sua postura com a filha é quase de submissão, pois reconhece que foi a única filha que o aceitou dentro da sua própria casa. É evidente a gratidão do Sr. Francisco para com a filha e, segundo a Ilda, não quer morar com nenhum outro filho “ele só quer ficar comigo...ele chorou, ele implorou para não o levar dali, para não o tirar dali que queria passar o resto da vida dele ali” (E5).

Importa mencionar que no CD o Sr. Francisco tem uma postura autoritária com as pessoas com quem se relaciona. Na maioria das vezes quer assumir o controlo destes relacionamentos e da forma como o grupo interage entre si. Provavelmente, este controlo que o Sr. Francisco anseia não lhe é permitido na sua vida fora do CD, procurando-o noutras relações com pessoas de quem a estabilidade da sua vida não depende.

#### Sr. António e D. Lúcia

A história do Sr. António e da D. Lúcia é contada por ambos e pela filha Mafalda. O casal foi admitido no CD pois a D. Lúcia sofre da demência de Alzheimer. A doença está numa fase que impede a D. Lúcia de ter uma vida sem limitações. As frequentes perdas de memória e cenários de desorientação espaço-temporal, tornam impossível a vida do casal no contexto habitacional. Por sua vez, o Sr. António não aceita nem compreende a doença da esposa (apesar das inúmeras explicações) e reage mal ao comportamento da D. Lúcia.

O casal tinha apoio de outra entidade ao nível da alimentação, mas o Sr. António nunca gostou da qualidade do serviço, pelo que quando a família teve conhecimento que o CD ia abrir (através de um primo que faz parte da Direção da instituição), viu no Pontão a solução para o problema em que o casal vivia. Quando a filha Mafalda falou com o Sr. António sobre a possível integração no CD este não hesitou em aceitar: por um lado,

a esposa teria o devido acompanhamento, por outro lado, o Sr. António passaria a ter um objetivo diário, uma rotina muito para além da atual que se restringia à preocupação com a esposa.

O casal está perfeitamente integrado no CD e tem ainda o suporte das duas filhas que diariamente intercalam o apoio aos pais:

Todos os dias temos que ir lá, hoje calha-me a mim amanhã calha a minha irmã... de manhã para a vestir, portanto ela dormiu lá ontem a noite...depois no outro dia de manhã despacha-a para ela vir para cá e pronto, temos feito assim. Hoje calha-me a mim, tenho que ir recebê-los à tarde...tenho que lhe ir dar o apoio, ir dar o iogurte, pronto essas coisas todas, tenho que lhe dar o jantar, tenho que depois ir a casa de banho com ela e lavá-la para a deitar e quando ela estiver deitada é que posso ir embora para a minha casa, só no outro dia de manhã é que vou levantá-la. Quando não sou eu, está a minha irmã. (E9)

Embora seja visível a dinâmica familiar de apoio nos cuidados, é difícil perceber algo para além disto. Quer o casal quer as filhas são pessoas muito reservadas e de poucas palavras. Nota-se um distanciamento emocional entre os pais e as filhas que pode ser analisado sob duas perspetivas. Primeira, a doença da D. Lúcia rouba-lhe a identidade e as filhas vão progressivamente “perdendo a mãe” que sempre conheceram. Segunda, o Sr. António passou a vida emigrado estando com a família apenas duas vezes por ano, nas férias de verão e do natal, mais concretamente 15 dias no mês de agosto e 15 dias no mês de dezembro. Durante 20 anos o Sr. António viveu sozinho em França, afastado da família. Antigamente a comunicação não era tão fácil como atualmente, e os anos que este emigrado impossibilitaram o Sr. António de acompanhar o crescimento das filhas e de viver o seu casamento com a D. Lúcia.

A Mafalda recorda uma vida sem o pai e uma mãe trabalhadora que abandonou todas as suas atividades e interesses com o regresso do marido. Até então, a D. Lúcia dedicava-se ao trabalho no campo, à lida da casa, ao apoio que prestava aos seus pais, às filhas e, mais tarde, aos netos.

A ausência do Sr. António na vida familiar está presente até na linguagem que a Mafalda utiliza para contar a história dos pais, por exemplo: a casa da mãe, e não a casa dos pais. Recorda os passeios com a mãe, o dia-a-dia de brincadeira com a irmã, as longas

caminhadas a pé até à cidade de Tavira, recorda uma vida vivida a 3 (a Mafalda, a mãe e a irmã). Os poucos momentos em que fala do pai remontam à época natalícia e ao mês de agosto, mas poucas histórias há para recordar - apenas que quer a Mafalda quer a Lara tiveram que casar no mês de agosto, para o pai poder estar presente. De referir, ainda, que a primeira memória da Mafalda do pai foi quando este anunciou a sua partida para França, tinha a Mafalda 5 anos de idade.

A emigração do Sr. António marca a história desta família, pois a D. Lúcia ficou a viver mais de 20 anos sozinha com as filhas. Mas também o seu regresso marca outra transição na dinâmica familiar. Com o regresso do Sr. António, a D. Lúcia passa a viver apenas para o casamento, distanciando-se de toda a vida que levava até então. Na perspetiva da Mafalda, esta rutura com um quotidiano tão ativo impulsionou, mais rapidamente, a doença da D. Lúcia (Alzheimer).

Posto isto, apesar do distanciamento emocional já referido e analisado, é perceptível que existe uma dinâmica familiar baseada na prestação de cuidados ao casal, pois ambas as filhas estão presentes diariamente na vida dos pais, quer no contexto habitacional quer no contexto institucional. Desde setembro de 2014 (data de admissão do casal no CD) a abril de 2015 o casal teve 34 visitas dos seus familiares, sobretudo da filha Mafalda e do neto Tomás, que vivem perto da instituição. A Lara apesar de residir no concelho de Castro Marim participa sempre nas atividades abertas à comunidade, de caráter familiar e de comemoração de datas festivas.

O casal está feliz pois não só tem o suporte do CD, no qual estão perfeitamente integrados, como contam com o apoio diário das filhas. Esta complementaridade de apoio permite ao casal continuar a viver no seu contexto de residência.

#### D. Alice e Sr. Simão

A história do casal D. Alice e Sr. Simão, contada por ambos e pela filha Elsa, parece mais complexa de analisar. O casal sempre viveu na serra da Conceição de Tavira, tiveram 3 filhos (o Bruno, a Elsa e a Natália) e enquanto a D. Alice sempre se dedicou à lida da casa e aos filhos, o Sr. Simão sempre se dedicou ao trabalho como construtor civil e ao trabalho no campo. A D. Alice teve sempre uma saúde física e psicológica muito frágil, mas o Sr. Simão foi sempre um homem de postura forte, com uma vida muito ativa, trabalhando 7 dias por semana.

A Elsa e a Natália residem no concelho de Faro, enquanto o Bruno mora a escassos quilómetros dos pais, mas apenas as duas filhas prestam apoio aos pais. O filho está

distante da família e não se envolve no cotidiano dos pais, nem nas decisões que dizem respeito à vida dos pais.

A preocupação da Elsa e da Natália com os pais era enorme, porque passavam os dias sozinhos na serra. A saúde da D. Alice agravava-se a cada dia, bem como o problema de alcoolismo do Sr. Simão.

A D. Alice foi admitida no CD em setembro de 2014 pois estar em casa já não era seguro para a sua própria saúde: está numa cadeira de rodas por nunca ter recuperado de uma operação aos joelhos. O apoio de uma vizinha nos cuidados de higiene matinais e do Sr. Simão, que deixou de trabalhar para ser o cuidador da esposa, revelaram-se insuficientes pois o Sr. Simão passava mais tempo na horta e nos cafés do que em casa. A D. Alice ansiava por independência e foram várias as vezes que tentou levantar-se e caía, ficando assim longas horas até ser auxiliada.

A institucionalização foi sugerida pela filha Elsa e foi recebida de muito bom grado pela D. Alice, que viu no CD a solução para o seu problema. Porém, o Sr. Simão não aceitou ser integrado no CD, porque considerava-se demasiado autónomo para precisar de um apoio formal.

A D. Alice integrou-se na perfeição e sempre gostou de estar no CD, mas vivia angustiada por saber que enquanto estava no CD o seu marido estava sozinho algures pelas serra, ou pior, a beber. Desde o início que a D. Alice apresentava um quadro de sintomatologia depressiva, derivado da perda da mobilidade e do afastamento do filho. O estar dependente de terceiros altera o sistema nervoso da D. Alice e põe em causa o seu bom humor.

A preocupação das filhas, face à solidão do pai, não era menor. Embora a D. Alice tivesse apoio, o Sr. Simão continuava sozinho sem qualquer suporte:

Foram três meses de solidão que eu telefonava-lhe, às vezes, duas e três vezes por dia e o meu pai chorava ao telefone, dizia-me assim “aqui estou sozinho sem ver ninguém, ainda hoje não vi ninguém” e eu dizia-lhe “então pai convença-se que você tem que ir com a minha mãe” – “e as coisas aqui quem faz?” e eu digo assim “mas você também já não as fazia, deixe estar logo faz no fim-de-semana, eu quando for aí faço, eu ajudo”, e ele veio mesmo quando...quando a solidão realmente pesou mais. (E3)

Em novembro de 2014 o Sr. Simão foi admitido no CD e os primeiros tempos foram difíceis devido ao problema do alcoolismo, mas com acompanhamento médico foi possível ultrapassar esta fase e hoje o Sr. Simão está integrado no CD.

Apesar de viverem longe dos pais, a Elsa e a Natália estão muito presentes no dia-a-dia do Sr. Simão e da D. Alice e organizam as suas vidas em função das necessidades dos pais. A Natália apoia os pais aos fins-de-semana e a Elsa (trabalha por turnos com horários rotativos) passa as suas folgas na casa dos pais. Assim, as filhas prestam todos cuidados necessários ao casal, desde o apoio na alimentação, cuidados de higiene e imagem (o casal não os faz no CD, apenas em casa com as filhas), gestão da vida doméstica, manutenção da horta do casal e ainda apoio na organização financeira.

Para além deste apoio familiar, o casal conta ainda com o apoio de uma vizinha nos cuidados matinais à D. Alice, financiados pela filha Elsa. Desta forma, as filhas garantem um apoio diário e continuado aos pais através do apoio do CD, do apoio da vizinha e dos cuidados intercalados entre ambas.

Desde setembro de 2014 a abril de 2015 o casal teve 30 visitas dos seus familiares, maioritariamente da Elsa. A filha e o neto da Elsa também já visitaram o casal, mas é muito raro receberem visitas de outros familiares. A filha do Bruno frequentava assiduamente o CD mas com o objetivo de visitar a avó materna, que viria a falecer em janeiro de 2015. Desde então, são raras as visitas que faz aos avós paternos.

Segundo a Elsa, nunca houve razão para o afastamento e desinteresse familiar do irmão, apenas refere que o Sr. Simão sempre ajudou muito o filho mas que houve um dia que teve de negar ajuda financeira e, desde então, a relação familiar alterou-se. Porém, o casal não fala do afastamento e quando a D. Alice está mais frágil e tenta abordar o assunto o Sr. Simão diz-lhe sempre que não é um assunto para abordar no CD. Nada na história do casal justifica o afastamento do filho apenas a versão da Elsa, pois o casal sempre foi presente na vida dos filhos.

A Elsa relembra a mãe sempre doente, com a necessidade de controlar o marido e manipuladora face aos seus desejos e interesses. Desde sempre que a D. Alice é insatisfeita com o que tem, desejando sempre aquilo que não tem. A personalidade da D. Alice é complexa e causa-lhe alguns dissabores com o Sr. Simão, pois facilmente entram em conflito. A D. Alice quer mandar no marido e este nem sempre cede às suas vontades. Apesar de atualmente o casal ter uma vida menos conflituosa, a Elsa ainda tem muito presente os conflitos entre o casal derivados da personalidade da mãe e, mais tarde, o alcoolismo do pai.

É notável no discurso da Elsa a admiração e respeito que tem pelo pai, ao contrário do tom cansado que utiliza para se referir à mãe. De facto, a Elsa cuida da mãe desde que se lembra, por outro lado, vê no pai um homem muito trabalhador que nunca deixou faltar nada aos filhos. Apesar de ser pouco dado ao afeto, o Sr. Simão sempre foi um pai presente na vida dos filhos.

Perante este cenário, é perceptível que a Elsa e a Natália tenham todos os cuidados para com os pais pois, na perspetiva da Elsa, o casal sempre apoiou todos os filhos na medida do que lhes foi possível. Existe um sentimento de reciprocidade no ato de cuidar e a dinâmica familiar rege-se sobre isso. Os pais cuidaram os filhos, agora são as filhas que cuidam dos pais. As filhas não só assumem os cuidados, como têm uma relação conflituosa com o irmão, por este não se envolver na vida familiar nem revelar preocupação com os cuidados aos pais.

Apesar do distanciamento do filho (a informação que temos não nos permite entender concretamente o seu fundamento), o casal vive uma vida plena pois tem o suporte das filhas, da vizinha (quando as filhas não estão) e do CD. Novamente se conclui que a complementaridade de apoio (CD e filhas) possibilitam ao casal continuar a viver na sua casa, naquele que toda a vida foi o seu contexto de residência.

#### D. Luísa

A história da D. Luísa é, provavelmente, a mais peculiar em análise, não só pela forte personalidade da D. Luísa, como também pela dinâmica familiar que sempre foi e é tão centrada em si própria. A sua história é contada por si e pela sua filha, com quem vive há mais de 14 anos.

A D. Luísa viveu sempre em Cabanas de Tavira e, desde cedo, era a “menina” da sua mãe que fazia questão de a mimar e de a proteger de tarefas árduas e da lida da casa. Mais tarde, o cenário repetiu-se e continuou a ser mimada e protegida mas desta vez pelo seu marido, o Sr. Bento, com quem teve dois filhos, a Ana e o Elias.

A D. Luísa orgulha-se da sua juventude, gosta de contar as estórias de quando dançava nos bailes, da sua beleza e altivez na época, e de quando passeava com o marido. A sua vida mudou radicalmente quando, ao fim de 36 anos de casamento, foi traída e abandonada pelo marido (nota de campo 10).

Este acontecimento marcou a D. Luísa até aos dias de hoje, pois nunca perdoou o Sr. Bento e prova disso foi ter-se recusado sempre a assinar os papéis do divórcio, impossibilitando assim o marido de voltar a casar com a senhora com quem a traiu.

Seguindo a via jurídica o divórcio acabou por se concretizar mas, no dia em que tal aconteceu, a companheira do Sr. Bento faleceu e nunca chegaram a casar.

A D. Luísa nunca aceitou o fim do casamento e por isso achou-se vitoriosa com este desfecho: “ela nunca aceitou que o meu pai a tivesse trocado por outra... no dia que era para ser o divórcio foi no dia que a mulher morreu... ah atão é que ela ficou contente” (E8). Não obstante, a sua personalidade tão altiva e a sua forma de estar na vida sempre tão forte e superior, nunca mostraram o sofrimento que passou aquando do fim do casamento. Este acontecimento levou a que a D. Luísa alterasse o seu contexto habitacional, passando a residir com a filha. Até então, nunca havia morado sozinha. Como os seus irmãos queriam vender a casa onde residia, que pertencia aos seus pais, a D. Luísa construiu um anexo sobre a casa da filha com quem vive até aos dias de hoje.

Durante 14 anos a D. Luísa viveu a vida da filha, pois a Ana levava a mãe consigo para qualquer lugar que fosse “a minha vida com a minha mãe é assim...onde eu ia... a minha mãe vai comigo, eu ia, era a minha filha mais velha” (E8). Porém, a Ana já cuidava da mãe ainda antes de viver com ela, pois quando havia conflitos entre a D. Luísa e o Sr. Bento era sempre a filha que intercedia para apaziguar a relação entre o casal. Desde que se lembra que a Ana cuida da mãe, mas esta situação torna-se mais evidente desde que casou e saiu da casa da mãe, passando a viver com mais intensidade a vida da mãe.

A relação entre a D. Luísa e a Ana é complexa pois se, por um lado, a D. Luísa gosta das atenções e dos cuidados centrados em si mesma, por outro lado, a Ana tem uma necessidade imensa de se afirmar como cuidadora da mãe.

O Elias tem uma postura diferente da irmã no que se refere aos cuidados com a D. Luísa. Não assume os cuidados à mãe na íntegra como a Ana, quer por uma questão de género quer por residir noutra habitação - mas não obstante, é muito mais afetuoso e carinhoso com a D. Luísa quando a visita. O facto de mãe e filha morarem juntas há tantos anos é mais propício a conflitos relacionais entre ambas, do que com o Elias, que visita a D. Luísa esporadicamente.

Apesar dos filhos terem personalidades e posturas distintas, a D. Luísa sempre teve a sua personalidade e vontade muito vincada. Habituada, desde sempre, a ser o centro das atenções e a ser cuidada pelos outros, não só nunca perdoou o Sr. Bento como sempre exigiu à filha e à neta que os cuidados, o apoio e o afeto fossem direccionados para si própria e nunca para o Sr. Bento, mesmo quando este mais precisou.

Estas “exigências” da D. Luísa só se verificam no contexto habitacional com a Ana e com a neta (filha da Ana que a D. Luísa ajudou a criar), podendo ser analisadas

quase como um pedido de atenção e de proteção a que toda a sua vida esteve habituada. Com a família do seu filho a D. Luísa mantém algum distanciamento no que se refere às suas próprias fraquezas emocionais. Está claro, que só as mostra às pessoas com quem tem maior proximidade e à vontade, neste caso, a filha e a neta. Com todos os seus outros familiares (filho, nora, netas, primas, sobrinhas, etc.) e até mesmo com o marido da Ana e o filho desta, assume a postura de mulher forte que mantém com todas as pessoas com quem se relaciona no seu quotidiano.

Todavia, esta postura ativa começou a dar sinais de fraqueza quando a sua saúde piorou, impondo algumas limitações à D. Luísa, facto que até hoje não aceita com naturalidade. Como tal, a Ana sugeriu à mãe a institucionalização no CD de maneira a estar acompanhada durante o dia, a conviver com outras pessoas e, ainda, como forma de diminuir a sobrecarga a que a M<sup>a</sup> Tersa estava exposta, pois já não conseguia gerir a sua vida profissional e os cuidados à mãe.

A D. Luísa via a institucionalização como um pedido de apoio, como algo que apenas pessoas incapazes precisam, não aceitando as perdas próprias da idade e do seu estado de saúde. Porém, após visitar o CD mudou radicalmente a sua opinião, segundo a filha “depois veio e gostou muito “ah, eu gostei”, mas ela ao gostar ao mesmo tempo dizia “aquilo não é nenhum lar...”, ela não quer ir é para o lar” (E8).

Atualmente é das pessoas que está melhor integrada, quer a nível institucional quer a nível de suporte familiar. Desde setembro de 2014 (data em que foi admitida no CD) a abril de 2015 teve 59 visitas, 1 contacto telefónico e 1 presença numa atividade da Direção no exterior.

Importa mencionar que a D. Luísa tem o dobro das visitas de outros idosos e até mesmo o triplo, ou mais, das visitas de alguns. As visitas que recebeu foram maioritariamente da filha. A Ana é a pessoa que mais visita o Pontão: telefona quando a D. Luísa vem de manhã com tosse só para saber como está a mãe; participa em todas as iniciativas do centro de dia e da instituição no geral, estando sempre presente na vida institucional da mãe. A D. Luísa é, não só, a pessoa com mais visitas contabilizadas como a que teve mais familiares de diferentes relações de parentesco a visitarem-na. Todas estas relações familiares são claramente de cuidado e de preocupação para com a D. Luísa, como sempre foram a vida toda.

O cuidado extremo que a Ana dedica à mãe leva a que entenda que o seu irmão poderia apoiá-la muito mais, pois é a Ana que assume todos os cuidados à mãe, estando a sua própria vida preenchida pela preocupação constante que tem com a mãe. O CD

funcionou como um “calmante” para a Ana, pois no período diurno não está constantemente preocupada com a mãe. Considera, ainda, que houve uma melhoria no seu relacionamento com a D. Luísa, visto que antes da admissão no CD a relação mãe/filha era muito conflituosa. Segundo a Ana, a D. Luísa nunca estava satisfeita com os cuidados que esta lhe prestava e, como é óbvio, a Ana considera que sempre fez e faz tudo o que está ao seu alcance pela qualidade de vida da mãe, sacrificando-se diariamente para a conseguir apoiar em todas as dimensões possíveis. Se, por um lado, a D. Luísa aprecia ter este tratamento por parte da filha, por outro lado, a Ana orgulha-se de ser a própria a prestar este apoio. Tanto a D. Luísa está habituada a ser cuidada por todos, como está a Ana a ser a pessoa que cuida de todos, a ser o pilar da família, considerando-se como a “mártire” que se sacrifica em prol da dinâmica familiar atual.

Posto isto, não se pode considerar que exista um afastamento do filho e da sua família (mulher e filhas), pois comparar a relação da D. Luísa com o filho e comparar a relação que tem com a filha, não só é descontextualizado como despersonalizado, pois ambos encaram os cuidados à D. Luísa de forma muito distinta.

Toda a dinâmica familiar da D. Luísa girou sempre à sua volta, dando sempre resposta ao que foram as suas necessidades e interesses, o que se reflete até aos dias de hoje. De uma forma geral, a D. Luísa é muito mimada, adorada e protegida por todos os seus familiares, obviamente em especial pela filha Ana.

#### D. Arminda

A história da D. Arminda, contada pela própria e pela sua filha M<sup>a</sup> João, é muito distinta da anterior. A D. Arminda sempre viveu na serra da Conceição de Tavira, é casada e teve três filhos. Dedicou-se sempre à vida do campo, assim como o seu marido, que esteve emigrado durante alguns anos, sem que a vida do casal parecesse afetada pelo facto. Embora a M<sup>a</sup> João se lembre da mãe alegre e brincalhona, na realidade as lembranças mais comuns são de uma mãe muito sofrida, triste e abatida pelas fatalidades que vivenciou ao longo da sua vida.

A D. Arminda é uma senhora muito humilde e a postura sofredora deve-se a dois acontecimentos que marcaram a sua vida até aos dias de hoje. O primeiro diz respeito ao nascimento inesperado do último filho, que sofre de problemas do foro psicológico. O segundo está relacionado com a perda do filho mais velho, que faleceu em idade adulta num trágico acidente de viação. É sabido que a perda de um filho é algo que dificilmente se ultrapassa, porém a vida de sacrifício que a D. Arminda e o seu marido têm tido com

o filho mais novo contribui, e muito, para a tristeza constante em que a D. Arminda vive (nota de campo 4).

A M<sup>a</sup> João vive lado a lado com os pais e desde sempre que assistiu aos comportamentos do irmão, que vive da reforma dos pais e da pensão de invalidez que lhe foi atribuída. Não obstante os problemas do foro psicológico, existe ainda um historial de vícios, como o alcoolismo entre outros. Para a M<sup>a</sup> João é extremamente difícil gerir a sua vida pessoal, os cuidados aos pais, mais propriamente à D. Arminda, e ainda a preocupação constante com o irmão.

A institucionalização no CD, embora sugerida pela equipa de enfermagem que acompanhava a D. Arminda aquando o seu internamento na UCC de Tavira, foi recebida por todos de bom grado. O marido da D. Arminda é muito autónomo, viu na institucionalização da esposa a possibilidade de voltar a cuidar da horta e da casa de ambos com tranquilidade pois sabia que a D. Arminda tinha o apoio que necessitava. A M<sup>a</sup> João entendeu-a como um apoio nos cuidados à sua mãe. Para a D. Arminda, foi percebida como um refúgio dos seus problemas familiares com o filho mais novo.

Os conflitos familiares derivam do facto de a D. Arminda proteger acima de tudo o seu filho, pois desde sempre que, no seu entender, o filho é diferente e não pode ser tratado como se não o fosse. O marido da D. Arminda e a M<sup>a</sup> João têm uma maneira distinta de olhar para a realidade familiar em que vivem e facilmente entram todos em conflito. Para a M<sup>a</sup> João, os momentos mais apaziguadores da sua vida ocorrem quando o irmão está internado em tratamento intensivo para a desintoxicação. É-lhe difícil admitir e quando o faz emociona-se, mas desde que apoia mais intensamente a mãe, a M<sup>a</sup> João vive numa sobrecarga familiar demasiado pesada para a sua capacidade física e psicológica.

A integração no CD foi uma mais-valia para todos e a família considera que os conflitos familiares diminuiram. Lidar diariamente com as discórdias entre os filhos e o marido, era algo que punha em causa a saúde, já frágil, da D. Arminda. Desta forma, a dinâmica familiar melhorou ligeiramente com a institucionalização, embora a forma de viverem em família seja a mesma desde sempre. Desde que a M<sup>a</sup> João se recorda que todos os elementos da família vivem preocupados com o irmão mais novo e menciona ainda que atualmente estão todos cansados dos conflitos com este irmão. Todavia, é sobre a M<sup>a</sup> João que recai a maior responsabilidade, pois é quem assume os cuidados à mãe e quem ampara o irmão.

A D. Arminda está integrada no CD desde outubro de 2014. Mantém uma postura pacata e tímida, mas por vezes mostra-nos o seu sorriso e até já lhe ouvimos uma ou outra gargalhada. Sem dúvida que houve melhorias na sua vida desde que está no CD, não só a nível dos relacionamentos familiares mas também a nível da saúde, do estado de humor e até da preocupação com a sua imagem. Desde a data da sua admissão até abril de 2015 teve 8 visitas e 3 contactos telefónicos, sendo estes contactos maioritariamente efetuados pela filha e pelo marido.

A M<sup>a</sup> João lamenta não estar mais presente na vida institucional da mãe, mas a escassa rede de transportes públicos na zona e a ausência de um transporte particular impedem-na de o fazer. Contudo, apesar de não terem transporte, quer a filha quer o marido da D. Arminda, participam na vida institucional sempre que lhes é possível. Nas atividades em que se festejam datas comemorativas, tanto a M<sup>a</sup> João como o marido da D. Arminda, estão presentes pois as suas redes de vizinhança funcionam como um real suporte social. Os vizinhos, que também têm familiares no CD, apoiam a M<sup>a</sup> João e o marido da D. Arminda no transporte desde a serra (onde todos moram) até à instituição.

Na medida do que é possível, o CD apoia a D. Arminda e os seus familiares, numa tentativa de apaziguar o sofrimento emocional da D. Arminda.

Sr. Miguel

A história do Sr. Miguel tem uma grande carga emocional. O Sr. Miguel é daqueles seres humanos que vale a pena conhecer. Frequentemente somos contagiados pela sua humildade, pela sua coragem e acima de tudo pela sua capacidade de resiliência.

A história de vida do Sr. Miguel é contada pelo próprio no *atelier* de histórias de vida. A institucionalização do Sr. Miguel e o que esta transição abarca, é contada pela nora mas, de forma a ser possível analisar as dinâmicas familiares atuais, é necessário conhecer a história deste senhor desde o seu início.

O Sr. Miguel não cresceu numa casa com os pais. A mãe teve que assumir o filho sozinha, pois o pai não o reconheceu como filho. As dificuldades em que viviam levou a mãe do Sr. Miguel a deixá-lo aos cuidados de uma senhora que vivia sozinha numa fazenda. O Sr. Miguel cresceu a trabalhar em fazendas para ter o que comer, desde tenra idade e caso não executasse as tarefas na perfeição era espancado pelos patrões. Tentou, várias vezes, fugir desta vida mas era uma criança e não conseguia encontrar o caminho de volta para casa. Foi através de uma passagem pela vida no Circo que deixou a escravatura em que vivia. Esteve emigrado em França, mas foi em Portugal que descobriu

o seu talento. Foi na construção civil que o Sr. Miguel percebeu que conseguia fazer arte com as suas mãos e ajudou a requalificar todos os castelos da zona do Algarve (nota de campo 23).

O pouco que conta da vida familiar restringe-se ao casamento e ao nascimento dos seus dois filhos. Atualmente é viúvo e um dos filhos está emigrado na Suíça, enquanto o outro filho mora no concelho de Tavira. O Sr. Miguel viveu desde então sozinho na serra, a mais de 15 quilómetros da cidade de Tavira, contando com o apoio do filho, ou da nora, ou do neto sempre que necessita.

Embora já equacionasse a possibilidade da institucionalização, dado que vivia cada vez mais só e a sua saúde estava cada vez mais fraca, o CD do Pontão foi-lhe apresentado pela nora - os seus pais frequentam o CD desde a data em que este abriu portas à comunidade (Sr. António e D. Lúcia). O Sr. Miguel aceitou de bom grado a sugestão da nora, pois viu no CD o apoio diurno que lhe faltava, quer ao nível da alimentação, do tratamento de roupas, do apoio na toma da medicação e do convívio com outras pessoas, para além dos poucos vizinhos que lhe restam no monte em que vive.

O Sr. Miguel é das pessoas cuja vida deu a maior volta desde que está integrado no CD, pois passou de um viúvo solitário a um homem com uma alegria imensa. As melhorias na vida do Sr. Miguel são visíveis, principalmente ao nível da saúde e dos cuidados com a sua imagem. Atualmente o Sr. Miguel gere a sua vida na perfeição, entre o dia-a-dia no CD e o seu contexto de residência. É autónomo na forma como organiza o seu tempo, as suas economias, os passeios pela cidade na sua motorizada, entre outros aspetos inerentes ao seu quotidiano.

É um homem feliz, porque não exige nada a ninguém, nem espera que façam por ele o que quer que seja. O filho, a nora e o neto é que entendem que devem apoiá-lo nas suas poucas limitações, por exemplo ir a uma consulta médica ao Centro de Saúde, ou ao Hospital de Faro.

Desde que foi admitido no CD a abril de 2015 teve 21 visitas e 1 contacto telefónico, sendo estas maioritariamente do filho, da nora e do neto. É difícil analisar uma dinâmica familiar quase inexistente. Facilmente se percebe que as visitas que teve foram maioritariamente com o objetivo de o acompanharem a unidades de saúde, ou porque algum dos seus familiares veio ao CD com o intuito de visitar os seus compadres e, por conseguinte, visitou também o Sr. Miguel.

Para além das poucas visitas para o puro convívio familiar, é necessário mencionar ainda mais dois aspetos que explicam a fraca dinâmica familiar. Na admissão do

Sr. Miguel, quando solicitado ao seu filho e à nora a identificação da pessoa de referência (supostamente a pessoa mais próxima do idoso, que será parte integrante contrato de prestação de serviços e a pessoa a quem contactar em caso de emergência) o filho referenciou a esposa. Ou seja, a pessoa de referência do Sr. Miguel é a nora, uma vez que por uma questão de género o filho do Sr. Miguel entendeu que essa responsabilidade cabia à sua esposa. Assim, quando os familiares foram convidados a participar na investigação através das entrevistas, a Mafalda foi contactada e embora hesitante, aceitou. Porém, durante a entrevista foi perceptível que a Mafalda conhece a história do sogro numa perspetiva muito superficial e distante, restringindo-se a maioria da entrevista à transição entre a vida depois da reforma e a institucionalização e os benefícios desta na vida do Sr. Miguel.

A família do Sr. Miguel é pequena (metade está emigrada) e o apoio que lhe prestam é mínimo. Parece não necessitar de mais, porque é um homem independente quer de cuidados quer de afeto familiar. Os seus familiares também são pessoas reservadas, sendo difícil identificar o afeto e o carinho nas relações familiares do Sr. Miguel. A realidade é que o Sr. Miguel passou grande parte da sua vida sem relações familiares e os seus familiares mais próximos, além das personalidades distantes, têm as suas vidas para gerir. É portanto compreensível que exista um afastamento emocional familiar. Este distanciamento pode ser fruto da história do Sr. Miguel que é pouco dada a atos de carinho. O Sr. Miguel confrontou-se demasiadas vezes com a solidão, com o abandono e com a violência, mas poucas vezes conheceu o amor, o carinho, o afeto.

Contudo, não é só a sua história que dita a sua forma de vida atual, pois embora viva privado de relações familiares afetuosas (como sempre viveu), o Sr. Miguel conseguiu descobrir um mundo para além daquele que lhe apresentaram até à idade jovem-adulta. Por exemplo, criou e educou os filhos de uma forma que nunca ninguém lhe apresentou. A sua capacidade de resiliência face à forma violenta como cresceu e como o educaram, leva-o a afirmar que não se educa nem se exige respeito com violência física, mas sim dando o exemplo aos mais novos. Independentemente de ter sido educado com base na punição física, nunca o fez com os seus filhos.

Contrariamente à postura pouco afetuosas no âmbito familiar, no contexto do CD é visível a postura ternurenta do Sr. Miguel para com todos os idosos do CD e toda a equipa do Pontão e, ainda, a facilidade com que demonstra gestos de carinho com todos. Desta forma, entende-se que seja muito mais fácil para o Sr. Miguel estabelecer novas

relações sociais no CD, baseadas no carinho, no respeito, na amizade e no companheirismo, do que relacionar-se assim com os seus familiares.

Importa ainda mencionar que o Sr. Miguel passa a maioria do seu tempo e dos seus dias com as pessoas do CD, ao passo que o tempo de convívio com os seus familiares é muito reduzido e restringe-se à duração do acompanhamento às idas a unidades de saúde, comemoração de datas festivas (com a família mais próxima) e ao mês de agosto, quando a família que está emigrada vem passar o mês na casa do Sr. Miguel.

Independentemente da sua história, o Sr. Miguel é um homem de relações sociais fáceis. É muito querido por todos os idosos e está perfeitamente integrado no CD, referindo várias vezes que não quer viver de outra forma. Para além das melhorias já identificadas, a institucionalização possibilitou ao Sr. Miguel o alargamento das suas redes de sociabilidade que contrastam com as poucas relações familiares que tem, mas que se traduzem num processo de compensação, ou seja, numa maior dinâmica nas relações sociais que compensam a fraca dinâmica familiar.

#### D. Constança

Uma outra história marcada pela perda e sofrimento é a da D. Constança que é contada pela própria, pela neta e pela nora. A D. Constança foi admitida no CD, pois estava cada vez mais isolada a nível social, estagnada a nível físico e cognitivo, e porque tinha um relacionamento conflituoso com o filho com quem vive.

A decisão pela institucionalização foi proposta pela “neta emprestada” (filha da enteada da D. Constança) primeiramente aos familiares da D. Constança, nomeadamente à nora Guilhermina e aos netos Mónica e Leonardo. Todos os familiares tinham conhecimento do relacionamento conflituoso entre a D. Constança e o filho, pelo que apresentaram a proposta da integração no CD à D. Constança, que rapidamente recusou. Só com muita persuasão os familiares conseguiram trazer a D. Constança a visitar o CD, sem compromisso. Porém, depois de conhecer as instalações e de passar um dia no CD, foi a D. Constança quem quis avançar com o processo de admissão - há muito que diariamente não convivia com ninguém para além do filho.

A D. Constança tem um problema de surdez, mas recusa usar um aparelho auditivo, pelo que inicialmente se refugiava do grupo. Mas atualmente pode-se considerar que está integrada na vida institucional e convive com todos os idosos. Porém vive num conflito interno entre os momentos de alegria que vive no CD e o luto que está a fazer e, provavelmente, fará para o resto da sua vida.

Conforme dito inicialmente, a história da D. Constança tem vários momentos de perda, a sua vida foi muito sofrida pelos desgostos que já passou. Não gosta de falar da sua história em grupo pois emociona-se, mas em ambientes mais restritos conta com detalhes todo o sofrimento por que passou, para que entendam o seu luto, a sua postura recatada e a resistência que muitas vezes tem em demonstrar um estado de espírito alegre, como um simples ato de dançar ou cantar: no seu entender a alegria é um estado de espírito de que não é merecedora (nota de campo 14).

A D. Constança viveu sempre na serra de Tavira, dedicou-se sempre à vida no campo e à lida da casa. Foi com a chegada da vida adulta que começaram os seus desgostos, pois perdeu o seu primeiro marido que faleceu muito novo. Deste casamento resultou um filho que toda a vida foi muito cúmplice da mãe, companheiro e amigo. A D. Constança voltou a casar e teve outro filho. Naquela época refazer a vida com outra pessoa já era de difícil aceitação social, mas a D. Constança teve coragem e seguiu com a sua vida. Contudo, ficou novamente viúva e desta vez com dois filhos a seu cargo. Decidiu que ficaria viúva para o resto da sua vida, pois não aguentaria mais desgostos. O filho mais velho casou-se, teve também os seus filhos e fez a sua vida, mas foi sempre um filho presente. A D. Constança era uma avó divertida e amiga dos netos, que passavam longas temporadas na casa da avó. O pior ainda estaria para acontecer, quando a D. Constança perdeu também o filho mais velho. Para a D. Constança Deus levou-lhe o filho bom, trabalhador e amigo, e deixou-a com o filho ruim (nota de campo 14).

Desde então, nunca mais foi a avó que os netos conheceram, a sogra que a nora conheceu, e a mãe que o filho mais novo tinha. Este acontecimento abalou toda a família, mas para a D. Constança representou algo insuperável, tornando-a numa pessoa fria e incapaz de exprimir outro sentimento que não a tristeza.

O filho mais novo nunca casou nem teve filhos e ficou sempre a viver com a D. Constança. Muitas vezes refugiava-se no álcool, motivo que levava a graves discussões entre mãe e filho. Os netos, a nora e a família da enteada continuaram a estar presentes na vida da D. Constança, visitando-a várias vezes durante a semana e aos fins-de-semana. Foi durante estas visitas que perceberam que o convívio familiar era cada vez mais difícil entre mãe e filho.

De facto, desde que está no CD a relação com o filho melhorou muito. Este filho, que era contra a institucionalização da mãe, agora apoia-a incondicionalmente em tudo. Os familiares veem o CD como uma mais-valia para a D. Constança, não só pela clara melhoria no relacionamento com o filho, como também pela melhoria nos cuidados de

imagem e por, gradualmente, a D. Constança ir abrindo portas ao mundo das relações sociais.

Os familiares são praticamente todos presentes na vida da D. Constança, desde os netos e a nora, aos familiares da sua enteada. Desde novembro de 2014 (data da sua admissão no CD) a abril de 2015, teve 20 visitas e 5 contactos telefónicos, sendo estas maioritariamente do neto e da nora. Importa referir que o neto trabalha por conta própria, conseguindo uma maior flexibilidade de horários e a nora está desempregada. Todos os outros familiares trabalham por conta de outrem e muitas vezes é-lhes difícil compatibilizar os horários de forma a estarem mais presentes na vida institucional. Todavia, nas atividades abertas à comunidade fazem sempre questão de estar presentes, intercalando a participação entre todos os familiares para que haja sempre alguém presente na vida institucional da D. Constança. Contudo, na data de comemoração do aniversário da D. Constança estiveram todos presentes, incluindo o seu filho que nunca havia visitado a instituição.

É neste panorama que se desenvolve a dinâmica familiar da D. Constança: todos os familiares parecem querer estar presentes e apoiá-la, mas é a própria que se refugia na sua dor e solidão. É necessário referir que a D. Constança passou grande parte da sua vida sozinha, dedicada apenas aos filhos, sendo a tarefa de cuidar a que lhe cabia a si e não aos outros. Assim, entende-se como é difícil para a D. Constança aceitar os cuidados e a preocupação dos familiares - sempre entendeu essa tarefa como sua em relação aos outros e não o contrário.

#### D. Aurora

Bem distinta e pouco comum nesta investigação, é a história da D. Aurora, contada pela sua filha Clara e pelo neto Januário, uma vez que o seu quadro demencial não lhe permite ser a própria a fazê-lo.

A D. Aurora foi admitida no CD depois de ter tido alta hospitalar, pois estava desnutrida e mal medicada. Este diagnóstico foi o resultado das fracas condições habitacionais em que vivia, até então, com o seu marido. As fracas condições habitacionais não derivam de problemas financeiros. Pelo contrário, o marido da D. Aurora entende que devem viver em condições de pobreza extrema de forma a conseguir poupar dinheiro. Desta forma, toda a história da D. Aurora gira em torno da forma de estar na vida do seu marido e das privações a que ambos estão sujeitos.

Desde que casou que vive num monte na serra de Tavira, mas a situação só se agravou depois dos filhos e dos netos estarem criados, ou seja, quando o casal ficou a viver sozinho. Aparentemente, até então as coisas estavam remediadas. Desde que o marido da D. Aurora se reformou, assume mais afincadamente esta postura de privação para poupar e a D. Aurora foi arrastada para a situação em que se encontrava antes do internamento hospitalar.

Dos três filhos (a Clara, a Maria e o Manuel) a Clara é a única que está por perto, pois a Maria está emigrada há muitos anos e o Manuel tem a vida dele em Olhão estando distante dos pais. A Clara sempre tentou ir cuidando da mãe na medida do que lhe era possível, levando-a para a sua casa para a apoiar no banho e dando-lhe comida, mas o pai sempre recusou os cuidados da filha.

Com o passar do tempo, a D. Aurora foi ficando cada vez mais abatida com o estilo de vida precário que levava, preferindo muitas vezes passar o dia deitada a dormir, do que confrontar-se com a realidade em que vivia. Foi a Clara que detetou que a D. Aurora não estava bem e levou-a a uma unidade hospitalar.

Depois de ter alta hospitalar, integrou o CD e atualmente vive com a filha Clara, porque não quer voltar para as condições desumanas em que vivia. Se, por um lado, a família está muito satisfeita com a mudança na vida da D. Aurora desde que integrou o CD, por outro lado, vive preocupada com o marido da D. Aurora, que insiste em viver da forma que sempre viveu, sem as mínimas condições de vida.

É neste cenário que se desenvolve a dinâmica familiar da D. Aurora, em que os familiares mais presentes (a Clara, os seus filhos e a sua sobrinha) se relacionam consigo de uma forma preocupada e extremamente carinhosa. Apesar de cognitivamente instável (com graves e constantes perdas de memória, com episódios de desorientação espaço-temporal) é possível identificar a gratidão e o carinho que a D. Aurora tem pelos seus familiares, nomeadamente, pela filha Clara que conseguiu alterar o seu contexto de residência. Atualmente a D. Aurora não quer, de forma alguma, voltar a viver com o marido e quando este a visita na casa da filha, a D. Aurora faz questão de lhe dizer que atualmente tem todos os cuidados que necessita a nível de higiene, de imagem, de alimentação, entre outros.

Embora a D. Aurora tenha um grande suporte familiar, é das pessoas que menos visitas tem contabilizadas. Desde dezembro de 2014 (data da sua admissão no CD) a abril de 2015 teve 7 visitas, sendo estas maioritariamente da filha e do neto com quem vive. Porém, é necessário contextualizar a dinâmica familiar para melhor entender este dado.

Primeiramente, há que ter em conta que a D. Aurora vive com a filha, ou seja, está com a Clara e com a família desta diariamente. Seguidamente, tem de se considerar o facto de a Clara trabalhar todos os dias e não ter transporte próprio para se deslocar ao CD. Para se deslocar, precisa do apoio do filho, dado que residem noutra concelha, sendo a distância considerável. Também há a considerar que, por uma questão de ordem religiosa, a família não participa em algumas das iniciativas institucionais, mas não impedem a D. Aurora de participar e até lhe estimulam a sua participação nas atividades do CD. Por exemplo apesar de não festejarem os aniversários compraram um bolo para que a D. Aurora pudesse comemorar o seu aniversário no CD como todos os outros idosos o fazem. Ainda de referir que a Clara compareceu sempre que foi solicitada a sua presença na instituição.

Neste sentido, é possível perceber o apoio dos familiares da D. Aurora na sua vida, quer em contexto familiar, quer no contexto institucional. A dinâmica familiar baseia-se na preocupação com a saúde da D. Aurora, na responsabilidade em possibilitar-lhe alguma qualidade de vida e, ainda, nos afetos entre mãe/filha e avó/netos. A Clara entende que, através da integração no CD e da alteração do contexto de residência, a sua mãe pode ter a qualidade de vida que nunca teve. Contudo, demonstra algum cansaço quando se refere ao pai: há anos que tenta, em vão, que ele altere a sua forma de viver.

#### Sr. Jaime

A penúltima história a analisar é a história do Sr. Jaime, que é contada pelo próprio e pela sua nora. Uma vez mais temos uma nora como familiar de referência mas, neste caso específico, por preferência de ambos.

O Sr. Jaime trabalhou desde muito novo no campo e no setor da construção civil. Formou a sua própria família juntamente com a D. Ester, com quem teve um filho (o Eduardo). O casal mudou-se para uma fazenda na qual trabalharam como caseiros. Anos mais tarde o Sr. Jaime emigrou para conseguir ter uma vida melhor. Amealhando tudo o que ganhava, voltou para Portugal para ter a vida estabilizada com que sempre sonhou. Construiu a casa em que ainda hoje vive e construiu também uma casa para o filho que, entretanto, se casou com a Ivone, nora do Sr. Jaime.

A Ivone entrou para a pequena família do Sr. Jaime muito nova, tinha 14 anos, e desde então que se relacionam como pai e filha. A família cresceu com a chegada do neto e, mais tarde, da bisneta. Foi neste contexto que o Sr. Jaime e a D. Ester viveram, sempre com o filho, a nora e o neto presentes no quotidiano familiar.

Porém, um problema pulmonar levou o Sr. Jaime a um internamento hospitalar. Segundo a Ivone, o Sr. Jaime sempre teve um historial clínico depressivo e a sua reabilitação ficou comprometida pela forma como encarou a doença e o internamento. O Sr. Jaime passou de uma vida autónoma para uma vida sem qualquer estímulo físico, social ou cognitivo.

A D. Ester passava os dias preocupada com o marido receando que o Sr. Jaime ficasse definitivamente acamado. A relação de proximidade com a nora levou a que esta presenciasse todo este cenário, preocupando-se cada vez mais com a saúde física e psicológica do Sr. Jaime pelo que resolveu procurar apoio formal.

Quando a Ivone sugeriu o CD ao Sr. Jaime, este inicialmente não viu a institucionalização com bons olhos. Ainda estava traumatizado com o internamento hospitalar e nunca havia entrado em nenhuma instituição. Contudo, após visitar o CD mudou radicalmente a sua opinião, pois não só encontrou amigos de longa data, como diversas atividades que outrora fazia com tanto gosto.

Desde então, o Sr. Jaime voltou a ser uma pessoa com rotinas e com vontade de viver, gerindo o seu dia-a-dia entre o CD e a vida familiar. Desde fevereiro de 2014 (data em que foi admitido no CD) a abril de 2015 teve 9 visitas, sendo estas maioritariamente da esposa e da nora.

Neste caso específico, foi a forte dinâmica familiar que evitou que o Sr. Jaime passasse o resto da sua vida acamado. Foi a preocupação e o suporte dos familiares, sobretudo por parte da esposa e da nora, que possibilitaram a grande mudança da vida do Sr. Jaime. Se antes era um homem apagado e sem objetivos, atualmente está perfeitamente integrado e satisfeito com a sua vida institucional. A Ivone refere, ainda, que houve uma melhoria a nível familiar pois o relacionamento do Sr. Jaime com a esposa ficou mais harmonioso, dado que antes da admissão o casal entrava rapidamente em conflito: a D. Ester não concordava com o estilo de vida que o Sr. Jaime havia adotado.

Atualmente todas as relações familiares são harmoniosas e a família faz questão de estar sempre presente, quer no contexto familiar quer no contexto institucional. O Sr. Jaime é um homem sensível que facilmente mostra os seus sentimentos e, prova disso, foi o facto de ter sido a pessoa que mais se emocionou quando a família o surpreendeu na atividade de comemoração do Dia do Pai, apesar de estar diariamente com a família em contexto de residência. Esta dinâmica familiar mostra que apesar de serem uma família pequena em número, são uma família grandiosa na forma como se relacionam.

#### D. Natacha e Sr. João

A última história em análise é a da D. Natacha e do Sr. João, que foi contada pelo casal e pela filha Adelaide. O casal foi admitido no CD em fevereiro de 2015. A D. Natacha já sofria de graves limitações físicas (derivado da artrite reumatoide) e fraca saúde do Sr. João já o impedia de continuar a ser o seu cuidador.

O casal, apesar de partilhar a habitação com a filha Adelaide (o 1º andar para o casal, o r/c para a filha), passava os dias apenas na companhia um do outro: os filhos trabalham e os netos estudam, e era o Sr. João quem assumia todos os cuidados à esposa e quem fazia a lida da casa. Porém, também a sua saúde começou a fraquejar e, várias vezes, a Adelaide teve que se ausentar do trabalho e socorrer a mãe, pois a sua reduzida mobilidade fez com que caísse inúmeras vezes ao tentar deslocar-se dentro de casa. O Sr. João que outrora tudo fazia, já não conseguia apoiar a esposa comprometendo a saúde de ambos (nota de campo 22).

A institucionalização do casal no CD foi sugerida pela Adelaide, como forma de colmatar o isolamento social do casal, garantir um apoio diurno e ainda para que a Adelaide pudesse trabalhar com tranquilidade. A D. Natacha inicialmente não aceitou bem a ideia mas como o marido aceitou de bom grado, acabou por aceitar vir para o CD. O facto das sugestões da Adelaide serem melhor aceites pelo pai do que pela mãe têm uma explicação lógica, com origens na história da famílias e na forma como construíram as atuais dinâmicas familiares.

O casal sempre viveu em vilas piscatórias. Casados há quase 60 anos, o Sr. João dedicou-se sempre à vida do mar, enquanto a D. Natacha raras vezes trabalhou por conta de outrem.

O Sr. João e a D. Natacha sempre desejaram ter filhos mas apesar de ter períodos de gestação saudáveis, aquando da hora do nascimento os bebés acabavam sempre por falecer. Esta trágica situação repetiu-se três vezes e a dor de perder os seus filhos à nascença foi, gradualmente, fragilizando a saúde psicológica da D. Natacha. Este cenário levou a que o Sr. João assumisse, desde sempre, os cuidados à esposa com ternura e delicadeza, poupando-a de tudo inclusive da lida da casa e da organização da vida doméstica.

Depois de 15 anos de tentativas nasceu o primeiro filho, o Carlos. Para o casal, este primeiro filho foi recebido com uma bênção e a D. Natacha fez sempre questão de o proteger de uma forma quase obsessiva (afinal, foi na quarta gravidez que conseguiu realizar o sonho de ser mãe). O Sr. João continuou a prestar todo o apoio à esposa, que

por sua vez, dedicava todo o seu tempo ao filho. Se antes o Sr. João poupava a D. Natacha de tudo o que lhe pudesse aumentar o sofrimento, depois do nascimento do filho, continuou a assumir todas as tarefas domésticas mas, desta vez, para que a esposa pudesse dedicar-se inteiramente ao filho.

Aos 4 anos de idade o Carlos foi diagnosticado com Diabetes e esta situação quase endoideceu a D. Natacha, pois temia sempre que algo acontecesse ao seu filho tão desejado e esperado. Por sua vez, o Sr. João sempre quisera ter uma menina, pelo que à quinta gravidez nasceu, saudável, a filha Adelaide. Se até então a D. Natacha vivia para o filho, continuou a fazê-lo, pois agora era o Sr. João que vivia para a sua menina.

A forma do casal se relacionar com os filhos desde sempre foi distinta. Ainda hoje é visível a afetividade pai/filha e afetividade mãe/filho, assim como é observável uma maior preocupação e carinho do Sr. João com a D. Natacha, do que o inverso.

Atualmente a D. Natacha continua a ter uma preocupação extrema com o filho. Por exemplo, todos os dias sem exceção, perto da hora do almoço o Carlos liga para a mãe simplesmente para lhe comunicar que está bem. Caso não o faça, a D. Natacha entra num estado de desespero e pânico, deixando tudo o que está a fazer em suspenso até conseguir falar com o filho, pois só se acalma depois de ouvir a voz do filho.

Por sua vez, o Sr. João é ligeiramente afastado do filho, mas tem uma aproximação enorme com a filha. Estando o casal a residir praticamente com a filha, é perceptível a maior preocupação da Adelaide com o pai do que com a mãe. Diariamente se percebe esta dinâmica de diferenciação no apoio aos pais. O Sr. João chega ao CD sempre muito bem apresentado, mas a D. Natacha apresenta uma imagem mais descuidada. De referir que a D. Natacha tem muitas limitações físicas e necessita de apoio contínuo, ao passo que o Sr. João é muito mais autónomo que a esposa. Várias vezes a equipa de colaboradoras do CD questionou esta desigualdade referindo que “parece que não vêm os dois da mesma casa”.

A dinâmica familiar em que vivem é espelhada na vida institucional. A Adelaide demonstra a enorme afetividade que tem com o pai e preocupa-se com a saúde e com a imagem do Sr. João. Participa, sempre, em todas as atividades abertas à comunidade e de caráter familiar e faz questão de vir acompanhada do seu marido e das suas duas filhas. O Carlos, apesar de compactuar com a rotina do telefonema diário, está cansado dos excessivos cuidados da mãe pelo que se afasta mais da vida institucional do que a sua irmã Adelaide. Porém, não deixa de comparecer nas atividades de caráter familiar.

Aquando a contabilização das visitas do casal, percebe-se a maior aproximação da Adelaide do que do Carlos na vida institucional. Desde a data de admissão do casal a abril de 2015 tiveram 11 visitas, sendo estas maioritariamente da filha Adelaide.

Uma vez mais, concluiu-se que a dinâmica familiar atual é fruto da forma como esta família se relaciona desde sempre, ou seja, a Adelaide sempre foi muito mais protegida e acarinhada pelo pai, logo tem uma maior afetividade e preocupação com o pai do que com a mãe. Por sua vez, a D. Natacha sempre foi muito ligada ao seu primeiro filho, chegando a ser obsessiva neste relacionamento - sempre receou perder o filho, dado o trauma por que passou até ao nascimento do Carlos.

Todavia, importa ainda referir que esta dinâmica de relacionamento não indica causar constrangimentos a nenhum dos familiares envolvidos, à exceção do Carlos que se sente extremamente protegido pela mãe. Nem a Adelaide demonstra ter ciúmes do irmão, nem vice-versa, nem o Sr. João apresenta ciúmes da relação do filho com a mãe, nem a D. Natacha da relação da filha com o pai. Todos lidam com esta dinâmica familiar com naturalidade, pois sempre a viveram assim.

Com base em todas as histórias analisadas anteriormente torna-se agora exequível fazer uma análise geral sobre as dinâmicas familiares dos idosos e, por conseguinte, sobre a forma como as famílias apoiam os seus idosos quer no contexto familiar quer no contexto institucional.

### **5.3. Compreender as dinâmicas familiares dos idosos do Centro de Dia do Pontão**

Para compreender a forma como os idosos e os familiares interagem em contexto familiar e, por conseguinte, no contexto institucional, é necessário fazer agora referência aos restantes dados obtidos na investigação:

1. Restante análise das entrevistas – focalizando, agora, os denominadores comuns acerca dos fatores que levaram à institucionalização; processo de tomada de decisão pela institucionalização; adaptação ao CD; alterações na vida dos idosos depois da institucionalização, em várias dimensões; alterações das dinâmicas familiares; forma de ligação entre a família e a instituição (anexo 7).
2. Notas de campo – registos das admissões; da integração dos idosos; da interação entre idosos e famílias na instituição; dia-a-dia institucional; relação entre a equipa do CD com os idosos e com os seus familiares (anexo 9).

3. Registo de dinâmicas familiares – dados que mostram não só o número de visitas/contactos telefónicos que os idosos receberam no CD, como o objetivo dos contactos (anexo 3).

Todos os idosos vivem com os seus familiares, à exceção do Sr. Miguel, que vive sozinho. Este facto evidencia que, inicialmente, as famílias tentaram assumir os cuidados aos seus idosos no período diurno, sem recorrer a um apoio formal. Mas a incapacidade das famílias serem cuidadoras dos seus idosos levou à única opção: a institucionalização em centro de dia.

Neste sentido, importa referir que os fatores que levaram à admissão dos idosos no CD foram comuns a quase todos, nomeadamente:

- Agravamento do estado de saúde;
- Solidão;
- Isolamento social;
- Conflitos familiares;
- Ausência de estímulo físico, cognitivo e social.

Convém mencionar que a solidão e o isolamento derivam do facto dos familiares dos idosos passarem todo o período diurno fora do contexto habitacional. Os familiares têm vidas profissionais ativas e, nalguns casos, também os netos dos idosos estão ausentes, pois durante este período estão na escola.

As famílias que referiram os conflitos familiares como fator de admissão no CD são as que passavam 24h por dia com os seus familiares idosos, e ainda, os casais idosos que antes da admissão no CD passavam todo o tempo juntos, o que leva mais facilmente ao conflito. Neste caso específico, só as abordagens biográficas permitiram entender a origem dos conflitos familiares (como foi, por exemplo, o caso da D. Constança ou do casal D. Alice e Sr. Simão).

No que se refere à tomada de decisão pela institucionalização, é possível perceber que, a maioria dos idosos teve um papel preferencial, ou seja, exerceu o seu direito na tomada de decisão. No caso das pessoas com quadros demenciais a participação foi passiva, pois não interferiram na tomada de decisão e concordaram com o que lhes foi sendo proposto. Contudo, se os idosos estavam na sua maioria sozinhos durante o dia e, nalguns casos, isolados da vida em sociedade, é compreensível que quando os familiares

lhes sugeriram a institucionalização, esta fosse a única opção que tinham para alterar a situação em que se encontravam.

A maioria dos familiares dos idosos está em idade adulta, tendo compromissos profissionais a cumprir. Não obstante, muitas famílias ainda têm os seus elementos mais novos em idade escolar, necessitando também estes de apoio e disponibilidade dos adultos. Desta forma, é quase impossível para as famílias fazer a gestão entre os inúmeros papéis sociais a que estão sujeitos e a prestação de cuidados aos elementos mais idosos da família, que vão ficando cada vez mais sozinhos e sem estímulo social e cognitivo.

Assim sendo, a institucionalização no CD do Pontão foi sentida como a única opção que os idosos e as famílias dispunham. A adaptação ao contexto de CD foi relativamente fácil para a maioria dos idosos (nota de campo 6). Mesmo no caso das pessoas com demência, a integração foi possível através da colaboração entre a família e a instituição. Todos os familiares consideram que os seus idosos estão perfeitamente integrados na dinâmica institucional e, consideram que a institucionalização trouxe benefícios à vida dos idosos. Este facto parece estar ligado à forma como a própria decisão foi tomada, com a participação plena dos idosos. Reed et al. (2003) consideram que a forma como se faz esta decisão é fundamental, influenciando diretamente a disposição dos idosos em relação à institucionalização, e à instituição em si.

A maioria dos familiares dos idosos concluíram que a institucionalização dos idosos lhes trouxe mais vantagens que desvantagens. Todos identificaram melhorias na vida dos idosos em várias dimensões, tais como: saúde; alimentação; cuidados de higiene e imagem; alterações no estado de espírito, sendo este mais alegre; e, ainda, nalguns casos melhoria nas relações familiares dentro da própria família:

Eu acho que mudou um pouco em relação, não digo com a minha mãe, a gente também nunca teve uma relação... continuamos a ter conflitos mas é porque continua a ser teimosa, quer às vezes o impossível na cabeça dela. Com o meu pai a relação melhorou, porque o meu pai entrava muito em conflito connosco. Agora chegam a casa os dois... eles andavam constantemente em conflito um com o outro, mas não podem viver um sem o outro... à tarde vão daqui, que os dias já têm estado melhores, sentam-se, conversam os dois ali na rua. (E3)

Entende-se que a melhoria das relações familiares traduz, uma vez mais, a necessidade que as famílias têm de ter um apoio no que se refere aos cuidados com seus idosos. O facto de atualmente estarem institucionalizados no CD, permite um alívio da sobrecarga a que a família anteriormente estava exposta. Desta forma, todos os elementos da família têm objetivos diários a cumprir, voltando a reunirem-se novamente no período noturno.

Estamos a falar de um centro de dia, uma forma de institucionalização a tempo parcial, que idealmente requer o apoio dos familiares fora do período de funcionamento da instituição. O que *a priori* pressupõe que todos os casos analisados têm suporte familiar. Isto significa que os malefícios gerais da institucionalização total (por exemplo em ERPI) não sejam tão visíveis. Estar institucionalizado num CD, no período diurno semanal, significa que o idoso volta ao seu contexto de residência e continua, não só a manter laços familiares, como as suas redes de sociabilidade. Um exemplo concreto desta realidade foi o aumento das redes de sociabilidade que se verificou no caso dos idosos que estavam em isolamento social e cujas redes estavam cada vez mais diminuídas. No CD conseguiram alargar as suas redes e interagir diariamente com pessoas de diferentes idades (por exemplo o caso do Sr. Miguel, da D. Constança, da D. Aurora, do casal Sr. António e D. Lúcia e do casal Sr. Simão e D. Alice).

O contexto de centro de dia possibilita aos idosos conviver com pessoas de diferentes idades, pois muitas das instituições atuais que integram um CD, integram também uma Creche, como é o caso do Pontão. Desta forma, os idosos interagem diariamente não só uns com os outros, mas também com crianças de várias idades e, ainda, com toda a equipa de colaboradores da instituição.

Dentro do período de funcionamento do CD, os idosos têm assegurados não apenas os serviços comuns como ainda um plano de animação sociocultural, elaborado de forma a permitir aos idosos o seu desenvolvimento pessoal e social.

A equipa do CD trabalha diariamente para garantir toda a qualidade de vida possível aos idosos. Não obstante, a equipa tem ainda a responsabilidade/capacidade de receber e envolver os familiares na vida institucional, tal como refere a política institucional de abertura à comunidade. Exemplo disto são as diversas atividades de animação de carácter familiar que ocorreram durante a investigação, e a adesão dos familiares às mesmas (notas de campo 26 e 29).

Os registos das visitas dos familiares à instituição comprovam que quando se realizaram atividades abertas à comunidade, estavam sempre presentes familiares dos idosos, mesmo estas realizando-se durante o horário laboral de muitos familiares.

Com o passar do tempo, os familiares foram-se envolvendo cada vez mais na dinâmica institucional, pois a própria filosofia de funcionamento assim o promoveu. Todos os familiares foram individualmente convidados a participar nas iniciativas, mesmo aqueles que quase sempre recusavam o convite. A persistência da instituição em ter por perto os familiares alcançou muitas vezes os resultados pretendidos. Por exemplo, a filha do Sr. Francisco, que inicialmente se recusou a participar nas atividades, quando convidada a comemorar o aniversário do pai na instituição, aceitou a iniciativa de bom grado.

Os familiares não foram apenas convidados a assistir, como também a participar nas atividades. Por exemplo, na festa do natal foi solicitado a cada idoso que trouxesse um contributo para o lanche partilhado. Todos os familiares dos idosos contribuíram com vários alimentos de forma a termos um lanche diversificado. Os familiares, autonomamente, disponibilizaram-se ainda a: contribuir com adereços para a peça de teatro (muitos fizeram à mão os adereços dos seus idosos); apoiar a equipa a arrumar e limpar a instituição depois da festa (nota de campo 15). Nesta festa estavam presentes quase todos os familiares dos idosos e, obviamente, a felicidade dos idosos era visível.

Um outro exemplo que ilustra o mesmo princípio aconteceu quando comemorámos o Dia do Pai com um almoço surpresa para os idosos. Os filhos esperaram os idosos no refeitório para almoçar sem que os idosos suspeitassem da sua presença. Apenas o Sr. Francisco não teve os filhos presentes nesta iniciativa. Todos os outros senhores tinham à sua espera os seus filhos para um almoço entre pais e filhos (nota de campo 26).

No Dia da Família, as famílias foram convidadas a almoçar no CD e, uma vez mais, foi-lhes pedido que não revelassem a iniciativa aos idosos, de forma a conseguirmos surpreendê-los. A reação dos idosos, quando perceberam que as suas famílias estavam no refeitório para almoçarem juntos, foi muito emotiva. Novamente, à exceção do Sr. Francisco (nota de campo 29), todos os idosos almoçaram com as suas famílias (filhos, netos, noras, esposas, irmãos). Importa referir que estes almoços tiveram sempre um custo de 4€ por cada familiar. Muitos dos familiares, aquando o pagamento, pagaram uma quantia acima da acordada como forma de contribuir para a instituição.

Em todas as iniciativas foi visível o empenho das famílias em participarem na vida institucional e a disponibilidade em colaborar com a instituição. A animação sociocultural foi uma ferramenta utilizada para conseguir levar a cabo a política institucional de abertura à comunidade e promover a relação Idosos-Família-Instituição.

A presença da família na vida institucional revelou-se fulcral em vários aspetos: na integração dos idosos no CD; na complementaridade de apoio entre famílias e instituição; e, ainda, no bem-estar global dos idosos na instituição.

Podemos assim perceber que os idosos do CD do Pontão não carecem de suporte familiar. Prova disso são as 199 visitas que se registaram de setembro de 2014 a abril de 2015 para 13 idosos e, ainda, os 10 contactos telefónicos que os familiares fizeram maioritariamente nos primeiros dias de integração para saber se os seus idosos estavam a adaptar-se. Não esqueçamos que estes familiares vivem com os seus idosos e, no caso dos casais (D. Alice e Sr. Simão, D. Lúcia e Sr. António), as filhas estão constantemente presentes, de forma a prestar todos os cuidados que os pais necessitam.

Acreditamos, assim, que estes dados nos permitem dizer que há uma relação bastante próxima entre os idosos e os seus familiares, no centro de dia. As políticas e práticas institucionais tiveram um importante papel neste quadro relacional, pois promoveram, desde o 1º dia de funcionamento, esta relação.

Perceber que os idosos têm suporte familiar, dentro e fora da instituição, só foi possível a partir do momento que conhecemos as histórias dos idosos e a forma como interagem, naturalmente, em família. A filosofia de funcionamento do CD promoveu, desde a abertura da instituição, o envolvimento das famílias na vida institucional.

De facto, desde setembro que a equipa do Pontão trabalha, quer nas atividades de animação quer no dia-a-dia da instituição, para envolver os familiares na vida institucional dos idosos. Acreditamos que é possível agir sobre as problemáticas institucionais com uma política de funcionamento promotora de relações familiares e sociais. Os dados até aqui apresentados, permitem-nos perceber que no CD do Pontão as famílias apoiam os seus idosos e estão envolvidas na vida institucional, pois a instituição tem a porta aberta para as receber.

Ter a porta aberta aos familiares significou muito mais do que receber as famílias na instituição. Implicou uma intervenção organizada e pensada em várias dimensões, nomeadamente:

- Conhecer e respeitar os familiares;
- Ouvir e não julgar as suas estórias;

- Não exigir aos familiares a sua presença na instituição, mas sim demonstrar a importância do seu papel no bem-estar dos idosos na instituição;
- Criar estratégias para os envolver na vida institucional consoante as especificidades de cada família e de cada pessoa;
- Dar espaço para que tanto os idosos como os familiares possam sugerir melhorias ao funcionamento da instituição;
- Colocar em prática as sugestões dos familiares;
- Estar disponível para os familiares.

De referir que esta disponibilidade requereu uma flexibilização de horário por parte da responsável e da equipa de colaboradoras, pois a maioria dos familiares trabalha e tem horários a cumprir.

A implementação da política de funcionamento dependeu, em grande parte, da postura dos trabalhadores da instituição. A relação que a equipa construiu desde o início com os idosos e com os seus familiares foi baseada no respeito mútuo, na assertividade, na confiança e na empatia. Estes padrões relacionais permitiram uma melhor adaptação dos idosos à instituição e dos seus familiares também. O facto dos familiares dos idosos saberem que contam com o apoio da instituição, constituiu um passo fundamental para garantir a participação dos familiares na vida institucional – em certo sentido, a reciprocidade é fundamental.

## 6. Conclusões

A investigação levada a cabo neste último ano surgiu da necessidade de implementar no Pontão, desde o seu primeiro dia de funcionamento, uma política institucional e práticas consequentes que pudessem ter efeito sobre a desresponsabilização familiar (ainda que preventivo, dado que o CD estava no seu início). Especificamente, queríamos promover relações entre as famílias, a instituição e os idosos que pudessem beneficiar, mutuamente, os respetivos contextos e atuar sobre a qualidade de vida destes adultos mais velhos.

Esta necessidade surgiu do facto de atualmente existirem cada vez mais idosos institucionalizados (Carta Social, 2013). As problemáticas institucionais, mais concretamente a desresponsabilização familiar e a quebra das redes de sociabilidade, colocam em causa o envelhecimento bem-sucedido que todos os idosos desejam experienciar (Sousa et al., 2004).

Como tal, uma vez que reverter o aumento da institucionalização não pareceu um desafio possível de alcançar, o que se pretendeu foi que o Centro de Dia do Pontão fosse uma instituição cuja filosofia de intervenção permitisse desconstruir as problemáticas institucionais e, acima de tudo, que promovesse a relação: Idosos, Família e Instituição.

Para tal, foi traçado para esta investigação um objetivo geral a atingir que se dividiu em cinco objetivos específicos:

1. Promover uma melhor relação entre os idosos, as suas famílias e a instituição
  - 1.1 Implementar uma política de funcionamento aberta à comunidade;
  - 1.2 Compreender as famílias e as dinâmicas familiares dos idosos;
  - 1.3 Aproximar e envolver as famílias na vida institucional;
  - 1.4 Tornar a instituição numa extensão das dinâmicas comunitárias;
  - 1.5 Diminuir a desresponsabilização familiar.

Importa agora perceber em que medida estes objetivos foram ou não possíveis de alcançar e se permitiram conseguir o objetivo geral da investigação. Inicialmente, foi criada uma política de funcionamento institucional de abertura à comunidade, em especial aos familiares dos idosos. Esta política de funcionamento, tal como já foi referido e anteriormente explicado, resultou numa filosofia institucional baseada em três pressupostos fundamentais: abertura à comunidade; aproximação comunitária; voz ativa

na instituição. Através desta filosofia de intervenção, conseguiu-se desde o início do funcionamento do centro de dia, aproximar e envolver as famílias na vida institucional e, ainda tornar a instituição numa extensão das dinâmicas comunitárias.

Posteriormente, foi fulcral conhecer as histórias de vida dos idosos para compreender as suas dinâmicas familiares. Só se compreende a forma como familiares e idosos se relacionam, se conhecermos as estórias das pessoas. Tal como Paúl (1997) defende “só as histórias de vida nos permitem compreender a dinâmica relativa às redes sociais de apoio informal” (p. 155). Há medida que fomos conhecendo as estórias das pessoas, fomos compreendendo a forma como interagem em família e no contexto institucional. O facto de estarmos disponíveis para conhecer as famílias, sem julgarmos as suas dinâmicas familiares, levou a que também os familiares estivessem disponíveis para colaborar com a instituição.

Como é possível constatar, todos os objetivos estão inevitavelmente interligados, pois através da política de funcionamento aberta à comunidade, foi possível compreender as famílias e as dinâmicas familiares dos idosos, aproximar e envolver as famílias na vida institucional e, ainda, tornar a instituição numa extensão das dinâmicas comunitárias. Esta filosofia institucional é uma antítese da desresponsabilização familiar, pois se os familiares estão envolvidos na vida da instituição é porque não são ausentes na vida dos seus familiares idosos. Constatou-se, desta forma, que no CD do Pontão não existe desresponsabilização familiar e que esta filosofia de intervenção é promotora de uma melhor relação entre os idosos, as suas famílias e a instituição.

É possível concluir que os objetivos foram todos alcançados, visto que toda esta política de funcionamento institucional retrata, não só, as medidas propostas por Born (2002) para colmatar a problemática da desresponsabilização familiar, como o modelo de ECC (Envolvimento, Colaboração, Capacitação) sugerido por Elizur (1996), para integrar as famílias na vida institucional e facilitar o relacionamento entre famílias e profissionais de uma instituição.

As medidas propostas por Born (2002), estão refletidas na essência da política de funcionamento do CD do Pontão. Abrir a instituição à comunidade permite manter as redes de sociabilidade e aproximar os familiares da instituição. Através da capacidade de dialogar democraticamente com idosos e familiares, promove-se o envolvimento das famílias na vida institucional e a responsabilização familiar.

Colocar em prática estas medidas requer ter em conta o modelo ECC de Elizur (1996). Este modelo possibilitou trabalhar o envolvimento dos familiares com vista a

participarem na vida institucional e, por conseguinte, colaborarem com a instituição na prestação de cuidados aos idosos. Há medidas que tiveram como consequência a criação de laços entre os familiares e a instituição. Foi-se construindo uma relação de confiança que levou ao trabalho em equipa (família e instituição) e à partilha de tarefas relacionadas com o quotidiano dos idosos. Envolver os familiares na vida institucional dos idosos foi fundamental pois os familiares sentiam que, embora os seus idosos estejam institucionalizados, a sua presença é fulcral para o bem-estar dos idosos.

O caminho nem sempre é fácil, pois os profissionais das instituições têm a tendência de julgar as atitudes dos familiares, sem sequer conhecerem a história das famílias com quem trabalham. É necessário conhecer os idosos, conhecer as suas histórias, conhecer os familiares, ter uma atitude democrática e compreensiva e, muitas vezes, ter uma postura informal, pois raramente nos sentimos descontraídos para falar de nós próprios num contexto formal.

Nem sempre é possível envolver as famílias na vida institucional dos idosos, como mostra, por exemplo, o caso do Sr. Francisco. Dificilmente as instituições conseguem resolver problemas familiares de outrora, daí a importância das abordagens biográficas que nos permitem conhecer a história das pessoas e compreender a forma como se relacionam.

Para aproximar as famílias é necessário mostrar que a instituição tem a porta aberta para as receber, que são fulcrais no bem-estar do idoso e na vida da instituição. Chama-se a atenção para o propositado uso do verbo “mostrar” pois “dizer” não fará a diferença, as palavras têm de pressupor uma ação para que as famílias possam entender e sentir que são parte integrante da instituição. Os nossos resultados mostraram que, no caso do Centro de Dia do Pontão é fundamental, na nossa opinião, desconstruir três estereótipos:

1. Não é verdade que exista desresponsabilização familiar no nosso Centro de Dia.

Todas as dinâmicas familiares são fruto da forma como os elementos da família se relacionam entre si desde há muito tempo atrás. Não são os contextos institucionais que levam à desresponsabilização familiar, mas sim as próprias dinâmicas familiares, acessíveis a partir das histórias das famílias, que influenciam de forma nítida os formatos específicos, a ausência ou presença, do apoio familiar (Paúl, 1997).

2. Estar institucionalizado não pressupõe, necessariamente, uma quebra ou “encolhimento” das redes de sociabilidade.

É possível criar formas de relacionamento humano que melhoram a vida dos idosos, mesmo estando institucionalizados num centro de dia. Se as instituições trabalharem as suas filosofias de intervenção com o intuito de serem extensões da vida dos idosos, possibilitam que estes mantenham as suas relações e, até, que possam alargar as suas redes de sociabilidade (Zimmerman, 2000).

3. As instituições não afetam necessariamente o bem-estar físico, psicológico e social das pessoas.

Os contextos institucionais podem e devem ser espaços de aprendizagem, nos quais os idosos possam reinventar as suas relações e a si próprios como seres humanos (Ribeirinho, 2013).

O Centro de Dia do Pontão é um exemplo de que isto é possível. Esta investigação permitiu contrariar estes estereótipos que nos parecem demasiado comuns e, quiçá, repetidos até à exaustão sem nenhuma base investigativa. São vários os casos nesta investigação em que os idosos alargaram as suas redes sociais, depois de estarem institucionalizados. Também já foram referidos exemplos em que a redução dos conflitos familiares aconteceu depois da institucionalização, melhorando, assim, as relações entre os idosos e as suas famílias.

Tal como Born (2002) refere, se as instituições trabalharem conjuntamente com os idosos, os seus familiares e a comunidade em geral, conseguem manter as redes de sociabilidade dos idosos e aproximar os familiares da instituição. Contribuindo, assim, para o bem-estar dos idosos.

Criar uma instituição de raiz com esta filosofia institucional, pressupõe que seja mais fácil alcançar os resultados pretendidos, como foi o caso do Centro de Dia do Pontão. Porém, parece-nos possível construir, em todos os contextos institucionais, uma filosofia de funcionamento que envolva os familiares na vida da instituição e, por conseguinte, que os aproxime dos seus idosos. Contudo, é necessário que as direções, os responsáveis técnicos e todos os colaboradores que trabalham nas instituições estejam disponíveis para o fazer, conscientes de que essa disponibilidade significa trabalhar com dedicação e, seguramente, com pressupostos diferentes.

Este era um projeto de investigação-ação e, de facto, a escolha do método de investigação não poderia ser outra. Com base na IA foi possível recolher toda a informação mas, mais importante ainda, compreender o contexto em estudo, ou seja, compreender a forma como os idosos e as suas famílias de relacionam (Bogdan & Biklen, 1994). Ao longo de 12 meses foram, ainda, testadas medidas para aproximar as famílias do contexto institucional.

Neste sentido, consideramos que este ano significou o encerramento de um primeiro ciclo de investigação-ação. Chegada a fase da avaliação (última fase de um ciclo de IA - planificação, ação, avaliação) conclui-se que a investigação não termina aqui. Assim, é fundamental apresentar as nossas recomendações à instituição, para que se possa trabalhar para planificar a próxima fase da vida institucional (2º ciclo da investigação-ação). De forma sintética, as recomendações, que serão apresentadas brevemente à Direção do Pontão, são as seguintes:

1. Manter a política institucional de abertura à comunidade.
2. Transformar as entrevistas de admissão em minientrevistas biográficas. Desta forma, começaríamos a conhecer as histórias dos idosos desde logo, obtendo elementos necessários à adaptação do trabalho da equipa.
3. Manter o *atelier* de Histórias de Vida. Este permite, não só, conhecer as histórias dos idosos, como promove a partilha de histórias entre o grupo, o convívio harmonioso e, por conseguinte, a aproximação entre os idosos.
4. Manter as atividades de carácter familiar (almoços entre famílias, comemoração de datas festivas, entre outras que promovam a participação dos familiares).
5. Manter a isenção de horário de visitas.
6. Ter em conta as sugestões dos familiares.
7. Não cair na tentação de alargar o horário de funcionamento até às 20:00h (procedimento comum nalguns contextos institucionais, em que os idosos só regressam a casa depois do jantar).
8. Disponibilizar apoio especializado às famílias cujos familiares idosos têm demência.

Um dos desafios mais prementes das instituições que apoiam idosos é a integração de pessoas com demência. No CD do Pontão existem cinco pessoas que sofrem de diferentes tipos de demência. Cada vez mais os familiares procuram apoio nas instituições, quer para os seus idosos quer para a própria família. As famílias

revelam uma enorme carência de competências pessoais e técnicas para lidar com a demência. Por sua vez, também as instituições têm várias limitações no que se refere ao apoio que presta a estas famílias.

9. Manter uma estrutura de recolha de informação permanente (que, no 2º ciclo da IA, até poderá ser assegurada por outros atores sociais), para que se institucionalize, também procedimentos de investigação, como forma de conhecer a realidade social de forma aprofundada. Se a partir daqui, não tivermos a preocupação de recolher e tratar a informação original, não saberemos ao certo o que está a acontecer, nem como melhorar o nosso contexto, em particular.

Como todas as investigações, também esta investigação teve as suas limitações. Primeiramente, a dificuldade em conciliar a vida pessoal e a vida profissional com a investigação. A capacidade de gerir o tempo e as angústias que foram surgindo durante a investigação foi sendo trabalhada e amadurecida com o passar do tempo.

Seguidamente, importa referir uma outra dificuldade sentida ao longo de toda a investigação: distinguir e separar o papel de responsável pelo centro de dia, do papel de investigadora. Se, por vezes, a junção de ambos os papéis foi positiva e produtiva para a investigação, outras vezes criou alguma desorientação na distinção das tarefas a realizar e da postura a manter. Levou, ainda, a um cansaço extremo pois durante 1 ano o tema da investigação esteve sempre presente no dia-a-dia profissional e pessoal da investigadora.

Por último, foi ainda sentida a falta de tempo para aprofundar o conhecimento sobre a realidade em estudo. Muito mais poderia ter sido feito, se o tempo não fosse tão curto.

Desta forma, ressaltam outras linhas de investigação a abordar de forma a melhorar a realidade social do CD do Pontão. Por exemplo, conhecer as histórias de vida dos colaboradores de forma a perceber porque interagem de determinada forma no contexto profissional e, mais concretamente, com os idosos. Ou, ainda, melhorar a formação dos colaboradores da instituição com o objetivo de: desmistificar estereótipos associados à velhice e à institucionalização; promover boas práticas institucionais; promover relações profissionais saudáveis entre a equipa, entre a equipa e os idosos, e, ainda, entre a equipa e os familiares dos idosos; por último, conscientizar para a importância do trabalho que desenvolvem na vida e no bem-estar das pessoas idosas.

Este trabalho de investigação-ação foi fundamental, não só para desmistificar a ideia de que os contextos institucionais conduzem necessariamente à

desresponsabilização familiar, como ainda para alertar as instituições para a necessidade de compreenderem as histórias das pessoas (idosos e familiares) com quem trabalham. A presente investigação contribuirá, desta forma, para o desenvolvimento do Pontão como instituição promotora de relações saudáveis entre Idosos-Família-Instituição.

## Referências Bibliográficas

- Almeida, A., Guerreiro, M., Lobo, C., Torres, A., & Wall, K. (1998). Relações familiares: mudança e diversidade. In José Viegas & António da Costa (orgs.), *Portugal, que modernidade?* (pp. 45-77). Lisboa: Celta.
- Almeida, J., & Pinto, J. (1995). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Amaro, F. (2006). *Introdução à Sociologia da Família*. Lisboa: Universidade Técnica.
- Arca, B. (2007). Apoio familiar e institucional à pessoa idosa. In Agustín Osório & Fernando Pinto (coord.), *As pessoas idosas – contexto social e intervenção educativa*, (pp. 268 – 280). Lisboa: Instituto Piaget.
- Atkinson, R. (2002). The life story interview. In Jaber F. Gubrium & James A. Holstein (eds.), *Handbook of Interview Research. Context & Method* (pp. 121-140). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Baltes, P., Staudinger, U., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan Psychology: Theory and Application to Intellectual Functioning. *Annual Review of Psychology*, 50, 471 – 507.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bertaux, D. (1997). *Les Récits de Vie*. Paris: Nathan Université.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Born, T. (2002). Cuidado ao idoso em instituição. In Matheus Papaléo Netto, *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 403 – 413). São Paulo: Editora Atheneu.
- Brandão, A. M. (2007). Entre a vida vivida e a vida contada: a história de vida como material primário de investigação sociológica. Publicado em *Configurações*, n.º3, pp. 83-106. Acedido em Junho 27, 2015 in [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520\(2\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520(2).pdf).
- Carta Social. (2009). *Rede de serviços e equipamentos – A dependência: o apoio informal, a rede de serviços e equipamentos e os cuidados continuados integrados*. Coordenação Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP), Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social (MSESS). Lisboa.
- Carta Social. (2012). *Rede de serviços e equipamentos – Relatório 2012*. Coordenação Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP), Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social (MSESS). Lisboa.
- Carta Social. (2013). *Rede de serviços e equipamentos – Relatório 2013*. Coordenação Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP), Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social (MSESS). Lisboa.
- Cohen, L., & Manion, L. (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: La Muralla.
- Connerton, P. (1993). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora.
- Costa, A. F. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 129-148). Porto: Edições Afrontamento.
- Couceiro, M. L. (1997). Especificidades das abordagens biográficas em ciências da educação. In Estrela, A. & Ferreira, J. *Actas do VIII Colóquio Nacional da Secção Portuguesa de AIP ELF/AFIRSE*, (pp. 263-270). Lisboa.

- Denzin, N. (1998). The Art of interpretation, evaluation and presentation. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (eds.), *Collecting and interpreting qualitative materials*, (pp. 313-344). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Elizur, Y. (1996). Involvement, Collaboration, and Empowerment: a model for consultation with human-service agencies and the development of family-oriented care. *Family Process*, 35, 191-210.  
doi: 10.1111/j.1545-5300.1996.00191.x
- Esteves, A. J. (1986). A Investigação-Acção. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 251-278). Porto: Edições Afrontamento.
- Fernández-Ballesteros, R., Caprara, M. G., & García, L.F. (2004). Vivir con vitalidad-M@: Un programa europeo Multimédia. *Intervención Psicosocial*, 13 (1), 63-85.
- Ferrarotti, F. (1988). Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, A. & Finger, M. (orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*, (pp. 17-34). Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional.
- Foddy, W. (1996). *Como Perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta.
- Fonseca, A. (2004). *O envelhecimento – uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Fonseca, A. (2005). O envelhecimento bem-sucedido. In Constança Paúl & António Fonseca (coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de cuidados*, (pp. 281 – 311). Lisboa: Climepsi Editores.
- Fortin, M. (2000). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta
- Giddens, A. (2007). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, A. (1994). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Guerra, I. (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção - O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- Guimarães, M. F. (2005). *O desenvolvimento de uma professora de Matemática: Uma história de vida*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa: Edições Colibri.
- Imaginário, C. (2008). *O idoso dependente em contexto familiar. Uma análise da visão da família e do cuidador principal*. Coimbra: Edição FORMASAU – Formação e Saúde, LDA.
- Instituto Nacional de Estatística. (2011). *Censos 2011- Resultados Definitivos - Portugal*. Lisboa: INE.
- Instituto da Segurança Social. (última atualização em 2013). *Apoios Sociais e Programas – Idosos*. Acedido em Junho 10, 2014, in <http://www4.seg-social.pt/idosos>.
- Kuhne, G. W., & Quigley, B.A. (1997). Understanding and using action research in practice settings. In B. Allan Quigley & Gary W. Kuhne (eds.), *Creating practical knowledge through action research: posing problems, solving problems, and improving daily practice*, (pp. 23-40). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Leandro, M. E. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lopes, A., & Gonçalves, C. (2012). Envelhecimento ativo e dinâmicas sociais

- contemporâneas. In Constança Paúl & Óscar Ribeiro (coord.), *Manual de Gerontologia. Aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento* (pp. 203 – 229). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas LDA.
- Marques, F., & Sousa, L. (2012). Integridade familiar: especificidades em idosos pobres. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(52), 207-216.  
doi:10.1590/S0103-863X2012000200007
- Martín, I., & Brandão, D. (2012). Políticas para a terceira idade. In Constança Paúl & Óscar Ribeiro (coord.), *Manual de Gerontologia. Aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento* (pp. 273 – 287). Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas LDA.
- González-Montegudo, J. (2010). La entrevista en Historia oral e Historias de vida: Teoría, método y subjetividade. In L. Benadiba (comp.), *Historial Oral: Fundamentos metodológicos para reconstruir el pasado desde la diversidad*, (pp. 21-38). Rosario (Argentina): SurAmérica Ediciones.
- OCDE (2011). *Help Wanted? Providing and Paying for Long-Term Care*.  
Acedido em Junho 28, 2015, in <http://www.ocde.org>.
- Olábuénaga, J. I. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Oliveira, J. (2005). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Legis Editora.
- Paúl, C. (1997). *Lá Para o Fim da Vida: Idosos, Família e Meio Ambiente*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Paúl, C. (2005). A construção de um modelo de envelhecimento humano. In Constança Paúl & António Fonseca (coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de cuidados*, (pp. 21 – 41). Lisboa: Climepsi Editores.
- Paúl, C., Fonseca, A., Martín, I., & Amado, A. (2005). Satisfação e qualidade de vida em idosos portugueses. In Constança Paúl & António Fonseca (coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de cuidados*, (pp. 75 – 95). Lisboa: Climepsi Editores.
- Pérez-Serrano, G. (1994). *Investigación Cualitativa. Retos e Interrogantes. I. Métodos*. Madrid: La Muralla.
- Pordata. (2014). *Retrato de Portugal na Europa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Ramos, C. (2002). Histórias de Vida in Maia, R. L. (coord). *Dicionário de Sociologia*, (pp. 192-193) Porto: Porto Editora.
- Reed, J., Cook, G., Sullivan, A., & Burrige, C. (2003). Making a move: care-home Residents' experiences of relocation. *Ageing and Society*, 23 (02), 225-241.
- Ribeirinho, C. (2013). Serviço Social Gerontológico: contextos e práticas profissionais. In Maria Irene Carvalho (orgs.), *Serviço Social no envelhecimento* (pp. 177-200). Lisboa: Pactor – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Salgueiro, H., & Lopes, M. (2010). A dinâmica da família que coabita e cuida de um idoso dependente. *Revista Gaúcha Enfermagem*, 31 (1), 26-32.
- Schroots, J. (1996). Theoretical developments in the psychology of aging. *Gerontologist*, 36, 742-748.
- Silva, A., & Pinto, J. (1986). Uma visão global sobre as Ciências Sociais. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 09-27). Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, L., Figueiredo, D., & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em Família – Cuidados familiares na velhice*. Porto: AMBAR.
- Vallespir, J., & Morey, M. (2007). A participação dos idosos na sociedade: integração

- vs segregação. In Agustín Osório & Fernando Pinto (coord.), *As pessoas idosas – contexto social e intervenção educativa*, (pp. 225 – 252). Lisboa: Instituto Piaget.
- Veloso, C. E. (2009). Terceira idade: uma construção social. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación*, 17 (13), 1138-1663.
- Wiese, B. S., Freund, A. M., Baltes, P.B. (2000). Selection, Optimization, and Compensation: an action - related approach to work and partnership. *Journal of Vocational Behavior*, 57, 273–300.  
doi:10.1006/jvbe.2000.1752
- Zimerman, G. (2000). *Velhice: aspetos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed Editora.

# ANEXOS

## Política de funcionamento institucional do Centro de Dia “O Pontão”

Política	Descrição	Objetivo
Abertura à comunidade	<p>A instituição a qualquer hora do dia (dentro do horário de funcionamento da instituição) recebe os sócios, familiares e visitantes no geral, sem ser necessário marcação prévia. Para uma primeira visita às instalações a mesma é acompanhada por um funcionário. Depois da primeira visita, os familiares têm liberdade de visitar os idosos em qualquer período, sem ser necessário aviso prévio ou o acompanhamento de um funcionário.</p> <p>Os familiares têm o direito de almoçar com os idosos na instituição, sendo apenas necessário o aviso com 1 dia de antecedência e o pagamento de um valor simbólico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evidenciar o princípio de gestão transparente;</li> <li>- Facilitar o acesso da comunidade à instituição;</li> <li>- Manter a comunidade em contacto com a instituição;</li> <li>- Dar a conhecer à comunidade os serviços da instituição;</li> <li>- Aproximar os familiares dos idosos.</li> </ul>
Aproximação comunitária	<p>Consiste na entreatada entre os membros da comunidade para com a instituição. São exemplo concretos: prática de voluntariado; doação de bens alimentares, materiais didáticos, têxteis, entre outros; apoio na dinamização de atividades abertas à comunidade e participação voluntária nas mesmas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manter as dinâmicas comunitárias no seio institucional;</li> <li>- Envolver a comunidade na vida institucional;</li> <li>- Evitar a diminuição das redes de sociabilidade;</li> <li>- Fomentar o sentimento de pertença à instituição;</li> <li>- Aproximar os familiares na vida institucional.</li> </ul>
Voz ativa na instituição	<p>Mensalmente* os idosos têm uma reunião em grupo com a Diretora Técnica, na qual têm a liberdade de expor todos os assuntos que consideram pertinentes e sugerir melhorias aos serviços que o CD presta.</p> <p>Desta forma, os idosos participam na gestão da vida institucional, em várias dimensões: definição das rotinas de higiene; definição de horários das refeições; sugestão de ementas; avaliação do desempenho dos colaboradores; avaliação do plano de atividades de animação sociocultural; sugestão de novas atividades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Permitir que os idosos continuem a decidir sobre os assuntos que lhes dizem respeito;</li> <li>- Fomentar o sentimento de pertença à instituição e ao grupo;</li> <li>- Aproximar a vida institucional da vida comunitária;</li> <li>- Diminuir conflitos;</li> <li>- Construir a identidade do grupo;</li> <li>- Fomentar o sentimento de pertença ao grupo;</li> <li>- Ter um plano de animação sociocultural com base nos interesses do grupo.</li> </ul>

\*A periodicidade da reunião depende da necessidade dos idosos. Caso não exponham os assuntos na reunião de grupo, têm sempre a possibilidade de reunir individualmente com a responsável sem necessitar de marcação prévia.

## Registo do panorama familiar dos idosos

Idosos	Estado Civil	Agregado Familiar	Parentesco	Familiares	Familiares próximos	Familiar Responsável	Obs.
Sr. Francisco	Divorciado	Ilda e Marido	Filha e Genro	5 Filhas - 5 Genros 1 Filho (viúvo) 15 Netos 14 Bisnetos	Filha Ilda	Filha Ilda	-
Sr. António	Casal	Vivem os 2	-	2 Filhas – 2 Genros 3 Netos	Todos	Filha Mafalda	As filhas intercalam o apoio aos pais.
D. Lúcia							Tem quadro demencial.
D. Alice	Casal	Vivem os 2	-	2 Filhas – 2 Genros 1 Filho – 1 Nora 7 Netos 2 Bisnetos 1 Irmã	Filha Elsa Irmã D. Catarina (frequenta CD)	Filha Elsa	-
Sr. Simão							Tem problemas de alcoolismo
D. Catarina	Viúva	Vive sozinha	-	4 Filhas 7 Netos ? Bisnetos	Filha Maria Filha Bruna Irmã (frequenta CD)	Filha Maria	Duas filhas estão emigradas.
D. Luísa	Viúva	Ana M <sup>a</sup> e Marido	Filha e Genro	1 Filha - 1 Genro 1 Filho - 1 Nora 4 Netos ? Bisnetos	Todos	Filha Ana M <sup>a</sup>	Uma neta trabalha na creche do Pontão.
<i>D. Ana M<sup>a</sup></i>	<i>Viúva</i>	<i>Salomé e Marido</i>	<i>Filha e Genro</i>	<i>1 Filha - 1 Genro 1 Filho - 1 Nora 3 Netos 1 Bisneto</i>	<i>Todos, mas em especial a filha Salomé e a neta Silvana.</i>	<i>Filha Salomé</i>	<b><i>SAIU DO CD.</i></b>
D. Arminda	Casada	Sr. Luís	Esposo	1 Filha 1 Filho 2 Netas 1 Bisneta	Esposo, Filha M <sup>a</sup> João, Filho Vicente, netas e bisneta.	Filha M <sup>a</sup> João	O filho Vicente tem problemas foro psicológico.

Sr. Miguel	Viúvo	Vive sozinho	-	2 Filhos - 2 Noras 2 Netos	Filho Vasco, Nora Mafalda e neto Tomás.	Nora Mafalda	Os restantes familiares estão emigrados.
D. Constança	Viúva	Filipe	Filho	1 Filho 2 Netos 1 Nora 1 Enteada - 1 Genro (marido enteada) 1 Neta (filha enteada)	Todos	Neta Mónica	O filho tem problemas de alcoolismo e é pouco afável para a mãe.
<i>Sr. Mário</i>	<i>Viúvo</i>	<i>Vive sozinho</i>	<i>Filha</i>	<i>1 Filha 1 Neta</i>	<i>Todos</i>	<i>Filha Laurinda</i>	<b>SAIU DO CD.</b>
D. Alda	Viúva	Carmina e Marido	Filha e Genro	1 Filha – 1 Genro 2 Netos 1 Nora 2 Netos	Filha e Neto	Filha Carmina	Tem quadro demencial. Faleceu 1 filho.
D. Aurora	Casada	Sr. Vítor	Marido	Marido 1 Filha – 1 Genro 3 Netos 1 Filha (emigrada) 1 Filho – 1 Nora 1 Neta 2 Bisnetos	Filha Clara e Neto José	Filha Clara	Tem quadro demencial.
D. Lisa	Viúva	Fábio	Filho	2 Filhos – 1 Nora 4 Netos	Todos, mas especialmente os dois filhos.	Filho Fábio	Tem quadro demencial.
Sr. Jaime	Casado	D. Ester	Esposa	1 Filho - 1 Nora 1 Neto 1 Bisneta	Todos.	Nora Ivone	-
Sr. João	Casal	Vivem os 2	-	1 Filha - 1 Genro 2 Netas	Todos	Filha Adelaide	Idosos vivem na parte de cima da casa da filha.
D. Natacha				1 Filho - 1 Nora 3 Netos (1 está Emigrado)			

## Registo das dinâmicas familiares

Sr. Francisco

Data Admissão: 01/09/2014

Mês: Setembro

Contacto CD	Data Contacto	Visitante	Relação de Parentesco	Objetivo do contacto	Assuntos abordados	Perspetivas dos idosos sobre familiares	Obs.
3 Visitas	04/09/2014	Neto, Esposa e filha	Neto Neta por afinidade Bisneta	Inscrição em creche do filho do casal.	Quotidiano (estado de saúde, integração CD)	Fala dos netos e bisnetos com distanciamento; Não sabe o nº de bisnetos.	
1 Visita	05/09/2014	Ilda	Filha	Solicitado pela DT para conclusão de processo burocrático.	-	Fala da filha Ilda com gratidão por esta ser a única que lhe presta apoio; Solicitou que os passeios de longa distância fossem realizados à 6ªf, pois é o dia de folga da filha.	Contactou com a DT.
1 Visita	11/09/2014	Ilda	Filha	Pagar a mensalidade.	-	-	Contactou com a DT.

Mês: Outubro

Contacto CD	Data Contacto	Visitante	Relação de Parentesco	Objetivo do contacto	Assuntos abordados	Perspetivas dos idosos sobre familiares	Obs.
1 Visita	10/10/2014	Ilda	Filha	Pagar a mensalidade.	Nova medicação da gripe que o Sr. Francisco faz; Informar que será a própria a acompanhar o Sr. Francisco na consulta de 21/10/14.	O Sr. Francisco não se apercebeu da visita da filha.	Ver nota de campo 7.
1 Visita	14/10/2014	Ilda	Filha	Questionar a hora de saída do CD.	Questionou sobre a hora de saída do pai do CD,	O Sr. Francisco não se apercebeu da visita da filha.	Ver nota de campo 9.

					pois acha que chega demasiado cedo a casa.		
1 Visita	15/10/2014	Ilda	Filha	Contribuir com legumes e fruta para o fabrico de doces, bolos e tartes para venda na Feira da alimentação.	Entregou o seu contributo à colaboradora Dina e disse que não queria que o Sr. Francisco a visse, pelo que saiu de seguida.	O Sr. Francisco não se apercebeu da visita da filha.	

**Mês: Novembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	10/11/2014	Ilda	Filha	Pagar a mensalidade.	Visitou o pai na sala de convívio do CD e ficou a vê-lo jogar dominó. Informou-o do objetivo da sua visita e despediu-se.	-	-
1 Visita	21/11/2014	Ilda	Filha	Levar o Sr. Francisco ao Centro de Saúde da Conceição para a toma de uma vacina.	-	-	Dada a greve de enfermeiros não foi possível a toma da vacina, sendo a mesma reagendada para a próxima semana.
1 Visita	26/11/2014	Ilda	Filha	Levar o Sr. Francisco ao Centro de Saúde da Conceição para a toma de uma vacina.	-	-	-

**Mês: Dezembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	12/12/2014	Ilda	Filha	Pagar a mensalidade.	Visitou o pai, informou-o do objetivo da sua visita e despediu-se.	-	-

**Mês: Janeiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	09/01/2015	Ilda Filha	Filha Neta	Reunir com a Diretora Técnica para entrega de documentação.	-	-	Ver nota de campo 17.

**Mês: Fevereiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	11/02/2015	Ilda	Filha	Pagar a mensalidade.	-	-	Fez o pagamento na receção e saiu.
1 Visita	27/02/2015	Ilda	Filha	Levar o Sr. Francisco a passear e a visitar os seus irmãos.	A Ilda elogiou o pai por estar de fato para irem passear e saíram os dois, após a toma do pequeno-almoço.	O Sr. Francisco passou a semana toda a partilhar com o grupo o facto de na 6ªf ir visitar os seus irmãos.	A Ilda estava feliz por estar a proporcionar este momento ao pai.

Mês: Março

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	20/03/2015	Ilda	Filha	Trazer o bolo de aniversário ao Sr. Francisco e juntar-se ao grupo no lanche para cantar os parabéns.	-	-	-

**Total de 17 visitas entre setembro de 2014 e abril de 2015.**

**Sr. António e D. Lúcia**

**Data Admissão:** 01/09/2014

**Mês:** Setembro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	01/09/2014	Mafalda	Filha	Perceber se os pais estavam bem.	Questionou sobre a forma como se estavam a sentir e se estavam a gostar dos espaços e das atividades.	O Sr. António e a D. Lúcia ficaram satisfeitos com a visita da filha.	
1 Visita	05/09/2014	Mafalda	Filha	Entregar produtos de higiene para o pai.	Visitou os pais e informou-lhes sobre o objetivo da sua visita.	-	
1 Visita	10/09/2014	Mafalda	Filha	Levar o pai a consulta médica.	Questionou o pai sobre o seu estado de saúde e informou a mãe do objetivo da visita.	-	
1 Visita	11/09/2014	Mafalda	Filha	Pagar a mensalidade.	-	-	Contactou com a DT.
1 Visita	12/09/2014	Mafalda	Filha	Levar a mãe a consulta médica.	-	-	
1 Visita	19/09/2014	Mafalda	Filha	Inscrição como voluntária.	Após a inscrição foi visitar os pais e assistiu à atividade.	O casal ficou feliz quando viu a filha entrar na sala do CD.	Contactou com a DT e com os pais.

**Mês:** Outubro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	03/10/2014	Mafalda Vasco	Filha Genro	Fazer a inscrição do Sr. Miguel (pai do Vasco, sogro da Mafalda).	Após a visita e antes da entrevista inicial do Sr. Miguel, todos interagiram na sala do CD;	-	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
					A Mafalda solicitou que os seus pais explicassem ao Sr. Miguel o funcionamento do CD e o quanto estavam satisfeitos.		
1 Visita	13/10/2014	Mafalda	Filha	Fazer o transporte da D. Lúcia para o CD.	A Mafalda veio trazer a D. Lúcia ao CD, pois apesar desta ter preferido ficar em casa por estar doente a Mafalda decidiu que deveria vir para o CD.	-	Ver nota de campo 8.
1 Visita	15/10/2014	Tomás	Neto	Visitar os avós.	Conheceu o CD; Questionou os avós sobre a sua integração no CD, sobre aspetos relacionados com a saúde e outros gerais do quotidiano.	O Tomás é um neto muito querido pelos avós.	

**Mês: Dezembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
5 Visitas	19/12/2014	Mafalda Lara Tomás 2	Filha Filha Neto Primos	Participar da festa de natal do CD.	-	-	-

Mês: Janeiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	06/01/2015	Mafalda Tomás	Filha Neto	Trazer o Sr. Miguel ao CD e aproveitaram para ver o Sr. António e a D. Lúcia e participar na atividade do Rancho Folclórico.	-	-	-
1 Visita	07/01/2015	Tomás	Neto	Preencher a ficha de inscrição de voluntário.	O Tomás foi ver os avós e contou-lhes o objetivo da sua visita ao Pontão.	-	-
3 Visitas	27/01/2015	Mafalda Vasco Lara	Filha Genro Filha	Trazer o bolo de aniversário da D. Lúcia e cantar-lhe os parabéns.	As filhas conversaram sobre a melhoria do estado físico da D. Lúcia.	A D. Lúcia estava contente pela presença das filhas, mas o Sr. António estava muito orgulhoso por ter a sua família próxima reunida e fez questão de solicitar aos funcionários que estivessem presentes neste momento.	

Mês: Fevereiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	10/02/2015	Mafalda	Filha	Pagar a mensalidade.	-	-	Fez o pagamento na receção e saiu.
1 Visita	16/02/2015	Mafalda	Filha	Perguntar o horário da festa de carnaval do CD e entregar produtos de higiene dos pais.	-	-	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	16/02/2015	Mafalda	Filha	Participar na festa de carnaval do CD.	-	-	-
1 Visita	19/02/2015	Mafalda	Filha	Tratar de documentação.	Visitou os pais (Sr. António e D. Lúcia) e o sogro (Sr. Miguel) e esteve à conversa com eles sobre as atividades e sobre a visível melhoria no estado de saúde de todos.	-	-
1 Visita	23/02/2015	Mafalda	Filha	Levar a D. Lúcia ao Centro de Saúde.	-	-	-
1 Visita	27/02/2015	Mafalda	Filha	Falar com o sogro sobre assuntos do quotidiano.	A Mafalda aproveitou para perguntar aos pais se estavam bem e esteve à conversa com o casal.	-	-

**Mês: Março**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	02/03/2015	Vasco	Genro	Levar a sua sogra (D. Lúcia) ao Centro de Saúde.	Cumprimentou o sogro (Sr. António).	-	-
1 Visita	10/03/2015	Mafalda	Filha	Trazer medicação para a D. Lúcia.	Entregou a medicação à colaboradora e comunicou o objetivo da visita aos seus pais. Depois saiu.	-	-
1 Visita	18/03/2015	Vasco	Genro	Levar a sua sogra (D. Lúcia) ao Centro de Saúde para fazer o penso a uma ferida no pé.	-	-	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
3 Visitas	18/03/2015	Mafalda Lara Vasco	Filha Filha Genro	Participar no almoço do Dia do Pai.	-	-	Ver nota de campo 26.
1 Visita	26/03/2015	Tomás	Neto	Levar a avó ao Centro de Saúde para fazer o penso.	-	-	-

**Total de 34 visitas entre setembro de 2014 e abril de 2015.**

**D. Alice e Sr. Simão**

Data de admissão D. Alice: 01/09/2014

Data admissão Sr. Simão: 02/12/2014

Mês: Setembro

Contacto CD	Data Contacto	Visitante	Relação de Parentesco	Objetivo do contacto	Assuntos abordados	Perspetivas dos idosos sobre familiares	Obs.
1 Visita	01/09/2014	Elsa	Filha	Acompanhou a 1ª manhã de integração em CD e fez o transporte	Fez companhia; Estimulou e apoiou a mobilidade; Brincou e divertiu-se.	A D. Alice evidenciou um grande carinho e orgulho na filha.	-
1 CT	11/10/2014	Elsa	Filha	Perceber o estado de saúde da mãe	-	-	Contactou com a DT
1 CT	18/09/2014	Elsa	Filha	Colaborar na gestão do transporte da mãe	-	-	Contactou com a DT
1 Visita	26/09/2014	Elsa	Filha	Levar a mãe ao Centro de Saúde porque se sentiu mal.	Questionou a mãe sobre os seus sintomas.	A D. Alice solicitou que a equipa contactasse a filha, pois sentia-se melhor ao ser acompanhada por esta.	-

Mês: Outubro

Contacto CD	Data Contacto	Visitante	Relação de Parentesco	Objetivo da visita	Assuntos abordados	Perspetivas dos idosos sobre familiares	Obs.
2 Visitas	01/10/2014	Elsa Sr. Simão	Filha Marido	Levar a consulta de medicina dentária	Estado de saúde; Preocupação com a saúde oral e com a imagem da mãe.	-	Dispensou o apoio das colaboradoras para levar a mãe para o carro.
1 Visita	06/10/2014	Elsa	Filha	Levar a mãe ao CD	Incentivou à mobilidade, encorajando a mãe a sair da cadeira de rodas e deslocar-se com o suporte da canadiana.	A D. Alice tem muita admiração e confiança na filha, e reforça que a filha é auxiliar médica e que sabe apoiá-la.	Estimulou a mobilidade ao apoiar a mãe a fazer o trajeto do carro à sala do

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
							CD com suporte de canadiana.
1 CT	07/08/2014	Elsa	Filha	Informar que a mãe ia faltar, pois estava engripada	Informou que quando foi apoiar a mãe nos cuidados de higiene matinais, a mesma encontrava-se engripada.	-	Contactou com a DT.
3 Visitas	27/10/2014	Salomé Silvana Filipe	Nora Neta Bisneto	Participar na festa de aniversário do Pontão.	-	A D. Alice não tem a mesma ligação com a neta como tem a D. Ana M <sup>a</sup> , mas estava contente por estas terem vindo, contudo dizia que só lamentava a sua filha não ter vindo por estar a trabalhar.	As familiares contribuíram para o lanche comunitário com diversos doces e salgados.
1 Visita	28/10/2014	Elsa	Filha	Visitar a mãe.	A Elsa veio visitar a mãe por ontem não ter comparecido na festa, pois estava a trabalhar e hoje estava de folga.	A D. Alice estava feliz com a visita da filha.	Falou com todos os idosos sobre assuntos gerais do quotidiano.

**Mês: Novembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	17/11/2014	Elsa Sr. Simão	Filha Marido	Visitar a D. Alice e perceber se o Sr. Simão quer integrar a valência de CD.	Conversaram com todos, participaram na atividade do Rancho Folclórico e estimularam a D. Alice a andar.	A D. Alice referiu, e refere várias vezes, que ficaria muito mais tranquila se o marido estivesse consigo no CD, em vez de passar o dia todo sozinho.	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 CT	28/11/2014	Elsa	Filha	Questionar a possibilidade do Sr. Simão (pai) passar o dia 01/01/2014 no CD para experimentar sem compromisso, antes de uma possível integração na valência.	A Elsa é muito preocupada com o pai, pois passa o dia sozinho e tem problemas de alcoolismo. Neste sentido solicitou o apoio do CD.	-	A Direção aceitou o pedido, pois por regra geral, todos os possíveis utentes podem passar 1 dia à experiência sem compromisso.

**Mês: Dezembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 CT	03/12/2014	Elsa	Filha	Perceber se o pai (Sr. Simão) se estava a integrar bem.	-	-	-
1 CT	04/12/2014	Elsa	Filha	Informar que vinha ao CD assinar a documentação do pai e que faria o transporte dos pais para casa.	-	-	Quando informei o Sr. Simão e a D. Alice que a filha os vinha buscar, ficaram muito satisfeitos.
1 Visita	04/12/2014	Elsa	Filha	Assinar a documentação referente ao processo do Sr. Simão e fazer o transporte dos pais para casa.	-	-	-
3 Visitas	19/12/2014	Elsa Fernanda Maria	Filha Vizinha Vizinha	Participar na festa de natal do CD.	A Elsa trouxe as vizinhas, pois são muito amigas da D. Alice e a D. Maria é idosa e veio também conhecer o CD.	-	-

Mês: Janeiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	08/01/2015	Elsa Natália	Filha Filha	A Natália conhecer o CD e visitar os pais.	A Natália ainda não conhecia as instalações do CD e aproveitou estar de férias visitar o CD e passar a manhã com os pais – D. Alice e Sr. Simão.	Quer a D. Alice quer o Sr. Simão estavam muito satisfeitos por terem as filhas a visitá-los e a participarem nas atividades juntamente com eles.	A Natália participou na ginástica matinal ajudando a mãe nos exercícios de movimentos, e a Elsa participou na caminhada acompanhando o pai.
1 Visita	13/01/2015	Elsa	Filha	A Elsa veio buscar o pai para ir ao funeral da D. Ana M <sup>a</sup> e avisar a D. Alice que não a iria levar pois receava pelo seu estado de saúde, visto que certamente se iria enervar bastante.	A Elsa estava preocupada com a reação da sua mãe no funeral e explicou que receava que o seu estado de saúde piorasse pois a D. Alice é muito nervosa, ansiosa e ainda está em tratamento para o seu quadro depressivo.	A D. Alice compreendeu a preocupação da filha mas ficou triste por não comparecer ao funeral.	-

Mês: Fevereiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	16/02/2015	Elsa	Filha	Participar na Festa de Carnaval do CD.	-	-	A Elsa trouxe um bolo para partilhar no lanche.
2 Visitas	23/02/2015	Elsa Marido	Filha Genro	Levar o Sr. Simão para tratar de assuntos pessoais.	A Elsa apresentou o CD ao marido e o grupo de idosos.	-	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	24/02/2015	Elsa	Filha	Trazer os pais ao CD.	-	-	Levou-os a uma consulta e depois trouxe-os.
1 Visita	25/02/2015	Elsa	Filha	Trazer os pais ao CD.	-	-	Levou-os a uma consulta e depois trouxe-os.
3 Visitas	25/02/2015	Elsa Carlota Ivo	Filha Neta Bisneto	Visitar a D. Alice e o Sr. Simão.	Conversaram sobre o quotidiano.	A D. Alice estava muito orgulhosa pois foi a primeira vez que a neta a visitará no CD.	-

**Mês: Março**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	18/03/15	Elsa Natália	Filha Filha	Participar no almoço do Dia do Pai.	-	-	Ver nota de campo 26.

**Mês: Abril**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	07/04/2015	Elsa	Filha	Trazer o Sr. Simão ao CD, pois foi acompanhá-lo a uma consulta médica.	-	-	-
1 Visita	24/04/2015	Elsa	Filha	Visitar os pais.	A Elsa veio dizer aos pais que já estava em Tavira e ficaria com eles o fim-de-semana.	-	É habitual a Elsa passar as suas folgas na casa dos pais.

**Total de 30 visitas e 6 contactos telefónicos entre setembro de 2014 e abril de 2015.**

**D. Luísa****Data Admissão:** 08/09/2014**Mês:** Setembro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	08/09/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Perceber como estava a ser o 1º dia de integração.	Questionou a mãe sobre a forma como se estava a sentir no CD.	A D. Luísa é muito próxima da filha e fala com muito orgulho da relação que ambas mantêm.	-
2 Visitas	09/09/2014	Ana M <sup>a</sup> Maria	Filha Prima	Perceber se a mãe se estava a integrar.	Questionou a mãe se estava a gostar das atividades e dos colaboradores.	-	-
2 Visitas	12/09/2014	Elias Laura	Filho Nora	Conhecer as instalações do CD; Perceber se a mãe se estava a integrar.	Questionou sobre a integração da mãe.	A D. Luísa ficou muito feliz com a visita do filho e da nora e durante a tarde contou aos outros episódios da vida do filho.	-
1 CT	15/09/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Colaborar na gestão do transporte da mãe.	-	-	Contactou com a DT
3 Visitas	19/09/2014	Elias Laura Maria	Filho Nora Comadre	Proporcionar um encontro entre as comadres.	Agendou almoço de domingo em família.	A D. Luísa ficou contente por a filha ter voltado a visitá-la e por ter visto a comadre.	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	22/09/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Visitar a mãe e ver o penteado que a Cabeleireira fez.	Cuidados de Beleza e atividades.	A D. Luísa fica muito feliz com as visitas da filha.	Foi a D. Luísa que solicitou à equipa que contactasse a filha para esta vir ver o seu penteado.
1 Visita	26/09/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Trazer medicação.	-	-	-
1 Visita	29/09/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar ao Centro de Saúde para fazer o penso.	Questionou sobre o estado de saúde da mãe.	-	-
1 Visita	30/09/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Assistir à atividade - Desfile para eleição de Miss e Mister SÉnior Tavira, no Jardim do Coreto.	Quotidiano a sobre a atividade.	A D. Luísa estava muito orgulhosa por estar a assistir à atividade com a filha.	A Ana M <sup>a</sup> esteve sempre perto da mãe.

**Mês: Outubro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	08/10/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Atualizar documentação médica da mãe e ver se estava bem, pois está engripada.	Questionou a mãe sobre o seu estado de saúde.	-	-
1 Visita	08/10/2014	Elias	Filho	Visitar a mãe.	Questionou a mãe sobre o seu estado de saúde, sobre as suas atividades preferidas, sobre o seu	-	Aquando a sua chegada ao CD o Sr. Elias disse, em tom de brincadeira,

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo da visita</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
					parecer sobre as refeições, entre outros serviços; Falaram sobre familiares próximos.		que vinha visitar a mãe senão ela ficava zangada com ele.
1 Visita	13/10/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar ao Centro de Saúde para fazer o penso.	Questionou sobre o estado de saúde da mãe.	-	-
1 Visita	14/10/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar ao Centro de Saúde para fazer o penso.	Questionou sobre o estado de saúde da mãe.	-	-
2 Visitas	14/10/2014	Ana M <sup>a</sup> Marido	Filha Genro	Perceber se a mãe estava a melhorar.	Questionou sobre o estado de saúde da mãe; Admirou as fotografias que estão expostas e elogiou o estado de espírito da mãe.	A D. Luísa disse “Eu sou muito querida pelas minhas pessoas, todos me querem muito bem”.	Ver nota de campo 10.
1 Visita	24/10/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar ao Centro de Saúde para fazer o penso.	Questionou sobre o estado de saúde da mãe. Comentou comigo que gosta muito de ver as fotos da mãe no facebook.	-	-
3 Visitas	27/10/2014	Ana M <sup>a</sup> Elias Laura	Filha Filho Nora	Participar na festa de aniversário do Pontão.	-	A D. Luísa estava encantada por ter os seus filhos na festa e pelo contributo destes quer no lanche comunitário quer por dançarem.	As familiares contribuíram para o lanche comunitário com diversos doces e salgados.

Mês: Novembro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	04/11/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar ao Centro de Saúde para fazer o penso.	-	-	-
Presença Festa Pontão	09/11/2014	D. Luísa Ana M <sup>a</sup>	Própria Filha	Participaram no almoço de convívio entre funcionários, sócios e amigos do Pontão como forma de comemoração do 14º aniversário da instituição.	A D. Luísa estava muito orgulhosa por estar presente na iniciativa, pois não só era a única utente do CD presente, como a sua filha tinha feito questão de a trazer.	-	Foi com muito orgulho que entrou para a foto do grupo.
1 Visita	10/11/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar ao Centro de Saúde para tratamento anticoagulante.	-	-	-
1 Visita	11/11/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Participar na festa do Magusto do CD.	A Ana M <sup>a</sup> estava muito emocionada ao ver a mãe participar na atuação do Rancho Folclórico do CD.	-	-
1 Visita	27/11/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Entregar à D. Luísa a mala que se esqueceu em casa.	-	-	-

Mês: Dezembro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	12/12/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar a mãe ao Centro de Saúde para fazer o penso.	-	-	A D. Luísa caiu a 10/12 e fez um hematoma e um corte na face.

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	15/12/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Entregar à equipa do CD prendas de Natal em nome da sua mãe.	A Ana M <sup>a</sup> referiu que a mãe fez questão de comprar uma lembrança para cada colaborador como forma de agradecimento pelo apoio que a entidade lhe presta diariamente, e claro, para assinalar a quadra natalícia.	-	-
1 Visita	16/12/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar a mãe ao Centro de Saúde para fazer o penso.	-	-	-
1 Visita	18/12/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Levar a mãe ao Centro para tirar os pontos.	A Ana M <sup>a</sup> referiu que a sua mãe conversou com a enfermeira sobre o papel que desempenhará numa dramatização, na festa de natal revelando preocupação pelo facto de ter um hematoma na cara.	A D. Luísa esteve muito entusiasmada, a semana toda, por ter o papel principal na dramatização a realizar na festa de natal.	-
5 Visitas	19/12/2014	Ana M <sup>a</sup>	Filha Sobrinha Primos	Participar na festa de natal do CD.	A família da D. Luísa e, principalmente, a Ana M <sup>a</sup> estavam muito felizes por assistir à festa de Natal e ver a D. Luísa com um papel importante na dramatização.	A D. Luísa referiu ter sido o dia mais feliz no CD e o seu melhor aniversário. Estava radiante por ter os seus familiares todos presentes na festa.	Estavam presentes vários familiares da D. Luísa, pois também era dia do seu aniversário.

Mês: Janeiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	13/01/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Fazer o transporte da sua mãe para casa, depois de ter ido ao funeral da D. Ana M <sup>a</sup> que era a pessoa mais próxima da D. Luísa no CD.	A Ana M <sup>a</sup> estava preocupada com a sua mãe que obviamente reagiu mal ao falecimento da D. Ana M <sup>a</sup> e não dormiu de noite. Depois de ter ido ao funeral veio buscar a mãe ao CD para levá-la consigo para casa.	A D. Luísa chorou quando a filha chegou e questionou-a sobre o funeral.	-
1 Visita	16/01/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Perceber se a sua vizinha D. Lisa (nova utente do CD) estava a gostar de estar no CD.	A Ana M <sup>a</sup> conhece a D. Lisa e passou pelo CD para a questionar se estava ou não a gostar de estar no CD, pois foi a Ana M <sup>a</sup> uma das pessoas que incentivou a D. Lisa a vir para o CD.	-	-
2 Visitas	26/01/2015	Ana M <sup>a</sup> + Cunhada	Filha	Perceber se a D. Luísa estava mais animada pois passou o fim-de-semana muito triste.	A Ana M <sup>a</sup> disse que a mãe passou o fim-de-semana a lamentar-se pelos trabalhos que lhe dá, sendo que a Ana M <sup>a</sup> relativizou, pois ama a mãe incondicionalmente e é com muito orgulho que se assume como cuidadora.	A D. Luísa estava preocupada pois a filha estava adoentada e recebeu estar a dar demasiado trabalho à filha.	-
2 Visitas	28/01/2015	Ana M <sup>a</sup> + Cunhada	Filha	Levar a D. Luísa ao aniversário da comadre que está integrada num lar em Tavira.	A Ana M <sup>a</sup> veio buscar a mãe para levá-la ao aniversário da comadre, e porque estando a Ana M <sup>a</sup> com a sua sogra não	A D. Luísa estava contente por ir ver a comadre e brincalhona com a filha que lhe desmanchou o	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
					estaria em casa a horas de receber a D. Luísa. A Ana M <sup>a</sup> esteve ainda a apoiar a D. Luísa num cachecol de malha que esteve a fazer.	cachecol, pois haviam partes mal feitas por isso a D. Luísa não conseguia continuar a malha.	

**Mês: Fevereiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	04/02/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Avisar que na manhã seguinte a sua mãe vai fazer análises e que não é necessário o CD fazer o transporte da D. Luísa para o CD.	A Ana M <sup>a</sup> viu a mãe participar no Rancho Folclórico e ficou muito satisfeita. Fez questão de ir dizer à mãe que estava ali e que queria vê-la sempre assim animada.	A D. Luísa estava entretida na atividade do Rancho Folclórico e ficou surpresa quando se apercebeu que a filha estava a vê-la a cantar.	-
1 Visita	10/02/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Pagar a mensalidade.	Visitou a mãe na sala do CD e estiveram à conversa sobre assuntos do quotidiano.	-	-
2 Visitas	12/02/2015	Ana M <sup>a</sup> Diana	Filha Amiga	Ver a mãe mascarada para ir a um Baile de Carnaval em Tavira.	-	A D. Luísa estava ansiosa pela visita da filha, pois queria que esta a visse mascarada. Mãe e Filha riram-se e divertiram-se com a máscara da D. Luísa.	Atividade realizada no âmbito do Grupo Idade Sénior.
1 Visita	16/02/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Avisar que a mãe não viria hoje para o CD pois tem uma consulta	-	A Ana M <sup>a</sup> informou-nos que a mãe estava triste por não estar	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
				às 14h no Hospital de Faro.		presente na Festa de Carnaval.	
1 Visita	18/02/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Trazer acessórios pessoais da D. Luísa e ver se esta estava bem.	-	-	De manhã antes de entrar na carrinha a D. Luísa caiu e a Ana M <sup>a</sup> estava preocupada, pois apesar de não se ter ferido, estava triste com o sucedido.
2 Visitas	25/02/2015	Ana M <sup>a</sup> Diana	Filha Amiga	Participar na sessão de esclarecimentos sobre Residência Segura da GNR.	-	A D. Luísa informou a equipa logo de manhã que a sua filha vinha à sessão. Estava bastante contente por ter a filha sempre presente nestas iniciativas.	-
3 Visitas	10/03/2015	Ana M <sup>a</sup> Diana Sobrinha	Filha Amiga Sobrinha	A sobrinha visitar a tia (D. Luísa).	Falaram sobre o estado de saúde da sobrinha e sobre a atividade em que a D. Luísa participava.	A D. Luísa estava preocupada com a saúde da sobrinha e ficou muito satisfeita por vê-la bem.	-

**Mês: Março**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	18/03/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Visitar a mãe e perceber se estava mais animada,	-	-	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
				pois passou a noite adoentada.			
1 Visita	20/03/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Participar na sessão de saúde aberta à comunidade sobre hábitos de vida saudáveis.	-	-	-

Mês: Abril

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
3 Visitas	06/04/2015	Ana José Filipe	Sobrinhos	Visitar a tia e perceber como estava o seu estado de saúde, o seu quotidiano e a sua integração no CD.	Falaram sobre assuntos do quotidiano familiar.	A D. Luísa apresentou os familiares ao grupo com muito orgulho por estar a receber a visita dos sobrinhos.	-
1 Visita	13/04/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Visitar a mãe e o grupo.	-	-	-
1 Visita	24/04/2015	Ana M <sup>a</sup>	Filha	Visitar a mãe e conversar com a equipa sobre o estado de saúde da mãe.	-	-	-

**Total de 59 visitas, 1 contacto telefónico, e 1 presença numa atividade da Direção no exterior entre setembro de 2014 e abril de 2015.**

**D. Arminda****Data Admissão:** 01/10/2014**Mês:** Outubro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 CT	01/10/2014	M <sup>a</sup> João	Filha	Perceber se a mãe se estava a integrar no grupo e a gostar das atividades.	Questionou sobre a adaptação.	-	-
2 Visitas	03/10/2014	M <sup>a</sup> João Sr. Luís	Filha Marido	Entrega de documentação em falta; Visitar a D. Arminda.	Questionaram sobre a integração, se gosta das refeições, das atividades, dos espaços e das colaboradoras.	A D. Arminda é muito próxima da filha e afirma várias vezes que esta é o seu grande apoio	A M <sup>a</sup> João informou a DT que o seu irmão poderia vir visitar a mãe para lhe pedir apoio financeiro. O filho da D. Arminda tem problemas do foro psicológico e de alcoolismo.
1 CT	06/10/2014	M <sup>a</sup> João	Filha	Perceber se a mãe estava bem e se tinha medicação em falta.	-	-	Contactou com a DT.
1 Visita	06/10/2014	Margarida	Neta	Entregar a medicação da avó.	Falámos apenas sobre a medicação que a Marisa veio trazer.	-	Não visitou a avó, pois disse que não tinha tempo e que estaria com a avó assim que esta chegasse a casa.

**Mês: Dezembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	19/12/2014	M <sup>a</sup> João Sr. Luís	Filha Marido	Participar na festa de natal do CD.	-	-	-

**Mês: Janeiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	19/01/2015	M <sup>a</sup> João	Filha	Tratar de documentação referente ao processo da D. Arminda.	Explicou à mãe o que a trouxe ao CD e esteve com esta até ao horário do transporte.	-	A M <sup>a</sup> João não tem transporte próprio e lamentou não estar mais presente na vida do CD.

**Mês: Fevereiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	18/02/2015	M <sup>a</sup> João	Filha	Levar a D. Arminda ao Centro de Saúde.	-	A D. Arminda lamentou o transtorno que causa à filha, pois esta também tem problemas de saúde e está sempre disponível para a mãe.	-
1 CT	19/02/2015	M <sup>a</sup> João	Filha	Avisar que a D. Arminda estava doente e não vinha para o CD.	-	-	-

Mês: Abril

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	21/04/2015	Mª João	Filha	Acompanhar a D. Arminda a uma consulta hospitalar.	-	-	-

**Total de 8 visitas e 3 contactos telefónicos entre outubro de 2014 e abril de 2015.**

**Sr. Miguel**

**Data Admissão:** 06/10/2014

**Mês:** Outubro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 CT	06/10/2014	Mafalda	Nora	Perceber se o Sr. Miguel estava bem.	Questionou sobre a adaptação; Questionou sobre o estado de saúde.	-	
1 Visita	08/10/2014	Mafalda	Nora	Levar a consulta médica.	Questionou sobre a adaptação.	O Sr. Miguel tem a nora em consideração, mas ainda não fala muito sobre o seu universo familiar.	
1 Visita	15/10/2014	Tomás	Neto	Visitar os avós.	Conheceu o CD; Questionou os avós sobre a sua integração no CD, sobre aspetos relacionados com a saúde e outros gerais do quotidiano.	O Tomás é um neto muito querido pelos avós, em especial pelo Sr. Miguel que apenas tem este neto perto de si.	
1 Visita	22/10/2014	Vasco	Filho	Pagamento da mensalidade.	Pagou a mensalidade e quando questionado se queria visitar o seu pai respondeu que sim. Conversaram durante 5 minutos, onde o Vasco disse ao Sr. Miguel o objetivo da sua visita e perguntou-lhe se estava tudo bem.	O Sr. Miguel é grato pelo apoio do filho, mas lamenta apenas ter este filho perto da sua zona de residência, pois o seu outro filho está emigrado.	
1 Visita	30/10/2014	Vasco	Filho	Entregar a chave da caixa postal ao pai.	-	-	Ver nota de campo 13.

**Mês: Novembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Vista	07/11/2014	Vasco	Filho	Levar o Sr. Miguel a uma consulta.	-	-	

**Mês: Dezembro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
5 Visitas	19/12/2014	Mafalda Lara Tomás 2	Nora Irmã Nora Neto Primos	Participar da festa de natal do CD.	-	-	

**Mês: Janeiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	06/01/2015	Mafalda Tomás	Filha Neto	Trazer o Sr. Miguel ao CD.	-	-	-
1 Visita	07/01/2015	Tomás	Neto	Preencher a ficha de inscrição de voluntário.	O Tomás foi ver os avós à sala do CD e contou-lhes o objetivo da sua visita ao Pontão.	-	-

Mês: Fevereiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	16/02/2015	Mafalda	Nora	Perguntar o horário da festa de carnaval do CD e entregar produtos de higiene dos pais.	-	-	-
1 Visita	16/02/2015	Mafalda	Nora	Participar na festa de carnaval do CD.	-	-	-
1 Visita	19/02/2015	Mafalda	Nora	Tratar de documentação.	Visitou os pais (Sr. António e D. Lúcia) e o sogro (Sr. Miguel) e esteve à conversa com eles sobre as atividades e sobre a visível melhoria no estado de saúde de todos.	-	-
1 Visita	27/02/2015	Mafalda	Nora	Falar com o sogro sobre assuntos do quotidiano.	-	-	-

Mês: Março

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	02/03/2015	Vasco	Filho	Levar a sua sogra (D. Lúcia) ao Centro de Saúde.	O Vasco cumprimentou o pai. Depois esperou, de pé perto da entrada do refeitório, que a D. Lúcia tomasse o pequeno-almoço.	O Sr. Miguel percebeu o objetivo da presença do filho e apenas lhe perguntou se estava tudo bem com ele.	-
1 Visita	11/03/2015	Vasco	Filho	Levar o pai a Tavira para tratar da gestão doméstica do Sr. Miguel.	-	-	-

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	18/03/2015	Vasco Mafalda	Filho Nora	Participar no almoço do Dia do Pai.	-	-	Ver nota de campo 26.

**Total de 21 visitas e 1 contacto telefónico entre outubro de 2014 e abril de 2015.**

**D. Constança****Data Admissão:** 17/11/2014**Mês:** Novembro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	17/11/2014	Tatiana	Neta	Perceber se a D. Constança estava bem e se estava a integrar-se no CD.	Questionou a avó sobre as atividades, a alimentação, sobre a equipa e sobre a forma como se sentia no CD.	A D. Constança fez questão de referir que a Tatiana não era sua neta direta, mas que a estima como tal, assim como a Tatiana que é muito atenciosa para com a “avó”.	
2 Visitas	19/11/2014	Leonardo Guilhermina	Neto Nora	Perceber se a D. Constança estava bem e se estava a integrar-se no CD.	Questionaram a D. Constança sobre a sua integração no CD e conversaram um bocadinho comigo sobre a realidade familiar e sobre o contexto habitacional.	-	Ver nota de campo 15.
1 CT	24/11/2014	Guilhermina	Nora	Perceber se a D. Constança estava bem.	-	-	-
1 CT	28/11/2014	Guilhermina	Nora	Perceber se a D. Constança estava bem.	-	-	-

**Mês:** Dezembro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Vista	02/12/2014	Mónica	Neta	Assinar a documentação em falta no processo da D. Constança.	-	-	-

2 Visitas	19/12/2014	Tatiana -	Neta Bisneta	Participar na festa de natal do CD.	-	A D. Constança emocionou-se quando viu que tinha familiares seus a assistir à festa. Referiu que a Tatiana é muito importante na sua vida.	-
2 Visitas	23/12/2014	Leonardo Guilhermina	Neto Nora	Levar uma prenda de Natal à D. Constança e medicação em falta.	Estiveram à conversa sobre assuntos familiares do quotidiano e sobre a integração da D. Constança no CD.	A D. Constança ficou muito contente com o gesto dos familiares.	-

**Mês: Janeiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	15/01/2015	Leonardo Guilhermina	Neto Nora	Entrega de documentação e de produtos de higiene da D. Constança.	-	Como sempre, a D. Constança gosta de ver o neto e conversar com ele.	-
1 Visita	30/01/2015	Mónica	Neta	Assinar documentação referente ao processo da D. Constança.	-	-	A Mónica chegou ao CD às 18h e os idosos já não estavam no CD.

**Mês: Fevereiro**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	10/02/2015	Leonardo	Neto	Pagar a mensalidade. Pagar a entrada da avó no Baile de Máscaras em Tavira.	O Leonardo esteve um bocadinho à conversa com a avó. Depois dirigiu-se a mim e disse-me que a avó	-	A D. Constança há 15 anos

					Ihe tinha pedido que viesse entregar o valor da entrada no Baile pois temia esquecer-se.		que não ia ao baile.
3 CT	18/02/2015 19/02/2015 20/02/2015	Leonardo	Neto	Saber se a D. Constança estava no CD.	A D. Constança esteve adoentada e faltou durante 3 dias. Como ouve mal e não atende o telefone, o Leonardo ligou todos os dias para o CD para saber se a avó tinha vindo ou se estava em casa. Quando informado que a avó estava a faltar, informou-nos que ia ver a avó no seu domicílio.	-	-

**Mês: Março**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
6 Visitas	23/03/2015	Mónica Leonardo Guilhermina Tatiana - Filipe	Neta Neto Nora Neta Bisneta Filho	Trazer um bolo de aniversário e cantar os parabéns à D. Constança.	Conversaram sobre assuntos do quotidiano e mimaram a D. Constança.	A D. Constança estava emocionada e muito feliz com a surpresa dos seus familiares.	-

**Mês: Abril**

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	10/04/2015	Leonardo	Neto	Trazer medicação para a avó e pagar a mensalidade.	-	-	-

1 Visita	20/04/2015	Leonardo	Neto	Trazer bens pessoais para a D. Constança.	-	-	-
----------	------------	----------	------	---	---	---	---

**Total de 20 visitas e 5 contactos telefónicos entre novembro de 2014 e abril de 2015.**

**D. Aurora****Data Admissão:** 16/12/2014**Mês:** Dezembro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	19/12/2014	Clara Henrique	Filha Neto	Tratar de documentação referente ao processo da D. Aurora.	-	A D. Aurora ficou muito contente quando viu os seus familiares.	-

**Mês:** Janeiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	07/01/2015	Clara Henrique	Filha Neto	Trazer a D. Aurora ao CD, pois tinha ido fazer análises.	A Clara referiu que a mãe passou a noite muito agitada.	-	-
1 Visita	22/01/2015	Clara	Filha	Tratar de documentação referente ao processo da D. Aurora.	-	-	Visita a pedido da DT, fora do horário de funcionamento do CD pois a Clara trabalha.

**Mês:** Abril

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	24/04/2015	Clara Henrique	Filha Neto	Levar a D. Aurora ao médico pois estava adoentada.	Contactamos a Clara a informar do estado de saúde da D. Aurora e a Clara prontificou-se logo a vir buscar a mãe.	-	-

**Total de 7 visitas entre dezembro de 2014 e abril de 2015.**

**Sr. Jaime**

**Data Admissão:** 02/02/2015

**Mês:** Fevereiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	10/02/15	D. Ester	Esposa	Trazer bens pessoais do marido.	A D. Ester ficou À conversa com todos na sala e participou na atividade do Rancho Folclórico do CD.	O Sr. Jaime apresentou ao grupo a sua esposa e orgulhosamente falava dela.	-
1 Visita	11/02/15	Ivone	Nora	Mostrar exames médicos do Sr. Jaime e “justificar” a falta do Sr. Jaime hoje no CD.	-	-	-
1 Visita	16/02/15	D. Ester	Esposa	Participar na Festa de Carnaval do CD.	A D. Ester ficou radiante quando viu o Marido mascarado e bastante divertido.	O Sr. Jaime estava muito com a presença da esposa na Festa do CD.	Trouxe um bolo, pois nas suas palavras “na minha altura era tradição fazer um pão-de-ló”.
2 Visitas	24/02/15	Ivone D. Ester	Nora Esposa	Trazer o Sr. Jaime ao CD, pois foram com ele fazer exames médicos.	-	-	-

**Mês:** Março

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
3 Visitas	18/03/15	D. Ester Ivone Saul	Esposa Nora Neto	Participar no almoço do dia do pai.	-	-	Ver nota de campo 26.
1 Visita	30/03/15	D. Ester	Esposa	Visitar o grupo.	-	-	-

**Total de 9 visitas entre fevereiro e abril de 2015.**

**Sr. João e D. Natacha**

**Data Admissão:** 03/02/2015

**Mês:** Fevereiro

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
1 Visita	10/02/15	Adelaide	Filha	Trazer os pais ao CD pois foi com eles a uma consulta médica.	-	-	-
4 Visitas	16/02/15	Adelaide Marido 2 Filhas	Filha Genro 2 Netas	Participarem na Festa de Carnaval do CD.	-	O casal estava muito feliz com a presença da família.	-
2 Visitas	25/02/15	Adelaide Marido	Filha Genro	Tratar de documentação relativa aos processos dos pais.	-	-	Apenas tratou da documentação na receção.

**Mês:** Março

<b>Contacto CD</b>	<b>Data Contacto</b>	<b>Visitante</b>	<b>Relação de Parentesco</b>	<b>Objetivo do contacto</b>	<b>Assuntos abordados</b>	<b>Perspetivas dos idosos sobre familiares</b>	<b>Obs.</b>
2 Visitas	02/03/15	Adelaide Marido	Filha Genro	Visitar o Sr. João que estava com um episódio de irritabilidade/desorientação.	A Adelaide conversou com o pai sobre o que o inquietara e conseguiu que ele almoçasse.	O Sr. João estava muito agitado e apenas solicitava a presença da filha. Ficou mais tranquilo depois de a ver.	A pedido da DT.
2 Visitas	18/03/15	Adelaide Carlos	Filha Filho	Participar no almoço do Dia do Pai.	-	-	Ver nota de campo 26.

**Total de 11 visitas entre fevereiro e abril de 2015.**

## **Guião de entrevista**

### **Guião de entrevista não estruturada**

#### **Tópicos a abordar**

1. Introdução global ao tema
2. Conhecer elementos biográficos mínimos sobre o idoso:
  - 2.1 Universo familiar: relações/dinâmicas com familiares; contexto habitacional;
  - 2.2 Redes sociais: relações com amigos/vizinhos; lugares/espacos de pertença; passatempos;
  - 2.3 Vida ativa: profissão; relações laborais;
  - 2.4 Dia-a-dia antes da instituição;
3. Conhecer o processo de institucionalização:
  - 3.1 Antes da admissão: quando surgiu a hipótese do CD; como foi tomada a decisão (por quem); quais os fatores fundamentais que pesaram na decisão CD; como foram os dias antes da admissão;
  - 3.2 Depois da admissão: como se adaptaram (idosos e familiares); como tem sido a ligação com a instituição; como tem sido a relação família-idoso; o que mudou desde a institucionalização nas várias dimensões;
4. Pergunta de perspetiva para terminar: o que mudariam no Pontão;

#### **Possíveis perguntas de partida:**

Fale-me da sua mãe/pai...

Quem foi a D. Maria ou o Sr. Miguel...

## Planificação das entrevistas

<b>Idoso</b>	<b>Familiar</b>	<b>1ª Reunião</b>	<b>Participa estudo</b>	<b>Data (s) entrevista (s)</b>	<b>Local entrevista</b>	<b>Marcar nova entrevista</b>
Sr. Francisco	Ilda (Filha)	06/03/2015	SIM	20/03/2015 14:30h	Gabinete CD	Não
Sr. António	Mafalda (Filha)	04/03/2015	SIM	13/03/2015 14:30h	Gabinete CD	Não
D. Lúcia						
Sr. Miguel			Mafalda (Nora)			
D. Alice	Elsa (Filha)	03/03/2015	SIM	30/03/2015 14:30h	Gabinete CD	Não
Sr. Simão						
D. Catarina	Corina (Filha)	24/03/2015	NÃO FOI POSSIVEL	-	-	-
D. Lucília	Ana Mª (Filha)	04/03/2015	SIM	12/03/2015 14:30h	Gabinete CD	Não
D. Arminda	Mª João (Filha)	23/03/2015	SIM	31/03/2015 12:00h	Jardim de Tavira	
D. Constança	Guilhermina (nora)	04/03/2015	SIM	27/03/2015 15:00h	Gabinete CD	Não
D. Alda	Carminda (Filha)	18/03/2015	NÃO ACEITOU PARTICIPAR	-	-	-
D. Aurora	Clara (Filha)	03/10/2015	SIM	31/03/2015 15:00h	Gabinete CD	Não
D. Lisa	Fábio (Filho)	06/03/2015	NÃO MOSTROU INTERESSE	-	-	-
Sr. Jaime	Ivone (Nora)	03/03/2015	SIM	01/04/2015 9:30h	Gabinete CD	Não
Sr. João	Adelaide (Filha)	12/03/2015	SIM	26/03/2015 15:00h	Gabinete CD	Não
D. Natacha						

## **Transcrições das Entrevistas**

### **Entrevista 1**

**Dia:** 26 de Março de 2015

**Hora de início:** 15:00h

**Hora de fim:** 16h02

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Adelaide

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – Bom, então... o que é que eu pretendia perceber? Eu já conheço um bocadinho da D. Natacha mais até do que o Sr. João é diferente não é? Ela está ali cognitivamente perfeita, aliás é a que está melhor deles todos, cognitivamente sem dúvida alguma, mas falta-me muita história, falta-me perceber quem foi a sua mãe, quem foi o seu pai, se a vida deles... como é que era antes? Quantos filhos tiveram, quantos netos têm? Aquelas coisas todas lá para trás, se calhar dito pela Adelaide é diferente do que dito um bocadinho pela sua mãe que me diz de vez em quando. Podemos começar até por ela, perceber quem foi a D. Natacha, que de certeza que não é a mulher que é hoje.

**e:** Era uma mulher muito ativa, cheia de energia, não tem nada a ver, muita... por isso é que lhe custa mais estar assim, porque ela tinha muita vivacidade, muita energia, a... foi sempre muito mimada por ele... muito mimada por ele, é uma pessoa que não se preocupava de ir a qualquer lado e deixar coisas por fazer, a casa por limpar, quando chegava estava tudo limpinho, tudo feito, ele vinha da pesca e fazia-lhe tudo.

**E** – Ele era pescador e ela nunca trabalhou?

**e:** Não... ela era doméstica, tratava da casa e depois teve uns aninhos que trabalhou em restaurantes, na cozinha, como ajudante mas não muito tempo.

**E** – Sempre moraram em Cabanas eles?

**e:** Sim.

**E** – Sempre em Cabanas, portanto sempre foi aquele meio... os vizinhos...

**e:** Sim, logo quando casou a minha mãe diz que ainda morou um ano em Santa Luzia mas...

**E** – Sim, mas foi pouquinho?

**e:** Sim...

**E** – Ela também me disse...

**e:** Mas já há muitos anos, já fazem 60 anos de casados no Natal.

**E** – Uau... 60 anos, não sabia. Mas ele ainda hoje tem assim uma série de preocupações com ela.

**e:** Sim... sim quando ele tá...

**E** – Está bem...

**e:** Tá bem... sim ele tá sempre preocupado... a gente mora no primeiro andar, subo um primeiro e o outro depois e ele chega lá se não a vê logo ali em casa... “Onde é que tá ela? Ainda não veio? Não subiu?”

**E** – E aqui é igual, primeiro vai ela, depois vai ele, ele não a deixa sozinha na mesa, diz: “não, primeiro levem ela”.

**e:** Sim...

**E** - Ele leva a cadeira, ele preocupa-se com a mala. Ela está na casa de banho e ele está a espera à porta.

**e:** Sim, ela foi sempre, ela foi sempre muito mimada, ele fez-lhe tudo sempre. Ela nunca arranjou um peixe, ela não fazia o almoço... Muito raro a minha mãe fazia almoço, ele é que lhe fazia tudo. Mudava-lhe a casa, ele fazia-lhe camas, ele...

**E** – Tudo!

**e:** Tudo!

**E** – Uau! Já não há Sr. João desses [risos] e diga-me uma coisa, filhos, é a Adelaide e o seu irmão.

**e:** São.

**E** – E sempre foi assim?

**e:** Sim, ela teve mais mas morreram logo à nascença.

**E** – Pois ela uma vez falou assim qualquer coisa por alto mas depois emocionou--se e não...

**e:** Não, ela teve um que lhe mataram, teve aos 19 anos logo, casou depois engravidou, teve logo um filho que mataram à nascença. O bebé era muito grande e como portanto, queriam tirar com ferros, mataram o bebé. Depois só engravidava de 7 em 7 anos. Ao fim de 7 anos teve uma menina prematura, que ainda teve na incubadora mas morreu e depois ao fim de 7 anos teve outra menina prematura, teve na incubadora e morreu. Depois teve de fazer um tratamento, foi assim que ela depois teve o meu irmão daí a menos tempo ainda uns quantos anos.

**E** – Portanto é só o Sr. Carlos e a Adelaide.

**e:** E eu já vim fora de.. .

**E** – Fora de horas...

**e:** Ela já não podia ter mais filhos, o médico disse que ela já não podia ter mais filhos mas o meu pai queria tanto uma menina.

**E** – E tá aí a menina claro. E diga-me uma coisa, portanto vocês são 2 filhos, e netos? Eu não consigo perceber... quando falam de netos, ela fala de uma coisa e ele depois fala de outra, fico confusa...

**e:** Eu tenho duas meninas.

**E** – Da sua parte são duas meninas.

**e:** Duas meninas sim.

**E** – Essas eu sei.

**e:** Pois, do meu irmão é uma menina e um menino. Depois tem um filho que não é dele, ele é que criou desde mais ou menos pequeno.

**E** – Humm...

**e:** Mas isso é só da mulher dele.

**E** – Quem é que está na Holanda?

**e:** O meu sobrinho mesmo, o filho do meu irmão.

**E** – O filho do seu irmão, ah ok! É porque ela diz que tem um neto na Holanda e tem um neto que lhe abre a porta....

**e:** O que lhe abre a porta...

**E** – É o enteado do seu irmão.

**e:** É. Esse é o que sempre os tratou como avós e eles tratam-no como neto.

**E** – Pois ok, já percebi. Já, a minha confusão já está esclarecida ...

**e:** O meu sobrinho é meu sobrinho mas não é meu sobrinho.

**E** – Não é de sangue mas é de coração pronto ok... está bem.

**E** – Portanto a D. Natacha sempre foi aquela senhora muito independente de si mesma, não é? Muito...

**e:** Sim, quero posso e mando e ela é que sabe e ela é que manda e ela...

**E** – Muito dona do seu nariz.

**E** como é que chegamos? Para ela se calhar vamos voltar, vamos fazer ao contrário porque eles foram admitidos na mesma altura no Centro de Dia. Portanto a sua mãe, uma mulher cheia de vida e quando é que começa a notar a... doença não é? Que acaba por começar...

**e:** Aos 60 e tal, 60 e poucos anos, foi a partir daí.

**E** – E foi uma queda a pique ou foi gradual?

**e:** Foi gradual. Começou nas mãos, depois foi nos pés depois...

**E** – Por aí fora...

**E** – Então o Sr. João, Super-Marido e Super-Pai, pescador a vida inteira, também já sei a... hum... com que idade é que eles casaram?

**e:** A minha mãe tinha 19. O meu pai tinha mais 3.

**E** – 21?

**e:** 22.

**E** – O Sr. João é de Santa Luzia ou também é de Cabanas?

**e:** Não, ele é de Santa Luzia.

**E** – É de Santa Luzia, pois... tanto que ele fala das pessoas de lá.

**e:** É, é mesmo.

**E** – E como é que vem um homem de Santa Luzia morar para Cabanas? É coisa da D. Natacha? [risos]

**e:** Sim... [risos]

**E** - Foi por ela não é? Que ela morava aqui...

**E** – Portanto ele vem de Santa Luzia, ficam a morar em Cabanas e o seu pai, toda a vida foi pescador certo?

**e:** Pois...

**E** – E relação com os amigos, com os vizinhos? Que sítios que eles costumavam de frequentar?

**e:** O meu pai saía pouco, ele não gostava muito, não, nunca foi muito de sair, nunca frequentava cafés como ele não bebia, não tomava café, ia ali em baixo conversava com os homens ali do mar.

**E** – Na baixa-mar?

**e:** É, na baixa-mar, saía e voltava.

**E** – E ela tinha relações com as vizinhas com amigas?

**e:** Sim.

**E** – Hoje em dia apercebo-me quando as oiço conversar, ela, a D. Lucélia, a D. Natacha.

**e:** Sim ela foi muito conversadeira.

**E** – E associo: “ah quando vamos à da na sei quantas e à da...”

**e:** Sim, sim... ali as vizinhas davam-se todas.

**E** – Havia uma... hoje em dia já não tanto noutros sítios essa relação com os vizinhos.

**e:** Ia passear com as vizinhas, a D. Diana, deve conhecer... Ela às vezes vem aí, é muito amiga dela.

**E** – Sim.

**e:** Saíam e tudo.

**E** – Quando é que os seus pais começam? Portanto, eles moram na parte de cima da sua casa, certo? Quando é que começam a perceber que precisam de ajuda de outras pessoas?

**e:** O meu pai há muito pouco tempo, muito pouco tempo mesmo, 4 a 5 meses no máximo. Antes disso ele fazia tudo, sozinho. Tudo, ele ainda fazia o seu almocinho, ele ainda ia ao pão, ainda fazia as compras ali por Cabanas, ainda despejava o lixo, ainda varria o chão, lavava, fazia... lavava loiça, fazia tudo.

**E** – Há coisa de 5 meses não foi, e a sua mãe?

**e:** Ai, a minha mãe já há... já há algum tempo.

**E** – Era ele que cuidava dela?

**e:** Era, ele cuidava dela, ele ajudava-a a ir a casa de banho, ele ajudava a mudar, a vestir, a fazer tudo.

**E** – Ele é que era o cuidador?

**e:** Era e sempre foi, e depois de ela tar assim ainda mais, fazia tudo, tudo, tudo. Ele é que fez sempre tudo por ela.

**E** – Pois.

**E** quando é que começam a perceber... Portanto, a Adelaide trabalha, o seu irmão também, os netos andam na escola e por aí... Quando é que se chega à conclusão que precisam de uma instituição?

**e:** Eu em Dezembro comecei já a falar nisso, porque comecei a vê-lo já muito parado e mesmo assim o dia que eu vim aqui com ele ver, tinha poucos dias que ele tava mais apanhado das pernas, mas mesmo aí por Dezembro eu comecei logo a dizer que se calhar era melhor, tentar convencê-los, mais ela.

**E** – E eles aceitaram bem? Inicialmente quando você começou a falar disso?

**e:** Ele não percebeu muito bem.

**E** – Para o que é que vinha.

**e:** Para o que é que vinha. Acho que só no dia... a minha mãe começou-lhe a dizer “A tua filha quer-te pôr num lar” [risos]...

Porque ela não queria, de maneira nenhuma. E ele dizia “Então e tu?”, como quem diz... “Se tu fores eu vou atrás!”. Mas ele ficou sempre assim muito à parte. Veio, tinha que vir, veio.

**E** – Pois.

**e:** Ela é que foi muito mais difícil de convencer. E dizia que sim, outro dia dizia que não e depois queria uma pessoa que fosse lá para casa cuidar deles. Cansei-me de dizer que era mais difícil arranjar uma pessoa para ir lá.

**E** – E os custos são muito maiores.

**e:** E é diferente, aqui tem outras pessoas ... conversa, pra se distrair.

**E** – Pois, não está isolada.

**e:** Lá tavam muito sozinhos, tavam muito sozinhos em casa.

**E** – Passavam os dias sozinhos e o seu pai que era a pessoa que ainda conseguia autonomamente gerir ali a vida doméstica, de um dia para o outro deixa de conseguir não é? E vocês, filhos é impossível...

**e:** Eu tinha medo que ele a deixasse cair, ou alguma coisa, e não tava ninguém em casa.

**E** – Portanto tem tudo a ver com a quebra ao nível da saúde dele não é?

**e:** Sim.

**E** – Porque ela mal ou bem já se notava, mas ele ainda ia conseguindo...

**e:** Sim.

**E** – Como é que foram os dias antes de eles virem para cá? Como é que eles passaram? Com ansiedade, sem ansiedade?

**e:** Não, ele não ele teve bem...

**E** – Não tinha consciência não é?

**e:** Não tinha consciência para onde é que vinha.

**E** – E ela?

**e:** E ela um dia dizia que sim, outro dia dizia que não. Até o dia de vir.

**E** – Pois. Mas estava irritada consigo?

**e:** Não, não.

**E** – Tranquila?

**e:** Tranquila... Só que é assim, ela, ela é mesmo assim, ela quer, pode e manda. Ainda hoje que não se dá mexida.

**E** – É estranho para mim sabe, que eu não conheço essa D. Natacha.

**e:** Ai, mas ela foi sempre assim.

**E** – E conheço uma D. Natacha que foi sempre... muito educada connosco. Pede-nos por favor para tudo, agradece-nos por tudo e quando nos pede alguma coisa, diz sempre: “desculpa estar a incomodar”. É uma coisa que a mim me causa imensa aflição, porque nós estamos cá para isso, e eu digo-lhe sempre “Não incomoda D. Natacha, se não estiver confortável diga”... “ah mas eu não vos quero tar a incomodar, vocês já trabalham tanto”.

**e:** Sim, sim e ela tinha preocupação que viesse para cá e depois quem é que a levava a casa de banho, quem é que a limpava, quem é que a ajudava? Cansei-me de lhe dizer: “As meninas estão lá, elas ajudam, elas fazem tudo”, mas a preocupação dela era quem é que a ajudava cá. Ela não tinha noção de como era.

**E** – Pois ela não sabia, nunca tinha estado presente em nenhum claro. Acha que eles estão bem adaptados agora portanto, eles já cá estão há... 3 meses, como é que acha que eles estão?

**e:** Eles estão bem.

**E** – Mais ela ou ele?

**e:** Mais ela, ela tá muito satisfeita. Ela adora, tá encantada com todas, gosta muito.

**E** – Ele tem dias não é?

**e:** Ele tem dias porque... sim. Ele agora tem tado bem, com aqueles pensos ele tem tado muito bem. Já me conta melhor as coisas.

**E** – Hoje de manhã quando cheguei já eles estavam a ir para o pequeno-almoço, nem me apercebi que ele ia no meio, passei por ele e disse: “Bom dia Sr. João!”, voltei para trás, porque o vi sozinho...

**e:** Ia bem, ele hoje tava muito bem.

**E** - ...a vir pelo corredor, impecável, disse-me: “Bom dia! Tá melhor?” Porque eu tenho estado meio adoentada, foi quando o vi e virei-me para trás e pensei: “O Sr. João passou por mim a pé a conversar comigo...”.

**e:** Ele hoje tava muito bem, sim. Ele foi sempre uma pessoa muito calada. Por isso é normal que ele não fale muito, mas agora tem chegado a casa e conta, conta, conta tudo. O que faz o que não faz, o que comeu, que conversou com este, que conversou com aquele, ele a dizer-me: “O motorista? Ele é um gajo porreiro”.

[risos]

**E** – É. [risos]

**e:** “Ele é um gajo porreiro”, dizia-me ele. Que a sua amiga tá de férias, disse-me ontem, a amiga que dança com ele, o par dele da dança tá de férias.

**E** – É a Ana. Sabe que a Ana foi de férias na Segunda, ele na Segunda teve mal, ou seja, teve lá no mundo dele. Na segunda-feira à tarde disse-me: “olha, amanhã se a Ana não vier eu também não venho”.

**e:** Disse-lhe ele? [risos]

**E** – Eu pensei e agora que é que faço a minha vida, tenho que dar férias à Ana, porque ele vai com a Dina à casa de banho, é a Dina que lhe dá o almoço, come bem, lancha bem. Quase todas as refeições são feitas com a Dina, ele vai com a Dina à casa de banho, ele senta-se no sofá e chama pela Ana. Ele associa a Ana à animação.

**e:** Eu não sei.

**E** – Tudo o que tenha a ver com atividades, pintar, dançar...

**e:** Ele gosta.

**E** – Sim. Depois é assim, a dança é do 12h às 13h, que é a hora de almoço da Dina. A Dina está a almoçar, esta a Ana com eles e como a Ana consegue levanta-lo e tal e brincar com ele, pra ele a Ana é para as atividades, ele faz tudo com a Dina, chega ao sofá e “Então e a Ana?” [risos].... A gente: “Sr. João vamos trabalhar, vamos fazer não sei quê?” – “Tá aí a Ana?”... [risos]

**e:** Ele gosta dela, ele quer é a brincadeira.

**E** –E vocês como é que se adaptaram? Do momento para o outro, os vossos pais, portanto, o Sr. João que você fala de quase dono da casa e a D. Natacha, aquela Sra. Altiva, dona da sua vida, de um momento para o outro precisam de uma instituição. Eu sei que a Adelaide tem conhecimento de causa destes lugares, mas são os seus pais não é? Como se adaptam?

**e:** Eu, por mim adaptei-me bem, para mim eu fiquei muito mais descansada, porque tê-los em casa, não é...sozinhos... eu não tava sossegada no trabalho.

Mas, o mês de Janeiro foi terrível, um dia ele tentou ajudá-la, ela caiu. A sorte é que a minha cunhada tava em casa nesse dia e lá foi, ela deu um toque no telemóvel e lá foi. Mas eu não tava sossegada.

Um dia ela telefona-me que ele não tava bem, lá venho eu a correr para casa e eu não estava descansada! Para mim foi muito bom.

**E** – Porque acaba de ser no seu horário de trabalho, eles estão acompanhados...

**e:** É. Porque ao fim-de-semana é diferente, a gente tá ali por casa mesmo que saía vamos ali às compras, mas andamos ali por casa. Agora, os dias de semana são terríveis.

**E** – Pois e pensando bem era um dia inteiro não é?

**e:** Era um dia inteiro mesmo, sozinhos.

E a gente queira, não queira, é assim. Tou ali pertinho de casa, peço à minha coordenadora do Centro Infantil, ela não se importa mas também estar a pedir sempre, sempre, sempre, sempre...

**E** – É chato ... queremos estar a trabalhar descansados e não com a cabeça noutra sítio e sempre com receio que vá acontecer alguma coisa...

**e:** É verdade. E eu aqui tou descansada por eles aqui estão acompanhados.

**E** – Pois. E como é que tem sido a sua relação com eles como filha? Houve alguma mudança desde que eles vieram para o Centro de dia?

**e:** Não.

**E** – Tudo igual. Manteve-se tudo como era antes.

Desde que eles vieram para o centro de dia, portanto, desde que aqui estão, o que é que mudou na vossa vida de família? Quer seja nas vossas relações, quer seja com eles, o que é que mudou, estão melhores, não estão, em que é que estão melhores, mudanças desde que vêm para o Centro de Dia...

**e:** Ela parece que tá um bocadinho melhor, tá melhor tá. [risos]

**E** – [risos] De feitio ou de saúde?

**e:** Feitio! Feitio! [risos]

**E** – Feito! Hum... [risos] ok.

E ao nível de saúde nota alguma melhora nela?

**e:** Ela mexe-se bem, eu acho que ela mexe-se um bocadinho melhor. Pelo menos eu acho... às vezes as pernas estão perras, mas o corpo... tudo, está melhor.

**E** – E o Sr. João está melhor?

**e:** Ele tá melhor, conversa mais, tá melhor conversador.

Era muito pouco conversador, a gente tinha de puxar, puxar por ele. Ele tá mais conversador.

**E** – Pronto agora foi devidamente diagnosticado, isso em termos de saúde vai melhorando, porque agora está a fazer o tratamento correto.

E na própria relação entre eles, está tudo igual? Mudou alguma coisa?

**e:** Não, tá tudo igual. Ele continua preocupado com ela. Ela sempre a mandar vir com ele, está sempre, sempre, sempre, sempre...

**E** – [risos]

**e:** A mandar vir com ele... [risos] e chama-lhe nomes...

**E** – É, é, é verdade... [risos]

**e:** Ela é terrível... [risos]

**E** – Eu ria-me com ela, pois ela mesmo sem força conseguia levantar a mão [risos] e dava-lhe batedelas nos braços. Naqueles dias que ele estava pior, quando se queria levantar (para ir embora sozinho), que não conhecia ninguém, que só a conhecia a ela e então ela mesmo sem forças...

**e:** Pois ela foi sempre assim... Terrível.

**E** – Toda a gente diz isso dela, realmente, que se nota uma diferença...

**E** – Ok, portanto, mudanças para si não é, enquanto familiar, está mais descansada, eles têm apoio...

**e:** Sim porque tão acompanhados sim.

**E** – E ao nível deles melhorou o próprio feitio dos dois não é? Ela mais calma e ele mais agitado, digamos assim.

Na sua opinião, você enquanto familiar de referência e fale sem qualquer problema, independentemente do gravador ou do que seja, não tenha problemas nenhuns em dizer. O que é que você mudaria no Pontão, se pudesse?

**e:** Olhe não sei, sinceramente não sei, eu não conheço outras instituições.

**E** – Não conhece outros Centros de Dia?

**e:** Outros centro de dia não. Estou satisfeita....

**E** – Então eu vou ajudar...

**e:** Sim.

**E** – Os horários?

**e:** Ah Ah! [risos]

**E** – É que todos os familiares dizem: “ah, eu não mudava nada”, - “hum está bem. Então e em relação aos horários?” – “Ah, é verdade, essa parte!” – “Bem me pareceu” [risos].

**e:** [risos]....Bem que pedissem um bocadinho mais.

**E** – Mais quê? Mais cedo? Ir buscar mais cedo? É porque este estudo também é para eu ter dados para depois mostrar à direção e dizer: “Estão a ver... As pessoas pedem-me isto....”

**e:** Ir buscar mais cedo para mim 08:50h não está mau.

Como entro às 9h, não me tá fora da hora. Se fosse às 8:30h tinha mais tempo para me despachar. Agora o ir a levar é que...

**E** – É muito cedo para si?

**e:** Para mim é um bocado.

**E** – Que horas é que lhe dava mais jeito?

**e:** É que saiu às 18h e alguns dias às 18:30h. 18h já era bastante melhor.

**E** – É porque depois isto é muito relativo... a freguesia da Conceição é do tamanho do mundo, como costume dizer. Nesta parte das carrinhas, eu percebo os familiares mas também percebo aqui dentro, o “gerir isto”.

**e:** Torna-se também de noite quando é a parte do inverno.

**E** – E não é só isso, eu tenho aqui pessoas que saem daqui às 17h e chegam a casa às 18:30, porque moram quase... no Alentejo como eu costume dizer. É serra atrás de serra, é monte e vale... as pessoas chegam a casa já de noite e o motorista chega aqui já às 19h, portanto, é muito difícil gerir isto. Claro que quem está mais perto são os primeiros a chegar...

**e:** Pois eu sei.

**E** - Tenho um senhor que vive aqui em frente e que a filha dele também disse: “Eu, não tenho nada a mudar” – e eu: “então e o horário?” – “ah, é verdade, o meu pai chega a casa muito cedo, às vezes são 16:45h está a ir para casa”. Porque acaba de lancha, levanta-se e vai-se embora...

**e**: Pois, é assim, para quem está a trabalhar é chato, porque depois não tem quem os receba.

**E** – Pois...

**e**: Eu enquanto tiver a minha filha de férias...É um descanso, porque a minha filha é uma mulherzinha não é?

**E** – Sim...

**e**: Ajuda muito. Agora quando não tenho ninguém...

**E** – É complicado.

**e**: Segunda-feira e quarta que ela foi à natação eu tive que sair do trabalho ir a fugir...

**E** – E a sua mãe fartou-se de chorar, que não ia ter ninguém em casa...

**e**: [risos]

**E** – Eu disse: “Oh D. Natacha. Então o motorista deixava-a na estrada em pé?” – “Pois não sei filha.” – “Então íamos-lhe fazer isso?”.

**e**: Eles quando tiver calor, quando vier agora o calor, eles ficam no quintal, têm um quintal grande, ficam lá sentadinhos, têm cadeiras. Pois ficam lá no quintal, agora o pior é que está frio... Eles têm ficado cá em baixo, à do meu irmão.

**E** – Esteve o dia inteiro a chorar preocupada...

**e**: Ai mãe...

**E** – “E agora, o motorista vai-me deixar ali sozinha!”

**e**: Pois o meu sobrinho foi de viagem...

**E** – Pois ela disse: “Ai o meu neto foi para tão longe, 7 dias! 7 dias! [risos]

**e**: [risos].

**E** – E eu disse-lhe: “Pronto então a a gente vai deixá-la na rua durante 7 dias ” [risos].

**e**: Ai meu Deus!

**E** – Como é que eles se relacionam com os netos?

**e**: Bem.

**E** – Bem?

**e**: Bem.

**E** – Eu noto, eles falam muito... das suas principalmente, noto que estão mais...

**e**: Sim, porque a minha filha é uma miúda muito dada e faz-lhe sempre tudo! Leva a casa de banho, muda-lhe a fralda, deita-lhe, ela só gosta que seja ela a deitá-la.

**E** – O seu pai tem uma ligação muito forte consigo?

**e**: Sim. Sim, mais que ela...

**E** – A sua mãe é a própria a reconhecer isto: – “A minha filha é a menina do pai”.

**e:** Pois é, é...

**E** – Ela diz, ela diz, sempre. Não sei se é mito mas diz-se que os meninos agarram-se mais às mães e as meninas mais aos pais...

**e:** É, é! [risos]. Eu já tou preocupada que só tenho meninas [risos].

**E** – Só tem meninas [risos] e agora? Tem de vir o menino ... [risos].

**e:** Ai não! [risos]

**E** – Mas pelo menos diz-se...

**e:** É.

**E** – E a sua mãe diz muito isso quando temos conversas sobre filhos ou coisas deste género e ela diz sempre: “A minha Adelaide é uma loucura com o pai e o pai com ela.” Tanto que o seu pai quando teve os episódios mais graves, nós falávamos no seu nome, era um tranquilizante.

**e:** Desde que ele começou a tar assim pior, só faz o que eu mando. – “Vai lá zangar-te com ele!” Quando eu não estava com ele, ela dizia-me: “Vai lá zangar-te com ele! Ele só faz o que tu lhe mandas.”

**E** – Mas a sua mãe é a própria a reconhecer isso... “Ela e ele, aquilo é uma loucura um por o outro, a filha e o pai, o pai e a filha”.

**e:** E depois ele gosta muito de meninas.

**E** – É, é.

**e:** A loucura dele é as meninas.

**E** – As netas. Os filhos do seu irmão estão cá, os biológicos mesmo?

**e:** Não, um está na Holanda, o menino.

**E** – O menino.

**e:** A menina é que tá cá.

**E** – Mas tem lidação com elas?

**e:** Tem, tem, tem. Mas ela é diferente da minha. Também é mais pequena, também não é? Mas também é diferente.

**E** – Não é tão dada?

**e:** Não. A minha filha tem um jeito especial desde pequenina para...dar aquele jeitinho, aquela...

**E** – É, miminho!

**e:** É toda muito, muito mimosa. Tem aquele jeito para dar a volta às pessoas, de saber levar. A minha sobrinha é diferente, muito diferente, não tem nada a ver, é mais arisca.

**E** – A sua mãe fala muito da nora portanto, a mulher do seu irmão.

**e:** Sim.

**E** – Ok, então há uma nora. Pronto o seu marido eu já sei, que há um genro que é quase filho.

**e:** É... para o meu pai é, o meu pai gosta muito dele.

**E** – Tudo o que vem de si o seu pai gosta muito, eu já percebi isso [risos]...

**e:** Mas podia não gostar do meu marido [risos]...

**E** – Não... mas é uma escolha sua, ele gosta [risos]...

**e:** Ele gosta muito dele, gosta muito dele, e ele também o ajuda muito, faz-lhe tudo, e conversa com ele, e puxa por ele, aqueles dias que ele teve aí muito mal... Ia para o pé dele na cozinha e conversava e... Tirava-o lá do pé da minha mãe que ela está sempre: “nah, nah, nah [calão]” e acho que aquilo ainda lhe faz pior. E então, sim, ele gosta muito dele. Ele talvez como não tem pai se...

**E** – Se ligasse mais a ele. Sim ele fala muito de si e do genro.

**E** – Então e a relação da sua mãe com o seu irmão?

**e:** Ah! Isso é uma loucura! [risos]

**E** – Eu não estava cá quando houve um episódio de um telefonema...

**e:** Não estava?

**E** – Não estava não...

**e:** Ainda bem que não estava... [risos]

**E** – Pois, elas ligaram-me a dizer...

**e:** Eu disse-lhe “que vergonha, tu não tens vergonha” [risos]

**E** – Pois, elas ligaram-me a dizer que a D. Natacha estava muito mal, que entretanto queria ligar para o filho, e que o filho estava a trabalhar e podia estar a correr perigo...

**e:** É maluca! É maluca! [risos]

**E** – [risos] Elas pensavam que o seu irmão trabalhava em aviões ou em andaimes nas obras... [risos]

**e** – Nada disso... [risos] Nada disso... [risos]

**E** - Quando elas se aperceberam, disseram-me quando me contaram, “Ah o senhor podia tar em perigo, a gente pensou ou é polícia, ou trabalha em aviões ou naqueles andaimes das obras, quando liga para cá um senhor deu-nos um enxovalho tão grande – “Digam a essa senhora...!” e a gente pensou mas qual senhora? Se calhar enganou-se no número...”. Pois eu acho que a sua mãe ligou e ligou muitas vezes para o seu irmão. Ela tem ali uma coisa com ele também...

**e:** É, é uma loucura. Aquilo é... passa a mais, eu disse-lhes as elas, quando elas me ligaram “Ali... é loucura dela é ele... Ela tá muito lucida mas falando do filho, prontos...passa-lhe...

**E** –Pois elas diziam “Quando ela disse que ele pode estar em algum perigo...”...

**e:** [risos]

**E** – Elas pensaram: “Bem, é polícia, bombeiro ou trabalha em aviões ou em andaimes nas obras, e a senhora pode... coisas de mães que a gente não sabe explicar... Pode estar aqui com alguma coisa...”

**e:** Não, eu vou-lhe explicar, o meu irmão ficou diabético aos 4 anos de idade e então o menino que já não caia no chão, que ela perdeu 3 filhos, e depois veio ele a grande custo... E então: “O menino não cai no chão, o menino não cai no chão, não cai no chão” e então ficou assim...

**E** – Tem a ver com isso.

**e:** Paranoia que ela tem. Ele já não é diabético.

**E** – Pode ter a ver com isso que você estava a dizer, ela perdeu 3 filhos depois veio ele com muito custo...

**e:** Ai mas aquilo...! Primeiro que ela sempre gostou de meninos, depois foi aquela fixação...

**E** – Por ele....

**e:** É. E então passa a mais [risos] e nesse dia passou a mais...

**E** – Não faz mal, já tivemos situações, piores, não faz mal...

**e:** Eu zanguei-me com ela, zanguei-me muito com ela [risos]. Por isso eu depois sou é que eu sou a má, eu é que ralho, eu é que zango....

**E** – É normal. O seu pai puxa mais para si, ela puxa mais para o seu irmão. Lá está, o pai para a menina e mãe para o menino e depois temos de contextualizar isto. É como você diz: “A sua mãe esteve muitos anos para ter o seu irmão.”

Que idade é que ela tinha quando teve o seu irmão?

**e:** Nem sei. Nós temos uns 4 anos em diferença, ela devia ter uns trinta e sete...

**E** – Veja lá, ela casou aos 19, foi mãe aos 33, 34, portanto... Não é brincadeira!

**e:** Ah, pois...

**E** – Daí esta “loucura” toda dela.... [risos] Mas pronto, resolveu-se.

**e:** Ela é muito louca com ele [risos]

**E** – Bom... estávamos a falar no que é que mudaria no Pontão, o horário, mais? O que é que me tem a dizer da comida?

**e:** É assim...

**E** – Você desconhecia que o seu pai comia alface e essas coisas, não é?

**e:** Sim... [risos] É assim, ela diz que a comida é boa. Ele não, para ele nunca é bom. Ai ontem! Ontem! Ontem foi o dia que ele melhor comeu cá, disse-me ele! Ele comeu cá muito bem ontem.

**E** – Sabe o que ele comeu ontem?

**e:** Arroz à valenciana.

**E** – Com frango!

**e:** Sim, pronto! Mas no outro dia disse-me: “Elas põem-me um bocado de frango, eu não comi!” Porque assim ele percebeu o que era...

**E** – Desfiado ele come...

**e:** Desfiado ele não sabe o que é.

**E** – É o que eu digo a elas, nós temos de testar, nós temos que perceber.

**e:** Ele reconhece, e mesmo assim quando ele às vezes desconfia ele não come, na outra vez fez coelho ele desconfiou, não comeu!

**E** – Na terça-feira foi pescada frita com arroz de feijão...[risos]

**e:** E ele meteu na cabeça que era enxaroco [risos]

**E** – [risos]

**e:** Mas o arroz ontem tinha enxarroco do outro dia, desfiado em que puseram lá dentro...[risos]

**E** – Disse ele? Ai... eu não acredito... [risos]

**e:** [risos]

**E** – E eu passei por ele e a Dina estava a servir o almoço ela fez-me sinal, e eu, ainda por cima na segunda-feira tinha sido frango e nós não tínhamos peixe para aquecer, que ele às vezes ele prefere comer o peixe aquecido, que é coisa que eu não consigo comer, por exemplo.

**e:** Eu também não.

**E** – E ela fez-me sinal “só come arroz”. E eu fui ao pé dele: “Então Sr. João?” e a sua mãe a dizer: “Isto é pescada!”, e eu disse-lhe “então fizemos uma pescadinha frita você gosta...” – “Pescada? Você pensa que eu não andei ao mar uma vida inteira, você não vê que aquilo é enxarroco?” [risos]

**e:** [risos]

**E** – Então era a sua mãe a dizer, o Senhor do lado, e ele já ofendido porque lhe estavam a desmentir. E então pronto, só quer comer arroz, só come arroz! Não vamos discutir.

**e:** Eu deixei de lhe contrariar desde que ele está assim.

**E** – Não quer comer, não come. Porque se ele mete na cabeça que aquilo é tubarão, é tubarão! É porque ele come o arroz com gosto! Às vezes mistura a salada, ou então pede mais uma sopa e depois é que come o arroz. Vê primeiro o que é a comida e depois diz logo se come ou não. Pelo prato dela, ele diz logo.

**e:** Ele foi sempre muito esquisito com a comida.

**E** – Em vez de comer uma peça de fruta, come duas. Eu disse a elas: “Não contrariem... quer, quer... não quer, não quer”.

**e:** Ele foi sempre muito esquisito com a comida. Eu às vezes vejo-me e desejo-me para saber o que lhe faço de jantar. E agora desde que ele tá assim tenho receio de fazer-lhe diferente. Porque ele fica olhando para o nosso comer e fica desconfiado. Eu tenho de lhe dizer: “É frango! É frango!” Para ele ver bem que o nosso é frango e por isso é que lhe tou dando diferente.

**E** – A gente quando lhe fazia as febras, ele nunca comeu as febras.

**e:** Pois, não percebo porquê...

**E** – Comprámos as febras para ele, mas...nunca comeu. Experimentámos um dia cortada, pensou: “Não, isto é frango ou peru”. Um dia, grelhada normal inteira, não comeu! E a gente dizia-lhe: “Quer uma febra?” – “Não, não gosto disso, nunca comi isso na minha vida!” [risos]

**e:** [risos]

**E** – Pronto, nunca comeu, nunca comeu. Então a comida, é bom. Não mudaria nada, se fosse você?

**e:** A minha mãe diz-lhe que já foi melhor, não sei... [risos]

**E** – Eu sei o que aconteceu, diga à vontade, não há qualquer problema.

**e:** Ela diz que já foi melhor, ai agora ela disse-me...[risos]

**E** – Na última semana não foi?

**e:** As ervilhas com ovos aquilo parecia uma papa, aí outra coisa... o que foi que ela disse... tavam para aí umas comidas que não tavam nada boas... [risos]

**E –** É... eu sei o que aconteceu na semana passada. É normal... nós trabalhamos em equipa nesse sentido. As ementas rodam por nós, claro que quando me calha a mim eu converso com eles. O que é que eles gostam mais, o que é que eles gostam menos, por exemplo, empadão de carne não vale a pena pôr para eles, esparguete à bolonhesa não vale a pena, salada russa...

**e:** Não comem o esparguete à bolonhesa....?

**E –** Muito mal, muito mal. Porque a carne está muito migada, eles gostam da comida para empurrar com o pão, com o garfo...

**e:** Eu faço, ainda no outro dia fiz para o meu pai o esparguete à bolonhesa, mas parto-lhe a esparguete toda como se faz às crianças...

**E –** Aqui não vão muito.... preferem frango assado no forno, o empadão de atum gostam. Há outras... o peixe cozido, o cozido de grão, o cozido à portuguesa, a caldeirada de peixe, feijoada de lulas. É o que eles gostam de comer. E na semana passada a ementa foi mais alternativa... [risos]

**e:** E a minha mãe que gosta tanto de ervilhas com ovos, eu fiz e lá lhe fui levar o bocadinho porque ela adora, e ela a contar que no outro dia fizeram e aquilo não prestava que aquilo era uma papa.

**E –** Pois é da forma como é confeccionada aqui.

**e:** Deve ter sido.

**E –** Eu também gosto muito, mas ervilhas com ovos gosto mais da minha avó [risos] Mas pronto, há dias e cozinhar para 70 não é o mesmo que cozinhar para 3 mas eles percebem isso bem, esta semana é que houve...

**e:** Mas digo-lhe devia conhecer a nossa cozinheira de lá... [risos]

**E –** É pior?

**e:** Não, é boa! Só o cheirinho da comida a passar nos corredores até nos dá gosto...

**E –** Maravilha!

**e:** É muito boa cozinheira.

**E –** Ainda bem! As crianças andam bem alimentadas.

**e:** E são muitas! São muitas!

**E –** Aqui pronto, também elas... também estamos abertos há pouco tempo, são 6 meses a experimentar o que é que funciona, o que é que não funciona! Vamos deixar até Setembro a ver o que é que a água corre.

**E –** Está bem Adelaide, mais alguma coisa que me queira contar dos seus pais?

**e:** Não.

**E –** Ou das relações deles com a família, irmãos, eles nunca falaram de irmãos?

**e:** A minha mãe só tem um irmão. O meu pai teve vários mas quase todos faleceram.

**E** – Já não há assim ligações com ninguém, já quase todos faleceram... Eles não falam nem de irmãos, nem de primos, nem...

**e:** Não, só os sobrinhos. Já no outro dia, já duas vezes que ele diz que o sobrinho dele vem cá.

**E** – Quem é o sobrinho dele?

**e:** O David

**E** – David?

**e:** É de Santa Luzia, o David Mestre.

**E** – Cá?

**e:** Pois, eu também achei estranho, já é a segunda vez que ele me diz “Olha o David teve lá...”. É filho do sobrinho. É um rapaz novo.

**E** – O David é filho...

**e:** De um sobrinho do meu pai. Agora não sei, eu até pensei “Será que ele o viu por lá, será que foi lá? Como ele tem barcos de pesca, será que vai lá vender peixe?”

**E** – David?

**e:** Achei estranho mas já é a segunda vez que ele me diz o mesmo...

**E** – David? Não vem cá nenhum David.... fazer nada... não. Mas eu vou...

**E** – Nós até eramos para ir à mata de Santa Rita mas estava muito vento então fizemos o baile aqui, devia de vê-los, estavam encantados os dois.

**e:** Ele disse-me: “tanta gente, tanta gente!”

**E** – 100 idosos! Não me meto noutra tão cedo.... [risos]

**e:** “Ai aquilo tava tão cheio, cheio, cheio...” dizia-me ele [risos]

**E** – Estava. Achei-lhe uma piada: “Sr. João quer ir à casa de banho?” – “Mas quem é que dá passado ali?” [risos]

**e:** [risos]

**E** – [risos] E depois quando chegamos com ele já estavam pessoas aqui na entrada de cadeiras de rodas e ele assim: “Que concentração de motas é aquela ali no meio, que vem a ser isto?” – “São pessoas de cadeiras de rodas Sr. João.” – “Pois isso tou a ver eu são mais que as mães!” dizia-me ele... [risos]

**e:** [risos]

**E** – Sentei-o, estava ele e a D. Natacha, e eu com a preocupação dela porque a gente não a ouve chamar não é, ela fala muito baixinho, então volta e meia ia ao pé deles e dizia se quiserem ir a casa de banho digam e o Sr. João dizia: “Mas quem é que dá passado neste corredor hoje? Isto hoje é mesmo aqui, não dá tempo de chegar lá.” Fartei-me de rir... mas ele estava encantado e depois a Ana veio ao baile...

**e:** Ai veio?

**E** – Veio, veio...

**e:** Ai... mas ele disse-me que a parceira dele de dança não tava.

**E** – Ela chegou já mais para o fim. Não estava fardada, é diferente, não associou logo a ela mas ainda tiveram ali um bocadinho de conversa...

**e:** Pois mas ele diz... ele ontem...eu fartei-me de rir, “Pois não fomos para a mata que andava lá a polícia...” [risos]. Eles andavam lá desconfiados de alguma coisa, andavam lá e a gente não pode ir pra lá. [risos]

**E** – Ah... [risos]... Mas pronto, a verdade é que estava muito vento [risos].

E ninguém queria ir para a mata obviamente, e pessoas com consciência disseram logo que estava muito frio “não vamos para a mata assim”. Então... já estive a ver com o Presidente, nós não fizemos saída em Março, e pedi-lhe autorização para fazermos 2 agora em Abril. E a ideia é... para mim uma saída com eles é suficiente ir beber um café, é uma coisa que eles não fazem. As pessoas moram em Cabanas mas não vão beber café em Cabanas, as pessoas que moram em Santa Luzia não bebem café em Santa Luzia com 85 anos de idade...

**e:** Pois não....

**E** – Então a ideia agora em Abril é irmos pelo menos uma vez a Santa Luzia beber café. O Sr. João é de lá e eu sei que ele ia gostar muito de lá ir. Irmos à baixa-mar só beber um café já está bom.

**e:** Ah isso é....

**E** – Temos aqui uma senhora que é dos Estorninhos que tem 85 anos e há 70 anos que não ia a Cabanas...

**e:** Acredito.

**E** – Quando saiu da carrinha começou a chorar e eu a pensar que se estava a sentir mal. Ela disse-me que “há 70 anos que não vinha a Cabanas”. E está aqui....

**e:** Está, mas não vai.

**E** – Surreal...Então estou a tentar, pelo menos ir beber uns cafezinhos, não disse ainda a ele que íamos a Santa Luzia mas queríamos ver se íamos lá.

**e:** O meu pai só saía quando estava melhor depois quando começou a ter dores nas pernas não queria ir....

**E** – Pois, não acompanha o passo.

**e:** Mas depois quando podíamos íamos com ele, passávamos por Santa Luzia, Fuzeta, zonas que ele gosta, Olhão, lá pelas baixas para ele ver...

**E** – Ele gosta.

**e:** Ele gosta.

**E** – Eu, por exemplo, quando vou com eles passear a algum lado, peço sempre ao motorista, saio sempre do sítio 5 minutos mais cedo, e peço sempre ao motorista para ir às Quatro Águas... “Vá que ninguém nos vê, vamos só ali num pulinho!” Claro que toda a gente nos vê a carrinha tem publicidade [risos] mas eles só de fazerem aquele pedacinho e olharem para a ilha...é logo outra coisa.

**e:** É é...

**E** – Está bom... Adelaide, muito obrigada.

## **Entrevista 2**

**Dia:** 31 de Março de 2015

**Hora de início:** 14h55

**Hora de fim:** 15h45

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Clara

**Entrevistado 1 (e1):** Henrique

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – Para começar, agradeço-vos por participarem no estudo. Toda a informação que me derem no decorrer desta entrevista é sigilosa está bem? É confidencial. Só mais tarde, vocês saberão que esta história é vossa. Porque os nomes serão todos alterados e o vosso anonimato garantido, está bem?

O que é que eu pretendo com este estudo? É perceber como é que eu posso tornar este Centro de Dia num sítio melhor e para isso eu tenho de conhecer quem dele usufrui, nomeadamente a D. Aurora e vocês enquanto família. Portanto o que eu preciso neste caso, eu conheço a D. Aurora desde agora, desde que ela aqui está. Não faço ideia quem era ela há vinte anos atrás, nem há trinta e há cinquenta se calhar nenhum de nós faz... pronto, a D. Aurora já tem uma grande história de vida, claro que eu não pretendo que me contem toda, até porque vocês não sabem toda. Mas o que se lembrarem dela... quem foi a D. Aurora, mulher, mãe, irmã, avó ou tia. Quem era ela? O que é que ela fazia, o que é que ela trabalhava, como é que ela vivia até chegarmos aos dias de hoje? Podemos começar por si (e), filha, é mais fácil porque se calhar já passou mais anos com a sua mãe não é? Quem é que foi a D. Aurora?

**e:** A D. Aurora bom... como é que eu hei-de dizer? Ela criou a minha sobrinha e criou a gente... tenho mais dois irmãos.

**E** – Tem 3 filhos?

**e:** Sim 3 filhos. Ela nos criou, assim com dificuldades porque o meu pai foi muito... trabalhou muito, mas dava-lhe dinheiro... Contado e ela tinha que se governar com aquele dinheiro o mês todo e muitas discussões era derivado ao dinheiro com o meu pai, porque ela gostava de comprar, ela gostava muito de comprar, tudo, tudo, tudo! E ela só com aquele dinheiro ela... não dava. Ela gostava muito de ouro, e gosta. Ouro, vestir-se bem e essas coisas todas boas e não tinha.... Depois nos verões ela trabalhava, ia fazer caiações, ia apanhar favas... porque ela teve sempre em casa, só assim...

**E** – Só trabalhava no verão?

e: No verão, temporadas que lhe pediam, coisas assim. Depois aí ela comprava o que ela queria e depois ela jogava-lhe sempre em cara [risos] Ela jogava sempre em cara do meu pai, sempre, sempre aquele dinheiro e ela todos sábados ela ia às compras, comprava as coisinhas dela e pronto ...

**E** – Moraram sempre em Cacela?

e: Moramos sempre na Fonte Santa, sempre.

**E** – Fonte Santa?

e: Na Fonte Santa. Ela era do Carapeto, os meus avós eram todos os dois viúvos, os irmãos dela já eram de diferentes idades. Tinha dois irmãos da parte do meu avô com vinte e tais anos, quando ela nasceu, e a minha avó também tinha outros dois filhos também já mais velhos.

**E** – Ela é a mais nova?

e: Ela é mais nova, os outros já tinham vinte e tais quando ela nasceu.

**E** – Já veio assim...

e: Sim, às últimas [risos] [risos]

**E** – Portanto... ela estava o inverno inteiro sempre convosco certo?

e: Sempre, sempre.

**E** – Tratava da casa, fazia tudo isso mas trabalhava...

e: Sim, sim...

**E** – Por conta de outras pessoas não, só no verão.

e: Só no verão.

**E** - Para ganhar aquele dinheirinho para comprar as coisas dela.

e: Para comprar uma cadeira, um sofá, qualquer coisa que ela via. Mas depois...aquilo era dela e só dela...

**E** – Ninguém se podia sentar...[risos]

e: Ninguém [risos] Era mesmo dela [risos]

**E** – E ela tinha boas relações com as pessoas com quem trabalhava?

e: Sim, sim, isso sim, mais ou menos.

**E** – E com a vizinhança, como é que era a vida dela com a vizinhança?

e: Só com a minha tia, a irmã do meu pai, que mora mesmo junto a ela de vez em quando é que andavam ali à luta.

**E** – À luta literalmente?

e: Sim mesmo porrada! [risos]

**E** – [risos]

e: [risos]

**E** – Com a cunhada...

e: Com a cunhada... ela era muito má também, muito má. Tenho noção que a minha irmã, numa parte dessas discussões, ainda levou uma pedrada da minha tia, voava do outro lado da rua! [risos] E depois tiveram muitos anos, muitos anos, mal sem se falarem. Mas eu era a mais velhinha e gostava sempre de ir para lá, sempre! [risos]

E – Levava “calduços” (calão) da sua mãe por ir para a casa da sua tia? [risos]

e: Sempre, sempre, sempre! [risos] Mas era lá que eu me sentia bem...

E – Era?

e: E elas zangadas...

E – Porque é que se sentia bem lá?

e: Não sei. O meu pai só agora é que fala com a minha tia, andavam sempre também às turras... Aquilo é um monte, moravam só três moradores, agora moram só dois, mora o meu pai e mora a minha tia. E eles moraram sempre assim, depois de eu crescer eles começaram a falar. O meu pai é que só agora é que começou a falar com a minha tia, não sei porquê. Agora com o resto das pessoas ali em volta não.

E – E como é que foi a relação com vocês os três, portanto consigo e com os seus irmãos?

e: Eu sou a mais nova deles todos, dos meus irmãos. A minha irmã tem 12 anos em diferença de mim e o meu irmão tem 11. Eles têm 5 meses em diferença um do outro.

E – Então a sua irmã é a mais velha, depois o seu irmão e depois é você.

e: Sim.

E – Como é que era a relação da D. Aurora com vocês?

e: Era boa... e era má... ela era assim um bocadinho exigente.

E – Era exigente?

e: Sim.

E – Mas quê? A nível profissional?

e: Ela gostava das coisas arrumadas, mas essas coisas das arrumações ela... exigia a mim, porque eu fui criada com a minha sobrinha. A minha irmã casou eu tinha 6 anos e depois a minha irmã emigrou para a Suíça, onde tá ainda hoje, e ela ficou com a minha sobrinha tinha oito meses.

E – A sua irmã foi para a Suíça e a sua mãe ficou com a neta?

e: Com a neta, sim senhor, ficou até aos 10 anos, 11 anos, sim. Por isso a minha irmã praticamente é minha sobrinha [risos], temos 6 anos em diferença uma da outra...

E – Pois, é muito próximo.

e: Muito próximo, e ela queria que a gente fizesse tudo em casa, deixou-me a mim praticamente lavar a roupa bem cedo, pronto era má com a gente pronto quando fazíamos travessuras.

E – E estudaram vocês?

e: Eu até ao sexto ano, a minha irmã até à quarta classe... muito pouco, poucos estudos.

**E** – Ok. Depois vocês saem todos de casa não é?

**e**: Eu sai tinha 24 anos. Fui a última a sair, sou a mais nova não é. Mas ela ainda criou os meus três filhos, ainda ficou com os meus filhos. A mais nova é que ela não quis ficar. Tenho aquela rapariga que vem aqui a de 26, tenho ele (**e1**) e mais outro que é gémeo e ela cuidou deles. Eu trabalhava e ela ficava com eles até... que tempo?

**e1**: Até que fomos pa Cacela...

**e**: Pois foi...até que fomos pa Cacela.

**E** – Então, a sua irmã da Suíça quantos filhos tem?

**e**: Tem dois.

**E** – A tal que ficou com a sua mãe dos oito meses até aos 10 anos? E mais outro.

**e**: Mais outro mas é já de outro marido.

**E** – E o seu irmão?

**e**: Tem uma filha.

**E** – Ok. Estes netos da D. Aurora já lhe deram bisnetos ou ainda não?

**e**: Já.

**E** – Já? Quantos bisnetos tem ela?

**e**: Dois... gémeos.

**E** – São gémeos?! Epá... está ai qualquer coisa com os gémeos na família, atenção Henrique quando chegar a tua altura já sabes... [risos]

**e**: [risos] [risos]

**E** – Então quando vocês saem de casa, ela fica a viver com o seu pai sozinha e vai criando os netos durante o dia. Como é que era esta avó, como era ficar com esta avó?

**e1**: Era boa... A gente andámos na escola da Fonte Santa e ela até ao segundo, terceiro ano, ela nos levava o comer lá a escola, a escola era pertinho, ela ia e trazia a comida e nós sempre a espera dela. A partir aí do quarto a gente passou a ir comer lá em casa, a gente saímos da escola íamos comer lá à própria casa dela, a gente gostava muito de ir la comer. Ela fazia massas, fazia douradinhos, fazia comidas que a gente gostava [risos]. E depois ao fim da tarde a gente ia a pé lá pra casa pronto... íamos a ter com ela. Ela preparava-nos sempre sandes e deixava-nos ver o Batatoon...

**E** – Recebia-vos bem, fazia-vos as vontades!

**e1**: A gente não fazia nada da escola, mas ela deixávamo-nos fazer tudo! Já é a diferença da geração dela (refere-se a à entrevistada **e**) para nós, a gente fazíamos o que queríamos.

**E** – Com os filhos ela era muito exigente, com os netos ela era muito liberal?

**e**: Sim. [risos]

**E** – Quando é que começa a perceber... portando depois os netos também se criam não é e ela ficou lá sozinha. Como é que era o dia-a-dia dela antes de pensarem no Centro de Dia? Que é que ela fazia antes de vir para o Centro de Dia?

**e:** Ela tava sozinha em casa.

**E** – E o seu pai?

**e:** O meu pai não pára em casa.

**E** – Vai passear?

**e:** Vai.

**E** – Passa o dia a passear?

**e:** Sim.

**E** – E ela ficava sozinha em casa?

**e:** Sempre sozinha.

**E** – E quando é que vocês começam a perceber que precisam deste apoio? De uma instituição, de alguém que apoie a D. Aurora. Quando é que começam a perceber isso e a pensar sobre isso?

**e:** Ela pensou sempre, ela sempre pensou que queria... Cada vez que eu ia lá a casa ela dizia-me “tou sozinha, não tenho ninguém, e aqui tou sozinha e se eu tivesse dinheiro eu ia para aqui, eu ia para ali” sempre. Ela como nunca trabalhou, e teve sempre aquele dinheiro contado. Mas ela disse sempre, sempre, sempre que queria ir para algum sítio que sentia-se muito sozinha, pronto. A gente trabalhava, eles estavam na escola e aquilo é um monte mesmo isolado. Tá ali a minha tia mas muitas das vezes estavam discutindo.

**E** – E quando é que se apercebe que alguma coisa não está bem com ela?

**e:** Ela queixava-se que já se esquecia muito, que não sabia das coisas, esquecia-se das coisas, de onde as punha. Cada vez que eu ia lá... até uma vez eu ainda discuti com ela e disse-lhe que deixava de ir lá, porque cada vez que ia lá queixava-se que lhe roubavam o dinheiro. A aflição dela sempre foi o dinheiro, sempre. Eu tenho uma história, que foi também com a minha tia. Como eu digo, ela gostou sempre de ouro e depois ela teve de ir fazer exames e eu tirei o ouro todo e dei-lhe e ela escondeu, escondeu de tal maneira que mais ninguém o encontrou. Quem foi e quem não foi, culpava a minha tia que lhe tinha roubado o ouro. Teve o ouro escondido 10 anos. Uma vez foi comigo a Cacela, fomos a uma casa daquelas dos “150” que havia lá em Cacela, comprar umas flores. Ela comprou e eu comprei, ela vem para casa, tinha numa jarra e tirou as flores velhas e tinha areia dentro da jarra, mas a areia tava dura já de tanto tempo de tar lá... despejou aquilo tudo... e saiu o ouro de lá dentro. E culpou sempre a minha tia, sempre!

E o dinheiro era assim, escondia, escondia, escondia e não sabia do dinheiro, andava sempre a procura do dinheiro. Todos os dias que eu ia lá, andava sempre à procura do dinheiro. Escondia pa a gente não tirar, o medo, o medo, o medo! Eu acho que isso foi piorando a cabeça não sei.

**E** – Depois foram com ela ao médico, como é que foi?

**e:** Sim, fui e tenho ido sempre com ela ao médico e o médico mandou ela para uma neurologia, é neurologia que se diz?

**E** – É neurologista sim.

**e:** Em Faro, mas só vou agora dia 22, ao fim deste tempo todo só vai dia 22 de Julho.

**E** – Julho? No verão?

**e:** Sim, só dia 22 de Julho é que tem uma consulta de neurologia.

**E** – E esta medicação que ela está a fazer foi prescrita por quem?

**e:** Medicina II agora quando esteve internada.

**E** – Foi quando esteve internada. Porque é que ela foi internada?

**e:** Ela foi internada porque eu dava-lhe banhito e fui dar-lhe banhito porque ela ia ao médico e quando vejo umas feridas nas pernas e foi por isso que fui às urgências a Vila Real e quando fui lá eles viram que ela tinha falta de ar, tinha falta de... para mim ela como era... Ela já há muitos anos que toma medicação antidepressiva e eu pensava que aquela coisa de ela tar assim era dos medicamentos. O meu pai também para poupar cortou nos medicamentos, eu pensava que ele dava-lhe os medicamentos. Ele deixou de comprar os medicamentos e deixou de lhe dar os medicamentos, por isso ela foi-se mesmo abaixo...

**E** – Depois de ela estar internada, eu lembro-me, você veio cá e ainda ela estava internada não foi? Portanto, derivado a esta situação de o seu pai não lhe dar a medicação e dela estar sozinha decidiram vocês entre família...

**e:** Sim, sim...

**E** – Ou se calhar você não é?

**e:** Eu, mais a minha irmã.

**E** – Decidiram optar pelo Centro de Dia.

**e:** Sim.

**E** – Ela teve noção que vinha para aqui ou não teve?

**e:** Eu acho que não.

**E** – Pouca não é?

**e:** Pouca, eu acho que muito pouco.

**E** – E agora, depois de ela já cá estar?

**e:** Oh, está feliz de vida! [risos]

**E** – [risos]

**e:** Ela levanta-se às 06:30h da manhã, já tá pronta quase pa abalar, eu digo-lhe “Oh mãe deixa-te tar, então quando ia lá à tua casa tu tavas os dias inteiros deitada e agora às 06:30h da manhã onde é que tu vais?”

**E** – [risos] Como é que acha que ela se adaptou?

**e:** Muito bem. Porque acho que era um pensamento que ela tinha sempre de não tar lá sozinha, ela não quer ir à casa dela. Mas eu digo-lhe... pronto... “Então não tens saudades das tuas coisas, das tuas flores, pássaros?” Não tem saudades de nada.

**E** – Ela está a morar consigo?

**e:** Sim.

**E** – Porque é que ela não quer ir à casa dela? Está lá o seu pai certo?

**e:** Sim. Não quer....

**E** – Ela diz que não quer.

**e:** Não quer e não quer ver o meu pai. Ela mandou-o embora.

**e1:** Talvez porque com o decorrer do tempo a gente levou-a lá, depois de ela tar na Fonte Santa, levaram-na lá e ela viu o estado em que tava a rua, viu o estado em que tavam os pássaros. O meu avô não cuida a 100%, o meu avô cuida uma vez lá quando lhe dá na cabeça e ela viu aquilo e acho ela se amargurou com aquilo e agora não quer ir para lá nem... e o meu avô é tratado ao pontapé quase... Vai todos dias a Cacela, o meu avô, vê-la e todos os dias leva sapatada, “Ai deixa-me e deixa-me da mão”...

**e:** [risos]

**E** – Desfizemos um casamento?!... [risos]

**e:** [risos]

**E** – Porque é que vocês acham que ela gosta tanto de cá estar ou seja, lembrem-se dela antes de estar cá e agora lembrem-se dela agora, quais são as diferenças? O que é que mudou?

**e:** Muito, tudo.

**E** – Por exemplo, vamos começar a pensar, ao nível da alimentação?

**e1:** Muito melhor, ela queixa-se: “oh, olha lá estas pernas!”

**E** – Está gorda? [risos]

**e:** [risos] Sim tá boa. Ela fazia assim: “Ai filha, olha lá tou perdendo as minhas carnes todas!” Porque ele só compra uma dose de comer para eles os dois.

**e1:** E depois só chega lá a casa lá para as 16h para almoçar, e o almoço era ali e depois o jantar é para esquecer...

**e:** Era um leitinho...

**e1:** Era um leitinho.

**E** – Portanto, ela comia mal?

**e:** Muito mal.

**E** – E agora come bem?

**e:** Muito bem.

**E** – Mais?

**e1:** Por causa da medicação também, porque a gente antes de lhe dar temos de lhe dar qualquer coisa para cair no estômago e ela tem de comer sempre.

**E** – Claro. A nível da saúde acham que ela também está melhor?

**e:** Sim. Tem conversas, antes não tinha conversas com a gente.

**E** – Mais mudanças? Qual é a diferença entre a senhora que estava cá no 1º dia a conhecer isto e agora?

**e:** Conversa, tem coisas que esquece... Ontem tive vendo álbuns e essas coisas e ela foi lembrando, mas ela tem coisas que ainda é manhosa, eu noto que há coisas que ela não quer lembrar.

**E** – Pode acontecer... é normal.

**e:** Não, mas ela está muito melhor em todos os aspetos.

**E** – Ao nível da imagem dela o que é que acham?

**e:** Ela anda toda, toda, toda vaidosa [risos].

**E** – É. Ela tinha estes cuidados todos de higiene e de imagem como tem aqui antes de vir para cá?

**e:** Então ela não tem água quente, não tem nada filha.

**E** – Na casa dela lá...

**e:** Eu levava-a, de 8 em 8 dias, para ela tomar banho em minha casa...

**E** – A casa dela onde ela morava com o marido não tem condições?

**e:** Nenhumas.

**E** – Nada?

**e:** Nada. Ratos...

**e1:** Isto de frisar que quem lá mora é um pedreiro.

**E** – O seu avô foi...

**e:** Foi pedreiro a vida toda. Trabalhava de manhã à noite.

**E** – E a casa dele?

**e:** Nada. Nem uma máquina de lavar, eu levava-lhe a roupa para lavar, quando ia lá juntava-lhe a roupa, levava a roupa. Nada, porque ela queixava-se das mãos, tem artrite reumatóide e queixava-se, queixava-se de Inverno. Depois comecei a levar-lhe a roupa para lavar.

Não... ela não tem nada, não tinha água quente, tem uma torneira na rua e o meu pai foi a vida toda pedreiro. Saía às 17h do trabalho e ia das 17h até à noite... 21h é que regressava depois a casa e ela viveu assim pronto. Agora não tem nada, nem água quente, tem aquela torneira na rua, nem uma casa de banho, nada, nadinha!

**E** – Portanto a vida dela deu uma volta de 360º não é?

**e:** Sim. Muito muito...

**E** – E vocês família como é que se adaptaram a ela estar num Centro de Dia? O que é que mudou para vocês família?

**e1:** Temos de fazer planos para a receção, mas de resto... não...

**e:** Não mudou assim muito...

**E** – Estão mais tranquilos?

**e:** Sim, isso sim sem dúvida porque ela tava sozinha lá, mesmo sozinha. Eu não sabia se ela tomava o pequeno-almoço, o almoço. Ela praticamente ela tava sempre deitada. Cada vez que eu ia lá tava deitada, “Então está um dia tão lindo porque é que estás aqui deitada, amargurada?”.

**E** – Portanto acham que ela agora tem uma vida mais ativa não é? A todos os níveis, alimentação, cuidados de higiene e imagem?

**e:** Tudo, tudo.

**E** – Mudou a 100%.

**e:** Exatamente.

**E** – Ok... E este irmão, não levem a mal perguntar, a irmã está na Suíça não é, portanto, a sua irmã é como se fosse a sua sobrinha, a tal que foi criada pela sua mãe...

**e:** Sim.

**E** – E este irmão, não têm apoio da parte deste irmão? Se não quiser falar sobre isso basta dizer!

**e:** Não. Este irmão casou também muito novo. Foi viver para Tavira, fez-se à família da mulher e pronto.

**E** – Por exemplo, eu pergunto isto porque eu nunca o vi, ele nunca veio cá visitá-la, não faço ideia, não... se ela o conhece se não o conhece...

**e:** Ela conhece-o, ele tá mais, pronto ele agora, tem visitado mais desde que ela está mais doente mas ele a ver os pais passava-se muitos meses e se calhar anos e ela também com um grande desgosto “o meu filho não me vem a ver, o meu filho não me vem a ver”.

**E** – Desligou-se?

**e:** Sim. E eles também se desligaram dele, não sei... não sei explicar...

**E** – Foram se desligando e pronto...

**e:** Sim, exato...

**E** – Não tem de haver uma razão não é?

**e1:** O meu tio segue a mesma profissão do meu avô, pronto... e o meu avô queria que ele trabalhasse com ele só que o meu tio só ia à hora que ele queria, o meu avô não gostava e dava-lhe. Acho que ele se calhar por isso também por isso se afastou mais.

**e:** Pois, também casou cedo, com 21 anos. Depois foi pa Tavira, teve a vida dele e pronto.

**E** – Uma coisa que eu tenho muita curiosidade... como é que ela era de feitio? Teimosa, não era teimosa. Amiga, não era amiga. Tenho muita curiosidade porque é uma coisa que eu não consigo perceber nela, porque ela aqui nós dizemos: “D. Aurora vamos lanchar.” – “Vamos sim filha.” Ela agradece muito, faz-nos muitas festinhas...

**e:** Ela gosta muito de mimos, quem lhe fizer mimos...

**E** – Qualquer coisa que a gente lhe faça ela agradece de uma tal forma, parece que nunca ninguém lhe fez na vida, e eu sei que ela vos tem por perto, não me interpretem mal, mas fico sempre muito curiosa como é que ela seria antes.

**e:** Sim, quando queria mimos isso para ela era tudo.

**E** – O seu pai era carinhoso para ela?

**e:** É agora que ela não o quer [risos]... é verdade, é verdade.

**E** – Está explicado não é? [risos]

**e:** [risos] Ele nunca a deixou pintar, ele nunca deixou nada.

**E** – E ela agora pinta-se...

**e:** Pinta-se e bem, e chega e mostra à gente...

**E** – As raparigas da manicura e pédicure estiverem aqui hoje e ela disse: “Eu tenho as minhas unhas pintadas, mas se quiserem podem pintar outra vez...”

**e:** [risos]

**E** – “Uma cor assim...” que é aquela forte. Elas tinham uns “cor de rosinhas...” e ela disse: “Não, uma como esta! Uma forte!”.

**e1:** Ela sempre, o ouro, gostou de roupas bonitas, vistosas.

**E** – Tudo o que seja assim vistoso, para a imagem dela, ela gosta.

Mais coisas do feitio dela, o que é que se lembram?

**e:** Não, ela mimos gostava sempre.

**E** – Se a tivessem que a descrever, por exemplo, o entrevistado **e1**. Se tivesse de descrever a sua avó?

**e1:** Ao referir-me agora pronto... referi-me lá atrás. Ela sempre foi uma pessoa que cuidou sempre muito de nós, o meu avô já chegava tarde. Foi sempre uma pessoa muito amorosa, muito simpática, muito prestativa mas era isto... Nunca me ralhou, nunca fez nada disso, foi sempre assim muito amistosa, comigo e com o meu irmão.

**E** – Como mãe era diferente?

**e:** Sim, era amiga, era querida mas tinha momentos que quando... entrava ao contrário não olhava a quem.  
[risos]

**E** – Era exigente não é?

**e:** Era.

**E** – E hoje em dia?

**e:** Hoje é querida.

**E** – Mais coisas que tenham mudado, que vocês reparem. Ela antes de entrar no Centro de dia e ela agora. Já falaram da alimentação, dos cuidados de higiene e imagem, por ela hoje estar mais ativa e ao nível de saúde

certo? Mais alguma coisa que notem? Portanto o facto de ela não querer ir para a casa dela não é? Querer ficar na sua. O que é que mudou mais? Além de este quase divórcio com quantos anos de casada?

**e:** A minha irmã já tem 57, portanto, eles já devem ter quase 60 anos de casados... quase.

**E** – Que idade tinha ela quando se casou, sabe?

**e:** Eles namoraram 8 anos começou a namorar com o meu pai tinha 15, ela faz agora 81...

**E** – Há muitos já...

**e:** Sim...

**E** – E agora...

**e:** Não o quer, é verdade, manda-o embora.

**E** – Isso é porque ela não se identifica com a vida que ele tem não é? Ao nível dos cuidados de higiene e imagem, ao nível da alimentação, o facto de antes como você estava a dizer de ele o restringir do dinheiro, ela agora não precisa do dinheiro mas ninguém lhe restringe de nada, ela tem tudo à mão.

**e1:** Mas mesmo assim joga-lhe em casa: “tu nunca me dás dinheiro, nunca me dás nada”, ele aparece lá e joga-lhe logo em cara. Joga-lhe sempre em cara, quer queira quer não ele vai ouvir aquilo.

**e:** [risos] Mas ele diz o dinheiro é para pagar o Centro de dia, é para as despesas dela, para medicamentos, para isto e para aquilo...

**E** – Mas ele nunca lhe deu durante a vida inteira o que ela quis não é?

**e:** Nada, isso não. E ele guardou sempre o dinheiro, sempre, sempre, sempre. E ela queria sempre... parte.

**e1:** Por isso ela gaba-se. Ele enquanto trabalhou ele sempre foi uma pessoa muito limpa agora não, agora é uma pessoa completamente desleixada, passa-se meses e meses sem tomar banho e é ali aquele pivete e fica a casa cheirando toda mal e nós ou a minha tia, cada vez que lá vamos, tentam dar-lhe banho e tentam fazer-lhe mas ele... e ela sempre jogou isso em cara e agora que dá banho aqui diz “olha lá que cheirosa que eu tou” e como ele nunca a deixou pintar as unhas, quando ele tá lá com ela, ela vai ao pé dele e mostra-lhe as unhas e não sei quê... e ele olha-lhe com desdenho mas não pode fazer nada.

**E** – [risos] Ela tem o poder da vida dela não é?

**e:** É, é isso.

**E** – Ela agora pode decidir o que quer comer, quando quer comer...

**e:** Nós somos testemunhas de Jeová mas não a deixamos sozinha, levamo-la às reuniões, ela fica quietinha, sossegadinha...

**E** – Com a manta?

**e:** Com a manta sempre, mas vai! Está lá, ela diz: “Ai aqui são todos meus amigos, todos me vêm falar”. Fica toda satisfeita, os miúdos lá a falar, todos gostam dela também e ela fica muito contente e pronto.

**E** – Portanto agora ela tem uma casa com condições durante o dia, e uma casa com condições durante a noite, levam-na a passear quer na casa de dia quer na casa de noite, tratam-na bem, tem água quente, come o que

quer, come bem, pode fazer todos os cuidados que sempre quis fazer e nunca a deixaram. Eu acho que está explicado.

**e:** Na casa dela ela tinha luz mas não tinha luz, tinha televisão mas não tinha televisão. A televisão é acesa um quarto de hora para ver as primeiras notícias.

**E** – Porque o seu pai não deixa?

**e:** Não porque gasta luz.

**E** – Quem diz?

**e:** O meu pai. Ela na casa dela nem televisão via, nada. Durante o dia tratava das plantinhas dela, dos passarinhos mas ver televisão para distrair um pouco ou coisa assim, não podia. Depois perdeu o equilíbrio, tinha medo de cair, ela antes semeava na horta fazia essas coisas. Não via televisão... Depois estava sempre implicando com a minha tia “aquela televisão tá o dia inteiro acesa”.

**E** – A única coisa que ela tinha para se distrair era a sua tia, está visto!

**e:** É, não tinha televisão. E luz, eu chegava lá e tavam às escuras praticamente. Então tão aqui os dois sentados e nem luz nem nada, nem isto, nem aquilo. Nada.

**E** – É difícil eles aceitarem que ele viva assim, portanto, o avô, o pai?

**e:** Sim, ainda no outro dia eu discuti muito com ele... “Ou tomas banho ou não te abro a porta”. Para mim é muito triste, dizer isto a um pai. Porque pronto...

**E** – É a opção dele não é...

**e1:** Ele vai todos os dias comprar comida a Cacela. É claro que Cacela foi onde a minha mãe foi criada praticamente é ali junto de toda a gente... Toda a gente se conhece e depois aquilo é sempre um falatório, e quem é que passa por mal vista? É ela. Porque não liga ao pai, é o “não sei quê”, mas não, é ele que quer poupar... Ele trabalhou toda a vida e não é capaz de fazer compras para ele próprio, não é... Ele só compra a comida e comprar o café onde é mais barato, o vinho onde é mais barato e...

**E** – Mas ele tem uma reforma não tem?

**e:** Tem, maior que a dela.

**E** – E é ele que a recebe?

**e:** Não, a reforma passei eu a receber...

**E** – Tem que receber os dois desde que ela está aqui.

**e:** Não...

**E** – Só a dela?

**e:** Só a dela, só a dela. Dele não.

**E** – A dele só recebe ele?

**e:** Sim, sim.

**E** – E só compra uma vez por dia comida para comer?

**e:** E só uma qualidade.

**e1:** Porque é mais barato.

**E** – O que é só uma qualidade?

**e1:** Normalmente ou é ervilhas com ovos ou é uma jardineira pronto.

**e:** Só.

**e1:** E era só um prato!

**e:** Uma dose para os dois, por isso é que ela ficou desidratada.

**E** – E ele agora ele compra uma dose ainda?

**e:** Compra uma dose para ele.

**e1:** Mas como ele não tem... não vou dizer cabeça porque ele tem cabeça mas... com sabe que gastou dinheiro naquilo, sabe que aquilo amanhã ainda tá bom e daqui a três dias está bom e daqui a uma semana está bom. Há-de haver comida dentro do frigorífico com bicho mas para ele está bom e depois claro, ele tem um cãozinho que costuma ir passeá-lo ao fim da tarde, quando vê que para ele já não está bom vai dar ao cão e nem o cão quer aquilo. Ele trabalhou a vida inteira, não teria possibilidades de melhorar o modo de vida? Todas, todas e mais algumas. Muito mais que a minha mãe, ele é que não quer, ele é que não deixa.

**E** – Ele prefere viver assim, é uma opção dele?

**e:** É.

**E** – E é difícil para vocês aceitar isso não é?

**e:** Sim, porque é uma pessoa desconfiada. Para ele as pessoas que vão lá a casa, é para roubar!

**E** – O quê?

**e:** O dinheiro.

**e1:** E depois queixa-se “Tão e o dinheiro onde tá? Tão e eu tenho algum dinheiro...” No entanto ele tem três ou quatro contas. Mas ele diz “onde é que tá?”. E é sempre assim. Agente diz-lhe, então e fazer umas mudanças aqui na casa... fazer uma casa de banho...

**e:** Uma casa de banho e isto e aquilo... porque no dia de manhã ele tá sujo onde é que o vou lavar? Onde é que eu vou?

O meu irmão tá onde tá, tá com a mulher pois, tá com a filha e também é só um ordenado para a família toda.

**e1:** Compreende-se... E mais os dois netos!

**e:** A minha irmã não tá. De resto, eu. Eu também tenho uma casa de família...

**E** – É que se for lá o delegado de saúde vai-lhe interditar a casa não?

**e1:** Vai de certeza.

**E** – Ele vai para onde?

**e1:** Cacela a minha avó não quer.

**e:** [risos]

**E:** Imaginem que vocês chamam o delegado de saúde, vai lá interdita-lhe a casa...

**e1:** A minha prima que esteve ai agora ameaçou-o com isso “eu mando aqui o delegado e tu tens de pagar e acabou....”.

**e:** Ele diz “e vocês pagam”.

**E:** Vocês e que pagariam as mudanças que o delegado de saúde mandasse fazer?

**e1:** Pois, ele manda pa nós.

**E –** Mas ele tem dinheiro, é claro que não são vocês a pagar. Ele tem contas, é o proprietário, é claro que nunca iria cair sobre vocês. Aliás mesmo que ele não tivesse ele é que ficaria com uma divida nunca vocês.

**e:** Ele não quer mesmo. Não quer, não quer por nada. E é uma pessoa desconfiada...

**E –** Então está explicado porque é que ela não quer voltar para casa não é?

**e:** A gente não pode limpar a casa, não pode mexer em praticamente nada.

**e1:** Porque ele sempre juntou, juntou, juntou e nunca deitou nada fora.

**e:** Enquanto a minha mãe teve em casa, ele governava-se com a reforma dela e a dele guardava.

**E –** Então ele tem que ter dinheiro para fazer a obra na casa. Ele tem que ter condições para remodelar a casa, ele tem dinheiro certo?

**e1:** Ele tem dinheiro para comprar uma vivenda assim daquelas bem chorudas sim, jeitosas com piscina e tudo. Ele é que não quer, ele é que não quer mudar o estilo de vida, ele quer estar assim.

**e:** Ai se eu falasse do meu pai, teria muita conversa...

**E –** Pode falar sobre o que quiser, estou cá para ouvi-la.

**e1:** O que ele já juntou graças a ela.

**E –** Já passou lá a GNR? Não sabem?

**e:** Não.

**e1:** Não sei.

**E –** Eu estou aqui a cruzar informação porque esta história não me é estranha.

**e:** Porquê?

**E –** Eu faço parte de um grupo que é o Grupo Idade Sénior onde tenho uma reunião mensal com todos os técnicos do conselho de Tavira que trabalham na área da terceira idade, e ouvi falar de um caso de um senhor que tinha todas as possibilidades para viver bem, mas opta por viver praticamente na miséria. Não sei, mas eles são de Tavira, vocês são de Cacela não é?

**e:** Sim, é.

**e1:** Pois, isso é de outra freguesia.

**E –** Não deve ser o mesmo.

**e:** O meu pai quando foi a mudança da moeda... da moeda...Do euro... Do escudo para o euro.

**e:** Foi há quantos anos?

**e1:** em 2000?

**E –** Hum, hum. Há quinze.

**e:** Há quinze. Eu fui com um saco assim grande, grande. Sabes onde ele tinha isso? Nuns buracos, enterrados já. Fez uma fossa, mas a fossa não era utilizada, depois metido nos buracos tava um frasco. Eu tive uma manhã inteira com ele no banco porque as notas tavam húmidas nem escorriam... era muito dinheiro!

**e1:** Desses frascos de Tofina, sempre!

**e:** Sempre.

**e1:** O 'ele não ter' é na cabecinha só.

**E** – Mas vocês explicaram-lhe isso? Falam sobre isso com ele?

**e:** Ele diz que não tem dinheiro.

**e1:** Agente diz-lhe “mas tu trabalhas-te uma vida inteira, o que é feito do dinheiro que tu juntaste uma vida inteira?”

**e:** Agora... agora... Eu tenho medo dele, ficou sozinho e isto e aquilo... eu combinei com a minha irmãzinha “agente vai buscar o dinheiro que ele tem e ele não sabe que agente vai buscar o dinheiro”. Ele vive lá sozinho e com a minha tia ao lado que é uma mulher de 91 e ele tem 86 anos, aquilo é um monte isolado. A gente vai, tiramos o dinheiro e metemos no banco e pronto. Passa-lhe pela cabeça que a gente tirou? E ainda deixamos.

**e1:** Começaram a contar, tinha 37 mil.

**e:** Tinha 44...

**E** – Mil euros?

**e:** Sim, mil! Em casa.

**e1:** 44!

**e:** Olha e ainda deixamos que ele ainda não deu falta disso, a gente já fez isso em Outubro.

**e1:** Eu acho que ele deu falta, que ele andou procurando lá pela casa toda que acho que era isso que ele tava a procura, mas ele não menciona isso.

**e:** Sim, em casa.

**e1:** Só em casa, então e nos bancos?

**e:** Eu e a minha irmã tiramos, tá no banco, metemos em nome dela, está no nome dela, alguma coisa que falta vai-se lá buscar. 44 em casa e deixamos ainda.

**e1:** Veja a situação.

**e:** De 2000, foi a mudança que ele teve que trocar o dinheiro todo até agora. Tás a ver, não comem, não pagam água, não pagam luz praticamente.

**e1:** E não tem dinheiro.

**e:** E não tem dinheiro. Eu digo-lhe para vir para aqui. Tá limpo, Tá asseado.

**E** – Não quer?

**e:** Não quer.

**e1:** Ela também não quer.

**E** – Ela também não quer que ele venha, é um facto, mas quando lhe falam da possibilidade de vir para cá, ele diz que não, porquê?

**e1:** Não, não.

**E** – Mas não tem dinheiro?

**e:** Sim.

**E** – Mas se vocês lhe disseram que vem para o Centro de dia, ele tem uma reforma, e tem lá todos os cuidados não paga mais nada, é só aquele preço por mês. Quanto é que ele paga todos os dias por essa refeição? Ou ele não vai buscá-la todos os dias?

**e:** Vai, vai. Praticamente, uns 5€ não mais do que isso. Cinco, seis.

**e1:** Normalmente 5€.

**E** – Então, 5€ não é? Ele vai todos os dias. Paga 155€ por mês nessa refeição se for todos os dias de segunda a segunda. Digam-lhe que vai pagar quase isto por estar cá. Um bocadinho mais se calhar e come pequeno-almoço, almoço, lanche, leva o jantar, toma banho, vamos buscá-lo, vamos levá-lo e vai connosco passear, participa nas atividades. Expliquem-lhe isso pode ser que mexa, já que o dinheiro é tão importante, expliquem-lhe assim “Olhe, 5€ não é? 5 X 31 dias que tenha o mês, você gasta isto em refeições. Balúrdio! É muito! No Centro de Dia se calhar com mais 40€ tem o pequeno-almoço, almoço, lanche, o banho”.

**e:** O banho... o banho que era muito importante. Não sei o que faça com ele. Sinceramente não. E é uma pessoa muito desconfiada.

**E** - E ele não ajuda a Clara, a tal sobrinha, o seu irmão? Financeiramente não?

**e1:** Eu, eu vou falar por mim porque... ele mora lá naquele sitio isolado, o meu pai foi fazer lá um serviço e eu fui ajudar e o meu pai depois acabou por lhe dizer: “Então não dá nada aos rapazes eles vieram aqui ajudar a cortar isto?” Ele deu-me 5€ a minha vida toda. Acreditas?

**e:** [risos].

**e1:** Respondo a tua pergunta?

**E** – Respondeu.

**e:** Não, “não me deem nada que eu também não dou. Não me deem nada com intenções de eu dar que eu não dou”. É assim que funciona o meu pai.

**E** – Mas ele tem noção daquilo que tem certo?

**e:** Não sei, não sei. Este dinheiro a gente tirou agora há pouco, mesmo há pouco eu disse à minha irmã: “Ele tem lá o dinheiro, eu vou lá, eu não quero isso lá em casa. Porque sou eu que vou lá e se lhe vamos falar no dinheiro, ele desorienta, pensa que a gente quer. Vamos as duas, metemos no nome dela.” Mas fora isso ele não dá nada, nada, nada.

**E** – Uma última pergunta para terminarmos. Na vossa perspetiva enquanto família, a vossa relação com ela, tem sido boa enquanto cá está? Relacionam-se bem?

**e:** Sim.

**e1:** Sim, sim.

**E** – E em relação à instituição sentem que a porta está aberta, vêm quando quiserem?

**e:** Sim.

**E** – Na vossa perspetiva, pensem um bocadinho, é difícil as pessoas responderem logo à primeira, mas se pensarem há qualquer coisa. O que é que mudariam no Pontão? Vamos supor que hoje têm “carta-branca” para fazerem tudo o que vocês quiserem, alterar regras, tudo. O que é que vocês mudavam?

**e:** Nada!

**E** – Nada? Não pode ser, tem de haver qualquer coisa para mudar. O que é que mudariam no Pontão?

**e:** Oh filha! Pois...

**E** – Os horários de ir buscá-la e de ir levá-la estão...

**e:** Tão ótimos.

**E** – Estão ótimos?

**e:** O que é que agente quer mais?

**e1:** Ela até se levanta às 6h para vir... [risos]

**E** – Ao nível dos horários então está tudo bem. E da alimentação?

**e:** Também.

**E** – Os serviços todos... está tudo...

**e:** Ela diz que vocês são amorosas, que são muito queridas, muito...

**e1:** Ela é muito gabarola, gaba-se muito. Ela diz: “olha deram-me um banho! Despiram-me toda, é um banho mas um banho!

**E** – Não mudavam nada?

**e:** Não. Para mim está a 100%.

**E** – Obrigado então! [risos]

**e1:** Obrigado nós!

### **Entrevista 3**

**Dia:** 30 de Março de 2015

**Hora de início:** 14h35

**Hora de fim:** 15h46

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Elsa

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – Antes de mais muito obrigada por ter aceite fazer parte do estudo. Já sabe que toda a informação é anónima e conte com o meu sigilo nesta investigação.

O objetivo desta entrevista e o que eu pretendo com esta conversa que vamos ter é saber quem eram os seus pais. Eu conheço a D. Alice e o Sr. Simão do Centro de Dia, eu sei como é que eles se comportam e como é que eles reagem neste contexto. Desconheço quem foram, sei de algumas coisas dos ateliers de histórias de vida que conversamos não é? A profissão do seu pai, o nascer dos filhos... sei algumas coisas, mas não tenho noção de quem eles eram e como é que eles são, como pais, como avós, como irmãos, como tios e por aí fora. Portanto podemos começar pela sua mãe ou pelo seu pai como preferir. A ideia é que me conte um bocadinho da história deles, uma mini historia deles, digamos assim, sobre um e sobre outro.

**e:** Começamos pelo meu pai. O meu pai desde que eu tenho conhecimento, foi um bom pai e tem sido pronto, todos nós temos falhas e ele também tem, foi uma pessoa muito lutadora, sempre quis dar aos filhos o melhor que ele conseguia dar, pronto. O meu pai trabalhava todos os dias, todos os dias, todos os dias, não faltava a um único dia de trabalho. Chovesse, fizesse sol, fizesse vento, o meu pai todos os dias. Ia numa bicicleta a pedal, eu lembro-me perfeitamente, numa bicicleta a pedal, depois mais tarde numa motorizada. O meu pai não perdia um dia de trabalho. Aquilo que ele podia-nos dar, ele dava-nos. Não foi um pai muito carinhoso, não posso dizer que o meu pai era carinhoso, não era. Era um... pronto, nós tínhamos um certo respeito quando o meu pai falava, pelo menos eu, falo por mim, obedecia logo. O meu pai dizia e eu cumpria. Em casa pronto... em relação ao ambiente com a minha mãe, eles nunca foram um casal perfeito no aspeto em que havia sempre conflitos entre eles, umas vezes por uma coisa, outras vezes por outra. Poucas vezes estavam de acordo um com o outro. Havia sempre conflitos...

**e:** A minha mãe era uma pessoa pronto... como eu hei-de dizer... também boa mãe mas era uma pessoa que em relação ao meu pai ela queria ter poder sobre ele, o meu pai não era uma pessoa que se deixasse. Pronto às vezes deixava mas o que ele dizia é que era e a minha mãe aí entrava em conflito com ele porque ela também queria ter poder. Ela também, também foi uma pessoa que sempre nos deu aquilo que nós precisávamos e aquilo que ela nos podia dar. Também nunca foi uma pessoa de trabalhar por conta de outrem muito tempo

porque ela foi uma pessoa muito doente do reumático e da coluna muito cedo e era uma pessoa muito depressiva e continua a ser com problemas de depressão e trabalhava pronto, naquilo que era deles...

**e:** Mas tiveram uma vida muito sacrificada, muito dura, muito dura para o meu avô, foi uma pessoa muito doente.

**E –** Da parte da pai ou...

**e:** Da parte da minha mãe, que eles viviam com os meus avós. O meu avô foi uma pessoa muito doente e não podia trabalhar. Quando começou a trabalhar, quando começou a poder trabalhar faleceu. E era o meu pai que tinha de sustentar tudo e então foi uma vida dura. A minha avó também colaborava, também ajudava, viviam em conjunto depois a minha avó deu-lhe um AVC, também ficou paralisada de uma perna e dum braço mas pronto depois ainda recuperou mas já não foi...

**E –** Já não ficou...

**e:** Já não ficou como ela era. Depois passado sei lá, passado uns 7, 8 anos de lhe dar o primeiro, deu-lhe o segundo. Depois aí ficou dependente da minha mãe e a minha mãe fez tudo o que estava ao alcance dela, tudo e mais alguma coisa enquanto a minha avó foi viva.

**E –** Era só a sua mãe como filha? Não tinha...

**e:** De princípio foi só a minha mãe, isso foi outra das lutas que nós... foi só a minha mãe porque a minha tia estava na França com os filhos, esteve uma altura em França com os filhos. Depois a minha tia achava, quando depois a minha tia veio, achava que como a minha avó sempre tinha vivido com a minha mãe que não tinha muitos direitos de cuidar da minha avó. Foi um bocado puxado nessa altura mas depois lá acabou de concordar e depois...

**E –** Partilharam...

**e:** E já era a minha tia e a minha mãe, mas antes da minha tia e da minha mãe foi uma prima, uma filha da minha tia que é a Maria mas que a minha mãe pagava...

**E –** Para cuidar.

**e:** Para cuidar da minha avó e aí foi desgastante, foi desgaste da minha mãe físico e mental em relação à minha avó. O meu pai continuou a trabalhar sempre, teve ausências, ficava muitas vezes por lá porque o trabalho era longe. Nestes últimos quinze anos talvez já vinha sempre para casa.

**E –** Eles moraram sempre nos Estorninhos?

**e:** Sempre nos Estorninhos, sempre moraram lá e o meu pai sempre fez... o meu pai sempre enquanto pode trabalhou sempre, sempre. O meu pai levantava-se às seis da manhã, ia tratar da horta, tiveram animais, tratava dos animais e ia para o trabalho. Vinha do trabalho, vinha plantar à horta, ia plantar as coisas, chegava a ser meia-noite e a minha mãe: “Simão vem para casa, então ainda a esta hora andas na horta, é uma vergonha, os

vizinhos a dizer que hás tantas da noite ainda andas a trabalhar na horta e não sei quê.” O meu pai trabalhava sempre dia e noite, às vezes admirava-me como é que o meu pai tinha resistência para aguentar tanto trabalho.

**E** – E aos fins-de-semana também?

**e:** Fosse sábado, fosse domingo, o meu pai não olha a fins-de-semana.

Depois era outra coisa, quando nós queríamos sair, o meu pai não queria, ainda ontem estive lá em baixo, duas vezes pra ir ou uma feira ou um baile, o meu pai não queria. E ela aflita, a minha mãe não queria ir sem o meu pai, nós queríamos ir por exemplo uma feira quando era miúda não é? Havia a feira de Tavira, a feira de S. Francisco e nós queríamos ir a feira, o meu pai: “Eu não vou”, a minha mãe: “Tu não vais eu também não vou” e nós queríamos ir. Era a minha avó, era minha avó que ir connosco à feira. Aí surgiam os conflitos deles. Nós queríamos ir, a minha mãe queria ir mas o meu pai não queria ir.

**E** – Mas ele não vos impedia de irem sozinhas.

**e:** Não, ele não nos impedia. A minha mãe é que não queria ir sem ele. E aos bailes, aos bailes era igual. Nós queríamos ir ao baile, a minha mãe gostava que nós fossemos, mas o meu pai não queria ir e a minha mãe sem o meu pai também não queria ir depois lá conseguia dar a volta, acabávamos por ir mas quando saíamos de casa já saía tudo zangado [risos].

**E** – [risos].

**e:** Saía tudo zangado porque a minha mãe foi uma pessoa, e continua a ser, tão apegada, tão apegada e eu às vezes dizia: “Deixa o homem, deixa o meu pai. Porque é que você... ele não vai... pois não vai, vai você.” Ele tinha que ir para onde ela fosse mas ele não podia ir. Às vezes ele também tinha razão, eles as vezes também dizia pois estava cansado, vinha do trabalho estava cansado queria-se era deitar coitado, queria descansar e a minha mãe queria ele fosse com a gente para o baile e ele não queria ir. Então era um bocado conflituoso muitas vezes. Porque os conflitos deles muitas vezes eram estas pequenas coisas que não estavam de acordo um com o outro. Não... entravam muitas vezes em confronto, muitas vezes para não dizer sempre em conflito com às vezes pequenas coisas que não se justificava. O meu pai, por exemplo, gostava de ir beber o seu cafezinho, beber o seu copinho, às vezes pronto abusava... mas a minha mãe entrava em pânico e muitas vezes ia busca-lo e isso para o meu pai era terrível, ele não gostava que a minha mãe o fosse buscar mas ela ia, ela ia busca-lo. Quando ela metia na cabeça que ele tinha de chegar ali aquela hora e ele não estava, pegava nela e ia busca-lo e às vezes era chato e eu dizia: “Deixa-o!” – “Mas ele bebe” “Mas e deixa-o, ele amanhã levanta-se e vai trabalhar na mesma não vai? Deixa ele, deixa ele beber um ou dois copinhos a mais, ele não perde dia de trabalho nenhum.” Eu nunca me lembro de o meu pai perder um dia nenhum de trabalho. Ele podia beber, podia não vir com a cabeça já não muito boa mas às seis da manhã o meu pai estava de pé para ir trabalhar.

**e:** E agora quando teve que deixar de trabalhar, por causa da minha mãe não estar em condições para estar sozinha, o meu pai sofreu muito.

**E** – Com a quebra do trabalho?

**e:** Com a quebra do trabalho. O não poder...

**E** – Ele deixou de trabalhar para ajuda-la, certo? A sua mãe acabou por ficar mais dependente?

**e:** Sim... Depois houve uma parte que deixou de andar, esteve muito tempo que não andava e nós não podíamos estar ali e então tinha de ser o meu pai a cuidar dela e o meu pai não podia ir trabalhar e o não poder ir trabalhar para ele já foi...

**E** – Uma quebra.

**e:** Uma quebra muito grande. Portanto ele teve uma fase ali que ele dizia: “O que eu fui e o que eu sou!” E nós íamos dar com ele sozinho a dizer: “Aquilo que eu fui e aquilo que eu sou!”. O meu pai foi, posso dizer, o meu pai foi um grande mestre-de-obras. O meu pai teve muitas pessoas a cargo dele, o meu pai tinha um bloco de três, quatro, cinco, seis, sete andares num prédio e o pessoal... eu lembro-me o meu pai muitas vezes vinha do trabalho punha as plantas da obra ali em cima da mesa e pedia-me ajuda – “anda cá ajuda-me aqui, explica lá, aqui...o engenheiro esteve lá comigo e eu não quero ficar...”. O meu pai não podia dar a parte fraca, mesmo que não soubesse, ele não podia dar a parte fraca. Então ele punha ali a planta e dizia: “Anda cá, ajuda-me aqui que amanhã eu vou falar com o engenheiro e tenho de saber explicar.” E muitas vezes aprendia com ele isso, ele dizia: “Um ferro assim, olha isto é tanto de ferro, aquilo é tanto...”. Depois as coisas dos elevadores, dos prédios, como é que aquilo funcionava, e aquelas coisas todas, e ele sabia aquilo tudo. O meu pai era... o meu pai se tivesse sido uma pessoa com escolaridade o meu pai tinha sido um... [suspiros...]

**E** – Mas o seu pai ainda foi estudar à noite não foi?

**e:** Ele fez a terceira classe a estudar à noite com uma professora.

Mas também o enganavam muito derivado talvez a ele... pronto ele tinha conhecimentos mas na escrita, na leitura, nessas coisas assim então, ele trabalhou muitos anos numa firma que ficou-lhe a dever... quase uma fortuna porque deu como falência aqui no Algarve, em Vilamoura e não despediu o meu pai mas fazia-lhe um contrato, um novo contrato para ele ir para Lisboa. Depois nós acabamos por saber que essa firma não existia em Lisboa, foi simplesmente... simplesmente para não lhe pagar e ficaram-lhe a dever muito dinheiro, muito dinheiro, muito mas mesmo muito.

**E** – Pois...

**e:** Que ele trabalhou muitos anos para essa firma, talvez uns vinte anos que trabalhou para essa firma.

**E** – É muito, nunca conseguiram nada?

**e:** Nunca conseguiram nada porque eles nunca apresentaram a carta de despedimento, a firma não despediu a firma simplesmente disse que mudava...

**E** – De local.

**e:** Mudavam daqui do Algarve para Lisboa. E hoje pronto, hoje é o que a Dr.<sup>a</sup> vê.

**E** – E a sua mãe? Vamos à sua mãe. Sempre em casa convosco?

e: Pois a minha mãe sempre em casa mas também foi sempre a vida no campo.

E – No campo.

e: A minha mãe sempre trabalhou no campo. O que trabalhou, o pouco conhecimento que tenho de ela trabalhar no campo também mas...

E – Para outras pessoas...

e: Para outras pessoas. Como eu disse, ela começou muito nova, a minha mãe tinha 35 anos e deram-lhe dores nas pernas, deixou de andar.

E – 35 anos?

e: 35 anos. Paralisou aos 35 anos.

E – Já tinha vocês os três?

e: Já, já eramos todos os três nascidos.

Eu nasci tinha a minha mãe 21 anos e a minha irmã nasceu tinha a minha mãe 27 ou 28.

E – E o seu irmão?

e: O meu irmão, a minha mãe tinha 18 anos quando o meu irmão nasceu.

E – Com 35 anos. Eu não sabia...

e: Foi com 35 anos, ela foi-se muito abaixo nessa altura, corremos tudo, médicos, clinicas, tudo...

E – Deram algum diagnóstico?

e: Nunca chegamos a ter um diagnóstico certo porque não... Um médico dizia uma coisa, outro médico dizia outra portanto nunca chegamos a saber ao certo.

E – Ela ficou acamada?

e: Ficou, ficou acamada durante algum tempo. Depois foi a Espanha, um médico espanhol. Esse médico espanhol passou-lhe uma medicação que ela melhorou das pernas, melhorou... mas aquilo devia de ser uma medicação muito forte que ela fez alergia, fez alergia. Depois já na altura não havia transportes, era muito difícil, não é como hoje. Hoje liga-se para uma ambulância, liga-se para um táxi, liga-se... é diferente... naquela altura não havia transportes, não havia dinheiro.

E – Estamos a falar de há quase cinquenta anos atrás.

e: Pois, não havia transportes, não havia dinheiro, era muito difícil de... portanto ela andou aqui num médico que era aqui da Casa do Povo que era o Dr. [não perceptível], depois foi a esse médico da Espanha, melhorou das pernas mas piorou porque a medicação fez-lhe alergia. Depois foi com medicação, digamos caseira que ela começou a melhorar. Eram umas águas de por nas pernas, depois era por nas pernas, lavar as pernas, por nas pernas...

E – Quem é que fazia isso tudo?

e: Fazia a minha avó, fazia eu que já desde pequenina que fazíamos essas coisas que tratávamos dela nessa altura que ela estava muito tempo na cama. Depois levantava-se, depois lá começou a andar, depois foi uma tia do meu marido que nós conhecíamos, era muito amiga dos meus pais. Foi essa tia do meu marido que levou

a minha mãe aquelas pessoas que chamavam de curandeiras, levou a minha mãe com o meu pai, levou a essas curandeiras e essa senhora é que indicou essas ervas caseiras para fazer e para fazer lavagens às pernas e foi depois que ela começou a curar. Mas ainda levou algum tempo... Mas depois ficou sempre, volta e meia eram as pernas lhe atacavam, foi sempre as pernas dela que...mas depois arrebitou, ainda melhorou.. teve animais, teve vacas, teve ovelhas, teve animais para tratar. Ela era a horta, era o campo, foi sempre, sempre uma mulher do campo.

**E** – E as relações com os vizinhos, com os amigos?

**e:** Houve ali um corte de relação com uma vizinha que ainda foi... tinha eu sete anos quando cortaram relações lá com uma senhora lá ao pé. Com os outros vizinhos não, teve sempre uma boa relação com os vizinhos. Com essa senhora começou quando eu tinha sete anos porque disseram... foram dizer a essa senhora que eu tinha dito que a filha dela namorava, hoje a filha dela namorava o atual marido dela. Se eu com sete anos se calhar não digo que não disse pois eu não tenho noção...

**E** – Claro.

**e:** Disse que a filha que namorava e pronto mais tarde acabou por ser o namorado dela...

**E** – E o marido. [risos]

**e:** E o marido dela... [risos]

**E** – Tinha olho D. Elsa para a coisa [risos]

**e:** Se eu disse que a filha que namorava com o rapaz pronto se calhar alguma coisa eu tinha visto ou alguma coisa me tinham dito ou não, e eu disse, se calhar disse. Mas como naquele tempo um namoro era uma coisa muito complicada. Se o namoro não dava certo ou se não casavam, aquela rapariga se namorava o rapaz e ele não casava com ela ou qualquer coisa era um bocado complicado. Então essa senhora foi dizer à minha mãe e depois acabavam por discutir, a minha mãe bateu-me. Foi a única vez que me lembro da minha mãe me bater e até eu me lembro que eu fugi.

**E** – [risos]

**e:** Fugi. E a partir daí cortaram as relações e tiveram muitos anos, muitos anos de relações cortadas e só voltaram a ficar a bem que a comadre que ela fala que tem também um Centro em Tavira que ela fala da comadre de certeza. Só voltaram a ficar bem quando o marido desta senhora adoeceu e então, o verem-se sozinhos, a união...

**E** – Faz a força.

**e:** Faz a força. Portanto houve uma altura que a minha avó estava acamada e um dos dias em que a minha avó precisava de tratamento, a minha avó tinha muitas feridas muitas escaras, e esta minha prima que é filha da minha tia Maria não pode ir tratar dela e mandou a filha que é a Nélia e a... tinha nessa altura doze anos ou onze, doze anos já não me lembro... só que ela ao ver as feridas da avó desmaiou.

**E** – Ai!

e: Desmaiou e a minha mãe não sabia se acudisse a minha avó ou se acudisse à miúda porque eu não sabia o que é que havia de fazer, então começou a gritar e essa senhora, essa comadre dela...

E – Ouviu.

e: Ouviu a minha mãe gritar e foi saber o que é que se passava e foi socorrer mas aí ainda a relação não ficou muito boa, apesar dela ter ido lá socorrer a minha mãe e essas coisas todas, ainda não ficou muito boa. Depois quando o marido dessa senhora adoeceu, ele esteve um AVC, ele teve de cama. Aí conciliaram-se, ela já tinha ido ajudar...

E – A sua mãe...

e: Ela precisava de ajuda e então a minha mãe foi ajuda-la e aí acabaram por se reconciliar, ficaram bem e a partir daí posso dizer que foram as melhores amigas.

E - [risos] Coisas da vida.

e: Coisas da vida [risos]

E – Mesmo.

e: E estiveram muitos anos...

E – Juntaram-se na dor não é?

e: Foi isso mesmo, juntaram-se na dor.

E – É normal.

e: Tirando essa pessoa pronto, a minha mãe não teve conflitos assim com mais vizinha nenhuma... sempre se deram bem ali com a vizinhança. O meu pai esse não, esse nunca. A minha mãe, quando o meu pai conversava, falava com essa comadre dela, a minha mãe tinha ciúmes!

E – Era ciumenta a sua mãe?

e: Às vezes chateava-se com o meu pai porque ela não falava com ela e o meu pai tinha de estar a falar com ela porquê, se ela não falava com ela, ele também não tinha nada que falar. Ele dizia que “não tenho nada com as vossas zangas, vocês zangaram-se, problema vosso, não tenho nada a ver com as vossas zangas”.

E – É muito ciumenta a D. Alice? [risos]

e: Um bocado... [risos] É, a Dr.<sup>a</sup> já se deve ter apercebido que ela é, é ciumenta. Quer que a atenção seja toda...

E – Para ela.

e: Para ela. Ainda ontem discutimos, discutimos entre aspas, eu a fazê-la ver que não pode pensar só nela, também tem de pensar nos outros porque é uns ciúmes danados. Porque houve um fim-de-semana, eu e a minha irmã quando estamos lá, aquela rapariga que vai lá ajudar a casa...

E – A Carminha.

e: Também tem a mãe dela, que a Dr.<sup>a</sup> já viu. A senhora também passa a maior parte do tempo sempre sozinha, sempre sozinha e eu ao fim-de-semana vou buscá-la lá para a casa da minha mãe como ainda ontem fui buscá-

la. Vou buscá-la para lá, sempre conversam, sempre se distraem e ontem à tarde quando eu fui para ir levá-la, a minha mãe respondeu assim: “Oh já sabia, agora tou cheia de fome e ainda tens de ir levar a Teresa.” E eu disse: “Você é muito egoísta, você quer tudo só para si, você não pensa também nos outros e também não tem assim tanta... já lanchou, não é assim tão tarde, eu também não demoro muito, vou só levar a Teresa, quando voltar o jantar já está feito, já vai jantar. Não queira também só a atenção pra si, você também não compreende que ela passa a semana toda sozinha sem ninguém. Acho que lhe faz bem ela vir aqui, sair de casa, vir conversar um bocadinho. Você não ficou contente de ela ter vindo?” – “Pois fiquei” – “Atão se ficou contente para que é essas coisas a dizer que agora ainda tenho que ir levar a Teresa?”

**E** – Você mora em Faro, e a sua irmã?

**e:** Mora também ao pé de Faro.

**E** – Ao pé de Faro, o seu irmão?

**e:** O meu irmão é que mora ali na Corte.

**E** – E só você é que vai lá ao fim de semana?

**e:** Este fim-de-semana fui eu que tive lá porque tenho estado de férias e vou lá mas aos fins-de-semana é sempre a minha irmã. Sábado e domingo é a minha irmã.

**E** – E o seu irmão?

**e:** Eu vou durante a semana. O meu irmão está desligado da família. É um bocado complicado.

**E** – Mas não se dá bem com os seus pais?

**e:** Nunca tiveram nada contra, nunca discutiram, nunca houve nada, mas o meu irmão é os ciúmes do meu pai fazem-lhe mal.

**E** – Uma família cheia de ciumentos?

**e:** O meu irmão foi, digamos entre aspas, o filho privilegiado. O meu pai, o filho não lhe pedia nada que o meu pai não fizesse, embora pronto, também não me posso queixar.

**E** – Claro.

**e:** Mas o meu irmão foi para a Marinha com 15 anos. Depois de estar lá começou a dizer que a comida não era boa, que o alojamento não era muito bom. O meu pai pagava um quarto para o meu irmão ficar fora do quartel. Depois quis estudar. Acho bem sim senhora foi uma boa ideia, foi estudar. Pronto, mais despesa nos estudos, está tudo bem. Esteve 4 anos na Marinha, saiu da Marinha, não conseguiu arranjar trabalho cá. Ainda foi para o estrangeiro, esteve lá uns meses, depois voltou e depois é que ingressou nos Caminhos-de-ferro. Mas o meu irmão era também aquela pessoa, não... era e se calhar continua a ser... Não sabe até onde é que há-de chegar, é como eu digo, aquelas pessoas que dão um passo mais largo que a saia. Se tem 10 gasta 20 e se tem 20 gasta 30, e depois às vezes via-se em apuros e a quem recorria? Ao pai. Quando se via... aflito... vinha recorrer ao pai e o pai estava sempre disposto a ajudar.

**E** – A ajudar claro.

**e:** Até que depois, esgotou... eu já disse isto ao meu irmão... o poço esgotou a água e agora já não tem água para dar. No dia em que o meu irmão levou um não ficou muito ofendido com o meu pai e a partir daí começou-se a afastar.

**E –** Ele nunca veio cá, por exemplo.

**e:** Nem vem aqui, nem vai a casa do meu pai e da minha mãe.

**E –** Não? Nem de passagem? Nem um “Olá mãe!”?

**e:** Ele passa pela estrada que é a mesma, como a Dr.<sup>a</sup> sabe que já lá esteve, passa pela estrada mas muito raramente, muito raramente aquele carro pára para perguntar pela mãe, como a mãe está. Só se encontrar as pessoas mesmo de...frente. É que pára o carro para ir lá.

E pronto, depois isto, eles começaram, quer dizer, a andar para trás. A minha mãe começou a precisar de ajuda, a minha mãe partiu as costelas, eu não tive ninguém que tomasse conta da minha mãe tive que arranjar uma senhora, tivemos que pagar. Os meus pais nessa altura já não tinham o suficiente para pagar.

Andei com o meu irmão, com a minha irmã, temos que reunir e temos que fazer telefonemas e o meu irmão nada.

Houve um dia que eu fiz noite, sai às 8h da manhã, vim diretamente para a casa da minha mãe, mas o meu irmão nessa altura não trabalhava e eu pensei assim: “vou apanhá-lo na estação de Tavira, e ele trabalha na estação. Vou apanhá-lo lá. Ele tem de me ouvir, eu tenho de falar com ele.” No fim, apanhei o meu irmão e a cunhada, os dois... os dois em Tavira. Falei com eles e disse: “Eu preciso de ajuda, eu preciso de ajuda para tratar da mãe.” E o meu irmão respondeu: “Eu não tenho tempo e também não vou mudar a fralda à mãe.” E eu disse: “Eu não preciso só que ajudes a mudar a fralda à mãe. Eu preciso de uma palavra, preciso de um conforto, eles precisam moralmente de alguém que fale com eles e se tu não és capaz de mudar a fralda, tens aqui a tua mulher é capaz disso”. A minha cunhada respondeu que também não tinha vagar e não tinha tempo. E não foi lá ninguém. Aí mais chateada eu fiquei. Mais tarde a minha irmã disse-me “Eu vou falar com ele” E então foi diretamente à casa dele falar com ele.

**E –** A sua irmã é assim mais despachada não é?

**e:** É e foi diretamente à casa falar com ele. Foi falar com ele e a resposta foi que eu era a dona de tudo e se eu era a dona de tudo, eu é que tinha de tratar. Mas a dona de tudo, para a cabeça do meu irmão, é que ele abandonou a casa dos pais, não quer saber dos pais e eu nunca os abandonei. Portanto, eu continuo a ser dona de tudo, mas é o que eu digo a dona de tudo para tudo para o bem e para o mal e continuamos neste conflito até hoje.

**E –** Não passam os Natais juntos nem aniversários? E a D. Alice não pede para ir vê-lo para a levarem a vê-lo?

**e:** Pede, pede e chora e já a levei, já a levei lá a casa e já lhe implorei e já lhe pedi de tudo para ele vir ali. Veio, veio quando? Deixe-me pensar... Depois que a minha mãe está aqui no centro, não veio. Ai não! Veio. Veio... passou um dia lá...

**E** – Desde Setembro passou lá um dia.

**e:** Passou lá um dia, sim... que a minha irmã tava lá, um fim-de-semana. E ele andou fazendo uma instalação, nós fizemos lá um furo, pusemos lá uma bomba e o trabalho dele além do trabalho que teve de... ele trabalha com a EDP, com pronto essas coisas, e eu pronto apesar das nossas... disse não o meu irmão trabalha com a EDP nós vamos chamá-lo e chamámos. Chamamos e ele veio. Ele veio trabalhar para ali, chegou a andar ali a trabalhar, ele a trabalhar aqui e a casa da minha mãe ser ali e ele não sair daqui para ir ali dizer “Bom dia” à mãe.

**E** – Estranho não é?

**e:** É muito estranho. E ainda ontem o meu marido esteve com ele que eu tenho dias de fazer quatro e cinco telefonemas para falar com ele e ontem o meu marido teve com ele e disse-lhe: “Então mas porque é que não atendes os telefonemas da tua irmã?” – “Ai eu não sei que é ela, e depois penso que é trabalho e depois é só para me chatearem a cabeça e eu não atendo.” Mas ele sabe, ele sabe qual é o meu número de telefone. Ele conhece muito bem o meu número de telefone, não atende porque ele não quer... E então é assim. Não temos nada um com o outro, nunca tivemos. As únicas coisas que tivemos foi em relação.

**E** – Aos pais.

**e:** Aos pais.

**E** – Quando é que começa a perceber, claro, não é só que não consiga sozinha mas quando é que começam a ponderar ou a pensar que é necessário uma instituição como esta para prestar apoio aos seus pais?

**e:** Eu já pensei nisso há muito tempo.

**E** – Há muito tempo que já tinha pensado, mas eles nunca aceitaram?

**e:** A minha mãe nunca me disse que não. O meu pai sim, o meu pai quando eu lhe falava o meu pai dizia que não. A minha mãe nunca me disse que não. Eu só não consegui para a minha mãe antes porque eu não conseguia transporte.

**E** – Não iam buscar lá?

**e:** Não iam buscar. Porque eu tive...

**E** – A ideia partiu de si não foi? Mas a decisão foi tomada por todos?

**e:** O meu irmão não... ficou sempre... de parte como se costuma dizer. Embora eu falasse com ele, mas o meu irmão sempre... qualquer decisão que eu tomasse ele ficava sempre de fora, por exemplo, quando houve aquele apoio de solidariedade ao idoso eu fui à Segurança Social para pedir. Na Segurança Social disseram que era preciso o IRS dos três filhos. A minha irmã pedi-lhe o IRS, ela disse que não havia problema, deu-me os dados dela todos. O meu irmão não quis, pronto ficou adiado.

Mais tarde quando eu voltei à Segurança Social disseram que já não era preciso o IRS dos filhos, que eu podia pedir e eu disse ao meu irmão: “Olha afinal já não é preciso IRS, afinal já se pode pedir.” – “Eu não tenho nada com isso.” Eu fui pedir... mas não obtive grande...

**E** – Apoio.

**e:** Apoio. Obtive o apoio de 3€ para o meu pai.

**E** – 3?

**e:** 3€ para o meu pai que já lhe tiraram em Março do ano passado.

**E** – Três euros? Três? Um, dois, três?

**e:** Quando, isto ainda antes, pronto... quando eu fui para pedir apoio à terceira pessoa para a minha mãe, porque a minha mãe já estava muito dependente, eu fui pedir. Falei com o meu irmão e o meu irmão deu-me a mesma resposta: “Não tenho nada com isso.” Eu quando fazia as coisas, eu sempre comunicava... “Olha, vou fazer isto, vou fazer aquilo.” – “Não tenho nada com isso.” Eu pedi, andei despachando a papelada toda e fui pedir, consegui, consegui. Quando a minha irmã foi falar com eles, que a minha mãe partiu as costelas, a minha irmã foi falar com eles e a minha cunhada respondeu que eu não precisava de ajuda porque eu estava a ganhar dinheiro para tomar conta da minha mãe. Que esse dinheiro que eu tinha ido pedir de apoio à terceira pessoa era dinheiro para mim. Que era esse dinheiro que eu estava a ganhar para tomar conta da minha mãe. Porque na cabeça deles eu pedi ajuda para a minha mãe mas depois o dinheiro ficava para mim, porque eles não têm noção das coisas. Quando eu fui agora falar: “Devíamos de arranjar maneira de pôr a mãe, que eu precisava de pôr a minha mãe no Centro de Dia que ela não estava em condições de ficar sozinha e o meu pai já não estava em condições de tomar conta dela.” E eu disse: “Eu vou pedir. Que é que tu achas?” A resposta é sempre a mesma: “Não tenho nada com isso.” Eu fui à Misericórdia de Tavira, falei com... Falei com a Dr.<sup>a</sup>, levei lá os meus pais.

**E** – Os dois?

**e:** Os dois... consegui pronto, lugar para a minha mãe, só que não consegui transporte.

**E** – Eles não iam buscar?

**e:** Não. Ahhh... disse ao meu irmão: “Olha já inscrevi a mãe no Centro de dia vou ver se consigo transporte. Tu tens conhecimentos na Câmara, porque me disseram para eu falar com a Câmara de Tavira.” Disse ao meu irmão: “Tu que tens tantos conhecimentos na Câmara conheces pessoas que eu não conheço ajudas-me?”

**E** – Disse que não tinha nada com isso?

**e:** Aí não disse que não tinha nada com isso. Não disse nada. Eu escrevi uma carta ao Presidente da Câmara, ou pedi que me escrevessem uma carta ao Presidente da Câmara. Eu falei com... eu tinha isso apontado mas já não me recordo. Um senhor lá da Câmara, eu falei com ele ao telefone. Esse senhor depois é que me disse que fizesse uma carta dirigida ao Presidente, que podia ser que o Presidente... Depois obtive a resposta da secretária do Presidente a dizer que não me cediam o meu pedido, tinham muita pena mas não me cediam porque como os meus pais, havia outras pessoas também carenciadas e que de momento não tinham carrinha disponível para...

**E** – Para o transporte?

e: Para o transporte e ainda tinham ponderado inseri-la na carrinha dos alunos da escola mas aí era às sete da manhã que tinham de ir buscá-la e não se justificava uma pessoa nas condições dela...

E – Tão cedo...

e: Ter de se levantar tão cedo. Falei com o Presidente aqui da Junta, falei com ele para pedir-lhe ajuda também. Depois mais tarde disseram para eu falar com a Dr.<sup>a</sup> de Santa Maria. Também falei com a Dr.<sup>a</sup> que me disse que...

E – Não a vão buscar...

e: Não a vão buscar.

E – Será que somos a única instituição no Mundo que vai?

e: Aí fiquei, pronto eles disseram que a iam buscar, vinham buscar aqui à Conceição, vinham buscar a Cabanas, vinham buscar a Santa Luzia, vinham buscar à Luz de Tavira mas que mais de treze quilómetros não iam.

E – E depois foi pedir ajuda a mais alguém? Isso demorou quanto tempo tudo, D. Elsa?

e: Ai! Isso demorou algum tempo. Depois mais tarde voltei à Misericórdia falar com a Dr.<sup>a</sup> novamente. Aí já não pedi só para o Centro de Dia mas pedi para o Lar.

E – Não tinham vagas?

e: De momento não tinham vagas, mas se calhar mais tarde até me arranjariam uma vaga o problema é que não tenho dinheiro para pagar. Porque a Dr.<sup>a</sup> disse que de momento o que estavam a pedir era 650€ mais as fraldas, mais os medicamentos, na altura, foi o que ela me disse que estavam a pedir para o Lar da parte...

E – Antiga.

e: Antiga. Para a parte nova era... Eram já 850€ se eu não me engano, 800€, 850€ para a parte nova. Aí eu voltei a falar com o meu irmão.

E – E?

e: E... não havia dinheiro para ninguém. A minha irmã disse-me comigo, que eu sei, que com ela não posso contar financeiramente, não tem para ela muitas vezes para comer, muito menos para ajudar seja naquilo que for financeiramente e com o meu irmão disse-me logo: “Se eu os queria empurrar de casa, se queria os pôr num Centro que pagasse eu do meu bolso.” Fiquei novamente a zeros.

e: Depois vim aqui novamente a uma consulta, encontrei aqui o Presidente da Junta e a minha mãe disse-me e eu por acaso até não me lembro, e a minha mãe disse-me: “Olha, este é que é o Presidente aqui da Junta de Freguesia que nós temos agora” e a minha mãe: “E quando é que abre o Centro daqui da Conceição?” A Dr.<sup>a</sup> já me tinha falado já quando isto começou logo, a Dr.<sup>a</sup> da farmácia, e ele disse-me assim: “Olha, estão as inscrições abertas.” – “E onde é que nos vamos inscrever?” – “Aqui na Conceição.” Ai eu não perdi um segundo.

E – Foi logo?

e: Fui logo nesse dia, fui logo nesse dia.

**E** – Sim, você foi a nossa...

**e:** Fui logo nesse dia inscreve-la logo.

**E** – É a quarta inscrição.

**e:** Pois eu fui, assim que ele me disse que estavam as inscrições abertas eu disse: “espere que eu vou já.”

**E** – Pois.

**e:** Vou já inscrever e para mim e para eles, principalmente acho que foi...

**E** – E quando disse à sua mãe que ela estava inscrita, como é, ela vinha?

**e:** Quando eu disse logo ela ficou, é que eu disse logo nesse dia “Olhe, está a ouvir? Estão as inscrições abertas, eu vou inscreve-la!” Eu disse logo a ela no Centro de Saúde “Estão as inscrições abertas, eu vou já inscreve-la”. Ela depois quando foi para casa, começou “Ah, quando me for embora, o teu pai fica aqui sozinho.” Depois andou ali uma semana e eu “O pai não fica ali sozinho, eu vou já inscrever o pai também”. Não inscrevi logo nesse dia que não tinha os papéis dele, não tinha as coisas dele preparadas e depois não... ao fim de uma semana ou coisa assim é que fui depois inscreve-lo mas o meu pai dizia que não vinha, nunca, para o meu pai isso era “Alguma vez!”.

**E** – Até porque eles vieram cá conhecer a instituição não foi, em Agosto, antes de abrir, eu lembro-me.

**e:** O meu pai dizia que não vinha.

**E** – Disse logo que não vinha, que era para ela.

**e:** Que não vinha, que não vinha. Ela na altura ainda ficou assim... mas depois disse: “Vou sim, vou.” E depois de a conhecer disse logo: “Ai vou, vou.”

**E** – Como é que foram os dias antes de iniciar? Ela sabia que dia 1 de Setembro íamos busca-la.

**e:** Ela ali, pronto, como eu digo á Dr.<sup>a</sup>, logo nos primeiros dias ela estava hesitante.

**E** – Sim.

**e:** “Ai, como é que aquilo é?” Mas logo nas vésperas de saber que vinha já estava contente.

**E** – Ainda bem.

**e:** Já estava contente. Ela não, não posso dizer que foi uma pessoa que dissesse assim que... ou que chorasse ou que dissesse assim: “Querem-me levar daqui, não me querem ou...”

**E** – Mas ela mudou de reação quando conheceu a Instituição?

**e:** Foi, mas ela no dia em que foi conhecer a Instituição em Tavira, ela também aceitava se eu tivesse conseguido, porque ela...

**E** – Adapta-se.

**e:** Adapta-se. Não sei pronto, acho que ela facilmente se adapta assim logo pronto, tem lá a sua maneira de ser, como nós temos, mas acho que ela não é uma pessoa assim muito difícil de se adaptar e quando veio aqui conhecer, pronto já não, já veio toda contente e toda satisfeita e no dia que veio, nunca aconteceu que dissesse assim: “Não quero ir.” Ou “Não gosto.” Não, ela nesse aspeto ela aceitou...

**E** – Bem.

**e:** Aceitou muito bem. Ele é que levou ali um certo tempo para o conseguir convencer. Ele só se convenceu mesmo quando viu que realmente estava sozinho.

**E** – Ele veio pela solidão em que estava e ela não, ela precisava de apoio.

**e:** Ela precisava de apoio e ele veio pela solidão, o meu pai veio mesmo pela solidão.

**E** – O seu pai só vem em Novembro.

**e:** Pois.

**E** – Ela entrou em Setembro e ela só veio em Novembro. Setembro, Outubro. Foram dois mesinhos quase três.

**e:** Quase três meses e foram três meses de solidão que eu telefonava-lhe, às vezes, duas e três vezes por dia e o meu pai chorava ao telefone, dizia-me assim: “Aqui tou sozinho sem ver ninguém, ainda hoje não vi ninguém.” Dizia ele: “Hoje ainda não vi ninguém” e eu disse-lhe assim: “Então pai convença-se, que você tem que ir com a minha mãe.” – “E as coisas aqui quem faz?” e eu digo assim: “Mas você também já não as fazia, deixe estar, você aqui também não precisa de fazer isto, não precisa de fazer aquilo, deixe estar, logo faz no outro fim-de-semana, eu quando for aí faço, eu ajudo.” Ele veio mesmo quando...

**E** – Quando a solidão pesou mais.

**e:** Quando a solidão realmente pesou mais. Realmente ele passava os dias, passou muitos dias, muitos dias mesmo sozinho sem ver ninguém e aí era o que eu lhe dizia “está sozinho porque quer, porque agora já não precisa de ficar aí sozinho”.

**E** – Quando lhe dissemos que sim, que fazíamos o transporte, o que é que sentiu?

**e:** Aí senti uma sensação... Não é, eu não digo sensação de alívio de pronto, de... como é que hei-de explicar? De me querer ver livre deles, não! Principalmente nessa altura era a minha mãe. Não foi aquela sensação de me ver livre dela, mas a sensação de me ver livre da preocupação porque era uma preocupação muito grande que eu estava, eu às vezes estava no trabalho e tava pensando “E se ela está caída e se...”. Eu estava sempre preocupada, tava sempre com aquela sensação, como é que ela tá? Onde é que ela tá, como é que eles tão? Como é que eles não tão? Embora já tivesse ajuda desta rapariga a Fátima que já ia lá pronto, ela já me estava a ajudar. Mas claro que a rapariga não podia estar lá...O dia inteiro. A minha mãe tava já num estado que precisava...de ajuda.

**E** – A Carminha ia lá fazer higiene de manhã?

**e:** Ia fazer higiene de manhã, pronto, fazia-lhe a higiene, dava-lhe o pequeno-almoço, se ela queria ficar levantada, deixava levantada sentada numa cadeira se ela queria ficar deitada ainda a deixava deitada na cama e mais tarde ia levantá-la. Mas a minha mãe se não se conseguia levantar, se não tinha forças para se levantar da cadeira, chorava que não tinha ninguém que a ajudasse. Se se conseguia levantar, dava dois, três passos, caía. E aí era outra...Preocupação, porque não era fácil, nem é fácil, levantar uma pessoa do chão no estado em que ela está. Quantas vezes eu não telefonava e ela estava caída e eu desligava e dizia “Espere aí um

bocadinho que eu vou tentar arranjar alguém” e depois ligava para A, B ou C, era quem eu conseguisse contactar e pedir ajuda, “Olha a minha mãe tá caída, vê lá se podes ir lá ajudar a levantá-la.” E foram muitas vezes, não foi nem uma, nem duas, nem três, foram muitas, muitas vezes.

E aí o ela vir para o Centro foi um alívio de pensar “pronto ela vai para o Centro eu já sei que a partir do momento em que ela sai de casa e volta a entrar em casa, eu essas horas já posso estar mais aliviada porque sei quem há quem tome conta dela” e foi um grande alívio para mim.

**E** – E para eles, acha que... primeiro ela, acha que ela se adaptou bem?

**e:** Eu acho que sim.

**E** – Que está integrada?

**e:** Eu acho que ela se adaptou bem, que ela... pronto agora estar parte do frio de manhã...

**E** – É um martírio?

**e:** E que: “Tenho que me levantar!” e ... mas agora ele noto mais que incentivava mais do que ela, que dia foi? Agora de manhã, que ela me disse assim: “Eu não vou!” Foi na sexta-feira, foi, sexta-feira que ela disse-me assim: “Eu não vou!” e eu disse assim: “Ai, vai, vai!” – “Não vou! Já disse que não vou, não vou, hoje não vou!” e eu disse assim: “Não, fica aqui sozinha, eu vou por aí por esses barrancos” disse-lhe mesmo assim: “Por esses barrancos por marcos, por o nome nos marcos e você fica aqui em casa sozinha.” E o pai ouviu e disse logo: “Levanta-te já sim, vamos! Que é que ficas aqui a fazer sozinha? Eu vou e tu ficas aqui?”

**E** – Ela costuma dizer esses: “Não vou” à segunda, à quarta e à sexta?

**e:** Não, é mais aqueles dias em que ela... ou não dorme bem durante a noite e de manhã apetecia-lhe ficar...

**E** – Na cama.

**e:** Apetecia-lhe ficar na cama como era na sexta-feira ou quando nós estamos lá, por exemplo, quando estou lá, a minha irmã não, a minha irmã vai ao sábado e ao domingo. Quando eu estou lá, quando eu estou lá ela pensa assim: “Bom, então ela hoje está aqui...”

**E** – Fico em casa com ela.

**e:** “Fico em casa com ela” e aí às vezes diz-me: “Hoje não vou.”

**E** – Pois.

**e:** Como na sexta-feira: “Hoje não vou, hoje fico aqui.”

**E** – E ele? Acha que ele está bem integrado?

**e:** Ele ainda não me disse dia nenhum que não vinha.

**E** – Acha que tem sido mais difícil a adaptação dele ou dela? Qual dos dois foi mais difícil?

**e:** Ele já houve... agora ultimamente não. Mas já houve aí uma fase dele aí uns dias quase duas semanas que ele quando chegava à tarde, quando chegava à tarde dizia: “Amanhã já não vou!”

**E** – Logo no início?

e: Não, não foi no início, foi agora aí... foi depois da comadre ter falecido. Houve aquela... acho que houve aí uma semana mais monótona que não...

E – Foi mais pesado.

e: Pronto. E ele chegava... foi nessa semana e depois foi... ele chegava lá e dizia assim “Amanhã já não vou, amanhã não vou” e eu dizia-lhe “Então não vai porque?” – “Eu? Vou para lá estar sentado numa cadeira, não há nada para fazer. Com tanta coisa que eu tenho aqui para fazer”... Depois ia buscar o “Tenho que ir semear batatas, tenho que ir fazer isto, tenho que ir fazer aquilo” e eu dizia-lhe “Então mas semeia as batatas no sábado” ou “Ainda não comprei as batatas, tenho de ir comprar as batatas que você não tem batatas para semear”. Naquele momento eu dizia-lhe isto e ele calava-se, depois ele acordava de manhã e dizia que vinha, era só a tarde quando chegava. De manhã levantava-se, despachava-se e ia. Quando ele houve também dois ou três dias que a Carminha também me telefonou quando ela chegava também dizia “Olha o teu pai anda dizendo que amanhã não vai.” – “Então e se ele não quer ir, o que é que eu faço?”

E – E qual era a justificação dele nessa altura?

e: Baseava-se praticamente sempre na mesma “Que é que eu vou para lá fazer? Para tar lá sentado, com tanta coisa que eu tenho aqui para fazer ...” e depois ia buscar o mesmo... Houve um dia que até ela ligou e eu disse: “Não desligues Carminha, deixa lá ficar” porque eu depois estava a ouvir o que é que ele dizia e eu ouvia “Não vou Carminha, não vou Carminha. Já viste, tenho que semear batatas, tenho que semear feijão, tenho que fazer isto, tenho que fazer aquilo”. Na cabeça dele ia tinha que ir semear, fazer isto e aquilo, fazer...

E – Fazer aquilo que sempre fez a vida inteira.

e: Fazer aquilo que sempre fez a vida inteira, pois. E então dizia que não vinha, mas depois de manhã ou já se tinha esquecido ou já lhe tinha passado.

E – Pois.

e: De manhã levantava-se, despachava-se, e não...

E – E vinha.

e: E vinha.

E – Então acha que os dois estão bem integrados em relação aqui à instituição. E vocês familiares como é que se adaptaram?

e: Pois eu é como digo à Dr.<sup>a</sup>, adaptei-me bem. Isto para mim vou uma mais-valia, como se costuma dizer.

E – E a vossa relação? Portanto a relação da Elsa e da sua irmã neste caso com os seus pais melhorou desde que eles vieram para cá, vê que conseguem manter a mesma relação?

e: Eu acho que mudou um pouco em relação, não digo, a minha mãe pronto, a gente também nunca teve uma relação... continuamos a ter conflitos mas é porque continua a ser teimosa, quer às vezes, o impossível e na cabeça dela. Com o meu pai a relação melhorou porque o meu pai entrava muito em conflito connosco.

**E** – Por causa da bebida?

**e:** Por causa da bebida. Entrava muito em conflito connosco, muito. O meu pai houve uma fase muito complicada entre mim o meu pai. O meu pai foi muito agressivo comigo, muito agressivo porque eu o contrariava e como eu o contrariava, o meu pai tornava-se.... por duas vezes o meu pai quase que me bate. Muito agressivo comigo com a bebida porque eu não o deixava fazer....

**E** – Como ele entendia?

**e:** Como ele entendia. E eu, uma das coisas que pronto, não foi preciso eu fazer mas a minha intenção era fazê-lo era tirar as chaves do veículo, do carro, porque ele como eu não o deixava, por exemplo, ele dizia “Amanhã vou para Tavira” e eu dizia-lhe “Você não vai para Tavira” – “Vou, vou.” – “E o que é que você vai fazer para Tavira?” – “Não tens nada com isso, vou governar a minha vida” dizia o meu pai “Não tens nada com isso”. Mas de cabeça ele já não andava... boa e então eu dizia-lhe “Você não vai.” – “Ai vou, vou.” isto à tarde, pronto, tudo bem.

Houve um dia de manhã que eu pensei assim “Bom, ele ontem a noite estava a dizer que ia para Tavira, tenho receio que ele se levante e vá ver...” e quando eu vim o meu pai já tava vestido, preparado e ia já entrar para dentro da carrinha para vir pa Tavira e eu disse-lhe “Você não vai para Tavira” – “Tu não mandas em mim” – “Eu não mando em si mas desta vez vou impedi-lo” e fui e tirei-lhe as chaves da carrinha e o meu pai agarrou-se a mim, nos pulsos, para eu lhe dar a chave e eu naquela altura fiquei um bocado, pensei “Bom, temos o caso complicado”... Chorou porque eu não o deixei, chorou, foi-se embora porque era o hábito que ele tinha quando nós o contrariávamos e não o deixávamos fazer as coisas, ele ia-se embora, muitas vezes tínhamos que andar a procura do meu pai, porque ele teve uma fase de tentativas de suicídio graves por causa do álcool e... mas eu deixei, dei-lhe espaço, depois voltou, não me falava. Depois era a minha mãe que se metia, que picava, a minha mãe muitas vezes achava que eu não devia contrariar o meu pai, mas o meu pai já não estava em condições de vir sozinho.

**E** – Ele vinha para Tavira para beber?

**e:** Ele vinha para Tavira para beber e depois não tinha noção. Ia para o banco, claro, levantava dinheiro, mas depois chegava a casa a dizer que encontrava fulano que lhe tinha pedido dinheiro. Uma vez deu 20€ a um senhor que estava no café e que lhe disse que não tinha dinheiro nenhum e ele deu-lhe 20€. As pessoas que o encontravam já na estrada diziam que era um perigo porque ele já não vinha muitas vezes, quando voltava, quando vinha para baixo, tudo bem, mas depois vinha e ia, quando voltava para cima já não tinha noção na condução, era um perigo já na estrada e ele já tinha tido um acidente grave, partiu o carrinho que eles tinham, daqueles não precisam de carta de condução e teve um acidente. Ficou 3h preso dentro do carro e nós mal sabíamos onde é que ele estava, foi complicado, depois a partir daí eu já não consenti ele comprasse carro nenhum, pronto já não... ele para comprar precisava de alguém que o ajudasse e eu não o ajudei.

**E** – Pois.

**e:** E agora nesta última fase eu já não... já vi que ele não tava em condições de andar sozinho, porque quando eu saía com ele, quando eu saía com ele eu via as atitudes dele.

Eu via que ele já não estava... por exemplo houve um dia aqui no pingo doce que ele pôs 10€ em cima da bancada para pagar uma carne que ele tinha comprado e pôs os 10€ e passado uns segundos tirou 20€ para dar ao senhor para pagar a carne e o senhor disse assim “Então o senhor já me deu 10€, chega não preciso de 20” e ele diz “Esses 10€ não são meus, não fui eu que dei.”

**E –** Já não tinha...

**e:** Já não... e quando eu o contrariava nestas coisas assim... agravava a situação.

**E –** E agora você sente que pode chegar até eles? Eles estão no Centro de Dia mas pode-lhe apetecer sair ao meio dia e vir aqui ter com eles ou se lhe apetecer vir buscá-los para irem passear consigo, ou seja, se o Centro de Dia tem a porta aberta para que os familiares possam continuar a relacionar-se com os seus familiares?

**e:** Acho que sim... Se eu, por exemplo, houver um dia que eu pense “Olha hoje vamos passear aqui ou vamos passear ali”... eu venho.

**E –** Não há horário de visita não é? Vem a sua vontade?

**e:** Não.

**E –** Desde que eu possa nunca vai haver.

**e:** Ninguém disse que houvesse restrição de... olhe ainda não sei se sabe, não sei se é amanhã mas senão for amanhã vou com eles quarta-feira fazer análises.

**E –** De manhã logo? Depois diga-me para eu avisar o motorista, está bem?

**e:** Sim.

**E –** Então, desde que eles estão aqui no Centro de Dia, para eles o que é que mudou?

**e:** Eu acho que mudou também muita coisa.

**E –** Por exemplo?

**e:** A minha mãe era sempre aquela preocupação “Que é que eu como hoje? O que é que deixaste para eu comer?” Ela agora já não tem essa preocupação “O que é que eu como? O que é que me deixaste para eu comer?”

**E –** Portanto, menos preocupações.

**e:** Ai é outra coisa que ela já sabe que vem e tem o almoço preparado. Digamos o que é que pode ter aliviado mais... pronto, ela também era aquela coisa “Não estou sozinha”. O pânico da minha mãe, o medo dela é ficar sozinha. E ultimamente ficar sozinha com o meu pai. Porque ele já não tá fisicamente com força para lidar com ela e mentalmente a cabeça dele também já não funciona para fazer-lhe as vontades que ela muitas vezes precisa e as vezes não é preciso, às vezes é que ela quer. O que ela quer que não é o que ela precisa, é o que ela quer....

**E** – Que ela entende não é?

**e:** Que ela entende, não é o que ela precisa, é o que ela quer, já não tá para ela. Pra ele... digamos que o que eu digo para ele foi bom é que ele está a interpretar isto como ele ainda ontem falou: “Isto é como se eu fosse trabalhar. Tenho um horário para me levantar, para começar o trabalho e para voltar para casa.” Ainda ontem foi a última vez que ele mencionou isso. – “Voltei, olha, voltei atrás. Agora tenho um horário.” Ele não disse um trabalho, disse um horário, é como se andasse a trabalhar, pronto agora é como se andasse a trabalhar.

**E** – E trabalha que ele toma conta aqui da horta connosco. Aliás, sempre que o motorista diz: “Alguém quer ir ajudar na horta?” Já ele está de pé.

**e:** É o bom, levanta-se, lavasse, veste-se, calçasse, tem aquele horário. Chega a casa.

**E** – E acha que eles andam mais bem-dispostos?

**e:** Andam, andam. Chegam a casa os dois... como é que hei-de dizer, eles andavam constantemente em conflito um com o outro, mas eles não podem viver um sem o outro. Se por qualquer motivo a minha mãe não o vê começa logo: “Onde é que tá o teu pai? Onde é que ele foi?” Se por qualquer coisa a minha mãe pede: “Ajuda-me lá aqui” ou “faz-me lá isto” ou uma coisa qualquer o meu pai diz logo: “Vai lá ajudar a tua mãe. Vai lá ver o que é que a tua mãe quer”. E à tarde vão daqui, que os dias já têm tado melhor, sentam-se, conversam os dois ali na rua...

**E** – As relações estão menos conflituosas não é?

**e:** Conversar, bem-dispostos. Já não há aquela... pronto antes era também o trabalho, aquela vida do campo, também dura e complicada e faz muitas vezes com que as pessoas não tivessem tanta paciência e tanta calma e tanta disposição muitas vezes porque eles tiveram uma vida dura...

**e:** Uma vida dura... a minha mãe teve uma vida dura, mas o meu pai teve uma vida super dura.

**E** – Upa, upa!

**e:** Olhe, para a Dr.<sup>a</sup> ter mais ou menos noção, nós eramos crianças, queríamos vir a praia, queríamos vir a praia! E não havia transporte, só vínhamos uma vez num ano a cavalo dos burros que era no dia 29 de Julho, parece que é, que chamam o Banho de S. João parece que é uma coisa assim. Mas houve um ano em que o meu pai disse: “No domingo vamos à praia!” Ficamos todos contentes. A minha irmã teria quê, uns 3 anos talvez, 3, 4, talvez uns 4 aninhos e eu teria, sei lá... 9, 10, não sei e o meu irmão teria para aí uns 11, acho que ele ainda não tinha 12 portanto eu ainda não podia ter 10, ainda não devia ter 10 anos. Uma bicicleta a pedal, então era assim, o meu pai trazia a mim e o meu irmão fazia uma determinada distância, deixava-nos e nós íamos andando. Voltava atrás buscar a minha mãe e a minha irmã. Quando nos apanhasse, quando chegasse até nós, deixava a minha mãe e a minha irmã e levava a mim e ao meu irmão e ia-nos levar mais à frente a outra determinada distância, deixava-nos e ia embora, já era uma distância pequena, já não tínhamos medo e íamos andando, voltava atrás a ir buscar a minha irmã e a minha mãe e foi assim que nós chegamos à praia de Cacula Velha, onde é a igreja, Cacula Velha, chegamos a essa praia.

**E** – Quanto tempo demoraram?

**e:** Ai não sei, não sei, não faço ideia.

**E** – Não consegue ter noção?

**e:** Não, não tenho noção. Tivemos na praia, tivemos lá na praia, brincamos. Não me esqueço porque para mim, para mim? E deve ter sido para o meu irmão e para a minha irmã que era a mais pequenina não tinha tanta noção, foi um dia em cheio, foi uma alegria. Quando voltamos, fizemos o mesmo percurso. Olhe, que de Cacula aos Estorninhos devem ser se calhar uns 15 quilómetros...

**E** – Ou mais...

**e:** Ou mais. Para baixo...

**E** – Todos os Santos ajudam.

**e:** Então e para cima? Então sabe o que é que aconteceu quando voltámos para cima à saída da mata, não havia pontes, aquilo era a ribeira. A minha irmã mete o pé num raio...

**E** – Da bicicleta?

**e:** Da bicicleta, olhe...

**E** – Caíram?

**e:** Eu não sei se caíram porque eu não estava presente, eu só sei que quando o meu pai chegou ao pé de mim e do meu irmão a minha irmã já levava o pé todo roxo. A minha irmã teve sei lá, mais de duas semanas sem pôr aquele pé no chão, o pé todo roxo, todo inchado, tínhamos de andar com ela ao colo, todo inchado e naquela altura ninguém ia ao médico.

**E** – Mas conseguiram voltar todos?

**e:** Voltamos todos, mas isto é só para eu dizer à Dr.<sup>a</sup>... para ter mais ou menos a noção.

**E** – O sacrifício que era qualquer coisinha que hoje é tão fácil, não é?

**e:** É que hoje a gente pega no carro e vamos, vamos. Naquela altura...

**E** – Lembro-me a 1<sup>a</sup> vez que nós fomos a Cabanas eu acho que vi uma... tenho uma fotografia ali na sala, a sua tia disse que há mais de 70 anos que não via assim Cabanas, o mar, a ria e a sua mãe contou qualquer história parecida. Uma coisa que para nós, hoje em dia, metemo-nos no carro e estamos na praia.

**e:** Estes últimos anos pronto, já depois da minha avó ter falecido, a minha mãe, os meus pais tiveram uma fase, um verão, ai pelo menos, três anos muito bons porque eu vinha...o meu pai nessa altura tinha o tal carrinho e a cabeça dele estava mais ou menos, embora bebesse mas, o meu pai vinha com a minha mãe no carro, eu vinha com a minha com o meu marido e a Teresa essa, a Teresa e a filha e as outras vezes vinha com uma cunhada também, vínhamos todos, vínhamos para a praia da Retur lá da Altura, da de Monte Gordo e então passávamos o dia na praia. E então era assim, eu arranjei uma boia para a minha mãe e uma boia para a outra senhora, então metia a minha mãe dentro de uma boia e a outra senhora dentro de outra boia e atava as boias uma a outra. Depois eu segurava as boias, passávamos uns dias espetaculares ai nessas praia.

**E** – Ainda bem!

e: Passávamos um bom verão. Outras vezes vínhamos para aqui para Tavira mas para a parte da ria.

E – Para o Arraial?

e: Para o Arraial e vínhamos cá para este lado também.

E – E a sua mãe andava?

e: Nessa altura com dificuldade mas ainda andava e a minha mãe pôs-se, logo na altura, ela ainda chegou a fazer isso com o meu pai sozinha com o meu pai, o meu pai vinha no carro, iam os dois no carro.

E – E iam para a praia.

e: E iam para a praia. Ainda tiveram uma fase aí boa.

E – Ainda bem!

e: O ano passado, não fomos. No ano passado e no outro ano também acho que já não fomos, porque a minha mãe já não tinha equilíbrio e eu sozinha já não conseguia levar a minha mãe para a praia e o ano passado também não fomos, também já não fizemos praia.

E – Uma última pergunta D. Elsa para terminar, pense um bocadinho sobre ela porque há certamente qualquer coisa a dizer, na sua perspetiva o que é que mudava no Pontão? Há certamente qualquer coisa...

e: Agora de momento... não sei... O que é que eu mudava aqui no Pontão?

E – Sim. Imagine que você por um dia pode fazer tudo o que quiser aqui dentro, é aqui a chefe da casa, que é que alterava?

e: De momento... não me ocorre...

E – Ao nível da... vamos por partes então, ao nível da alimentação, mudava alguma coisa?

e: O que eu mudava mas que não pode ser mudado.

E – Que é o quê?

e: Era em relação ao meu pai, o sal, mas aí não se pode mudar.

E – Não pudemos mudar o seu pai.

e: Na parte da alimentação eu pergunto quase sempre “Que é que almoçaram?” O que eu sempre disse e que ela me diz sempre que todos os dias comem a sopa pronto é uma das coisas que está muito bem que o meu pai aqui em casa não come.

E – Come mas põe sal.

e: Mas come.

E – Mas come, come!

e: Mas come, isso é que interessa, é que ele come.

E – Ele come tudo.

e: Aqui come, mas em casa não....

E – Tudo, só não come quando é assim grandes doces isso é que ele não come.

e: De resto sei lá, o que é que eu posso...

**E** – Ao nível do transporte, não mudava nada?

**e:** No transporte, pois no transporte a única coisa que... mas também não sei se seria era uma cadeira de rodas.

**E** – Uma carrinha com elevador.

**e:** Uma carrinha com elevador. Pois aí sim...

**E** – Vê já é uma alteração que fazia. E no horário do transporte mudava alguma coisa?

**e:** Não, o horário acho que é um horário acessível. Vir mais cedo não, eles virem muito cedo depois acho... e também acho que na parte da tarde tá um horário acessível.

**E** – Para as pessoas daquele lado, serra, está ótimo, os daqui de perto queixam-se um bocadinho que chegam mais cedo. Por exemplo o Sr. Manel chega aos Estorninhos às seis e meia da tarde para ele está ótimo, mas o Senhor que mora aqui no prédio em frente às 17h está em casa.

**e:** Aqui o que eu já falei pronto...

**E** – Diga, diga à vontade.

**e:** Era ter um abrigo de inverno para descerem da carrinha, mas isso é já outra coisa que...

**E** – Não sei se sabe mas a carrinha quando chega, quando não está a chover fica aqui à porta que é direto para o refeitório, quando está a chover vem para trás e fica ali dentro.

**e:** Entra aqui dentro?

**E** – Passa isto tudo, tudo, tudo ali atrás naquele parquinho onde estão as mesas, a carrinha fica aí de baixo, não é um toldo porque temos em cimento, mas sim fica ali.

**e:** Ahhh... Digo isto porque era das coisas que já tinha...

**E** – Tinha dito, sim, sim.

**e:** Tinha falado que devia haver uma espécie de garagem, um telheiro pronto...

**E** – Mas nós fazemos ali atrás. A não ser que esteja aquela chuva com o vendaval...

**e:** Sim mas isso não é todos os dias que isso acontece.

**E** – E ao nível das atividades mudava alguma coisa?

**e:** É pô-los a mexer mais... [risos]

**E** – Mais? [risos]

**e:** Ele não, ele não se queixa, ele diz que faz... Ela é que é muito preguiçosa.

**E** – Ela faz também. Agora faz todos os dias a ginástica.

**e:** Ela diz-me que tem feito.

**E** – Faz é verdade.

**e:** Ela diz-me que tem feito todos os dias e ontem, ontem não anteontem pediu-me uma bola grande, que eu tenho lá daquelas muito grandes, para fazer ginástica na cama. Para fazer a ginástica na cama.

**E** – Ok. Portanto das condições era o abrigo e a carrinha com elevador. Ao nível do transporte, a carrinha, o horário e da alimentação não tem nada a dizer, atividades, mais atividades físicas? Nós fazemos todos os dias....

**e:** Eu não digo só físicas pronto, às vezes puxar mais por eles mentalmente, fazer certos e determinados, eu já pensei comprar um puzzle e trazer para eles fazerem.

**E** – Nós temos...

**e:** Era uma atividade que fazia com que eles... eu já fui à procura só que não encontrei nada.

**E** – Nós temos no plano de atividades tudo o que é atividades físicas de manhã e tudo o que são atividades de estimulação cognitiva, sensorial e por aí fora é na parte da tarde. Só que depois eles pendem mais para um lado do que para o outro, por exemplo, para o seu pai, jogar dominó é um excelente jogo de estimulação cognitiva.

**e:** É, é sim senhor e as cartas também, ele gosta.

**E** – Mas ela não gosta tanto, claro. E das duas uma, ou quer acabar a malha e tem que fazer a malha, o que é um excelente jogo de estimulação cognitiva e sensorial.

**e:** É sim e ainda ontem de tarde estive a fazer a malha.

**E** – Ou então nós temos vários, pronto temos os ateliers de pintura, esses das artes que eles gostam e das massagens e por aí fora, mas depois temos os ateliers de charadas, lengalengas, das histórias, de contar de relembrar, tudo isso puxa que pela memória, os ditos tradicionais, os provérbios, brincamos com tudo isso, as anedotas, as adivinhas, estimular os sentidos... Não tanto para a sua mãe, mas para as pessoas que estão com demência, fazemos muito. Agora enquanto ela não acabar aquele cachecol... [risos]

**e:** Não, mas eu já disse ela tem que o acabar [risos]...

**e:** Eu já tinha falado... eu tenho de ir a procura dos puzzles, dumas coisas assim para levar lá para o Centro.

**E** – Se tiver peças pequeninas...

**e:** Mas não, mas tive ali em Tavira, ali na loja e comprei um para o meu neto e perguntei lá, tive lá a perguntar e andei lá a ver e não vi nada assim que se adaptasse para a idade deles.

**E** – Pois é raro. Nós temos encomendados há cinco meses, dois jogos, mesmo jogos feitos por técnicos na área de estimulação e estão esgotados há cinco meses, estão esgotados. Temos só ali um que são três jogos que são os provérbios das tradições, das gastronomias, temos ali uma série de coisas, mas falta outro que é dos cubos lógicos que é da matemática, por exemplo, lá está elas não jogam ao dominó mas fazíamos outro cálculo. Estamos à espera que venha, é muito complicado para esta área procurar.

**e:** Pois eu aqui nesta loja eu não vi nada, mas disseram que está uma casa na Guia que eu não sei, eu para lá não conheço nada, não faço ideia, alguém me disse que havia lá uma casa na Guia que talvez lá eu encontrasse.

**E** – Não sei, não conheço...

**e:** Mas eu também não conheço, eu para aqueles lados não conheço nada. Eu que eu conheço lá é onde andei a fazer tratamentos com a minha mãe de acupuntura em Albufeira e passei várias vezes, pronto quando ia lá

passava mas nunca cheguei a parar, pronto eu não conheço. Fui uma vez, como é que se chama? Uma casa que havia lá muito grande...

**E** – O shopping?

**e:** Não, não foi o shopping.

**E** – Aquelas com coisas para a casa?

**e:** Sim, vendia de tudo um pouco, eletrodomésticos...

**E** – Conforama?

**e:** Não. Foi aqui há muitos anos já, a primeira coisa que abriu lá.

**E** – Há muitos anos.... será que eu já era nascida? [risos]

**e:** Era...[risos] eu fui lá uma vez, era a minha filha pequena, sei lá, pequena como quem diz, 12 ou 13 anos para ai, acho que foi mais ou menos quando aquilo abriu.

**E** – Que idade é que tem a sua filha?

**e:** 38.

**e:** Não me lembro, mas também não interessa, não interessa.

**E** – Mas pronto, pode ser que a gente consiga, eu agora estou à espera que eles venham.

**e:** Pois.

**E** – Sem ser as atividades, coisas que mudava?

**e:** Eu vejo isto quase tão... perfeito quase como... costuma-se dizer que perfeito nada é [risos].

**E** – [risos] Já ganhei o dia [risos]

**e:** Perfeito, perfeito não há.

**E** – Não há.

**e:** Pelo menos no Centro de Dia.

**E** – Não há carrinhas com elevador.

**e:** Não, esse é o primeiro defeito mas eu vejo realmente que esta instituição, eu também sou sincera, eu também não conheço.

**E** – Outras.

**e:** Já entrei mais duas, mas não tenho grande conhecimento.

**E** – Obrigada. É bom, poder contar assim com os familiares e saber que realmente na perspetiva de mudança vai sempre ao encontro daquilo que os vossos familiares mais precisam. Cá nós estamos a trabalhar na carrinha com elevador, estamos a trabalhar nisso. Mas sinceramente...

**e:** Não é fácil....

**E** – Não é fácil e eu acho que enquanto ela tiver este objetivo de subir e descer da carrinha todos os dias também é bom.

**e:** Também é bom.

**E** – Que assim que ela começar a ter um elevador...

**e:** Mas a minha mãe também é um pouco assim. Aquilo que ela não puder fazer, que ela puder passar sem fazer, ela não faz. É isso mesmo.

**E** – Eu, por exemplo, nós temos aqui um senhor que tem muito mais falta que a sua mãe, ele por e simplesmente não consegue subir para a carrinha, tem o lado esquerdo todo paralisado praticamente.

**e:** É um senhor que veio há pouco tempo agora para ai, eu vi.

**E** – E o subir para a carrinha é um objetivo diário que a sua mãe ainda tem e seu eu lhe vou tirar esse objetivo...

**e:** É isso mesmo e ainda hoje de manhã a Colaboradora disse assim “Vá, força!” e ela disse assim “E hoje? Hoje que eu não tou capaz de nada” e eu respondi-lhe “Não tá capaz não, tá sim senhor e muito capaz” e a minha mãe subiu aquilo, eu de um lado a Colaboradora do outro. A minha mãe, ela tem que ser...

**E** – Motivada?

**e:** Motivada. A minha mãe sempre foi uma pessoa, como hei-de dizer, negativa, sempre foi uma pessoa muito negativa. Ela nunca viu, fosse aquilo que fosse que ela, com um objetivo positivo, para ela havia sempre algo...

**E** – É pessimista não é? Não acredita nas coisas...

**e:** Muito pessimista.

**E** – Só o mal é que acontece...

**e:** Se tava doente e doía-lhe uma perna ou um braço, mas ela ouvi-a dizer que fulana tinha isto ou aquilo “Eu também tenho”. Se aconteceu qualquer coisa ou pronto, ou alguém falecer, ou uma coisa assim “Oh eu já sei também do que é que vou morrer, vou morrer do mesmo que ela morreu.” Eu às vezes digo assim: “Mas será possível que com 80 anos quase que você tem, com 80 anos, às vezes até lhe digo mais, com 80 anos que você tem, com 60 anos de experiência, já não digo os primeiros 20 anos mas com 60 anos de experiência, você ainda não aprendeu nada ao longo da vida? Viva um dia de cada vez, não pense no dia de amanhã, pense no dia de hoje. Porque é que você há-de pensar que amanhã tem isto se você hoje você não tem.” Mas é, a minha mãe é muito, muito pessimista, sempre foi, muito pessimista e gostar daquilo que as outras pessoas, pronto é isso que eu digo, um bocado invejosa. Ela vê por exemplo, uma blusa na Dr.<sup>a</sup> e dizia assim: “Ai que linda blusa... Só eu não tenho uma blusa daquelas.”

**E** – Costuma-me dizer “Onde é que foi buscar esse casaco que eu tenho de dizer a minha Elsa para me comprar um. Então e essas sapatilhas vieram de onde? Eu quero ir comprar... tenho de dizer á minha Elsa, tem de escrever num papel, o modelo e isso tudo” [risos].

**e:** Até o leite... [risos] Já ela já pediu um pacote de leite vazio, o cartão do leite vazio para levar, para eu comprar leite igual ao que bebem aqui porque o leite que eu tenho lá sabe mal. O leite daqui é que é uma coisa mesmo saborosa. Ela já me levou, já me levou, só que eu realmente não consegui descobrir o supermercado que vende aquele leite.

**E** – É que a gente comprar num industrial.

**e:** E eu disse-lhe que o Centro de dia compra em grande quantidade e não compra nos supermercados.

**E** – Pois não.

**e:** Compra e então - “Mas o leite é todo igual mãe!” eu disse-lhe que o leite é todo igual, o leite não há diferença, deixe de dizer que sabe melhor ou pior que aquele leite. – “Aquele leite lá é que sabe bem.” Ontem...[risos]

**E** – A galinha da vizinha é sempre melhor que a dela [risos]

**e:** Ontem, foi ontem? Anteontem fiz salada de alface e eu tinha comprado frango assado e tinha levado logo um bocado porque eu disse a minha irmã “deixa lá levar” e quando ela me diz assim “Porque é que tu não me fazes uma salada de alface que saiba tão bem como a que eu como lá em baixo?” – “E como é que faço a salada de alface?” – “Não sei! Elas...olha a salada de alface sabe tão bem! Tu fazes aqui a salada de alface parece que não sabe bem” – “Pois então eu não sei o que é que não ponho, se calhar elas lá põem vinagre e eu aqui ponho limão” disse eu “ponho azeite, você não quer coentros mas se você quiser eu ponho”.

**E** – A nossa leva.

**e:** Se você quiser eu também ponho e fui abrir o frigorífico e disse “Se você quiser eu também tenho aqui coentros, também ponho coentros” – “Não, não quero isso na salada” digo assim “Pois se calhar elas põem lá e você não vê e por isso é que a salada sabe melhor.”

Porque ela diz assim “Mas...” e é isto que é em relação ela vê uns sapatos diz “Pois, não me compras nenhuns sapatos. Aqueles sapatinhos é que eram bons para mim”. Ela vê uns brincos “Ai que coisa linda! Tens de me arranjar uns brincos daqueles”. Ela vê um anel, um... já não recordo, foi numa das alturas que eu sai com ela e ela viu uma senhora com um anel, foi perguntar à senhora, onde é que ela tinha comprado aquele anel – “Onde é que a senhora comprou esse anel? Era um anel desses que eu gostava de ter.” mas aquilo que nós compramos para ela – “Oh, só isso é que me trazem”. É preciso nós darmos uma volta e... que ela acha que as coisas das outras pessoas são sempre mais bonitas e mais perfeitas que as dela. A minha irmã comprou um casaco, o ano passado, como este que ela traz hoje mas castanho, não sei se a Dr.<sup>a</sup> sabe.

**E** – Não me lembro.

**e:** Castanho. Tinha visto a minha irmã com um, numa altura que a minha irmã apareceu lá, voltou-se para minha irmã e disse assim “Pois, só compras coisas boas para ti, para mim não sabes comprar coisas boas.” E a minha irmã disse assim “Você quer um igual, para a semana trago-lhe um”. Na semana a seguir a minha irmã trouxe-lhe um igual ao dela só que tamanho maior. – “Não gosto disso, castanho, ainda se fosse de outra cor.” Por isso tá a ver, gostou do que a minha irmã trazia, que só para ela é que não comprava, trouxe um igual, quando a minha irmã trouxe o casaco ela disse “Oh, se fosse para aí de outra cor” porque era para ela, já não era de outra pessoa. É assim, pronto.

**E** – Feitio, não é?

**e:** Feito.

**E** – A D. Elsa tem uma paciência daqui além não é?

**e:** Mas pronto, é assim não... A gente tenta, é o que eu digo às vezes com a minha irmã e digo que a gente tenta sempre fazer-lhe as vontades na medida que, pronto, que é possível fazer, mas tentamos sempre fazer-lhe as vontades. Ela lá fala: “Ai, lá vi isto, vi aquilo, não sei quê...” Agora há pouco tempo disse á minha irmã: “Ah, devias-me arranjar um colete que eu vi um colete tão bonito com umas algibeiras.” A minha irmã lá lhe comprou o colete. Acho que ela já o trouxe para aqui a semana passada. Ela disse: “Já lhe comprei as tais bonequinhas que ela tem... só ainda não as [não perceptível]” – “A gente faz-lhe tudo, mesmo assim você não está...”

**E** – Satisfeita.

**e:** Satisfeita.

**E** – E ela o que é que diz?

**e:** “Fazem-me tudo, fazem-me tudo. E quando eu preciso que vocês me façam e vocês não me fazem?”

**E** – Lá está, ela só olha para o lado mau, não é? Para o negativo.

**e:** “Fazem-me tudo, fazem-me tudo. E quando eu preciso que vocês me façam e vocês não me fazem?” E eu disse-lhe: “Olhe também... eu andar consigo ao colo não ando que eu não consigo.”

**E** – Você vem todos os dias, desculpe lá D. Elsa, só para me esclarecer, você vem todos os dias do Monte Negro aos Estorninhos?

**e:** Não.

**E** – Vem quê, uma vez por semana?

**e:** Depende do meu horário, eu tenho horário por turnos e tenho sempre durante a semana, um, dois, dias. Outras vezes faço trocas para obter mais tempo, então venho sempre, durante a semana às vezes, segunda e terça, às vezes, terça e quarta, outras vezes quarta e quinta. Há semanas que venho duas vezes na semana, por exemplo, venho no domingo, faço manhã, saíu no domingo à tarde às quatro, venho domingo à noite, por exemplo, segunda e terça...

**E** – E dorme aqui, nos Estorninhos?

**e:** Nos Estorninhos, segunda e terça, volto na quarta-feira trabalhar, por exemplo se trabalho quarta e quinta e estou na sexta-feira de folga muitas vezes venho...

**E** – O seu tempo livre é todo dedicado a...

**e:** O meu tempo livre neste momento tá a ser dedicado mais aos pais pronto, mas já tive uma fase com o neto, com o neto que tenho, que teve problemas. Ainda bem que os meus pais nessa altura apesar de não estarem bem que o meu tempo era quase todo dedicado ao meu neto, eu andei quatro meses a caminho de Lisboa, todas as folgas que eu tinha. Foi um bocado complicado, mas nessa fase, nessa altura, apesar deles não estarem bem, dela não estar bem, mas com a ajuda da Carminha e a minha irmã que tinha os fins de semana...

**E** – A coisa fez-se...

**e:** A coisa equilibrou-se. Mas neste momento praticamente posso dizer que todo o meu tempo livre é dedicado aos pais. Eu por exemplo tou de férias, fiz tarde e noite, para tar de férias um dia mais cedo, vim logo nesse

dia para aqui, tive aqui até na quinta-feira passada, na quinta-feira à tarde fui a casa, dormi lá na quinta-feira a noite e na sexta-feira à noite e vim no sábado entretanto disse à minha irmã... a minha irmã disse: “Olha hoje gostava de ir á casa da minha filha, como tu estas de férias, se fosses lá à da mãe eu não ia.” E eu disse: “Então aproveita, vai então à da tua filha que eu depois vou no Sábado, eu venho na quinta-feira à noite, estou aqui na sexta-feira e depois no sábado vou para a da mãe e fico lá, sábado, domingo, segunda, terça e quarta e venho depois na quarta, na quarta-feira à noite vou porque depois tenho uma consulta na quinta-feira. “Então vai.” E depois fui disse-lhe: “Olha, então ficamos assim.” Então fui na quinta-feira à noite, dormi na quinta-feira a noite em minha casa, estive lá na sexta, dormi lá na sexta-feira a noite, só que no sábado de manhã telefonei e disse à outra rapariga, a Fátima: “Eu não vou logo de manhã cedo.” Mas eu não vou dizer à minha mãe senão ela entra logo em pânico... se eu lhe vou dizer que não estou ali às nove ou às dez da manhã, eu digo que vou mais tarde, ela fica logo... e como ficou! Assim que ela soube, ou que ela se apercebeu que eu que não vinha quando eu cheguei lá, não podia ela... estava furiosa! Estava fura comigo. Depois vim no sábado, cheguei no sábado depois já eram três horas quando cheguei à casa dela, ainda acabei por almoçar...era para ter comprado o almoço e ter vindo aqui almoçar com eles, mas depois a minha filha pediu-me para eu ir com ela fazer umas compras, atrasamo-nos e acabei por vir mais tarde. Agora vou quarta-feira, quinta tenho uma consulta, faço a consulta, venho novamente. Estou aqui quinta-feira à tarde, à noite, sexta depois vou sábado, sexta-feira a noite para a minha casa, domingo tenho um baptizado, tou sábado e domingo e depois na segunda-feira venho outra vez e depois até quarta e quinta vou trabalhar.

**E** – Obrigada...

**e:** O tempo livre....

**E** - É todo para eles.

**e:** É todo para eles.

**E** – Obrigada D. Elsa pela entrevista.

#### **Entrevista 4**

**Dia:** 27 de Março de 2015

**Hora de início:** 15h05

**Hora de fim:** 15h59

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Guilhermina

**Entrevistado 1 (e1):** Mónica

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – Antes de mais agradecer-vos por participarem no estudo. Todo o sigilo será garantido. O objetivo é termos uma conversa informal e que vocês me deem a conhecer a D. Constança, que eu só conheço daqui (do centro de dia). Uma breve história de vida dela, quem era a D. Constança, o que se lembram dela, se calhar mais a entrevistada (**e**) do que a (**e1**), a (**e1**) tem a imagem da avó a (**e**) tem uma imagem de mais anos. Quem era a D. Constança?

**e:** A D. Constança era uma pessoa muito amiga de... arranjar o seu corpinho, a sua casinha, muito limpinha, muito perfeitinha. Era uma pessoa sempre, pronto... a sua higiene sempre feita, ao corpinho dela, à casinha dela. Foi uma pessoa que ainda trabalhou alguns tempo por aí, e sempre uma pessoa muito ativa.

**E** – Trabalhava onde?

**e:** Olha ela ainda chegou a trabalhar aqui para estes lados das Cabanas, numa fazenda de umas pessoas...que eu não sei explicar.

**E** – Sempre ligada à vida no campo?

**e:** Sim, tudo na vida do campo.

**E** – Quando a (**e**) a conheceu ela era sozinha? Ou seja, era casada ou viúva?

**e:** Não, ela tinha o marido, pronto o último marido. Ela vivia com o marido e com o filho, o meu cunhado. O marido andava sempre trabalhando também na vida do campo, numa fazenda em Tavira, e ela cuidava da casa, tinha lá uns animaizinhos que ela é que tratava, ela pronto fazia a sua vidinha.

**E** – Sempre nos Carriços? Morou sempre lá?

**e:** Sim sempre a conheci lá, sempre.

**E** – A (**e**) conhece a D. Constança porque casa com o filho dela, o outro que se chamava...

**e:** Sim, o meu João.

**E** – A D. Constança foi sempre dona casa, certo?

**e:** Sim.

**E** – E como é que se dava com as vizinhas do monte?

**e:** Ela dava-se bem, ela ainda assim dava-se bem com elas todas, já se sabe que aquilo lá era o ponto de encontro, o descansado do meu marido dizia “já tá aqui o ponto de encontro”. Ali é que se juntava tudo à porta dela, a conversar com ela, porque a minha sogra era uma pessoa que gostava muito de conversar e tinha aquela maneira de ser que sabia mais que as outras, teve sempre aquela coisa que ela é que sabia mais que as outras.

Então juntavam-se sempre ali, ali de verão sentava-se ali na rua e conversava com as vizinhas, pronto tavam sempre ali. Havia dias que ela tinha lá o seu governo que ir fazer, ela tinha lá umas ovelhas, andava com as ovelhas, fazia renda... Sempre trabalhando no croché, trabalhou sempre nos crochês. Pronto nos dias que podia não é entretia-se mais. Ela só trabalhava mais na parte do verão, no tempo da uva e dessas coisas. Fora disso tava quase sempre em casa. Nunca foi... pronto naquele tempo as outras vizinhas lavavam a roupa da cidade. No tempo que eu comecei a ir lá certas pessoas lavavam roupa das senhoras da cidade. Essas outras lavavam ela nunca lavou, ela nunca lavou roupa da cidade. Mas pronto era uma mulher muito conversadeira, muito dada com qualquer pessoa, ela era muito dada.

**E** – O que é que mudou?

**e:** Pois agora mudou que isto... começou ela a ficar meia parada. Olhe primeiro foi os joelhos, deixou de se importar com as coisas do campo. Ela tinha alfarrobas, tinha uma horta, mas ela depois começou a andar mal dos joelhos, começou a dizer que não podia, que não podia... O filho é que... é que apanha as alfarrobas, ela já há mais de 3 ou 4 anos que ela não saía ali de casa. Não ia apanhar uma alfarroba “ai os meu joelhos e ai os meus joelhos”. Era tudo assim pronto... fazia a vida dela, lavava a roupa dela, do filho, fazia a comida, fazia a limpeza da sua casinha, fazia tudo bem. Só o que era os joelhos que não a deixava sair de casa.

**E** – Portanto ela sempre morou lá com o marido e os dois filhos. Entretanto um filho sai, casa consigo. Como era a vossa relação com ela, iam lá?

**e:** Íamos sim. Íamos quase todos os fins de semana. Outras vezes podíamos tar 15 dias ou mais sem ir lá não é, mas sempre... ela também vinha cá à minha casa, assim por festas de aniversários dos meus filhos ela vinha sempre com o meu cunhado, andava sempre por cá. Depois desde que o filho morreu é que pronto... nunca mais quis vir à minha casa.

**E** – Nunca mais veio?

**e1:** Veio no outro dia...

**e:** Veio, às vezes... quando o meu filho agora foi buscá-la para ir ao médico, ou para ir a Tavira fazer... Ela agora para ir a Tavira ultimamente era na carrinha da Câmara que vai buscar os idosos, mas às vezes lá queria ou por alguma coisa lá o meu filho passava com ela ali por casa, almoçavam ali.

Este ano que passou, quando eu fui operada, um dia veio ali ver-me. Também foi a Tavira por qualquer coisa com eles e depois vieram ali e almoçaram ali comigo, mas fora disso....

**e1:** Mas vem bem, vem.

**e:** Vem, pronto ela não diz nada, mas diz que não gosta de vir para ali porque diz que tá sempre vendo o filho.

**E** – São as lembranças... e a relação dela com os netos?

**e:** Tem sido sempre boa e tá ai a minha Mónica. A minha Mónica, quando eu há uns anos trabalhei no Paladar, ali no pronto a comer, pois ela não tinha escola na altura nas férias, o descansado do pai ai leva-la lá e ela ficava lá com ela, maravilha.

**e1:** Fazia tudo o que eu queria [risos]

**E** – Como eram as férias com a avó?

**e1:** Excelentes [risos]... almoço batatinha frita, ao lanche batatinha frita [risos]..., fazia o que eu queria, fazia-me as vontades todas [risos] não tenho razão de queixa. Brincávamos, ela ensinou-se a fazer ponto cruz, a renda não me conseguiu ensinar porque eu sou esquerda. Íamos passear, ver as vizinhas, não tenho razão de queixa, era impecável.

**e:** Era muito amigar de dar... sempre lembranças aos netos, sempre sempre sempre.

**e1:** Dava-nos sempre dinheirinho [risos].

**e:** Agora de há uns tempos para cá, sei lá há de 1 ano ou de 2 é que deixou de dar.

**e1:** Deixou de dar e dizia que não tinha.

**e:** Começou a dizer que não tinha, que não tinha e que não tinha “olha fizeste anos, mas a avó não tem nada para te dar, a avó ou só tem este ou não tem nenhum”. Era só o que dizia.

**e1:** Acho que ela já não se recorda quando eu faço anos, nem eu nem o meu irmão. Ela antes telefonava ou quando ia lá “ah parabéns toma lá esta lembrança”.

**e:** Mas tinha sempre, tinha sempre. Fosse anos, fosse o que fosse. Mesmo fora disso, outros dias que eles iam la ela tinha sempre uma notinha para...

**e1:** Eu nunca vim de lá sem trazer uma nota.

**e:** Ela tinha sempre uma notinha para dar a cada neto. Mesmo sem eles fazerem anos, eles iam lá visitá-la ou outra coisa qualquer e tinha sempre uma notinha para dar.

**e1:** Uma notinha, um paninho de renda, uma...

**e:** Ai isso também, isso ara fazer renda para os netos também...

**e1:** Fazia, rendas lindas lindas, lindas.

**e:** Fazia, toalhas e isso...

**e1:** Eu pedi-lhe um cortinado para a cozinha e ficou muito bonito.

**e:** E ela fez, ela até aqui há uns 2 anos ela fazia, depois quando se começou a queixar da cabeça é que deixou de fazer renda, mas fazia. Ela comprava daqueles panos de cozinha ela fazia aqueles tricozinhos. Quando a neta ia lá ela tinha sempre uns paninhos para lhe mandar. Comprava aquelas toalhas, aquelas pessoas que iam por ai, agente chama-lhe tendeiros, ela comprava aquelas toalhas, fazia aquelas aplicações

**e1:** Fazia coisas lindas.

**e:** Sempre, só agora é que ...

**e1:** Opah não sei. Desmazelou-se não sei...

**e:** De há uns 2 anos para cá começou a ficar parada. Depois aquilo ela...

**E –** Ela agora vive lá sozinha com o filho não é?

**e:** Sim e depois aquilo ela com o filho também não se dão um com o outro.

**E –** Pois eles não se dão muito bem. Eu não conheço muito da história, mas a relação dela começa a piorar não é?

**e:** Sim sim, foi isso o caso e a gente começou a pensar em pô-la aqui... Aquilo já não dava nada certo. Ela... ele não pode também fazer nada que ela voltava-se a ele, ele voltava-se a ela. E se ele saísse, que viesse ao café, como de costume ele vir depois do almocinho vem tomar o cafezinho, pois entretém-se ali, pois ele não tem nada para fazer e entretém-se ali, e ela começava “oh já vens jeitoso, já vens jeitoso”.

**e1:** Começava logo a discussão.

**e:** E ali pois começava logo um com o outro. E ela depois é que quer ter o dom e ele depois não se cala e pronto...foi isso, às vezes assim essas...

**E –** E quando é que vocês começam a perceber que precisam de ajuda para ela, que precisam de apoio? A relação dela com o filho não é propriamente saudável, ela está cada vez mais sentada e parada. O que vocês pensam? Vocês é que conversaram em família, não foi ela que pediu ajuda pois não?

**e:** Não.

**e1 –** Não, aquilo a outra neta e a mãe dela também iam lá, e também começou a ver e a gente também já tínhamos falado.

**e:** Mas a gente também não queria nada porque depois não queria que eles lá dissessem assim “olha já querem ir a pô-la num lar ou num centro de dia”.

**e1 –** A gente também ficámos com aquele receio, é que eles também querem que... parece que...

**e:** Pois porque eles também antes... agora é que se desviaram assim um pouco, porque eles logo em princípio, antes de ela vir para aqui, eles é que iam com ela ao médico, eles é que iam aqui e ali, eles é que andaram sempre para a frente.

**E –** Eles quem?

**e:** A família da neta emprestada. Ela é madrasta da mãe da neta emprestada. Mas eles até aqui é que iam com ela ao médico, viam que ela precisava disto ou daquilo e lá levavam, como eles também tem horta e essas coisas levavam-lhe muita coisa. E foi eles que começaram também a pensar neste caso de ela vir para um Centro de Dia. E foram eles até depois, a gente até já tinha pensado mas eu até tinha medo em dizer porque... podiam até não gostar. Ele uma vez disse-me uma frase e eu fiquei naquela...

**E** – Ele quem?

**e:** O pai da neta emprestada. Foi até a respeito a respeito dos meus pais. Portanto o meu pai morreu e depois ficou a minha mãe e a minha mãe também já tava assim mal, já tava a fraldinhas, já não se segurava de pé, pronto. E a gente somos 3 irmãos e cada mês tava num e depois eu, até foi no dia do funeral do descansado do meu pai, e depois o meu marido disse “a minha sogra agora devia-se por era num lar. Depois íamos vê-la e lá também é bem tratada e tavamos todos mais descansados”. E ele disse assim, deu uma resposta “ah quando são pequenos têm que ter trabalhos e depois de grandes querem enfiá-los num lar”. E o homem deu-me aquela resposta e eu parece que fiquei assim “eu agora não vou falar em pô-la num lugar destes porque eles não devem de aceitar”

**e1** – É que a minha mãe ficou com aquela gravação do que o meu pai comentou, ficou com aquilo na cabeça... por isso tava com receio de falar

**e:** E com aquilo que ele me respondeu, porque nós quando eramos pequenos e precisávamos deles eles trataram de nós e agora nós não podemos tratar deles.

**E** – Mas quem lhe disse isso a si?

**e:** O pai da neta emprestada disse.

**e1** – Disse o pai da neta emprestada ao meu pai, porque estavam a falar entre todos e o meu pai, como a minha mãe tinha ficado com a minha avó meses, porque as minhas outras tias não quiseram pô-la num lar, depois o meu pai deu aquela sugestão de pô-la num lar. Um lar é bom, cuidam bem das pessoas, e ele deu aquela respostas e a minha mãe não se esqueceu. E depois tava com receio de falar agora.

**e:** Porque eu, as minhas irmãs enquanto eles foram os dois vivos quem ia tratar dos meus pais era sempre eu, eles moravam ali perto de mim. Elas, uma tava empregada, a outra tinha os seus trabalhos no campo e como eu nessa altura não trabalhava eu é que tratava. Mas eu dei em... porque eu era de dia era de noite, tinha que tar sempre de olho, porque o meu pai passou...

**e1** – Tinha alzheimer.

**e:** Tinha alzheimer, não sei, aquilo foi a morte dele. Ele ia-se embora de casa, mas vá lá que ele voltava sempre. Os vizinhos às vezes diziam-me “ai o teu pai ia aqui, ia ali”. E depois foi tudo estas conversas, e depois quando ele morreu o meu marido viu que eu já tava tão cansada e começou a dizer que “o melhor agora era pôr a mãe num lar, porque ela tá cansada, e elas lá tratam-na bem e nós vamos vê-la sempre que quisermos”. Mas as minhas irmãs disseram logo, uma disse logo “ai o mês que me pertencer vai para a minha casa”, e a outra “ai o meu também” e eu respondi “pois se eu aguentei até aqui agora também hei-de aguentar”

e continuou a minha mãe a andar outra vez em meses e depois foi nisso que o pai da neta emprestada respondeu “quando são pequenos precisam deles, e agora depois de grandes já podem...”.

Eu via a minha sogra, como ela andava com o filho, mas não dizia nada porque tinha medo que eles além que... mas foram eles os próprios até a dar o 1º passo. Foram eles os primeiros a vir ter comigo à minha casa e a dizer “passa-se isto e isto e isto e a gente vamos pensar em pô-la num centro de dia”.

**e1** – E ela tá muito bem aqui.

**E** – E quando vocês lhe falaram no Centro de Dia o que ela disse?

**e:** Ela primeiro dizia que não...

**e1** – [risos] como ela responde “Nãaaaa”.

**e:** E depois umas vezes dizia que não, mas quem mais a convenceu foram os pais da neta emprestada. Como eles tinham lá as hortas lá ao pé onde ela, pertenciam a famílias do descansado do meu marido, mora e então todas as semanas eles iam lá várias vezes por semana. Depois iam lá várias vezes à casa dela e depois viam a maneira dele com ela. Depois eles começaram a dizer-lhe e ela agora por fim já dizia que sim. Eles um dia, depois de isto passar, apresentaram-se ali na minha casa num sábado e disseram “olha já tivemos num centro”, já tinham ido a falar num centro.

**e1** – E a gente não sabia de nada... a gente em sonhava.

**e:** Eu nunca pensei, já 1 dia tinham falado mas não tinham dito nem que sim nem que nada... “ah mas tá um problema lá que como fica fora de mão e não há mais ninguém daqui” por causa da carrinha para a irem buscar, tinha que ser uma coisa que a gente fosse leva-la e busca-la à tarde, porque lá naquele centro só para vir buscar uma pessoa ao Carriço que não dava resultado, não sei. E depois eu até respondi e disse-lhe assim “olha pois se é isso agora abriu um ali na Conceição que é o Pontão e nós podemos ir ali informar como é que é as coisas”. E assim foi, depois eu até é que vim, eles não vieram, depois as coisas combinaram-se.

**E** – Como é que foram os dias antes de ela vir? Como é que ela estava? Faz de conta que começou a uma segunda-feira, como é que passou o fim-de-semana?

**e:** Bem...

**e1:** Bem, não a achei nada nervosa, nada de coiso... eu tive lá...

**e:** Ela depois, ela até teve aqui um dia com a neta emprestada, e veio visitar isto. Ela teve aqui numa quinta-feira e depois ela entrou na segunda-feira. Porque nós até dizíamos assim, nós na tarde que tivemos aqui depois na noite fomos lá a casa deles e dizendo “olhe é tanto e é isto e é aquilo”, tivemos explicando o que era, e o meu filho disse assim “ah isso o melhor agora é começar no princípio do mês que vem” e a neta emprestada disse “por mim ia já”

**e1:** “Ia já amanhã” não me esquece.

**e:** “Ia já amanhã” e eu disse “pois já agora espera-se e não entra no meio do mês”. Mas depois veio, acho que foi logo na segunda-feira a seguir...

**e1:** Eu vim inscrevê-la dia 8 de dezembro?

**E** – Ela foi admitida a 17/11/2014.

**e1:** Olha atão é isso.

**e:** Eu sei que ela já veio a meio do mês.

**E** – Pois exato, e pagou apenas 75% de mensalidade.

**e:** É isso mesmo.

**e1:** Exatamente tens razão.

**E** – Os papéis são bens nestas coisas, não enganam [risos].

**e:** Ai e eu que pensei que ela não se adaptava e nós tínhamos esse receio. Mas como foi a neta emprestada que veio com ela, que veio aqui e lá lhe mostrou, ela depois disse que sim. Nesse dia que a neta emprestada veio com ela aqui, nesse dia eu até tive lá na casa deles, foi a uma quarta-feira...

**e1:** E disseste a ela para se aprontar para quinta-feira.

**e:** Não, nós fomos numa terça-feira e viemos ao médico com ela na quarta-feira e depois chegamos a casa, a neta emprestada deu recado que vinha com ela aqui, e eu disse-lhe assim “Olhe amanhã, despache-se, almoça e depois despache-se lave-se, mude de roupinha, não leve essa que levou hoje a Tavira, vista outra roupinha lavada que a neta emprestada às 15:30h vem buscá-la” – “Atão para onde?” perguntou-me com aquele jeito dela, “para ir além visitar além o lar, para vocês ir para além, tão pessoas dos Estorninhos tão pessoas amigas suas aí do lado dos Estorninhos”, não me retornou resposta. Ele é que começou logo irritado.

**e1:** Ele não quis.

**E** – Ele o filho? Não queria que a mãe viesse para o centro de dia?

**e:** Não e disse logo “Agora meteram essa do lar, do lar...” e eu calei-me. Depois tornei-lhe a dizer já na sala onde ela tava, ela foi pa salinha ver a televisão “olhe não se esqueça que amanhã vem cá a neta emprestada”, foi quando ela me respondeu “ela a mim não me disse nada”, “mas disse-me a mim para lhe dizer a si” e pronto vim-me embora e ela, a neta emprestada no outro dia foi buscá-la e ela não tava despachada.

**E** – Não tava?

**e:** Não tava.

**E** – Pois elas já chegaram aqui perto da hora do fecho, eu lembro-me.

**e:** Pois mas eu disse-lhe a ela e ela “mas ela a mim não me disse nada” e eu tornei-lhe a dizer antes de me vir embora, despedi-me dela e disse-lhe assim “olhe amanhã não se esqueça, a seguir do almoço lave-se e vista-se uma roupinha lavadinha que é para ir além visitar as novas colegas”, não me disse nada.

**e1:** Nem deu resposta...

**e:** Primeiro disse “ah ela a mim não me disse nada” e depois ele começou a logo também a querer... coiso “olha agora, agora meteram essa na cabeça”.

**e1:** E depois sabes, aqueles vizinhos também não ajudam...

**e:** Depois os vizinhos não queriam...

**e1:** E começaram a meter coisas na cabeça dela...

**e:** “Ah e agora... não façam isso... não façam isso... não façam isso... não metam a mulher além, não metam a mulher lá, ela não tá tão bem aqui em casa com o filho...” e eu disse “ah pois tá, mas é que as coisas com o filho até à hora de almoço muito bem, da parte da tarde quando ele vinha po café ele depois ia do café e começava as discussões, ele com ela e ela com ele”. E foi assim que....

**E** – Que chegou aqui?

**e:** Que chegou aqui, sim.

**E** – E como é que acham que se adaptou?

**e:** Eu por acaso até acho que ela se adaptou bem.

**e1:** Eu acho que muito bem.

**e:** Ela logo na 1ª semana que ela aqui teve, depois eles foram lá no fim-de-semana, e ela “gosto, gosto, eu gosto”.

**e1:** Também fomos lá durante a semana mãe, quando ela veio lembras-te, eu fui lá na terça-feira...

**e:** Pois fomos na terça-feira é verdade.

**e1:** Eu fui-lhe perguntar se ela precisava de roupinhas, de cuequinhas, comprei-lhe cuecas e ela disse que gostou muito.

**e:** Sim eles depois foram lá só pa ver a maneira como ela tava, a maneira como ele a recebia.

**E** – A maneira como ela se estava a integrar. E a (**e**) ligou-me quase todos os dias não se lembra? Ligaram todos, e quase todos os dias.

**e:** Pois, eu ligava todos os dias.

**E** – E como é que acharam que correu a 1ª semana dela?

**e:** Ainda assim foi boa....

**e1:** Ela ia sempre falando bem.

**e:** Ela foi sempre dizendo “gosto, gosto, gosto”.

**e1:** “Eu gosto, aquilo é bom, dou banhito com água quentinha” toda contente.

**e:** Tava muito contente, já se sabe que os primeiros dias ela sentia sempre vergonha, porque ela lá, ela lá e casa eu não lhe posso mexer, ela não gosta, com a neta ainda a coisa vai, mas...

**e1:** Sim mais ou menos

**e:** Agora comigo, se eu for à procura de uma roupa lá ao roupeiro, se eu for mexer... ela não gosta. Por nesses dias, houve um dia que eu também fui lá levar umas compras e ela já não sabia do porta-moedas para dar o dinheiro “atão ainda agora eu tinha aqui e já não tá”, e eu disse-lhe assim, ela tem ali a mesa e depois tá ali um coiso, “Estará aqui dentro?” – “Não tá nada, não tá nada”. Ela não gosta que mexam nas

coisas. É o mesmo com a roupa, eu dizia-lhe “veja lá, atão e tem roupa?” – “eu tenho roupa, eu tenho roupa que não a dou estragada, tenho roupa que até ao fim da minha vida não a dou estragada”.

**e1:** Eu não sei o que é que ela fez à roupa....

**e:** E não deixa a gente ir mexer, eu principalmente, com a neta ainda para lá obedece, agora comigo...

[risos]

**e1:** [risos]

**e:** Comigo nada [risos] Por isso eles às vezes nem gostam que eu vá para lá que é para não me ...

**e1:** Para não te enervares.

**e:** Para eu não me enervar, eu às vezes nem vou para não me enervar. Compramos-lhe cuecas, eu nem sei se elas as chegou a trazer...

**e1:** No outro dia tavam lá no estendal.

**e:** Eu até comprei ali naquela casa da irmã aqui da rapariga compramos para ela trazer, um dia ela diz-me que não trouxe cuecas vestidas, e eu “opah mas o que é que ela faz as coisas, o que fez às cuecas que a gente lhe comprou?”

**e1:** Uma pessoa às vezes até se sente um pouco... envergonhada...

**E** – Vamos esclarecer uma coisa, independentemente de estarmos em contexto de entrevista, vocês não têm que ter vergonha nem têm que justificar nada. A questão é, chega uma certa idade em que a bexiga, a bexiga é um músculo, e como todos os músculos vai perdendo elasticidade, e é muito provável que a tossir, a espirrar ou simplesmente a levantar-se ou a sentar-se, qualquer pessoa a partir de uma certa idade tenha perdas de urina. A sensibilidade para a perda da urina, estamos a falar de uma pessoa que estava constantemente sentada, e que não tem sensibilidade, estar molhada ou não é indiferente. Até porque não é molhado de uma urina, é de perdas constantes de urina. O que causa odor, mas a quem tem cheiro. Uma das coisas que também vai diminuindo é o sentido do cheiro. Portanto não se sintam incomodadas porque a D. Constança não tem perceção disso, ela esta semana fez todos os dias os cuidados de higiene connosco, pois ela não tem a perceção se a roupa tem ou não cheiro. E sinceramente digo-vos que duvido que durma de pijama, na minha opinião ela dorme com a roupa que traz vestida de manhã. Ela dorme vestida e vem vestida.

**e1:** Ela não dorme de pijama.

**e:** Eu não sei se dorme ou não, a minha Mónica é que...

**e1:** Não, não dorme, eu vou-te dizer como é que ela dorme. Eu tenho ido lá e houve uma noite que o meu tio ligou-me a dizer que a cama tava toda urinada e eu fui lá e foi uma carga de trabalhos para a tirar da cama, ela garriou comigo, prometeu porrada ao filho, bom... foi um 31. Lá tive falando com ela “olhe não vê que depois que depois dorme mais confortável, não dorme com urina, toque lá na cama – “isto tá molhado, não e urina”, mas depois não sei o que ela pensou e teve-me contanto que tava a sonhar e que teve uma vontade

tão grande tao grande que não aguentou e teve de fazer e ali fez. E qual não é o meu espanto quando a tiro da cama e vejo-a com um bibe vestido...

**E** – Um bibe?

**e:** O bibe, como aquele que ela traz ai vestido.

**e1:** E eu “Então e o pijama” – “Tá ali..”, “Então e porque não o veste?” – “Porque não quero, isso é para vocês”, “Mas qual quê...”.

**e:** Aquela coisa que ela tem de dizer que é tudo para nós...

**e1:** Fui à procura do pijama e não encontrei pijama nenhum, encontrei foi uma camisa de dormir e disse-lhe para a vestir, mas não dei feito nada dela. Mudei-lhe a cama, pus-lhe os resguardos para não passar nada para o colchão, depois ela teve ali na sala falando com o meu irmão e eu tive tirando tudo da cama para lavar, lençóis, forra, tudo, tudo pa lavar. Depois fui dar volta ao cesto que ela tem, não sei se já lá entraste no quarto dela e viste...

**E** – Não...

**e1:** Ela tem ali uma prateleira e não encontrei o pijama só camisas de dormir “tão vá avó agora vamos vestir esta camisa de dormir” – “não que eu tou bem assim como tou”. Apalpei o bibe e vi que já tava seco e olha não insisti mais porque já tava seco, e assim foi.

**E** – Pois é normal que isso aconteça, ela não tem a nossa sensibilidade, ela não é da nossa geração, não tenham vergonha dela, pelo contrário. Tudo o que aconteça em relação a perdas de urinas é normal, nós temos aqui muita gente assim.

**e:** Não. Ela até quando começou a perder dizia “ai desde que comecei a tomar estes comprimidos”, ela dizia que era dos comprimidos da tensão e eu até penso que seja porque eu também já comecei a tomar e vejo-me aflita na parte da manhã que não consigo... [risos]

**e1:** Sim é isso é verdade.

**E** – Pois e a partir daí...

**e:** É e ela dizia “ai estes malvados destes comprimidos, quando dou por mim já tou”.

**E** – Pois é normal, quando isso acontece nós vamos ter com ela e explicamos que vamos fazer a higiene e ela pergunta como é que nós sabemos que ela precisa e as colaboradoras têm indicação para não mentir às pessoas e dizem-lhe que sabem pois cheira e ela pediu para lhe dizerem sempre porque a ela não tem cheiro. Ela não tem consciência de que naquele momento cheira a urina.

**e:** Mas nós dizemos sempre para ela à noite, vestir a cueca descartável e de manhã levanta-se, lava-se por baixo e vista a roupinha lavada e venha para aqui e ela diz sempre “Tá bem tá bem”, mas depois não vem.

**e1:** Ah naquele dia tive de obriga-la a vestir a cueca descartável depois dela se ter lavado porque ela não queria.

Nessa noite até eu disse ao meu tio para aquecer a água, disse a ela para se lavar e depois ela não queria vestir nada, queria-se era deitar que tava tarde e tinha que dormir porque amanhã tinha de vir para o trabalho, porque ela diz que isto é um trabalho. Lá se lavou e vesti-lhe a cueca mas ela não queria.

**e:** Ela tem lá tantas (cuecas descartáveis) mas ela não veste.

**e1:** Eu todos os fins-de-semana vou lá, ao domingo mudo-lhe a cama e reparei que não tavam lá cuecas e perguntei-lhe “avó tão o que fez à cueca fralda?” – “joguei-as fora”, mas depois disse-me que as tinha trazido para elas, pensei até que fosse para aqui. Mas neste fim-de-semana que passou fui lá e já vi as cuecas lá, não sei onde ela as escondeu que eu andei vendo se as encontrava e não encontrei.

**E** – Então e agora o que é que vocês da adaptação dela, o ela hoje a aquela senhora que há 6 meses atrás estava em casa sentada um dia inteiro?

**e1:** Não tem nada a ver... Muito melhor.

**e:** Ohhh

**E** – O que é que mudou?

**e1:** Tudo.

**E** – Em que sentido? Na Saúde...

**e1:** A questão dos joelhos...Eu acho que ela tá bem melhor.

**e:** Eu acho que ela tá bem de saúde...

**E** – Ao nível da saúde melhorias no joelhos?

**e1:** Não tem nada a ver o antes e o depois, tá bem melhor.

**E** – E mais? A imagem dela é a mesma?

**e1:** Eu acho-a alegre.

**e:** Eu acho que é boa e que ela tá boa.

**e1:** É é boa, ela gosta muito de vir para aqui....

**e:** Só o que eu acho é que prontos ela não tem coiso pelo corpinho dela, podia vestir a cueca fralda à noite...

**E** – Isso é uma dor para si não é?

**e1:** Á minha mãe isso mexe-lhe muito...

**e:** Uiiiiiiii... Porque ela não tá parva, ainda no dia que a levamos daqui para ir ao Médico, ela reconheceu o caminho todo e foi falando sobre as coisas que via, fomos a uma casa que vende peças e ela disse “eu conheço este homem que mora nesta casa grande que tá aqui, é da minha idade, era da Era da Palma, filho do Zé, ele tem muito dinheiro”, e depois ainda me disse “ele ficou repeso por alugar estes armazéns, mas agora já não deve tar porque tá aqui muitos carros”. Depois no Centro de Saúde tava lá um rapaz que ela

conheceu e disse logo “eu conheço este moço e filho do Manel”. E acertou e aos anos que ela não via aquele rapaz, eu até fico parva.

**E** – Mas ela não tem nenhum problema de memória...

**e1:** Mas olha às vezes parece que tem.

**e:** Às vezes parece que não conhece nada, falamos com ela “pois eu não sei, eu não sei”, fala-se de certas pessoas “eu não sei quem é”, e eu digo-lhe atão não sabe quem é, é fulano “não não conheço”.

**E** – Há dias que eu também digo “sim, não sei, porque simplesmente tou chateada e não me apetece responder, falar”, não é?

**e:** Há dias que conhece tudo, outros dias não conhece nada, não percebo...

**E** – Também temos que ver por nós, não há dias que vocês está aborrecida e se eu lhe disser “Ah não sabe quem é...” e você porque quer é estar no silêncio diz “Não sei”, só para me mandar calar sem ser mal-educada?

**e:** [risos]

**E** – Com ela é igual, acontece o mesmo, mas como vê que vocês estão a puxar conversa e estão a conversar com ela não vai dizer “Olha deixa-me tar aqui quieta”. Há dias assim e ela não tem qualquer problema.

**e1:** Sim mas acho-a bem aqui.

**e:** Eu acho que ela teja bem.

**E** – A alimentação dela melhorou desde que está aqui? Ela comia bem? Fazia as refeições todas como faz aqui?

**e:** Sim ela come bem, ela lá também levantava-se fazia as suas torradinhas, todos os dias, as suas torradinhas com azeite, não sei se ela bebia café ou chá.

**e1:** Antes de ela vir para aqui houve um dia que eu fui lá e ele não se dava levantado e doía-lhe a cabeça e não sei quê e perguntei-lhe “o que quer comer avó?” e ela “umas torradinhas com azeite e um chazinho.

**e:** Sim isso era, quando eu ia lá, principalmente no verão apanhar as alfarrobas, ia mais cedo e já estava ela na cozinha dela com o seu pratinho das torradinhas no colo e comendo. E ela é que fez sempre a sua comidinha.

**e1:** E faz...

**e:** E faz, no fim-de-semana ela é que faz. Eu primeiro comecei a mandar-lhe comida, depois fomos lá outro dia tinham ido para a da neta emprestada e não disseram nada, foi dia de natal, eles foram lá e trouxeram a comida de volta, depois foram lá no outro dia tava ela a fazer a comida e faz todos os fins-de-semana.

**e1:** Ela faz as favas no forno de lenha ainda, não é no fogão.

**e:** Sim e faz, ela para cozinhar é boa.

**e1:** A comida é boa, eu quando nas férias ia para lá ela fazia muito boa comida.

**e:** Depois às quintas-feiras ia lá aquelas carrinhas que levava os congelados, os gelados e ela comprava sempre coisas dessas. Panadinhos, perninhas de frango, sim a minha sogra comia sempre bem. Ela fazia a comida, as 3 refeições ela fazia sempre, o meu cunhado é que come pouco. Eu acho que ela agora ainda come mais do que quando tava só em casa. Agora, ele é que faz, quando ela vai daqui à tardinha ele ta fazendo, mas ela tem de ir lá sempre meter o dedo e depois ele irrita-se, muitas vezes ela vai direita ao tacho e põe umas pedrinhas de sal, nem lhe pergunta se ele já pôs ou não.

No dia que fomos com ela ao Centro de Saúde ele foi fazer uma coisinha para ela comer e ela foi logo ver e ele “pronto já vem” e depois ele irrita-se e chateia-se porque quer tratar dela mas ela... E depois se não lhe cheira, empurra a comida para o lado.

**e1:** Sim, agora no domingo quando o meu irmão tava-lhe dando uma pera, ela jogou a pera para ele...

**e:** Às vezes não sei o que se passa, no melhor que tá, ele tá fazendo as coisas, ela vai empurra-o e ele depois irrita-se e ali tá o jogo do empurra.

**E** – Então acham que vir para cá foi melhor para ela, ao nível da saúde, da imagem...

**e:** Em tudo, tudo.

**e1:** Em todos os aspetos.

**E** – Mais alguma coisa que me queiram contar sobre ela? Assim como a entrevista é sigilosa, as conversas que tenho aqui com ela também o são e o que eu noto é que tudo muda na vida dela com a perda do filho, isso para ela é indiscutível e nada nunca vai compensar isso, daí muitas vezes o mau humor, a brutalidade e as reações mais bruscas...

Uma vez a brincar para me chamar deu-me com a bengala, e ainda hoje cada vez que peço licença para desligar a televisão, porque tenho algo para falar com o grupo, pergunto-lhe “Não me dá uma bengalada se eu desligar a televisão?” e ela ri-se e depois é carinhosa.

**e:** Ui isso a televisão lá em casa tá tem sempre o som todo, pois ela não ouve...

**e1:** Vocês têm convencido a pôr o aparelho?

**E** – Eu converso com ela sobre isso mas ela diz “Sim, tá bem” mas nada. Tentem conversar com ela no fim-de-semana.

**e1:** Sim eu este fim-de-semana tenho que ir lá ver como é que as coisas vão ver da cama principalmente...

**e:** Nunca se sabe como é que vai tar...

**E** – Na vossa perspetiva, o que é que vocês mudavam aqui no Centro de Dia?

**e:** Para nós era a abertura do Lar, para ela ficar cá à noite

**e1:** A gente vinha visitá-la, a gente não a vamos abandonar nem nada disso, mas fazia-lhe falta o apoio à noite.

**e:** Porque ele penso que já tá fiando saturado e ela também, ele às vezes diz “haviam de levá-la era sempre, todos os dias”.

**e1:** Ela se pudesse preferia ficar, ela todos os dias que eu vou lá diz-me “elas lá gostam muito de mim, tratam-me muito bem”.

**e:** Às vezes diz “aquelas maganas”, quando nós a levámos ao Centro de Saúde disse “aquelas maganas, são muito espertas, diziam que eu não tava bem e eu não queria dizer nada, mas depois dizia – pois não tou, e elas – atão ande cá, e elas lá iam comigo a lavar-me”. Ela sabia que tava mas não queira dizer, dizia que lhe dava vergonha dizer.

**E** – Estavam a dizer-me que na vossa perspectiva o que mudariam no Pontão era haver a opção de dormir cá, ou um lar ou centro de noite.

**e:** Pois uma coisa assim.

**e1:** Eu vejo que ela também gosta muito de tar aqui, vejo que ela já ficava bem aqui, mesmo ela diz. E também vejo o meu tio um pouco saturado.

**e:** Porque ela tá mesmo...

**E** – Ela antes fazia mais queixas do filho (da incompatibilidade de feitios)

**e1:** Agora não? Sabes.... Às vezes aos fins-de-semana quando eu vou lá eu acho uma piada, tão os dois ao lado um do outro e ali tão, ali tão... [risos] ele não casou e ali ficou.

**e:** Ele ainda a quer ajudar, mas ela às vezes [risos], revolta-se contra ele.

**e1:** Ela é muito... como hei-de explicar, não quer ajuda no momento, mas depois se formos ao pé dela ela aceita, mas gosta sempre de por a sua mãozinha, e sabes ele não é disso, ele gosta de fazer as coisas à maneira dele...

**E** – Sai à mãe? Que gosta de fazer as coisas à maneira dela?

**e1:** [risos]

**e:** Mas ela tá do pior, tá muito... por nada se irrita e depois promete-lhe porrada, ele diz-me assim “já viu já viu, já me promete porrada, eu quero ajudar-lhe e ela promete-me porrada, mas já viu o que eu tou passando, já viu, muito aguento eu, eu tenho que ter um estomago”, diz-me ele e depois ele é daquelas pessoas que repete muitas vezes a mesma palavra “já viu já viu o que eu tou passando, já viu”.

**E** – Obrigada pela entrevista, já fiquei a conhecer um bocadinho da D. Constança, ela também fala comigo sobre a história dela, mas foi importante perceber a admissão no Centro de Dia, os fatores que contribuíram, perceber o que é que mudou, de facto nota-se uma grande diferença nela. O simples facto dela dançar, independentemente do receio pelo luto do filho...

**e:** Isso é só porque ela depois tem medo que vão a contar...

**e1:** Eu quando vi a foto dela a dançar, uau... fiquei tão contente mas combinamos que ninguém dizia nada, nem a ela nem ao meu tio, não se fossem zangar mas fiquei tão contente.

**e:** Não, ele até quando foi das unhas “oh tá assim por causa dos outros, por causa dos outros”.

**e1:** Ai sim, isso ele ficou porque ela queria tirar o verniz por causa das vizinhas. **e:** Ele gostou de a ver “tá tão bonita e ai tá, não faz as coisas por causa dos outros”.

**E –** Os outros são os vizinhos? Reprovam a melhoria da imagem?

**e:** É é, e ela tinha medo também que ele também pudesse... mas não ele gostou. Ela é que tem aquela coisa, porque depois vai a prima, vai a vizinha e dizem que fica mal nela e ela depois tira.

**E –** Pois ela dança, deixa fazer os cuidados de imagem mas sempre com receio que família e vizinhos vejam isto como uma afronta à memória e ao luto pelo filho.

**e1:** Nada disso, por nós não, eu digo-lhe sempre “tá tão bonita avó”.

**E –** Eu sei que não parte de vós, parte dela, ela tem este receio. O facto de ela agora não ter dançado com a (**e1**).

**e1:** Se eu agora fosse para ali ela não dançava.

**E –** Pois, ela hoje já não vai dançar enquanto perceber que estão por perto... Nós fomos a um baile em fevereiro, num bar em Tavira e nunca pensei que ela quisesse ir, mas foi e para nós foi um momento importante, pois ela nunca adere a estas iniciativas. Ela foi, foram todos, mas ficou no cantinho dela a brincar com os adereços de Carnaval, mas não dançou.

**e1:** Nesse dia foi quando o meu irmão a teve de ir buscar que a fechadura da porta de casa estava partida e disse-me que ela tava toda contente por vir porque à tarde tinha festa. A gente também fica contente por saber que ela tá contente. Depois quando fui lá disse-lhe que tava contente por ela ter ido ao baile, mas disse-me logo que não tinha dançado [risos]

**E –** Mas o importante é que ela foi.

**e1:** Eu digo-lhe para ela dançar, para ela colaborar convosco, para ir aos passeios, eu digo-lhe... Eu ao domingo digo-lhe, quando for lá a manicura pinta as unhas, uma cor suave, mas qualquer coisa, ponha-se bonita.

**E –** Com o tempo vai, isto é um processo....

**e1:** Sim ela com o tempo vai.

**E –** A nossa prioridade agora é ver se ela deixa a bengala, o resto...

**e1:** Mas ela lá não a usa, eu acho-a tão rija ultimamente...

**e:** Ela não precisa da bengala, quando fomos ao Centro de Saúde ela sai ela entra no carro sem ajuda sem nada. Até me passa à frente...

**e1:** Ai se eu for andar ao lado dela eu acho que ela já me ganha... ela tem uma passada, ui... [risos].

**E –** Muito obrigada pela entrevista.

## Entrevista 5

**Dia:** 20 de Março de 2015

**Hora de início:** 14h25

**Hora de fim:** 15h32

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Ilda

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – Antes de mais obrigada por ter aceitado participar, toda a informação é sigilosa. O que eu preciso de saber é quem era o seu pai?

**e:** [risos] ui ui ui (suspiro)

**E** – Quem era o Sr. Francisco? Conte-me coisas...

**e:** O que eu me lembro dele (suspiros) Ai o que é que quer saber que eu lhe diga?

**E** – Uma mini história, um abreviado da história dele.

**e:** A história dele. Para ele, ele era... como é que hei de dizer? Ele não era flor que se cheire.

A minha mãe sofreu muito com ele. Deu-lhe maus tratos mas ele nega tudo, diz que é mentira. Que é que lhe vou dizer mais? Bebedeiras, atrás de bebedeiras, bebia. Mas trabalhar, sempre trabalhou mas muitas vezes saia do trabalho ao fim-de-semana, no dia que eles recebiam ia para a bebedeira. A minha mãe é que fazia as compras. Muitas vezes não lhe dava dinheiro. Quanto tava... coisa é que lá ia com ela. Que é que vou dizer mais? A minha mãe trabalhou até à morte. Deus a tenha. Tinha 50, entre os 50 e os 51 anos. Uma doença mas pronto, sempre trabalhou para os filhos, para a casa, para tudo, ela é que fazia tudo, ela fazia tudo ali em casa. Ele é que às vezes lá semeava uma batata, mas pronto e que vou dizer mais?

**E** – Moravam onde?

**e:** Olha, os meus pais eram caseiros. Eram caseiros, andavam de terra em terra. Desde que me lembre, moramos em Brancanes, Moncarapacho, Amaro Gonçalves, até que estacionamos ali na Luz. O meu pai começou a trabalhar com os donos da casa e ele era o caseiro, trabalhava com eles. O que é que eu vou dizer mais? Nunca nos faltou nada, nunca passamos fome nem nunca nos faltou nada.

**E** – Viveram sempre todos, vocês e os seus pais?

**e:** Sim. Dos mais velhos sim, os meus pais não são daqui, são da serra não sei, eu nasci em casa no dia de matança de um porco, a única que nasceu no hospital foi a mais nova, no hospital velho de Olhão. De resto nasceu tudo em casa.

**E** – São seis não é?

**e:** Somos seis irmãos. Ele deu-me uma grande surra e para ele era mentira. Também pronto naquele tempo era...

**E** – Era outra forma de lidar?

**e:** Era outra forma, era... sei lá.

Com um cinto da tropa, daqueles cintos da tropa que tinham aqueles buracos mas pronto, vai lá dizer que ele fez isto aos filhos que ele diz que não, ele diz que era mentira. Se lhe vamos dizer que ele dava maus tratos à minha mãe, ele diz que era mentira, para ele é tudo mentira, nunca fez nada à minha mãe. O meu irmão, senão fosse o meu irmão, tinha-lhe partido uma cadeira em cima. Ele diz que é mentira, nunca fez nada.

Que é que queres que eu te diga mais? Ele sempre foi um homem... trabalhar, trabalhou muito. Ele fazia viagens para o Porto com os camiões da fruta e isso. Sempre nos trazia uma lembrança. No Natal também, quem fazia as coisas do Natal era a minha mãe. A minha mãe é que nos fazia roupa, nos comprava uns chocolatinhos, não era assim grande coisa mas pronto.

A minha Isabel, as minhas irmãs, também apanhou uma grandessíssima surra. Deu-lhe ele com um pau de viga. A gente vai-lhe lá dizer, ele diz que é mentira. Nunca fez nada, diz que só levantou uma vez a mão à minha mãe, mas é mentira. Ele quando a minha mãe faleceu, ao fim de 6 meses já tava com outra, deu-lhe uma boa vida.

**E** – A ela?

**e:** À segunda mulher.

**E** – À segunda mulher.... A Barbara?

**e:** Sim. A primeira é a vassoura e a segunda é a grande senhora. O que ele fez aquela nunca fez à minha (mãe). E para a minha mãe querer ir a um baile com os filhos, não nos deixava, isso era matemático. A minha mãe sofreu muito nas mãos dele, muito, muito, muito. Se eu lhe mostrar uma fotografia da minha mãe, no dia do meu casamento, é uma velhinha, a minha mãe era uma velhinha. A minha mãe sofreu muito. Mas se alguém lhe vai dizer essas coisas...

**E** – Ele diz que não?

**e:** Ele nega tudo, tudo, tudo. Diz que era bom pai, bom. Que nos casou a todos, que gastou muito dinheiro com a gente. Enfim, faz lá o papel dele. Pagou isto, pagou aquilo, coisas que ele diz, que metade delas nem vale apenas porque... Para ele sempre foi um bom pai, um exemplar. Sim, ele quando tava lá nas marés dele ainda nos levou umas quantas vezes ao cinema, não digo que não, mas era... de marés!

**E** – Era só de vez em quando?

**e:** Era só de vez em quando, muito raramente.

**E** – Era mais frequente sair do trabalho, ir beber e mal tratar....

**e:** Sim, não quer dizer que sejam todos os dias da semana, mas automaticamente no dia que recebia, ao fim-de-semana ou ao sábado que recebia... pronto já tava. Muitas vezes a minha mãe queria dinheiro e se

não fosse ela fazer os aforros dela não tinha... Muitas vezes ele é que ia às compras, para não lhe dar o dinheiro às mãos ia ele às compras. Comprava... pronto coisas para a casa, comprar coisas para a casa ele sempre comprou.

A minha mãe chegava-se a levantar às 5h da manhã para fazer a assadura do pão, deixar o pão feito, deixar tudo preparado, ir entrar ao trabalho às 9h, trabalhar debaixo de sol a sol, ainda vinha para casa fazer o governo da casa, aquela mulher nunca parava. Naquele tempo não havia máquina de lavar, era tudo à mão tudo à mão. Até que um dia mais tarde, o meu marido quando eu me casei, o meu marido gostava muito da minha mãe e ele comprou aquelas máquinas de lavar manuais de antigamente. A máquina lavava lavava lavava e a gente tirava a roupa, quando chegava aquela hora de parar, enxugávamos a roupa e era só estender, do que ela tar esfregando à mão e aquelas coisas todas. O meu marido comprou-lhe um forno para ela não tar a ir para a das vizinhas cozer o pão, a minha mãe ia, por exemplo daqui à minha casa (100m). O meu marido comprou-lhe o forno, o meu marido comprou-lhe uma arca para ela congelar as coisinhas dela, os feijões, tudo quanto era de legumes, carnes, quando a gente fazia matanças de porco, todos os anos pelo natal fazíamos sempre a matança de porco e ela congelava as suas coisinhas, desde batatas a pronto... tudo o que faziam para ter, para uma casa de filhos, e era assim.

**E** – O seu pai diz muitas vezes que vocês se criaram sozinhos, uns com os outros...

**e:** Sim a mais velha... as mais velhas, quer dizer tenho uma 10 anos mais velho do que eu, que é a de Moncarapacho, essa foi a que me criou, tive na casa dela...tive na casa da mais velha. Isso é verdade naquele tempo a gente criava-se uns com os outros.

**E** – Pois quer ele quer a sua mãe trabalhavam muito...

**e:** Sim, sim isso é verdade eles trabalhavam muito.

Eu quando fiz a minha escola primária, vim pa Cabanas e aqui fiquei, porque a minha irmã mais velha já era aqui de Cabanas. E naquele tempo ela não tinha com quem deixasse os filhos também e para não tar... pronto vim aqui para a casa dela quando acabei a primária, tinha 11 anos. Vim para a casa dela, e lá fiquei e aqui casei e aqui fiz a minha vida.

Depois de casada ainda tive morando com o meu pai, ainda acabei de criar a minha irmã mais nova, eu tenho mais 6 anos que ela. Só que uma pessoa queira encarrilha-la, fazer alguma coisa, ajudar nalguma coisa, porque ela abandalhava-se muito e qualquer coisinha que eu lhe fazia ela ia fazer queixinhas ao pai. Houve uma vez que ele chega a casa e começa a mandar vir comigo e o meu marido não gostou. Não gostou porque pronto... ela começou com aquelas bicas que ela não tinha nada que fazer, que se eu quisesse eu que fizesse e o meu marido disse “ai é, atão espera-te ai...” pegamos em nós e fomos embora. Fui com pena de deixar a minha mãe, mas eu ia sempre a ver a minha mãe. A minha mãe quando caiu na cama quem teve a cuidar dela fui eu. Ela ainda teve uma temporada em Lisboa, teve de cama e eu é que tive lá a cuidar dela, mas pronto tava lá fazia o que tinha a fazer e depois vinha-me embora. O meu marido dizia que “quer dizer tamos a ver se a outra

encarrilha, se ajuda na lida da casa...” porque ela era uma malandra que não fazia nada e mesmo assim, às vezes, acho que o trabalho para ela... (suspiro) enfim... não vale a pena.

**E** – Estavam a tentar ajudar e saiu ao contrário?

**e:** Sim, queríamos adapta-la para aprender a fazer alguma coisa na vida, conforme fosse crescendo... eu também não era flor que se cheirasse, mas pronto sempre ajudei. Eu casei novinha, eu casei com 16 anos porque... também casei não foi porque quisesse logo, foi quando eu comecei a namorar com o meu marido, também naquele tempo era... eu morava com a minha irmã e a minha irmã, porque ela também era muito rigorosa, e quando as coisas não lhe saiam bem descascava (batia). Ela com a lida da casa, com a limpeza da casa era muito... coiso... ela se visse que tava mal limpo tornava-me a mandar fazer a mim ou à filha dela mais velha. E houve uma vez, já eu namorava o meu marido, e ela quase que me arrancou o cabelo da cabeça e o meu marido não gostou, eu contei-lhe e ele não gostou e ele disse-me “aqui o tempo da escravatura já acabou, vamos marcar a data de casamento, ela tem filhos que faça o que quiser aos filhos, os filhos já são grandes que os obrigue a eles a trabalhar na lida da casa” e foi por isto que eu casei, não foi lá por nada, mas pronto quando as pessoas souberam que eu ia casar era porque já tava grávida, ou já tava isto ou aquilo. Ela dizia-me que como eu era nova era parva de me casar e que não ia levar muito tempo de casamento, que eu era muito novinha, que não percebia nada da vida...

Pronto aquelas coisas todas que ela me disse, mas graças a Deus estou com o meu marido há 31 anos de casada e nós entre os dois trabalhamos em conjunto.

No tempo em que eu era novinha, pois ele é que trabalhava ali num armazém de peixe, e eu pronto tava em casa, mas quando o meu filho nasceu... eu comecei a trabalhar com os meus 17 anos mesmo para fora, assim para coiso... comecei a trabalhar com os meus 17 anos, meti o meu filho num infantário, ou vinha a madrinha dele que cuidava dele, que é a minha madrinha que mora agora aqui. Desde os meus 17 anos até hoje temos os dois trabalhado e temos a nossa casa, graças a Deus nunca foi com a ajuda de ninguém. O dinheirinho que o meu marido tinha junto comprou as nossas coisas para a nossa casinha. Lá por o meu pai ter feito o casamento, que é o que ele diz de boca cheia que fez um casamento como se fosse um casamento de rico, eu casei há 31 anos gastou 100 contos naquele tempo. E eu disse-lhe “casaste-me, fizeste o casamento porque tu quiseste, porque eu e o meu marido quando falamos preferíamos juntar os trapinhos” – “filho meu não junta trapos, filho meu tem de se casar” e eu para me casar tive que ter a assinatura dele. Mesmo que ele me desse um não, que não quisesse, não valia a pena porque eu levava a minha avante, que ele quisesse que não quisesse eu levava a minha avante... (riso irónico)

**E** – Não se teria casado e teria apenas juntado os trapinhos como disse...

**e:** Claro, se ele aceitasse ou não aceitasse para mim tanto me faz, e como ele via que nenhuma das filhas... as filhas casaram cedo e como ele via que com nenhuma levava a dele avante e que a gente continuava... pois foi obrigado a dar-me o sim. Mas antes de eu me casar ele teve que casar com a minha mãe, porque os meus pais tavam juntos também, eram um casal junto há já muitos anos...

**E** – Eles não eram casados, mas vocês tinham que casar?

**e:** Os meus pais não tavam casados. Sim naquele tempo não se casavam e tantos anos tenho eu de casada como têm os meus pais. Se a minha mãe fosse viva também tinham tantos anos, eu casei em setembro e eles casaram em dezembro, eu e o meu marido somos padrinhos deles de casamento., a minha aliança e a aliança do meu marido tão benzidas duas vezes, porque naquela altura pronto... eles como trabalhavam no campo não precisavam de usar alianças, portanto a minha aliança eu emprestei à minha e o meu marido a dele ao meu pai, portanto tão benzidas. Eu também sou madrinha de batizo do meu pai, o meu pai teve que se batizar e casar, pois eles não eram casados, eles já tavam juntos nem sei há quantos anos e depois casados pela igreja.

**E** – Depois do falecimento da sua mãe, o seu pai refez a vida dele certo?

**e:** Eles refez a vida dele, ficou com a mais nova lá em casa, ficaram lá os dois e ao fim de 6 meses, sei lá, refez a vida dele com essa mulherzinha.

**E** – Ele foi morar com ela?

**e:** Ela é que veio morar com ele, ela é que veio morar com ele. Ela também tem 6 filhos igual ao meu pai, mas ela ter filhos ou não ter é o mesmo que não ter ninguém que olhe por ela. Desde que deu o AVC ao meu pai...

**E** – Eles moraram juntos até o seu pai ter o AVC?

**e:** Sim, eles moraram 20 e tal anos juntos, então se a minha mãe já faz... o meu filho faz 30 anos que nasceu, tinha 1 ano e tal quando ela faleceu, se o meu filho faz 30 ela faz 29 de falecida, tá a ver... Ele refez a vida dele, porque não podia tar sozinho, tinha que ter uma companheira e isto e aquilo, mas quem fazia a lida da casa era ele, quando nunca tinha ajudado a nada. Ele é que lavava uma loiça, ele é que punha a máquina a lavar, ele é que fazia as compras ele é que tudo, onde nunca fez isso pela minha mãe. É a nossa revolta... a gente nunca ficou coiso de ele ter-se juntado, foi ele nunca ter tratado a minha mãe como tratava aquela. Foi uma carga de trabalhos, para pronto refazer a vida dele, pronto ele também tinha 50 e tal anos compreende-se. Olhe o filho tem 54 anos, o meu irmão, e é viúvo há 6 anos e não quer mulher nenhuma em casa.

**E** – São maneiras de pensar...

**e:** Claro. Mas naquele tempo pronto...

**E** – Depois ele teve o AVC e o que aconteceu?

**e:** Teve o AVC... o que aconteceu... aconteceu que tivemos de separar ele da mulher com que ele tava e mandamo-la para a casa dos filhos.

**E** – Ela não podia cuidar dele?

**e:** Pois ela é mais velha do que ele 6 anos.

**E** – Ele ficou acamado?

**e:** Ele acamado, acamado, acamado... pronto de início não se movimentava como se movimenta agora, teve fazer por ele própria ele fazia a ginástica e tudo. Ele era um homem que bebia muito e fumava muito, ele fumava muito.

**E** – O seu pai fumava?

**e:** Ui...se ele fumava, ele comia os cigarros... ele fumava 2/3 maços por dia... eu mostro-lhe uma fotografia do meu pai, você diz que não é o meu pai. O meu pai tinha a pele velha, muito moreno, magro, alto. Era alto e magro, o meu pai não é a pessoa que tá agora. Eu um dia trago-te uma fotografia do meu pai e tu dizes assim “este não é ele”. O Francelino que tá a ver agora não é o Francelino de há uns anos atrás, totalmente diferente. Eu logo te trago uma fotografia para veres como era o meu pai.

O meu pai quando lhe deu o coiso, teve que deixar de beber, de fumar, tudo... é por isso que ele tá quadrado. Enquanto... até aos...ele quando deixou de trabalhar com o Barafusta até aos 70 e piques anos ele ainda ia trabalhar, ainda andou nas obras e ainda fazia um dinheirinho por fora, além da reforma ainda fazia um dinheirinho por fora, mas desde que lhe deu o AVC nunca mais.

Eu lembro-me no dia que lhe deu o AVC, íamos para lá e ia um homenzinho à casa dele ali na Luz a perguntar se ele podia ir no outro dia a fazer um trabalho para ele, e eu disse-lhe “não, o meu pai já não pode fazer nada” – “atão porquê?” e eu disse “porque o meu pai deu-lhe um AVC, o meu pai não movimenta bem um braço nem uma perna”. E desde ali que ele...

**E** – Então depois ele foi morar com quem?

**e:** Primeiro teve 2 meses com a mais nova, no Carregado, lá para cima para o norte. Só que eles os dois eram cão e gato, que no dia 14 de agosto trouxe-o para baixo, aparece-me ai de madrugada na minha casa.

**E** – Não falou com ninguém, vocês são 6 não é?

**e:** Mas a casa para onde ele queria vir era para a minha.

**E** – Porquê?

**e:** Dos 6 irmãos...não sei, não sei. E agora no dia que tivemos a discussão o meu filho, o meu filho que nunca se mete nas coisas, o meu filho chateou-se com ele a sério e não lhe fala e a dor dele é do neto não lhe falar, porque foi na altura que eu comecei a tar... pronto que me deu o que me deu, de eu já tar no principio da depressão e foi... e acabou com o resto, e ele disse logo “a partir de agora vais andar de casa em casa, se é assim que queres, eu vou-te levar e vou-te buscar para te pôr na casa dos teus filho”.

**E** – Ele próprio contou que quando vem do Carregado, disse para a filha mais nova “leva-me para a casa da minha Ilda”.

**e:** Sim para a minha casa, e até hoje tá comigo, mas quando faz-me falta e para algum lado, ou fazer uma viagem com a minha filha, ou que teja fora de casa uns quantos dias, eu não o deixo com o meu marido, o meu marido não tem obrigação de cuidar dele, eu pego nele e vou pô-lo à da filha mais velha, a das Cabanas. Quando me faz falta ele vai lá para baixo, é a dor dele e pergunta logo quando é que vou buscá-lo e quanto tempo tem de ficar lá e que isto e que aquilo, e eu digo-lhe “o tempo que for preciso, ela também é tua filha”, mas como ela lhe dá mais nas orelhas não gosta dela. Sabe o que é que ela lhe disse “um dia que morreres faço-te uma cova aí, e mesmo aí te enterro”, porque ele quando morrer diz que quer ir para a catacumba que foi ele que comprou, não foi ele que comprou foi a gente, fomos nós que comprámos os filhos, a catacumba e coiso...e para ele, ele é que fez tudo, a gente não fez nada, ele é que gastou o dinheiro... O pessoal do Barafusta, as mulheres do trabalho, andaram fazendo um peditório para o funeral da minha mãe, ele diz que é mentira que ele é que pagou tudo do bolso dele. Sim ele nega tudo, ele é que fez tudo, ele é que faz tudo.

**E** – Então ele vem viver com a Ilda, a sua irmã chega de madrugada...

**e:** De madrugada, tavamos todos dormindo deitados...

**E** – E bate-lhe à porta e diz “tá aqui o pai”, e você?

**e:** Bate-me à porta e vem espetá-lo ali... E eu??? [risos]

**E** – E você? Caiu de redondo no chão? [risos]

**e:** [risos] Se eu cai de redondo? Ai se eu cai de redondo... [risos] eu disse-lhe a ela para me avisar com antecedência, um dia que pensasse, porque dia sim, dia não telefonava a fazer queixas e eu disse-lhe “quando pensares em trazê-lo, avisa-me com antecedência para eu tar preparada”, olhe assim avisou você assim me avisou ela. Quando ela me aparece aí e despeja-mo aí, com os cestos da roupa eu pensei “agora onde é que vou pô-lo?”. Eu tive que me desfazer de muita coisa minha para pô-lo num quarto, ele veio para a minha casa com a caderneta (do banco) vazia, porque enquanto houve dinheirinho ela soube-lhe ficar com o dinheiro. Tá a perceber? Ele recebe dia 10, todos os meses ao dia 10 e ela veio espetá-lo na minha casa no dia 14...

**E** – E já não tinha dinheiro?

**e:** Na caderneta não, o dinheiro tinha ela levantou-o todo que eu bem vi. Deixou-me a caderneta a zeros e eu tive que andar logo de Centro em Centro de Dia à procura de sítio para pô-lo.

Ele chegou à minha casa dia 14 e eu fui ao CD da outra freguesia e dia 23 já tava lá espetado, e quando chega as contas ele não tinha dinheiro nenhum eu andei de roda deles, dos meus irmãos, que eu fiz as contas do que tinha de pagar e do que não tinha de pagar, para me arranjamem 30€ não tinham, foi uma carga de trabalhos, uma garreia que eu tive e só lhes pedia 30€ a cada 1 não pedia mais.

**E** – 30€ a cada 1 para pagar a mensalidade do CD da outra freguesia?

**e:** Para pagar a mensalidade e o resto metia eu do meu bolso. Eu naquela altura paguei 100 e tal ou não chegou aos 200€ com o seguro e com as quotas, eu fui a que pus mais dinheiro. Tá bem que a de Moncarapacho é única que ajuda, é a de Moncarapacho, desde que ele tava lá em cima...

**E** – A de Moncarapacho foi a que a criou a si?

**e:** Foi a que me criou a mim, todas as duas me criaram aquela (a de Moncarapacho) foi no tempo de escola e isso tudo, e esta (mais velha) foi no tempo depois da escola.

**E** – Mas quem a ajuda sempre...

**e:** Quem me ajuda é a de Moncarapacho, à da mais velha ele fica quando eu preciso de ir a algum lado, porque a de Vila Real tá num andar e ele não pode subir escadas. Se ela tivesse num r/c ela poderia ficar com ele mas as escadas para ele é muito, se ele daqui ali a casa chega com os bofes à boca, atão perto dum 4º andar, as escadas são muito inclinadas para ele não dá. O meu irmão é porque é homem e é viúvo, porque se tivesse a minha cunhada ele se calhar tinha à mulher que cuidasse do sogro, o mínimo como o meu marido faz. O meu marido só tá com ele ao domingo, ao sábado ele tá em casa mas tou eu em casa, sou eu que trato dele, no domingo pronto é o meu marido, não é por um dia que eu vou pô-lo lá em baixo (casa da filha mais velha). Ele só vai lá para baixo quando são coisas maiores, quando eu preciso de sair mesmo que o meu marido não vá comigo porque ele não gosta de fazer viagens e eu gosto de passear, vou eu e a minha filha pronto. Aí há tempos fui fazer uma viagem com a mãe da minha nora, eu fui espetá-lo lá em baixo, a minha filha já tava na universidade e eu fui espetá-lo lá em baixo. Mas ele enquanto tá lá em baixo pergunta-lhe quando é que o vão buscar.

**E** – Quando ele chegou dia 14, você procurou logo um Centro de Dia porque não estaria ninguém em casa para estar com ele?

**e:** Claro tive que procurar logo, tive que perder 2 dias de trabalho para andar à procura disto e daquilo. Eu tive naquele Centro de Dia ao pé do meu irmão, que levam os olhos da cara, que também é tipo Lar mas eu só queria Centro de Dia, só que não tinha era transporte não vão buscar o pessoal, como faz o outro CD da outra freguesia e como faz agora o Pontão.

**E** – E ele quis ir para o Centro de Dia?

**e:** Quis, porque ele no Carregado também teve 1 mês ou 2, já tinha tado lá.

**E** – Então ele vem e vai para o CD da outra freguesia e como é que foi lá, ele adaptou-se bem?

**e:** Sim, lá diziam-me que sim.

**E** – E aqui decide vir para o Pontão porque é mais perto?

**e:** Eu falei com ele, eu não o obriguei a nada eu disse-lhe “olhar vai abrir um Centro de Dia ao pé da minha casa vê lá o que é que queres, se queres vir para o pé de casa se queres continuar lá no CD da outra freguesia” e ele o que me dizia era “ah só vou para o Pontão se fizer o mesmo que o CD da outra freguesia faz, se fizer viagens, se fizer passeios, irmos aqui, irmos além”, porque ele tava habituado, e foi o que ele disse

“se fizerem o mesmo eu não me importo” e tá aqui perto de casa, em lugar de se levantar à hora da carrinha, pois levanta-se à hora que quer e vem para aqui.

**E** – Tem mais autonomia?

**e:** Pois tem mais autonomia e para ele andar, e ele disse “tá bem” e assim foi e assim o viemos a metelo aqui.

**E** – E aqui acha que ele tá bem adaptado?

**e:** Ele não me diz nada... pois eu tou-lhe a dizer se ele fizer alguma coisa ou que diga alguma coisa a vocês, vocês automaticamente têm que me ligar, porque ele não me conta nada, nada nada nada nada.

**E** – E você sente que consegue manter uma relação com ele mesmo ele tando aqui? Relacionam-se bem?

**e:** Olha... (suspiro) relacionar bem bem bem não, porque eu... ele é meu pai mas não é aquele amor que eu tenho de pai, sou sincera... porque é meu pai, tenho que o aguentar.

**E** – Faz por obrigação?

**e:** Faço por obrigação... porque... não tenho possibilidades de pôr num Lar, se um dia chegar à altura a Segurança Social ajuda. Eu um dia mais tarde tenho que o pôr num Lar, um dia que ele me caia eu tenho que o pôr num Lar, porque eu não posso tar presa com ele, porque ele é um corpo pesado, ele é um corpo pesado e eu não posso. Enquanto ele se movimentar tá, quando ele coiso tenho que procurar um Lar.

Quando aconteceu aquela coisa que eu me zanguei com ele, todos eles andaram... eu disse logo “eu não mexo as minhas manitas, o que eu tinha a fazer já fiz, se querem-no meter num Lar procurem-no, façam o que queiram, os documentos tá aqui venham a casa buscar os papéis, façam a inscrição, façam o que queiram, porque eu não mexo mais os meus pezinhos”. Até agora... já me telefonaram a dizer que havia um Lar que com a reforma dele e a Segurança Social põe o resto e é uma ajuda e tá lá de manhã à noite, dorme lá e tudo, mas ainda não me pediram documentação nenhuma para tratar dos papeis para o pôr no Lar, não sou eu que vou fazer, acho que os outros e a mais velha que façam. Eu disse “da minha parte o que eu já fiz durante 3 anos eu tou fazendo”, faz agora dia 14 de agosto os 3 anos que tá comigo, senão...

Olhe a única que ajuda é a de Moncarapacho os outros não têm, e eu tenho que ter? Eu comprei-lhe a mobília de quarto, eu comprei um guarda-fato, eu tive que me desfazer de coisas minhas que eu tinha na minha arrecadação, chamava aquilo de arrecadação pronto... era onde a minha filha tinha a secretária com o computador e sentava-se ali a fazer as coisas dela, agora tenho que ter a secretária na minha sala. Agora vá lá que vou fazer no quarto de cima que o meu filho vai-se mudar...

**E** – Os seus filhos não se dão bem com ele?

**e:** Os meus filhos desde que aconteceu isto comigo... viram que eu coiso com ele... os meus filhos tomaram-lhe pó. Dantes falavam “bom dia e boa tarde” mas não é aquela coisa que... avô. A minha moça

ainda fala mais ou menos, mas o moço não, ele antes de isto acontecer dava-se mas agora não, porque quem faz mal à mãe faz mal a eles, a mãe tá num altar, a mãe para ele é tudo, tanto que o meu filho tá aí comigo desde que isto me aconteceu. O meu filho quando sabe que me acontece alguma coisa vem para a minha casa e a minha moça então... Quando me deu isto, quando dei por mim tava metida em casa não ficou lá em Faro. Ou o pai telefona sem eu saber, e diz as coisas sem eu saber, porque eu não quero que chateiem os moços, não quero que lhe digam nada, mas então... o meu marido diz logo tudo aos filhos...

E pronto os meus filhos... os meus filhos já sabem, tanto eu como o pai, a gente é que somos os pilares deles, a gente é que os ajuda a eles, eles não têm mais ninguém que os ajude, e se me acontece alguma coisa... ah... só o meu marido a trabalhar não dá para ajudar. Eu tenho uma filha na universidade, eu quero que a minha filha continue com o sonho dela, não é agora eu cair num cama ou não trabalhar como tive nessa altura esses dias. Tive 5 dias de férias e desses dias fiquei de baixa 7 dias, porque eu comecei-me a atrofiar comecei a sentir pouca força no meu corpo... ah... e eu não fui trabalhar e constantemente a minha filha podia tar em Faro, mas o telefone dela para mim tá sempre a telefonar, como é que eu tou como é que não tou, e o meu filho não sai daí de casa. Eu não me posso enervar como... coiso, agora tou melhor pois tou fazendo tratamento. O 1º tratamento tava-me a fazer mal, agora este tá-me a fazer... pronto tá..., mas eu qualquer coisinha que coiso eu já não é... pronto já não fico como ficava dantes, enervo-me mas já não é aquela coisa de guardar, digo tudo, eu agora já deito tudo para fora já não acumulo como acumulava.

Dantes não falava muito como tou falando agora, não expressava as coisas e agora não, agora expresso e fico melhor comigo. Já fico mais aliviada, já não fico com aquela dor na garganta, com aquele nó na garganta que me apanha o estomago, que eu também sofro de estomago, não é só ele que sofre, eu também sofro.

Já ele veio para ai há dias a dizer “tens que ver que comprimidos é que tás-me dando porque tou igual”, eu disse “olha eu não te tou dando nenhuns quem te deu foi o médico e o médico é que sabe, eu qualquer dia marco-te outra consulta e cago-me para ti e não te dou medicamentos nenhuns e ai quero ver quem é que... pode ser que morras mais depressa”, deus me perdoe eu custa-me, mas eu sou logo assim e sou sincera. Eu quando me começam a dizer que “os medicamentos isto e os medicamentos aquilo”, pois eu já fui à médica, já lhe trocou os medicamentos, já não lhe dá aqueles medicamentos que lhe tiravam a reação, já lhe deu outros medicamentos, o que é que quer que eu lhe faça? Ele já não vê que a idade dele é outra ele já não fica como antigamente, ele já não tem a cabeça como antigamente, ele tem que ver que ele já vai ficando “ché ché” como o pai.

**E** – Como o pai dele?

**e:** Sim, o meu avô com a minha avó... a minha avó quando saía, o meu avô “onde é que foste minha grande (calão)”, pronto ele chamava todos os nomes à minha avó e “já foste a tar com o amante e que isto e que aquilo”. Ele não tá nesse aspeto mas pronto já tá a meter os pés pa cabeça, ou a cabeça pelos pés, ou lá como é que se dá o nome, porque ele já não diz coisa com coisa, diz que se lembra muito bem mas muitas das vezes já não se lembra de nada, ele já diz coisas que não tem sentido.

Atão a gente damos-lhe uma tigelinha de sopa e damos o 2º prato, ora se ele não quer ele com a sopa fica bem porque é que não diz assim “não quero mais nada tou satisfeito”. O meu marido pôs-lhe um bocadinho de... fez massa com feijão e pôs-lhe um bocadinho de massa e escolheu-lhe ali as carnes, tirou-lhe o porco e pôs só ali a vaca e coiso... mete uma colher à boca “ah eu já tou cheio eu não quero isto”, é um prato de comida pa jogar fora.

**E** – Os seus irmãos não telefonam, não...

**e:** Os meus irmãos telefonar???? Ai filha... telefonam... Uhhh... todos os dias... Nada!

**E** – É só você?

**e:** Desde que ele saiu de Faro, o meu irmão de vez em quando telefona, o meu irmão telefona. A única que telefona é, o meu irmão quando tem dinheiro no telefone ele telefona e é a de Moncarapacho, de resto mai nada.

**E** – E ele só quer ficar consigo?

**e:** Ele só quer ficar comigo.

Ele chorou, ele implorou para não o levar dali, para não o tirar dali que queria passar o resto da vida dele ali.

**E** – Ali é na sua casa, consigo?

**e:** Sim, foi quando houve esta discussão que o meu filho e tudo, depois de acalmar.

**E** – Como é que você resolve (a discussão entre os filhos e o pai)?

**e:** Os meus filhos para mim são tudo, eu se tivesse que coiso... eu não olhava para trás, eu aí mexia os pauzinhos e metia-o num Lar, os meus filhos para mim são tudo.

**E** – Mas não e fácil de gerir, pois não, ver que avô e netos não se estão a dar bem dada a sua relação com o seu pai...

**e:** Não... pois... eu às vezes digo ao meu filho “ai filho tens que compreender, é pai da mãe, a mãe pronto, mas tens que compreender... ele quer tar com a mãe” – “pois, e os outros, só tu é que tens de tar com tudo, tu é que dás cabo de ti” e pronto eu sei que eles têm razão, mas pronto é o desabafo, e eu disse-lhe “oh filho o que é que tu queres, se ele não quer ir para lado nenhum, enquanto ele se puder movimentar prontos tá aí, um dia mais tarde depois logo se vê filho”.

**E** – E desde que ele veio para o Centro de Dia, como é que o acha? Acha que ele está melhor?

**e:** Olha tem dias, tem dias que tá bem tem outros dias que faz-me passar dos carretes, tem dias. Nisso é igual.

**E** – Para si está igual, portanto ele passa o dia connosco e a noite consigo e nota-o igual. Desde que ele está consigo tem sido sempre assim está o dia fora e a noite consigo?

**e:** Sim a noite comigo.

Quando ele tá doente, quando ta atrofiado, quando vejo que ele tá com a tosse muito carregada tenho lá um xarope só de plantas naturais. Eu não lhe posso dar sempre aquele xarope quando vejo que ele tá mais

atacado dou-lhe, mas ele é (expressão em calão)... já o meu marido apanhou, ele puxa a própria tosse. O meu marido levanta-se às 5h e tal da manhã para se preparar e ouve o ronco dele, a sinfonia dele, como é que ele diz que não dorme as noites, ele dorme, eu bem o oiço às vezes quando tou na cozinha e só o oiço roncar no quarto, é uma mania que ele tem de dizer, mas dorme. Eu oiço a minha neta de noite e digo-lhe “não ouviste a noite passada a tua bisneta?” – “eu não”, “ohhh lá atão não dormes e não ouviste a tua bisneta com as goelas aí abertas?”. Ele, para ele, nunca é... eu cada vez que ia para lhe dar o comprimido das 23h, que também já acabou e disse-lhe “vês já tas livre destes, menos uma medicação, só tens agora o do estomago enquanto não acabar a caixa porque esse é até ao fim” mas tinha uns que era jejum durante 10 dias, foi só uma embalagem, os outros até melhorar, acabou as duas carteirinhas deixou de tomar, que era o das 11h e o das 23h.

**E** – É você que prepara a caixinha da medicação todos os dias?

**e:** Sou eu que preparo. Houve um fim-de-semana que o meu marido estranhou e teve que lhe esconder a caixa, os do pequeno-almoço não tomou, e eu penso será caso que ele lá não tome? Por isso eu digo as ordens que ele tem são chegar a dar-vos a caixa da medicação, eu que saiba...

**E** – Ele dá todas as manhãs.

**e:** Dá? É isso que eu quero saber, o dia que ele se negar...

**E** – Você prepara a caixinha todas as manhãs?

**e:** Não, eu preparo à noite, tou-lhe a dar os do jantar e preparo-lhe a caixa, mas ele vai confirmar, vai confirmar se tá tudo, mas agora no domingo passado não tomou os do pequeno-almoço e o meu marido foi uma coisa que topou quando o mandou tomar os do almoço que tava ainda os do pequeno-almoço. Ele tirou-lhe os comprimidos do almoço da caixa, pôs-lhe ali ao pé e escondeu-lhe a caixa, não fosse ele tomar todos ao mesmo tempo. Mas o meu marido não tem coiso para garrear com ele e disse-me “não tomou por 1 dia, também não é por 1 dia deixa”. Ele diz que nunca se esquece de nada, nunca se esquece de nada mas eu tou vendo que ele vai-se esquecendo mas pronto não é burro não é burro, burra não sou eu, eu é que não sou burra mas pronto. Ele quer por a medicação como era antigamente, mas ele tem de pensar que já não volta a ser o que era, ele agora daqui para a frente tem de ver que já vai ficando “encanecado”.

**E** – Depois também tem a ver com a alimentação, para ele foi difícil aquela dieta que fez por causa das dores de estomago, ele queria o chá quente, mas não podia...

**e:** Sim, sim. Isso da comida quente, lá isso é, ele gosta de comer a comida quente, mas agora já lhe podem dar. Agora se ele pedir sal na comida, não lhe deem sal por causa da tensão não começar a alterar.

**E** – Mais uma pergunta, se pudesse mudar alguma coisa no Pontão, o que mudava, diga a verdade... [risos]?

**e:** [risos] Ora se eu pudesse mudar... da conversa que já tivemos... o meu marido diz que ainda não os viu passeando na rua, isso ainda não fizeram. Eu dei a ideia da caminhada, eu não ele e ainda hoje me falou

nisso da caminhada por fora. Depois... ele diz que passear não têm passeado, não têm saído para lado nenhum...

**E** – A última vez que saímos foi em fevereiro, estamos a ter saídas uma vez por mês, acha pouco não acha?

**e:** Pois oh filha eu não sei, ele tava habituado no outro a ir de 8 em 8 dias, iam almoçar com 10€, ele tava habituado lá às caminhadas dele lá por Santa Luzia, a última viagem que eles fizeram mais longe eu fui com eles também, foi a Fátima uma excursão para os idosos, só vão aqueles mais energético.

Opah... de verão, agora não compreende-se que tá o tempo assim...

**E** – Nós em setembro íamos uma vez por semana lembra-se?

**e:** Sim.

**E** – Só que depois veio o Inverno e com o frio nem todos querem...

**e:** Ele também tava habituado à sardinhada assada na Mata, não sei... Eles iam passear ao Plaza, eles iam... bom a vários sítios.

**E** – Hum... então mais passeios?

**e:** Mais passeios.

**E** – Mais coisas que mudaria?

**e:** Ai o que é que vou dizer mais... não sei... ah...

**E** – Acha que ele vai muito cedo para casa?

**e:** Acho, mas pronto, ele diz que depois já não tá cá mais ninguém e que já é o 1º a chegar, não vai ser o último a sair.

**E** – A última volta da carrinha sai daqui às 17:30h...

**e:** Ah é verdade ele não tem ido na carrinha, ele não pode ir? Ele antes ia passear com o motorista...

**E** – Claro que pode ele esta semana, por exemplo, tem dito todos os dias que não quer ir, que prefere ir andando logo para casa e que na volta pela serra fica enjoado o que é normal.

**e:** Ah... Pois ele isso da volta da serra diz-me.

De resto não tou assim a ver mais nada, o que é que quer que eu lhe diga... eu não sei... Pois aqui fazem o que faziam lá, é só é mais passeios.

**E** – Mais saídas, a caminhada deixe-me dizer-lhe que nós fizemos, fizemos duas vezes. A 1ª vez foi muita gente e não correu assim tão bem, depois já lhe explico a 2ª vez foi o seu pai e mais duas pessoas. Depois foi quando ele adoeceu e não quis ir mais, agora para ele fazer a caminhada aqui na instituição, esta semana tem estado de chuva, para fazer a caminhada aqui dentro duas vezes... o que nós não temos que batalhar...

**e:** Eu sei filha, atão eu não vejo em casa o dia todo. Ele come, vai para o quarto. Ele vê que tá ali o pequeno-almoço preparado, se ele ouve o micro-ondas vem logo, se não vê nem ouve nada vai para o quarto, ele come e vai-se deitar. Na hora de almoço o meu marido chama-o ele come e vai deitar-se. Ele não se movimenta ele não sai.

**E** – Pois ele à segunda-feira é quando está mais preguiçoso... Esta semana, desde que ele esteve doente piorou, não quer andar aqui dentro, nem a ginástica dele, que ele fazia com os outros e eu percebia que ele sentia-se bem por ser ele a dizer a ordem dos exercícios de alongamentos, nem isso esta semana.

**e:** Pois olha eu não sei, eu não sei...

Sim isso da ginástica ele gaba-se que ele é que era o professor.

Mas você quando ele não faz nada diga-lhe “se você não faz nada eu vou dizer à sua filha”, diz-lhe para ver o que é que ele diz e depois logo me dizes...

**E** – [risos] Para a semana com as melhorias do tempo começamos as caminhadas na rua, vai chegar o dia que ele vai sozinho...

**e:** Olha hoje tava lá em baixo no café aparece-me a parva da Joaquina, que eu não posso ver aquela mulher pa frente “olha lá como tá o teu pai?” – “Tá no Centro de Dia, se quiseres vai vê-lo, aproveita e fazes a caminhada até lá a cima, olha ele faz anos hoje e se quiseres ir a cantar-lhe os parabéns vai” e ela “ah era bem pensado”, para fazer as figuras que faz que me têm dito, e ele todo convencido “que me beja, que me abraça, que me coiso” eu não sei a quem o raio do homem saiu meu Deus...

**E** – Pois quando ela vem visitá-lo... sim é verdade.

**e:** Pois diz que é verdade, sei lá e depois ele põe-se “sou tão ruim tão ruim toda a gente me quer” e eu penso cá para mim “pois só se for agora, se fosse há uns aos atrás queria ver” eu não lhe digo mais nada, antes ainda lhe dizia agora não.

**E** – Não vale a pena ficar chateada...

**e:** Não, não, não, desde que eu agora tou assim eu agora tenho outra...coiso...

**E** – É o melhor, não se enerve que não vale a pena...

**e:** Sim, sim sim, mas pronto às vezes coisas que ele faz... eu não quero é que ele diga alguma coisa a vocês e vocês encubram, o que se passar, o que ele disser, o que for vocês automaticamente me telefonem.

**E** – É uma questão de... nós aqui tratamos as pessoas...

**e:** Sim eu sei...

**E** – É uma questão de tratarmos as pessoas como adultos e como responsáveis pelo que dizemos e fazemos, por exemplo, se ele não gostar de alguma coisa ou achar que não é assim, eu peço-lhe que ele me explique porque acha que não é assim e depois explico-lhe a minha visão e depois todos juntos vamos perceber como fazer e ele fica muito mas tranquilo. Outro exemplo, com as pinturas ele gosta muito de pintar mas não

é uma folha em branco, ele precisa sempre de uma orientação, senão fica irritado, mas isto é normal, também faz parte da idade dele... temos que perceber tudo isto.

**e:** Sim, sim é normal...ele já faz hoje 82 anos.

**E** – Lá está, não são 60 nem 70...

**e:** Ah mas para ele não, ele com a idade que tem ele quer é...

**E** – É normal, nós temos aqui outras pessoas, mais velhas que o seu pai, que andam de muletas e com muitas mais dificuldades mesmo assim querem andar sozinhas, e se não as agarrarmos caem no chão...

**e:** É a força de vontade, mas ele não tem força de vontade.

**E** – E as pessoas veem que vão perdendo as suas capacidades, nós somos jovens e temos muita energia, mas não nos imaginamos a não conseguir, por isso aqui temos esta...

**e:** Sim claro tomara nós chegarmos à idade deles.

**E** – Tomara nós, por isso nós aqui temos... e é a nossa profissão, temos outra forma de ver com mais calma...

**e:** Sim não tamos a lidar com os alunos da escola.

**E** – Exatamente, agora esta semana pois ele teve doente e foi diferente...

**e:** Ah sim esta semana não vale a pena.

**E** – Esta semana ele não queria fazer a ginástica, eu perguntei-lhe sempre, mas como já sei como ele funciona, ia eu fazer e lá vinha ele e dizia “deixe tar que eu faço que você não faz igual a mim” [risos] e assim levava-o a fazer...

**e:** Sim é muito convencido ele é convencido até dizer basta.

**E** – Mais alguma coisa que me queira dizer ou que queira acrescentar?

**e:** Hum... acho que é tudo...

**E** – Sabe-me contar se quando ele estava com a sua irmã mais nova no Carregado, ele foi para o Centro de Dia porque ele quis ou porque ela quis?

**e:** Eu sei que ela naquela altura trabalhava e que ele gostou de tar lá, gostou muito de tar lá, pagava 150€.

**E** – Pois ele adapta-se bem, já é então o 3º Centro de Dia.

**e:** Ele gostava muito mas pronto... Ele diz que, 1º o que ele me diz é que ela o tratava mal, não sei se é verdade se é mentira, eu não posso... a minha irmã eu não me acredito que o tratasse mal, não sei... não digo que não ralhasse.

**E** – Ele o que fala é sobre a questão da reforma, que ela...

**e:** Sim sim que ela só tava pelo interesse no dinheiro. Diz que nos 2 meses que teve lá só lhe deu 20€, nunca mais lhe deu dinheiro nenhum.

**e:** Olha eu esta semana ainda não lhe dei dinheiro nenhum, também tá doente não precisa não vai a lado nenhum assim. Eu costumo pagar o Centro de Dia e dou-lhe 10€, não lhe dou mais de 10€, não lhe dou porque ele não precisa de mais, 10€ são 2 contos para ele dá perfeitamente desculpa lá, mas este mês ainda não lhe dei.

Tenho tido tanta despesa com ele, eu é que lhe compro as coisas, eu é que lhe compro a higiene, olha agora tenho que ir eu comprar o desodorizante e o perfume, ele de casa vem para o dia do banho mas vem banhado em perfume, vem ou não vem?

**E** – [risos]

**e:** Eu já lhe disse a ele “vais banhado em perfume para quê? Agora chegas lá a baixo vais para o banho tiras o perfume todo” [risos] eu não sei, eu gasto com ele em perfume e em desodorizante eu nem sei, eu não sei, francamente não sei...

**E** – É vaidoso [risos].

**e:** Eu nunca tiro do dinheiro pa coiso... eu tenho o dinheiro dele ali para alguma necessidade que ele precise.

**E** – Os gastos pessoais dele é com o seu dinheiro?

**e:** É com o meu dinheiro. Ele ganha 400 e tal euros, quase 200€ vem para aqui, depois vou à medicação, vou comprar a higiene dele com que dinheiro é que ele fica?

**E** – Pois...

**e:** Diz-me lá... só um desodorizante, o perfumezinho pa barba, as pilhas, eu deixo ali perto de 10€ e digo “mas o que é que eu trago aqui para ele, nada”. Eu tenho que lhe comprar alguma roupa interior, tenho que comprar coisas que fazem falta. Agora ele quer comprar outro pijama, mas tem de ser com o dinheiro dele, não vou-me pôr também... já lhe dou a comida e coiso...

É como eu tava-lhe a dizer, o dia que ele se vá embora, tá bem que é para mim, mas não tive a ajuda de ninguém “mana queres isto, mana queres nem que seja 50€” nada. Eu comprei-lhe aquela cama de ferro, custou-me 300 e tal ou 400 olha eu nem sei porque depois mais o colchão ficou perto de 500€. Eu dei uns sofás, que eu gostava tanto, em troca e depois pus o resto do dinheiro, fui ali à casa das mobílias que faz isso, foi a minha sorte. Eu fui à Moviflor, havia aqueles guarda-fatos em promoção, o meu filho foi com o carro dele buscar e montou, foi perto de 100€. Se eu fosse gastar... atão ele não ganha nada, se eu fosse gastar do dele... atao ficava sem dinheiro nenhum.

A comida isso sou eu que compro tudo, é como se diz onde comem 3 comem 4.

**E** – Ele nunca vai jantar com os seus irmãos, está sempre consigo?

**e:** Sempre, isso é tudo comigo. Só vai para a dos meus irmãos, quando vai para a da outra filha (mais velha).

**E** – Se ele puder escolher vai ficar sempre consigo...

**e:** Ele já disse que queira ficar comigo.

**E** – Como é que você se sente quando ele diz isso?

**e:** Oh (suspiro) pois como é que eu me sinto... pois eu... eu digo-lhe “pois ainda se me deixasses uma herança, mas tu nem herança tens para me deixar, se tivesses uma herança toda a gente corria atrás de ti”  
[risos]

Mas como não há o mel para o guloso sou eu que tenho que marrar, é assim.

**E** – Ok... pois se acha que está tudo...

**e:** Oh eu também não vou expor ai vida dele né...isso é... enfim pronto, não precisa toda a gente saber mais.

**E** – Percebe-se que não pode ter sido tudo bom, porque...

**e:** Tem coisas boas e tem coisas más.

**E** – Claro, mas vejamos vocês são 6 filhos e apenas uma...

**e:** É que dá a cara não é... eu nem sei onde é que tenho ido buscar tanta energia, tanta força, eu bem que posso ir abaixo mas tou sempre.

**E** – Não pode ir abaixo, para já pelos seus filhos...

**e:** Ah sim, pelos meus filhos e pelo meu marido.

**E** – Você é parecida à sua mãe?

**e:** Ah sim, na genica... não digo que... pa trabalhar sim, tirando a mais velha também é, mas tanto faço para os meus como faço para os outros.

Eu tenho 5 irmãos, isto não é jogar em cara nada, só houve uma única que eu não ajudei que não precisa que é a de Moncarapacho, o marido tá reformado e ganha bem, mas eu já ajudei os outros 4 com dinheiro. Mas a mim, graças a Deus, nunca precisei. Eu e o meu marido temos lutado e tenho o que tenho hoje graças a mim e ao meu marido. Eu nunca fiz um empréstimo que pedisse a um dos meus irmãos para ser meu fiador, mas já fui fiadora de duas. O meu irmão teve no hospital eu é que fui vê-lo, eu é que comprei a medicação, um fiz-lhe um... tá bem que a de Cabanas para tapar a peneira dos olhos foi lá um dia mas nunca mais telefonou. Eu constantemente tou telefonando pa ele, eu constantemente tou dizendo “faz falta isto mano? queres isto mano? tens falta de alguma coisa mano?”. Eu não faço mais que não posso, não faço mais porque não posso. O meu irmão precisa de levantar uma receita de um medicamento, e aquele medicamento só aquele medicamento mesmo com a receita ficou caro e quem o comprou fui eu. Ele agora teve algum tempo sem ir ao mar, eu é que lhe fiz um avio para casa, eu é que lhe ia fazer a comida lá a casa. Eu ainda hoje tive na casa dele a saber se precisava de alguma coisa, como fui para aqueles lados de Tavira aproveitei.

**E** – No natal você e os seus irmãos costumam juntar-se?

**e:** Nada. Eu com o meu marido e a minha família e cada um na sua casa.

**E** – E o seu pai consigo?

**e:** Sim, tanto ano novo como no natal, aí não foi passar o ano novo... acho que foi lá abaixo.

**E** – Ele nunca vai para a casa da sua irmã de Moncarapacho?

**e:** Não, o meu marido é que vai com ele às vezes lá, ficam lá um bocado, mas ela não tem quarto, não tem cama para lhe dar. Pronto ela já tem os filhos todos orientados na sua casinha, mas tem uma solteira, mãe solteira e tá lá e esse quarto é dela e do miúdo. Se ela fizesse a vida dela e tivesse coiso... mas ela também teve azar coitada. E a minha irmã é como eu também faço as vontades mas ponho um travão, não faço tantas vontades como a minha irmã faz, não vou dizer que tenho onde não tenho. Eu posso deixar de comprar muita coisa para mim, como tenho feito, mas quando me dizem “olha eu quero” – “não há” e quando não há, não há. Quando eu posso, posso, e eles sabem, tanto um como outro, mas ela tem mais compreensão que ele, mas ele agora também já vai tendo mas antigamente...

**E** – O seu filho já tem filhos?

**e:** Já, duas meninas.

**E** – Então quantos netos tem o seu pai?

**e:** [gargalhadas] Olhe de mim tem dois, do meu irmão outros dois, da de Moncarapacho tem três, da Isabel outros três, da mais velha outros três, da mais nova outros três.

**E** – Tem 15 netos.

**e:** Sim, fora os que já morreram. Morreu uma da de Moncarapacho, tinha 18 meses, se fosse viva tinha 41 anos. Foi quando nasceu a minha irmã mais nova e estavam as três grávidas, a minha mãe, a mais velha e a de Moncarapacho. E morreu uma com 21 anos, tinha cancro.

**E** – E bisnetos quantos são?

**e:** Ora bem, bisnetos... da minha parte são dois, do meu irmão não tem, da de Moncarapacho três, da minha irmã da Vila com o que vem a caminho cinco, da mais velha quatro, e da mais nova nada.

**E** – 14 bisnetos... ele não me soube dizer quantos bisnetos tinha, os netos disse-me bem. São uma grande família, se se juntassem todos aqui o poli desportivo era pequeno...

**e:** (gargalhada, gargalhada, gargalhada) isso seria um milagre, era um milagre.

**E** – Mas vocês entre irmãos até se dão bem...

**e:** Sim nós não nos damos mal, damos bem, só que nesta coisa para cuidar do pai é que é diferente, sou eu a única. Eles dizem que eu sou parecida com ele, mas de feitio nada, aiiiiii matava-me... atão não? Eu se eu tivesse o feitio que ele tem, de negar as coisas, nã nã nã nã...

**E** – Sim é diferente...

**e:** Sim totalmente.

Eu não digo que ele não coiso... ele [não perceptível] fez os casamentos, ele... mais a minha mãe, mais a minha mãe...

**E** – Ele fala muito bem da sua mãe, eu não sei se você sabe mas ele fala muito bem, mas aqui ele fala bem...

**e:** Sabe porque é que fala? Porque roí-lhe a consciência... a consciência roí-lhe.

**E** – Ele aqui diz-nos que a sua mãe era uma moura de trabalho, uma excelente mãe...

**e:** Pois, pois, pois, nisso tem toda a razão.

A minha mãe era a melhor coisa da vida que eu tinha, era a minha melhor amiga.

**E** – Ele fala muito bem dela.

**e:** Pois, mas não sabe dizer que tratou-a mal?

**E** – Pois disso não fala...

**e:** Ah pois não, e se vais dizer...

**E** – Ele se calhar não se orgulha disso, e como não se orgulha não fala disso.

**e:** Pois não se deve orgulhar...e não diz.

**E** – É normal, quando não temos orgulho do que fazemos ou assumimos o erro ou não falamos. Mas ele quando fala da sua mãe é sempre para a elogiar, assim como de si.

**e:** Sim.

**E** – Eu lembro-me quando nós abrimos e eu perguntei o que gostavam que houvesse aqui e ele pediu-me para que os passeios fossem à 6<sup>a</sup>f por ser o seu dia de folga e porque gostava que você fosse com ele.

**e:** Isso é os passeios fora.

**E** – Eu expliquei-lhe que os passeios de longa distância são organizados pela Direção daí serem ao domingo, dia de folga da maioria, mas se houver algum à 6<sup>a</sup>f ou ao sábado eu aviso-a. Obrigada pela entrevista.

## **Entrevista 6**

**Dia:** 1 de Abril de 2015

**Hora de início:** 09h05

**Hora de fim:** 09h40

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Ivone

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – Antes de mais, muito obrigada por ter aceitado participar, é sempre bom contar com os familiares. O objetivo é eu perceber quem são as pessoas que passam cá o dia comigo, mas não as pessoas que eu conheço daqui. Eu conheço o Sr. Jaime que usa bengala, que não gosta da cor do chão, que está com diabetes, que come naquela mesa ao lado daquelas pessoas, com que ele se relaciona. Não conheço o Sr. Jaime pai, sogro, avô, marido e é isto que eu preciso saber, para quê? Quanto mais eu o conhecer a ele mais consigo que esta casa se chegue a ele e aquilo que para ele faz sentido.

Portanto, já sabe D. Ivone, toda a informação vai ser anónima, eu alterarei depois tudo o que seja de identificação vossa. Só você é que saberá que isto é a história do seu sogro. Podemos então começar, fale-me um bocadinho do Sr. Jaime, quem é o Sr. Jaime, quem foi o Sr. Jaime.

**e:** O Sr. Jaime é uma pessoa que nasceu muito humilde na zona serrana, trabalhou muito no campo, foi o princípio da vida dele, trabalhou no campo, inclusive deslocava-se a pé da zona da serra, sei lá, serão uns 20 quilómetros, ficavam o fim-de-semana cá em baixo, vinham trabalhar cá em baixo, aqui havia trabalho, não é? E o fim-de-semana é que vinham outra vez a casa porque iam a pé. Não tinham transporte, não tinham nada. Ele nasceu numa altura mesmo pobre, pronto.

Depois juntou-se com a minha sogra, nessa altura juntavam-se. O meu marido já era nascido, a minha sogra teve um filho e ainda não estavam juntos depois é que se juntaram, aquelas coisas que os familiares não querem, não sei quê, as famílias e pronto. Depois então juntaram-se, vieram viver os dois cá para baixo para uma fazenda de um senhor.

**E** – Eram caseiros?

**e:** Caseiros, não é que assim se diz? Trabalhavam aqui numa fazenda aqui perto, semeavam flores para fazer perfume, tinham tipo, uma fabriqueta, ele é que era uma pessoa de confiança deles não é? Mas pronto sempre pobres, sempre humildes. Depois então emigrou passado uns anos emigrou para a França, teve lá uns anos e pronto.

**E** – A sua sogra ficou cá?

**e:** A minha sogra ficou cá com o filho. Esteve lá uns anos, ganhou algum dinheirinho, fez-lhe a casa, comprou uma quintazinha, tem a estabilidade dele, um dinheirinho, com tudo. Ajudou inclusive os donos a fazer uma casa que é o meu filho que mora ali hoje que era onde eu morava, inclusive foi tudo em trabalho, em questão de comprar o material, ele tratou de tudo.

Ele para mim é uma pessoa espectacular. Eu fui para a casa dele tinha 14 anos.

**E** – Já o conhece há muitos anos...

**e:** Tenho 49 e tinha 14 quando me juntei com o meu marido e ele foi um pai para mim, foi sempre um pai para mim. O meu sogro foi sempre uma pessoa muito boa para mim, ele gosta muito de mim, da nossa...

**E** – A Ivone acabou por ser a filha que ele não teve... Ele só tem um filho?

**e:** Exatamente. Ele quando precisava de ajuda, nós semeávamos ali na horta, semeávamos tudo e ele chamava-me sempre a mim. Temos um grande relacionamento, temos uma grande amizade, é quase como pai e filha, não é?

Pronto, depois não será assim muito mais...

Ele depois trabalhava em pedreiro, depois quando o conheci já exactamente, eu já não o conheci a trabalhar nessa fabriqueta nem no campo. Já trabalhava em pedreiro, ele era muito bom pedreiro, pronto. Ele ganhava mais ou menos, era uma pessoa muito capaz, muito trabalhadora.

**E** – Eles viveram sempre aqui nesta zona?

**e:** Sempre.

**E** – No campo não é?

**e:** Sim, sempre. Onde vivem hoje, na Cumeada.

**E** – Quando é que começa a perceber... Você mora perto deles certo?

**e:** Moro e estou sempre em contacto.

**E** – Quando é que começam a perceber que o Sr. Jaime, neste caso importa dizer cognitivamente bem, portanto ele não tem qualquer tipo de demência, está bem, quando é que começam a perceber que se calhar é importante o apoio de uma Instituição, neste caso o Centro de Dia?

**e:** Portanto ele teve, ele começou... ele começou a queixar-se há um ano e tal. Começou a queixar-se, queixar-se, não se sentia bem, que não andava bem. Eu fui com ele a alguns médicos. Entretanto o médico mandou-me fazer uns exames e eles lá disseram-me logo que ele tinha um problema num pulmão. Mas nesse dia ele piorou mesmo quando cheguei a casa com ele, com os exames e aquilo tudo que foram pedidos de urgência, ele piorou mesmo. Tive que chamar a ambulância, teve internado, ele teve 2 meses internado com um problema num pulmão. Daí pronto, ele ficou mais parado, pronto, está tudo bem, até já fomos fazer outra vez raio x e pronto, veio para casa e ficou a ser assistido pelo médico do pulmão.

Depois começou a ficar mais parado, porque ele andava sempre entretido lá na hortinha dele, com a hortaliça, com aquelas coisas que ele... nós essas coisas não comprávamos nada para a casa e agora não começou a parar, a parar e agora ultimamente só parava sentado e “tenho aqui dor e doí-me ali e tenho aqui e tenho ali e não sei quê ...”, pronto e aquelas coisas.

**E** – Não se mexia muito?

**e:** Não se mexia e então eu via que ele cada vez estava mais parado e isto não é bom porque ele já só queria estar deitado, sozinho, deitado e sentado naquelas sombras. A minha sogra passava o dia inteiro preocupada e lá ia ver dele e lá estava ele sentado num canto sozinho.

Epá, e eu acho que um lugar destes para ele é... informei-me não é, claro que eu gosto muito dele e não o ia pôr num sítio qualquer. Não é bem a ideia que algumas pessoas têm mas não. Informei-me, antes de vir aqui falar-me, informei-me muito e acho que é um lugar adequado para ele. Está sempre a fazer, pronto...

**E** – Atividades?

**e:** Atividades e acho que é o lugar ideal para ele.

**E** – Quando falou sobre isso com ele. O que é que ele disse?

**e:** A primeira abordagem dele foi... [risos] porque as pessoas têm a ideia de um Lar, não sabem fazer a diferença de um Centro de Dia de um Lar. Então ele como quem diz, “Atão agora vou-me a meter num Lar? Vou perder o contacto quase todo com a minha família, vou ...” Pronto, é esta impressão, esta a má impressão que algumas pessoas têm, mas não eu expliquei-lhe e ele como gosta muito de mim, sabe que eu nunca faria uma coisa que lhe fizesse mal, ele acreditou em mim e disse-me: “Vamos experimentar”. Expliquei-lhe o que era, que tinha amigos, tinha pessoas que gosta, pronto, bons funcionários e que era um lugar adequado para ele e que dançavam e que pronto... E ele disse-me “Então vamos experimentar” e eu também lhe disse logo: “Vamos experimentar, se você não gostar por alguma coisa, você diz-me o que se passa e não vai para lá. Não é para isso que você trabalhou a vida toda para eu agora o meter agora num sítio onde você não gosta, o resto da sua vida, não é isso”. E como a Nilza sabe ele veio, gostou e está aqui. Agora ele próprio é que já diz à minha sogra: “Ainda não são horas de me levantar Maria? Ainda não são horas de me ir embora?” De principio achava um bocado cedo, pronto, aquela coisa, mas agora não. Ele gosta de vir para aqui, ele gosta de estar aqui.

**E** – Se eu lhe perguntasse, quais foram os fatores que pesaram, nesta decisão, foi, neste caso, claramente o facto de ele estar cada vez mais inactivo?

**e:** Exatamente. Porque ele agora durante o dia não se deita e ele já só parava na cama, percebe? Ele já só parava na cama. Inclusive ele até fazia às vezes já xixi e agora não. Desde que ele veio para aqui, nunca mais fez xixi na cama.

**E** – Como é que foram os dias antes de ele vir para cá? Ele estava nervoso, não estava?

**e:** Talvez um bocadinho, porque era uma mudança, ia ali haver uma mudança na vida dele não é? Foi uma pessoa sempre ativa, uma pessoa que nunca teve às obediências dos outros, percebe? E talvez ele tava um bocadinho nervoso, mas assim que começou a vir para aqui mudou logo.

**E** – Ele adaptou-se?

**e:** Adaptou-se. Ele adaptou-se aqui bem.

**E** – E a D. Ester como é que se adapta? Está habituada a ter o marido em casa com ela, ela é muito mais ativa do que ele ou era...

**e:** Super bem, porque ela tava sempre preocupada, porque se ele não tava ali debaixo dos olhos dela como temos aqui a casinha não é? E temos galinhas, temos animais e ele às vezes ia lá para baixo, sentava-se para lá e ela andava sempre preocupada “Onde é que ele tá? Onde é que ele tá?”, ou seja, ela nunca estava descansada. E depois não o queria deixar deitado porque sabia que tava errado, porque ele ia acamando não é? E então ela tava sempre preocupada. E agora não, tá impecável... ela gosta muito disto aqui. Aliás, não viu no outro dia que ela ficou logo aqui?

**E** – Sim, ela de vez em quando vem e fica um bocadinho...

**e:** Pois, ela gostou muito disto aqui, ela gosta muito disto aqui, ela está muito contente de ele estar aqui.

**E** – E vocês, família, a Ivone, o seu marido, o seu filho, como é que se adaptaram à Instituição? Portanto, agora o avô está numa instituição, no dia do pai vieram cá almoçar connosco... Como é que se adaptaram portanto, agora o Sr. Jaime já não está em casa e a Instituição, mal ou bem, tem regras, tem horários não é? Vamos buscá-lo de manhã, vamos levá-lo à tarde. Como é que se adaptaram?

**e:** Bem porque nós somos umas pessoas informadas, percebe?

**E** – Não têm aquele estereótipo...

**e:** Não, pronto, somos umas pessoas informadas. Nós conhecemos a maioria, como você já reparou, conhecemos a maioria das pessoas daqui, que trabalham aqui, os funcionários, pronto, o presidente. Nós conhecemos estas pessoas todas e temos muitos contactos pronto.

**E** – Sentem que a instituição tem a porta aberta para vocês?

**e:** Tou à vontade. Ele vir para aqui, para mim, é como ele tar em casa.

**E** – Quer dizer, estar em casa, mas bem.

**e:** Exatamente.

**E** – E a vossa relação com ele, como é que tem sido? Normal, mudou alguma coisa, não mudou?

**e:** Não, tudo normal.

**E** – Se calhar a D. Ester é que se zanga menos com ele agora, não é? [risos].

**e:** Pois, pois, chateiam-se menos um com o outro porque aquela coisa de estar o dia inteiro juntos é sempre...[risos] E depois eu chego vou jantar com eles, faço questão de ir jantar com eles e não sei quê e pergunto: “Então Jacinto como é que foi?” e ele conta-me, faz lembrar a minha neta que anda no infantário a contar as coisas da escolinha, assim é ele.

**E** – Se tivesse que pôr o Sr. Jaime antes de vir para o Centro de Dia num lado e o Sr. Jaime que está cá, agora, hoje, de outro lado, quais eram as principais diferenças que via?

**e:** Epá! Depois de vir para aqui é tudo muito melhor. Ele anda muito melhor, ele anda muito mais ele nem quase que se queixa, o dói aqui ou dói ali ou almareia ou não sei quê, isso queixa-se sempre, mas não é como se queixava.

Não tem nada a ver... isto não é por tar a falar consigo, mas ele tem só tem melhorado a vida dele aqui pronto. Nós íamos lá durante o dia, se fossemos duas, três vezes durante o dia, era “e dói-me aqui, e dói-me ali, não posso tar, tenho que me ir deitar” e agora não, vamos a jantar e estamos lá com ele e não sei quê e ele já não conversa das doenças e dessas coisas. Ele teve umas grandes melhorias depois de vir para aqui.

**E** – Portanto ao nível da saúde acha que houve uma grande mudança?

**e:** Houve, houve.

**E** – O que por sinal influencia o bom humor dele não é? A autoestima, o facto de como ele se sente. A noção que eu tenho dele, ele antes precisava de ajuda para subir para a carrinha e agora sobe sozinho e nem põe a bengala no chão.

**e:** Exatamente. Na bengala acho muita diferença, ele nunca dava um passo sem a bengala e agora tamos a jantar e ele levanta-se e ele esquece-se da bengala.

**E** – A gente às vezes esconde-lhe a bengala de propósito e ele esquece-se dela completamente ou por exemplo, ele vai à casa de banho põe a bengala à porta e esquece-se da bengala e vai-se embora para cima. Depois: “Ai e a minha bengala?” e eu até sei onde estava e digo “não faço ideia Sr. Jaime, vamos à procura?” – “Pois, teremos que ir.” E é mais este bocado que ele anda sem bengala, portanto, acha que ao nível de saúde houve uma melhoria?

**e:** Houve, houve.

**E** – Se calhar ao nível da D. Ester melhorou um bocadinho a relação deles, ou não?

**e:** Melhorou. Porque pronto, não é? Era o dia inteiro e já com aquelas idades e não sei quê, não é que se queiram mal, mas é aquela coisa...

**E** – É normal. Ao nível da alimentação, melhorou a alimentação dele ou não?

**e:** Não, na alimentação não porque ele tinha uma boa alimentação.

**E** – Fazia as refeições em casa.

**e:** Nós em casa temos uma boa alimentação, nós inclusive temos coisas caseiras...

**E** – Vossas não é?

**e:** Exatamente, sempre temos tido.

**E** – E com o neto? Ele tem um neto certo? Que é o seu filho. Por exemplo, ele foi a única pessoa, neste caso a Ivone, que me pediu em especial naquele dia do pai para o filho vir, fazia muito sentido o filho vir. Esta relação com este neto, independentemente de ele estar no Centro de Dia, não houve alterações?

**e:** Não, não, porque o neto tá muito contente porque o vê bem, lá como ele andava é que não gostava de o ver.

**E** – Ele estava muito inativo, não é?

**e:** Exatamente e ele pergunta-me sempre: “Então e o avô, mãe, como é que está lá? Como é que ele tá lá no centro?” ele pergunta-me sempre, pronto, só tem aquele neto.

**E** – Pois, ele diz.

**e:** E nasceu com ele, foi nascido e criado com ele. Para ele o neto é tudo na vida. Tanto que não sei se viu, pronto, não sei se tava mais algum neto, mas o meu filho fez questão de vir.

**E** – Sim vi. Mas não, nem sequer ninguém me perguntou pelos netos, o que me perguntaram foi, por exemplo, a filha de um casal se podia trazer o marido. Foi a única coisa, nunca ninguém me falou em netos.

**e:** Tanto que você viu a alegria dele quando viu o neto.... principalmente o neto. Ele está habituado comigo, pronto, eu ando sempre com ele. Comigo é quase já um hábito que ele sabe que eu estou lá, nem precisa de se preocupar. Agora com o neto ficou radiante.

**E** – Na sua perspectiva, pense um bocadinho sobre isto porque há sempre coisas a mudar, portanto, já sabemos que o Sr. Jaime era uma pessoa muito inativa e que agora está uma pessoa ativa, voltou um bocadinho à pessoa que era há uns anos atrás, portanto, está bem só houve melhorias a nível de saúde, do relacionamento com a esposa.

Agora na sua perspectiva, se eu lhe desse carta-branca hoje para alterar o que quisesse no Pontão, o que é que você alteraria?

**e:** Eu sou-lhe sincera, para já é um assunto que... eu acho que dado aquilo que tenho acompanhado, vocês também não podem fazer mais, acho que... é, eu acho que sim. Porque vocês fazem sempre atividades, vocês andam sempre com eles de um lado para o outro, vocês andam sempre... eu acho que não. Eu acho que realmente... O espaço também não é muito tempo, das 9 às 17h... eu acho que dado o tempo que vocês têm, eu acho que não mudaria, o que é que eu ia pôr?

**E** – Por exemplo, se fosse alargar até mais tarde, imagine ele sair daqui às 18h ou por aí, acha que faria sentido ou não?

**e:** Não, não, porque é assim ele tem de ter aquele espacinho também na casa dele, porque ele não está inativo. Ele gosta... ele vai daqui, ele gosta...vai ver os animais, não vai fazer nada, mas vai ver as galinhas, vai ver as cabrinhas que a gente tem lá e os cães do meu filho da caça e ele gosta de ir, depois se não tem tempo, também começa... percebe?

**E** – Acha que é importante continuar a manter tempo para a casa e a família?

**e:** Eu acho que sim. No caso que é um Centro de Dia e não é um Lar, obviamente. Eu acho que sim.

**E** – E ao nível do feitio? Eu tenho sempre esta curiosidade em relação aos idosos, porque nesta fase muitos deles tornam-se muito gratos, porque precisam de ajuda e nós estamos constantemente a apoiar no que é necessário e então a maioria fica sempre com um sentimento de grande gratidão para connosco, paparicam-nos, mima-nos, porque nós andamos por perto. Fico sempre com esta curiosidade se em relação ao feitio eles sempre foram assim.

**e:** Foi.

**E** – Claramente se percebe que o Sr. Jaime sempre foi uma pessoa humilde, mas mais traços do feito dele... era teimoso?

**e:** É um bocadinho teimoso... é um bocadinho teimoso com a família, connosco, não é? É um bocadinho teimoso...

**E** – Aqui connosco não, é diferente lá está...

**e:** Ai ele adora vocês “Ai aquelas moças, aquelas moças!” ele adora vocês.

**E** – Viver em grupo é diferente, não é a nossa família nem a nossa casa...

**e:** Mas nós, connosco família ele é um bocadinho teimoso, mais com a minha sogra ainda, ai então é muito teimoso.

**E** – É um marido teimoso?

**e:** É.

**E** – Mas como avô não?

**e:** Não.

**E** – E exigente? Ele sempre exigiu do seu marido, como é que foi a educação que lhe deu, foi mais liberal?

**e:** Não, não ele não era exigente. O meu marido sempre se governou muito à maneira dele, aliás o feitio do meu marido é mesmo assim, tudo à maneira dele, não... Tanto que pronto, ainda ele ainda é vivo (Sr. Jaime) e tá ai como você sabe e o meu marido é que já decide tudo ali em casa, na horta, naquelas coisinhas, no que manda fazer, no que manda tirar e manda pôr, pronto.

**E** – Ele nunca foi uma pessoa exigente, nem autoritária?

**e:** Não, é ela mais que ele.

**E** – A D. Ester é mais...

**e:** É mais que ele.

**E** – Fechada não é?

**e:** É muito fechada, é outro feitio.

O meu sogro para mim tem sido uma pessoa espetacular.

**E** – Tenho essa ideia dele de ser uma das pessoas mais tranquila que eu aqui tenho. Para ele está sempre tudo bem. Hoje por exemplo, é dia um e eu fui-lhes dar o “Bom dia” e disse que houve um problema na cozinha e que só íamos ter sopa e ele disse: “olhe, põe-se um pãozinho dentro da sopa” [risos] “pois, se a doutora diz que não, que é que a gente pode fazer?” disse assim alguém: “Não vê que é dia das mentiras e ela está a mentir à gente?” e ele: “Ai já tava a ver que ia apanhar uma barrigada de fome!” Mas não ia dizer, pronto, se aconteceu o problema, aconteceu, a gente respeita.

Eu noto que ele é uma pessoa tranquila. Não deixa que lhe passem à frente, ou seja, não o enganem, não o façam de parvo. A jogar ali na jogatana, qualquer dia... olhe não sei [risos]. Mas é amigo não é? Nota-se ali.

**e:** É, é.

**E** – E mesmo aqui em relação a um ou outro camarada que ele conhece, estão sempre a conversar muito.

**e:** Sim, sim. Ai, não! Isso para conversar. Quando ele conhece alguém é... ele é amigo, é uma pessoa que é... de bom de lidar.

**E** – Mais alguma coisa que se lembre e que me queira dizer do Sr. Jaime?

**e:** Assim de momento também não, pois... mais ou menos já fiz assim um resumo.

**E** – Uma mini história.

**e:** Pois é isso.

**E** - E eu agradeço.

## **Entrevista 7**

**Dia:** 31 de Março de 2015

**Hora de início:** 12h15

**Hora de fim:** 13h00

**Local:** Jardim Municipal de Tavira

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** M<sup>a</sup> João

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – Obrigada por ter aceitado fazer parte do estudo. Toda a informação que me der é anónima, portanto, eu alterarei os nomes, conte com o sigilo. O que eu pretendo com este estudo é conhecer melhor a sua mãe, eu conheço a D. Arminda do Centro de Dia mas não conheço a sua mãe, história de vida dela. Partilhe comigo, o que se lembre dela, uma mini história dela, quando casou, os filhos, tudo isso, um bocadinho dela, quem foi a sua mãe.

**e:** A minha mãe foi uma mulher lutadora, trabalhadora, sempre. Ela, desde que este irmão nasceu, também é o que uma pessoa se lembra mais não é? Porque quando ele nasceu eu tinha 11 anos, pois a pessoa até ai não...

**E** – Não tem lembrança.

**e:** Mas a partir daí começava o conflito, às vezes, quando começou a crescer e a andar na escola, ele vinha com queixinhas, sempre, sempre, sempre e a minha mãe sempre defendeu o filho, sempre! O filho nasceu doente, o filho tinha problemas e ela sempre a defender o filho. Ela se pudesse ir contra mim e o descansadinho do meu irmão e o meu pai, ela ia sempre contra a gente para defender o filho, eu acho normal...

**E** – O seu irmão que faleceu era mais velho?

**e:** Mas eramos muito... tínhamos pouco tempo...

**E** – De diferença.

**e:** Sim. E ele às vezes ia lá a casa e queria chamá-la à atenção, queria... mas ela não o deixava. A minha mãe não deixava, porque na escola dos Estorninhos as crianças iam à escola, se fosse cá em Tavira se calhar as coisas tinham dado outra volta logo com o meu irmão nessa altura.

**E** – Em que é que a sua mãe trabalhava?

**e:** A minha mãe trabalhava no campo.

**E** – Toda a vida?

**e:** Sim. Trabalhou sempre no campo e gostava muito de trabalhar no campo mesmo agora quando ela podia mesmo mal, ela preferia que nós fossemos com ela um pedacinho ali à terra para ver, para ver as coisas, ela gostava muito.

Acho que o pai dela era um grande agricultor e levou os filhos nessa altura sempre a trabalhar para o campo. Sempre trabalhou no campo e era o que ela gostava de fazer e depois eu cresci, às vezes eu ficava em casa, eu fazia as coisas da casa, o almoço, limpava a casa para ela ir para o campo com o meu pai.

Depois o meu pai foi para França e ela ficou cá e foi assim. Depois veio este filho que eles já não esperavam este filho.

**E** – Ela sempre morou nos Estorninhos?

**e:** Sempre. Sempre morou nos Estorninhos. Mas sempre foi uma mãe amiga da casa, da família, sofreu muito da morte do meu irmão também. Ela, eu... todos... [choro emocionado]...

Isso abalou logo muito a minha casa e a minha família e os problemas da doença do meu irmão.

Ela tem sido uma mãe muito sofrida, mas era muito brincalhona mesmo às vezes agora já depois... ela não sei se já tinha a reforma, mesmo com a reforma ela dava tudo ao filho, às escondidas, dava tudo, tudo. E chegou a ir trabalhar pessoas, agora antes da crise, pessoas que ia lá buscar, pessoas para trabalhar, ela ir buscar, ela vinha trabalhar já com muitas dores, que ela sempre teve muitas dores. Teve uma ciática, que eu me lembro, ela tar muito mal com uma ciática que nem na cama dormia, gritava com dores que nessa altura não havia tratamento para a ciática. Depois ela ia trabalhar para dar dinheiro ao filho, o filho vinha, o filho andava numa bicicleta motorizada nessa altura, vinha, dava-lhe dinheiro. A gente zangava-se com ela, ela ficava em baixo “e você não vê que não é assim, que não é para isso? E você não vê que não é assim?” mas ela não via nada. Depois muitas das vezes eu sabia que ela também sofria com isso e às vezes ela virava-se já contra ele ou porque achava já uma coisa por demais, ou ele ameaçava-a, não sei...

Depois eu também andava a trabalhar, antes da minha netinha nascer e também já tinha muito medo de ele ficar em casa com ela, porque ela não podia e foi aí que eu vi que a cabecinha dela já ia para baixo, para baixo...

Antes de ela partir a perna e o pulso, eu via de manhã, antes de lhe ir dar os medicamentos, eu via que ela ficava parada olhando para as paredes e dizia-lhe “Oh mãe, então já tomou o pequeno-almoço para lhe dar os medicamentos?” – “Já vou”- Mas eu ia lá a casa e vi-a, ela levantava-se da cama e ficava parada olhando para as paredes e aí via que a cabecinha dela ia enfraquecendo já, derivado a esta situação toda, toda que tem sido, tem sido a vida toda de sofrimento. ... a morte de um filho...

Mas ela quando trabalhava toda a gente dizia que ela era muito brincalhona e que dizia graças, mas os desgostos é que a fizeram assim...

**E** – E as relações com os vizinhos, amigos... Como é que é lá nos Estorninhos?

**e:** Ela sempre teve relações boas e más não sei se estava mal com alguém. Sim com os vizinhos sempre teve relações boas, acho que sim. Acho que não tava mal com ninguém, que eu pense acho que não, que eu

esteja a ver. Às vezes havia lá certas desconfianças que dizia assim “Fulano assim...” e eu lá corrigia “Mãe não é assim, a gente não deve julgar os outros, a gente assim, a gente assado”.

Cuidou de um tio que cegou, de um tio do meu pai, ela cuidou dele e depois também via-se que não tava satisfeita, porque depois foi quando morreu o filho e ela a cuidar daquele homem já velho e cego.... via-se que ela também tava forçosa nessa altura e que tínhamos de lhe dar apoio.

E com a mãe dela também tinha um desgosto com a mãe, porque morava ao pé dela e era um pouco caprichosa e houve uma altura que tiveram assim um relacionamento não tão bom e que a minha avó pôs termo à vida e ela ficou com grandes remorsos, que nessa altura não tava muito bem com ela.

**E** – Então neste momento quem é que vive com a sua mãe?

**e:** Quem vive com a minha mãe é o filho e o marido, ali naquelas casinhas deles e eu na minha casa ao lado onde a doutora, não sei se reparou, que eu fiz casa nova que era a mesma planta com a da minha mãe que era da minha avó, mas nós deitamos a baixo e construímos aí...

**E** – E ficaram ao lado uns dos outros.

**e:** E ficamos ao lado, sim.

**E** – Quando é que começa a perceber que a sua mãe precisa de apoio do Centro de Dia ou de outra pessoa, de outra entidade. Quando é que começa a perceber isso?

**e:** Comecei a perceber antes... fez um ano no Natal que ela caiu e partiu a perna e o pulso e aí antes, era como eu estava a dizer Dr.<sup>a</sup> Nilza, aí antes um pouco antes, que eu ia para lhe dar os medicamentos de manhã quando ela se levantava. Ela antes levantava-se, tomava o pequeno-almoço e coiso... e aí eu vi que ela já não tomava, quando eu ia para lhe dar a medicação, eu vi-a sentada por trás da porta e olhando para as paredes e olhando, antes de ela cair de ter este acidente. Eu dizia-lhe assim “Mãe, então ainda não tomou o pequeno-almoço para eu lhe dar os medicamentos?” – “Já vou” e depois lá vinha, fazia o pequeno-almoço, tomava e depois eu lá lhe ia dar os medicamentos.

Eu penso que ela aí quando caiu, ela veio da minha casa já de noite, andando mal como ela sempre teve dores. Veio da minha casa e ali na rua, foi à casa de banho dela e caiu e partiu a bacia e o pulso. Eu por vezes penso como ela teve mal no hospital da falta de memória, eu penso que aí já seria alguma falta de memória quando ela caiu. Podia não ser, porque no hospital quando ela teve falta de memória que dizias coisas não tão acertadas disseram que havia muitos velhotes que vão para o hospital e que ficam assim. Que o andar na maca de um piso para o outro e aquilo tudo mexe muito com eles, há muitos que ficavam assim e que depois voltavam à normalidade, que a minha mãe veio de lá e quando veio aqui para os cuidados...

**E** – Continuados?

**e:** Continuados em Tavira ainda teve algum tempo assim baralhada e depois foi melhorando e quando foi então para o Centro de Dia... depois daqui foi para casa.

**E** – Depois da unidade de cuidados continuados foi para casa?

**e:** Foi para casa.

Depois como a vida não tava bem e com os problemas do meu irmão, a Dr.<sup>a</sup> Dulce ia com o enfermeiro Pedro foram lá a casa e depois viram um papelinho, que até foi o meu irmão que levou lá para casa, ou fui eu que mostrei à Dr.<sup>a</sup> Dulce ou foi ela que viu e ela disse “Oh D. M<sup>a</sup> João e se a gente visse este Centro de Dia para a sua mãe?” e eu disse-lhe “Sim, eu achava que sim, que seria bom.” – “Porque isto é muita carga para si e vamos ver este Centro de Dia para a sua mãe, quer que eu veja ou você vê? Se calhar seria melhor eu ver” e eu disse: “Sim, seria melhor a doutora ver”. E ela depois ligou e falou... Entrou em contacto com a Dr.<sup>a</sup> Nilza e depois foi tudo fácil.

**E** – A sua mãe aceitou bem a ida para o Centro de Dia?

**e:** A minha mãe quando eu lhe falei logo nisso, eu achei que se calhar não, e mesmo o meu pai no dia que fomos lá visitar, achei que eles não estavam assim muito conformes, mas depois de irmos lá ficaram com uma ideia completamente diferente.

**E** – Foram vocês que tomaram a iniciativa, mas a sua mãe que concordou ir para o Centro de Dia. Como é que foram os dias antes de ela ir? Ela estava nervosa, não estava?

**e:** Se calhar estava assim um bocadinho inquieta sim, aquilo mexeu um pouco com ela mas eu acho que daquele dia que foi lá e que viu aquilo, acho que ela já ficou assim “Ah!” [expressão de espanto].... [risos].

**E** – Ficou espantada [risos]. Depois acha que ela se adaptou bem?

**e:** Acho que sim, não acha Dr.<sup>a</sup> Nilza?

**E** – Acho.

**e:** Acho que sim.

**E** – Acho que sim.

**E** – Há uma grande diferença e é disso que quero me explique, portanto, ela integrou-se bem, adaptou-se bem no Centro de Dia e os familiares? Por exemplo o seu pai, você, o seu irmão, são as pessoas que estavam mais de perto e habituados a tê-la ali convosco o dia inteiro. Como é que se adaptaram ao facto de ela estar no Centro de Dia?

**e:** Olhe o que eu acho no meu ver é o meu irmão, em princípio, ele para o bem da mãe também gostava. Ele tem aquelas horas que... que... calhando diz tudo, e asneiras e não sei quê, mas tem outras horas que sim, olha pela mãe, como veio com o papel além da filha da D. Adelina e trouxe, que ela tinha dito que era bom para a mãe e não sei quê. Tem aquelas horas boas e tem aquelas horas más, quando quer e quando precisa, e numas horas diz “E a mãe não vai pra lá!” e tem outras horas “sim vai...”, Acho que é quando quer o dinheiro, quando precisa do dinheiro “o que é que você vai para lá fazer e não sei quê”.

O meu pai também ficou contente, basta quando foi lá, também veio logo com outra ideia daquilo.

Mas agora as conversas por fora acho que há muita gente às vezes que ou não pensam tão bem ou que não sei, que ele eu sei que ele anda por fora e depois vem e diz-me assim: “aquilo lá devia ter um médico e que não sei quê” e eu “oh pai, para o dinheiro que se paga, e vêm a casa...” lá entra outra vez. Mas isto tudo faz parte talvez do que falam por fora e da cabecinha dele.

**E** – E você como é que se adaptou?

**e:** Eu muito bem.

**E** – Ficou mais tranquila?

**e:** Mais tranquila e eu só tenho pena de uma coisa, de não ter... de não poder vir mais vezes ali [choro].

**E** – Você vive com ela não é? Não é propriamente uma filha que esteja longe.

**e:** Eu vivo com ela, as minhas filhas dizem que eu só vivo para a minha mãe e é.

Agora quando fiquei mal do meu joelho, eu fiquei aflita, eu fiquei tão aflita. Eu fiquei tão mal do joelho e fiquei aflita, porque a minha mãe não tomava um comprimido sem eu ver [choro]. Um comprimido e eu tinha que vir ver, o meu pai dava mas eu tinha de ir ver se tomou, se esqueceu... os cuidados são tantos [choro]...

**E** – Que quando ela esta connosco, você fica mais descansada?

**e:** Sim.

**E** – O facto de você não ir lá muitas vezes, vamos por partes. Você vive com a sua mãe, você está com ela todos os dias, só não está no Centro de Dia e sempre que pode participa nas atividades abertas aos seus familiares, quer dizer, não é propriamente uma filha ausente, você mora com ela.

**e:** Sim, eu vejo por exemplo, os meus sogros, a minha cunhada, o meu marido. Eles são filhos completamente diferentes, completamente diferentes. Eu não me considero a pessoa melhor do mundo. Mas será derivado ao sofrimento da minha mãe ou dos meus pais que eu sou assim? Não sei. Porque ela começou a precisar sempre de mim e como ela é tão sensível às coisas, tão frágil, tá tão frágil que ainda há dias, quando eu fui ao médico de família para ele me passar a carta para ela não ir ali ao Ministério Público, ele disse-me “A sua mãe tá muito frágil” – “eu sei Sr. Doutor, porque eu trato dela, eu vejo, eu sei”.

**E** – Claro.

**e:** Também já sou médica dela [risos].

**E** – [risos] há muitos anos não é? E a relação dela com os seus... quantos filhos tem D. M<sup>a</sup> João, desculpe?

**e:** Filhas. Ela ajudou-me a criar as minhas filhas. A minha mãe ajudou-me a criar as minhas filhas.

**E** – São duas não é?

**e:** Sim. Ela é que ficava com elas para eu poder ir trabalhar, para eu ir trabalhar. Ela...a minha mãe ajudou-me sempre muito, muito, muito. Eu sofri... às vezes tenho enxaquecas, até vomito com dores de

cabeça, e a minha mãe tava sempre lá. Quase que sem subir as escadas ela “Maria, já comes-te? O que é que queres que eu faça, o que é que queres assim....” sempre, sempre, sempre.

**E** – E ela dá-se bem com as netas?

**e:** Sim.

**E** – E desde que ela foi para o Centro de dia a vossa relação família, portanto, você, o seu irmão, o seu pai, as suas filhas, ela só tem duas netas não é?

**e:** As minhas filhas... derivado a esta situação... também... parece que tão um pouco...

**E** – Cansadas?

**e:** Cansadas, acho que sim.

**E** – Como é que vocês todos se dão com ela, portanto, como é que esta a vossa relação com a D. Arminda desde que ela está no Centro de Dia? Está igual, houve melhoras, não nota diferença?

**e:** Pois, a gente na minha casa é assim, quando fazíamos um jantar ou uma festa ou uma coisinha sempre távamos juntos e muitas das vezes eu já evito essas coisas derivado ao meu irmão porque armava problemas. Eu se fazia uns anos não o podia chamar porque depois bebia e armava barulhos...

**E** – Ele tem esquizofrenia não é?

**e:** Eu acho, não tá bem detetado porque eu tenho relatórios médicos da psiquiatria de Faro que dizem que sempre que ela levou-o para lá do hospital...

**E** – Psiquiátrico?

**e:** Não, do outro. Porque sempre que o via lá bêbado, caído, sempre com acidentes e ela depois como tava de banco naquele hospital passou-lhe a marcar consultas no de psiquiatria. Depois ela é que tratou muito dele, no de psiquiatria, onde ele já esteve muitas vezes internado, mas depois quando fez algumas desintoxicações ficou um pouco melhor e não tem ido tanto à psiquiatria a Faro, agora já não é ela que está a tratar dele. Agora tenho uma carta com uma consulta, não sei se é em Abril, aqui em Tavira com um médico que vem de Faro.

**E** – No Centro de Saúde?

**e:** No Centro de Saúde. A ver se não me esqueço para vir com ele. E então tenho evitado certas coisas derivado a isso, porque depois bebia e havia problemas com o meu marido e com ele ou porque fez e as minhas filhas não gostaram ou porque... e às vezes há menos coisas dessas na minha casa derivado a isso.

**E** – O que é que mudou na sua perspetiva desde que a sua mãe está no Centro de Dia? Várias dimensões, sei lá, saúde, por ai fora, o que é que mudou? Olhe para a sua mãe antes e olhe agora. O que é que mudou?

**e:** Sim. Eu tou muito contente da minha mãe estar ali no Centro de Dia, muito satisfeita só acho que é preciso mesmo ser cego para não ver... porque os homens são os homens, não entendem aquilo que a gente passa, o que a gente sofre, não vêem... por exemplo o meu marido não dá valor aquilo que eu faço ou aquilo que eu tou a passar. Ainda há bocado tive a falar disto com a doutora, porque ele era para ver que eu tenho uma fase má na minha vida, com o que tenho as minhas costas, as preocupações, mudou já que... pronto já com a roupa eu tenho muito trabalho porque são três pessoas ali na casa da minha mãe, a cama, ela já me tem falado às vezes na roupa em deixar lá “oh mãe mas pagasse mais”...

**E** – Não paga não. Você pode mandar a roupa toda dela que é um serviço que está incluído e a gente trata da roupinha toda dela. Mande tudo. Está no contrato que você assinou que esse serviço está incluído, o tratamento de roupas, e nós vamos gerindo a roupa.

**e:** Pois, eu para mim tou muito mais folgada, não tem comparação. A minha mãe vai para o Centro de Dia e eu fico com a minha cabecinha leve quando ela abala, porque eu faço qualquer coisinha na minha casa e as minhas filhas dizem-me isto “Mãe, tu fazes qualquer coisinha, tás à da avó, fazes uma coisinha, tás à da avó”.

Agora quando eu dei cabo do meu joelho eu fiquei aflita, que não podia ir ver, que não podia... porque o meu pai podia-se esquecer e porque não fazia confiança já no meu pai.

**E** – Principalmente por causa da toma da medicação não é?

**e:** Sim, sim.

**E** – Para si foi um alívio não é, e está muito mais tranquila, para ela o que é que mudou? Compare a sua mãe antes do Centro de dia e agora quase mais seis meses depois dela lá estar. O que é que mudou na D. Arminda?

**e:** Na minha mãe também, ela gostava de se apresentar e pôr-se bem quando saía de casa, lá no campo as coisas eram diferentes mas não tínhamos cuidados. Se a minha mãe tivesse em casa eu não tinha possibilidades de lhe tar dando banho constantemente, nem condições de lhe tar dando banho. Onde eu acho que... estou muito feliz por isso... porque eu não gostava de ver a minha mãe...[choro]...

**E** – Sem os mínimos cuidados é isso? Então acha que ao nível da higiene e da imagem, mudou muito?

**e:** Sim, também. E ela mesmo preocupa-se, vejo que ela também se preocupa “tal dia...”. Agora já não queria porque tava com muitas dores e agora dizia “elas querem que eu dê banho sempre, mas eu tenho muitas dores não tou capaz”. Mas antes de isto acontecer agora ela era “tal dia é o banho e tal dia é o banho” já notava que ela tinha uma preocupação. Agora também me começou a falar no cabelo, nas unhas... ela tem ali umas unhas que tão doentes. Eu também tenho duas do meu pé que também tão doentes e tou a pôr um produto e também lhe tenho posto agora de vez em quando nela para ver se melhora.

**E** – Ainda hoje estiveram lá as manicuras e estiveram a tratar dela. Mais, mais mudanças. A cabeça, como você costuma chamar? Melhorou ou não?

**e:** A cabeça também acho que sim. A cabeça da minha mãe também melhorou, sim e se tivesse em casa só ia piorar. A minha mãe o dia todo a ouvir aquilo é... é o filho, depois já é o pai com o filho e depois já sou eu que me meto também...

**E** – Fazia-lhe mal todo esse atrito não é?

**e:** Infelizmente, infelizmente infelizmente é assim. Não é o que eu queria, nem o que eu gostava, e sinto uma dor tão grande de ter que percorrer certos lugares e certas coisas...[choro]...

**E** – A gente não escolhe não é...

Uma última pergunta D. M<sup>a</sup> João, pense um bocadinho que há certamente qualquer coisa que você mudaria. O que é que você mudaria no Pontão? No Centro de Dia? Faz de conta que tem carta-branca para fazer o que quer hoje, que é que fazia lá? O que é que mudava?

**e:** Silêncio... [risos]

**E** – Nunca ninguém me responde a esta pergunta à primeira... [risos] é bom sinal.

Vamos por partes, está satisfeita com a alimentação?

**e:** Eu acho que sim.

**E** – Ela não reclama?

**e:** Ela não reclama não.

**E** – Com as atividades?

**e:** Também não. Ela há dias disse-me assim, é quando ela tem a cabecinha mais em baixo “hoje fizeram lá não sei o que foi e chamaram-me para ir a fazer e eu não quis ir”, e eu “então não foi porquê mãe?” – “acho que elas ficaram zangadas comigo”.

**E** – Ai, não ficaram nada!

**e:** - “Mas ainda me deram uma flor” [risos] E ela trouxe-a, tem-na lá.

**E** – Houve um baile na passada quarta-feira e no dia antes do baile, fizemos um baile da primavera, fizemos umas flores com uns materiais para cada um ter uma flor e dissemos se ela queria fazer connosco, e ela disse que não, mas nós fizemos a flor para ela obviamente [risos].

**e:** Foi, foi isso que ela me disse, às vezes ela já não me dá contado tudo, às vezes já não dá.

**E** – Mas também ela teve quase 15 dias sem lá ir não é? Teve muito tempo em casa, o que para ela a desgasta muito.

Mais, com o transporte? Está satisfeita com o transporte?

**e:** Isto do Centro de Dia, no dia que fui com ela à consulta, eu sabia a Dr.<sup>a</sup> Nilza tinha-me explicado, mas eu também com estes trabalhos todos na cabeça...

**E** – Esqueceu-se?

**e:** Eu não me esqueci, sabia que poderíamos mas não sabia que tinha de ser com uns dias com antecedência nem nada disso. Mas lembrava-me do transporte, só que ela, como eu tenho ido com ela as consultas, ela quer que eu vá com ela porque eu já houve uma altura que estava ali e ela precisava de ir ao médico e eu disse assim “Oh mãe eu não tenho transporte, e se eu falasse ali com o Pontão e fossem dali consigo?” – “Pois, mas eu estou habituada a ir contigo e depois como eu não tenho transporte para ir...” Mas naquele dia que foram lá vê-la e eu falei isso com ela já lembrando-me porque eles coitaditos não têm dinheiro, aquele filho consome tudo e pagou-se muito dinheiro de ambulância, os bombeiros daqui de Tavira e despejam-nos lá e não esperam, vêm e paga-se 70€.

**E** – Só de ida?

**e:** Só de ida e depois temos de pagar a viagem deles para cá. E nós não viemos. Foi sessenta e tal, quase setenta.

**E** – Pois assim mais vale pedir a nós, está bem....

**e:** Pois é, é isso.

**E** – Nós já sabe... está feito no regulamento, já sabe como funciona. Não podemos... se for com antecedência, claro que sim, vamos com ela à consulta e podemos acompanhá-la apesar de ela preferir a si, levamo-la a si também.

**e:** Sim, claro.

**E** – Se for ao médico ou ao Centro de Saúde na Conceição ou em Tavira, igual, está bem? Na Conceição não tem qualquer preço, a Tavira são 5€, ida e volta com acompanhamento e ao hospital de Faro igual. O que não fazemos, porque não podemos é, imagine que a sua mãe se sente mal e eu preciso de chamar o INEM, eu não posso ir acompanhá-la e nem posso pedir a nenhuma das funcionárias que vá por duas razões. Primeira porque depois não tenho como trazer a funcionária de volta e segunda porque claramente o acompanhamento hospitalar é feito pela família e ainda bem que a D. Arminda tem família. Portanto, isso é o que nós não fazemos mas entraríamos logo em contacto consigo para lhe dizer “olhe a sua mãe, ela não está bem vamos chamar o INEM, prepare-se para depois ir até Faro”.

Está satisfeita com esse serviço de nós a acompanharmos?

**e:** Sim, sim (suspiro de alívio), sim... Fiquei muito satisfeita, porque naquele dia logo calhou chover tanto na hora que ela entrou na carrinha. E eu, como ela tava com dores dos ossos partidos, quase que nos molhámos todas, mas digo eu assim o rapaz ir esperar por a gente, isso deixou-me... (suspiro de alívio) ...

**E** – Aliviada?

**e:** Aliviada e por 20€... E a preocupação de eu tar a ligar e não encontrava na cruz vermelha, não encontrei, tive que depois ligar para os bombeiros de Tavira...

**E** – Quando for assim fale connosco. E as carrinhas acha que são boas?

**e:** Eu acho que sim [risos].

**E** – Outra coisa você e os seus familiares sentem que o Centro de Dia tem a porta aberta, entram quando querem, estão à vontade, sentem-se lá bem, como é que é?

**e:** Acho que sim. Não tenho nada a apontar.

**E** – Nem nada para melhorar? [risos]

**e:** Pois... pois não... [risos] Eu vejo a minha mãe contente, vejo a minha mãe satisfeita. Eu quando vou lá também... toda a gente me escuta bem, boas condições... Para mim acho que está tudo... olham pela minha mãe, tratam-na com cuidado, eu fico aliviada quando ela vai para lá.

Tenho descansado, porque sou sozinha a olhar por ela não é? Sou sozinha, quer dizer, pois aquela preocupação mais quem tem sou eu, derivado de tantos problemas que temos. Mas tou, tou satisfeitíssima!

**E** – Ainda bem, obrigada.

**e:** De nada.

## **Entrevista 8**

**Dia:** 12 de Março de 2015

**Hora de início:** 14h30

**Hora de fim:** 16h05

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Ana M<sup>a</sup>

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

**E** – O objetivo é nós conversarmos sobre quem foi a sua mãe. Quem era a D. Luísa antes de qui chegar e porque é que aqui chegou, e como é que ela é hoje? A ideia é percebermos o antes e o agora, como é que era antes e como é que chegou até aqui ao Centro de Dia. Portanto, para começar peço-lhe que me fale da sua mãe, um bocadinho da história de vida dela, uma coisa abreviada mas que eu consiga perceber quem era a D. Luísa do antigamente, que você se lembra, as primeiras imagens que tenha, como é que você se lembra da sua mãe antes.

**e:** Pois, a minha mãe foi sempre uma, como é agora, uma pessoa muito moderna, mesmo na altura com muitas dificuldades, mas foi sempre uma pessoa que viveu sempre bem e sempre que gostava de estar bem. Viveu sempre com a minha avó. Era uma menina, a menina da mamã.

**E** – [risos]

**e:** Ela não... pronto fazia muito pouco, a minha avó é que tratava das coisas. Depois quando casou, ficou a viver com a... pronto ela casou, ficou a viver lá com a minha avó, até, até a minha avó ir embora, eles morrerem.

Ficaram lá na casa. Como o meu pai... pois eles eram um casal, que eu acho, acho como filha, que eles se entendiam muito bem. Portanto, tinham as discussões, que é normal num casal se não houver também não tem... é que as coisas também não estão bem.

Mas, era assim, a minha mãe estava sempre em desacordo do que o meu pai queria, era só o grave problema. E... o meu pai, eu puxei muito mais ao meu pai, não é? E... e... o meu pai entendia que queria aquilo e ele é que sempre trabalhou, ele é que... o meu pai sempre trabalhou, a minha mãe nunca trabalhou, ficou sempre em casa. Só que depois, aquilo havia depois logo “ravesanas” (calão – discussões) e aí ela depois já tava de acordo.

**E-** Ela cedia?

**e:** Ela era só para...acho que era só para contrariar. Tinha que ser como ela queria e não como o meu pai queria. Portanto, mas a partir daí, até eu achei que eles eram felizes, até uma altura, depois começaram a desentenderem-se e já havia muitas discussões. O meu pai depois metia-se na bebida, e era aí que começava.

Eu como filha, sou eu e o meu irmão, claro, mas eu e depois quando casei, saí, não é? Não fiquei com eles. Mas qualquer... qualquer coisa que acontecesse em casa iam chamar a Ana M<sup>a</sup>. Portanto, eu vivi, o mesmo que a minha mãe viveu.

**E** – Esteve sempre lá?

**e:** Estive sempre presente. Eu, e depois a minha filha, porque a minha filha ia sempre comigo, não é? O meu marido, portanto, eu às vezes até digo “eu nunca vivi a minha vida, eu...”...

**E-** Viveu sempre a vida deles?

**e:** A vida deles. Em minha casa não tínhamos problemas e tínhamos muitos problemas com a minha mãe e o meu pai. Depois eu ficava triste, e aquilo tudo era... a minha filha e ainda hoje ela tem sempre aquela mágoa, por causa de ... de ... gostava do avô e gostava da avó... ele depois tinha ... ele era uma pessoa que dava tudo. O meu pai vivia... pronto na altura haviam dificuldades, não é? Não era miséria, miséria. Na minha casa, nunca se... fomos sempre remediados, porque o meu pai foi sempre uma pessoa que trabalhava, ele pegava em tudo e ultimamente ele até foi para a Holanda trabalhar na plataforma, portanto ganhava muito dinheiro. Mas também se ganhava muito, muito gastava. E era assim... a minha mãe depois ainda foi à Holanda de avião, coisa que eu nunca fui [risos]. Ela foi, mas chorava e pateava, bem... aquilo mesmo lá se zangavam, porque ela queria era vir, para cá porque se lembrava da neta e “tadada tadada tadada tadada”.

**E** – Tinha saudades vossas?

**e:** Era sempre essa... Entretanto, ele depois veio. Ele sempre foi de ter muitas amizades. Tanto era com mulheres, como era com homens. Eu nunca dei por o meu pai ter assim amantes, nem nada disso, eu não, eu achava que o meu pai não era nada disso. Só que chegou a um ponto que ele tinha uma amizade assim, muito ligada também à minha mãe, e almoçavam, e jantavam e eu não gostava, não gostei dessa...

**E** – Amizade...

**e:** Portanto, eu nunca assisti a nenhuma, nunca fui lá... e atão a partir daí foi quando a minha mãe, foi quando a vida dela deu uma grande volta.

Ela tinha 30 anos de casada, quando o meu pai a deixou, nessa altura... agora já é, agora já não se estranha, que as pessoas se ...

**E** – Se deixem?

**e:** Pois, mas na altura, aquilo foi muito...

**E** – Foi há quanto tempo, foi em que ano lembra-se?

**e:** Ora... ora... a minha Catarina era pequenina... não sei... foi em 75, 77... sei lá...

**E** – Foi antes dos anos 80?

**e:** Foi, foi.

**E** – Ela divorciou-se mesmo, não foi?

**e:** Pois, mas aí foi o grave problema, porque depois o meu pai pedia-lhe o divórcio e ela entendia que não lhe havia de dar, e eu sempre no meio. Depois vinha o meu pai, depois ela não queria que eu falasse com o meu pai, portanto, era aquela coisa. Só me queria para ela, que eu tratasse dela. Portanto, ela quando depois o meu pai se separou, teve sempre comigo. A partir daí, teve sempre ...

**E**– Ela viveu sempre consigo?

**e:** Ela não vivia comigo, mas eu é que vivia mais, só não dormia em casa. Portanto, ela depois foi trabalhar lá para o snack-bar, porque ela não tinha rendimentos nenhuns e começou a trabalhar e a descontar para poder ter uma reforma e depois foi pelo meu marido que ela teve a reforma.

Depois houve aquela parte em que eles punham-se bem, depois deixavam-se outra vez e... andavam só naquilo. E, eu dizia-lhe “mãe deixe-se estar sossegada, e ela -“ah! Mas ele agora vem mudado” e perdoava-o. Depois ia para casa e aquilo não durava uma semana e pimba outra vez. E foi o que eu conheci da minha mãe, estes problemas. E depois agravava-se a situação de saúde, problemas de coração, problemas... e aquilo agravou muito.

Depois a parte do divórcio, ela ... o meu pai depois pedia-lhe o divórcio e ela entendia que não. E eu disse-lhe “Oh mãe pois se você não quer tar com ele, pois dê-lhe o divórcio”, e ela nunca ouviu o que eu lhe dizia, nunca, nunca, nunca. Havia sempre (...) eu acho que a partir dessa altura, eu não havia um dia que eu tivesse bem, e sempre problemas, sempre, sempre, sempre, sempre, porque depois fiquei dividida.

**E** – Pois...

**e:** Eu gostava do meu pai e gostava da minha mãe.

**E** – Claro!

**e:** Eu gostava muito do meu pai... e a partir daí, olhe...

**E** – Foi complicado para si?

**e:** Foi complicado de gerir, muito, muito...

Depois ele foi-se embora, não sabíamos dele. Fomos à procura dele, corremos tudo e não sabíamos onde é que ele estava. Ao fim de alguns anos é que houve uma pessoa que me disse... e lá foi a Ana M<sup>a</sup> a ver se o encontrava. Em todo o lado que via, ou via televisão e isso e tava sempre a olhar a ver se via o meu pai. E, então, encontrei ele.

Ele tava muito magoado, ele telefonava-me e dizia-me muitas asneiras, muita coisa, ofendia-me em relação à minha mãe, porque eu dava apoio à minha mãe. E eu dizia: Pai o que é que quer que eu faça? Pois sabe que a mãe é assim, eu tenho que lhe dar apoio (suspirou) e... depois, depois fui ao pé dele e disse-lhe “Ah! Veio para o fim do mundo pai”, e ele respondeu-me “não, não estou no fim do mundo, tu deste comigo é porque não tou no fim do mundo”.

**E** – Pois [risos]

**e:** [risos] “seu mal-agradecido” [risos] e pronto, depois começou a vir os natais à minha casa, depois ela não queria estar sentada à mesa com ele, depois... ah... isto a minha vida faz... ah... eu até... eu até me quero esquecer, aquilo foi umas páginas da vida que eu...

**E** – Pois... andou sempre balançada entre um e outro?

**e:** Sempre, sempre, sempre, sempre...

**E** – Porque estamos a falar que a sua mãe viveu sempre em Cabanas, não é? E dum divórcio, por assim dizer, há muitos anos atrás, que era uma coisa que não era normal...

**e:** Não, não... e ela muito menos, porque toda a gente conhecia o meu pai e a minha mãe e eles davam-se lindamente. Onde ia um ia o outro, sempre a passear. Era ao ponto deles, por exemplo, zangavam-se, havia uma grande discussão, um muito coiso e lá me iam chamar. Eu vinha, eu depois chegava lá com a minha Catarina... pra pronto... aquilo era... se fosse preciso ao fim de passar aquelas horas, o meu pai dizia-lhe: - “vamos além” e ela ia de mota e ele e abalava. E eu ficava doente com a apoquentação que apanhei e ela ia e eu “olha isto é que é bonito”.

**E** – Eles iam felizes da vida e você ficava ...

**e:** O meu marido dizia-me sempre... portanto eu nunca vivi... casei, tive os meus filhos, mas foi sempre, sempre com grandes problemas com eles.

**E** – Com a sua mãe e com o seu pai?

**e:** Com a minha mãe e com o meu pai.

**E** – À exceção da Ana M<sup>a</sup>, que se percebe claramente que é uma pessoa que faz parte da vida da D. Luísa, ela fala também muito das netas, mas principalmente duma Catarina. É a sua filha?

**e:** É!

**E** – A quem é que ela é assim ligada, sem ser a Ana M<sup>a</sup>, que é mais do que óbvio? Os vizinhos... os... porque ela contou-me que quando veio da Holanda, veio porque tinha muitas saudades das netas, principalmente...

**e:** Da Catarina! Ela ainda tem a boneca lá que ela trouxe da Holanda, ainda ontem a tive eu a lavar que é para a Catarina levar. Sim. É mais da Catarina, as outras netas, portanto a Mónica, ela também gosta da Ana M<sup>a</sup> Mónica, mas foram sempre mais desligadas da minha mãe. Não por elas, talvez, pelo feitio, não sei... o meu irmão, ela adora o meu irmão, eu sempre disse que a minha mãe... e ainda hoje eu lhe digo “você gosta mais do meu irmão do que gosta de mim e eu é que trato de si”, e gosta doutora, sempre gostou. Ela se puder ter uma coisa para me agoniar a cabeça, para eu ficar mal disposta, ela faz. E... chega lá... e eu... e depois põe-se “lá andas tu com o teu irmão, tu tens ciúmes do teu irmão”, - “eu não tenho, não tenho, mas vejo que você tá comigo, se não fosse eu não sei o que lhe acontecia e você (...) e se chega aqui o meu irmão, ela (...) é a alegria maior da vida”. Pode estar dois, três meses, é como se tivesse todas as noites. E é isso que eu vejo tá a ver? É coisa que ela não me faz a mim.

**E** – Você também está com ela todos os dias e o seu irmão não...

**e:** Pois... é isso e eu digo e ela “ah! Às vezes se não fosses tu, não sei quê, não sei quê”, mas eu vejo que realmente...

**E** – Ela está habituada a si, ela vê-a todos os dias, agora o seu irmão, não, ela vê-o de vez em quando, então quando o vê é normal que tenha esse tipo de reação. Agora aquilo que me parece a mim é que a D. Luísa é muito ligada a si, sem dúvida nenhuma.

**e:** Pois é isso. Pois é que eu é que tenho tratado dela. Eu com ela... eu dizia-lhe assim “mãe eu gosto de si, mas também gosto do meu pai, eu tenho que tratar do pai”.

**E** – Ela não aceitava isso?

**e:** Ela não aceitava, não aceitava, não aceitava, não queria. E eu dizia “o meu pai vem aqui pelo natal, o meu pai não tem ninguém”, e ela “pois tu gostas é do teu pai” dizia-me logo com o jeito dela “tu gostas é do teu pai” – “pois gosto! Eu não tenho culpa, eu gosto do meu pai”, – “pois, tu és igualzinha a ele” dizia-me logo ela, “tu és igualzinha a ele!”

Mas o meu pai era bom, dava tudo, o meu pai é... era bom, mas então, bebia era outra pessoa... A bebida era... há pessoas que não, bebem e não altera, mas o meu pai era assim, mas dava tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, o meu pai dava tudo, ficava sem nada.

**E** – Ela sempre foi assim? Ainda hoje, quando acabaram ali os cuidados de beleza, ela disse... olhou-se ao espelho e disse “Ai como eu era antes, tão direita e presunçosa”.

**e:** E sempre foi... Sempre presunçosa.

**E** – Vaidosa?

**e:** Vaidosa, mesmo no tempo... sempre, sempre conheci assim a minha mãe.

**E** – Muito altiva? Não é? Muito dona e senhora dela?

**e:** Dona e senhora dela e de tudo à volta! E... continua... e sempre, e agora como teve que baixar a bola, fica...

**E** – [risos]

**e:** Tem que baixar, não é? Não pode ser como ela quer. Muitas vezes eu vou contra ela, porque eu não gosto de certas coisas... não tenho a maneira da minha mãe, não sou nada como a minha mãe.

**E** – Pois não.

**e:** Não sou nada, nada. E às vezes eu digo-lhe assim “oh mãe eu estou cá desconfiada que não sou sua filha”.

**E** – [risos]

**e:** E ela “és és, saíste lá...” e depois diz aqueles nomes... [risos]

E então depois ela... é a vida dela e então ficou... e ela nunca aceitou que o meu pai a tivesse trocado por outra, por outras! Mas, mais esta...

E então a maior alegria que ela teve foi do ...

Ah! Depois do divórcio, continuamos com o divórcio, ela disse que se divorciava sim, que tinha aceitado, tudo bem, mas há hora de assinar os papéis disse-me que não, digo eu assim “Mãe, não faça uma coisa dessas, atão

o pai sabe que você... e depois aí vem ele “ah não queres assinar, pois então eu vou para cima e meto lá os papeis”, meteu ele lá em Lisboa. Sabe quem pagou depois isto tudo? Fui eu! Porque ela depois foi obrigada a ir lá. Onde ele vinha cá, porque ele era assim, onde ele vinha cá e fazia-lhe isso, como ela não quis ele meteu lá, porque ele queria casar com a outra, com a outra senhora. (suspiros) e ela entendeu que aquilo... de noite baralhou lá as ideias e não assinou. E ele vai de lá, vai para Lisboa e mete. E atão e agora? Agora teve que ela ir para lá. E doente como é que podia ir? Tivemos que pagar uma advogada, foi a Dr.<sup>a</sup> Isabel Santos, que foi lá... digo assim “tá a ver? O que você fez?” Ela era obrigada a dar, passou já aqueles anos e era obrigada a dar. Tivemos que pagar a advogada, e ela “mas não fui eu lá”, mas tive que gastar dinheiro para alguém ir. Era a mentalidade... era assim... e... pronto... e eu passei estas fases toda muito complicadas... muito mesmo.

**E** – Há quanto tempo é que a sua mãe vive consigo na sua casa?

**e:** Na minha casa... deve haver aí uns 14 anos. Ou 13 ou 14... foi portanto, a casa foi vendida, porque ela depois, vivia sozinha, mas de qualquer maneira quem tratava dela era eu, eu e as minhas primas. Íamos lá fazer limpeza, porque ela não, ela para já nunca foi muito habituada a fazer essas coisas. Fazia não é? Para cozinhar sim, e o meu pai ensinou-lhe, o meu pai cozinhasse muito bem! Essas coisas sim, mas era mais a minha avó que fazia as outras coisas, que era cair, essas coisas. Essas coisas para a menina, não podia. É que ela era a menina, então a minha avó fazia. Depois já quando não podia por causa do coração, eu e a minha Catarina e a minha prima, a que teve ontem aqui a Betinha, dávamos volta àquilo, limpávamos, coiso. Depois era os meus tios queriam que ela vendesse a casa, e ela também não queria, mas aquilo também não era dela só. Para alugar uma casa, não dava para ela sozinha, porque depois tinha que eu ir lá. Eu quarto para ela não tinha e então o que aconteceu foi que, eu tinha um espaço, tinha um terraço. Então, eu disse “olhe mãe, só que se pode fazer, eu dou o espaço e você constrói um quarto lá em cima e fica lá a morar comigo, “Ah! Tá bem! Tá bem! Tá bem!” e ficou assim!

**E** – Foi a única que se disponibilizou, você?

**e:** Sim, porque o meu tinha dois quartos e nunca disse à minha mãe “olha mãe queres ir para lá? Vais...”, nunca disse. E eu fiz isso. Olhe... pois foi, se eu soubesse o que sei hoje, doutora, eu não tinha feito. Tenho-me arrependido tanto, mas tanto na minha vida... se o arrependimento matasse, já eu tinha morrido, ó ó ó ... ó tempo! Porque nem sabe o que foi a minha vida... ó ó ó... nem lhe parece...

**E** – Então?

**e:** Ó... alguma vez? Porque eu depois eu não posso ir a lado nenhum, não posso ir com o meu marido... todo o lado que eu vou tenho que... agora já não, mas ela tinha que ir sempre comigo, eu saía com uns amigos ela tinha que me acompanhar sempre, por ela ficava sempre aborrecida cada vez que eu saía. E eu não sou capaz de dizer “olhe mãe fique aqui que eu vou com as minhas amigas... eu tenho que...” aquilo é uma doença, eu vou sempre mal. Eu nunca saía a parte nenhuma que eu não me inquietasse antes. Portanto, tem sido uma vida muito...

**E** – dedicada a ela e só a ela?

**e:** Mais que ao meu marido e que aos meus filhos, daqui a pouco.

**E** – [risos]

**e:** Verdade! É, isso é verdade! Pode perguntar a quem quiser, que é verdade aquilo o que eu tou-lhe a dizer, que não sou de mentiras.

O meu irmão é o que eu lhe tava a dizer, ainda há pouco o que aconteceu... olhe, foi quando ela entrou no Centro (suspiro)... apanhei uma grande inquietação com ela antes, e disse-lhe “já não vou lá inscrevê-la, se o seu filho quiser que vá”. Mas, eu digo aquilo irritada, mas depois aquilo passa-me logo.

E então o meu irmão chegou lá e disse “atão mãe, com o jeito dele, atão já foste, já foste ver aquilo” diz ela “Ah! Já fui, a tua irmã é que sabe” e eu a minha resposta foi “pois a mana é que sabe, pois a mana é que sabe tudo”, não disse mais nada, eu juro pelo que é mais sagrado. Olha, o meu irmão caiu-me em cima que eu disse-lhe “tu não tás bom da cabeça”, as coisas que ele me disse nem lhe passa pela cabeça. Deu-me até a entender, que eu percebi muito bem que eu não sou burra, que... ao a minha mãe viver comigo eu tenho a obrigação de tratar dela, eles não têm obrigação nenhuma e depois disse-me “e mais, tu fizeste tudo e eu não soube de nada”, – “Não soubeste tu de nada?” – “Não tive conhecimento de nada, não fui procurado nem achado para saber, portanto tu é que tens obrigação”. Quer dizer, não disse, mas disse “sim acho muito bem, eu sei, pois tenho sido sempre eu”, e continuou. Quer dizer nunca me ajudaram em nada. A minha mãe tá muito doente, tem estado doente, eu ainda tenho coiso de lhe telefonar a dizer “olha a mãe está assim, assim e assim”. Quando ela teve muito mal mesmo, que o médico dizia que ela não coiso.... Uma noite eu chamei-o porque ela tava mal (suspiro) nem a minha cunhada me veio ajudar... eu ainda... quando quero ir a Fátima ou isso, foi na outra vez, nessa altura que ela... vou-lhe pedir, mas vou sempre “pois levas a mãe para lá”, como leva a sogra, não é? Podia levar a minha mãe e eu tou descansada. Depois nunca mais me disse se ficava com a minha mãe ou não, e eu no dia antes tive que... obriguei-me a telefonar a perguntar se realmente lá ficava ou não “Ah podes ir que eu fico”, mas fica... ele fica, mas não a levou para lá. Veio aí tratar dela e ela ficou aí a noite inteira com o meu marido. O meu marido é que tava, tava na casa cá em baixo e ela tava em cima. E é assim a ajuda que tenho.

As minhas sobrinhas, como eu lhe ia dizendo, ela não é tão ligada, ela gosta muito das netas, mas são pessoas diferentes, do que é a minha Catarina e o meu Daniel. Ela também gosta do Daniel, mas o Daniel tem um feitio diferente do da Catarina. Ela criou a Catarina. Quando o Daniel nasceu já ela disse logo “não quero saber desemprega-te porque eu já não fico com os dois”.

**E** – [risos]

**e:** A Catarina tinha 19 meses quando o irmão nasceu. E ela a Catarina tudo bem, mas já os dois já a prendiam e disse-me logo. E eu fui obrigada a desempregar-me. As outras pouco ... a minha Mónica é um bocadinho mais.

**E** – Tá aqui também...

**e:** Mas é diferente, totalmente diferente, são mais frias, a minha Catarina não havia dia nenhum... “a minha avó, não sei quê...”. Já o neto que tem da outra, da Débora, porque ela tem a Débora, não sei se conhece, a irmã da Mónica, é mais nova, mas isso é para esquecer. Tem um feitio que não tem explicação. Mas é que não se dá bem... agora gosta muito do pai, mas nem com o pai, nem a mãe, nem a irmã, também se dá mal com ela só porque a avó... eles zangaram-se e a avó disse-lhe para fazerem as pazes e agora odeia a avó, odeia toda a gente. E eu avisei logo a minha mãe “mãe você não abra a boca, senão ela poe-a de ponta e nunca mais”.

Talvez seja por isso que o meu irmão seja assim, porque o meu irmão não era. O meu irmão era muito meu amigo e da minha mãe e agora...

No outro dia disse assim à minha mãe “olha lá mãe tu jantas?” e a minha mãe disse assim “pois janto...” digo eu assim “olha essa agora... a perguntar-me se janta”. Antes ele ainda levava uns iogurtes ou umas bolachas ou assim, mas agora nunca mais, nada, nada, nada, nada. Eu da reforma da minha mãe fico com 140€, que ainda ontem vi 140 e poucos euros, para tudo. É as cuecas, você vê bem que ela vem limpa, tem que ser com algumas coisas não é, não é com qualquer coisa, não é?

**E – Claro!**

**e:** É dos rebuçados, é isto é aquilo, é tudo quanto ela lhe apetece. Ainda ontem o meu filho me disse “mãe, tu não tens não fazes” e eu digo “eu não sou capaz dela me pedir uma coisa e eu não sou capaz de...” prefiro tirar de mim e dar-lhe.

É porque eu também não vivo desafogada, porque é só a reforma do meu marido, não é? Eu trabalho, as coisas são do meu filho, agora é que tou no desemprego... e eu fico em casa e tou quase na reforma, só que é assim... (interferências do telemóvel...o telemóvel toca)

A minha mãe, normalmente, as mães como é que é? Os filhos é assim... eu fui habituada a isso, um natal com a minha filha, um natal com o meu filho. É o que os meus filhos fazem, um natal tão na minha casa, outro natal vão para os sogros e coiso. A minha mãe nunca, nem a páscoa, nem natais, nem coiso... sempre com a Ana M<sup>a</sup>, sempre com a Ana M<sup>a</sup>, sempre com a Ana M<sup>a</sup>.

**E – O seu irmão nunca a convidou? Não tomou nunca a iniciativa?**

**e:** Ela pelo Natal se foi uma vez foi muito, não... não tenho ideia... foi para aí uma vez se tanto.

**E-** Como é que chegamos à ideia de que um Centro de Dia é o que a D. Luísa precisa?

**e:** Pois, aconteceu que ela... pronto agravou-se a idade e ela caiu e teve aquele problema de saúde, quando veio para casa... pois eu tou a trabalhar.

**E-** Quando ela teve alta você estava ainda a trabalhar?

**e:** Pois... tava a trabalhar e o que é que eu podia fazer? A minha mãe tinha que ficar em casa, porque se há calor ela não pode andar, ora não podia ir para o sítio, porque ela sempre teve habituada a tar lá em baixo comigo. Ela, onde é que eu vou ela vai, ela é...

**E** – Você ia para a loja e ela ficava lá?

**e:** E ela ficava no quintal, a gente tem um terraço, um quintal, mas ela também tem dificuldade em subir e descer, em subir e descer, e chegou a um ponto que “mãe você tem que descansar, onde é que vai dormir? Na rua? E ponho uma cadeira, mas não tem assunto, porque você tem que descansar”. Bom, chegou então, e lá se mentalizou e ficava em casa, eu vinha trazer-lhe o almoço. Primeiro almoçava eu e vinha-lhe trazer o almoço. Fechava a loja. Entretanto como aquilo é do meu filho e a gente tinha um fogão, que tenho lá no quintal, tinha um fogão industrial que tinha ficado do snack, e então ia fazendo a comida ia vendo da loja ... (suspiros), fazia a coisa, eu almoçava e depois ia levar. Mas ela depois houve uma altura que reclamava que almoçava muito tarde. Digo eu assim: bom, então vou fazer ao contrário. Tinha que fazer sempre para lhe agradar! Comecei a fazer assim “olha vão já vocês almoçando que eu vou já levar à minha mãe”, sempre com o calor, às 14h, dali da loja à minha casa ainda é um bocado. Ora, depois almoçava e depois do almoço até às 19h, que a gente não tem hora de coiso... e deixava-lhe o lanche para ela lanchar, deixava a televisão... Mas ela, ela passou-se. Já não dava conta dela. Eu passei um agosto horrível, horrível... eu não sei como é que eu não morri com as inquietações. Todos os dias eram discussões com a minha mãe, todos os dias, todos os dias, todos os dias. Depois, eu já não sabia se ela fazia aquilo de propósito, não era de propósito com certeza, mas eu é que já chegava a um ponto, que já tava tão nervosa, tão doente da minha cabeça, que eu tava pensando, a minha mãe faz-me isso para me contrariar ou... ou não sei! Porque ela já não me deixava dormir, ela andava descontrolada com as horas, ela levantava-se de noite, e foi quando caiu da escada, pensando que era de manhã. Portanto, ficou muito descontrolada. E eu disse “mãe, vai abrir o Centro e você vai para lá”, ah bom... não queria “Não, eu não vou, daqui não saio”. E depois lá fui, pouco a pouco, pouco a pouco, e ela disse “então vai-te lá tu a ver – quando abriu – a ver se gostas”.

**E-** [risos]

**e:** E eu disse “mãe é bom para si, é bom para mim, porque assim são poucas horas, mas você essas horas tá lá e quando vem já é diferente. Você tá aqui, já fica um bocadinho, já fica na cama, já tá...” bem... foi quando eu vim ver e eu disse “olhe mãe, eu se fosse escolher para mim eu gosto, agora você tem que ir a ver”, e foi quando...

**E-** Ela veio...

**e:** Não veio assim mui... ao princípio não encaixava aquilo muito bem.

**E-** Ela estava um bocadinho rude nesse dia?

**e:** Rude e tava... eu acho que até tinha vergonha, a minha mãe até tinha vergonha.

**E-** De precisar de ajuda?

**e:** De precisar de ajuda, é o que eu vejo. Ainda hoje ela precisa, mas ela tem aquele complexo. Eu digo “mãe, você vê que precisa de ajuda você tem...” – “ah mas eu digo isto e aquilo, pois o meu desgosto é eu tar assim”, -“mas o que é que eu lhe posso fazer? Eu não lhe posso fazer nada, melhor do que eu faço! Eu não lhe posso fazer mais. Você já perdeu o andar, já aprendeu a andar, anda com dificuldade, mas anda um bocadinho, o

que é que eu lhe posso fazer mais? Você tem que aceitar a idade”, eu faço-lhe ver isto mas ela ah bom! Quando ela vai logo a buscar “quando eu fazia isto, quando eu fazia aquilo”, eu às vezes digo-lhe “você era um bandalhão, nunca parava em casa não sei como é que agora quer é tar em casa”.

**E-** [risos]

**e:** E agora não quer e não para e é o maior desgosto que ela tem. Ela quer ir digo-lhe assim “quer ir ao Plaza?” ai aquilo ela arrebita logo. Mas depois e fica sentada. Eu ando às compras para mim e ela, dá-me pena mas fica ali sentada... Porque ela não se mentaliza que não pode. Ela se... é o maior desgosto da vida dela.

**E-** Portanto ela veio cá... conheceu, eu lembro-me perfeitamente bem desse dia, eu perguntei-lhe ali na receção “então quer vir?” e ela disse “simmm... trate já desses papéis, sim”. Com um jeito muito próprio dela, que hoje em dia eu conheço. Como é que foram os dias antes dela vir para aqui?

**e:** Os dias dela antes de vir, depois de ela ter dito que queria, portanto teve ainda 2 ou 3 dias, e então ela tava assim ... ficava ansiosa e levantava-se logo de madrugada, quando eu dava por ela já tava sentada, quando eu vinha já ela tava vestida e, ... e pronto já se ia vestindo sozinha toda ansiosa para vir... isso sim. Depois veio e gostou muito “Ah, eu gostei!”, mas ela ao gostar... ao mesmo tempo dizia “aquilo não é nenhum lar...” ela não quer ir é para o lar. E eu digo assim “mãe aquilo é como uma escola, aquilo é como você andasse num colégio” digo-lhe eu [risos].

**E-** [risos]

**e:** Fazia-lhe ver e ela aí mentalizava-se “tá a ver?” e depois ela assim “ah! Agora obrigam a gente a fazer isso”, - “atão não vê aquele processo, atão não vê que a doutora tem que fazer, é trabalhos que têm que apresentar e depois têm que ver que trabalham com vocês” eu faço-lhe ver estas coisas, mas ela primeiro fica toda coisa, mas depois...

**E-** Depois até gosta...

**e:** Compreende, compreende. Mas gosta, gosta de todas, todas, a doutora, a Ana, a Dina, a das argolas a São, a do fole, sim a do fole, que ela também tá sempre a falar dela. Pronto, fala, que ela tá sempre a falar, que ela tá sempre a falar, sempre, sempre, sempre, agora no outro dia disse-me assim “Ah! Eu havia de não ir”, e eu digo assim “mas o que é que já está à espera? Aproxima-se agora o verão e a mãe fica sozinha, porque eu não posso tar consigo que eu tenho que trabalhar”... suspiros... “Ah! Aquilo uma pessoa ainda fica mais parva do que o que tá”.

**E-** [risos]

**e:** Porque ela acha-se... “aquela velhota”, e eu digo assim “ai mãe”.

**E-** Ela chama velhotes aos outros...

**e:** Eu digo-lhe assim “Oh mãe ouça lá o que eu lhe digo, a mais velha é você e como é que...” – “Ah! Mas eu acho que não, as outras são mais velhas que eu”.

**E-** Ela quando fala das outras pessoas diz “Ah! Aquela velhota...”, e eu digo “qual? Diga-me lá minha jovem, qual é?” e ela farta-se de rir. Ela chama-as assim porque... pela própria postura dela. Ela pinta o cabelo, ela maquilha-se, ela veste-se ...

**e:** Sim é a postura dela e vê-se mesmo, eu vejo que o espírito dela não é a idade, não, não é, minha mãe não envelheceu. Tem 86 anos, mas a minha mãe é porque a idade (...)

**E-** Tem algumas limitações, mas a cabeça tá...

**e:** A cabeça não tá.

**E-** Tá muito lá atrás ainda, e vocês familiares, como é que se adaptaram à instituição. Portanto, a D. Luísa teve 14 anos a viver consigo, com algumas visitas do seu irmão e das suas sobrinhas, mas depois passa de um momento para o outro a estar o dia inteiro connosco e vai para casa ao final do dia. Como é que vocês... ela está adaptada, já me disse e eu sei, é óbvio, se ela antes não queria vir, agora não se quer ir embora, isso é umas das certezas que eu tenho.

**e:** É muito, tá sim.

**E-** E você o que é que sente, como é que tem sido a ligação com a instituição? Como é que se adaptou a não ter... não ter aquela apoquentação, como você diz, um dia inteiro? Como é que foi?

**e:** Para mim foi um alívio, tou muito aliviada mesmo psicologicamente, eu tava já muito afetada, eu já tava desorientada. Mas tenho a mesma preocupação porque tenho de me levantar muito mais cedo, eu então digo assim “tão eu agora tenho um bebé que vai pa escola”, Levanto-me às 7h porque tenho de tratar dela, porque ela não faz as coisas sozinhas, para se lavar e na na na, porque ela não faz e quando faz, que pensa que faz é quando faz asneiras e cai, pronto, porque ela não quer esperar por mim. Quando apanha medo, pois fica, mas depois vai criando outra vez já aquela confiança e é quando acontece outra vez. Pois durante este período, pois estou mais descansada sei que ela está bem. Depois tenho é a preocupação outra vez das 17h, que para mim, agora tenho que tar sempre preocupada que vá onde for às 17h tenho que estar sempre à espera dela, porque tenho que acompanhar ao quarto, mas pronto já é uma grande ajuda ela tar aqui e para ela foi muito importante porque ela voltou... ela já não tinha interesse já em pintar-se, em pôr blush, em pôr brincos, nada, ela desinteressou-se, ela nem parecia a Lucélia. No mês de agosto do ano passado a minha mãe não era...

**E** – Nem consigo imaginá-la assim acredita?

**e:** Nem eu, eu via a minha mãe, eu nem sei o que é que eu via. Eu via a minha mãe na cama... era uma pessoa já acabada. Agora não, ela agora começou... olha tive que lhe tirar toda a roupa que ela tinha no roupeiro, passei tudo por água, porque ela... E então é agora as toilettes que ela traz, agora de verão, porque ela tem muita coisa, umas que comprou e outras que lhe dão, porque ela como é muito vistosa, é verdade nem nisso eu sai a ela, porque ela qualquer coisa que ela põe ela lhe fica bem, é verdade. E eu digo-lhe “olha veja lá que não lhe sai a si”, porque muitas das coisas são minhas e eu não gosto e ela veste e fica-lhe bem.

**E** – E desde que ela aqui está, a sua relação com ela, portanto antes já me disse que principalmente no mês antes de ela vir a Tersa estava completamente sugada por ela e que discutiam muito. Desde que ela está aqui a vossa relação melhorou?

**e:** Melhorou muito, muito, 80% sem dúvida, melhorou, porque ela está mais calma, porque ela tudo tava mal, tudo o que eu lhe fazia tava mal, eu dizia “oh mãe faço-lhe 99% não faço os 100%”. Tava sempre tudo mal e tava sempre “e onde é que foste e onde e que tás e...” e tava sempre tudo mal, tudo mal, tudo mal, não havia nada bem e eu aquilo tudo me revoltava, então o sacrifício que eu fazia tão grande e tava tudo mal. Portanto eu fiquei bem e ela também foi bom para mim e para ela.

**E** – Mudou a vossa forma de se relacionarem, o que é que mudou mais?

**e:** Em quê? Eu nem sei...

**E** – Em todos os aspetos, o humor dela...

**e:** Sim também mudou, tá mais bem-disposta, há dias que vai e fala fala fala, ela diz-me, é como as crianças, ela diz-me o que foi o pequeno-almoço, o almoço digo assim “ai mãe já tá você com os almoços” porque ela dava-me cabo do juízo porque era assim ela em casa tava a almoçar e já tava pensando no que é que seria no outro dia, e eu dizia-lhe “mãe deixe-se tar sossegada coma o que tá comendo hoje amanhã será outro dia, você até me tira o apetite”. É verdade eu tava comendo uma coisa ela já tava pensando noutra e aqui vai ficando, eu já lhe disse “não apanhe confiança que eu vou dizer à doutora, você come aquilo que lhe puserem, não gosta não come, gosta menos já sabe que é diferente de estar em casa” ela compara logo as comidas com as minhas.

**E** – Mas eu depois converso com ela e explico-lhe uma coisa é uma tacho para 4, outra é um tacho para 40.

**e:** Pois é o que eu lhe digo. Ontem eu fiz ervilhas com ovos, guardei-lhe logo um bocadinho, porque ela agora de noite também já não pode comer muito, não fica bem porque vai para a cama. Guardei-lhe porque sei que ela gosta, dei-lhe um bocadinho, ela comeu “Ai soube-me tão bem, tás a ver estes griséus ao pé dos...” e eu “oh mãe, mas é que isto é 1 kg de griséus...”.

**E** – Pois ela ontem aqui também comeu griséus ao almoço...

**e:** Pois por isso foi logo a comparar, e eu disse “oh mãe não sou eu a cozinheira, cada pessoa faz da sua forma e ali é diferente, você sabia que quando eu tinha o restaurante fazia uma quantidade... o arrozinho que eu fazia num tachinho com conquilha, era diferente do que eu fazia no tacho grande, o sabor é diferente, apurar e essa coisa toda” e ela lá fica assim “ah pois é pois é”. Mas ela sempre foi muito esquisita nos comerem, não é esquisita é o querer comer bem. Ela come como se... há pessoas ricas que não comem como a minha mãe, não tenha dúvida, tudo o que for do bom e do melhor. E agora continua, eu disse-lhe “Mãe não pense que tá só inventando com o ai eu apetecia-me isto ai eu apetia-me aquilo, cuidado com os apetites porque o dinheiro é pouco, portanto desligue lá dos apetites” eu digo-lhe assim, e no sábado ela põe-se “Vais à praça?”, agora todos os sábados dá-me cabo do juízo, e eu digo-lhe “esta semana não vou” – “ah é que se fosses vê-me lá

isto, traz-me lá aquilo”, ela faz as encomendas dela dos apetites. Portanto ela assim na comida também é esquisita, e ela agora tem-se queixado da comida, todos os dias, eu não sei...

**E** – Sim esta semana, mas hoje não se vai queixar.

**e:** Ela põe-se “eu não sei, eu não sei” e eu digo-lhe “mãe não diga isso, a doutora fica aborrecida” – “olha mas ela diz quando eu não gostar para lhe dizer” [risos].

**E** – Exatamente [risos].

**e:** Mas eu digo “oh mãe você diz mas diz com maneiras, não pense que tá a dizer à doutora o mesmo que me diz a mim”.

**E** – Mas ela diz com maneiras, à maneira dela, com o jeitinho dela, eu até gosto de ouvi-la [risos]

**e:** Porque eu prendo-a digo-lhe “eu logo sei como é que vocês diz as coisas” [risos]

**E** – Não ela nunca faltou ao respeito a ninguém de maneira nenhuma, simplesmente esta semana houve uma ideia nas ementas...

**e:** Ai mãe... mas quem é que as faz? É a doutora?

**E** – Não, não sou só eu, até ao mês passado era mas passou a ser um trabalho de equipa com as outras colegas, mas atenção que eu não sou nutricionista e até percebo bem pouco disto, mas este mês quem fez foi ao seu gosto. Lá está há coisas que os outros gostam e eu não, por exemplo o almoço hoje era feijoada de lulas, eles iam adorar, só que andam todos adoentados com a virose, e pedi na cozinha que alterassem para peixe cozido para os idosos, mas expliquei-lhes que fiz esta alteração dada a situação, mas que para a semana a haverá a feijoada de lulas, ela tava a almoçar viu a neta passar com o tabuleiro e disse “deixa lá a avó ver o teu prato que eu já sei que vais comer feijoada... ai que linda feijoada”. Mas depois fui-lhe perguntar se o peixe estava bom ela disse “tava tudo muito bom, mas você hoje deve ter comido bem”, isto porque sabia que para os funcionários era feijoada, eu por exemplo nem gosto mas sei que eles gostam. Outro exemplo fizemos um frango com arroz, eu não sabia como iam fazer o frango na cozinha, e assim que vi pensei logo que metade da minha malta não ia comer aquilo, porque eles gostam de comer comida de tacho.

**e:** Mas eu faço-lhe ver “mãe ali é diferente porque têm de fazer comida para vocês e para as crianças”.

**E** – E para os funcionários...

**e:** Sim e para os funcionários, mas eu até já comparo ela com as crianças “você sabe que as crianças não podem comer certas coisas nem muitos condimentos nem nada disso” – “pois eu percebo isso, mas nem o arroz elas sabem coser”... ai mas que grande apoquentação que foi esta semana com a comida [risos].

**E** – [risos] pois ela esta semana tem sido uma coisa...

**e:** E depois põe-se “se isto continua assim mesmo agora não quero ir para lá” [risos]

**E** – Não mas para a semana já melhora, já houve reestruturações...

**e:** Sabe ela gosta da comida é da Célia...

**E** – Sim porque fez um cozido de grão.

**e:** Mas é que há certas comidas que se pode fazer que não fazem mal e que dá para todos, isso também vai nas cozinheiras porque há maneiras de se fazer que também não faça mal e dá para os dois e depois é a mão para a cozinha.

**E –** Quando é frango assado no forno, que não tem segredo nenhum, a sua mãe fica encantada e come com muita satisfação e a cozinheira é boa cozinheira e tem mão, agora cabe-nos a nós perceber o que pedimos nas ementas que seja bom para os meninos e para os idosos. Esta semana houve um dia que foi douradinhos para os meninos, eu não podia por isso na ementa do Centro de Dia, fizemos uns bifinhos grelhadinhos e ela comeu bem. A comia tem de ser adequada ao que eles gostam, mas muitas vezes querem comidas muito pesadas e não pode ser porque têm muitas restrições alimentares.

**e:** Exatamente, eu faço-lhe ver isso, tanto no sal como nos condimentos, não pode ser. E para ela tem sido bom, porque ela em casa abusava muito e aqui não tem uma alimentação boa tanto que ela não se tem sentido mal nem nada.

**E –** A alimentação dela tem melhorado?

**e:** Tem melhorado porque ela em casa eu não consigo dar conta dela.

**E –** Não conseguia controlar a alimentação?

**e:** Acha? Com o feitio dela ela metia na cabeça que queria aquilo, guisados e isso, e tinha que ser assim.

**E –** E além da alimentação, de saúde tem notado melhoras?

**e:** Sim noto, mesmo com todos os problemas que ela tem impossíveis de contornar, noto. Há dias que eu vejo mesmo a minha mãe... eu conheço-a logo, chego ao quarto e já sei se ela tá bem ou mal, até de uma forma que eu sei logo como é, mas até a feição dela e tudo, o ar, bem. Mas há outros dias que não, mas isso já tem a ver com os problemas dela.

**E –** É derivado dos problemas de saúde não é?

**e:** É e é muito complicado e esta semana ela tem-me dado conta da cabeça, agora sabe o que é que ela me diz, todos os dias, como se sente mais cansada, sente-se muito cansada e fica logo toda roxa e ela sente-se muito cansada e eu vejo e digo assim “a minha mãe esta semana tá mesmo mal, isto anda e anda e...”. E então o que é que ela fez, vai para a cama e diz logo “até de me deitar eu fíco cansada” e a conversa dela era logo, isto foi a semana inteira, aí a minha cabeça, “olha lá isto, qualquer dia morro, tou aqui morta, quando vens aqui já tou morta” digo e eu assim “mãe isso não é por tar cansada, isso se for preciso acontece a qualquer um, porque agente não sabe quando morre, ninguém escolhe a idade, portanto não é pela idade, você já nem tem dedos, juntando os das mãos e dos pés, para contar aqueles que já foram à sua frente sem tarem doentes e gente nova, portanto você tem que se mentalizar que não fica cá, nem você, nem eu nem ninguém, ainda eu morro primeiro que você e você fica cá sozinha” – “ah era só o que faltava eu morria logo também”.

Olha um dia tava tão irritada, que eu às vezes depois digo-lhe coisas que eu não quero não é, mas eu tava tão nervosa tão nervosa que disse-lhe “olhe, outra vez mãe com a mesma conversa mãe, já tou cansada da ouvir, eu o dia que eu chegar aqui que você teja morta olhe para mim não me serve de novidade, tá morta tá morta, pois você a toda a hora tá morta”. Ela ficou assim a pensar e não me respondeu, porque ela depois começa a pensar e olha desde esse dia nunca mais disse. Depois a minha Catarina teve cá e falou com ela, porque eu disse à minha Catarina “A tua avó todos os dias me dá cabo da cabeça por causa disto e disto e disto” e a minha Catarina teve falando com ela e ela “pois filha mas é o que a avó sente” – “mas avó não é preciso tares a dizer isso todos os dias à minha mãe” e aquilo começou a pensar e nunca mais me disse.

Que eu disse-lhe “olhe tanto se me dá se você tiver já morta ou não, porque você tá morta a toda a hora, um dia que eu chegar aqui já não estranho” tenho que entrar assim para ela pensar “não tu não te tás a importar”, porque ela faz-me aquilo que é para me afetar psicologicamente, a minha mãe joga muito com isso... então eu não posso ir a lado nenhum. Eu no outro dia fui ao teatro aqui na excursão do Pontão foi logo uma dor de cabeça. À própria da hora o que é que foi, digo-lhe assim “mãe você fica bem?” ela tava bem e disse “fico, ai ai”, pois não é que eu tava no teatro e tava só telefonando “olha agora vou à casa de banho” – “veja lá se cai” – “depois de vir da casa de banho já telefono”, andei só nisto porque tenho já aquilo metido na cabeça que não tenho sossego. Porque ela joga muito com o psicológico, muito muito. Eu preocupo-me mais com ela do que com o meu marido, alguma vez, eu não tenho preocupação com o meu marido e o meu marido já me disse “daqui a pouco não sei, não sei...”.

**E** – Tem problemas com o seu marido ou com os seus filhos por prestar esse apoio, há 14 anos, fora o resto, à sua mãe?

**e:** Não... não, o meu marido também preocupa-se com ela, não gosta é que ela me faça estas coisas porque ele não me faz, ele não me inquieta, nunca me pôs obstáculo nenhum a ir aqui ou ali, ele não quer ir mas diz “não vou eu mas vais tu, vais com elas”, sempre. Mas lá tá...

**E** – É o facto de você se enervar é que chateia o seu marido?

**e:** Pois é isso, e depois anda logo tudo... na minha casa fica logo tudo destrambelhado, e ele diz assim “olha no fim quem paga sou eu” [risos] ele nem abre a boca, nem ai nem ui, quando me vê assim nem diz nada, mesmo que eu fale fale, nada não diz nada.

**E** – Mas ela só se relaciona assim consigo? Com o seu irmão não?

**e:** Só comigo. Chega o meu irmão, eu faço-lhe os gestos “ta aqui mas você é uma artista” [risos] digo-lhe eu, “comigo parece que eu não sei o que, chega o seu filho senta-se aqui e a sua nora... oh encantada da vida, parece você que lhe entra uma alma nova, e comigo... faz favor, faz-me estas coisas” e é verdade. É verdade, isto até dito por todas as minhas vizinhas. A minha cunhada, todos os dias, isto não é levar a mal, eu acho... não levo mas não deixo de não levar não é, porque eu não sou assim com a minha sogra nem com as minhas cunhadas, eu não sou, agora já há mais de uma semana que eu não u ver a minha sogra e tenho esta

preocupação. Eu quando a minha sogra foi para o lar eu todos os dias da vida eu ia vê-la, até que me habituei a ir já dia sim, dia não, porque não era capaz de passar 1 dia, porque vivi sempre perto da minha sogra. E aquilo é uma coisa que me incomodava, atão alguma vez eu fazia como a minha cunhada que passa na minha porta e não vai à minha casa, passa-se 2/3 meses e ela todos os dias de manhã e à tarde passa, para ir à da mãe que fica mais à frente a tratar da mãe e faz muito bem porque a mãe precisa a mulherzinha também é boa pessoa e ela vai-lhe dar a injeção de insulina. Então é essas pequenas coisas que a mim depois me magoa. Eu não sou má para a minha cunhada, sempre me dei bem, olha nem bem nem mal, porque eu nem digo nada por amor de Deus.

**E** – Se calhar é uma questão de feitios...

**e:** É o feitio dela, ela não é má, não é, mas é muito fechada... eu não sei explicar, muito desligada, eu não sei não tem explicação, eu não sei... eu acho que mesmo com as filhas é assim.

**E** – Feitios...

**e:** É feitios... pois é e eu como não sou sinto muito mais “oh lá isto, mas alguma vez era capaz de fazer isto? Eu alguma vez era capaz de dizer à minha cunhada...” e eu tou sempre disponível, há qualquer coisa... agora é que já me tenho desviado porque eu também não posso, mas se houvesse alguma coisa ela dizia logo “oh cunhada faz-me lá isto...”, quando foi o casamento da minha sobrinha eu é que andei sempre para a frente e pronto sempre bem...

**E** – Mas a Ana M<sup>a</sup> tem esse feitio de ser a 1<sup>a</sup> a cuidar de todos não tem?

**e:** De todos, de todos.

**E** – E quem cuida de si?

**e:** Não sei, ninguém... tenho a minha filha, a minha filha é mais... o meu filho também é mais desligado tás a ver, tenho 2 filhos, foram criados na mesma altura, da mesma maneira, ensinei igual mas são os dois de feitios diferentes. Eu sei que o meu Daniel tem uma grande preocupação comigo e com o pai, mas é diferente e a vida também não lhe permite e pronto... a Catarina já é mais e mesmo assim já tá mais... eu digo-lhe “já não pareces a mesma” [risos] diz ela assim “mas é que tu pensas que eu tenho 20 anos e eu já tenho 40 e tal” [risos] digo eu assim “mas para mim tens a minha idade que quando saíste aqui de casa” digo-lhe eu, eu sou assim [risos] “já não te preocupas comigo e com o teu pai como era dantes” – “oh mãe pois se eu tenho a minha vida...” e tá longe e é diferente...

E é assim a minha vida, mas comigo não... ninguém... eu por exemplo eu dizia assim “olha cunhada quando precisares ai de alguma coisa depois diz-me que eu venho aqui, ou olha cunhada quer que eu te ajude com alguma roupa, queres mudar a cama” é a coisa pior que eu faço é que eu também sou doente, eu também não tenho saúde.... Nunca, que a minha mãe faça xixi que a minha mãe faça... nunca, é normal? Eu para mim não é, para a minha maneira de ser não é. Eu tenho as vizinhas que me ajudam que me dão apoio, quando ela teve muito mal foram as vizinhas que me apoiaram, eu nunca tive a minha cunhada lá a ajudar...

**E** – Posso fazer uma pergunta...

**e:** Pode....

**E** – Alguma vez pediu ajuda?

**e:**... pois é essa... pedido não. Já tenho pedido ao meu irmão, ele e que é o filho, ela não me é nada...

**E** – É mais fácil para si pedir às vizinhas do que à sua cunhada?

**e:** Porque vejo que ela é desligada. Mas ela chega ali comigo tudo bem, mas dizer... eu como não preciso que me peçam, é que eu não preciso que me peçam, nem gosto que me peçam, eu vejo e sou logo a 1ª a ir à frente “olha vê lá eu ajudo, vê lá precisas eu vou” e então é a coisa que mais me custa é o meu irmão... ainda na outra vez disse-me assim, eu pedi-lhe “não podes ficar com a mãe, eu tenho que ir aqui e aqui e além e depois não fico descansada...” – “porque é que não pedes à minha mulher?”, digo eu assim “eu pedir à tua mulher, pois ela é alguma coisa à mãe, tu é que és, se quiseses tu pedir a ela...”. Eu, por exemplo, o meu marido não vai vou eu no lugar dele, eu sei que o meu marido, ele é que tinha obrigação de ir a ver a mãe, mas ele vai poucas vezes ou porque tem que ir ao isco ou porque tem que fazer isto, a minha obrigação é fazer o lugar do meu marido e eles não vêm... será que sou eu que tou errada?

**E** – Não está ninguém errado nem ninguém certo, somos todos diferentes uns dos outros, a Ana Mª tem a sua maneira de pensar e de ver o cuidado aos outros à sua maneira, está para todos é a “bombeira de serviço” e depois chega uma altura em que se esgota porque não tem forças para todos e para si e depois como está para todos pensa que as pessoas pensam como você, que vão estar lá para si, e quando não estão você desilude-se...

**e:** Mas eu não tenho ciúmes...

**E** – Não é ciúme, é desilusão porque você espera dos outros aquilo que lhes dá e isso é uma coisa errada que fazemos porque nos magoa a nós. Eles não pensam com a sua cabeça, eles se calhar pensam “a Ana Mª até faz questão de ser ela” e nem se disponibilizam, a gente não sabe o que vai dentro da cabeça das pessoas, cada um pensa da sua maneira...

**e:** É isso, tou-lhe dizendo que é isso que se passa comigo. Eu já tenho pensado, eu às vezes sozinha penso “oh meu Deus, será que sou eu que estou errada? Será? Porque é que eu penso assim e as outras pessoas não pensam?” não sei, eu não sei, há qualquer coisa que não bate bem comigo, eu acho que há qualquer coisa que não tá bem comigo...

**E** – Não pense nisso, está tudo bem simplesmente cada um pensa da sua maneira.

**e:** Porque eu por exemplo, ao princípio quando... pelo natal, na minha casa foi sempre assim a minha família ia toda para a minha casa, mas sempre foi, mesmo havendo pouco ou muito não importa [risos]

**E** – Está a ver? Você não fazia questão que lá no fundo assim fosse? [risos]

**e:** [risos] e continuo desde que os miúdos... lá ia a minha Betinha, ia o meu Janica, ia o tatata o tatatata, lá iam... e à 00:00h, por exemplo isto era no natal, à 00:00h elas abriam as prendas e depois de elas abrirem iam todas para a minha casa e no outro dia vinham todas para a minha casa e se fosse preciso “ah prima tens...?” – “sim, há mesa para todos”, sempre houve coisas para todos.

E então aquilo foi todos os anos assim e eu faço questão fazer mais coisas, mais bolos, mais isto e mais aquilo, eu levo dias a fazer, mas não é para mim... é porque gosto de tar... que elas vão à minha casa e já sabem elas comem e levam. Com as minhas sobrinhas é igual, vão as minhas sobrinhas da parte do meu marido vão sempre à da tia porque sempre foi o hábito, ou bebem um cházinho ou comem uns bolos... Elas são duas irmãs, uma que é enfermeira também é raro vir tar comigo, mas gosta de vir naquelas dias e eu já conto com elas. E o meu irmão e a minha cunhada iam também sempre até que começaram-se a desviar, começaram-se a desviar e eu também. Pois eles também nunca dizem para eu ir, se não dizem à minha mãe quanto mais a mim. Eu é isso que eu sinto, eu às vezes vou mesmo sem ele me dizer, mas sinto-me a mais, não sou capaz. E, por exemplo, qualquer pessoa... isto é verdade doutora, qualquer pessoa que eu goste, que se dá bem comigo, chega à minha porta e a pessoa sente-se à vontade na minha casa e continua e tá à vontade. Eu vou à do meu irmão, eu entro e chego ali... e se eu disser que não tou à vontade, o mais que vou é dois passos ao pé dela se tiver na cozinha... eu não sei explicar... e a minha mãe é igual eu digo-lhe “vá para a do seu filho, atão gosta tanto dele vá para lá”, ao princípio ela ainda ia de tarde, num dia disse assim “eu não vou lá” – “não vai? Vai vai atão você gosta tanto dele, lá é que você tem que ir que é para me aliviar a mim” ela quando podia andar ainda ia uns bocadinhos para lá.

**E** – [risos]

**e:** E eu já lhe perguntei “eu não sei que maneira é essa de gostar tanto, gosta tanto mas só quer é tar comigo”.

**E** – Porque é consigo que ela se sente bem, não é?

Quem é que cuida dela, quem é que a mima, quem é que a ouve, quem é que lhe faz as vontades?

**e:** Ah mas ela diz que não, que eu não lhe dou mimo, eu não lhe dou mimo é assim eu não sou “ah minha mãezinha” (exemplifica estar a fazer festinhas no braço), que é como o meu irmão faz, e ali anda “dadada dadada” e dá-lhe beijos, e eu não sou assim. A minha mãe diz-me as coisas e eu tou sempre de pé atrás porque não posso... se eu fizer assim a minha mãe pisa-me. Eu tive que aprender isso, porque por mais que eu fizesse nunca é o suficiente, então eu quase que era tapete da minha mãe, é que era mesmo tapete da minha mãe. Chegou um ponto que eu disse-lhe “eu para si sou um cãozinho, eu vou-me agora estender aqui e você passa por cima... eu era um tapete, era uma coisa. Por isso eu não posso fazer aquela coisa... eu faço-lhe tudo, não faço mais porque não posso. Ela diz assim “ah e tal queria... isto e aquilo...” e eu digo “não senhor, não há”, mas aquilo começa-me a dar volta e daqui a um bocado já tá lá o que ela tá inventando...

**E** – Não lhe consegue dizer que não, pois não?

**e:** Não consigo, mesmo que diga não consigo não fazer... não consigo... não me sinto bem comigo, e tiro de mim para ela e tiro do meu marido... é igual, mas fica muito zangado... ele nunca levantava a voz à minha mãe e ultimamente, agora neste verão, ele zangou-se com ela e eu por fim ainda me zanguei com ele [risos] porque não gostei [risos].

**E** – [risos]

**e:** Já tá a ver... [risos] É assim ele tinha razão, porque tava a ver o que ela me tava a fazer e zangou-se com ela... “quem é que você é? não vê que não é ninguém sem a Ana M<sup>a</sup> e você faz-lhe isto e isto e isto” e tava, eu tava tão doente que tive que me meter de cama e tudo, eu deu-me um choro, olhe bati tantas vezes com a cabeça na parede que eu não sei como não eu morri, de verdade, os nervos foram de tal forma que eu nem sei como não parti a cabeça... muito mal, tive muito mal porque chego ao limite, mas passa dali e dá-me pena, não é pena, não sei explicar... e depois o meu marido zangou-se com ela e eu [risos] e eu zanguei-me com ele, digo-lhe assim “não tinhas nada que dizer”, e ele “olha ainda por cima...” [risos], tá a ver como é que é?

**E** – Ele foi defende-la a si e você foi defender a sua mãe? [risos]

**e:** É a minha vida com a minha mãe é assim... tem sido sempre e sempre onde eu ia, eu ai à da minha filha a minha mãe vai comigo, eu ia... e sempre, era a minha filha mais velha. Agora não por que... eu digo-lhe “mãe se eu pudesse consigo eu levava-a aqui (ombro) e onde eu fosse você ia, mas não posso, e você vê que eu não vivo a minha vida por causa sua, você...” – “ah pois... e o que é que vais lá fazer? (expressão de desdenho) o que é que vais lá fazer?”. Eu não vou a jantares, eu não vou muitas vezes com o meu marido, onde antes íamos sempre os dois, eu não vou, como é que eu vou? Ao tempo que eu não vou à praia de Tavira porque ela tem-me dito sempre assim “ai eu gostava tanto de ir à praia...” à ilha de Tavira, mas era como era antigamente, agora é impossível como é que a minha mãe pode ir para a ilha? Até para ir para o barco é difícil. E eu mete-se-me aquilo na cabeça e digo assim “temos que ir 1 dia almoçar à ilha”, porque eu já há mais de 3 ou 4 anos que eu não vou, porque eu ir, estar lá e saber que ela não pode e está (furiosa por não ter ido)... tou só com aquilo na cabeça e não vou, prefiro não ir. Elas (amigas) vão e eu não, não vou prefiro não ir porque não vou tar bem.

**E** – Mas com o Pontão não sentiu isso? Quando ela começou a passar cá o dia connosco não se sentiu afetada, pelo contrário certo?

**e:** Não. Não pelo contrário, foi um alívio...

**E** – Por partilhar a responsabilidade...

**e:** Sim e por saber que ela tinha necessidade também de falar e... pronto outras coisas que ela tinha aqui e que em casa não tinha, porque eu não podia tar com ela, porque ela levava muitas horas sozinha. Eu sempre, telefonava, ou coisa... mas não podia, tou a trabalhar

**E** – A ideia do Pontão partiu de si, mas a decisão foi dela claramente...

**e:** Sim, tudo ela.

**E** – Mas foi tomada apenas para a aliviar a si ou por ela?

**e:** Por ela, foi por ela não foi por mim, porque eu de toda a maneira... tenho a mesma preocupação, atão tenho que me levantar mais cedo para tratar dela, depois ando, ando e tenho que ter a preocupação de tar antes das 17h de estar presente antes das 17h. A mim alivia-me um bocadinho mas mais para ela, porque ela mudou, ela não tem nada a ver, como eu disse 80%. As pessoas quando a viam diziam “ai a Lucélia, como ela era e como

ela é”, agora que a veem “olha tal é aquilo, se tá bonita” e quando ela faz aquelas mises e no facebook que toda a gente a vê tão bonita, dizem que é a mais bonita [risos].

**E** – Mas ainda bem que assim é não é? [risos]

**e:** É, é e eu tou muito contente por isso.

**E** – Mais uma pergunta pense um bocadinho porque há sempre coisas a mudar para melhorarmos, se você pudesse o que mudava no Centro de dia, por si e por ela?

**e:** Sei lá... Eu não tou... eu não vejo em que é que vocês poderiam mudar... acho que têm atividades, têm tudo bem, coisas que a minha mãe tinha deixado de fazer, malha, e agora já faz, porque ela já não sabia e mesmo assim faz asneiras mas ela sabia tão bem e aquilo esqueceu de certeza...

**E** – Pois se não praticava esqueceu.

**e:** Outras coisas... pois eu não sei...

**E** – Por exemplo, disse várias vezes que a partir das 17h tem aquela preocupação, se ela chegasse às 18h, seria melhor para si, por exemplo alargar o horário?

**e:** Ah nesse aspeto sim, até eu já disse isso porque às 17h, de inverno não que já é de noite, mas às 17h de verão é meia tarde, são muitas horas... por exemplo, para mim é que eu tou a trabalhar, o meu horário é horário de loja até à 1h ou 2h da manhã, mas isso não é um horário normal, normal é até às 20h. Para mim é o que mudava, mas eu também não vejo que ela teja cansada de tar aqui, se visse que ela tava aflita para ir para casa não, mas não é o caso...

**E** – Eu percebo, também temos aqui pessoas que chegam às 18:30h porque moram mais longe, a volta de Cabanas é a primeira que fazemos...

**e:** Pois é por isso que eu lhe digo “você é logo a primeira”, porque às 17h... eu vou trabalhar e já são 17h.

**E** – Nem sempre é fácil gerir esta questão dos horários, é difícil agradar a todos...

**e:** Para mim nas outras coisas acho que não tenho nada a dizer, o horário pois... à hora de ir buscar tá bem, às 8:45h é boa hora, na tarde... também ainda não experimentei porque ela começou em setembro e veio logo o inverno, mas já pensei nisso que de verão às 17h é meia tarde, são ainda muitas horas de dia que ela vai ficar... pois vai ficar que eu tenho que trabalhar e para ela não lhe fazia diferença...

**E** – Eu ando aqui com umas ideias para o verão mas depois falamos noutra altura. Quando vem cá, quando vem com os seus familiares, não sei se sabe que é das pessoas que mais nos visita...

**e:** Sou??? (gargalhada) eu às vezes nem venho para não incomodar [risos]

**E** – Quando chega aqui, é bem recebida, sabe que pode entrar à sua vontade...

**e:** Eu peço sempre, mas ultimamente entro e... sei que posso sim senhor.

**E** – Sente-se confortável com isso?

**e:** Sinto-me sim senhor, muito bem, para mim tá tudo bem.

**E** – Não alterava mais nada, sem ser o horário de chegada a casa?

**e:** Não, só mesmo o horário, porque de resto não tou a ver nada que...

**E –** É que ela nem sequer quer fazer a volta ao contrário, para que Cabanas fosse a ultima paragem da carrinha, diz que fica mal disposta, nas palavras dela “eu almareio”.

**e:** Ela diz isso porque uma senhora tava sempre a dizer-lhe para não ir para a serra que o caminho era ruim [risos] mas ela até nem enjoa e ela se for ela gosta, ela gosta tanto de passear... [risos] nem nisso lhe saio a ela que eu sou mais de casa [risos].

**E –** Ela ouviu-me falar que íamos à Mata e hoje aproveitou logo, assim que me apanhou sozinha disse-me assim “escute lá, ouvi falar que íamos a passear à Mata?” e eu disse-lhe “você ouviu-me dizer que vai haver um baile na Mata” [risos] e ela “mas a gente vai não é verdade?” – “claro que vamos” [risos] e ela disse-me “ai logo me diz que dia é que é por causa do cabelo e da minha filha me compor a toalete”. [risos]

**e:** [risos] [risos] [risos] É isso ela gosta porque se lembra do tempo que lá ia, porque ela ia sempre com o meu pai, cá está ela ia sempre com o mau pai. Até as outras tinham ciúmes, não é bem ciúmes, porque os maridos só as levavam se o meu pai começasse a dizer “epah leva lá que eu levo a minha Lucélia, leva lá a tua mulher...” portanto elas até diziam “eu posso agradecer ao Sr. Bento de eu ir, porque o meu marido nunca me levava a lado nenhum”. E então iam aqueles casais, iam pa Mata levavam o lanche lá pa ribeira e isso ela tem tudo gravado, ela fala sempre. As vezes que eu vou à mata também, uma vez fui e fizemos lá um almoço e ela foi e eu “ai mãe e depois como é que você sobe?” – “ah eu depois sento-me”, ela resolve logo o problema, porque ela gosta de ir...

**E –** Passear ela gosta...

**e:** Gosta, gosta. E ela já falou da praia, digo eu assim “pois como é que a doutora a leva para a praia?” – “não sei, é uma praia que a gente pode ir mesmo lá ao pé, tá mesmo ali ao pé” e eu pensei só ali na Manta Rota [gargalhada]

**E –** [risos] São coisas para o verão, nós depois falamos, mas sim garanto-lhe que vamos à praia [risos]

**e:** Pois eu pensei logo na Manta Rota [risos]

**E –** Muito obrigada por esta entrevista...

**e:** Pois eu não sei, alguma coisa que veja que não tá bem... mas é... isto é ela, sei lá o que eu posso dizer mais tá à vista. Quem tiver algum tempo com ela sabe logo, toda a gente nas Cabanas gosta da minha mãe, gosta de tar com ela, porque aquilo é rir, e rir e rir e rir...

**E –** Ela é muito divertida é...

**e:** Porque ela consegue dizer palavras muito mais difíceis do que elas são, eu não sei onde é que ela vai buscar aquilo e elas riem-se e então aquilo é uma alegria. E todas as noites, todas as vizinhas iam para lá para casa da minha mãe, tanto que eu tou habituada a isso, tá a ver...prefiro que vão todas à minha casa e não eu à casa delas, porque toda a vida foi assim. Todas as minhas primas e as vizinhas que eu tenho ali, que ali a vizinhança é toda ali perto, de noite passavam ali os serões e aquilo era rir, e rir e rir e rir...

**E** – Está habituada à casa cheia...

**e:** Pois é isso [risos]

**E** – Obrigada Ana M<sup>a</sup> e de certeza que temos aqui conversa para...temos “pano para mangas” [risos]

**e:** Ohhh e era mais, mas uma pessoa também já não se lembra, às vezes já me esquece ah coisas que uma pessoa...

Mas o meu pai, mesmo com todos os defeitos que ele tem, ele gostava dela, gostava muito dela “oh Lucélia tu és muito bruta” dizia-lhe ele [risos]

Antes de ele morrer... coisa que ela não quer... por ela não tinha... nem eu ia lá tão pouco e eu disse “isso é que era só o que faltava, quer dizer eu tou a tratar de si, ele é meu pai e... não”.

Eu ia a Boliqueime, que ele ficou em Boliqueime, porque foi assim ele depois ficou como se fosse sem abrigo, ultimamente, que a mulher morreu, e no dia que era para ser o divórcio foi no dia que a mulher morreu... ah atão é que ela ficou contente. O azar que ele teve, no dia em que saiu o divórcio morreu a mulher.

**E** – Ele não chegou a casar com ela?

**e:** Não chegou, atão morreu no dia em que saiu o divórcio... ah atão é que ela ficou contente, digo eu assim “bendito seja Deus mãe, mas porque é que você é assim?” – “não se casou, bem feito bem feito” lá com os nomes que ela diz. Mas o meu pai não era assim, antes de ele morreu eu tive lá e já o percebia mal e ele disse-me “filha trata da tua mãe” e o meu irmão tava lá, o meu irmão é que ia comigo. Isso aí é que eu nunca deixei que ele deixasse de ir comigo, nunca fui sozinha porque eu pensei “não se eu vou um dia sozinha atão é que ele já não vai mais comigo”. Tivemos 1 mês sem ir, íamos duas vezes por mês, e foi quando ele piorou. Ele também tava habituado a ter uma vida coiso... e ficar ali não encaixou tudo bem.

**E** – Mas ele teve em algum lar?

**e:** Ficou, porque depois a Dr<sup>a</sup> da Segurança Social que é ali minha vizinha, um dia eu tava-lhe contando sem mal nenhum porque ela viu-me “atão Ana M<sup>a</sup> como vai...” e eu nas minhas lamurias, pois só tenho tido sempre coisas destas, e disse “pois e o meu pai, e passa-se isto e isto...” e a Dr<sup>a</sup> lá de Lisboa falou comigo, num dia que ele tava ao telefone comigo e eu já não o percebia muito bem, então veio a Dr<sup>a</sup> e falou comigo que o meu pai tava assim e assim e assim e tinha já muitas dificuldades em ir para o Centro de Dia e tinham dificuldades em ir buscá-lo...

Das coisas que ela me disse era como se fosse um sem-abrigo, só porque ia para ali e depois tinha um quarto de um amigo, e ela disse-me “completamente” e eu fiquei com aquilo na minha cabeça “tal é isto... e agora o que é que eu faço?”. Para casa não podia, ele queria vir mas eu dizia-lhe “pai como é que eu posso pô-lo com a mãe? Eu não posso pôr”. Ele ainda teve aqui uns quantos dias foi uma carga de trabalhos porque ele subiu, foi lá ter com ela ai minha mãe do céu, depois tive que me zangar com ele, digo eu assim “ai mas isto não pode ser atão, esta gente dá conta de mim”. Eu falando isto com a Dr<sup>a</sup> da Segurança Social e ela disse que era

possível pedir a transferência dele para um Lar mais perto daqui. Um dia telefonou-me a dizer “olhe Ana M<sup>a</sup> há uma vaga você quer?”, digo eu assim “Oh Dr.<sup>a</sup> mas não sou eu que quero eu tenho que telefonar a perguntar se ele quer porque eu não posso mandar”, mas eu pensei que era para Tavira, mas não, ela não conseguiu para Tavira. Para Tavira podia ir para o centro onde vão os toxicodependentes, que eu nem sei onde é, e que depois quando houvesse vaga é que passava para outro, e eu pensei “o que mete-lo ali, com o feitio que ele tem...” não me parecia, e então foi para Boliqueime, é longe mas o lar era bom. Entretanto eu telefonei-lhe e disse “olha pai passasse isto e isto e isto, você quer vir?” e ele “ai filha quero”, mas pensando que depois vinha para a minha casa alguns dias mas como é que ele podia se já nem conseguia andar, como é que eu o podia trazer? E ele começou a ficar ali, ainda teve 1 ano depois morreu em maio, faz agora 1 ano em maio.

**E** – Mas ele só falou em ir para a sua casa, e para a casa do seu irmão?

**e:** Acha [risos] Acha [risos] foi sempre “a minha Ana M<sup>a</sup>” sempre sempre sempre. Depois dizia assim à Dr.<sup>a</sup> de Boliqueime... ai como era o nome dela... também era muito simpática e a encarregada, receberam-no muito bem e foi tudo muito bem só que ele não sei, ele fazia tantas amizades e tudo e ali não, revoltou-se muito e tornou-se agressivo, falava mal, dizia nomes. Um dia chamaram-me olha chamava nomes a todas, tudo...

**E** – Mas ele tinha alguma demência?

**e:** Não... era um espertalhão, não não tinha nada, era assim, aquilo foi no ambiente... e depois fui muito aborrecida e disse “pai se for assim para me virem chamar que você é mal-educado, que você chama isto e aquilo, ai eu já não venho porque eu não to upa ficar envergonhada”.

Eu disse à Dr.<sup>a</sup> que daquilo que eu conhecia do meu pai, o meu pai no ambiente de casa nunca foi isso, o meu pai nunca disse esse nomes nem nos chamava nada, isso devia ser daquele ambiente onde ele depois teve lá aqueles 30 anos lá com aquela gente... sei lá de onde. Mas depois já lá ia, mas falava sempre mal ficou sempre revoltado, ficou sempre. Depois ficou assim mal, perdeu o andar, depois ainda fui à festa, olha fui eu e o meu Daniel, à festa do natal. Tivemos a tarde inteira lá no lar, foi o meu filho comigo mas ele disse-me “olha mãe eu deixo-te lá, ficas com o avô que eu vou dar uma volta com a minha mulher e os filhos” mas não foram, ficou também, ficamos até de noite com ele e ele dizia assim “mas tás aqui por querer ou tás só pa fazer jeito”, digo eu assim “não pai, se eu não quisesse tar aqui eu não vinha, ninguém me obrigava.

E é assim a minha vida (suspiro)...

**E** – Uma vida a apoiar os outros não é ...

**e:** Sempre sempre sempre, agora quem cuide de mim é que eu não tenho [risos]

**E** – Tem de pensar nessa minha pergunta sobre quem é que cuida de si...

**e:** Não sei, eu também não tou preocupada, eu já disse a eles “não se preocupem” porque se eles também não podem cuidar dos filhos que têm de os pôr no infantário porque vão trabalhar... o que é que eu tou à espera, digo eu assim “não... a mãe se não perder a ideia vai-se logo inscrever para o lar, eu e o teu pai, portanto se

me quiseses ir visitar vai que eu já tou mentalizada para isso, se puderem ir vão se não poderem não vão”, pois... para onde é que me vão a levar, nem eu queria ir, é assim.

**E** – E você não arranja um tempinho para fazer o que gosta?

**e:** Quando? Agora?

**E** – Durante o tempo que a sua mãe está aqui connosco, faça coisas que lhe dão gosto...

**e:** Mas eu vou, olhe ainda no outro dia... ah essa foi muito boa, ah cale-se a boca [risos] aquela mulher é... [risos] No dia da mulher, ela só tava falando de um jantar que a gente tinha ido uma vez, pois eu fui e ela tava comigo foi também. Foi a 1ª vez na vida porque eu para mim como sou livre o dia da mulher é todos os dias, mas pronto ali não era hábito e eu nunca fui... mas diz-me ela assim, eu tava tão cansada, tava saturada e aborrecida nem me tinha vestido nem nada e digo assim “mas eu sou muito estúpida, espera aí...”, tomei um duche e digo assim “mãe...” com o vim preparada diz ela “ah tas muito bonita”, digo eu “tou mãe?” diz ela “vai-te a dar uma voltinha” – “pois vou, nem é tarde nem é cedo, mesmo agora vou”. Olhe fui, peguei em mim e fui para o Plaza sozinha, olhe faz-me um bem, fui sozinha não quero ninguém atrás porque ela diz “quando fores diz-me” não quero ninguém atrás, vou sozinha, ando... aquilo acalma-me não sei. Ela diz-me “ah não tens dinheiro pa gastar...” digo eu “que me importa a mim, eu tenho olhos pa ver, ninguém me impede de ver só compro se quiser” e ela diz “ah mas isso tem algum jeito?” digo eu “tem, para mim tem porque faz-me bem”.

**E** – Porque está sozinha, porque é aquele bocadinho só para si?

**e:** Pois porque tou sozinha. Olhe tava tão distraída que quando olhei para mim eram 20h digo assim “ai mãe do céu” eram 17 quando eu fui e o meu marido nada, nem me telefonou nem “onde é que tás...” nada, ele já sabe que se eu tiver alguma coisa dou-lhe um toque. Ai (suspiro) quando eu chego digo assim “ai mãe já vejo luz na escada, vejo luz no quarto tá armada”. Quando eu cheguei vinha o meu marido de lá de cima e disse-me “cala-te a boca olha tá desinquieta – oh que é que foi feito dela? nunca me fez isto” [risos]. Eu chego lá em cima e digo-lhe assim “mas o que é que se passa?” – diz ela chorando “pois nunca me fizeste isto, foste-te embora e não me disseste nada”, digo eu assim “atão você disse-me para ir a dar uma voltinha” – “pois disse mas era para irem lá abaixo (ar de zangada)” digo-lhe eu “pois aí é que você se enganou porque eu não fui lá abaixo, porque lá abaixo vou eu sempre, olhe peguei em mim e fui para o Plaza” – “tal é essa e aqui fiquei eu sozinha”.. olhe ela tava digo-lhe assim “sim olhe já fui e já vim” porque ela... voltinha é ir ali e vir... ela não me deixa, e como é que eu vou? Tou bem? Não estou!

No outro dia elas disseram-me assim “anda já vamos lanchar...” digo eu assim “não posso que eu tenho...” e elas “lá tás tu com a tua mãe”, porque elas já sabem... e elas “lá tás tu...” digo eu assim “pois tu tens o teu pai mas o teu pai tá com a tua irmã, tu vais lá de visita e eu sou ao contrário” [risos], pois é isso.

É a realidade a minha vida é assim... não vê que eu tou preocupada, às vezes venho que ela não tá muito bem “bom deixa lá ir a perguntar, deixa lá ver como é que ela tá”, e o meu irmão vem aqui quando? No outro dia veio já ela não tava ou foi mesmo à hora de ela se ir embora. Outro dia foi quando ela foi ai médico que ele

nem soube, ele é que foi marcar a consulta... Veja bem a diferença, ele é que marcou a consulta quando ela saiu do hospital, mas isto não é falar mal eu digo-lhe mesmo a ele, mas sabe porque é que eu já não lhe digo porque depois há discussão porque ele é bruto, tá tornado bruto eu disse-lhe “parece que tu já não bates muito bem, porque tu não compreendes o que eu te quero dizer”. Ele nunca me perguntou “mana já veio a consulta da mãe?” foi ele que foi marcar... Eu fui para a consulta, eu vim da consulta, eu fui de ambulância eu vim e fui... ela não fez o exame naquele dia, tive que ir às 7h da manhã para Faro outra vez e tive que vir, e o meu irmão perguntou-me? Perguntou-lhe? Nada, nada, nem pelos resultados, nada. E depois quando ele vai eu “ah passou-se isto e isto e isto” e ele “ah a mãe foi ao doutor... e a mãe foi isto... e a mãe foi aquilo”, mais nada. Disse-me assim “manda lá buscar a bengala que eu dou-te metade do dinheiro” digo eu “tá bem”... Agora quando ele me disser “ah não me disseste nada” eu vou dizer “pois não... tu sabias que tava encomendada, eu não sabia quando vinha, quando chegou eu não ia à tua casa a pedir-te o dinheiro”. A obrigação dele era “toma lá, paga, tá aqui” não é? Porque a minha mãe, tudo quanto deu... ainda há pouco... eu fui muita bruta, eu há dias que mereço tanta chapada... porque a minha mãe não tinha muito dinheiro, tinha ali uns tostões... porque ela viveu sempre comigo. O meu pai e a minha mãe tinham uma casa, deu-me a mim, o meu pai deu logo fez a doação e deu-me a mim, mas a minha mãe não queria dar mas depois lá lhe roeu a consciência e então deu-me. A gente depois, aquilo tinha inquilino, não saía e a gente vendeu, portanto foi metade meu metade dele só o que demos à minha mãe... ao meu pai não lhe demos nada, e à minha mãe compramos-lhe um fio de ouro para uma recordação que tá lá. As coisas não têm tado bem e a minha mãe tinha para lá uns 4000€ e disse-lhe assim “oh mãe isto as coisas não têm tado bem, eu queria pintar o meu carro, sabe o que você devia de fazer...” pensando que as coisas melhoravam mas as coisas isto tem ido sempre para pior “... olhe havia de tirar e dava 1000 ao meu irmão e 1000 a mim” lembrei-me eu a dizer isto... mas fui estúpida porque... ela primeiro não ficou assim muito coiso, mas depois lá “ah pois tá bem” e atão depois foi logo a dizer ao filho a minha ideia, digo eu assim “mas você não tinha nada que dizer..., porque a gente não sabe...” – “ah já tinha dito tinha que...”. Como eu não fui logo “pois a mana parece que não tem falta, não há meio de ir a buscar o dinheiro, e não sei quê...”, mas repare bem o dinheiro do meu irmão é dele tá a ver, o dinheiro que a minha mãe dá é dele. O meu que a minha mãe me dá a mim é meu e dela [risos].

O que é que me diz a isto? Mas serei eu estúpida? [risos] agora tenho que andar eu contando os tostões, porque não é com 140€ que eu vou fazer o resto do mês... ela tem que comer, depois é a medicação, depois é mais o pão, depois é mais o creme, depois é mais isto, depois é mais aquilo, mais os rebuçados, mais isto... tudo aquilo que ela tá habituada. O meu filho diz assim “oh mãe se não tiveres não compras” digo eu assim “pois isso é muito bonito de dizer, mas eu é que não me sinto bem”. Mas e agora... qual é a obrigação do meu irmão?

**E** – Ele tem uma maneira de pensar diferente da sua... São maneiras diferentes de pensar...

**e:** É por isso que eu me sinto mal, fico ofendida... com esta maneira. Mas ele depois tá ao pé... e eu até me dá pena, mas ele é que tem razão, ele é que tem razão não sou eu.

**E** – Não me parece que seja isso...

**e:** É, eu tou errada, ele é que tem razão, eu tou errada... eu é que sofro mais com isso e ele tá desinteressado... tá...

**E** – Mas sempre foi assim em tudo, quem mais dá de si é quem sofre mais. Nem a Ana M<sup>a</sup> nem o seu irmão estão errados, vocês têm é maneiras diferentes de pensar e de encarar o cuidado à vossa mãe.

**e:** Agora diga-me que eu fazia igual ao meu irmão, o que era feito da minha mãe?

**E** – A sua mãe perdia...

**e:** Ah já não tava cá...[risos] Ela diz que aquele espaço é dela, eu digo-lhe assim “olhe se você me diz que isto é seu, o dia que você desapareça se desaparecer 1º que eu, eu meto aqui uma máquina eu parto isto tudo, porque eu não tenho falta deste quarto, eu tenho espaço suficiente para mim e para o meu marido, até me sobra”, porque ela dizia... ela às vezes ofende-me, agora imagine se a minha mãe tivesse que pagar...

Ah... olha olha... já me esquecia desta... o meu irmão, um dia eu disse assim “olha lá atão se a mãe não vivesse aqui onde é que vivia? – “onde é que vivia? em qualquer lado, alugava-se um apartamento, alugava-se um quarto ou um buraco qualquer” olha eu não gostei que ele tivesse dito aquilo. Quer dizer a minha mãe num apartamento, e quem cuidava, pois se tivesse num apartamento alguém tinha que ir a cuidar dela... se tivesse num quarto alguém tinha que ir a cuidar dela...ele não vai, a mulher não vai, de toda a maneira... ali pelo menos tá dentro da minha casa não é? E porque é que ele me havia de ter dito aquilo? Agora imagine... eu pensei... será que ele pensa que por a minha mãe falar aquilo (quarto anexo no 1º andar) que me beneficiou a mim? 1000 e tal contos que aquilo custou, é um quarto uma casinha de banho mas não é nada de luxuoso é uma casa normal. Não pagou planta, não pagou nada que isso fez tudo o meu filho, só pagou a obra. Portanto se alguém ficou ali prejudicado nem sequer foi a minha mãe, foi os herdeiros porque ela foi buscar do monte... talvez seja por isso... eu fiquei “será que ele tá pensando que ela por aquilo em ajudou?”. Imagine-se que ela pagasse só um quarto, há 13 anos a pagar um X por um quarto... Se eu for a fazer contas quanto é que o meu irmão me tem a pagar? Eu a tratar dela, a dar-lhe o espaço, água, luz, tudo... pago eu... a minha mãe tem um termoacumulador para tomar banho e gasta luz, gasta água, é a roupa dele, é tudo. Quem paga? Não tem, não tem assunto, eu às vezes começo a pensar e isto dá-me cabo da cabeça “como é que é possível o meu irmão pensar uma coisa destas? Eu faço... uma vez um fiz as contas, mas depois aquilo pesa-me como se fosse eu pecado que eu tava fazendo...

**E** – Pois... e você liga mais ao facto de ela estar bem do que aos gastos...

**e:** Pois é... Bom se calhar já tá bom...

**E** – Tá ótimo Ana M<sup>a</sup>, obrigada.

## **Entrevista 9**

**Dia:** 13 de Março de 2015

**Hora de início:** 15h00

**Hora de fim:** 15h50

**Local:** Gabinete do Centro de Dia

**Entrevistador (E):** Nilza Macedo

**Entrevistado (e):** Mafalda

**Elemento de registo mecânico:** Gravador

### **Parte I**

**E** – O que eu queria saber e podemos começar se calhar mais fácil pelos seus pais, a minha ideia é perceber quem eram os seus pais antigamente, quando é que você se começa a lembrar deles, o que é que eles fizeram, em que é que trabalharam, o que é que faziam os dois e depois, como é que chegaram até aqui e porquê o Centro de Dia e como é que é hoje e vossa relação. Vamos por partes, se calhar começamos pelo seu pai, fale-me um bocadinho dele, quem era o seu pai antes de aqui chegar? Os tempos que você se lembra do seu pai na vida adulta dele.

**e:** Desde pequeno até agora?

**E** – O que você se lembrar.

**e:** O que eu me lembro pronto, quando era pequena, ele trabalhava no campo, naquela altura trabalhava no campo. Eu tinha para ai 5, 6 anos, pela memória que eu tenho. Depois então, num domingo de Páscoa ele decidiu ir para França mas partiu num domingo de Páscoa, lembro-me tão bem como fosse hoje.

**E** – Ficou essa lembrança...

**e:** É, ficou essa lembranzinha, eu tinha 6 anos. A minha irmã era um bocadinho mais velha do que eu, tinha para ai 8 ou 9 e ficamos cá com a minha mãe e ele foi partir para França com mais homens das idades deles e foram... contrabando, naquele tempo chamavam contrabando, foram...

**E** – Foi uma ida ilegal não é?

**e:** Por causa que as fronteiras estavam fechadas e foram... atravessaram ai essas fronteiras até Espanha e depois de Espanha até que foram para França de comboio, conta ele não sei... Depois prontos, teve lá em França.

**E** – Quantos anos?

**e:** 19 ou 20, sozinho.

**E** – E vocês estavam cá?

**e:** E nós estávamos cá. Eu e a minha irmã andávamos cá à escola e ficamos com a minha mãe e ele teve lá, pronto, arranjou lá um trabalho lá numa fábrica de material de guerra, não sei se ele já contou. Depois teve morando num hotel. Sei que ele teve 2 anos sem cá vir porque ele teve lá um acidente, partiu um pé e

uma clavícula num acidente de carro e então pois teve 2 anos sem cá vir e depois foi morar sozinho, depois desse hotel foi morar sozinho para uma casa por conta dele. Depois ia para a fábrica de bicicleta a pedal.

**E** – E a sua mãe como é que viveu cá esses 19 anos?

**e:** Olhe, a minha mãe tava cá com agente, ela também trabalhava no campo. De verão ia à alfarroba, à amêndoa. Depois também caíava muito numa quinta lá ao pé deles e pronto, foi assim esses 19 anos que se passaram. Ele só vinha cá nas férias, no mês de agosto nas férias de verão e depois pelo Natal e Ano Novo, passava cá duas semanas e depois ia-se embora outra vez e era assim.

**E** – E a sua mãe sempre morou ali com vocês na...

**e:** Sempre, sempre.

**E** – Cumeada não é?

**e:** Sim, sim. Entre a Cumeada e o Moinho de Vento, era no Moinho de Vento mesmo, na estrada que vai para o Carapeto, sim.

**E** – E depois quando ele regressa?

**e:** E depois ele regressou no ano que eu casei. Quando a minha irmã casou, ele tava lá. Ela casou no mês de Agosto e eu também casei no mês de Agosto, por causa das férias dele tínhamos que casar no mês de Agosto para ele estar cá. E nesse ano que eu casei, ele depois veio já com a pré reforma ou como é que chamavam em francês é [não perceptível] e então depois nesse ano já não foi, só depois foi para França só para despachar os papeis da reforma mesmo quando ele teve idade para isso. Ele tinha... não quero mentir mas, já não me lembro pronto, tinha na volta dos 65, 65 ainda não tinha, tinha a volta de uns 60... E depois pronto, depois de ir a França lá despachar os papéis para a reforma nunca mais foi.

**E** – Depois ele voltou para cá e trabalhava cá não era? No campo ainda.

**e:** Quando ele voltou sim, teve um tempo ai de verão, trabalhava ai sim e depois foi só no que era dele, nos terrenos que era dele.

**E** – E relação com os vizinhos havia? Lembra-se das vizinhas, de passarem algum tempo na sua casa ou a sua mãe na delas?

**e:** Quando o meu pai tava em França, e a gente távamos cá, sim, sim. Havia ali aquele convívio e nós brincávamos todas, pois havia também ali mais garotas ali das nossas idades. Depois a minha irmã cresceu, já era uma mulher e começamos eu e a minha mãe a ir às vizinhas, íamos lá para os bailes da Conceição e pronto, era tudo uma festa [risos].

**E** – Muito aqui na Conceição não é? A sua mãe fala muito aqui da igreja. Iam muito a Tavira de vez em quando, a pé não era?

**e:** Sim, eu quando era pequenina eu lembro-me de ir a pé...

**E** – Lembra-se? A sua mãe diz isso.

**e:** Daqui a Tavira, não era bem Tavira, era antes de chegara a Tavira, ali o que chamam? Chamam aquilo o Vale Caranguejo. Tínhamos ali a minha madrinha, a minha madrinha costurava, fazia costura e íamos ali mandar fazer a roupa. E até ali íamos a pé e dali a Tavira era perto e depois quando vínhamos já vínhamos e camioneta.

**E** – Pois a ela conta.

**e:** Sim, sim.

**E** – Depois entretanto nascem os vossos filhos, os seus e da sua irmã, certo?

**e:** Sim, sim.

**E** – Como é que eles se relacionam com os netos?

**e:** Portanto, o meu pai tava em França quando nasceu o meu sobrinho, o meu sobrinho mais velho, filho da minha irmã. Depois pronto, ele tava lá, depois pronto, foi o neto mais velho pois aquilo era, já se sabe...

**E** – O primeiro.

**e:** O primeiro. E o meu filho foi o segundo e a minha sobrinha o terceiro. Eles são da mesma idade, mas a minha sobrinha tem três meses e meio mais nova. O meu filho é de Maio e a minha sobrinha é de Agosto.

**E** – E eles como é que se relacionam com os avós?

**e:** Sim relacionam-se bem pronto, só que o meu pronto como eu tava a morar com os meus pais, casei e fiquei ali morando com eles, o meu filho para eles pronto, foi sempre aquele neto que foi ali nascido e criado, os outros estavam mais longe, foram criados lá na Manta Rota pois não tinham tanta feição como o meu filho.

**E** – Que cresceu com os avós.

**e:** Principalmente com a minha mãe para ele foi a segunda mãe, ajudou a cria-lo.

**E** – A sua mãe é muito pegada às crianças não é?

**e:** É, é. Ela gosta muito sim.

**E** – E fala muito “o meu filho”. Ela diz sempre, quando vê os meninos aqui na cresce, pronto já está nesta situação da demência, mas ela diz logo: “Ai o meu filho! Parecem o meu filho, todos dão ares ao meu filho.” [risos] Ela associa-os ao neto.

**e:** [risos] Pois eu casei, fiquei ali morando até virmos ali para a Conceição, há 5 anos, 6anos. Ele já tinha 20, pois teve lá até aos 20 anos.

**E** – Com a avó.

**e:** Com a avó.

**E** – E como é que era a vida dos seus pais antes de virem aqui para o Centro de Dia?

**e:** Quando tavam lá em casa pois pronto, tavam em casa. Nós antes de virmos para aqui já tínhamos pedido ajuda à Cruz Vermelha por causa pronto, a minha mãe já tava muito esquecida da cabeça, já não fazia comida. Eu e a minha irmã já tínhamos medo e desligamos o fogão e então pedimos ajuda à Cruz Vermelha, e eles vão levar os almoços na hora do almoço e o jantar na hora do jantar.

**E –** Foi a 1ª vez que precisaram de ajuda de outras pessoas, quando a sua mãe começa a dar sinais de demência? Pediram ajuda só a nível da alimentação?

**e:** Sim. O meu pai também teve mal, teve acamado ainda também e a Cruz Vermelha também foi lá higienizá-lo.

**E –** O que é que ele teve para ficar acamado?

**e:** Foi da próstata, da bexiga e isso, teve muito mal, muito mal. Fez um tratamento lá no hospital e depois lá veio para casa e teve acamado, ainda teve aí umas duas semanas acamado, ainda vieram fazer a limpeza, depois pôs-se melhor pronto. Ele não parece o mesmo, nem ele nem ela, nenhum dos dois! E ela já tava muito debilitada quando... pronto, sentava-se no sofá, já não queria ver televisão, estava ali sentada, dali não queria fazer mais nada, ali estava o dia inteiro e só comia, ia a mesa comia e ia à casa de banho e pouco mais fazia. Quase que não saia á rua.

**E –** Quando é que começam a pensar no Centro de Dia?

**e:** Começamos a pensar este verão.

**E –** Sabiam que ia abrir em Setembro?

**e:** Sabíamos que ia a abrir em Setembro.

**E –** Mas não partiu deles a ideia, partiu de si e da sua irmã?

**e:** Sim, portanto eu falei com a minha irmã que isto ia abrir e que ia ser bom para eles, depois falávamos com eles, principalmente com o meu pai, se estavam de acordo e queriam vir-se inscrever. Ele disse logo que sim, disse logo que sim. Assim que nós falamos com ele disse logo que sim. Foi assim.

**E –** O porquê do Centro de dia? Para eles passarem o dia acompanhados, porque podiam ter pensado num lar ou continuar com a Cruz Vermelha....

**e:** Outra coisa é que ele não gostava da comida, isso foi outra coisa que... a principal razão, foi sempre uma reclamação. Ela não, ela nunca foi tão esquisita na comida como ele, mas ele era uma reclamação. Ele sempre se queixou. Assim que veio para aqui: “Ai mãe que bela comida! Ai sabe a comida tão bem! Não tem comparação nenhuma!”

**E –** Ainda bem! O primeiro factor foi que o seu pai não gostava da comida da CVP.

**e:** Nem vê-la! Até o cheiro, ele voltava logo para trás com o cheiro, ele não gostava.

**E –** Por ele não gostar da comida e pela sua mãe estar com um quadro demencial?

**e:** Sim.

**E –** Pelo menos aqui durante o dia tem algum apoio.

Portanto, falou com eles, vieram cá. Como é que foram os dias antes. Primeiro vieram cá inscreve-los, eu lembro-me disso, veio a Mafalda e a sua irmã, eles vieram conhecer, conversamos, fizemos a entrevista para a admissão depois ainda demorou um ou dois dias. Como é que foram esses dias? Principalmente para o seu pai antes de vir para o Centro de Dia.

**e:** Ele tava desejando já de chegar o dia, quando chegou o dia. No primeiro dia lembro-me tão bem. Despachou-se logo cedo, começou logo a assobiar parecia um rouxinol! [risos]

**E** - [risos]

**e:** Estava com uma alegria tão grande! É verdade, estava muito contente.

**E** – Ainda bem! E depois, portanto, eles começam, eles já cá estão desde Setembro, foram dos primeiros a inscreverem-se e a frequentar.

Como é que eles se adaptaram? Passar portanto, da casa deles, para passar aqui um dia inteiro connosco e só vão à tarde. Como é que acha que eles se adaptaram? Adaptaram-se bem?

**e:** Sim, eu acho que sim, principalmente ele, porque ela tem de ser orientada, mas sim, adaptaram-se bem.

**E** – E para si? Você é a pessoa que é a responsável digamos assim, é a familiar referência deles, como é que acha que é a sua ligação aqui com a instituição? Adaptou-se também bem ao facto de ter aqui os seus pais?

**e:** Sim.

**E** – Ficou mais descansada?

**e:** Claro, mais descansada, pois claro. Ficamos mais descansados, tanto eu como a minha irmã, ficamos mais descansadas.

**E** – Mas principalmente você que estava mais perto não era?

**e:** Pois pois...

**E** – E a sua relação com os seus pais? Mudou alguma coisa desde que eles aqui estão? Como é que achas que está? Está igual? Mudou? Como é que acha? Sua e de sua irmã.

**e:** Uma pessoa todos os dias temos que ir lá, hoje calha-me a mim, amanhã calha a minha irmã e é dia sim, dia não que vai...

**E** – Vocês intercalam?

**e:** Sim, sim. Temos que ir sempre dar o apoio.

**E** – De manhã?

**e:** Manhã para a vestir, portanto ela dormiu lá ontem a noite, eu não durmo lá, porque venho dormir a casa, pois como moro aqui perto venho dormir a casa, ela mora longe pois fica lá a dormir. Depois no outro dia de manhã despacha-a para ela vir para cá e pronto, temos feito assim. Hoje calha-me a mim, tenho que ir recebê-los à tarde, desde que chegam na carrinha, tenho que lhe ir dar o apoio, ir dar o iogurte, pronto essas

coisas todas, tenho que lhe dar o jantar, tenho que depois ir a casa de banho com ela e lavá-la para a deitar e quando ela tiver deitada é que posso ir embora para a minha casa, só no outro dia de manhã é que vou levantá-la.

**E** – Fazem sempre assim todos os dias?

**e:** Sim. Quando não sou eu, tá a minha irmã. Só que a minha irmã em vez de vir a casa fica lá a dormir. Temos feito assim.

**E** – Sempre assim, cada dia vai uma. E o seu pai o que é que diz disso? De cada dia ir uma, de vocês estarem por perto, apoiar.

**e:** Pois o meu pai fica contente e fica animado. Já sabe que sozinho só com ela não dava para ele ficar não. E depois ele é assim, não compreende a doença que ela tem, a demência e então começa, em vez de falar a bem com ela, levanta-lhe a voz e assim que ele lhe levanta a voz, ela começa a choramingar, faz-lhe mal.

**E** – Pois é. Para ele custa-lhe muito aceitar.

**e:** Ele não aceita... “Pois lá as outras todas sabem onde ficam as coisas e a tua mãe não! A tua mãe parece uma parva, parece que não sabe onde ficam as coisas e já há tantos meses que tá lá” diz ele, e eu digo eu: “Oh pai, não sabe que a demência que ela tem não dá, não fixa as coisas, nem onde vai, nem onde tem de ir”, só que ele não compreende.

**E** - Custa muito para ele aceitar a demência.

**E** - O que é que mudou desde que eles vieram para aqui?

**e:** Eu acho muita diferença. Tanto num como no outro.

**E** – Em que sentido?

**e:** Mais ativos, pronto, têm outra iniciativa, não tem nada a ver. E ela também tá mais ativa e tá mais esperta, para além da doença que tem. Não tem comparação, do que tar lá sozinha, não tem mesmo...

**E** – O facto de estarem acompanhados acha que lhes fez bem?

**e:** Sim, sim. Fez-lhes bem.

**E** – Portanto, ao nível do estado de humor, auto estima, saúde...

**e:** É, em todos os aspetos.

**E** – Acha que melhorou em tudo. Ainda bem, isso é bom.

**E** - Você quando cá vem, que está próxima na mesma, pronto já sei que os recebe dia sim, dia não. Mesmo que não venha cá, está com eles à noite não é? Mas quando aqui vem, sente que é fácil chegar até com eles, conversar com eles, acha que o Pontão tem a porta aberta para a receber, não há qualquer entrave nisso...

**e:** Todas as vezes que tenho vindo aqui, pronto, tenho contactado com eles.

**E** – Uma pergunta para terminar sobre os seus pais. Pense um bocadinho nisto. Se você pudesse mudar aqui alguma coisa, o que é que mudaria? O que é que na sua perspetiva o Pontão podia mudar para melhor?

Pense que você agora é a diretora, que você hoje podia tomar as decisões que quiser. Que decisão é que tomava? Para melhorar, para mudar. O que é que mudava?

**e:** Sei lá... Na comida acho que tá tudo bem. Mais convívio, sei lá... Não sei. Mais convívio, mais saídas também...

**E** – Boa. Mais passeios é isso?

**e:** Sim. O meu pai gosta muito de passear. Ele diz “Desde o Carnaval nunca mais saímos”.

**E** – Pois agora temos saído uma vez por mês.

**e:** Agora tem feito bom tempo, dava para saírem. Está solinho!

**E** – A gente vai agora no final do mês temos uma saída.

**e:** Sim.

**E** – Então só mais saídas, mais nada?

**e:** Agora nada mais me ocorre.

**E** – Mais saídas. Está bem.

**e:** Quanto à minha mãe eram cinco irmãos e ela era a terceira rapariga, tenho duas tias, uma ainda é viva, a outra já morreu. A seguir é a minha mãe, a minha mãe é a terceira. Pois a minha mãe foi a filha mais rija dos irmãos. E prontos, foi uma mulher muito rija, muito rija, sempre a trabalhar. Ela conta que começou aos 12 anos a ceifar, logo no campo a trabalhar. Durante o dia trabalhavam e ao fim de semana, depois iam lavar a roupa, iam aos bailaricos, ela conta que iam aos bailaricos e depois vinham do baile às vezes, nem dormiam, iam logo trabalhar para o campo. Naquela altura... às oito horas... era do nascer ao pôr. Prontos, foi sempre a mais rija deles todos.

Sei que a minha avó, os meus avós moraram aqui em Cabanas, aqui na Quinta das Areias e ela vinha de lá de cima, morava ao pé da Cumeada, e ela vinha sempre a pé, duas vezes por semana, limpar a casa dos meus avós, sempre, sempre, sempre. A limpar, a cair e a lavar. Tudo, tudo, tudo, sim.

Durante o verão, nessa quinta apanhava as alfarrobas, eu e a minha irmã éramos pequenas, ela apanhava as alfarrobas, depois caíava aquelas paredes muito altas com aquela escada. Foi sempre uma mulher muito rija. De muito trabalho, sim. Muito rija. E foi assim. Ela vivia com a gente. O meu pai tava lá em França...

**E** – E depois quando deixou de trabalhar?

**e:** Quando deixou de trabalhar foi quando o meu pai veio de França. Quando ele veio para cá, ela nunca mais trabalhou. Nunca ela devia ter parado... Acho que foi mau ela ter parado porque fez-lhe mal. Ela depois, ele tinha uma motazinha e ia fazer as compras, ia ao supermercado e ao mercado comprar peixe, fruta e essas coisas todas e carne e ela não ia, ficava em casa e acho que ficou parada, derivado a isso, ficou muito parada, ela saía muito pouco, muito pouco, só com a gente de carro, mais nada e acho que lhe fez mal. Nunca deveria ter parado de fazer a vida dela quando fazia até antes de o meu pai tar em França. Acho que lhe fez mal.

**E** – Quando é que vocês se apercebem que há qualquer coisa que não está a bater certo?

**e:** Já um bocado antes de ela... de pedirmos os serviços da Cruz Vermelha que a gente, eu e a minha irmã, víamos que ela não tava bem.

**E** – Esquecia-se das coisas?

**e:** Sim, sim. Esquecia-se.

**E** – Foi a Mafalda que fez o acompanhamento dela, ao neurologista, ao hospital, a fazer aqueles exames todos?

**e:** Sim, fui eu e a minha irmã fomos as duas juntas lá á consulta...

**E** – Ela percebeu que estava com alguma coisa diferente ou não?

**e:** Não.

**E** – E para vocês como foi ao perceberem que, ao fim ao cabo, esta doença ia roubar um bocadinho da vossa mãe, já não é a mãe que vocês conheceram...

**e:** Ah, pois não. É difícil, uma pessoa vê-la assim como ela está. Vá lá que ela agora tá muito melhor, do que antes de vir para aqui pronto era triste uma pessoa vê-la assim e ela melhorou muito, porque ela quando tava sozinha fazia muitas asneiras. O pão, isso o pão, na cozinha, às vezes, íamos a chegar e íamos encontrá-lo no roupeiro do quarto.

**E** – Trocava os sítios?

**e:** As asneiras que ela fazia! Valha-me Deus! Quando eu e a minha irmã chegávamos lá, íamos sempre a procura das coisas, abríamos os armários e encontrávamos sempre coisas trocadas, fora do lugar, sempre, sempre, sempre. O pão principalmente era o que ela escondia... até fomos encontrar o pão junto com a roupa no roupeiro, veja lá. Ela fazia muitas dessas. Muitas coisas dessas.

**E** – Mas para o seu pai foi mais difícil aceitar?

**e:** Para ele foi.

**E** – Como é que lhe explicaram?

**e:** Nós explicamos-lhe... mas pronto, ainda hoje parece que ele ainda não aceitou, parece que é aquela coisa que ela é a mesma pessoa.

**E** – Curioso, que ela muitas vezes, por exemplo, se o seu pai for a casa de banho antes de irmos para o almoço e ela tiver ali parada eu digo: “Então não vai almoçar?” e ela diz: “Estou a espera do meu marido (diz o nome)”. Ela espera por ele e o nome dele sai ali na perfeição. Isso, ela tem aquela noção dele e de andar ao pé dele.

**e:** Ah! E antes de vir para aqui ela também trocava muito os nomes, trocava! A minha irmã já não era a minha irmã já era “aquela mulher de Cacela que é aquela mulher que vem aqui fazer a limpeza aqui a casa”. Dizia que era a mulher de Cacela e o meu cunhado também “Quem é este homem?”, também já não conhecia o meu cunhado, marido da minha irmã. O meu nome, o do meu filho e do meu marido nunca se esqueceu.

**E** – Foram os que viveram sempre com ela não é?

**e:** É, esses nunca se esqueceu. Do meu sobrinho, da minha sobrinha, da minha irmã, do meu cunhado, esses não, esses já não conhecia.

**E** – Pois vocês viveram com ela é mais fácil. Quando lhe dizemos “Vem ai a sua filha?” ela diz logo: “A M.?”. É sempre o seu nome.

**e:** É, é sim.

**E** – Ela não se apercebeu da vinda para o Centro de Dia, dos dias antes? Se calhar para ela foi mais...

**e:** Ela dizia “Ah, agora para onde é que eu vou? Agora vou eu lá para baixo!” Lá para baixo que era para aqui e às vezes não queria, logo no princípio dizia “Eu? Que é que eu vou fazer para lá?” e com o saco do jantar, eu dava-me graça que ela dizia “Agora tenho que andar com isto todos os dias à rasta!” [risos] “Todos os dias tenho de andar com isto para trás e para a frente”, e eu explicava “É o saco onde tráz a comida” – “Ai mas eu tenho alguma falta de isto?” dizia ela... [risos]

Hoje já não diz nada já tá acostumada.

**E** – Os primeiros dias para ela...

**e:** Os primeiros dias eu dava-me graça dela: “Para onde é que eu vou? Mas para onde é que eu vou?” [risos] “Eu hoje não vou para lá, o teu pai se quiser ir vaia mas eu hoje não vou para lá”. Era só naqueles... quando estávamos a vestir...

**E** – Na primeira semana, os primeiros quinze dias, para ela foi difícil de se integrar.

**e:** Sim, sim. [risos] Dava-me graça.

**E** – Mas hoje em dia acha que ela já está bem integrada?

**e:** Sim, hoje já. Hoje já, eu chego lá, acorda logo: “Vá, toca a levantar, vamos embora!” Pronto, ela levanta-se bem, ela não diz nada. Vamos a casa de banho a lavar, vamos fazer a higiene, vamos vesti-la e pronto, chega a carrinha e vamos embora.

**E** – Pois é diferente.

**e:** Já está acostumada à rotina.

## **Parte II**

**E** – Agora em relação ao seu sogro. Se calhar é mais difícil...

**e:** Pois, o que eu souber responder [risos]

**E** – Claro é o mesmo, exatamente o mesmo, mas agora para o seu sogro, ou seja, provavelmente só se lembra do seu sogro desde que casou com o seu marido... [risos] É normal, agora se calhar é mais complicado. Mas sobre o seu sogro, fale-me um bocadinho dele. O que é que você sabe dele, quem era o seu sogro que você se lembra. Há 20 anos atrás não é?

**e:** Posso adiantar do que ele conta. Antes desses 20 anos, portanto, vinte e tal anos de casada que eu tenho, ele conta a história da vida dele assim, que nasceu no Monte da Eira da Palma e o pai dele era do sítio do Carriços. Mas a mãe nunca vivia com o pai. Ali foi com a mãe viveu até aos 7, 8 anos e pronto, acho que a mãe era deficiente ou cega. O meu marido conta que ela era cega, não sei. E então acho que um casal aqui numa quinta ali perto da Caiana ali do Morgado que ele conta, que foi para ali e essa senhora é que o criou, acho que até ser rapaz. Depois foi ali para o Almargem, acho que tinha ali um padrinho e teve a viver com ele até aos vinte e tal anos. Depois o pai aperfilhou-o, pôs-lhe os bens em nome dele, depois foi morar lá para os Carriços junto com o pai, o pai ainda era vivo. Depois juntou-se então com a minha falecida sogra e depois daí pronto começou a trabalhar no campo. O meu marido diz que ele fazia telhados, muros de pedra e poços. Acho que também teve em França e ao pé de Espanha, como é que é o nome?

**E** – Gibraltar.

**e:** Gibraltar. Teve 6 meses em Gibraltar. Depois voltou para cá e começou outra vez a trabalhar, a fazer os muros de pedra, acho que teve arrançando o Castelo de Tavira, em Silves e o meu marido conta que é outro ainda, agora não me lembro o nome...

**E** – Em Castro Marim?

**e:** Em Castro Marim, tava a ver onde há castelos [risos]. Quando o chamavam para fazer muros de pedra, ia. Chamavam-no e ele ia para o campo. Ele também tem uns terrenos, trabalhava no que era dele.

**E** – Teve dois filhos o seu sogro não é?

**e:** É o meu marido, que é o mais velho, e é o meu cunhado que é o mais novo tá em França.

**E** – Eles costumam vir cá?

**e:** O meu cunhado costuma vir cá no mês de Agosto, um mês, e para o Natal também.

**E** – O seu cunhado é casado e tem um filho não é?

**e:** O meu cunhado é divorciado e só tem um rapaz com 17 anos.

**E** – Pois ele fala dos netos diz que tem dois netos então é o meu filho, o seu, e o outro que é mais novo.

**e:** Que está em Vila Real.

**E** – Portanto o seu sogro já viúvo, depois de enviudar ele fica a morar sozinho nos Carriços certo?

**e:** Sozinho, sim.

**E** – Quanto tempo lembra-se? Quanto tempo é que ele ficou lá?

**e:** Foi até... teve esse tempo todo até que foi aqui para o centro.

**E** – Primeiro vieram os seus pais, depois veio o seu sogro em Outubro. Portanto, um mês depois. Quando é que surgiu... você já conhecia a casa não é? Obviamente. Foi você que lhe falou do Centro de Dia?

**e:** Fui, fui.

**E** – E ele?

**e:** Ele já se tinha inscrito num lar ali em Tavira, mas pronto, foi este verão, que eu tinha falado lá com a doutora e ela disse-me “Olhe, é melhor inscrevê-lo noutro lado porque neste lar não tem hipótese, há poucas vagas e as que há... são para as que estão no Centro de Dia e que querem ir para o Lar”. E era impossível, havia muita gente na frente dele. E então ainda andámos a ver aí os Lares mas eram muito caros. Então surgiu aqui o Centro e eu disse-lhe: “Olhe para você calhava bem porque o meu pai e a minha mãe já estão lá, calhava bem você se inscrever. Era melhor do que você tar aqui sozinho, tá bem que vem dormir para aqui a noite mas...

**E** – E o que é que ele disse?

**e:** Ele começou a pensar e pensou e disse que era bom vir inscrever-se.

**E** – Ele veio mesmo só pela questão de estar sozinho, que os Carriços não é aqui ao lado, não foi?

**e:** Sim, sim.

**E** – Ainda é lá no meio da serra...

**e:** Daqui da Fonte Salgada fica para aí quase 15 quilómetros.

**E** –E como é que foram os dias antes de ele vir para cá?

**e:** Sim, pois coitado, ele lá tava. Ele tava mal das pernas, dos pés. Naquela altura ele tava muito mal. Tava sentado numa cadeira em frente à televisão e era ali que ele passava a maior parte do tempo, estava mesmo também mal. Não tem comparação como ele tá hoje e como ele tava [risos]

**E** – Ele adaptou-se bem não foi?

**e:** Sim, sim.

**E** – E para si como é que foi? Tinha aqui os três, sabia que eles estavam aqui durante o dia como é que...

**e:** Também fiquei muito mais descansada, pois claro, ora não! Foi também um grande alívio para mim.

**E** – Porque era a única que prestava apoio ao seu sogro não é?

**e:** Pois só eu e o meu marido é que íamos lá. Só no mês de Agosto é que ficamos um pouco mais descansados porque o meu cunhado está ai e ele fica lá.

**E** – Nos Carriços, com ele?

**e:** Nos Carriços, fica lá.

**E** – Para o seu sogro, o que é que mudou desde que veio para aqui, acho que agora temos conversa até amanhã [risos]?

**e:** Ui! [risos]

**E** – Tudo [risos] Até o bigode! [risos]

**e:** É verdade [risos]

**E** – Como é que você via o seu sogro e como é que você vê agora? As diferenças que vê...

**e:** Há uma pronto de saúde das pernas, já não tão inchadas, o homem já se desloca bem, já anda bem, já pula e salta e dança que é uma maravilha. Ele antes quase que... custava-lhe a andar, andava apoiado na moleta.

**E** – Sabe que ele agora esquece-se da moleta?

**e:** Pois agora já não é... [risos]

**E** – A gente esconde-lhe a moleta e ele anda a procura dela, já sabe que sou eu e diz-me a rir-se: “A minha muleta”, e eu pergunto-lhe se precisa dela [risos]. Ele às vezes esquece-se da moleta, anda ai para a frente e para trás e depois ao final do dia é que se lembra: “Então e a minha moleta?” Andou o dia inteiro sem ela. [risos]

**e:** [risos] É.

**E** – Uma diferença.

**e:** Não tem comparação mesmo. O homem está mais alegre, pronto, é outra pessoa.

**E** – A imagem dele o que é que acha?

**e:** Ai! A imagem então é da noite para o dia! É verdade, o cabelo, a barba, o bigode, as mãos, as unhas, os pés e tudo, tudo, tudo mudou.

**E** – Parece outra pessoa.

**e:** É verdade, parece outra pessoa. É verdade, incrível!

**E** – Para ele foi muito melhor vir para aqui.

**e:** Foi, foi muito melhor.

**E** – Acha que, quer ele quer vocês, família, portanto você, o seu marido, e agora para todos, para o seu sogro, para o seu pai e para a sua mãe, portanto, vocês família e eles enquanto idosos aqui do Centro de Dia estão todos integrados na rotina da Instituição?

**e:** Sim, sim, estão. Acho que sim.

**E** – Mesmo a sua irmã, os seus sobrinhos, acha que já estão habituados ao Centro de dia e já faz parte.

**e:** Já, já.

**E** – Integraram-se bem, eles e vocês família?

**e:** Sim sim.

**E** – Não sei se me quiser dizer mais alguma coisa sobre algum deles...

**e:** Não sei, acho que...já contei mais ou menos a vida deles assim...

**E** – Para o seu sogro, se pudesse mudar aqui alguma coisa no Pontão também seria o mesmo, mais passeios não é? [risos]

**e:** Ah sim! Ele também gosta muito de passeios.

**E** – Pronto, obrigada pela entrevista, acho que é tudo mas também se eu precisar de mais alguma coisa, depois digo-lhe está bem?

**e:** Sim, à vontade.

## Grelha de codificação geral das entrevistas

Categorias	Subcategorias	Entrevistas – unidades de contexto	Inferências
<p>1. Fatores que levaram à admissão</p>	<p>-</p>	<p>Eu em Dezembro comecei já a falar nisso, porque comecei a vê-lo já muito parado e mesmo assim o dia que eu vim aqui com ele ver, tinha poucos dias que ele tava mais apanhado das pernas. (E1)  Lá tavam muito sozinhos, tavam muito sozinhos em casa. (E1)  Eu tinha medo que ele a deixasse cair, ou alguma coisa, e não tava ninguém em casa. (E1)  Ela queixava-se que já se esquecia muito, que não sabia das coisas, esquecia-se das coisas, de onde as punha. (E2)  O meu pai também para poupar cortou nos medicamentos, eu pensava que ele dava-lhe os medicamentos. Ele deixou de comprar os medicamentos e deixou de lhe dar os medicamentos, por isso ela foi-se mesmo abaixo... (E2)  Embora já tivesse ajuda desta rapariga... ela não podia estar lá...o dia inteiro. A minha mãe tava já num estado que precisava...de ajuda. (E3)  Ela precisava de apoio e ele veio pela solidão, o meu pai veio mesmo pela solidão. Ele só se convenceu mesmo quando viu que realmente estava sozinho. (E3)  Começou ela a ficar meia parada... primeiro foi os joelhos, deixou de se importar com as coisas do campo. Ela tinha alfarrobas, tinha uma horta, mas ela depois começou a andar mal dos joelhos, começou a dizer que não podia, que não podia... ela já há mais de 3 ou 4 anos que ela não saía ali de casa. (E4)  Sim e depois aquilo ela com o filho também não se dão um com o outro. Ele não pode também fazer nada que ela voltava-se a ele, ele voltava-se a ela. (E4)  Eu tive que andar logo de Centro em Centro de Dia à procura de sítio para pô-lo. Ele chegou à minha casa dia 14/08/2013 e eu fui ao Centro de Dia da outra freguesia e dia 23/08/2013 já tava lá espetado... Claro tive que procurar logo, tive que perder 2 dias de trabalho para andar à procura disto e daquilo. (E5)  Pois (aqui no Pontão) tem mais autonomia e para ele andar. (E5)  Ele começou a queixar-se há um ano e tal. Não se mexia e então eu via que ele cada vez estava mais parado e isto não é bom porque ele já só queria estar deitado, sozinho, deitado e sentado naquelas sombras. Ele já só parava na cama, percebe? Ele já só parava na cama. (E6)  Antes de ela partir a perna e o pulso, eu via de manhã, antes de lhe ir dar os medicamentos, eu via que ela ficava parada olhando para as paredes e dizia-lhe “Oh mãe, então já tomou o pequeno-almoço para lhe dar os medicamentos?” – “Já vou”- Mas eu ia lá a casa e vi-a, ela levantava-se da cama e ficava parada olhando para as paredes e aí via que a cabecinha dela ia enfraquecendo. (E7)  Eu penso que ela aí quando caiu, ela veio da minha casa já de noite, andando mal como ela sempre teve dores... partiu a bacia e o pulso. A minha mãe veio de lá e quando veio aqui para os cuidados continuados em Tavira ainda teve algum tempo assim baralhada. (E7)</p>	<p>Os fatores que levaram à institucionalização foram:  1 – Quebra ao nível da saúde;  2 – Solidão;  3 – Maioria da família trabalha e não pode prestar apoio diurno;  4 – Relações familiares conflituosas;  5 – Ausência de estímulo físico, cognitivo e social.</p>

		<p>Depois como a vida não tava bem e com os problemas do meu irmão. (E7)</p> <p>Aconteceu que ela... pronto agravou-se a idade e ela caiu e teve aquele problema de saúde, quando veio para casa... pois eu tou a trabalhar. (E8)</p> <p>Ela já não me deixava dormir, ela andava descontrolada com as horas, ela levantava-se de noite, e foi quando caiu da escada, pensando que era de manhã. Portanto, ficou muito descontrolada. (E8)</p> <p>Foi da próstata, da bexiga e isso, teve muito mal, muito mal. Fez um tratamento lá no hospital e depois lá veio para casa e teve acamado, ainda teve ai umas duas semanas acamado, ainda vieram fazer a limpeza, depois pôs-se melhor pronto. (E9 – I)</p> <p>E ela já tava muito debilitada quando... pronto, sentava-se no sofá, já não queria ver televisão, estava ali sentada, dali não queria fazer mais nada, ali estava o dia inteiro e só comia, ia a mesa comia e ia à casa de banho e pouco mais fazia. Quase que não saía à rua. (E9 – I)</p> <p>Outra coisa é que ele não gostava da comida (da entidade que prestava apoio), isso foi outra coisa que... a principal razão, foi sempre uma reclamação. (E9 – I)</p> <p>Sim, sim (ele estava muito sozinho). Daqui até lá são para aí quase 15 quilómetros. (E9 – II)</p> <p>Ele tava mal das pernas, dos pés. Naquela altura ele tava muito mal. Tava sentado numa cadeira em frente à televisão e era ali que ele passava a maior parte do tempo, estava mesmo também mal. (E9 – II)</p>	
<p>2. Tomada de decisão relativamente à institucionalização</p>	<p>-</p>	<p>Aí por Dezembro eu comecei logo a dizer que se calhar era melhor, tentar convencê-los, mais ela... Ele não percebeu muito bem para o que é que vinha... Porque ela não queria de maneira nenhuma. (E1)</p> <p>Ela é que foi muito mais difícil de convencer. E dizia que sim, outro dia dizia que não e depois queria uma pessoa que fosse lá para casa cuidar deles. Cansei-me de dizer que era mais difícil arranjar uma pessoa para ir lá. (E1)</p> <p>Ela pensou sempre, ela sempre pensou que queria... Cada vez que eu ia lá a casa ela dizia-me “tou sozinha, não tenho ninguém, e aqui tou sozinha e se eu tivesse dinheiro eu ia para aqui, eu ia para ali” sempre. Mas ela disse sempre, sempre, sempre que queria ir para algum sítio que sentia-se muito sozinha. (E2)</p> <p>Sim, sim... Eu, mais a minha irmã (decidimos optar pelo CD). (E2)</p> <p>A minha mãe nunca me disse que não. O meu pai sim, o meu pai quando eu lhe falava o meu pai dizia que não. A minha mãe nunca me disse que não. (E3)</p> <p>Foram eles os primeiros a vir ter comigo à minha casa e a dizer “passa-se isto e isto e isto e a gente vamos pensar em pô-la num centro de dia”. (E4)</p> <p>Ela primeiro dizia que não ... depois umas vezes dizia que sim e outras que não, mas quem mais a convenceu foram os pais da neta emprestada. Depois eles começaram a dizer-lhe e ela agora por fim já dizia que sim. (E4)</p> <p>Ele quis, porque ele no Carregado também teve 1 mês ou 2, já tinha tado lá (com este é o 3º CD). (E5)</p> <p>Eu falei com ele, eu não o obriguei a nada, eu disse-lhe “olhar vai abrir um Centro de Dia ao pé da minha casa vê lá o que é que queres, se queres vir para o pé de casa se queres continuar lá no CD da outra freguesia” e ele o que me dizia era “ah só vou para o Pontão se fizer o mesmo que o CD da outra freguesia faz”... porque ele tava habituado e foi o que ele disse “se fizerem o mesmo eu não me importo” e tá aqui perto de</p>	<p>A decisão pela institucionalização foi quase sempre sugerida pelos familiares, à exceção de 1 caso que foi por iniciativa própria.</p> <p>Depois de sugerida pelos familiares, foi aceite por todos os idosos, pois era a única alternativa à solidão diária diurna.</p>

		<p>casa, em lugar de se levantar à hora da carrinha, pois levanta-se à hora que quer e vem para aqui.... depois ele disse “tá bem” e assim foi e assim o viemos a mete-lo aqui. (E5)</p> <p>Eu acho que um lugar destes para ele é... informei-me não é, claro que eu gosto muito dele e não o ia pôr num sítio qualquer...informei-me, antes de vir aqui falar, informei-me muito e acho que é um lugar adequado para ele. (E6)</p> <p>A primeira abordagem dele foi... [risos] porque as pessoas têm a ideia de um Lar, não sabem fazer a diferença de um Centro de Dia de um Lar. Expliquei-lhe o que era, que tinha amigos, tinha pessoas que gosta, pronto, bons funcionários e que era um lugar adequado para ele e que dançavam e que pronto... E ele disse-me “Então vamos experimentar” e eu também lhe disse logo: “Vamos experimentar, se você não gostar por alguma coisa, você diz-me o que se passa e não vai para lá. Não é para isso que você trabalhou a vida toda para eu agora o meter agora num sítio onde você não gosta, o resto da sua vida, não é isso”. (E6) (O enfermeiro e a Assistente Social do Centro de Saúde) foram lá a casa e depois viram um papelinho... e ela disse “E se a gente visse este Centro de Dia para a sua mãe?” e eu disse-lhe “Sim, eu achava que sim, que seria bom” – “Porque isto é muita carga para si e vamos ver este Centro de Dia para a sua mãe, quer que eu veja ou você vê? Se calhar seria melhor eu ver” e eu disse: “Sim, seria melhor a doutora ver”. E ela depois ligou e falou. (E7)</p> <p>A minha mãe quando eu lhe falei logo nisso, eu achei que se calhar não, e mesmo o meu pai no dia que fomos lá visitar, achei que eles não estavam assim muito conformes, mas depois de irmos lá ficaram com uma ideia completamente diferente. (E7)</p> <p>Eu disse “mãe, vai abrir o Centro e você vai para lá”, ah bom... não queria “Não, eu não vou, daqui não saio”. E depois lá fui, pouco a pouco, pouco a pouco, e ela disse “então vai-te lá tu a ver – quando abriu – a ver se gostas”. (E8)</p> <p>E eu disse “mãe é bom para si, é bom para mim, porque assim são poucas horas, mas você essas horas tá lá e quando vem já é diferente”... foi quando eu vim ver e eu disse “olhe mãe eu se fosse escolher para mim eu gosto, agora você tem que ir a ver”, e foi quando... ela veio... ao princípio não encaixava aquilo muito bem... eu acho que até tinha vergonha, a minha mãe até tinha vergonha. (E8)</p> <p>Sim, foi tudo ela (a decidir se vinha ou não). Por ela, foi por ela não foi por mim, porque eu de toda a maneira... tenho a mesma preocupação... (E8)</p> <p>Sim, portanto eu falei com a minha irmã que isto ia abrir e que ia ser bom para eles, depois falávamos com eles, principalmente com o meu pai, se estavam de acordo e queriam vir-se inscrever. Ele disse logo que sim, disse logo que sim. Assim que nós falamos com ele disse logo que sim. (E9 – I)</p> <p>Eu disse ao meu sogro “Olhe para você calhava bem porque o meu pai e a minha mãe já estão lá, calhava bem você se inscrever. Era melhor do que você tar aqui sozinho, tá bem que vem dormir para aqui a noite mas... (E9 – II)</p> <p>Ele começou a pensar e pensou e disse que era bom vir inscrever-se. (E9 – II)</p>	
3. Adaptação ao CD	3.1 Idosos	Eles estão bem. Mais ela, ela tá muito satisfeita. Ela adora, tá encantada com todas, gosta muito. Ele tem dias porque... sim. Ele agora tem tado bem, com aqueles pensos ele tem tado muito bem. Já me conta melhor as coisas. (E1)	Todos os idosos estão perfeitamente adaptados ao CD,

	<p>Oh, está feliz de vida! [risos] Ela levanta-se às 06:30h da manhã, já tá pronta quase pa abalar. (E2)</p> <p>Muito bem. Porque acho que era um pensamento que ela tinha sempre de não tar lá sozinha, ela não quer ir à casa dela. (E2)</p> <p>Adapta-se. Não sei pronto, acho que ela facilmente se adapta assim logo pronto, tem lá a sua maneira de ser, como nós temos, mas acho que ela não é uma pessoa assim muito difícil de se adaptar e quando veio aqui conhecer, pronto já não, já veio toda contente e toda satisfeita. (E3)</p> <p>Ele ainda não me disse dia nenhum que não vinha. (E3)</p> <p>Pra ele... digamos que o que eu digo para ele foi bom é que ele está a interpretar isto como ele ainda ontem falou “Isto é como se eu fosse trabalhar, tenho um horário para me levantar, para começar o trabalho e para voltar para casa”. (E3)</p> <p>Ela tá muito bem aqui. (E4)</p> <p>Eu por acaso até acho que ela se adaptou bem. Ela logo na 1ª semana que ela aqui teve, depois eles foram lá no fim-de-semana, e ela “gosto, gosto, eu gosto”. (E4)</p> <p>Ela foi sempre dizendo “gosto, gosto, gosto...eu gosto, aquilo é bom, dou banhito com água quentinha” toda contente. (E4)</p> <p>Ele não me diz nada... pois eu tou-lhe a dizer se ele fizer alguma coisa ou que diga alguma coisa a vocês, vocês automaticamente têm que me ligar, porque ele não me conta nada, nada nada nada nada. (E5)</p> <p>Ele veio, gostou e está aqui. Agora ele próprio é que já diz à minha sogra “Ainda não são horas de me levantar? Ainda não são horas de me ir embora?”. Adaptou-se. Ele adaptou-se aqui bem. (E6)</p> <p>Acho que sim, que ela se adaptou muito bem. (E7)</p> <p>Depois veio e gostou muito “Ah, eu gostei!”, mas ela ao gostar... ao mesmo tempo dizia “aquilo não é nenhum lar...” ela não quer ir é para o lar. (E8)</p> <p>Ele tava desejando já de chegar o dia, quando chegou o dia...no primeiro dia lembro-me tão bem, despachou-se logo cedo, começou logo a assobiar parecia um rouxinol! [risos] (E9 – I)</p> <p>Sim, eu acho que sim, principalmente ele, porque ela tem de ser orientada, mas sim, adaptaram-se bem. (E9 – I)</p> <p>Ela dizia “Ah, agora para onde é que eu vou? Agora vou eu lá para baixo!” Lá para baixo que era para aqui e às vezes não queria, logo no princípio dizia “Eu? Que é que eu vou fazer para lá?”. Hoje já não diz nada já tá acostumada. (E9 – I)</p> <p>Sim, sim, muito bem adaptado. (E9 – II)</p>	<p>apenas um não mostra aos familiares estar feliz, mas sim conformado.</p> <p>Um dos idosos não conversa com os familiares sobre a vida institucional, dada a relação conflituosa que têm, logo não sabem se o idoso está adaptado ou se está bem integrado.</p>
<p>3.2 Família</p>	<p>Eu por mim adaptei-me bem, para mim eu fiquei muito mais descansada, porque tê-los em casa, não é...sozinhos... eu não tava sossegada no trabalho... o mês de Janeiro foi terrível, um dia ele tentou ajudá-la ela caiu, a sorte é que a minha cunhada tava em casa nesse dia e lá foi, ela deu um toque no telemóvel e lá foi. Mas eu não tava sossegada. Um dia ela telefona-me que ele não tava bem, lá venho eu a correr para casa e eu não estava descansada! Para mim foi muito bom. (E1)</p> <p>Temos de fazer planos para a receção, mas de resto...não... <b>E</b> – Estão mais tranquilos? <b>e</b>: Sim, isso sim sem dúvida porque ela tava sozinha lá, mesmo sozinha. Eu não sabia se ela tomava o pequeno-almoço, o almoço. Ela praticamente ela tava sempre deitada. (E2)</p>	<p>Á exceção de uma familiar (cujo pai já havia estado noutra CD), todos revelaram estar adaptados ao CD e tranquilos pelos familiares idosos terem apoio diurno.</p>

	<p>A sensação de me ver livre da preocupação porque era uma preocupação muito grande que eu estava, eu às vezes estava no trabalho, e tava pensando “E se ela está caída e se...”. (E3)</p> <p>O ela vir para o Centro foi um alívio de pensar “pronto ela vai para o Centro eu já sei que a partir do momento em que ela sai de casa e volta a entrar em casa, eu essas horas já posso estar mais aliviada porque sei quem há quem tome conta dela” e foi um grande alívio para mim. (E3)</p> <p>A gente também fica contente por saber que ela tá contente. (E4)</p> <p>Nisso é igual... (durante o dia no CD)... a noite comigo. (E5)</p> <p>Super bem, porque ela tava sempre preocupada. (E6)</p> <p>Pois, ela gostou muito disto aqui, ela gosta muito disto aqui, ela está muito contente de ele estar aqui. (E6)</p> <p>Tou à vontade. Ele vir para aqui, para mim, é como ele tar em casa. (E6)</p> <p>O neto tá muito contente porque o vê bem, lá como ele andava é que não gostava de o ver. (E6)</p> <p>Olhe o que eu acho no meu ver é, o meu irmão em princípio, ele para o bem da mãe também gostava. O meu pai também ficou contente basta quando foi lá também veio logo com outra ideia daquilo. (E7)</p> <p>Eu muito bem. Mais tranquila e eu...tou muito mais folgada, não tem comparação. A minha mãe vai para o Centro de Dia e eu fico com a minha cabecinha leve quando ela abala. (E7)</p> <p>Eu tou muito contente da minha mãe estar ali no Centro de Dia, muito satisfeita só acho que é preciso mesmo ser cego para não ver. (E7)</p> <p>Para mim foi um alívio, tou muito aliviada mesmo psicologicamente, eu tava já muito afetada, eu já tava desorientada. (E8)</p> <p>Pois durante este período, pois estou mais descansada sei que ela está bem. (E8)</p> <p>Sim. Claro, mais descansada, pois claro. Ficamos mais descansados, tanto eu como a minha irmã, ficamos mais descansadas. (E9 – I)</p> <p>Também fiquei muito mais descansada, pois claro, ora não! Foi também um grande alívio para mim. (E9 – II)</p>	
--	---	--

<p>4. Alterações na vida dos idosos depois da institucionalização</p>	<p>4.1 Saúde</p>	<p>Ela mexe-se bem, eu acho que ela mexe-se um bocadinho melhor. Pelo menos eu acho... às vezes as pernas estão perras, mas o corpo... tudo, está melhor. (E1) Ela não tem água quente... eu levava-a, de 8 em 8 dias, para ela tomar banho em minha casa... estava desidratada, agora está muito melhor... toma o banhito e está bem. (E2) Eu acho que mudou também muita coisa. (E3) A questão dos joelhos... Eu acho que ela tá bem melhor. (E4) Sim isso da ginástica (faz-lhe muito bem) ele gaba-se que ele é que era o professor. (E5) Depois de vir para aqui é tudo muito melhor. Ele anda muito melhor, ele anda muito mais ele nem quase que se queixa, o dói aqui ou dói ali ou almareia ou não sei quê, isso queixa-se sempre, mas não é como se queixava. (E6) Na bengala acho muita diferença, ele nunca dava um passo sem a bengala e agora tamos a jantar e ele levanta-se e ele esquece-se da bengala. (E6) Se a minha mãe tivesse em casa eu não tinha possibilidades de lhe tar dando banho constantemente, nem condições de lhe tar dando banho. Onde eu acho que... estou muito feliz por isso... porque eu não gostava de ver a minha mãe... [choro]... (E7) A cabeça também acho que sim. A cabeça da minha mãe também melhorou, sim e se tivesse em casa só ia piorar. (E7) Sim noto melhorias, mesmo com todos os problemas que ela tem impossíveis de contornar, noto. (E8) Vá lá que ela agora tá muito melhor do que antes de vir para aqui, pronto era triste uma pessoa vê-la assim e ela melhorou muito, porque ela quando tava sozinha fazia muitas asneiras. (E9 – I) E ela também tá mais ativa e tá mais esperta, para além da doença que tem. Não tem comparação, do que tar lá sozinha, não tem mesmo... (E9 – I) E antes de vir para aqui ela também trocava muito os nomes, trocava! A minha irmã já não era a minha irmã já era “aquela mulher de Cacela que é aquela mulher que vem aqui fazer a limpeza aqui a casa”... também já não conhecia o meu cunhado, marido da minha irmã. O meu nome, o do meu filho e do meu marido nunca se esqueceu. (E9 – I) Há uma pronto de saúde das pernas, já não tão inchadas, o homem já se desloca bem, já anda bem, já pula e salta e dança que é uma maravilha. (E9 – II) Ai! A imagem então é da noite para o dia! É verdade, o cabelo, a barba, o bigode, as mãos, as unhas, os pés e tudo, tudo, tudo mudou. (E9 – II)</p>	<p>Todos os familiares notam melhorias ao nível da saúde dos idosos.</p>
	<p>4.2 Alimentação</p>	<p>Muito melhor, ela diz “oh, olha lá estas pernas!” (E2) Aí é outra coisa que ela já sabe que vem e tem o almoço preparado. (E3) Todos os dias comem a sopa pronto é uma das coisas que está muito bem que o meu pai aqui em casa não come. (E3) Eu acho que ela agora ainda come mais do que quando tava só em casa. (E4) Tem melhorado porque ela em casa eu não consigo dar conta dela... Com o feitio dela ela metia na cabeça que queria aquilo, guisados e isso, e tinha que ser assim. (E8)</p>	<p>Apenas 4 familiares mencionaram melhorias na alimentação.</p>

	<p>4.3 Psicossocial</p>	<p>Ela parece que tá um bocadinho melhor, tá melhor tá [risos] ... Feitio! Feitio! [risos] (E1)          Ele tá melhor, conversa mais, tá melhor conversador. Era muito pouco conversador, a gente tinha de puxar, puxar por ele. Ele tá mais conversador. (E1)          Tem conversas, antes não tinha conversas com a gente. (E2)          Ela está muito melhor em todos os aspetos. Ela anda toda, toda, toda vaidosa [risos]. (E2)          Ele nunca a deixou pintar, ele nunca deixou nada.... Agora pinta-se e bem, e chega e mostra à gente...[risos]. (E2)          O pânico da minha mãe, o medo dela é ficar sozinha. E ultimamente de ficar sozinha com o meu pai. (E3)          Não tem nada a ver o antes e o depois, tá bem melhor. Eu acho-a alegre. (E4)          Eu quando vi a foto dela a dançar, uau... fiquei tão contente. (E4)          Tem dias, tem dias que tá bem tem outros dias que faz-me passar dos carretes, tem dias. Nisso é igual. (E5)          Não tem nada a ver... mas ele tem só tem melhorado a vida dele aqui pronto. Ele teve umas grandes melhorias depois de vir para aqui. (E6)          Agora também me começou a falar no cabelo, nas unhas... (E7)          E para ela foi muito importante porque ela voltou... ela já não tinha interesse já em pintar-se, em pôr blush, em pôr brincos, nada, ela desinteressou-se, ela nem parecia a mulher que sempre foi. (E8)          Eu via a minha mãe na cama... era uma pessoa já acabada. Agora não, ela agora começou... Ela mudou, ela não tem nada a ver, como eu disse 80%. As pessoas quando a viam diziam “ai como ela era e como ela é”, agora que a veem “olha tal é aquilo, se tá bonita”. (E8)          Tá mais bem-disposta, há dias que vai e fala fala fala, (E8)          Coisas que a minha mãe tinha deixado de fazer, malha, e agora já faz. (E8)          Eu acho muita diferença. Tanto num como no outro. Mais ativos, pronto, têm outra iniciativa, não tem nada a ver. (E9 – I)          Não tem comparação mesmo. O homem está mais alegre, pronto, é outra pessoa. (E9 – II)</p>	<p>À exceção de um familiar, todos os outros identificaram várias melhorias, nomeadamente ao nível dos cuidados de higiene e imagem e do humor positivo.</p>
<p>5. Alterações nas relações familiares depois da institucionalização</p>	<p>-</p>	<p>Não quer ir para a casa dela (mora com a filha)... não quer e não quer ver o meu pai, ela mandou-o embora. (E2)          Ele enquanto trabalhou ele sempre foi uma pessoa muito limpa agora não, agora é uma pessoa completamente desleixada, passa-se meses e meses sem tomar banho e é ali aquele pivete e fica a casa cheirando toda mal ... e ela sempre jogou isso em cara e agora que dá banho aqui diz “olha lá que cheirosa que eu tou” e como ele nunca a deixou pintar as unhas, quando ele tá lá com ela, ela vai ao pé dele e mostra-lhe as unhas e não sei quê... e ele olha-lhe com desdenho mas não pode fazer nada. (E2)          Eu acho que mudou um pouco em relação, não digo, a minha mãe pronto, a gente também nunca teve uma relação... continuamos a ter conflitos mas é porque continua a ser teimosa, quer às vezes o impossível e na cabeça dela... (E3)          Com o meu pai a relação melhorou porque o meu pai entrava muito em conflito connosco. (E3)          Chegam a casa os dois... como é que hei-de dizer, eles andavam constantemente em conflito um com o outro, mas eles não podem viver um sem o outro. E à tarde vão daqui, que os dias já têm tado melhor, sentam-se, conversam os dois ali na rua. (E3)</p>	<p>Dos 9 entrevistados, 7 revelam que houve melhorias na forma de se relacionarem com os seus familiares idosos, e no caso dos casais idosos admitidos em conjunto no CD, referem que melhoraram a forma como se relacionam, sendo esta menos conflituosa.</p>

		<p>Às vezes aos fins-de-semana quando eu vou lá, eu acho uma piada, tão os dois ao lado um do outro e ali tão, ali tão... [risos]. (E4)</p> <p>Olha... (suspiro) relacionar bem bem bem não, porque eu... ele é meu pai mas não é aquele amor que eu tenho de pai, sou sincera... porque é meu pai, tenho que o aguentar. (E5)</p> <p>Os meus filhos desde que aconteceu isto comigo... os meus filhos tomaram-lhe pó. Antes falavam “bom dia e boa tarde” mas não é aquela coisa de... avô. (E5)</p> <p>Pois, pois, chateiam-se menos um com o outro porque aquela coisa de estar o dia inteiro juntos é sempre... [risos] E depois eu chego vou jantar com eles, faço questão de ir jantar com eles e não sei quê e pergunto “Então sogro como é que foi?” e ele conta-me, faz lembrar a minha neta que anda no infantário a contar as coisas da escolinha, assim é ele. (E6)</p> <p>Tenho descansado, porque sou sozinha a olhar por ela não é? Sou sozinha, quer dizer, pois aquela preocupação mais quem tem sou eu, derivado de tantos problemas que temos. (E7)</p> <p>Melhorou muito, muito, 80% sem dúvida, melhorou, porque ela está mais calma, porque ela tudo tava mal, tudo o que eu lhe fazia tava mal, eu dizia “oh mãe faço-lhe 99% não faço os 100%”. Tava sempre tudo mal e tava sempre “e onde é que foste e onde e que tás e...” e tava sempre tudo mal, tudo mal, tudo mal, não havia nada bem e eu aquilo tudo me revoltava, então o sacrifício que eu fazia tão grande e tava tudo mal. Portanto eu fiquei bem e ela também foi bom para mim e para ela. (E8)</p>	
6. Ligação família – instituição	-	<p>Acho que sim... Se eu, por exemplo, houver um dia que eu pense “Olha hoje vamos passear aqui ou vamos passear ali”... eu venho, não há restrições venho à minha vontade. (E3)</p> <p>Nós conhecemos a maioria, como você já reparou, conhecemos a maioria das pessoas daqui, que trabalham aqui, os funcionários, pronto, o presidente. Nós conhecemos estas pessoas todas e temos muitos contactos pronto. (E6)</p> <p>Não tenho nada a apontar, eu quando vou toda a gente me escuta bem, boas condições... (E7)</p> <p>Eu às vezes nem venho mais para não incomodar [risos] Eu peço sempre, mas ultimamente entro e... sei que posso sim senhor. <b>E</b> – Sente-se confortável com isso? <b>e:</b> Sinto-me sim senhor, muito bem, para mim tá tudo bem. (E8)</p> <p>Todas as vezes que tenho vindo aqui, pronto, tenho contactado com eles. (E9 – I)</p> <p>Já tamos habituados ao CD. (E9 – II)</p>	Dos 9 entrevistados, 5 consideram ter uma ligação com o CD, sendo estas familiares as que mais visitam a instituição e que se mantêm em contacto quase permanente.
7. Sugestões de melhoria do funcionamento do CD	-	<p>Ir buscar mais cedo para mim 08:50h não está mau. Como entro às 9h, não me tá fora da hora. Se fosse às 8:30h tinha mais tempo para me despachar. Agora o ir a levar é que... É que saiu às 18h e alguns dias às 18:30h, 18h já era bastante melhor. (E1)</p> <p>Nada! O que é que a gente quer mais? Ela até se levanta às 6h para vir... [risos] Para mim está a 100%. (E2)</p> <p>Pois no transporte a única coisa que... mas também não sei se seria era uma cadeira de rodas... uma carrinha com elevador. (E3)</p> <p>Para nós era a abertura do Lar, para ela ficar cá à noite. (E4)</p>	Dos 9 entrevistados, 3 dizem não haver aspetos a melhorar; 2 consideram que o horário de regresso a casa deveria ser alargado (os dois casos que residem mais perto da instituição);

		<p>Ora se eu pudesse mudar... dei a ideia da caminhada. Depois... ele diz que passear não têm passeio, não têm saído para lado nenhum. De resto não tou assim a ver mais nada, o que é que quer que eu lhe diga... eu não sei... Pois aqui fazem o que faziam lá, é só é mais passeios. (E5)</p> <p>Eu sou-lhe sincera, para já é um assunto que... eu acho que dado aquilo que tenho acompanhado, vocês também não podem fazer mais, acho que... é, eu acho que sim. Porque vocês fazem sempre atividades, vocês andam sempre com eles de um lado para o outro, vocês andam sempre... eu acho que não. (E6)</p> <p>Para mim acho que está tudo... olham pela minha mãe, tratam-na com cuidado, eu fico aliviada quando ela vai para lá. (E7)</p> <p>Eu já disse isso porque às 17h, de inverno não que já é de noite, mas às 17h de verão é meia tarde, são muitas horas... mas já pensei nisso que de verão às 17h é meia tarde, são ainda muitas horas de dia que ela vai ficar sozinha em casa... pois eu tenho que trabalhar e para ela não lhe fazia diferença... (E8)</p> <p>Sei lá.... Na comida acho que tá tudo bem. Mais convívio sei lá... mais saídas também. (E9 – I)</p>	<p>2 consideram que deveria haver mais passeios;</p> <p>1 considera que deveria haver um transporte adaptado; 1 considera como sugestão de melhoria a abertura de um Lar ou Centro de Noite.</p>
--	--	---	--

## **Mini histórias de vida**

### **Sr. Francisco**

O Sr. Francisco viveu grande parte da sua vida na Luz de Tavira. Trabalhou sempre ligado à vida do campo, uma vida dura e de muito sacrifício “tínhamos uma vida de sacrifício sim senhor, trabalhávamos dia e noite, eu fazia tudo, tudo o que fosse trabalho...trabalhei no campo nas fazendas na apanha da amêndoa, da alfarroba, da azeitona e depois ainda era servente de pedreiro, quando era a temporada da fruta e da alfarroba, eu varejava e os meus filhos apanhavam, até gado eu criei e vendia no mercado, e durante 27 anos carreguei camiões de fruta e legumes e do que houvesse pa carregar” (Atelier Histórias de Vida).

O Sr. Francisco e a sua mulher eram caseiros e ainda passaram por algumas zonas até assentarem na Luz de Tavira. Foi lá que o Sr. Francisco viu nascer os seus 6 filhos. Também foi lá que perdeu a sua mulher que faleceu com 53 anos.

Na perspetiva da filha Ilda o Sr. Francisco não foi um pai carinhoso nem meigo, pelo contrário tinha uma postura autoritária e agressiva. Raramente mimava os filhos mas chegou a levá-los ao cinema e a trazer lembranças das longas viagens que fazia em trabalho. Porém para a filha, e segundo diz para os seus irmãos, isso nunca compensou os maus tratos à mãe, que hoje o Sr. Francisco nega ter feito.

Quer o Sr. Francisco quer a mulher trabalhavam longas horas para que nunca faltasse nada aos filhos. Trabalhavam arduamente antes do nascer do sol até à noitinha, “os meus filhos criaram-se uns com os outros, eu trabalhava que nem um escravo e a minha mulher também era uma moura de trabalho...” (Atelier Histórias de Vida), e os filhos foram-se criando assim, as mais velhas tratavam dos mais novos, da lida da casa, e ainda ajudavam os pais no trabalho do campo.

Para a Ilda, a mãe tivera uma vida de muito mais sacrifício que o pai, pois além de trabalhar no campo como o marido, ainda tratava da casa e dos filhos, coisa que o Sr. Francisco não fazia “a minha mãe chegava-se a levantar às 5h da manhã para fazer a assadura do pão, deixar o pão feito, deixar tudo preparado, ir entrar ao trabalho às 9h, trabalhar debaixo de sol a sol, ainda vinha para casa fazer o governo da casa, aquela mulher nunca parava. Naquele tempo não havia máquina de lavar, era tudo à mão tudo à mão” (E5).

O Sr. Francisco lembra a mulher com carinho, elogia-a pela postura de trabalhadora e por ter sido boa mãe, mas para a filha Ilda é apenas a consciência pesada a falar. O Sr. Francisco fala com muito orgulho dos seus 6 filhos, de nunca lhes ter faltado com nada, de os ter batizado e casado a todos na igreja da Luz de Tavira, sua terra natal. Curiosamente, o Sr. Francisco e a sua mulher não eram casados, viviam em união de facto, mas casaram e os padrinhos foram a filha Ilda e o marido desta, que casaram meses antes.

Quando a mulher faleceu o Sr. Francisco refez a sua vida com outra senhora, com quem esteve junto mais de 20 anos. A rapidez com que refez a sua vida e a forma carinhosa como tratava a segunda mulher magoou muito os filhos pois “a primeira é a vassoura e a segunda é a grande senhora. O que ele fez aquela nunca fez à minha (mãe) ... Ele refez a vida dele, porque não podia tar sozinho, tinha que ter uma companheira e isto e aquilo, mas quem fazia a lida da casa era ele, quando nunca tinha ajudado a nada, ele é que lavava uma loiça, ele é que punha a máquina a lavar, ele é que fazia as compras ele é que tudo, onde nunca fez isso pela minha mãe. É a nossa revolta... a gente nunca ficou... coiso de ele ter-se juntado, foi ele nunca ter tratado a minha mãe como tratava aquela” (E5).

O Sr. Francisco diz ter sido feliz com a segunda mulher, mas uma vida inteira de vícios levou a um AVC quando o Sr. Francisco tinha 70 e poucos anos. O AVC acaba com os quase 60 cigarros diários, com a bebida e ainda com o seu relacionamento amoroso, pois a senhora mais velha 6 anos que o Sr. Francisco e já com alguns problemas de saúde, não lhe podia prestar o apoio que necessitava.

Os filhos decidiram a vida do pai da melhor forma que sabiam. O Sr. Francisco foi para a zona do Carregado para a casa da filha mais nova recuperar e contactaram os filhos da mulher do Sr. Francisco. A mulher terminou num Lar pois os seus próprios filhos assim o entenderam.

A relação com a filha mais nova não era saudável, o Sr. Francisco ainda integrou um Centro de Dia na zona do Carregado pois a filha trabalhava, mas a incompatibilidade de feitios foi superior e o Sr. Francisco pediu, várias vezes, que o trouxessem para a casa da filha Ilda.

Na madrugada de 14 de agosto a filha mais nova trouxe o Sr. Francisco para a casa da filha Ilda sem aviso prévio “quando ela me aparece aí e despeja-mo aí, com os cestos da roupa eu pensei “agora onde é que vou pô-lo?”... eu tive que me desfazer de muita coisa minha para pô-lo num quarto, ele veio para a minha casa com a caderneta (do

banco) vazia, porque enquanto houve dinheirinho ela soube-lhe ficar com o dinheiro... ele recebe dia 10, todos os meses ao dia 10, e ela veio espetá-lo na minha casa no dia 14...” (E5).

A falta de condições habitacionais na casa dos outros filhos para receber o Sr. Francisco, e a sua clara preferência por morar com a filha Ilda (sua madrinha de batismo do pai, madrinha de casamento dos pais, filha presente e amiga da mãe) fez com que ainda hoje resida na casa da Ilda.

Todavia, também a Ilda trabalha, assim como o seu marido e o seu filho (apenas a filha estuda e reside em faro), e ter o Sr. Francisco o dia inteiro sozinho na sua casa não lhe pareceu ser solução, pelo que não perdeu tempo em procurar um apoio diurno para o pai “eu tive que andar logo de Centro em Centro de Dia à procura de sítio para pô-lo...ele chegou a minha casa dia 14 e eu fui ao CD da outra freguesia e dia 23 já tava lá espetado” (E5).

O apoio dos irmãos é fraco, pois a Ilda praticamente assume todo o apoio ao pai sozinha desde que ele chegou à sua casa “a única que ainda ajuda é a Maria os outros não têm, e eu tenho que ter? Eu comprei-lhe a mobília de quarto, eu comprei um guarda-fato, eu tive que me desfazer de coisas minhas” (E5). Quando o assunto é financeiro ainda pior “quando chega as contas (da admissão no 2º CD) ele não tinha dinheiro nenhum eu andei de roda deles, dos meus irmãos, que eu fiz as contas do que tinha de pagar e do que não tinha de pagar, para me arranjamem 30€ não tinham, foi uma carga de trabalhos, uma garreia que eu tive e só lhes pedia 30€ a cada 1 não pedia mais...para pagar a mensalidade e o resto metia eu do meu bolso. Eu naquela altura paguei 100 e tal ou não chegou aos 200€ com o seguro e com as quotas, eu fui a que pus mais dinheiro. Tá bem que a Maria é única que ajuda” (E5).

De facto o Sr. Francisco tem muitos familiares em número (6 filhos, 15 netos, 14 bisnetos, 4 genros, 2 irmãos), mas quem lhe presta apoio é a Ilda. A Maria ajuda no que pode e a Mariana fica com o pai quando a Ilda tem algum compromisso ao fim-de-semana, pois a Ilda assim o impôs à irmã “quando faz-me falta ir para algum lado, ou fazer uma viagem com a minha filha, ou que teja fora de casa uns quantos dias, eu não o deixo com o meu marido, o meu marido não tem obrigação de cuidar dele, eu pego nele e vou pô-lo à da filha mais velha” (E5).

Desde o AVC que o Sr. Francisco mudou radicalmente de vida. Primeiramente o corte com a vida profissional, pois nunca mais trabalhou. Depois a alteração do contexto de residência, passando por diferentes locais. O término de uma relação de 20 anos que o

Sr. Francisco lamenta com muita emoção, e ainda a alteração da sua imagem “o meu pai tinha a pele velha, muito moreno, magro, alto... o meu pai não é a pessoa que tá agora”, pois deixou de fumar e de beber.

O Centro de Dia do Pontão foi o 3º na vida do Sr. Francisco, 1º o do Carregado quando resida com a filha mais nova, depois o de Santa Luzia quando chegou à casa da Ilda, e por fim o Pontão.

## **Sr. António e D. Lúcia**

O Sr. António e a D. Lúcia são um casal do campo, atualmente estão na casa dos 80 anos e vivem na Conceição de Tavira desde sempre.

O Sr. António começou a trabalhar no campo desde muito novinho, como forma de ajudar os seus pais e tratar das suas terras. Quando cresceu esteve durante 8 anos na obra do caminho-de-ferro. Depois trabalhou numa fábrica de pirolitos e fazia a distribuição por todo o concelho de Tavira.

Casou com a D. Lúcia com quem teve duas filhas. Quando as filhas eram pequenas decidiu emigrar para França e esteve emigrado durante 20 anos. Em França trabalhou numa fábrica de fazer extintores e outras peças, “ele teve lá, pronto, arranjou lá um trabalho lá numa fábrica de material de guerra, não sei se ele já contou. Depois teve morando num hotel. Sei que ele teve 2 anos sem cá vir porque ele teve lá um acidente, partiu um pé e uma clavícula num acidente de carro e então pois teve 2 anos sem cá vir e depois foi morar sozinho, depois desse hotel foi morar sozinho para uma casa por conta dele” (E9).

A mulher e as filhas ficaram “eu e a minha irmã andávamos cá à escola e ficamos com a minha mãe” (E9) e durante estes 20 anos em que o Sr. António esteve emigrado estavam com o pai apenas 15 dias no verão e 15 dias no natal.

A D. Lúcia também trabalhava, dedicou-se sempre à vida do campo, de verão ia à apanha de amêndoa e da alfarroba e ainda caíava casas.

Desde nova que a D. Lúcia teve uma vida de trabalho árduo no campo “ela conta que começou aos 12 anos a ceifar, logo no campo a trabalhar. Durante o dia trabalhavam e ao fim de semana, depois iam lavar a roupa, iam aos bailaricos, ela conta que iam aos bailaricos e depois vinham do baile às vezes, nem dormiam, iam logo trabalhar para o campo. Naquela altura...às oito horas... era do nascer ao pôr. Prontos, foi sempre a mais rija deles todos os irmãos” (E5). Já casada com o Sr. António, e sem o marido por perto, a D. Lúcia criou as duas filhas e apoiava ainda os seus pais “ela vinha de lá de cima, morava ao pé da Cumeada, e ela vinha sempre a pé duas vezes por semana limpar a casa dos meus avós, sempre, sempre, sempre. A limpar, a cair e a lavar”, para as filhas a imagem da mãe era de uma mulher lutadora e muito trabalhadora.

Apesar de atualmente estar diagnosticada com Alzheimer a D. Lúcia tem momentos de lucidez e conta-nos como escapava ao dia-a-dia da vida no campo “eu ia a Tavira com as minhas filhas comprar o que tínhamos falta, mas íamos a pé, neste tempo

é que já não se anda a pé, antes ir à cidade era uma escapatória da vida que tínhamos do campo” (Atelier de Histórias de Vida).

Para que o pai estivesse presente, as filhas casaram-se sempre no mês de agosto e enquanto a mais velha foi viver para a Manta Rota com o marido, a mais nova ficou na casa da mãe. A D. Lúcia apoiou sempre as filhas e os netos, mas o neto que viveu na sua casa é aquele com que tem mais lidação.

O Sr. António voltou para Portugal no ano em que a filha mais nova casou, e a partir daí trabalhou sempre no campo, naquilo que era seu. Fazia o seu dia-a-dia, com uma motorizada ia às compras, ia ao mercado e passeava, mas a D. Lúcia não o acompanhava. Desde que o marido chegou que deixou de trabalhar, deixou todas as suas atividades, só saía com as filhas de carro mas muito raramente. Na perspetiva das filhas esta quebra na vida da D. Lúcia foi fulcral no aparecimento da doença.

Entretanto a filha mais nova, depois de 20 anos a morar com os pais, muda-se e a D. Lúcia e o Sr. António ficam a viver sozinhos. A partir deste momento a saúde do casal começa a dar sinais de fragilidade, pois o Sr. António teve um problema que o levou a um internamento hospitalar e posterior acamamento, ao passo que a D. Lúcia começa a dar sinais de demência, com uma inatividade cada vez maior, pois restringia-se a estar sentada no sofá, fazer as refeições, ir ao wc e dormir.

As filhas recorrem pela 1ª vez aos serviços de uma entidade, à CVP – Tavira, pois os pais precisavam de apoio, nomeadamente nos cuidados de higiene e imagem do Sr. António e na alimentação para o casal “a minha mãe já tava muito esquecida da cabeça já não fazia comida. Eu e a minha irmã já tínhamos medo e desligámos o fogão e então pedimos ajuda à Cruz Vermelha e eles vão levar os almoços na hora do almoço e o jantar na hora do jantar” (E9).

A D. Lúcia piora cada vez mais e começa a ser perigoso para a saúde do casal estarem sozinhos, pois apesar das filhas visitarem o casal diariamente, viam a mãe cada vez mais desorientada e esquecida “quando eu e a minha irmã chegávamos lá, íamos sempre a procura das coisas, abríamos os armários e encontrávamos sempre coisas trocadas, fora do lugar, sempre, sempre, sempre...o pão principalmente era o que ela escondia... até fomos encontrar o pão junto com a roupa no roupeiro” (E9).

Quando o Sr. António começa a recuperar deixa de ser necessário o apoio da CVP – Tavira ao nível dos cuidados de higiene e imagem, e ficam apenas com o serviço da alimentação. Começam as reclamações relativamente à qualidade das refeições servidas, pois o Sr. António nunca havia gostado muito da comida fornecida. Um outro aspeto a

ter em conta é o facto do Sr. António nunca ter aceiteado a demência da esposa, apesar de todas as explicações das filhas. O Sr. António reage mal (ainda hoje) quando vê a D. Lúcia desorientada ou a fazer alguma coisa sem sentido lógico.

Neste cenário, e estando as filhas e os netos a trabalhar e a residir noutros contextos, o facto de o casal estar a morar sozinho preocupava constantemente as filhas.

Apesar das visitas diárias que as filhas fazem de forma a intercalarem o apoio aos pais, foi no Centro de Dia do Pontão que encontraram a resposta que precisavam.

## **D. Alice e Sr. Simão**

O casal D. Alice e Sr. Simão viveram toda a sua vida na serra na Conceição de Tavira. Casaram muito novos, tiveram o primeiro filho quando a D. Alice tinha 18 anos, a segunda filha aos 21 e a terceira filha aos 27 anos.

O Sr. Simão quando era novo dedicava-se à vida no campo, mas depois fez a 4ª classe à noite e estudou o ofício de pedreiro, profissão que exerceu até poder trabalhar. A D. Alice nunca teve patrões, segundo ela o Sr. Simão não a deixava trabalhar para ninguém porque o patrão era ele, então o pouco tempo que trabalhou foi no campo nas suas próprias terras.

O Sr. Simão tem muito orgulho do seu percurso profissional “trabalhei a vida toda como pedreiro, o prédio mais alto que fiz tinha 14 andares e foi em Quarteira” (Atelier Histórias de Vida), ao passo que a D. Alice lamenta a sua frágil saúde desde muito cedo, com 35 anos a D. Alice acamou derivado a problemas na coluna e nos ossos.

A vida do casal foi uma vida de sacrifício, o Sr. Simão trabalhava 7 dias por semana, entre os afazeres no campo e no seu ofício “o meu pai levantava-se às seis da manhã, ia tratar da horta, tiveram animais, tratava dos animais e ia para o trabalho. Vinha do trabalho, vinha plantar à horta, ia plantar as coisas, chegava a ser meia-noite...” (E3). Por sua vez a D. Alice criou os filhos e ainda tratou dos seus pais. A única fonte de rendimento era o trabalho do Sr. Simão “era o meu pai que tinha de sustentar tudo e então foi uma vida dura...a minha avó também colaborava, também ajudava, viviam em conjunto, depois a minha avó deu-lhe um AVC...ficou dependente da minha mãe e a minha mãe fez tudo o que estava ao alcance dela, tudo e mais alguma coisa enquanto a minha avó foi viva” (E3).

O casal teve uma vida difícil, a escassez de transportes na zona era também uma realidade muito dura, pois dificultava as idas da D. Alice ao médico para realizar os tratamentos assim como a deslocação do Sr. Simão diariamente para o trabalho que tinha de ser feita de bicicleta e mais tarde de motorizada, ou quando a distância era muita ficava fora de casa, mas o casal tentou sempre ultrapassar todas as dificuldades.

Criaram os filhos dando-lhes tudo o que podiam, recorda a Elsa que uma simples ida à praia hoje era uma aventura há 50 anos atrás “nós eramos crianças queríamos vir a praia e não havia transporte, só vínhamos uma vez num ano a cavalo dos burros no dia 29 de Julho, parece que é, que chamam o banho de S. João... mas houve um ano em que o meu pai disse “no domingo vamos à praia”, ficamos todos contentes. Uma bicicleta a

pedal, então era assim, o meu pai trazia a mim e o meu irmão fazia uma determinada distância, deixava-nos e nós íamos andando, voltava atrás buscar a minha mãe e a minha irmã, quando nos apanhasse quando chegasse até nós, deixava a minha mãe e a minha irmã e levava a mim e ao meu irmão e ia-nos levar mais à frente a outra determinada distância, deixava-nos e ia embora, já era uma distância pequena, já não tínhamos medo e íamos andando, voltava atrás a ir buscar a minha irmã e a minha mãe e foi assim que nós chegamos à praia de Cacela Velha. Tivemos na praia, brincamos...foi um dia em cheio, foi uma alegria” (E3).

Haviam poucos momentos de alegria, pois o pai estava fora todo o dia e noite, a mãe doente, desde cedo que as filhas começaram a perceber que tinham de crescer e ajudar na casa, pois a D. Alice manifestou sempre uma fraca saúde física e psicológica também, sofrendo desde muito nova de uma depressão.

Tudo isto afetou também a forma do casal se relacionar “em relação ao meu pai ela queria ter poder sobre ele, o meu pai não era uma pessoa que se deixasse...pronto às vezes deixava, mas o que ele dizia é que era e a minha mãe aí entrava em conflito com ele porque ela também queria ter poder” (E3). Depois de um dia de trabalho o Sr. Simão queria descansar e a D. Alice queria atenção, queria ir passear com o marido, queria ir aos bailes e às feiras e apesar de às vezes o Sr. Simão ceder e fazer-lhe a vontade, na maioria das vezes não o fazia. A D. Alice só saía de casa se o marido a acompanhasse e muitas das vezes era a sua mãe que levava as suas filhas a passear.

Uma vida dura de trabalho árduo e uma relação conflituosa da qual muitas vezes o Sr. Simão se refugiava na bebida. Os anos foram passando, os filhos casaram e saíram de casa, as filhas sempre mais próximas dos pais apesar de ser o filho o que mora mais perto, mas foi sempre mais desligado.

O Sr. Simão trabalhou até que a D. Alice ficou dependente dele e precisava do seu apoio diário. Deixou de trabalhar para apoiar a mulher, era ele o cuidador e esta quebra foi muito difícil para o Sr. Simão.

Apesar nas inúmeras tentativas da Elsa de procurar ajuda para a mãe, nenhuma instituição estava disponível a colaborar pois a zona onde reside o Sr. Simão e a D. Alice é muito longe da localização das instituições concelhias. A Elsa ainda conseguiu apoio de uma vizinha que ainda hoje faz a higiene matinal da D. Alice, mas não era suficiente “ia fazer a higiene de manhã, dava-lhe o pequeno-almoço, se ela queria ficar levantada deixava-a sentada numa cadeira, se ela queria ficar deitada ainda a deixava deitada na cama e mais tarde ia levantá-la, mas a minha mãe se não se conseguia levantar, se não

tinha forças para se levantar da cadeira, chorava que não tinha ninguém que a ajudasse, se se conseguia levantar dava 2, 3 passos, caía” (E3).

O Sr. Simão ficou cada vez mais dependente da bebida, conduzia alcoolizado para Tavira e chegou a ter um acidente de viação. As filhas cada vez mais preocupadas, o filho sempre desligado, a Elsa que reside em Faro vinha e vem quase todos os dias à serra de Tavira apoiar os pais, a Natália que reside também em Faro vinha e vem todos os fins-de-semana apoiar os pais, mas cada vez mais era evidente a necessidade de um apoio formal e ambas as filhas procuraram apoio no Centro de Dia do Pontão.

## **D. Luísa**

A D. Luísa sempre viveu em Cabanas, com 85 anos não se considera viúva (apesar do marido ter falecido) mas sim divorciada. É uma senhora que se preocupa muito com a sua imagem e com a sua aparência, maquilha-se, pinta o cabelo, gosta de escolher as suas roupas e de as condizer com os acessórios que usa.

Desde muito pequena que era a menina da família, foi sempre poupada de trabalhar nas tarefas domésticas e por conta de outrem, mas era a própria que queria trabalhar apenas por uma única razão “porque as moças iam todas e aquilo no caminho (para a fábrica dos pimentos) era um grande pagode... íamos cantando, dizendo anedotas, parvoíces já se sabe” (Atelier Histórias de Vida). Quando regressava da fábrica pelo caminho encontrava sempre o Zacarias, que viria a ser o seu marido, pois este trabalhava nos caminhos-de-ferro.

Casou com 20 anos com o Sr. Bento na igreja da Conceição, quando casou estava grávida de 5 meses e descobriu porque se sentiu indisposta quando a sua mãe fazia atum com batatas cozidas para o almoço. O cheiro da comida fez com que se sentisse enjoada e fugiu de casa, mas a sua mãe apercebeu-se e apressou-se a preparar o casamento. Tivera a sua primeira filha ainda com 20 anos e 19 meses depois o segundo filho.

O marido era motorista de traineiras na Armação da Abóbora e também na Armação do Barril. Por norma os verões eram passados nas armações e no inverno ficavam em Cabanas, na casa da mãe da D. Luísa.

Depois de casada o marido não queria que trabalhasse pelo que apenas apoiava os negócios que o marido tinha (venda de marisco e de gasolina para barcos).

A D. Luísa diz que foi feliz, que dançava muito nos bailes, que ia passear para todo o lado com o marido na motorizada, que usava biquíni na praia, que foi a 1ª mulher de Cabanas a saber dançar a lambada, e descreve-se como sendo na juventude uma mulher muito bonita, alta, vistosa, presunçosa e cheia de vida.

Um casamento feliz que começa a dar sinais de fraqueza depois dos filhos saírem de casa, pois estes também se casaram e foram morar para as suas casas.

A D. Luísa e o Sr. Bento estiveram ainda emigrados na Holanda, mas a D. Luísa não aguentou as saudades dos filhos e das netas, e regressaram para a vila de Cabanas.

As discussões aumentaram e o Sr. Bento começou a sair cada vez mais de casa, a beber nos cafés e a ter outras amizades. Cabanas é um sítio pequeno e nos anos 70 mais pequeno deveria ser, no que diz respeito à forma de viver em comunidade, pelo que a

cada discussão entre o casal a filha era chamada a intervir para apaziguar as coisas. Contudo, a D. Luísa não gostava que ficassem a favor do marido, exigindo sempre o apoio e compreensão da filha e da neta mais velha a seu favor.

Ao fim de 36 anos de casamento o Sr. Bento saiu de casa, trocando a D. Luísa por uma amiga que tinham em comum. Naquela altura um divórcio não tinha a conotação que tem hoje, nem a aceitação pela comunidade/sociedade era a mesma, pelo que a D. Luísa sofreu muito (sem o mostrar a ninguém) com este acontecimento. Tendo a D. Luísa todas as características com que se descrevia (mulher muito bonita, alta, vistosa, presunçosa e cheia de vida), aceitar o abandono do marido e a traição com uma amiga de ambas, foi-lhe desde sempre impossível. Afinal era a D. Luísa quem era a mulher bonita, vistosa, presunçosa e feliz, com quem o marido passeava e de quem ele gostava.

A D. Luísa ficou a viver sozinha pela 1ª vez na sua vida “ela depois vivia sozinha, mas de qualquer maneira quem tratava dela era eu, eu e as minhas primas, íamos lá fazer limpeza, porque ela não... ela para já nunca foi muito habituada a fazer essas coisas...” (E8). A casa era ainda dos seus pais e os irmãos da D. Luísa queriam vender a casa. A solução foi ficar a morar com a filha, pois com o dinheiro que recebeu da venda da casa dos seus pais, fez um quarto e uma wc na parte de cima da casa da filha, onde mora ainda hoje.

Desde que foi viver com a sua filha que sempre exigiu que as atenções e os cuidados, da filha e dos familiares em geral, fossem direcionados para si e não para o Sr. Bento. Este por sua vez desapareceu da vila e passados muitos anos é que a Ana M<sup>a</sup> conseguiu saber do pai. Estava a morar em Lisboa quase como um sem-abrigo após o falecimento da companheira, vivia na casa de um amigo por caridade e tinha como suporte um CD durante o dia.

Apesar da D. Luísa, durante o Atelier de Histórias de Vida, ter dito que se divorciou e que tinha orgulho nisso, a verdade é que a história tem outro lado. Durante anos o Sr. Bento queria o divórcio, de modo a poder casar com a senhora com quem vivia, mas a D. Luísa nunca lhe deu o divórcio. O processo arrastou-se durante muito tempo em tribunal e no dia em que saiu o divórcio a companheira do Sr. Bento faleceu, nunca chegando assim a concretizarem o desejo de se casarem.

O Sr. Bento viveu amargurado com esta situação e a D. Luísa como nunca aceitou o fim do casamento, achou-se vitoriosa por o ex-marido não ter voltado a casar “ela nunca aceitou que o meu pai a tivesse trocado por outra... no dia que era para ser o divórcio foi no dia que a mulher morreu... ah atão é que ela ficou contente” (E8).

A Ana M<sup>a</sup> apesar de dividida entre a mãe e o pai, não queria que este vivesse sem o suporte de ninguém por perto e conseguiu a transferência do CD em que o pai estava, para um Lar em Boliqueime, com o consentimento do pai e com o aviso prévio da D. Luísa que não o queria por perto, ou seja, que não queria que o Sr. Bento viesse para a casa da sua filha. Ainda houve um Natal que o Sr. Bento passou na casa da filha, mas obviamente que não correu bem.

O Sr. Bento ficou a viver no Lar em Boliqueime e quinzenalmente os filhos visitavam-no. Faleceu em maio de 2014. A D. Luísa há mais de 14 anos que vive com a filha, todos os seus familiares são-lhe próximos, apesar de ser a filha quem a apoia diariamente em tudo. Desde que reside com a filha que estão sempre juntas, onde uma vai a outra vai.

Os problemas de saúde da D. Luísa foram agravando com a idade e quando a filha saía para trabalhar levava a D. Luísa consigo, de forma a mantê-la por perto e entretida. Como a Ana M<sup>a</sup> trabalha na loja do seu filho, a D. Luísa acompanhava a filha ficando no quintal da loja, conversava com quem passavam, tinha distrações e estava perto da filha. Mas a situação pirou em agosto de 2014 quando a D. Luísa quase que fica acamada. A Ana M<sup>a</sup> não conseguia prestar o apoio à mãe sem passar por um enorme desgaste físico e psicológico. O facto de o seu irmão não prestar o apoio que a Ana M<sup>a</sup> considera devido, também é algo que a magoa, pois conta mais rapidamente com o apoio da sua própria filha e das vizinhas, do que com o apoio do irmão e da cunhada.

Quando a Ana M<sup>a</sup> percebe que não está a conseguir gerir a sua vida e os cuidados diários à mãe, conversou com a mãe sobre a abertura do Pontão.

## **D. Arminda**

A D. Arminda sempre viveu na serra da Conceição de Tavira, é casada e teve 3 filhos, atualmente tem 79 anos. Toda a sua vida profissional foi dedicada ao cuidado das terras, desde muito nova que acompanhava o seu pai, que foi um grande agricultor na zona, no trabalho no campo. Mesmo depois de casada, a sua filha fazia a lida da casa para que a D. Arminda pudesse ir trabalhar no campo. O seu marido esteve alguns anos emigrado em França, e a D. Arminda trabalhava todos os dias no campo para poder sustentar e criar os seus filhos.

O sorriso tímido começa a perder força quando nasce o último filho que desde cedo é diagnosticado com problemas do foro psicológico. A D. Arminda começa a proteger o filho de todos os que o contrariam, de todos os que querem dar-lhe um tratamento igual ao de todas as crianças, pois para a D. Arminda o seu filho era diferente e tinha que ser protegido. Nem o marido, nem a filha, nem o filho mais velho, podiam contrariar o filho mais novo e se o fizessem a D. Arminda ia contra todos para o defender.

Os filhos crescem e a D. Arminda continua a trabalhar no campo, mas agora todo o dinheiro que ganha é destinado ao filho mais novo que nunca trabalhou. A filha Maria mora mesmo ao lado da mãe e assiste a toda esta forma de relacionamento entre a mãe e o filho mais novo, assiste à quebra de saúde da mãe, ao desequilíbrio constante do irmão que começa a viciar-se no álcool, no tabaco... gastando assim todo o dinheiro e saúde da mãe.

A D. Arminda sempre foi muito amiga dos filhos e ajudou na criação das suas netas “a minha mãe ajudou-me a criar as minhas filhas...a minha mãe ajudou-me sempre muito, muito, muito” (E7), vivendo assim para a vida no campo, os cuidados com o filho mais novo e o apoio à filha.

Tudo piora com a morte do filho mais velho, este acontecimento abala toda a família, a forma de se relacionarem e obviamente a saúde da D. Arminda. Tomada pelo desgosto a D. Arminda começa a ficar cada vez mais frágil, depressiva e doente. Nesta altura a D. Arminda cuidava de um tio do seu marido, já velho e cego. Carregava ainda a dor da perda da sua mãe, que pôs termo à vida numa fase em que mal se relacionavam derivado a uma zanga familiar.

A M<sup>a</sup> João começa a perceber que tem de apoiar a mãe, pois a vida que tem é pesada demais para a sua frágil saúde física e psicológica. Por outro lado, o filho mais

novo continua a ser uma preocupação para todos, pois vive com o dinheiro dos pais, para passar o dia a beber e em ambientes agressivos.

A D. Arminda fica cada vez mais parada e desorientada, passando os dias sem qualquer tipo de estímulo “ela antes levantava-se, tomava o pequeno-almoço e coiso... e aí eu vi que ela já não tomava, quando eu ia para lhe dar a medicação eu vi-a sentada por trás da porta e olhando para as paredes e olhando...” (E7). As discussões familiares diárias, derivadas ao problema do filho, também não ajudavam a sua recuperação “a minha mãe o dia todo a ouvir aquilo é... é o filho, depois já é o pai com o filho e depois já sou eu que me meto também” (E7). A carga para a M<sup>a</sup> João é cada vez maior, pois tem de gerir a sua casa e a da sua mãe, deixando de trabalhar por conta de outrem para cuidar da mãe e amparar constantemente do seu irmão.

Em dezembro de 2013 a D. Arminda cai e parte a bacia e um pulso, ficando muito tempo internada no hospital. É mais uma vez a M<sup>a</sup> João que apoia o pai, visita a mãe com muitas dificuldades, dada a escassez de transportes na zona.

Para a M<sup>a</sup> João é cada vez mais difícil lidar com o irmão, pois este está constantemente alcoolizado, não respeita as consultas de psiquiatria e consome todo o dinheiro dos pais. Apenas quando está em tratamento intensivo para desintoxicação é que a M<sup>a</sup> João consegue apaziguar a sua preocupação constante com o irmão.

Depois do internamento hospitalar, a D. Arminda integrou a Unidade de Cuidados Continuados [UCC] de Tavira, sendo sempre acompanhada por uma Assistente Social. Quanto teve alta e foi para casa, foi a Assistente Social da UCC que viu o folheto do Pontão e sugeriu à família a integração da D. Arminda em CD.

## **Sr. Miguel**

O Sr. Miguel tem 86 anos, é viúvo, e reside sozinho na serra de Tavira, freguesia de Santa Maria e Santiago.

A história do Sr. Miguel, claro que todas as histórias de vida são únicas e a do Sr. Miguel não é exceção, mas esta história é a única que emociona e cativa todo o grupo de idosos durante o atelier de histórias de vida, de uma tal forma que ficam todos envolvidos e muito emocionados.

O Sr. Miguel, ao contrário de todos os outros, não cresceu em casa a ajudar os pais, o Sr. Miguel apenas tinha mãe pois o pai não o reconheceu como filho. A mãe sofria de uma doença que nunca percebi qual era, e aos 8 anos o Sr. Miguel foi viver para a casa de uma senhora que não tinha filhos e quis apadrinha-lo. Desde cedo que começou logo a trabalhar com os animais, mas a experiência não foi das melhores pois como nos conta “eu era pequenino e não sabia, e os animais fugiam-me e eu chorava com os nervos dos ver fugirem-me. Depois à noite a patroa dava-me porrada porque ela via-me do monte” (Atelier Histórias de Vida). Tentou fugir da casa da patroa por duas vezes, para rumar à sua antiga casa, mas perdia-se sempre e voltava triste para trás. Por vezes a mãe visitava-o, mas nunca o levou de volta para casa.

Viveu assim durante 5 anos, até que aos 13 anos foi viver com outro patrão, com quem teve até aos 15 anos. Tratava dos animais, tratava da manutenção da fazenda e fazia vários serviços. Depois foi viver para outra fazenda, trabalhou para um patrão que como só tinha uma filha precisava de um rapaz para ajudar na fazenda “ele queria-me porque eu era bom nos serviços da fazenda” (Atelier Histórias de Vida). O Sr. Miguel foi batizado por este casal, a quem ainda hoje se refere como padrinhos.

Mas tudo mudou na altura da feira de S. Francisco de Tavira, o padrinho deixou-o ir à feira, mas o Sr. Miguel chegou demasiado tarde e foi expulso da fazenda, tendo como único destino o regresso à feira. Encontrou um colega na feira que lhe disse que o Circo estava a precisar de pessoal e embarcou na aventura “pagavam 30 escudos, comida e cama, e eu fui com o Circo” (Atelier Histórias de Vida). Durante as duas noites que acompanhou o Circo desempenhou várias funções e chegou a fazer de palhaço (recorda estes dias com muita gargalhada), mas a aventura não resultou pois “eu não gostei porque estraguei a minha roupinha toda, a que tinha vestido para ir bonito à feira” (Atelier Histórias de Vida).

Sem raízes e sem um lar, o Sr. Miguel decidiu que não queria voltar à vida de escravo de patrões que o maltratavam e decidiu emigrar, como tantos outros o faziam naquela altura. Esteve em França a trabalhar na apanha da vindima, mas estava desiludido pois a vida do campo tinha ele em Portugal, pelo que decidiu voltar. Dedicou-se à vida de pedreiro e foi nesta profissão que encontrou a sua arte “trabalhei como pedreiro, eu era bom naquilo, depois fui pa Gibraltar como pedreiro 6 meses” (Atelier Histórias de Vida).

Encontrado o rumo profissional que queria seguir o Sr. Miguel criou a sua família, construiu a sua casinha no monte onde vivera com a sua mãe, casou e teve dois filhos. Ainda hoje recorda com carinho a fase que trabalhou como pedreiro e daquilo que construiu “fui um artista porque depois fui trabalhar a fazer paredes de castelos, corri o algarve todo a trabalhar nos Castelos, de Tavira, de Silves, todinhos fui eu que trabalhei naquelas paredes” (Atelier Histórias de Vida).

Mais tarde o seu pai quis reconhecê-lo como filho, conta-nos que estava numa taberna quando ouviu alguém dizer “oh Francisco, aquele é o teu filho” e confrontou o pai que lhe deu o nome, mas para o Sr. Miguel já era tarde para construir uma relação paternal, pelo que do pai apenas ficou com o nome e com algumas terras.

Dedicou-se à profissão de pedreiro e pouco fala da vida de casado, os filhos criaram-se e casaram, um deles está emigrado em França e só vem em agosto e pelo natal, o outro está mais perto e apesar da relação distante apoia o pai no que este necessita.

Ficou viúvo e a viver sozinho na serra, apenas tendo a companhia dos vizinhos e do filho emigrado que fica na sua casa quando vem nas férias. A sua saúde também já ia dando sinais de fraqueza e passava os dias entregue à solidão “tava sentado numa cadeira em frente à televisão e era ali que ele passava a maior parte do tempo, estava mesmo mal” (E9 – I).

Por referência dos compadres, que já estavam no CD, veio conhecer as instalações e apressou-se em demonstrar a sua vontade de ser admitido.

## D. Constança

A D. Constança é viúva, tem 83 anos e vive num monte na serra de Tavira, freguesia de Santa Maria e Santiago.

Desde muito nova que sempre se dedicou à vida do campo, os pais trabalhavam dia e noite, e a D. Constança passava muitos serões com os avós “eu vinha com a minha avó a pé à cidade, vínhamos comprar peixe, arroz, petróleo... vínhamos ao domingo porque naquele tempo tava tudo aberto ao domingo” (Atelier Histórias de Vida). Lembra que o avô lhe ensinou todas as rezas católicas e que só a deixava ir dormir quando as dissesse de cor.

Quando chegou a vida adulta, chegou também o sofrimento. A D. Constança casou e teve 1 filho, mas cedo ficou viúva. Tentou refazer a sua vida e voltou a casar-se e teve outro filho. Dedicou-se sempre à lida da casa e à vida no campo “o marido andava sempre trabalhando também na vida do campo, numa fazenda em Tavira, e ela cuidava da casa, tinha lá uns animaizinhos que ela é que tratava, ela pronto fazia a sua vidinha” (E4). Depois o filho mais velho casou-se e teve também ele dois filhos.

A D. Constança dedicou-se também aos netos, ficando com eles durante todos os períodos de férias escolares “fazia-me as vontades todas...brincávamos, ela ensinou-se a fazer ponto cruz... íamos passear, ver as vizinhas, não tenho razão de queixa, era impecável” (E1.4). Continuou sempre a cuidar da sua horta, conta-nos que “levantava-me com o nascer do sol e lá ia eu... cavava batatas, semeava feijão, à tarde regava a horta e depois comia o que a horta dava, também trabalhei na apanha da amêndoa e da alfarroba” (Atelier Histórias de Vida).

A D. Constança perde a alegria de viver quando perde o segundo marido, e o seu filho mais velho. Nunca ultrapassou a perda do filho, e para agravar o seu sofrimento não tem uma relação saudavel com o filho que ainda hoje mora consigo.

Este filho nunca casou e viveu sempre com a D. Constança, esta por sua vez tentou levar um quotidiano normal apesar das perdas “fazia a vida dela, lavava a roupa dela, do filho, fazia a comida, fazia a limpeza da sua casinha, fazia tudo bem... “ (E4).

Com o passar do tempo a D. Constança começa a ficar cada vez mais amargurada e sem vontade para nada, o corpo começa a enrijecer pois pouco se movimenta “e primeiro foi os joelhos, deixou de se importar com as coisas do campo, ela tinha alfarrobas, tinha uma horta, mas ela depois começou a andar mal dos joelhos, começou a dizer que não podia, que não podia...” (E4).

Para além da saúde começar a fraquejar, a relação com o filho piora de dia para dia, pois este filho solitário refugia-se na bebida, a D. Constança critica-o por isso e daí até terem graves discussões vai um espaço de segundos. Para a D. Constança Deus levou-lhe o filho bom, trabalhador e amigo, e deixou-a com o filho ruim (Nota de campo 15).

Nesta panorama, e estando os netos e a nora presentes todos os fins-de-semana, pensam que o Centro de Dia do Pontão seja a solução para o problema em que vive a D. Constança.

## **D. Aurora**

A D. Aurora tem 80 anos, atualmente vive com a filha, mas antes da admissão no CD vivia com o marido num monte na serra na zona de Cacela, onde grande parte da sua vida.

Era a mais nova de 4 irmãos, e cresceu com a sua mãe a fazer a vida do campo. Casou-se muito nova, foi morar com o marido para o monte e lá ficou desde os 15 anos até então. Teve 3 filhos, um menino e duas meninas, e criou-os a todos com muita dificuldade. O marido trabalhava de noite e dia mas dava-lhe pouco dinheiro para governar a casa o mês inteiro. A relação entre o casal sempre foi conflituosa devido a esta situação. A D. Aurora gostava de se arranjar, de comprar ouro, de mobilar a casa, mas o marido nunca lhe deu meios para tal.

Como forma de ultrapassar as dificuldades financeiras, começou a trabalhar nos verões na vida do campo e a caiar casas, conseguindo assim ter o seu dinheiro para aquilo que queria comprar. A única vizinha que tinha no monte era uma cunhada com quem tinha uma relação muito conflituosa e até mesmo agressiva, pois esta cunhada tinha tudo o que queria e a D. Aurora não.

Entretanto o filho mais velho casa-se e passa a viver em Tavira, enquanto a filha emigra para a Suíça, ficando a D. Aurora a cuidar da neta. A filha mais nova também fez a sua vida e casou-se. A D. Aurora ajudou sempre a criar os netos, era ela quem lhes fazia o almoço e quem lhes levava o lanche à escola.

Depois de criados os netos começa a vida de solidão e pobreza. A D. Aurora ainda se dedica à horta e aos seus passarinhos, mas depressa perde o interesse por tudo e começa a passar os dias deitada. O marido não lhe permite que faça gastos domésticos, o que lhe impede de ter um dia a dia mais normal “ela na casa dela nem televisão via, nada, durante o dia tratava das plantinhas dela, dos passarinhos mas ver televisão para distrair um pouco ou coisa assim, não podia” (E2).

Começa a ficar com os dias vazios, pois o marido trabalha dia e noite, e fica sem qualquer conforto, sem as condições mínimas para ter uma vida saudável. Na maioria das visitas da filha, a D. Aurora estava ou deitada ou sentada sozinha às escuras, para não gastar luz. Começou também a emagrecer, pois o marido comprava diariamente 1 dose de comida para os dois, almoçavam perto das 16h e antes de irem dormir bebiam leite. Como a casa não tem as mínimas condições a filha semanalmente ia buscar a mãe para tomar banho na sua casa, e era assim o quotidiano da D. Aurora.

A revolta da filha e dos netos foi aumentando, pois o marido da D. Aurora decidiu viver na pobreza, pois trabalhou a vida inteira e tinha condições de terem uma vida melhor “foi pedreiro a vida toda, trabalhava de manhã à noite...nem uma máquina de lavar, eu levava-lhe a roupa para lavar...ela não tem nada, não tinha água quente, tem uma torneira na rua e o meu pai foi a vida toda pedreiro, saía às 17h do trabalho e ia das 17h até à noite... 21h é que regressava depois a casa e ela viveu assim pronto... agora não tem nada, nem água quente, tem aquela torneira na rua, nem uma casa de banho, nada, nadinha” (E2).

A situação altera-se quando a Clara está a apoiar a mãe nos cuidados de higiene e imagem e deteta feridas nas suas pernas. Levou-a às urgências onde começou a ficar com falta de ar, ficando em internamento hospitalar. A Clara pensou que isto se devia à medicação para a depressão que a D. Aurora toma há muitos anos, mas não, descobriu que uma vez mais o seu pai para poupar dinheiro deixou de comprar os medicamentos necessários, daí a crise de falta de ar.

Durante o internamento hospitalar a família começa a pensar no CD como uma solução diurna e em mudar a D. Aurora da sua casa para a casa da filha, em alternativa a viver sem condições.

## **Sr. Jaime**

O Sr. Jaime vive com a mulher no campo, na freguesia da Conceição de Tavira. Tem um filho, uma nora, um neto e uma bisneta. Antes de conhecer a sua mulher vivia com os seus pais na zona rural e desde muito cedo que ajudava o pai no trabalho “eu à dos meus pais tratava do gado e depois ia com o meu pai abrir poços de empreitada, aquilo era um trabalho de muito sacrificio” (Atelier de Histórias de Vida).

Com origens humildes e a viver numa zona com escassos meios de transporte, começou a trabalhar na cidade a 20 quilómetros da sua casa e fazia diariamente o percurso a pé “trabalhou no campo, inclusive deslocava-se a pé da zona da serra... ficavam o fim-de-semana cá em baixo, vinham trabalhar cá em baixo... e ao fim-de-semana é que vinham outra vez a casa porque iam a pé. Não tinham transporte, não tinham nada... ele nasceu numa altura mesmo pobre” (E6).

Depois juntou-se com a sua mulher, depois de já terem um filho e vieram os dois viver para uma fazenda como caseiros. Nesta fazenda semeavam flores para fazer perfume. Passados uns anos emigrou para França e a sua mulher ficou em Portugal com o filho.

O Sr. Jaime foi ganhando o seu dinheiro para conseguir dar um rumo à sua vida em Portugal. Voltou e construiu a sua casa de raiz, aquela onde ainda hoje vive. Construiu também uma casa para o filho morar com a nora, pois o seu filho casou-se mas ficou a morar com os pais, pelo que o Sr. Jaime recebeu a nora quando esta tinha 14 anos, e até hoje relacionam-se como pai e filha.

Desde então trabalhou sempre como pedreiro e conta-nos que “depois até me reformar trabalhei sempre a fazer estes biscates como pedreiro” (Atelier de Histórias de Vida). Uma vida de trabalho aliada ao cuidado da horta e dos animais que sempre teve, mantendo sempre assim uma vida muito ativa.

A família apesar de pequena é muito unida e moraram sempre perto, mantendo sempre várias rotinas familiares. O Sr. Jaime é muito ligada à nora, recorre sempre a esta quando algo não está bem, principalmente quando o assunto é a sua saúde, e assim o fez. O Sr. Jaime teve uma infeção pulmonar que o levou a um internamento hospitalar de quase 2 meses.

Depois da alta nunca mais foi o mesmo, deixou a sua rotina de tratar do campo e dos animais e passou a preferir estar deitado e a lamentar-se da sua fraca saúde “não se mexia e então eu via que ele cada vez estava mais parado... já só queria estar deitado,

sozinho, deitado e sentado naquelas sombras... a minha sogra passava o dia inteiro preocupada e lá ia ver dele e lá estava ele sentado num canto sozinho” (E6).

A nora informou-se sobre o CD do Pontão de modo a perceber se esta poderia ser uma alternativa à falta de estímulo físico, cognitivo e social do Sr. Jaime.

#### **D. Natacha e Sr. João**

A D. Natacha nasceu e cresceu na freguesia de Cabanas de Tavira e como todas as meninas naquela época ficava em casa com a mãe a fazer a lida da casa. Por sua vez o Sr. João sempre foi um homem ligado ao mar, conta-nos que “eu sou e sempre fui homem do mar, nasci na Ilha da Culatra e desde moço pequeno que ia à ameijoa. Depois vim pa Santa Luzia trabalhar num barco de polvo. Fui pa Marrocos numa embarcação durante muito tempo e voltei (para Cabanas) e tive o meu bote e ia sempre ao mar, até não poder mais” (Atelier Histórias de Vida).

O Sr. João trabalhou na freguesia de Santa Luzia, e quando voltou da embarcação que rumou a Marrocos foi quando casou com a D. Natacha. Ainda moraram algum tempo em Santa Luzia, antes de se mudarem definitivamente para Cabanas de Tavira.

Estão casados há 59 anos, têm dois filhos, um genro, uma nora e cinco netos. Atualmente vivem no 1º andar da casa da filha, que vive no r/c. A afetividade pai/filha é tão visível como a afetividade mãe/filho. Mas tudo tem um porquê....

Depois de casada a D. Natacha engravidou pela primeira vez tinha 19 anos, mas aquando do nascimento do bebé, este acabará por falecer. Com muita vontade de serem pais foram sempre tentando ter filhos, mas a D. Natacha só engravidava de 7 em 7 anos. Para agravar a situação, a dor de perder um bebé à nascença repete-se mais duas vezes, acabando a D. Natacha por perder mais dois bebés.

Toda esta situação faz com que o Sr. João cuide da esposa e da casa com uma ternura e delicadeza raramente encontrada num homem do mar “foi sempre muito mimada por ele... muito mimada por ele, é uma pessoa que não se preocupava de ir a qualquer lado e deixar coisas por fazer, a casa por limpar, quando chegava estava tudo limpinho, tudo feito, ele vinha da pesca e fazia-lhe tudo” (E1). O Sr. João, até aos dias de hoje, trata com todo este carinho, preocupação e delicadeza a esposa.

A D. Natacha viveu desgostosa e amargurada com a perda sucessiva dos seus filhos, pelo que há 4ª tentativa nasceu o primeiro filho saudável, o Carlos. Quando tinha 4 anos foi-lhe diagnosticado diabetes e a D. Natacha viveu sempre extremamente preocupada com a saúde deste seu primeiro filho “se o menino que já não caía no chão, porque ela perdeu 3 filhos e depois veio ele a grande custo, então (depois do diagnostico) o menino não podia mesmo cair no chão... e então é uma paranoia que ela tem, ele já não é diabético” (E1).

A D. Natacha passou a viver unicamente dedicada ao filho e é o Sr. João que continua a trabalhar no mar, a cuidar da casa e é ele quem anseia por uma filha menina. A 5ª gravidez da D. Natacha correu bem e teve a sua filha Adelaide.

Viveram sempre para criar os filhos, a D. Natacha sempre em casa com os filhos e o Sr. João na vida do mar. Os filhos criaram-se e casaram, o Carlos saiu de casa mas ficou a morar perto dos pais. A Adelaide ficou sempre a morar na mesma casa dos pais, mas em andares diferentes.

Vivendo sempre em Cabanas, vila piscatória, criaram as típicas rotinas de passear na baixa-mar e de ir ao café, mas mais a D. Natacha com as amigas, pois o Sr. João nunca foi homem de cafés nem de muitas amizades. Sempre muito pacato e pouco conversador preferiu sempre um passeio pela baixa-mar, uma conversa com colegas do mar do que frequentar cafés “saía pouco, ele não gostava muito... nunca foi muito de sair, nunca frequentava cafés como ele não bebia, não tomava café, ia ali em baixo conversava com os homens ali do mar” (E1).

A D. Natacha a partir dos 60 anos começa a sofrer de artrite reumatoide o que lhe causa rigidez no corpo, retirando-lhe gradualmente o movimento e por conseguinte a mobilidade. Esta perda também afeta muito a D. Natacha, que apesar de ter uma história sofrida, era uma senhora muito ativa e muito dona do seu nariz “era eu quero posso e mando e ela é que sabe e ela é que manda e ela era uma mulher muito ativa, cheia de energia, não tem nada a ver... por isso é que lhe custa mais estar assim, porque ela tinha muita vivacidade, muita energia” (E1).

Com os filhos a trabalhar e os netos na escola é o Sr. João que, uma vez mais, assume os cuidados à esposa até que a sua própria saúde o permita, mais precisamente até outubro de 2014.

Nesta data o Sr. João começa a perder a força nas pernas, começa a dar sinais de desorientação, começa a não poder cuidar nem de si próprio nem da esposa “antes disso ele fazia tudo sozinho...tudo... ele ainda fazia o seu almocinho, ele ainda ia ao pão, ainda fazia as compras ali por Cabanas, ainda despejava o lixo, ainda varria o chão, lavava... lavava loiça, fazia tudo. Ele cuidava dela, ele ajudava-a a ir a casa de banho, ele ajudava a mudar, a vestir, a fazer tudo” (E1).

É perante este cenário de perda de capacidades físicas e cognitivas do Sr. João, que a filha Adelaide começa a ponderar pedir apoio formal, pois deixar os pais em casa todo o dia começa a ser perigoso “tinha medo que ele a deixasse cair, ou alguma coisa e não tava ninguém em casa” (E1).

## Notas de campo

### Nota de campo 1

**Data:** 29/08/2014; 01/09/2014;

**Motivo:** Feedback das entrevistas para admissão em Centro de Dia (Sr. Francisco, Sr. António, D. Lúcia, D. Alice e D. Catarina)

**Local:** Gabinete Técnico Centro de Dia

**Observadora:** Nilza Macedo

### 29/08/2014

O **Sr. Francisco** estava institucionalizado num CD em Santa Luzia, pelo que o motivo da sua inscrição se deve ao facto de residir na mesma rua do Pontão. Sendo um local mais perto, permite-lhe readquirir alguma autonomia, face ao transporte por exemplo.

Tem 81 anos e reside com a filha Ilda e o esposo desta. Teve 6 filhos e atualmente é divorciado. Tem 14 netos e não consegue contabilizar quantos bisnetos tem.

As relações mais próximas que têm são com os filhos da sua filha Ilda.

Aquando a admissão do Sr. Francisco pude perceber que apenas tem apoio da filha Ilda, pois os restantes 5 filhos têm pouco contacto com o pai.

A Ilda é muito impulsiva e conversadora, pelo que consegui conhecer um bocadinho do universo familiar do Sr. Francisco.

É a Ilda que assume o apoio e criticou a falta de interesse dos irmãos. Foi rude na forma de falar com o pai, querendo por vezes assumir o controlo da entrevista. O Sr. Francisco é claramente grato à filha por esta ser a única que se interessa consigo, e isto foi evidente quando solicitou que os passeios de longa distância fossem realizados à 6<sup>a</sup>feira (dia de folga da filha) para a filha o poder acompanhar.

Apesar da postura fria com o pai, a Ilda é preocupada com a sua saúde, muito atenta à toma da medicação e ficou claramente descansada por perceber que os cuidados do pai seriam assegurados pelo Pontão no período diurno.

O **Sr. António e a D. Lúcia** vieram conhecer as instalações acompanhados das filhas Mafalda e Lara.

A D. Lúcia tem 81 anos, sofre de um quadro demencial e o Sr. António tem 84 anos, mas apesar de autónomo não consegue assegurar o quotidiano do casal, pelo que o CD pareceu-lhes a melhor opção.

Moram no Sítio do Valongo, na Conceição de Tavira, até à data tinham apoio alimentar com a Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Tavira, e os restantes cuidados eram intercalados pelas filhas.

Um casal reservado e de poucas conversas, apenas o necessário, assim como as filhas, que apesar de preocupadas com o tipo de estimulação que o CD poderia possibilitar, restringiram a conversa ao assunto da admissão.

Numa 1ª entrevista para admissão nem sempre é possível adquirir mais do que o conhecimento superficial.

A **D. Alice** tem 79 anos e vive com o marido no Sítio dos Estorninhos, Conceição de Tavira. Para a entrevista de admissão chegou em cadeira de rodas, acompanhada pelo marido e pela filha Elsa.

Muito simpática desde logo, a D. Alice mostrou-se muito motivada para iniciar a admissão no CD, pois segundo esta aqui estaria acompanhada e teria não só os cuidados necessários como atividades e pessoas com quem conversar.

O marido, claramente autónomo e independente, apressou-se a dizer que o CD não era para ele pois tinha a sua vida no campo (zona de residência do casal), e deixou-nos à conversa preferindo ir apreciar os espaços verdes da instituição.

A Elsa trabalha como auxiliar médica no Hospital de Faro e tem conhecimento de causa do que se passa com a sua mãe (falta de estimulação física, cognitiva e social) pelo que foi esta quem falou à mãe da possibilidade de vir a frequentar o CD. Contou-me que o seu pai é alcoólico e que passa o dia nos cafés, deixando a D. Alice deitada todo o dia.

O desespero da D. Alice era visível no seu olhar, mas mais ainda quando começou a chorar quando lhe disse que no CD teria pessoal qualificado para lhe prestar todos os cuidados e que todos os dias a ia desafiar a sair da cadeira de rodas e dar uns passinhos... a D. Alice chamou-lhes de “passinhos da liberdade”.

Durante toda a entrevista a filha Elsa enfatizava todos os aspetos positivos do CD, e apesar de residir em Faro, disse-me que ia quase todos os dias a casa dos pais para prestar apoio à mãe, mas ressaltou que continuará a fazê-lo pois faz questão de ser quem trata dos cuidados matinais que a mãe necessita.

Já lá para o fim do dia recebi a filha da D. Catarina (sobrinha da D. Alice) que queria inscrever a sua mãe (irmã da D. Alice), pois apesar de autónoma passa o dia sozinha no monte onde residem. Expliquei todo o processo de admissão e que a mesma só se findaria aquando visita da D. Catarina.

**01/10/2014**

A **D. Catarina** tem 84 anos vive no Sítio dos Estorninhos, Conceição de Tavira, é irmã da D. Alice.

Passou a manhã de 01/09/2014 connosco, foi a 1ª manhã do CD pois abrimos portas nesse dia. Estávamos todos (equipa e idosos) muito ansiosos, mas tudo correu pelo melhor. A D. Catarina vive lado a lado com a sua filha a quem deu o seu nome. Explicou-me que a filha trabalha e passa o dia fora, pelo que se sente sozinha e sem tarefas pertinentes para fazer, pois a sua falta de visão não lhe permite fazer o que outrora fazia, quer fosse para ocupar o tempo ou como fonte de rendimento.

O facto de a sua irmã estar no CD é também uma mais-valia para a D. Catarina.

É viúva, tem 4 filhas mas 2 estão emigradas, pelo que tem muito mais contacto com as filhas que vivem perto de si. Disse que a filha que vive ao seu lado quando não está a trabalhar está sempre consigo e é quem a apoia nas tarefas do quotidiano (AIVD). A sua outra filha visita-a todos os fins-de-semana e apoia-a sempre que lhe é possível. Com um sorriso bem grande contou-me ainda que aos fins-de-semana costuma almoçar com as filhas e os netos, e que no mês de agosto recebe as filhas e os netos emigrados e que adora tê-los a todos por perto.

## Nota de campo 2

**Data:** 05/09/2014

**Motivo:** Feedback das entrevistas para admissão em Centro de Dia (D. Luísa e D. Teresa)

**Local:** Gabinete Técnico Centro de Dia

**Observadora:** Nilza Macedo

A **D. Luísa** tem 85 anos, vive em Cabanas, com a sua filha Ana M<sup>a</sup> e o esposo desta.

Veio conhecer o CD acompanhada pela filha e mostrou logo muita vontade de frequentar o espaço. A filha esteve sempre atenta ao olhar da mãe e ambas ficaram muito satisfeitas por estarem de acordo em relação à admissão em CD.

A D. Luísa tem dificuldades em andar, mas é muito bem-disposta e brincalhona. Disse-me que tinha 2 filhos (Ana M<sup>a</sup> e Elias) e 4 netos e que uma das netas trabalhava na Creche do Pontão.

A **D. Teresa** tem 87 anos, vive na Corte António Martins, Conceição de Tavira, com a sua filha Salomé e o marido desta.

Veio conhecer o CD acompanhada da sua filha Salomé e da sua neta Silvana. Bem-disposta e de conversa fácil, falou com todos os idosos e pôs-se à conversa com a sua comadre (D. Alice).

Conversámos sobre o processo da admissão e a D. Teresa disse-me que gostava muito de frequentar o CD, pois tem dificuldades ao nível da mobilidade (suporta-se da cadeira de rodas) e passa muito tempo em casa sozinha sem fazer nada, pois a filha trabalha todo o dia. Evidenciou uma grande alegria pela preocupação da neta e da filha em garantirem-lhe todos os cuidados que necessita. A D. Teresa tem mais 1 filho, 2 netos e 1 bisneto, mas claramente a sua neta Silvana (que ajudou a crescer) é a menina dos seus olhos, e mais, a D. Teresa demonstra e afirma este favoritismo sem nenhum constrangimento, nas suas palavras “A minha Silvana é a minha Silvana, todos me querem bem, mas esta é especial”.

### **Nota de campo 3**

**Data:** 19/09/2014

**Motivo:** Feedback das colaboradoras sobre o processo de integração dos idosos no CD

**Local:** Gabinete Técnico Centro de Dia

**Observadora:** Nilza Macedo

Aquando reunião de equipa para planeamento e avaliação semanal, as colaboradoras deram o seu parecer sobre a integração dos idosos.

De uma forma geral todos se estão a integrar bem e convivem uns com os outros. De ressaltar um convívio mais “tenso” entre a D. Alice e a D. Teresa (comadres), que competem entre si a vários níveis, nomeadamente o desempenho nas atividades; a melhoria ao nível da mobilidade; o aspeto físico, entre outros aspetos.

Apontaram ainda que a D. Lúcia (que sofre de um quadro demencial) ainda não se adaptou aos diferentes espaços do CD, pelo que a orientam e acompanham sempre que é necessário mudar de espaço físico (sala, wc, refeitório...).

#### **Nota de campo 4**

**Data:**30/09/2014

**Motivo:** Feedback da entrevista para admissão em Centro de Dia (D. Arminda)

**Local:** Gabinete Técnico Centro de Dia

**Observadora:** Nilza Macedo

A **D. Arminda** tem 78 anos, vive com o seu marido no Sítio dos Estorninhos, Conceição de Tavira.

Na entrevista para admissão em CD, fez-se acompanhar do seu marido, da filha M<sup>a</sup> João e da neta. Percebi que tem problemas com o seu filho, pois sofre de problemas do foro psicológico e é alcoólico. Neste sentido, a M<sup>a</sup> João alertou para supervisionar as possíveis visitas do seu irmão, pois poderia ter unicamente um interesse económico.

A D. Arminda pareceu motivada com a ideia de vir a frequentar o CD, mas é muito tímida e é preciso algum tempo até que se sinta confortável. Percebi que sofreu um AVC e que esteve 3 meses internada na UCC em Tavira, há cerca de um ano, contudo ainda sofre de alguma desorientação espaço-temporal. Demora muito tempo a processar o raciocínio e por vezes desiste de comunicar pois “faltam-me as palavras”.

O seu marido trabalha na horta que estes têm, pelo que a D. Arminda passa muito tempo sozinha, daí a família pensar que a integração em CD pode ser positiva para a sua estimulação física e cognitiva.

Quase no final da entrevista disse-me “Eu venho para cá, mas os problemas que eu tenho em casa veem comigo na cabeça”.

### **Nota de campo 5**

**Data:**02/10/2014;

**Motivo:** Feedback da entrevista para admissão em Centro de Dia (Sr. Miguel)

**Local:** Gabinete Técnico Centro de Dia

**Observadora:** Nilza Macedo

O **Sr. Miguel** tem 86 anos, é viúvo e vive sozinho no Sítio dos Carriços – Fonte Salgada, em Tavira.

Veio conhecer o CD por referência dos compadres (D. Lúcia e Sr. António) que já estão integrados há 1 mês. Passou a tarde connosco e gostou dos espaços e das atividades em que participou.

Durante a entrevista para admissão referiu logo querer iniciar o mais depressa possível, pois segundo me disse passa todo o tempo sozinho. Curioso é que fez-se acompanhar do seu filho (Vasco) e da sua nora (Mafalda), e foi a nora que ficou como a pessoa próxima, pois o filho do Sr. Miguel deu indicação que assim fosse. A Mafalda “torceu um bocadinho o nariz” mas disse “olha já tenho dois (referia-se aos seus pais) é mais um”.

Tratamos de todo o processo e a admissão do Sr. Miguel ficou prevista para dia 06/10/2014.

O Sr. Miguel falou com brevidade da sua vida familiar, apenas referindo que tem outro filho emigrado, que por sua vez já é casado e também tem os seus filhos.

Falou com maior interesse nas futuras atividades em que gostaria de participar, demonstrando especial interesse por música, artesanato, passeios e ginástica.

## **Nota de campo 6**

**Data:** 03/10/2014; 06/10/2014

**Motivo:** Feedback das colaboradoras sobre o processo de integração dos idosos no CD

**Local:** Gabinete Técnico Centro de Dia

**Observadora:** Nilza Macedo

### **03/10/2014**

De uma forma geral as colaboradoras avaliam a integração dos idosos de forma positiva. Voltaram a abordar alguns atritos entre as comadres D. Alice e D. Teresa, mas coisas ligeiras que se controlam perfeitamente. Muito deste atrito deve-se ao facto da D. Teresa ter mais mobilidade que a D. Alice e, por vezes, referir que a comadre não faz o devido esforço para ser mais autónoma.

Referiram que a D. Arminda está muito satisfeita por estar a frequentar o CD, pois há muito tempo que não tinha tanta companhia e tantas atividades para fazer.

### **06/10/2014**

No final do 1º dia de admissão em CD do Sr. Miguel as colaboradoras reuniram comigo para me darem feedback do seu 1º dia.

Referiram que aquando os cuidados de higiene identificaram falta de cuidados, pois não só o Sr. Miguel tem problemas de pele atópica, como a falta de hábitos de higiene e a falta de produtos adequados prejudicam ainda mais a sua saúde.

Referiram que tem como pessoa de referência o compradre Sr. António e que participou em todas as atividades.

Posteriormente contactei a Mafalda (contacto de referência) que se prontificou a comprar os produtos necessários para os cuidados adequados ao Sr. Miguel.

## Nota de campo 7

**Data:** 10/10/2014

**Motivo:** Visita da Ilda, filha do Sr. Francisco

**Local:** Receção do Pontão

**Observadora:** Nilza Macedo

Tal como consta no registo das dinâmicas familiares, a Ilda raramente vem ao CD, e quando o faz é por solicitação minha.

Não a conheci quando a vi de costas, sempre a vi de farda, cabelo preso e com uma expressão de cansaço. Estava diferente, não só pelas roupas nem pelo penteado, mas pela expressão de contentamento.

Quando a abordei disse-me que vinha pagar a mensalidade do pai e que estava de folga. Perguntei-lhe se não queria inscrever-se no passeio a Fátima, a realizar a 19/10/14, pois outrora o seu pai tinha-me informado que a Ilda gosta muito de ir a Fátima e que até já tinha acompanhado o pai num destes passeios promovido pelo CD onde o seu pai estava anteriormente institucionalizado. Quando me respondeu sorriu e disse que não podia, pois ao fim-de-semana recebe a sua filha que está a estudar fora e tem muitas tarefas domésticas a realizar para garantir o bem-estar da filha durante a semana inteira. Fez uma clara expressão de orgulho e satisfação, pela filha estar no ensino superior e por ser a Ilda o grande suporte da sua filha, afirmando “Primeiro está a minha filhinha”.

Depois a colaboradora Dina abordou a Ilda para esclarecer uma questão sobre a medicação, e eu fiquei a ouvir.

A Dina solicitava informações sobre uma alteração na medicação (o Sr. Francisco está engripado e está a fazer medicação) e tentava explicar que o Sr. Francisco lhe dificulta a tarefa de supervisionar a medicação, pois é o próprio quem guarda a caixa de medicação e faz a toma autonomamente, mas desde que faz a medicação para a gripe que se confunde na toma.

A Ilda, que até então já tinha alterado a sua expressão, deu a seguinte indicação à Dina “Você quando ele chegar de manhã pede-lhe a caixa, e se ele não lha der diz que liga para mim. Antes era a filha que tinha medo do pai, agora .... é ao contrário”.

Percebi que a Dina ficou sem reação e intervim questionando a Ilda sobre a alteração à toma da medicação para a gripe. Explicou-me que os primeiros quatro dias eram 2 comprimidos ao dia (percebi que se referia a dia 29/09, 30/09, 01/10 e 02/10), depois

passará a 1 comprimido por dia, nos 4 dias seguintes (03/10, 04/10, 05/10 e 06/10) e que até do final da toma da caixa (12/10) a toma era de dia sim dia não (pensei que daí a confusão do Sr. Francisco, pois agora a toma é intercalada e certamente não sabe desta informação ou simplesmente se confundiu).

Depois de me explicar o procedimento da toma a Ilda estava mais calma e depois de eu lhe ter dito que realmente era uma toma confusa e de a ter elogiado pela excelente memória em relação à medicação do pai, a Ilda agradeceu e disse “Sou a única em 6 filhos que se preocupa”. Descansei-a ao dizer-lhe que trataríamos de supervisionar a toma da medicação da melhor forma possível. Informou-nos ainda que será a própria a acompanhar o pai a uma consulta médica a 21/10/2014, dispensando o nosso serviço de acompanhamento ao exterior, pois nas palavras da Ilda “Estou de férias, vou eu com ele, não faz sentido eu tar em casa e irem vocês... eu trato disto, como sempre, não se preocupem. Ele vem aqui de manhã, toma o pequeno-almoço e eu depois venho buscá-lo”.

**Reflexão:** A Ilda é muito impulsiva com o pai, este outrora educara-a com alguma violência, pois afirmou que tivera medo dele, mas quando percebeu que o pai aos 81 anos não tinha apoio de mais ninguém, assumiu os cuidados e é claramente uma cuidadora preocupada e presente.

### **Nota de campo 8**

**Data:** 13/10/2014

**Motivo:** Visita da Mafalda, filha do Sr. António e D. Lúcia

**Local:** Sala do CD

**Observadora:** Nilza Macedo

A D. Lúcia tem andado constipada (a gripe está a tocar a todos no grupo) e hoje quando o seu esposo, o Sr. António, chegou sozinho, questionei-o sobre a D. Lúcia. Disse-me que ela tinha preferido ficar em casa, pois estava muito engripada, com dores no corpo e sentia muito frio. Disse-me que a meio da manhã, a filha Mafalda passaria lá por casa para ver se a D. Lúcia estava melhor.

Passado algum tempo tive de contactar a Mafalda, pois a medicação do Sr. Manuel (sogro da Mafalda) estava em falta e aproveitei para desejar as melhoras da D. Lúcia.

Por volta das 12h a Mafalda chegou ao CD com a D. Lúcia, dizendo que a mãe estava melhor no CD do que em casa. A Mafalda até costuma ser de sorriso fácil, mas não estava com a sua habitual expressão. Apoiou a D. Lúcia a sentar-se, disse-nos que a D. Lúcia já estava melhor e, assim que as colaboradoras se aproximaram da D. Lúcia, saiu da sala.

Claro que a D. Lúcia passou o dia irritada, pois sentia-se mal e queira mesmo era ter ficado em casa. Quando a questionei se queria descansar na cama do CD respondeu-me que “a gripe cura-se na cama, na nossa cama”.

**Reflexão:** Não sei o que se passou, pois a Mafalda até está desempregada e costuma ser bastante atenciosa com os pais. No dia seguinte (14/10/2014) a D. Lúcia ficou mesmo de cama e o seu estado de saúde piorou. Contactei a Mafalda no sentido de lhe informar que a D. Lúcia faltara ao CD por estar doente, e a mesma disse-me estar com a mãe a prestar-lhe os devidos cuidados.

## Nota de campo 9

**Data:** 14/10/2014

**Motivo:** Visita da Ilda, filha do Sr. Francisco

**Local:** Gabinete Técnico do Pontão

**Observadora:** Nilza Macedo

A Ilda veio ao CD para questionar sobre o horário de saída dos idosos do CD. Expliquei-lhe toda a logística de funcionamento e esclareci que o caso do seu pai era diferente, pois não tem o serviço de transporte uma vez que mora em frente à instituição. Ora se o grupo sai todo junto na carrinha depois das 17h (toda a volta de transporte demora 1:30h), o Sr. Francisco fica aborrecido de estar no CD apenas com as colaboradoras e sai também. Expliquei-lhe também que neste momento temos 9 idosos, e 8 fazem o transporte na única volta da carrinha. A Ilda compreendeu, mas continuou a achar que o pai chegava cedo demais a casa.

E como a Ilda está de férias ficámos à conversa.

Questionou-me sobre a última conversa que havíamos tido sobre a toma de medicação do Sr. Francisco (DC 7), nas suas palavras “Então já fazem como eu mandei?”. Tranquilei-a ao dizer que tínhamos a situação controlada.

Voltou a dizer-me que se tivéssemos algum problema com o seu pai que lhe ligássemos de imediato, pois “antes era eu que tinha medo dos puxões de orelhas, mas agora é ele”. E antes mesmo de eu poder intervir, acrescentou que “agora já não, mas antes quando ele chegou a minha casa, que veio da casa da minha irmã, tínhamos tantas zangas mas tantas... eu fazia as coisinhas todas como deve ser e ele dizia que eu não fazia, ou pior ainda, eu dava-lhe o dinheiro que ele me pedia e ele dizia-me que só lhe dava 10€ por mês”.

Rapidamente entrou no campo pessoal da sua própria vida, dizendo que é muito nervosa, que sofre de depressão, culpando em parte o pai pelo seu estado psicológico.

“Ele é muito teimoso, quer por e dispor em tudo. Ele esquece-se que até aos 11 anos cascava nos filhos, mas agora diz que não que nunca nos bateu... devemos ser todos malucos. E depois tenho tantos irmãos e lá estão na vidinha deles sem se preocuparem com nada, é que nem são capazes de ligar a perguntar se o pai precisa de alguma coisa, já nem falo de mim, mas o pai deles possas...”.

Depois informou-me que vai marcar uma consulta de oftalmologia para o Sr. Francisco, pois deve ter esta consulta anualmente.

De seguida falou-me dos seus filhos, dos seus netos e no final agradeceu-me aqueles dedinhos de conversa e foi-se embora.

**Reflexão:** Todas as dinâmicas familiares têm um antecedente e um precedente. Existe uma história, ou várias histórias, sobre estas pessoas e sobre estas famílias. Há que conhecê-las para entender as dinâmicas familiares atuais!

## Nota de campo 10

**Data:** 24/10/2014; 31/10/2014

**Motivo:** *Atelier* Histórias de Vida – Relatos de Vida

**Local:** Sala do CD

**Observadora:** Nilza Macedo

Questionei os idosos se tinham interesse em iniciarmos um *atelier* de Histórias de Vida, onde em cada sessão o objetivo era partilharem as suas Histórias. Depois expliquei-lhes que se quisessem no final poderíamos fazer uma exposição sobre as suas estórias, com fotografias e outros objetos que desejassem ver expostos.

Gostaram da ideia.

Sugeri-lhes que trouxessem fotografias e objetos com história, e ficaram empolgados com a ideia de chegarem a casa e irem procurar os materiais que lhes sugeri trazerem para o *atelier*.

### 1ª Sessão

A D. Luísa trouxe várias fotos sobre diferentes momentos da sua vida e começou por nos mostrar a foto do seu casamento. Casou com 20 anos com o Sr. Bento na Igreja da Conceição. Quando casou estava grávida de 5 meses e descobriu que estava grávida pois num belo dia a sua mãe fazia atum com batatas cozidas para o almoço e quando lhe deu o cheiro da comida fugiu de casa com o mal-estar que sentia. A sua mãe apercebeu-se e apressou-se em preparar o casamento da D. Luísa.

Tivera a Ana M<sup>a</sup> e 19 meses depois o Elias. O marido era motorista de traineira na Armação da Abóbora e depois na Armação do Barril. O filho cresceu e tirou a carta para ir trabalhar com o pai e a sua filha trabalhava no escritório ao atendimento. No verão iam para a Armação e no inverno ficavam em Cabanas. Os sogros eram do Carapeto e tinha boas relações com a sogra. Contou-nos, aos risos, que o seu cunhado “era chanfrado, roubava figos, punha caca de animal lá dentro e depois dava às pessoas, e depois a minha sogra era ravesona (mazinha)”.

Curiosamente a D. Teresa identificou o cunhado da D. Luísa como o bandido que roubara a bicicleta do seu vizinho e riram-se muito com a troca de estórias.

Depois o rosto da D. Luísa entristeceu-se e contou-nos que o seu marido a traía e com 36 de casamento abandonara-a para ficar com uma amiga sua “olha que bela amiga que eu tinha”. Depois orgulhosamente disse-nos que se divorciou e ainda hoje tem orgulho disso, pois “ele tá lá com Deus e deixei-o estar, e ela também, ficaram os dois no céu e eu na terra viva da silva e feliz, mas ela pediu-me perdão, ele nunca”.

A D. Teresa (pessoa muito chegada à D. Luísa) contou-lhe a sua história, claramente com o objetivo de a distrair da tristeza que estava a sentir. A D. Teresa contou-lhe que enviuvou há mais de 50 anos, pois o marido estava a fazer a casa e caiu-lhe um pau na cabeça. Desde então nunca mais tivera outro homem, ou outro amor, que não fosse pelos filhos, pelos netos e pelos bisnetos.

## **2ª Sessão**

O Sr. Francisco trouxe fotos e objetos que guarda com muita estima e partilhou com o grupo várias estórias da sua vida. Primeiramente mostrou-nos um prémio de 1º classificado num torneio de dominó. Depois, orgulhosamente, mostrou-nos outros objetos que havia ganho, aquando a institucionalização noutra entidade.

Emocionou-se quando retirou do bolso um porta fotos onde tinha várias fotos (tipo passe). Começou por falar da foto da sua mulher, a mãe dos seus filhos, que falecera com 53 anos. O Sr. Francisco tem 6 filhos, a Mariana (59), a Maria (57), o Manuel (52), a Isa (45), a Ilda (43) e a Eva (37). Morou sempre na Luz de Tavira, e foi na igreja da freguesia que casou e batizou os 6 filhos.

Depois com alguma melancolia disse-nos que tinha 2 irmãos que já não vê há 3 ou 4 anos. Voltou a falar dos filhos e dos tempos difíceis para os criar, dizendo “os meus filhos criaram-se uns com os outros, eu trabalhava que nem um escravo e a minha mulher também era uma moura de trabalho...”; entretanto as senhoras do grupo, curiosas questionaram como se alimentavam as crianças, ao que o Sr. Francisco sorriu e respondeu “as minhas filhas mais velhas sabiam ler e a minha mulher deixava escritos os temperos, isto depois de já as ter ensinado a fazer a comida”.

Três anos depois de ficar viúvo conheceu a D. Maria, com quem esteve junto durante 23 anos. Separaram-se quando o Sr. Francisco teve um AVC. A recuperação de 2 meses foi feita na casa da filha Eva, mas segundo o Sr. Francisco a sua filha tinha mais interesse na sua reforma do que nele e assim que se recuperou entrou em contacto com a sua filha Ilda e é com ela com quem está a viver até hoje. A D. Maria, também já com alguns problemas

de saúde, não poderia apoiar o Sr. Francisco e foram os familiares, quer do Sr. Francisco quer da D. Maria, que decidiram a vida do casal, ou melhor, o fim da vida em casal do casal. Atualmente a D. Maria está integrada num lar.

### **Nota de campo 11**

**Data:** 31/10/2014

**Motivo:** Reunião Colaboradoras para feedback trabalho

**Local:** Gabinete Técnico do Pontão

**Observadora:** Nilza Macedo

De uma forma geral todos os idosos estão integrados no CD. A equipa identificou uma melhoria do estado de saúde do Sr. Miguel e ressaltaram a perfeita integração no que se refere às rotinas de higiene.

Conversámos sobre a festa (27/10/2014) e sobre o estado de espíritos dos idosos e a participação dos familiares. Claramente os mais felizes e satisfeitos com a festa eram aqueles cujos familiares estavam presentes. Foi salientado o facto da D. Alice ter tido ciúmes da comadre (D. Teresa) quando a neta de ambas dançava com a D. Teresa.

## Nota de campo 12

**Data:** 03/11/2014

**Motivo:** Feedback da aplicação dos testes de avaliação psicológica aos idosos

**Local:** Gabinete Técnico do Pontão

**Observadora:** Nilza Macedo

Aquando a aplicação dos testes de avaliação psicológica (Mini Mental State Examination; Índice de Katz; Índice de Lawton; Índice de qualidade de vida; Escala de depressão geriátrica) para elaboração dos planos de desenvolvimento individuais (PDI'S) de cada idoso, foi possível ter acesso a alguma informação acerca do universo familiar, e não só, dos mesmos.

O Sr. Francisco falou da filha com carinho e gratidão, pois é esta que lhe dá todo o suporte que necessita, apesar de por vezes terem as suas discussões, mas referiu que “só estou triste quando ela está”.

O Sr. António está muito abalado pela hospitalização da esposa e diz sentir-se triste e sozinho. As filhas visitam-no todos os fins-de-semana mas passa as noites sozinho em casa, pois a esposa fraturou uma perna e está hospitalizada.

Revelou um excelente cálculo, e recordou uma história da primária “A senhora professora perguntava a tabuada os resultados de contas que tínhamos de fazer de cabeça, e quem não soubesse ficava de pé em frente para o quadro. Quem acertasse na conta dava reguadas nos outros. Eu sabia sempre os resultados mas tinha que lhes dar com a régua nas nádegas, então dava-lhes devagarinho para não os magoar. Era tramado aquele tempo.... Mas eu nunca me esqueci da tabuada”.

O Sr. Miguel vive só, mas é muito autónomo na gestão da sua rotina diária. Desde muito novo que a mãe o deixou numa quinta aos cuidados dos patrões e sempre trabalhou muito para sobreviver, e nunca tivera suporte emocional. Aos risos contou-me que até trabalhou num circo, fazia de palhaço, e aí aprendeu que “mais vale rir da vida do que chorar”.

A D. Arminda apresenta uma ligeira depressão dada a perda de um filho e os problemas psicológicos de outro.

A D. Alice também apresentou um quadro de sintomatologia depressiva pois perdera a mobilidade e considera que os familiares se afastaram dela. Sente-se dependente dos outros e não gosta de se sentir assim. Vive preocupada com o marido que tem problemas de alcoolismo e passa o dia sozinho pelos cafés na serra, enquanto ela vem para o CD.

Por sua vez a D. Teresa (comadre da D. Alice), que também perdera a mobilidade não apresenta qualquer sintomatologia, pois sente-se bem com os seus familiares e apoiada por todos.

Existe claramente um ciúme da D. Alice para com a D. Teresa pois a neta de ambas (Silvana) é mais preocupada e afável para com a avó Teolinda, com quem sempre viveu.

A D. Luísa e a D. Catarina são pessoas felizes, dada a rede de suporte familiar e as poucas limitações físicas.

### **Nota de campo 13**

**Data:**07/11/2014

**Motivo:** Visita do filho do Sr. Miguel (Vasco)

**Local:** Jardim exterior

**Observadora:** Nilza Macedo

O Vasco entrou pelo portão de acesso a veículos e dirigiu-se ao Sr. Miguel, que estava a entrar na carrinha pois estava na hora de saída do CD e de regresso a casa.

O Vasco entregou algo ao Sr. Miguel que apenas lhe agradeceu e lhe disse “Até amanhã”.

O Vasco não falou com qualquer funcionário e depois de entregar o objeto ao seu pai retirou-se pelo mesmo caminho por onde entrou.

No dia seguinte, discretamente puxei a conversa da visita do Vasco ao Sr. Miguel que me disse que o filho veio trazer-lhe a chave do correio, onde havia dado ao filho para que regularmente verificasse a chegada de uma carta da segurança social que eu havia solicitado para efeitos de cálculo da mensalidade.

## **Nota de campo 14**

**Data:** 17/11/2014 e 18/11/2014

**Motivo:** Admissão D. Constança

**Local:** Gabinete técnico CD

**Observadora:** Nilza Macedo

### **Admissão**

A **D. Constança** tem 82 anos, é viúva, vive no Sítio dos Carriços (freguesia de Santa Maria), com um filho.

Primeiramente a sua neta Mónica e a sua nora Guilhermina vieram conhecer o Pontão e perceber como se procedia para a admissão da D. Constança na valência, explicando que a mesma passa o dia sozinha em casa e que o filho com quem vive tem problemas de alcoolismo. Estando o dia em casa a D. Constança não tem qualquer tipo de estimulação física nem cognitiva e passa o dia a ver TV.

Posteriormente trouxeram a D. Constança para conhecer o CD e rapidamente detetamos que tem graves problemas auditivos e de incontinência. A D. Constança mostrou logo interesse em frequentar o espaço, alegando como único entrave é o filho com quem vive. Aquando o 1º dia da D. Constança no CD, e depois de alguma conversa, contou-me que perdeu um filho do 1º casamento, e que o filho com quem mora é do 2º casamento.

Falou com tristeza do filho com quem mora, e emocionou-se ao falar do filho que perdera pois disse “era tão bom filho”.

Falou dos netos, que a visitam aos fins-de-semana, pois trabalham muito durante a semana.

### **Conversa com familiares para conhecer a realidade familiar e habitacional da D. Constança**

Inicialmente a conversa foi dedicada à integração da D. Constança em CD, pois quando passava o dia em casa sozinha esquecia-se da medicação e não dava a devida atenção aos cuidados de higiene. O neto e a nora mostraram-se muito satisfeitos pelas visíveis melhoras nos aspetos anteriormente referidos, apenas após 1 dia de admissão.

Depois a D. Constança passou pelo gabinete (pois dirigia-se ao refeitório para almoçar) e veio despedir-se dos familiares.

Ficamos todos à conversa e a D. Constança referiu que o filho com quem mora é “ruim”. Os familiares explicaram-se que o filho da D. Constança tem 50 anos, nunca casou e passa os dias nas tabernas e chega a casa ao final do dia alcoolizado e “maltrata” a D. Constança. Perguntei de que maus tratos estávamos a falar e foram mais precisos ao dizer-me que se tratava de violência psicológica, financeira e por vezes física (“é capaz de a empurrar para ela sair da frente”). Por outras palavras, este filho é contra a integração da D. Constança no CD, pois não só a mesma deixa de lhe dar tanto dinheiro, como está o dia todo fora de casa, deixando de estar disponível para cuidar do filho e da casa. Estamos a falar de uma senhora com 82 anos.....

Os familiares receiam que de manhã a D. Constança não esteja preparada na hora do transporte para o CD, pois poderá adormecer e o tal filho já avisou toda a família que não a acordará nem apoiará em nada do que tenha a ver com o CD.

Mais tarde voltei a conversar com a D. Constança.

Disse-me que já perdera um filho (marido da nora) e nas suas palavras “o meu único filho bom”, e que tinha que ter paciência com “o meu filho ruim que tenho lá em casa, ele bebe e vareia...”.

Falou-me mais um pouco sobre a família e nada mais referiu sobre o filho com quem vive, a não ser (ironicamente) que hoje a foi acordar para vir para o CD pois “ele disse que teve pena do motorista que está a fazer o seu trabalho e depois tinha que estar à minha espera”.

## **Nota de campo 15**

**Data:** 18/12/2014

**Motivo:** Participação dos familiares na festa de natal

**Local:** Refeitório

**Observadora:** Nilza Macedo

Realizámos uma festa de natal que a pedido dos idosos teve 3 momentos distintos:

1. Dramatização da peça “A Carochinha”, dedicada aos meninos da creche;
2. Apresentação formal do Rancho Folclórico do Centro de Dia do Pontão à comunidade;
3. Baile e lanche convívio.

A estrutura da festa foi decidida pelos idosos em meados de outubro, e confesso, que fiquei surpresa quando me pediram apoio na escolha da peça, pois desejavam dedicar a peça aos meninos da Creche. Confesso ainda que foi com muito orgulho que assisti a esta revelação de carinho pelos meninos da Creche, pois embora não tenhamos atividades intergeracionais planificadas, a intergeracionalidade é promovida no dia-a-dia institucional.

A festa decorreu da melhor forma possível, quase todos os familiares estavam presentes, desde o início ao fim.

Os contributos para o lanche foram tanto que todas as mesas do refeitório pareciam poucas para receber os doces, os salgados e as bebidas que os familiares trouxeram. Houve quem encomendasse bolos na pastelaria.

Durante a peça os familiares estavam deliciados com a participação dos seus idosos. Ouviam-se gargalhadas por todo o lado.

Durante a apresentação do Rancho, era visível o ar de surpresa que os familiares tinham por perceberem que os seus idosos ainda têm muitas faculdades.

No final, passei um vídeo supressa como forma de encerrar o ano e mostrar aos familiares o trabalho que tínhamos desenvolvido desde setembro até então com os idosos. A emoção dos familiares ao assistirem ao vídeo falou por eles.

No final todos dançaram, brindaram, lancharam, tiraram inúmeras fotos como forma de registar uma tarde especial passada em família na instituição.

Antes de se despedirem os familiares disponibilizaram-se para apoiar a equipa a arrumar e limpar a instituição depois da festa.

**Reflexão:** Quando envolvemos as pessoas e lhes mostramos que a sua participação é importante, as pessoas participam. Enquanto diretora técnica e investigadora não podia estar mais satisfeita com o resultado desta festa, pois traduz o objetivo da investigação – promover a relação Idosos-Família-Instituição.

## **Nota de campo 16**

**Data:** 05/01/2015

**Motivo:** Conversa com Sr. Francisco sobre o seu estado de saúde

**Local:** Sala convívio CD

**Observadora:** Nilza Macedo

O Sr. Francisco é sempre o primeiro a chegar, pois mora na rua no CD. Chegou, como sempre às 08:30h mas hoje vinha a chorar.

Sentei-me a conversar com o Sr. Francisco para saber o que se passava e eis que me contou que na passagem de ano tinha tido um desentendimento com os netos, filhos da Ilda, sua filha.

Segundo o Sr. Francisco os netos não o respeitam e não queriam que ele vivesse com a Ilda, pois dizem-lhe que dá trabalho a mais e que poderia perfeitamente viver com os seus outros 5 filhos e sugeriram que cada mês vivesse com um filho.

Depois referiu que os netos lhe trocaram a medicação, que lhe fizeram uma brincadeira de mau gosto. Questionei sobre que tipo de brincadeira de mau gosto estava a falar mas respondeu-me “não é nada, esqueça isto”.

Expliquei ao Sr. Francisco que a equipa do CD o apoiará seja qual for a situação por que esteja a passar, mas que tínhamos que saber ao certo o que se passava. Mas ele nada....

Apenas referiu que nunca havia sentido tamanha tristeza, mas que a filha Ilda agarrou-se a ele a chorar e lhe disse que ele iria continuar a viver consigo, que não ligasse aos que os netos diziam e que lhe tinham feito uma brincadeira de mau gosto que não iriam repetir.

Mais tarde apercebi-me que contava a alguns elementos do grupo a mesma história que me havia contado, mas com vários pormenores diferentes.

Liguei à filha Ilda, com o pretexto de solicitar documentação para a atualização da mensalidade (procedimento comum em janeiro) e agendei uma reunião para 09/01/2015, 6ª feira, dia de folga da Ilda.

## **Nota de campo 17**

**Data:** 09/01/2015

**Motivo:** Entrega de documentação para atualização da mensalidade

**Local:** Gabinete técnico CD

**Observadora:** Nilza Macedo

### **Ilda e filha (filha e neta Sr. Francisco)**

Por volta das 09:30h estavam todos os idosos a tomar o pequeno-almoço quando a Ilda chega ao CD acompanhada da sua filha.

A Ilda dirigiu-se a mim, pois viu-me no refeitório, e referiu que vinha entregar os documentos que eu havia solicitado via telefone. Percebi que a Ilda estava com má cara, isto porque, nem sequer dirigiu palavra ao Sr. Francisco, nem ela nem a sua filha que esteve sempre de cabeça baixa.

Encaminhei-as para o gabinete técnico e sentámo-nos. A Ilda deu-me a documentação e falamos sobre a nova circular que alterou a forma de cálculo das mensalidades e outros assuntos gerais.

Depois perguntei-lhe se estava bem, pois noutras reuniões a Ilda explicou-me que está a fazer tratamento para a depressão. Foi o suficiente a minha pergunta, pois rapidamente começou a chorar e a olhar para a filha, que mantinha a cabeça baixa.

A Ilda contou-me que na passagem de ano os filhos discutiram com ela por cuidar do seu pai, o Sr. Francisco, pois não concordam que tenha tanto a seu cargo.

A filha continuava de cabeça baixa a olhar para o chão.

Continuou a chorar e disse que não sabia o que fazer, que os filhos não a compreendiam e que estava cada vez pior da depressão. De facto confirmou a história que os filhos sugeriram que o Sr. Francisco vivesse cada mês com um filho ou então que fosse para um lar. A Ilda disse que não acha nenhuma das hipóteses corretas, mas que está profundamente desolada com a situação. Tentei perceber mais e saber da tal brincadeira de mau gosto mas sem a mencionar diretamente, mas nada.

A frieza com que a filha da Ilda ouvia tudo aquilo e nem se movia era no mínimo surpreendente. A jovem deve ter 18 ou 19 anos e até vive numa residência universitária, pelo que foi difícil para mim perceber até que ponto o avô seria assim tamanho peso para ela.

Perante o desespero da Ilda disse-lhe que enquanto CD não podemos alargar o horário de resposta de damos ao Sr. Francisco e que a resposta de Lar não me parece a mais adequada para o Sr. Francisco, pois é bastante autónomo na maioria das AVD'S e AIVD'S.

A Ilda referiu que sabe que está a fazer o correto, mas que é difícil. Eu concordei com a Ilda e, erradamente ou não, referi “está a fazer pelo seu pai o que acredita que os seus filhos farão por si mais tarde, está a cuidar dele como pessoa da família que é”.

Digo erradamente pois a filha dela estava ali a ouvir o meu comentário e não me cabe a mim fazer juízos de valor seja do que for mas, por outro lado, cabe-me a mim garantir a qualidade de vida e o bem-estar do Sr. Francisco enquanto está no CD.

Provavelmente, muito provavelmente, pus os pés pelas mãos mas o facto é que a Ilda olhou para a filha depois do meu comentário e respondeu-me “sim, espero isso dos meus filhos, eu penso estar a fazer o certo para o meu pai, ele também já cuidou de mim, e não é assim um peso tão grande até porque tá aqui, mas tudo junto é demais para mim”.

Voltei a referir à Ilda que enquanto CD faremos tudo o que pudermos para a apoiar sempre que necessite de nós.

Limpou a cara, levantou-se e disse “bom, obrigada por tudo, nós vamos andando, se precisar de mais alguma coisa ligue-me porque o meu pai vai continuar a morar comigo”.

**NOTA:** Desde este dia que tenho conversado com o Sr. Francisco e nunca mais referiu nenhum episódio familiar. De um modo geral anda bem-humorado, participa, como sempre nas atividades, dança, ri, brinca, pelo que não existem suspeitas de nada que esteja a interferir com o seu bem-estar.

### **Nota de campo 18**

**Data:** 09/01/2015

**Motivo:** Atividade – Atelier Histórias de Vida “Tavira Antiga”

**Local:** Sala convívio CD

**Observadora:** Nilza Macedo

Durante o almoço apercebi-me que os idosos falavam sobre as diferenças entre a comida nos tempos em que eram jovens e a comida de agora. Conversavam sobre o preço da comida, a sua confeção, entre outros aspetos.

A atividade programada para as 14:00h era o Atelier das Histórias de Vida, que nunca tem tema, ou seja, não é estruturado, conversamos sempre sobre assuntos que digam respeito aos idosos e às suas histórias.

Desta vez aproveitei o tema que discutiam e introduzi o tema “Tavira Antiga”, pois confessei-lhes que havia escutado o que conversavam durante o almoço e assim iniciámos a sessão.

O entusiasmo era geral, pois obviamente todos tinham estórias para partilhar, mas apressaram-se a referir que “era diferente, porque uns somos do campo e outros não e havia muita diferença entre as pessoas do campo e as da cidade”.

#### **Segundo a gente do campo...**

Sr. Simão: “Vinha a Tavira andando a pé, ou de mula, ou de carroça. Vinha à cidade comprar maçãs, 1 quilo custava 2 ou 3 escudos. Vinha às feiras sempre que haviam, nas feiras comprávamos sempre bolos. Ia sempre à Semana Santa à igreja de St.<sup>a</sup> Maria e levava a minha família, e os meus vizinhos também iam e levavam as famílias, mas gostei sempre mais de Igreja do Carmo. Tavira tem muitas igrejas”.

D. Alda: “Eu vinha sempre à cidade com cinco ou seis pessoas, vínhamos todos juntos, mas só de 8 em 8 dias. Vínhamos comprar roupa e cortar o cabelo. Vinha sempre à missa na Conceição, mas agora já não sei os caminhos, tá tudo muito mudado e perco-me”. (A D. Alda tem Alzheimer).

D. Lúcia: “Eu ia a Tavira com as minhas filhas comprar o que tínhamos falta, mas íamos a pé, neste tempo é que já não se anda a pé. Antes ir à cidade era uma escapatória da vida que tínhamos do campo”.

Sr. António: “Tenho ido centenas de vezes a Tavira, conheço todo o concelho de Tavira e os arredores. Trabalhei numa fábrica de pirolitos em Tavira e fazia a distribuição, durante 8 anos fiz isto e ia a Cachopo, a Martim Longo, aos Eirões, a Vaqueiros, a Alcoutim, a Monte Gordo, a Cacela, a Castro Marim... eu corria essas terras todas. Tá tudo diferente, mas não tem havido muitas melhoras”.

D. Arminda e D. Catarina (amigas e vizinhas durante toda a vida): “Vínhamos do monte a pé de tacão, íamos aos mercados, às feiras...”.

D. Alice: “Quando era nova vinha a Tavira de burra ou então a pé. A praça antes tava melhor localizada”.

Sr. Miguel: “As pessoas idosas agora não vão a pé à praça, a pé fica muito longe. Eu quando tinha 17 anos alugava uma bicicleta a pedal para passear”.

D. Constança: “Eu vinha com a minha avó Rita a pé à cidade, vínhamos comprar peixe, arroz, petróleo... vínhamos ao domingo porque naquele tempo tava tudo aberto ao domingo. Os homens arranjavam cargas de lenha e vendiam. Tavira agora tem muitos prédios. Uma vez abalei do monte noite adentro para vir a uma missa à cidade, havia sempre missas e ainda hoje porque há muitas igrejas”.

### **Segundo a gente da cidade....**

Sr. Francisco: “Tavira era mais limpinha e era mais bonita nos arredores que no centro. Agora tem muitos prédios bonitos de se ver e a praça nova está bem melhor que a antiga”.

D. Luísa: “Eu acho que antigamente é que era tudo mais bonito. A praça já não é onde era, antigamente era onde agora vamos beber café (praça velha). A praça nova é mais longe das pessoas e mais feia. Onde era a praça antigamente em frente era o João Luís e o Sebastião e agora é lojas de chineses de cara chata. A gente ia à praça e via chegar os burros carregadinhos de estevas e alecrim. Eu e a minha vizinha às vezes alugávamos bicicletas a pedal de senhora à do Nina e íamos a passear ao campo do Golden”.

## **Nota de campo 19**

**Data:** 12/01/2015; 13/01/2015

**Motivo:** Falecimento D. Teresa

**Local:** (Não se aplica)

**Observadora:** Nilza Macedo

Esta será, provavelmente, a nota de campo mais intensa de todo este trabalho (e assim o espero dado o triste relato que se avizinha).

Noutras experiências profissionais já perdi pessoas, pois trabalho com pessoas com uma idade avançada e, às vezes, muito avançada mesmo, pelo que faz parte da vida o término desta. Mas desta vez foi diferente.

### **12/01/2015**

A Salomé (filha da D. Teresa) ligou-me no dia 5 de janeiro (1º dia de trabalho de 2015) a comunicar que a D. Teresa estava adoentada com broncopneumonia, que durante a semana não viria para o CD e que 6ª feira voltaria a contactar-me para me informar se viria na próxima 2ª feira, dia 12. Na 6ª feira disse-me que tinha consulta com a Médica de Família da sua mãe, pois ainda não tinha tido grandes melhoras.

Na 2ª feira de manhã liguei à Salomé para saber do estado de saúde da D. Teresa e a Salomé disse-me que estava no Centro de Saúde e que já passava no Pontão para conversarmos, pois a sua mãe ainda não tinha melhorado.

A Salomé não apareceu conforme combinado. De tarde recebi a visita da neta Silvana que veio informar que a avó falecera perto da hora do almoço.

Claro que a Silvana estava desolada, pois havia perdido a avó que a ajudou a criar e com quem tinha um enorme laço afetivo e emocional.

A Silvana sabia, pelo seu olhar cravado em mim, que para mim também era uma perda. Enquanto diretora técnica não podia deixar de lamentar a perda de uma pessoa com quem trabalhei, a perda de alguém com quem desde setembro passei todos os meus dias, diariamente de manhã à tardinha.

Esta nota de campo é intensa por isto mesmo, pois foi aqui que tomei consciência que primeiramente reagimos aos acontecimentos como seres humanos que somos e só depois segundo o papel profissional que desempenhamos.

Foi um momento emotivo para mim, ter a Silvana na minha frente a chorar a perda da avó e a agradecer-me por ter feito parte dos últimos meses da vida da avó, pois “se ela morreu feliz a vós se deve isso. A minha avó nunca teve tanta alegria, desde que ficou numa cadeira de rodas. Ela adorava o CD e toda a equipa. Ela falava muito em si e nas colaboradoras. Isto era uma casa para ela. Não tenho palavras para lhe agradecer o facto de ter proporcionado à minha avó uns últimos meses tão felizes”.

Claro que ninguém reage a isto de forma indiferente, foi muito intenso para mim pois nunca havia passado por esta situação. Primeiramente reagi como ser humano que sou e posteriormente “vesti” a diretora técnica. Tratei de todos os procedimentos para a cessação do contrato de prestação de serviços do CD e questioneei sobre o funeral. A Silvana disse que me ligava assim que soubesse quando se iria realizar o funeral, pois tinha mais familiares no CD (casal Sr. Simão e D. Alice – avós paternos; D. Conceição – tia/avó) que certamente iriam querer comparecer e claro, qualquer um de nós colaboradores da instituição.

### **13/01/2015**

Quando cheguei ao Pontão de manhã os rostos de quem lá trabalha falavam por si, a tristeza era geral.

A freguesia é pequena e as pessoas conhecem-se bem uma às outras e pelos mais variados vínculos estão ligadas entre si. Soube que na noite anterior a Direção fez-se representar no velório, assim como alguns voluntários do CD. Durante o dia os funcionários utilizavam os 15 minutos de pausa para ir dar os pêsames à família.

Tudo isto foi estranho para mim, noutras instituições isto não acontece. O procedimento comum é a cessação imediata do processo, encomendar flores em nome da entidade e solicitar a um colaborador que se faça representar em nome da entidade. Nada mais. Mas aqui tudo foi diferente.

A Silvana ligou-me a informar que o funeral seria realizado às 14:30h e disse que queria pedir-me um conselho. Disse-me que tal como ela, eu sabia a alegria de viver da D. Teresa e o quanto ela gostava de ouvir música tocada num acordeão, uma das célebres frases da D. Teresa era “Só não danço com as pernas, porque de resto toda eu bailo”. Então a Silvana perguntou-me o que eu achava da família solicitar um acordeonista para tocar uma música no funeral da D. Teresa como forma simbólica de despedida. Explicou-me que se por um lado receava o descontentamento de algumas pessoas por este ato, por

outro soava-lhe bem a ideia da família homenagear assim a sua avó. Respondi-lhe “Silvana enquanto diretora técnica e pessoa que sou a única coisa que lhe poderei sempre dizer é para fazerem o que acham que devem fazer, o que vos vai no coração” e desejei-lhe força e coragem para tomar uma decisão.

Neste momento percebi a influência que o CD tinha para esta família, e percebi que teria de ser eu a ir entregar as flores e a acompanhar o funeral.

Conversei com os idosos e alguns fizeram questão de ir comigo ao funeral, outros (por ordem médica) não podem estar sujeitos a grandes emoções e ficaram no CD.

Voltei a perceber a dimensão que o CD teve na vida desta família quando lá cheguei.

A foto que haviam colocado nos comunicados de aviso de falecimento e que estava colocada na coroa era uma foto tirada no CD.

Quando cheguei com os idosos a família abraçou-nos e chorou, uma vez mais era importante estarmos ali e fizeram questão de nos dizer isso. Fizeram questão de, num discurso de despedida antes do acordeão tocar, referir que o CD do Pontão foi um regresso à felicidade para a D. Teresa e um suporte para toda a família. Fizeram questão ainda de dizer que continuarão ligados a nós, por admirarem a forma como trabalhamos.

Que dia, que nota de campo...

**Reflexão:** Durante estes dois dias percebi várias coisas que me inquietaram, uma delas o facto das pessoas (a neta principalmente) se dirigir e referir sempre a mim. A outra a forma como tudo isto aconteceu, com tamanho vínculo entre o CD e a família.

As pessoas referem-se a mim por dois motivos: primeiro porque como diretora técnica represento o CD e segunda porque trabalho de uma forma flexível e perto das pessoas.

O Pontão fez a diferença na vida desta família que sempre nos procurou, sempre solicitou o nosso apoio, inclusive para as decisões mais temidas a tomar; sempre contou connosco, com a nossa presença e com o nosso suporte. Enquanto membro da instituição estamos certamente a trabalhar de perto com as famílias. Enquanto observadora, este trabalho resulta numa interação a relação família-idoso-Centro de Dia, pois caso contrário tamanho vínculo, como o anteriormente relatado, não existia.

## **Nota de campo 20**

**Data:** 16/01/2015

**Motivo:** Admissão D. Lisa

**Local:** Gabinete Técnico CD

**Observadora:** Nilza Macedo

A D. Lisa tem 77 anos, é viúva e vive nas Cabanas com o seu filho Fábio.

Inicialmente os seus dois filhos (Fábio e Rui) visitaram o CD e tentaram perceber se seria uma possibilidade para a D. Lisa que sofre de Alzheimer (devidamente diagnosticado). Uma vez que o Fábio trabalha a D. Lisa passa o dia sozinha, e por mais do que uma vez colocou a sua segurança em causa.

Depois foi a vez da D. Lisa conhecer o CD. Estava acompanhada pelo filho Fábio e pela neta Rosa. O carinho entre todos era notável e a preocupação com o facto da D. Lisa passar o dia sozinha também.

Apesar da demência a D. Lisa está fisicamente sã, é uma pessoa muito ativa e comunicativa.

Durante a entrevista para admissão a D. Lisa referiu que tem dois filhos, 3 netos e uma nora. Por várias vezes referiu também ser muito chegada aos filhos e aos netos.

## **Nota de campo 21**

**Data:** 22/01/2015

**Motivo:** Visitar o Centro de Dia e fazer um donativo à instituição.

**Local:** (Não se aplica)

**Observadora:** Nilza Macedo

A Silvana, neta da D. Teresa, da D. Alice e do Sr. Simão, veio até ao Centro de Dia durante a tarde, estavam os idosos a lanchar.

Cumprimentou os seus familiares e todos de um modo geral, mas em especial a D. Luísa pois era muito chegada à sua avó que recentemente falecera.

Trocaram algumas lágrimas juntos, pois lembravam a alegria da D. Teresa.

Depois a Silvana dirigiu-se à área administrativa e disse que gostaria de fazer um donativo ao Pontão, pois era uma das maneiras que encontrara de reconhecer e demonstrar a gratidão e admiração pelo trabalho desenvolvido.

**Reflexão:** A Silvana continua claramente ligada ao Pontão. Por um lado por ter os seus avós paternos a frequentar o CD, por outro lado mantém uma relação emocional pois estar perto de nós é estar perto da ligação que tinha com a avó materna. A Silvana sempre foi uma neta muito presente, e os últimos momentos (mais felizes e animados) que teve com a avó foram no contexto CD.

## Nota de campo 22

**Data:** 27/02/2015

**Motivo:** Admissão Sr. Jaime, Sr. João e D. Natacha

**Local:** Gabinete Técnico CD

**Observadora:** Nilza Macedo

O Sr. Jaime vive na zona do Valongo com a esposa. A nora solicitou informações sobre o funcionamento do CD, pois o Sr. Jaime desde que teve alta hospitalar que passa os dias sem qualquer estímulo físico, social e cognitivo. Vagueia pela quinta, mas está muito deprimido.

Quando o Sr. Jaime veio conhecer as instalações adorou, não só pela qualidade das infraestruturas mas acima de tudo porque encontrou amigos, vizinhos e conhecidos.

A Sr. Jaime tem uma família pequena (mulher, filho, nora, neto, bisneta), mas cujas dinâmicas são baseadas no amor e na proteção, com atividades diárias que possibilitam a interação entre todos.

O Sr. João e a D. Natacha são casados há quase 60 anos e vivem em Cabanas. A casa é dividida em 1º andar e r/c, sendo o 1º andar para o casal e o r/c para a filha Adelaide, o seu marido e as suas duas filhas.

O Sr. João cuidou da esposa a vida toda, pois sempre foi muito dedicado ao casamento. Por sua vez a D. Natacha sempre foi uma senhora ativa, a filha descreve-a como “dona e senhora do seu nariz, ela quer, ela pode, ela manda”. A saúde da D. Natacha é muito mais frágil que a saúde do Sr. João, aos 60 anos a D. Natacha começou a perder a mobilidade derivado à artrite reumatoide.

O casal quer integrar o CD pois estão todo o dia sozinhos em casa, têm dois filhos, mas ambos trabalham, os netos estão na escola, pelo que a única alternativa que a família analisou foi o CD do Pontão. O Sr. João já não consegue assumir as tarefas de cuidador, pois também ele começa a ter uma saúde frágil.

### Nota de campo 23

**Data:** 13/02/2015

**Motivo:** *Atelier* Histórias de Vida - Profissões

**Local:** Sala de convívio do CD

**Observadora:** Nilza Macedo

Ainda sobre a forma como se vivia antigamente e sobre as diferenças entre o modo de vida no campo, na cidade e nas vilas piscatórias....

D. Constança: “Eu sempre trabalhei no campo, levantava-me com o nascer do sol e lá ia eu... cavava batatas, semeava feijão, à tarde regava a horta e depois comia o que a horta dava. Também trabalhei na apanha da amêndoa e da alfarroba”.

D. Luísa: “Eu tava em casa... a minha mãe nunca me deixou trabalhar. Eu pedia-lhe para me deixar ir pá fábrica dos pimentos porque as moças iam todas e aquilo no caminho era um grande pagode. Depois a minha mãe lá me deixou ir, e eu gostava amontes de ir com elas todas a pé pelo caminho-de-ferro porque íamos cantando, dizendo anedotas, parvoíces já se sabe. Quando távamos na fábrica ficámos sentadas no chão a escolher os pimentos. Depois íamos para outra sala e escolhíamos os figos pa depois os homens encaixotarem. Ganhava 25 tostões, mas eu nem ia pelo dinheiro já se sabe que era pelo pagode. No caminho de volta encontrava sempre o descansado do Bento (ex-marido) na passagem de nível porque ela trabalhava nas automotoras e távamos sempre no bate boca um com o outro. A minha mãe não gostava que eu fosse, mas eu às vezes ia... não...e também ia à apanha da amêndoa no Zé da Quinta, a mulher dele amassava e chamavamos para comermos. Depois casei com o Bento e ele não queria que eu trabalhasse, ainda tivemos uma venda mas o negócio dele era o marisco, ah e também vendi gasolina para barcos. Pronto já se sabe que fazia a lida da casa e tratava dos meus filhos”.

Mas envolvida pela conversa, contou-nos um episódio cómico da sua vida....

“Um dia ia dar o comer à minha sogra, no Carapeto, e fui a pé porque perdi o autocarro, passou um senhor por mim a querer dar-me boleia... eu disse que não, mas depois fiquei com medo que ele viesse atrás de mim, olha virei o sentido do caminho e voltei pa trás, corri tanto... e depois (diz aos risos) com a aflição cai por uma ribanceira abaixo, que dava para a fazenda do Zé da Quinta, e estatelei-me toda, mas e depois os nervos davam-

me pa rir porque não sabia dos sapatos e tava toda amassada. Depois o Bento veio a buscar-me”.

D. Catarina: “Eu sou como a ti’ Constança, também trabalhei a vida toda no campo. Quando era gaiata guardava os animais, ia pa lavoura, semeava, ui tanta coisa que fazia. Mas durante uma semana também trabalhei na fábrica dos pimentos como a D. Luísa. Depois de casada tive um depósito de farinha e uma venda e trabalhava lá com o meu marido e sozinha. Mas também regava a horta, semeava, pronto fazia o trabalho do campo e da casa”. Ali a minha mana também foi como eu...

E como a vida das pessoas se cruza, pela semelhança de estórias, rapidamente se esqueceram que eu ali estava e, conforme o objetivo deste *atelier*, começaram a conversar na direção uns dos outros...

Diz a D. Alice (irmã da D. Catarina): “Eu também fiz a vida do campo e da lida da casa, o meu marido Simão não deixava que eu trabalhasse pa patrões, o patrão era ele (diz aos risos) ”.

Ao que o Sr. Simão respondeu: “Eu também fiz a vida do campo em moço, depois aprendi o ofício de pedreiro e fiz a 4ª classe, e trabalhei a vida toda como pedreiro. O prédio mais alto que fiz tinha 14 andares e foi em Quarteira”.

Por sua vez o Sr. Jacinto entrou na conversa pois o tema era-lhe familiar: “Eu à dos meus pais tratava do gado e depois ia com o meu pai abrir poços de empreitada, aquilo era um trabalho de muito sacrifício. Depois até me reformar trabalhei sempre a fazer estes biscates como pedreiro”.

O Sr. Francisco, que conhece o Sr. Jaime desses tempos, disse-lhe: “Ah pois tínhamos uma vida de sacrifício sim senhor, trabalhávamos dia e noite, eu fazia tudo, tudo o que fosse trabalho. Trabalhei no campo nas fazendas na apanha da amêndoa, da alfarroba, da azeitona e depois ainda era servente de pedreiro. Quando era a temporada da fruta e da alfarroba, eu varejava e os meus filhos apanhavam. Até gado eu criei e vendia no mercado, e durante 27 anos carreguei camiões de fruta e legumes, e do que houvesse pa carregar”.

O Sr. João, cansado da conversa da vida na terra, disse para o grupo: “Cá eu sou e sempre fui homem do mar. Nasci na Ilha da Culatra e desde moço pequeno que ia à ameijoa. Depois vim pa Santa Luzia trabalhar num barco de polvo. Fui pa Marrocos numa

embarcação durante muito tempo e voltei (para Cabanas) e tive o meu bote e ia sempre ao mar, até não poder mais”.

É verdade, diz a D. Luísa “os homens daqui (Cabanas) quase todos eram pescadores e iam ao mar, trabalham muito.... Mas ali o Sr. Miguel também não teve uma vida fácil.... O Sr. Miguel entra na conversa e concorda com a D. Luísa, depois encosta-se no sofá e começa a contar a sua história...

“Eu com 8 anos fui viver com uma patroa que não tinha filhos e queria apadrinhar-me para eu ir pa fazenda dela. A minha mãe não queria mas depois convenceu-se. Lá fui eu pa da patroa, e comecei logo a trabalhar com os animais, mas eu era pequenino e não sabia e os animais fugiam-me e eu chorava com os nervos dos ver fugirem-me. Depois à noite a patroa dava-me porrada porque ela via-me do monte. Eu tentei fugir duas vezes mas perdia sempre o caminho e voltava pa trás. Chegava sempre a uma pontezinha e não sabia o rumo pa voltar pós Carriços, e desmerecido vinha de volta pa da patroa”.

Dei por mim tão atenta à história do Sr. Miguel, que quase me escapava o comentário da D. Luísa: “Já viu o pobrezinho do ti’ Miguel... porra que vida também....”. Aproveitei para satisfazer a curiosidade dela, e a minha também, e perguntei ao Sr. Miguel se não tinha voltado a ver a sua mãe, ao que me respondeu “de vez em quando a minha mãe ia-me a ver”. E continuou a contar a sua história...

“Depois de 5 anos com a patroa fui pa outro patrão, com quem tive 2 anos, eu fazia muitos serviços e guardava os animais. Depois fui pa outro patrão que só tinha uma filha, e precisava de um moço pa ajudar nos afazeres na fazenda. Ele queria-me porque eu era bom nos serviços da fazenda. Ele e a mulher dele batizaram-me. Uma vez, devia eu ter 15 ou 16 anos, o meu padrinho deu-me a escolher a que dia eu queria ir à Feira de São Francisco, se no 1º ou no 2º dia, eu escolhi ir no 2º dia. Quando voltei da Feira era tarde e ele mandou-me embora.... Eu voltei pa Feira. Encontrei lá um colega e contei-lhe e ele disse que o Circo precisava de pessoal, pagavam 30 escudos, comida e cama, e eu fui com o Circo. Fazia muita coisa lá no Circo e era o palhaço (disse aos risos), mas só trabalhei duas noites, eu não gostei porque estraguei a minha roupinha toda, a que tinha vestido para ir bonito à feira”.

Descansou por momentos, e depois continuou, sem nunca ninguém o interromper, o grupo estava “preso” à história do Sr. Miguel.

“Depois fui 2 meses pa França à vindima, mas aquilo lá era muito trabalho difícil e eu pensei que pa trabalhar assim trabalhava na minha terra e vim pa Portugal. Trabalhei como pedreiro, eu era bom naquilo, depois fui pa Gibraltar como pedreiro 6 meses. Fui um artista porque depois fui trabalhar a fazer paredes de castelos, corri o algarve todo a trabalhar nos Castelos, de Tavira, de Silves, todinhos fui eu que trabalhei naquelas paredes. E prontos foi assim...”.

A história do Sr. Miguel tem um peso emocional muito forte que pareceu ter um efeito anestesiador sobre o grupo, pelo que, como sabia que o Sr. António (compadre do Sr. Miguel) também havia estado emigrado em França, aproveitei o momento para direcionar a conversa para ele... “Sim eu tive em França, mas antes disso trabalhei no campo quando era um moço novo. Depois tive 8 anos a fazer a obra do caminho-de-ferro, mas eles pagavam mal. Fui trabalhar com um patrão num camião a distribuir pirolitos. Eu gostava porque andava pela serra toda e pelas cidades. Depois é que fui pa França e tive lá 20 anos. Trabalhava numa fábrica de fazer extintores e outras peças. Quando voltei para Portugal voltei à vida do campo podei arvores e varejei muita alfarroba até poder”.

## Nota de campo 24

**Data:** 05/03/2015

**Motivo:** Reflexão sobre a aplicação de entrevista não estruturada - pré-teste

**Local:** Gabinete Técnico CD

**Observadora:** Nilza Macedo

A entrevista não correu conforme eu havia planeado/pensado. Foi muita curta e superficial. A entrevistada estava com o tempo limitado, pois teve um imprevisto familiar e informou-me minutos antes de começarmos. Sugeri que adiássemos o pré-teste mas a entrevistada insistiu em fazer a entrevista.

Como seria de esperar falou com alguma pressa, apesar de não ter descurado os aspetos importantes que eu pretendia perceber com a entrevista.

Sobre este aspeto importa perceber que as entrevistas têm de ser marcadas com os familiares nos seus dias de folga, para que não existam limitações de tempo que condicionem a fluidez da entrevista. Neste sentido, as entrevistas já agendadas foram por sugestão dos próprios familiares no que diz respeito à data, horário e local.

Como já passava do horário de funcionamento do CD, não tranquei a porta. Erro. Percebi que independentemente do horário em que a entrevista esteja a decorrer terei sempre que trancar a porta e colocar um aviso para ninguém interromper.

Quanto à minha postura como entrevistadora, apercebi-me rapidamente das falhas que estavam a surgir e cometi mais um erro... desisti da entrevista, ou seja, não tentei contornar os obstáculos que estavam a surgir, percebi que a entrevistada estava a fazer um esforço para partilhar a informação necessária sobre o tema, mas na realidade não estávamos a conversar...

No final quando desliguei o gravador percebi que também este estava a inquietar a entrevistada, pois pouco respondeu à pergunta final de perspetiva (o que mudaria na instituição).

Depois do gravador desligado e de dois dedos de conversa entre a Nilza e a Colaboradora (e não entre entrevistadora e entrevistada) aí sim a conversa fluíu e foi possível uma reflexão sobre a pergunta final.

Algumas horas depois de terminar a entrevista e de ter refletido sobre todos os aspetos anteriormente enunciados, percebi que eu mesma tenho dificuldades em trabalhar com o gravador, pois atrapalho-me no momento de o ligar (nunca sei bem quando o devo fazer) e respiro de alívio quando o desligo. Espero que esta minha fragilidade tenha acontecido por já não aplicar entrevistas a algum tempo e que as próximas (com os familiares) sejam realmente boas conversas.

## Nota de campo 25

**Data:** Durante o mês de março

**Motivo:** Reunir com familiares e convidá-los a participar no presente estudo

**Local:** Gabinete Técnico CD

**Observadora:** Nilza Macedo

Durante o mês de março reuni com todos os familiares com o objetivo de lhes fazer um breve enquadramento sobre a investigação que estou a desenvolver e para os convidar a participar no estudo (ver anexo - Planificação das entrevistas).

Informei os familiares sobre a importância de os ouvir, pois ao contrário de mim conhecem os “seus” idosos desde sempre e que o objetivo é eu perceber quem foi a D. Maria e como chegou ao Centro de Dia do Pontão.

Posteriormente, expliquei-lhes todo o processo da entrevista, nomeadamente: a questão do anonimato, a utilização de um gravador, o local e a data a definir pelos próprios familiares e a minha disponibilidade para me deslocar em qualquer horário. Referi ainda a importância de percecionarem a entrevista como uma, ou mais, conversas informais.

Para um total de 16 idosos, existem 12 familiares de referência, isto acontece pois existem 3 casais (6 idosos) cuja familiar de referência é a mesma pessoa por cada casal. Existe ainda uma situação atípica em que uma das familiares referenciadas para um casal de idosos é ainda a familiar de referência do seu sogro.

Dos 12 familiares apenas 3 familiares não participaram no estudo, sendo que uma familiar referiu não estar interessada em participar, os dois restantes foi por incompatibilidades de horários devido à atividade laboral que desenvolvem.

Num total foram realizadas 9 entrevistas não estruturadas sobre as histórias de 13 idosos.

O interesse dos 11 familiares em participar no estudo foi muito gratificante para mim, quer como investigadora quer como diretora técnica do Centro de Dia pois, por um lado, revela que têm interesse na vida dos idosos na medida em que tentam tornar o Centro de Dia num espaço melhor e, por outro lado, revela a motivação que têm em colaborar nas iniciativas propostas.

Assim sendo, a construção de relações informais entre a equipa do Centro de Dia e os familiares dos idosos foi uma mais-valia para o estudo, pois o envolvimento dos

familiares e a vontade que demonstraram em participar é também fruto da forma como percebem e se relacionam com o próprio Centro de Dia.

## **Nota de campo 26**

**Data:** 18/03/2015

**Motivo:** Almoço “Dia do Pai”

**Local:** Refeitório

**Observadora:** Nilza Macedo

Com o intuito de surpreender os idosos e comemorar o Dia do Pai, os familiares foram convidados a almoçar no Pontão com os seus pais no dia 19 de março, pelo preço simbólico de 4€ por uma refeição completa.

Dos 6 idosos do sexo masculino que frequentam o Centro de Dia todos têm filhos, no entanto houve 1 idoso cujos filhos não tiveram disponibilidade para participar no almoço comemorativo, todavia é o idoso que tem o maior número de filhos.

Os 5 “idosos pais” que foram surpreendidos pela presença dos filhos no almoço ficaram obviamente muito felizes e satisfeitos com a comemoração.

Alguns dos filhos ficaram connosco no período da tarde com o objetivo de participarem nas atividades e de passarem a tarde com os seus familiares. No final foi sugerido pelos familiares a continuidade deste tipo de iniciativas.

## Nota de campo 27

**Data:** 13/03/2015

**Motivo:** Reunião com Diretora Técnica para expor várias situações

**Local:** Gabinete Centro de Dia

**Observadora:** Nilza Macedo

A Ilda veio ao CD para expor o seu desagrado em relação ao procedimento efetuado em caso de urgência hospitalar, pois no seu entender deveria ser a instituição a acompanhar o seu pai ao hospital quando este adoecer e não a família.

Esta situação deve-se ao acontecimento no passado dia 9 de março em que o Sr. Francisco estava doente, com sintomas de desidratação (passou a noite e a manhã muito indisposto). Como não se trata de uma emergência, nestes casos o procedimento regulamentado é contactar a Linha da Saúde 24, e atuar em conformidade com as indicações desta entidade. Segundo as indicações o Sr. Francisco deveria ser levado a uma unidade hospitalar para ser corretamente diagnosticado e medicado, e a sua deslocação não seria de ambulância pois não se trata de uma emergência mas sim de uma urgência. A Ilda, pessoa de referência, foi contactada e informada de toda a ocorrência mas não se mostrou de acordo com o procedimento. Apesar de descontente conseguiu prestar o apoio ao pai, solicitando o apoio da irmã que estava mais perto da unidade hospitalar para o acompanhar à urgência. O Pontão fez o transporte, mas o acompanhamento (que se verificou ter sido das 11:30 até às 22h) teria de ser um familiar.

Neste dia, depois de demonstrar o seu desagrado e de lhe ter sido explicado todos os procedimentos relacionados com a área da saúde que constam no regulamento interno do Centro de Dia (que está na posse da Ilda), compreendeu a situação e ficou mais calma.

Durante esta conversa a Ilda desabafou sobre o facto de só poder contar com o apoio de uma irmã, e que apesar do seu pai ter 6 filhos todas as responsabilidades recaem sobre a Ilda. Foi notável alguma mágoa por assuntos do passado, em que a Ilda fez questão de dizer que o pai que tem hoje não foi o pai que tivera a vida toda e que nem sempre a harmonia é possível por angústias do passado. Conversámos sobre quem foi o Sr. Francisco, os seus hábitos, as suas rotinas, as suas perdas familiares, entre outros aspetos.

Passados 30 minutos, a Ilda voltou ao Centro de Dia. Consigo trazia um saco de fotografias e fez questão de me mostrar uma a uma, contando e relembando os momentos

retratados nas fotografias. Umas com o pai, outras com a mãe (que falecera), mas a maioria com o esposo e os filhos.

Estivemos à conversa durante quase 30 minutos, e a Ilda foi embora sorridente e satisfeita.

## **Nota de campo 28**

**Data:** 22/04/2015

**Motivo:** Reunião com a Direção e equipa técnica

**Local:** Sala de reuniões da instituição

**Observadora:** Nilza Macedo

Com o intuito de redirecionar algumas atividades do Plano de Animação Sociocultural do Centro de Dia, e de envolver as famílias nestas atividades, foi solicitada autorização à Direção para algumas iniciativas a desenvolver até finais de 2015, nomeadamente:

- ✓ Atividades mensais abertas à comunidade de carácter lúdico (exemplo: bailes, ações de informação, torneios de jogos, tardes de poesia, etc.);
- ✓ Almoço na instituição para familiares e sócios (em qualquer dia da semana, pelo valor simbólico de 4€ e marcados com 1 dia de antecedência);
- ✓ Almoço para familiares no Dia da Família com posterior baile (pelo valor simbólico de 4€);
- ✓ Passeios quinzenais de curta distância para os idosos do Centro de Dia.

A Direção aprovou todas as iniciativas mencionadas anteriormente com o objetivo de promover a instituição e de aproximar as famílias da instituição.

## **Nota de campo 29**

**Data:** 15/05/2015

**Motivo:** Almoço “Dia da Família”

**Local:** Refeitório

**Observadora:** Nilza Macedo

Com o intuito de celebrar a data comemorativa, todos os familiares dos idosos foram convidados a almoçar na instituição. A refeição servida engloba 1 sopa, o prato principal e uma sobremesa, pela simbólica quantia de 4€.

Apenas dois idosos não tiveram nenhum familiar no almoço, mas as mesas foram colocadas estrategicamente para ficarem sentados perto de amigos e vizinhos. Um dos idosos percebeu a falta dos seus familiares, mas desculpou-os pois estavam a trabalhar, e divertiu-se com o restante grupo. A outra senhora que também não tinha familiares, sofre de Alzheimer, e o quadro cognitivo reservado não lhe permitiu ter consciência do que se festejava nem da ausência dos seus familiares.

Todos os outros estavam radiantes e ficaram muito emocionados quando chegaram ao refeitório e viram que os seus familiares os aguardavam para almoçarem juntos.

O almoço correu muito bem e familiares e idosos conviveram a tarde toda. A maioria ficou para o bailarico depois do almoço. Alguns idosos regressaram a casa com os seus familiares e não com o transporte do Centro de Dia como é habitual.